

Marco Antonio Ribas Cavalieri

**O Surgimento do Institucionalismo Norte-
Americano: Um Ensaio Sobre o
Pensamento e o Tempo de Thorstein
Veblen**

Belo Horizonte, MG
UFMG/Cedeplar
2009

Marco Antonio Ribas Cavalieri

O Surgimento do Institucionalismo Norte-Americano: Um Ensaio Sobre o Pensamento e o Tempo de Thorstein Veblen

Tese apresentada ao curso de Doutorado em Economia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutor em Economia.

Orientador: Prof. João Antonio de Paula

Belo Horizonte, MG
Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional
Faculdade de Ciências Econômicas - UFMG
2009

Folha de Aprovação

A maior condição de possibilidade deste trabalho foi, sem dúvida, a decisão de um filho de colonos ítalo-brasileiros que saiu do seminário aos quinze anos, levando consigo apenas coragem e determinação, para tornar-se médico em Curitiba. Dedico esta Tese ao meu pai, Antonio Augusto Cavalieri.

AGRADECIMENTOS

Fecho esta última década de estudos em Economia com a convicção de que não poderia ter escolhido melhor lugar para fazer minha pós-graduação. O ambiente plural e as condições materiais do Cedeplar/UFMG, além da proximidade e receptividade de todos os professores, tornaram os anos que passei em Belo Horizonte os mais profícuos da minha vida acadêmica. Por isso agradeço a todas as pessoas que fazem parte desta instituição.

Em especial devo mencionar meu orientador, Professor João Antonio de Paula. Quando cheguei em Belo Horizonte, todos os colegas que haviam sido seus alunos me fizeram criar enormes expectativas em relação ao Professor João Antonio. Hoje, tenho certeza, ele preencheu plenamente todas elas. Sua erudição, dedicação e ética profissional serão sempre fonte de inspiração para futuros trabalhos. Mais do que seu orientando, acabei me tornando um admirador.

Agradeço à Professora Mônica Viegas Andrade, que se esforçou para conseguir minha progressão direta ao Doutorado, mesmo fora do prazo estipulado pela Pró-Reitoria da Universidade. Seu esforço neste sentido foi condição sem a qual a entrada no doutorado não teria se realizado.

A dedicação do Professor Hugo Cerqueira é inesquecível, pois justamente quando estava ocupado com a conclusão da sua Tese, se dispôs a ensinar para um único aluno as bases da Metodologia da Economia.

Outros Professores também foram fundamentais nas dicas, nos conselhos, nos incentivos, nos demais trâmites acadêmicos e, é claro, nas lições de Economia. Nesse sentido, agradeço imensamente aos Professores Marco Crocco, Frederico Gonzaga e Eduardo Albuquerque.

As discussões e a acolhida dos colegas de pós-graduação foram basilares para mitigar a solidão e fazer crescer a compreensão da pluralidade da ciência econômica. Agradeço Anne Resende, Emiliano Caruso, Nelson Carvalho Júnior, Rafael Ribas, Rangel Galinari, Mariângela Antigo, Marina da Gama, Taiana Fortunato, Leonardo Gomes de Deus, Vanessa Munhoz, Victor Delgado e Luciano Pova.

Especial menção devo fazer sobre Rafael Almeida da Matta, que não só me enriqueceu com seu grande conhecimento da teoria neoclássica, servindo de companheiro para dias inteiros de estudo do difícilíssimo Mas-Collel, como me ofereceu a companhia da sua família para que eu tivesse um ambiente familiar, mesmo tão distante da minha família.

Da mesma forma agradeço, especialmente, Anderson Cavalcante e Lucas Linhares, grandes parceiros para todas as horas, principalmente para aquelas dedicadas à “crítica da economia política”. São amigos cuja companhia e palavras nunca serão esquecidas.

Aos colegas do Tribunal de Justiça do Paraná, um grande obrigado! Principalmente para o Coordenador do Núcleo de Estatística e Gestão Estratégica, Assessor Jurídico José Otávio Padilha. Sem sua compreensão nas horas de necessária dedicação à Tese, ela não teria sido possível. Além disso, tenho o prazer de tê-lo como grande amigo e exemplo de ética no serviço público.

Agradeço também a outro grande amigo que fiz no Tribunal, o colega Daniel Pereira Barbosa, que traduziu alguns trechos de Veblen do alemão.

O gosto pela vida acadêmica vem da minha mãe, Jussara Maria Ribas Cavalieri, professora durante quatro incansáveis décadas no ensino da profissão mais nobre que conheço: a Enfermagem. Obrigado pelas lições e pela vida!

Além dela, seus dois amigos e colegas, os “tios” Airton Cezar Pereira e Undine Steudel Pereira, que são incentivos permanentes para uma vida inteira na carreira docente.

Não posso esquecer da acolhida da minha tia, Irmã Caetana Cavalieri, que me recebia todos os fins de semana em São Paulo, no Colégio Mary Ward, durante meus estudos para o teste da ANPEC. Assim, também preciso mencionar as Irmãs Regina, Terezinha e Candinha, que faziam das cansativas viagens semanais a São Paulo um grande prazer.

Agradeço a companhia e a compreensão dos sempre amigos da Confraria da Música: Marcelo, Luciano, Fernando, Loureiro, Fábio e Hermano.

Aos meus irmãos Márcia Cavalieri Ribeiro e Alexandre Ribeiro.

À minha avó, saudade que não me deixa e nem me deixará por um só dia sequer.

E, finalmente, à completude no amor, parceria apaixonada que deverá durar a vida toda. Te amo Edneia!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. UMA AMÉRICA PARA THORSTEIN VEBLEN	17
1.1. TRÊS NOMES PARA UM MESMO TEMPO	23
1.2. RICHARD HOFSTADTER E ROBERT WIEBE SOBRE A AMÉRICA VEBLENIANA.....	27
1.3. ELEMENTOS POR UMA HISTÓRIA INSTITUCIONAL DOS ESTADOS UNIDOS	45
1.3.1. Breve Histórico da Educação nos Estados Unidos	46
1.3.2. Desenvolvimento Científico e Tecnológico nos Estados Unidos	52
1.3.3. O Judiciário e a Regulação Econômica.....	60
1.3.4. O Protecionismo	69
1.3.5. As Instituições Políticas.....	74
2 AS DUAS TRINCHEIRAS DA VIDA INSTITUCIONAL E POLÍTICA NORTE-AMERICANA	79
2.1 ANTES DO TERREMOTO DA GUERRA CIVIL	81
2.1.1. Nasce a Dicotomia Política Norte-Americana: federalistas e jeffersonianos	82
2.1.2. Por Dentro das Idéias dos Primeiros Tempos da Nação: iluminismo e conservantismo	106
2.1.3. Algumas Variações do “American Way of Protest”: outros reformistas do antebellum.....	121
2.2. INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DAS IDÉIAS ECONÔMICAS NOS ESTADOS UNIDOS: 1865-1900	139
2.2.1 As Origens da Economia Política Norte-Americana	139
2.2.2 Os Apologistas não Originais: a metamorfose do pensamento europeu clássico em matizes otimistas	144

2.2.3. O Início da Originalidade Apologista: de Francis Amasa Walker aos novos apologistas	155
2.2.4. O Darwinismo Social “Gentil”	169
2.2.5. Matemática, Neoclassicismo e John Bates Clark	183
2.2.6. Os Economistas Reformistas e sua Heterogeneidade	194
2.2.7. O Utopismo do Postbellum, a Religião e Lester Ward	207
3 O ECONOMISTA NO SEU TEMPO E ALÉM	222
3.1. ELEMENTOS PARA UMA BIOGRAFIA DE THORSTEIN VEBLEN	224
3.1.1. Pequena Apresentação Bibliográfica	224
3.1.2. A Vida de Thorstein Veblen	229
3.2. OS TRÊS VEBLENS: VEBLEN _C , VEBLEN _T E VEBLEN _A	247
3.2.1. Um Espaço para a Economia Institucionalista: a crítica da ciência econômica em Veblen _C	250
3.2.1.1. As classes sociais hedonistas: a crítica de Veblen ao marxismo	253
3.2.1.2. Os fisiocratas, os clássicos e o ideal da ciência econômica evolucionária	264
3.2.1.3 Os economistas neoclássicos: o erro na concepção de natureza humana	276
3.2.1.4. O conceito de capital e o conhecimento coletivo	284
3.2.1.5. O historicismo alemão	290
3.2.1.6. A curiosidade desinteressada e a ciência moderna	297
3.2.2. O Método e o Protocolo de Pesquisa da Ciência Econômica Evolucionária de Veblen _T	302
3.2.2.1 Síntese dos princípios da economia evolucionária de Thorstein Veblen	306
I. Os instintos na economia de Thorstein Veblen	307
II. Hábitos e instituições	312
III. A seleção de instituições	318

IV. As principais propensões inatas dos seres humanos	325
V. A história da humanidade para Veblen	331
3.2.3. Veblenismos: a aplicação da economia pós-darwiniana de Veblen _a	350
3.2.3.1. Veblen em seu pessimismo: a Teoria da Classe Ociosa.....	361
3.2.3.2. A teoria vebleniana dos ciclos	377
3.2.3.3. O lugar dos negócios e dos proprietários absenteístas.....	395
3.2.3.4. Os engenheiros e os interesses dos negócios	411
4 THORSTEIN VEBLEN EM SEU TEMPO.....	415
4.1. A ABORDAGEM DO PROGRAMA FORTE ESCOCÊS DE SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA.....	415
4.2. A HISTÓRIA INSTITUCIONAL DE HOJE E A DE VEBLEN.....	421
4.3. O IMAGINÁRIO SOCIAL VEBLENIANO E SEU SISTEMA DE ECONOMIA POLÍTICA.....	429
CONCLUSÃO	448
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	450

*Os filósofos somente interpretaram
o mundo de várias formas; o que
interessa, entretanto, é modificá-lo.*

Karl Marx

RESUMO

Assim como acontece com outros grandes nomes da economia política, os escritos de Thorstein Veblen animam, há mais de cem anos, uma miríade de estudos econômicos. Nesse passo, o presente trabalho busca analisá-lo como intelectual dos Estados Unidos da *Gilded Age* e da Era Progressiva. Esta Tese, portanto, pretende retomar a temática dos primeiros estudos acerca de Thorstein Veblen e, assim, colocar sua obra no riquíssimo cenário dos anos em que seu país natal tornava-se o líder do capitalismo mundial. Em adição a isso, é feita uma leitura particular da economia vebleniana, na qual se lê o todo de sua obra como um sistema coerente e estruturado. Destarte, para estudá-lo contextualmente, a Tese utiliza a abordagem da Sociologia do Conhecimento Científico do chamado Programa Forte Escocês, fundado pelo trabalho pioneiro de David Bloor, *Knowledge and Social Imagery*. A idéia central é que a arquitetura da economia institucionalista de Veblen reflete estruturalmente as idéias reformistas de seu tempo acerca do caminho histórico do capitalismo norte-americano, bem como comporta idéias recorrentes, entre os anticonservadores daquele país, desde a era colonial.

Palavras-chave: História do Pensamento Econômico, Thorstein Veblen, Institucionalismo, Pensamento Econômico Norte-Americano.

ABSTRACT

Similarly to other great names of political economy, Thorstein Veblen's writings have been animating a myriad of economic studies for more than a century. Considering this, the work here presented tries to analyze him as a man from the Gilded Age and the Progressive Era. Therefore, this Thesis intends to recover a theme that the earlier studies concerning Thorstein Veblen had presented. That theme was to evaluate his work within the rich scenario when his native nation had come to be the world's capitalism leader. In addition, there is a particular reading of the veblenian economics, as an ordered and coherent system. Hence, for the contextual study, this work uses the approach of the Sociology of Scientific Knowledge of the Scottish Strong Programme, founded by the pioneer David Bloor's book, *Knowledge and Social Imagery*. The central idea is that Veblen's institutional economics architecture structurally reflects reformists' thoughts of his times about the American capitalism pathway. Meanwhile, it is remarked that his system embraces recurrent ideas sustained by north-American anticonservatives since the colonial times.

Keywords: History of Economic Thought, Thorstein Veblen, institutionalism, American Economic Thought

INTRODUÇÃO

Esta Tese inspirou-se num texto que inicia com os seguintes dizeres:

Quando Stendhal escreveu, em seu romance *Armance* – “Em 1760, era preciso graça, espírito e não muito humor, nem muita honra, como dizia o regente, para ganhar o favor do senhor e da senhora. É preciso economia, trabalho obstinado, firmeza e ausência de qualquer ilusão, para tirar partido da máquina a vapor. Essa é a diferença entre o século que acabou em 1789 e o que começou por volta de 1815” – ele surpreendeu, no essencial, o sentido profundo de duas épocas históricas – suas sensibilidades, suas mentalidades, suas formas de vida, enfim... (...)

Esta particular capacidade expressiva do romance moderno em revelar o essencial da sociedade que o cria não é sua exclusividade. Há outro campo – a economia política – que também é ricamente dotado daquele poder de explicitação de aspectos nucleares da realidade social. É que o romance moderno e a economia política, cada qual a sua maneira, são os símiles possíveis da grande aventura narrativa representada pela *epopéia*. Se a *epopéia* clássica é o inventário das peripécias do herói-emblemático em sua complexa interação com o mundo, o romance e a economia política são as *epopéias* possíveis das peripécias de heróis-problemáticos; o indivíduo moderno condenando à liberdade e à alienação; a mercadoria-capital a que se atribui vida e que nesta condição subordina a vida real (PAULA, CERQUEIRA, ALBUQUERQUE, 2001).

Thorstein Veblen, sem dúvida, deve necessariamente ser considerado como um daqueles autores que traduziu num sistema de economia política sua época e, mais ainda, o seu lugar, a sua nação. Ele, talvez, como um autor posterior ao nascimento da teoria econômica marginalista, pode ser considerado como o pai do último dos grandes sistemas compreensivos de economia política.

Porém, nesta Tese, o mais importante é que Thorstein Veblen conseguiu mostrar seu herói-problemático, conseguiu colocá-lo dentro de uma epopéia social e, além disso, ao construir seu sistema, inevitavelmente, marcou-o com aspectos essenciais de seu tempo e lugar. Os Estados Unidos em que o fundador do institucionalismo viveu é capítulo crucial da história econômica da humanidade e, mais fulcral ainda se for considerado como parte da saga capitalista.

Dentro deste raciocínio, duas idéias são basilares nesta Tese e, desta maneira, constituem sua razão de ser. A primeira é o descobrir, na obra de Thorstein Veblen, um sistema de economia política coerente e estruturado, algo que foi feito através da divisão de seus textos em três partes relacionadas entre si, porém, escritas com objetivos diferentes. Thorstein Veblen criticou a economia política anterior, construiu um sistema positivo, teórico, e aplicou-o a várias características da história e da sua contemporaneidade social. Estas três intenções do autor e o encaixe dos seus textos em cada uma delas, definitivamente, não podem ser confundidos com fases que se seguem em uma ordem absolutamente cronológica. Há um forte traço de seqüência, contudo, o centro da elaboração de sua teoria positiva, como considerado nesta Tese, é o livro de 1914, *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*, publicado quinze anos depois do celebradíssimo *A Teoria da Classe Ociosa*, de 1899.

A segunda idéia capital da Tese é mostrar que, se os Estados Unidos dos tempos nos quais Thorstein Veblen viveu é capítulo essencial da história econômica, o institucionalismo traz, em sua estrutura teórica e seus desenvolvimentos, marcas dos importantíssimos eventos sociais que lá tiveram lugar. A abordagem presente neste trabalho é tributária das idéias do chamado Programa Forte de Sociologia da Ciência, fundado, principalmente, pelo professor David Bloor durante a década de 1970, na Universidade de Edimburgo. No quarto capítulo serão resumidos os aspectos nucleares desta vertente dos estudos sobre a ciência, mas, desde já, é útil adiantar que o Programa Forte enfatiza uma relação causal entre o ambiente social no qual o cientista está inserido e a estrutura das teorias elaboradas por ele. Se este tipo de *approach* é válido para

as ciências naturais, como alguns estudos procuram demonstrar, no âmbito das ciências sociais isto parece ter ainda mais força.

Para cumprir os objetivos alinhavados, a Tese foi organizada em quatro capítulos. O Primeiro versa sobre a história dos tempos de Thorstein Veblen, seus rótulos, suas interpretações clássicas e, sobre a história institucional dos Estados Unidos que a literatura econômica contemporânea conta. Em seguida, mergulha-se na história das idéias políticas, filosóficas e econômico-sociais da intelectualidade norte-americana. Esta história está estruturada de modo que se possa mostrar a dicotomia conservadora/progressista – ou conservadora/reformista – que permeou toda a evolução da sociedade dos Estados Unidos desde sua fundação. Thorstein Veblen e suas idéias, obviamente, fazem parte do lado reformista da contenda. No terceiro capítulo analisa-se a economia política institucionalista de Veblen, e divide-se a sua obra em três partes, aquelas que foram comentadas há pouco. O capítulo derradeiro, por sua vez, aplica a abordagem do Programa Forte Escocês no resgate da história contada nos dois primeiros capítulos e, assim, procura discutir como o institucionalismo vebleniano pode ser entendido como parte da história intelectual norte-americana. E, mais do que apenas isso, como o ambiente social de protesto e reformismo, especialmente movido pelas classes médias, traduziu-se no sistema teórico de Thorstein Veblen.

O texto abaixo, portanto, é uma tentativa de fazer história do pensamento econômico, especialmente dando atenção ao economista em seu tempo, em seu lugar e, também, em sua nação. A intenção mais importante é inserir-se na discussão que procura mostrar a economia política como pertencente ao mundo real, como seus motivos e análises são instancias de debates políticos, carregam inultrapassavelmente visões que são interessadas, ao mesmo tempo em que são analíticas, transformando uma ciência que alguns querem imaculada de interferências ideológicas numa das suas mais fortes expressões.

1. UMA AMÉRICA PARA THORSTEIN VEBLEN

Eu morava em West Egg, o... bem, o menos elegante dos dois, embora este seja um rótulo sumamente superficial para exprimir o contraste bizarro - e que não deixava de ser, de certo modo, sinistro - existente entre ambos. Minha casa ficava bem na ponta do ovo, a somente cinqüenta jardas de distância do estreito, espremida entre duas enormes mansões, cujo aluguel, durante a estação, variava entre doze e quinze mil dólares. A da direita era colossal, comparada a qualquer construção do mesmo gênero: tratava-se, com efeito, de uma imitação de algum hotel de ville da Normandia, com uma torre ao lado esplendidamente nova sob o seu tênue revestimento de hera, uma piscina de mármore e mais de quarenta acres de relvados e jardins. Era a mansão de Gatsby. Ou melhor, como eu não conhecia o Sr. Gatsby, era uma mansão habitada por um cavalheiro desse nome. Quanto à minha casa, era uma monstruosidade, mas uma monstruosidade insignificante, e, assim, fora deixada no esquecimento, de modo que eu desfrutava de uma paisagem parcial proporcionada pelos relvados do meu vizinho e da consoladora proximidade de milionários - tudo isso por oitenta dólares mensais (FITZGERALD, 2007).

Poucos tempos foram mais profícuos para a literatura norte-americana – assim como para a vida material, ao menos para os afluentes - do que os fins do século XIX e o início do XX. Aliás, a produção de um texto com a qualidade narrativa de *O Grande Gatsby*, obra-prima de Francis Scott Fitzgerald, não se faz sem figuras que marcam indelevelmente os autores e os leitores. E, definitivamente, quem viveu como ele, entre os anos de 1896 e 1940, não poderia deixar de se impressionar com a tônica que marcou milhares de páginas, de

ficção e de outros gêneros, nos Estados Unidos do *postbellum*¹: a afluência e a desigualdade que surgiam como nunca antes vistas na sociedade norte-americana. A diferença entre o preço do aluguel da casa do pobretão Nick Carraway - narrador um tanto confuso do milionário Jay Gatsby – e o esplendor das mansões de aluguel de West Egg é uma extraordinária representação da disparidade entre a vida dos americanos de classe média e os novos ricos, que fizeram fortuna naqueles tempos de rumor e agitação. Nesse sentido, para um texto que fala sobre Thorstein Veblen, as festas do milionário anfitrião absenteísta do romance, que renderam no cinema o Oscar de melhor *figurino* para o filme cujo roteiro foi adaptado por Francis Ford Coppola, podem encaixar-se perfeitamente como as ilustrações de outra obra-prima daqueles idos: *A Teoria da Classe Ociosa*.

Essas imagens, criadas pela literatura, ajudam, mas, enquanto a ciência de historiar envolve olhar para o passado tão objetivamente quanto seja possível, a objetividade sempre estará comprometida por dois lados. Como nos alertou SCHUMPETER (1964, p. 63), não existem controles eficazes contra a força das visões de mundo, contra a introjeção de posição ideológica, política, por mais sutil que seja a forma pela qual o historiador ou o cientista da sociedade possa exprimi-las. Por outro lado, não há fuga possível também de certa dose de anacronismo, pois a história é a ciência de se falar de um contexto diferente da base temporal em que se escreve, e não poucas vezes, muito diferente.

Destarte, é óbvio que os Estados Unidos de Veblen ficaram para trás há algum tempo. Entretanto, também é importante para esse trabalho notar que o mundo de hoje não guarda uma distância inultrapassável com aqueles tempos, em que a atual maior potência mundial tomava esta posição entre os países desenvolvidos daquela época – os quais, aliás, em boa medida, são os mesmos de hoje. Nesse sentido, o historiador Geoffrey BARRACLOUGH (1964, p. 12, 23) nota uma transição que se operou entre o mundo moderno, “... com seus píncaros familiares: renascimento, iluminismo e revolução francesa”, e a cena

¹ *Antebellum* e *Postbellum* são duas expressões muito utilizadas na historiografia norte-americana para se fazer referência aos períodos anterior e posterior à guerra de secessão, respectivamente.

contemporânea, muito menos europeizada.² Escrevendo, então, no início dos anos 1960, esse autor destaca as diferenças muito mais difíceis de ultrapassar entre os tempos de Bismarck (1815-1898) e de Woodrow Wilson (1856-1924), do que entre os desse último e os de Kennedy (1917-1963).³ Nas palavras dele:

*A história contemporânea começa quando os problemas que são reais no mundo atual tomaram, pela primeira vez, uma forma visível; começa com as mudanças que nos habilitam, ou melhor, que nos compelem a dizer que entramos numa nova era – a espécie de mudanças, como já sugeri, que os historiadores salientam quando estabelecem uma linha divisória entre a Idade Média e a História “moderna” na passagem dos séculos XV e XVI. Tal como as raízes das mudanças que tiveram lugar na época do renascimento podem levar-nos até a Itália de Frederico II,⁴ assim as raízes do presente podem situar-se até no século XVIII; mas esse fato não elimina a possibilidade de distinguirmos duas eras, nem invalida a diferenciação entre elas. Por outra parte, indica que houve um longo período de transição, antes do *ethos* de um período ser substituído pelo *ethos* de outro... (BARRACLOUGH, 1964, p. 22).⁵*

Notadamente importante para essa tese é essa substituição de *ethos* que Geoffrey Barraclough nota operar entre períodos diferenciáveis da história. Uma das idéias centrais que será desenvolvida mais adiante diz respeito ao papel da

² Indubitavelmente o trabalho de Geoffrey BARRACLOUGH (1964) está eivado das influências de um cenário de guerra fria, porém, superada essa fase de conflito peculiar, é mister considerar que apesar disso, o mundo atual é muito menos europeu do que o dos tempos modernos. Certamente pode-se dizer isso tendo em mente o predomínio bélico e econômico norte-americano, bem como a posição importante ainda ocupada pela Rússia, somada a ascensão da China como um novo pólo das relações internacionais.

³ Tempos de Bismarck referem-se ao período da unificação alemã sob o reino da Prússia, do qual ele foi primeiro-ministro (1862-1871) e depois chanceler da Alemanha (1871-1890). Woodrow Wilson foi presidente dos Estados Unidos entre 1912 e 1916, seu primeiro mandato, tendo sido reeleito num sufrágio apertado em 1916, permanecendo no poder até 1920. John Fitzgerald Kennedy, célebre tanto pelo fato de ser o único católico a ter presidido seu país, como pela sua trágica morte, governou a maior potência mundial entre 1961 e novembro de 1963.

⁴ Imperador do Sacro Império Romano nos anos entre 1194 e 1250.

⁵ Grifos nossos.

economia institucionalista, da qual Veblen foi um dos fundadores, no embate de éticas entre o capitalismo redentor e sem rédeas dos modernos e, alguma forma de capitalismo mitigado. Thorstein Veblen reflete na economia esse processo de substituição ética contextual. Dessa maneira, se quer dizer que a partir do último quartel do século XIX formou-se uma maneira de pensar, não apenas com reflexos no pensamento econômico, mas em todas as áreas das idéias sociais, e que pode ser tida como característica do mundo pós-moderno e pós-revolução industrial britânica.

Como exemplo desse processo, fora da economia, é possível citar a transição entre o que os juristas costumam chamar de primeira e segunda geração de direitos e garantias fundamentais, cristalizada no direito de muitos países. Bem estabelecidos estão, nos sistemas normativos escritos ou consuetudinários, direitos e garantias jurídicas que ultrapassam a simples negativa do arbítrio estatal que miravam superar os tempos do “*le roi ne peut mal faire*”,⁶ e nessa linha, tendentes a exigir a ação positiva do Estado a favor do combate das desigualdades reconhecidas como derivadas da operação do sistema econômico capitalista. Celso de Mello (BRASIL, 1995, p. 39.206) explica os direitos de primeira geração, reconhecidos em movimentos como a revolução francesa, como aqueles concernentes às liberdades ditas clássicas, negativas – que exigem uma não-ação do Estado – e os de segunda geração, como aqueles que dizem respeito às liberdades positivas – que exigem a atuação estatal no sentido da garantia de uma igualdade, tanto formal, legal, como na diminuição das disparidades econômicas entre indivíduos ou grupos de indivíduos.

Essa idéia se torna mais clara, voltando para o pensamento econômico, ao se pensar o capitalismo mitigado do institucionalismo como uma alternativa ao não-capitalismo dos europeus socialistas. Se a alternativa de sistema econômico pensada naquele mundo ainda eurocêntrico era um rompimento total com o modo de produção capitalista, na América do Norte da passagem do século XIX para o

⁶ Expressão que diz muito sobre a concepção absolutista de governo, pode ser traduzida como “o rei não pode errar”, no sentido de que todo ato do titular do poder monárquico é legítimo por ter presunção de ser a ação mais correta. Outra expressão comum, com o mesmo significado é: “*quod principi placuit habet legis vigorem*”, ou seja, a vontade do príncipe tem força de lei.

XX, o capitalismo, como se deseja aqui reforçar, estava apenas “mitigado” no sistema vebleniano. No entanto, é preciso destacar que isso tem duas dimensões. Uma geográfica ou nacional, como se queira, e outra temporal, sendo as duas irrevogavelmente indissociáveis. O protocapitalismo comercial e concorrencial sobre o qual os *founding fathers* imaginaram sua idílica América do Norte, não foi o mesmo do *monopolies fathers* Andrew Carnegie (1835-1919) e John Rockefeller (1839-1937). Da mesma maneira a Europa monárquico-burguesa, o que esse continente continuava a ser durante o século XIX, era provocativamente diferente dos Estados Unidos inteiramente burgueses. A natureza especificamente americana do movimento intelectual e político do qual as idéias veblenianas foram contemporâneas, ficará mais clara nas interpretações de Richard Hofstadter e Robert Wiebe, esmiuçadas adiante.

O capitalismo monopolista que surgiu nos Estados Unidos *fin de siècle* o transformou na maior potência econômica, política e bélica do mundo. Algo se processara e fora de importância capital. A concentração de capital observada naquele período derrubou os anos de construção ideológica, ou científica, se alguns preferem assim, que mostrava o capitalismo concorrencial como capaz de superar as iniquidades produzidas em seu bojo. Isso simplesmente porque o capitalismo concorrencial não existia mais, sobretudo na América do Norte. Foi quase uma impossibilidade não se pensar uma alternativa americana nesse contexto, e as palavras de Richard HOFSTADTER (1955, p. 9) parecem deixar tal fato mais claro. Discutindo os movimentos de fins do século XIX, ele contrapõe um sentimento comum baseado num *ethos yankee*, e seu conflito com o pensamento europeu, dos imigrantes. Pensavam os americanos nativos que formaram os movimentos reformistas daquela época:

Que o governo deveria ser em grande parte um esforço para moralizar as vidas dos indivíduos, enquanto a vida econômica deveria ser intimamente relacionada ao estímulo e desenvolvimento do caráter individual. O outro sistema, fundado sobre as origens européias dos imigrantes, sobre sua não familiaridade com a ação política independente, sua familiaridade com a hierarquia e autoridade, e sobre as necessidades prementes que tão comumente surgem da migração, toma como garantido que a vida política

do indivíduo deveria nascer das necessidades familiares [coletivas], interpretadas as relações cívicas e políticas principalmente em termos de obrigações pessoais, e colocadas as lealdades pessoais acima das alianças a códigos abstratos de lei e moralidade.^{7/8}

Enfim, seja o mundo da Guerra fria, aquele sob o qual Geoffrey Barraclough construiu seu trabalho, seja aquele sob a égide da dominância bélica americana pós-queda do muro de Berlim, seja, ainda, o da *Gilded Age*, deseja-se enfatizar aqui que o mundo do qual Veblen extraiu seu pensamento econômico não foi tão diferente da atualidade quanto fora dos tempos da dupla revolução e do reacionarismo da Santa Aliança. A concentração do capital é um fenômeno ainda muito presente, talvez até mais do que no *fin de siècle*, o capitalismo reformista ganhou força sobre a alternativa socialista, e no país de Veblen, discutiam-se fenômenos ligados a um sistema que pretensamente tinha por base uma liberdade excessiva. Um bom exemplo disto, na atualidade, é o movimento crítico à venda indiscriminada de armas de fogo.⁹ Entretanto, se o perigo do anacronismo ganha força pelas semelhanças daqueles tempos com os atuais, existem características essencialmente diversas entre as duas épocas. Enquanto o mundo de hoje é parecido em muitos aspectos com o da época de Veblen, é inegável que aqueles foram tempos de fortíssimas transformações. Foi a época de Veblen que rompeu com o mundo idealizado de competição perfeita, foi ela que enxergou o fim da ilusão capitalista-concorrencial, foi naquele período que se

⁷ Thorstein VEBLEN ([1906] 1994a) deu indicações no mesmo sentido de Hofstadter quando comentou as diferenças nacionais que fizeram surgir os fisiocratas na França e os clássicos na Inglaterra.

⁸ That government should be in good part an effort to moralize the lives of individuals while economic life should be intimately related to the stimulation and development of the individual character. The other system, founded upon the European backgrounds of the immigrants, upon their unfamiliarity with independent political action, their familiarity with hierarchy and authority, and upon the urgent needs that so often grew out of their migration, took for granted that the political life of the individual would arise out of family needs, interpreted political and civic relations chiefly in terms of personal obligations, and placed strong personal loyalties above allegiance to abstract codes of law and morals.

⁹ Guardadas as devidas proporções, tal movimento pode ser comparado à luta contra a venda de bebidas alcoólicas dos séculos XIX e XX.

conformou um pensamento econômico alternativo ainda vigente nos círculos progressistas de economistas.

1.1. TRÊS NOMES PARA UM MESMO TEMPO

Thorstein Veblen era um homem do tempo pós-secessão. Nascido em 1857, viveu apenas sua infância durante o conflito mais sangrento da história dos Estados Unidos. A formação de seu pensamento teve, sem dúvida, as influências dos debates políticos, econômicos e sociais do *antebellum*. De fato, na história intelectual dos Estados Unidos houve mais metamorfose de ideários do que clivagens radicais. Mas, foram essencialmente os Estados Unidos que emergiram da reunificação, a qual consolidou a vitória de um sistema econômico sobre outro, enterrando definitivamente as pretensões escravocratas e primário-exportadoras dos homens liderados por Jefferson Davis (1808-1889),¹⁰ que constituíram o imaginário social sob o qual Veblen iria pensar. Ele foi um homem da *Gilded Age* e da Era Progressiva.

Gilded Age foi o título dado por Mark Twain¹¹ (1835-1910) para o final do século XIX, referindo-se em especial ao processo de enriquecimento sem precedentes da classe alta da América do Norte.¹² Os historiadores, de acordo com Rebecca EDWARDS (2006, p. 6), dividem, via de regra, a *Gilded Age* da Era

¹⁰ Davis era o líder político e presidente dos estados secessionistas durante a guerra civil.

¹¹ Samuel Langhorne Clemens é o nome verdadeiro do escritor que adotava Mark Twain como pseudônimo. Escreveu livros de tremendo sucesso, tal como a obra infanto-juvenil *As Aventuras de Huckleberry Finn*.

¹² A palavra *gilded* não tem tradução literal em português, todavia, de acordo com o DICTIONARY.COM (2007), significa “algo que enfeita desnecessariamente”. Aproximando-a em português: bibelô.

Progressiva pelo início da década de 1890. Aquela tem seu começo no imediato pós-guerra, incluindo, portanto, os conflitos políticos da reconstrução e da unificação do Estados Unidos. Abarca também os anos que ficaram marcados pela corrupção. Isso tanto no nível local, com os governos e a influência política dos estados nas mãos de republicanos motivados menos pela integração do país do que pelos seus interesses particulares; como no nível federal, no qual a Era Grant¹³ virou sinônimo de corrupção na historiografia clássica norte-americana. Todavia, a corrupção não pode, absolutamente, ser vista apenas como um fenômeno essencialmente localizado no Estado. Aliás, a *Gilded Age* ficou mais marcada pelas negociatas de famosos “homens de negócios”, tais como Daniel Drew (1797-1879) e Jim Fisk (1834-1872), Jay Gould (1836-1892) e o velho comodoro Cornelius Vanderbilt (1794-1877), do que com a gestão moralmente laxa do velho general Grant. Além disso, é marcante que a corrupção no âmbito do estado sempre esteja associada com a iniciativa privada. As relações do presidente Grant com os empresários, os senadores eleitos com dinheiro do capital monopolista e as brigas no mercado acionário são ícones daquele período.

Charles Morris, banqueiro e empresário americano, mesmo sendo um entusiasta atual do capitalismo norte-americano e biógrafo de figuras como Andrew Carnigie e John Rockefeller, faz questão de acentuar a lassidão dos padrões éticos que regiam os negócios da *Gilded Age*. Os desavisados britânicos, por exemplo, comportaram-se como tolos frente aos homens de negócio do novo mundo. Comentando o influxo de capital da Europa para os Estados Unidos, diz ele:

A prosperidade vitoriana apoiava-se no compromisso pétreo do primeiro-ministro William Ewart Gladstone com a moralidade vitoriana nos assuntos econômicos – disciplina fiscal, livre comércio, devoção firme ao ouro e baixas taxas de juros. O retorno dos títulos britânicos caiu constantemente de mais de 6% durante as guerras napoleônicas para 2% nos anos 1880.

¹³ Ulysses S. Grant (1822-1885), general formado na famosa academia militar de West Point, foi o comandante-em-chefe do exército unionista no conflito civil. Em 1867 foi eleito presidente, sendo reeleito em 1871.

Mas a prosperidade estável podia ser tediosa, sobretudo para filhos e filhas aventureiros da classe alta, que se sentiam pressionados pelos retornos modestos de seus “meios de subsistência”. *As classes endinheiradas gananciosas foram atraídas irresistivelmente para Wall Street nos anos 1870, e para um negociante jovem e inteligente como [Jay] Gould, eles pareciam carneiros enfileirados até o horizonte pedindo para ser tosquiados* (MORRIS, 2006, p. 71-72).¹⁴

As ferrovias eram o palco dos grandes acontecimentos do “capitalismo bandido” daquele período. Os negócios de administradores e investidores como Daniel Drew, por anos tesoureiro da ferrovia Erie, que ligava, ainda que de forma precária, os Grandes Lagos ao Oceano Atlântico, eram quase “tipos ideais” dos negócios escusos no mercado acionário. Suas estratégias, numa breve ilustração, incluíam emprestar dinheiro para companhias sob sua direção quando essas se encontravam em momentos difíceis, tal como acontecia de vez em quando com a ferrovia Erie. Esses empréstimos, feitos sob o nome de uma terceira pessoa, normalmente provocavam uma alta nas ações, uma vez que a companhia estaria captando um empréstimo que lhe permitiria sair das dificuldades. Em troca, Drew recebia, além de algum pagamento em espécie, um lote secreto de ações – pois a empresa era administrada por ele mesmo. Quando a alta acontecia, ele vendia ações emprestadas a descoberto e, no momento de cobrir as ações emprestadas, Drew jogava seu lote secreto no mercado para derrubar o preço das ações, pagar o empréstimo e ficar com o lucro da venda na alta. Tal tática foi praticada à exaustão por administradores inescrupulosos, e ficou conhecida como as *bear raids*. Charles MORRIS (2006, p. 73) aduz: “Mesmo pelos padrões éticos frouxos da época, isso era considerado tremendamente repreensível”.

Não obstante, os excessos da *Gilded Age* não ficaram sem resposta daqueles que não eram os “bandidos capitalistas” praticantes. Intelectuais e os símbolos dos Estados Unidos do *antebellum*, os que se julgavam os produtores

¹⁴ Grifo nosso.

rurais jeffersonianos, contando com a ajuda da classe média das grandes cidades e de um punhado de políticos inovadores, como o ícone populista William Jennings Bryan (1860-1925) e os líderes sindicais da estirpe de Samuel Gompers (1850-1924), não ficaram calados. Eles deram início a Era Progressiva. Rebecca EDWARDS (2006, p. 5-6) resume a ambivalência da situação norte-americana:

O primeiro período [da *Gilded Age*] é geralmente mostrado como de rápido crescimento econômico com o acompanhamento de corrupção, estagnação, e paralisia do governo, enquanto nas décadas mais tarde [depois de 1890] cidadãos mobilizaram-se pela reforma. (...) Os Estados Unidos combinaram tecnologia moderna com ódio racial, ávido consumismo com pobreza opressiva, cobiça com boa vontade, impulsos humanitários com projetos de império econômico.¹⁵

O nome progressivismo pode não ser o mais adequado, pois o combate aos excessos do novo *modus operandi* do capitalismo nos Estados Unidos baseava-se, segundo uma interpretação que será apresentada logo adiante, num pretense resgate dos valores dos Estados Unidos dos *founding fathers*. Se novos valores foram colocados em pauta, como o sufrágio feminino, que não por acaso foi primeiramente implantado no novíssimo e distante estado do Wyoming,¹⁶ eram também comuns os apelos à perda de valores dos Estados Unidos da revolução, na luta contra a monarquia colonial britânica. Escritores como Ralph Waldo Emerson (1803-1882) e Walt Whitman (1819-1892), ao mesmo tempo em que condenavam os novos avanços tecnológicos, alertavam para o surgimento de

¹⁵ The earlier period [Gilded Age] is generally portrayed as one of rapid economic growth with accompanying corruption, stagnation, and government paralysis, while in the latter decades [after 1890] citizens mobilized for reform. (...) United States combined modern technology with race hatred, eager consumerism with grinding poverty, greed with goodwill, humanitarian impulses with designs for economic empire.

¹⁶ O então território do Wyoming, em 1869, foi a primeira região americana a franquear o voto às mulheres. Mais tarde, ao transformar-se em estado, em 1890, o Wyoming tornou-se o primeiro ente federativo autônomo com o sufrágio feminino. Nessa mesma década o legislativo do Colorado (1893) e de Utah (1895) garantiram às mulheres esse direito. A evolução da democracia americana e o direito ao sufrágio serão discutidos em maior profundidade adiante.

uma classe social mais abastada, que poderia mimetizar, através do poderio econômico, a predominância dos nobres europeus sobre o homem comum. Nessa linha de raciocínio, uma das maiores sínteses do que viria a ser o movimento progressivista pode ser encontrada num ensaio de 1871 de Whitman. O nome não poderia ser mais sugestivo: *Democratic Vistas*. Dizia o famoso poeta: “Você também, meu amigo, supõe que democracia é só para as eleições, para a política, para o nome de um partido? Eu digo que democracia só é útil onde ela pode entrar e vir com suas flores e frutos (...) na religião, literatura, faculdades, e escolas – democracia em toda vida pública e privada.”¹⁷ (WHITMAN, 2007 [1871]).

Nesse período de reflexão sobre si mesma, as tensões na sociedade americana pareciam derivar mesmo da pujança econômica que aparentemente se revelava de modo mais enfático. Em termos puramente econômicos, os Estados Unidos se tornaram a referência dos apóstolos do capitalismo. Para entender os ânimos, ainda que não se possa resgatar toda a história norte-americana daqueles idos, é muito útil apresentar duas interpretações clássicas.

1.2. RICHARD HOFSTADTER E ROBERT WIEBE SOBRE A AMÉRICA VEBLENIANA

The Search for Order e *The Age of Reform*, publicados pela primeira vez respectivamente em 1967 e 1955, o primeiro pelo professor Robert WIEBE (1967) e, o segundo por Richard HOFSTADTER (1955), são marcos na historiografia norte-americana sobre a época em que Thorstein Veblen viveu. *The Age of*

¹⁷ Did you, too, O'friend, suppose democracy was only for elections, for politics, and for a party name? I say democracy is only of use there that it may pass on and come to its flower and fruits (...) in religion, literature, colleges, and schools – democracy in all public and private life

Reform pode até mesmo ser considerado o livro mais influente sobre o assunto, pois os mais variados estudos sobre a passagem do século XIX para o XX, nos Estados Unidos, acabam por concordar ou discordar de Hofstadter, especialmente em relação à sua interpretação do movimento progressista. Aliás, oferecer uma leitura alternativa à de Richard Hofstadter é exatamente o que Robert Wiebe faz em *The Search for Order*. De acordo com o não menos influente Eric FONER (2008):¹⁸

A teoria política também estimulou o que é possivelmente a primeira obra madura sobre a história da Era Progressiva: *The Search for Order* de Robert Wiebe. (...)

Em contraste direto com a interpretação da “ansiedade por status”, oferecida previamente por Richard Hofstadter em sua monumental obra de 1955, *The Age of Reform* (...), a qual argumenta que o progressivismo foi uma resposta reacionária das elites decadentes, que pretendiam reforçar sua relevância em meio a esta turbulência social, Robert Wiebe, ao contrário, pinta o progressivismo como a progênie intelectual de uma “nova classe média” em ascensão, percebendo novas oportunidades nesta ordem nacional emergente.¹⁹

O debate entre os dois importantes pesquisadores da Era Progressiva serve a essa Tese justamente por ter captado as singularidades das transformações do período. No terceiro capítulo, quando Veblen tornar-se-á o protagonista quase único, será possível perceber que seu trabalho ora pendeu

¹⁸ <http://www.kevinmurphy.com/rodgers.html> (acesso em 23 de jul. 2008). Retirado de: *The Search of Progress: Major Works in the Historiography of Progressivism*. Artigo escrito para: *The Literature of American History*, do professor Eric Foner, em 2002.

¹⁹ Political theory also animated what is arguably the first mature work of Progressive Era history, Robert Wiebe's 1967 book *The Search for Order*. (...)

In direct contrast to the "status anxiety" interpretation earlier offered by Richard Hofstadter in his enormously influential 1955 work, *The Age of Reform* (...), which argued that progressivism was a reactionary response of fading elites aiming to shore up their relevance amid this social turbulence, Robert Wiebe instead paints progressivism as the intellectual progeny of a rising "new middle class" sensing newfound opportunities in this emerging national order.

para o resgate do passado, que Hofstadter sugeriu como marca do tempo dos populistas e progressistas, ora tendeu a propor a reforma impessoal, burocrática, cidadina que é a espinha dorsal da leitura de Wiebe.

A primeira peculiaridade que Robert Wiebe estabelece como marca da Era Progressiva é a transformação urbana que ocorreu nos Estados Unidos. Uma característica basilar sob a qual o país foi fundado seria a “vida da pequena cidade”, que era a norma no final do século XVIII na América do Norte. Estas pequenas comunidades, segundo WIEBE (1967, p. 2), viviam sob o ritmo da agricultura; sob “o passar de um dia ensolarado, o trabalhar, o observar os meses de colheita, o ciclo das estações”,²⁰ tais eram os paradigmas temporais dos habitantes destas pequenas cidades. Além disso, estas comunidades podiam ser vistas como “ilhas” fracamente conectadas. É claro que havia a ligação com o mercado para o qual a produção agrícola, por exemplo a do meio-oeste, era escoada. Todavia isso não implicava ligações maiores que as puramente comerciais com as cidades mercantes, como Nova York. O imaginário, a vida sócio-cultural dos norte-americanos “médios” estava baseada na sociabilidade típica da pequena cidade relativamente isolada. A vida da pequena cidade estava mergulhada na pessoalidade, e na tradição de costumes arraigados. Diz WIEBE (1967, p. 2): “geralmente homogêneos, geralmente protestantes, eles desfrutavam de uma estabilidade interior que dificilmente seria abalada pelas indas e vindas de seus membros.”²¹ Então, a transformação que, talvez, seja a mais importante ocorrida em fins do século XIX, ao menos para a interpretação de Wiebe, foi a contínua perda de importância que os traços culturais das pequenas comunidades experimentaram naqueles tempos de urbanização. Nas palavras do historiador:

A grande vítima do tumulto no final do século na América foi a “comunidade insular”. Embora a maioria dos americanos ainda viesse a residir em centros relativamente pequenos e marcados por relações

²⁰ the pace of sun's day, the working and watching of the crop months, the cycle of the seasons.

²¹ usually homogeneous, usually Protestant, they enjoyed an inner stability that the coming and going of members seldom shook.

peçoais por mais várias décadas, a sociedade que tinha sido baseada na soberania efetiva da comunidade e em sua capacidade de conduzir negócios dentro de suas fronteiras não mais funcionava. A precipitação da crise se deu em função de uma falta de confiança generalizada nos poderes da comunidade. De modo não muito fácil de explicar, inúmeros cidadãos nas cidades e vilarejos ao longo do território perceberam que algo fundamental estava acontecendo em suas vidas, algo que eles não haviam desejado e não queriam, e eles responderam a isso atingindo qualquer inimigo que a sua visão de mundo permitisse enxergar. (WIEBE, 1967, p. 44).²²

Como o trecho acima demonstra, o autor de *The Search for Order* vê na “distensão” da sociedade fundada sobre a pequena comunidade a origem dos movimentos reformistas de final do século XIX. Dessa maneira, numa sociedade que estava cada vez mais migrando para uma vida centrada nas cidades, nas quais cresciam as indústrias, naqueles Estados Unidos que seriam a grande potência industrial do planeta, WIEBE (1967, p. 12) percebe um tema que seria um dos argumentos centrais de Veblen: o atraso institucional.

As instituições americanas ainda estavam orientadas em direção a uma vida comunitária onde família e igreja, educação e imprensa, profissões e governo, encontravam totalmente seu sentido na maneira como se completavam dentro de uma cidade ou uma porção destacada de uma cidade. *Na medida em que os homens miraram cada vez mais longe de suas comunidades, eles tentaram desesperadamente entender o mundo mais amplo de acordo com sua noção de ambiente pequeno e familiar.* Eles tentaram, em outras palavras, impor o conhecido sobre o

²² The great casualty of America's turmoil late in the century was the island community. Although a majority of Americans would still reside in relatively small, personal centers for several decades more, the society that had been premised upon the community's effective sovereignty, upon its capacity to manage affairs within its boundaries, no longer functioned. The precipitant of the crisis was a widespread loss of confidence in the powers of community. In a manner that eludes precise explanation, countless citizens in towns and cities across the land sensed that something fundamental was happening to their lives, something that they had not willed and did not want, and they responded by striking out at whatever enemies their view of the world allowed to see.

desconhecido, dominar um mundo impessoal através dos costumes de uma sociedade personalista.^{23/24}

A origem, portanto, dos movimentos reformistas decorreria desse enfrentamento de valores arcaicos, derivados e válidos numa sociedade de pequenas comunidades, onde todos se conheciam e mantinham um contato muito mais pessoal, com a nova vida moderna, impessoal, mecanizada, urbanizada, industrializada e nacionalizada. Nova York, Chicago, e as cidades que estavam crescendo vertiginosamente como Denver e Kansas City, representaram os *loci* desse embate. Isso porque novos habitantes, vindos do interior do país acabavam fluindo aos milhares para elas; procuravam emprego e habitação, mas algo mais, o sentido de pertencimento que eles tinham nas suas comunidades de origem. A cidade grande tinha novos valores. A nova regularidade era a industrial, não a do dia e da noite; as contingências não poderiam mais ser enfrentadas com base no voluntarismo. WIEBE (1967, p. 14) exemplifica isso notando que para apagar um incêndio num cortiço urbano, os indivíduos dependiam da prefeitura, e não mais dos seus vizinhos.

Veblen mesmo migrou de Cato, em Wisconsin, e da atual Nerstrand - antiga Wheeling - em Minnesota, cidades rurais e que poderiam muito bem ambientar Tom Sawyer e Huckleberry Finn, para Chicago, um daqueles grandes centros citados.²⁵ Nesse processo de superação da clivagem entre grandes e pequenos centros, em especial sobre seus valores e a coadunação destes com as novas realidades, foram identificados alguns inimigos por excelência do cidadão submetido à cidade grande. WIEBE (1967, p. 45) diz qual foi uma das instituições sobre a qual recaiu a desconfiança: “Entre os componentes da crise, nenhum deles encontrou expressão mais completa do que a crença de que as

²³ Grifo nosso.

²⁴ American institutions were still oriented toward a community life where family and church, education and press, professions and government, all largely found their meaning by the way they fit one with another inside a town or a detached portion of a city. *As men ranged farther and farther from their communities, they tried desperately to understand the larger world in terms of their small, familiar environment.* They tried, in other words, to impose the known upon the unknown, to master an impersonal world through the customs of a personal society.

²⁵ Tom Sawyer e Huckleberry Finn são dois personagens de Mark Twain ambientados em típicas cidadezinhas da “fronteira” americana.

grandes corporações estavam sufocando as oportunidades...”²⁶ Estas corporações, aliás, como não poderiam deixar de ser para um anticonservador da virada do século, foram um dos alvos preferidos do autor tema desta Tese. Mais do que o poder monopsônico das grandes corporações no mercado de trabalho, a concentração de capital chocava a mentalidade da pequena cidade com sua impessoalidade. Os proprietários eram absenteístas, estavam em algum grande centro não imediatamente localizável e, também em consequência disso, pouquíssimo influenciável. Simplesmente as questões comerciais, trabalhistas, e econômicas em geral, não podiam ser discutidas com os absenteístas. A grande corporação não dava acesso à negociação, não vetava o debate através do seu poder econômico propriamente dito, mas da sua impessoalidade. E o sistema político advindo das pequenas comunidades não apresentava solução plausível para enfrentar tal situação. Em WIEBE (1967, p. 13):

Quando uma cidade dependia de indústrias de proprietários absenteístas, o problema era muito mais grave. Líderes locais, os quais em outra ocasião teriam promovido melhoramentos públicos, protegiam aqueles grandes proprietários de estradas de ferro ou manufactureiros de máquinas dos impostos mais altos e da regulação mais cerrada, as quais estes temiam que se estabelecessem. Atrás de todos esses obstáculos estava um sistema arcaico de governo. Originalmente formulado para que um punhado de líderes municipais pudessem expressar o propósito das comunidades, este clube particular tinha agora se expandido num complicado concílio, espelhando uma cidade fragmentada e confusa. Serviços essenciais tornaram-se o brinquedo do lucro privado, e uma população trabalhadora pagava o preço do perigo, sujeira, e doença.²⁷

²⁶ Among the components of crisis, none found fuller expression than the belief that great corporations were stifling opportunity...

²⁷ When a city depended upon the industries with absentee owners, the problem was that much more acute. Local leaders who might otherwise have championed civic improvements protected that distant railroad king or machinery manufacturer from the higher taxes and closer regulation which they feared would drive away. Beyond all of these obstacles lay an archaic system of government. Originally designed so that a handful of city fathers could express the community's purpose, the intimate club had now grown into an unwieldy council, mirroring a fragmented and confused city. Essential services became the playthings of private profit, and a busy people paid the price of danger, dirt, and disease.

Este sentimento de apego à vida e aos valores rurais e de pequena comunidade, em *The Age of Reform*, de Hofstadter, também está presente, até de modo mais pronunciado. Richard HOFSTADTER (1955) chama esse valor de respeito às tradições das comunidades da época dos *founding fathers* de “mito agrário”. O autor vê esse traço cultural como “mito”, como valorização do rural, do comunitário, algo ainda muito esculpido no imaginário social norte-americano, mesmo em meados do século XX. HOFSTADTER (1955, p. 23) abre *The Age of Reform* com as seguintes palavras:

Os Estados Unidos nasceu no campo e se mudou para a cidade. Desde o início seus valores políticos e idéias foram necessariamente moldados pela vida no campo. (...)

As pessoas engajadas foram atraídas irresistivelmente ao aspecto auto-suficiente, não pecuniário e não comercial da vida rural americana. Para eles, isso representava o ideal. Escritores como Thomas Jefferson e Hector St. Jean de Crèvecoeur admiravam os pequenos fazendeiros não por sua capacidade de explorar as oportunidades e fazer dinheiro, mas por sua honesta industriiosidade, sua independência, seu espírito honesto de igualdade, sua habilidade de produzir e desfrutar de uma abundância simples.²⁸

Benjamin Franklin, mesmo tendo sido um homem urbano, na medida em que podia sê-lo em seu tempo, creditava à agricultura o título de única forma honesta pela qual uma nação podia enriquecer. Outro *founding father*, inimigo histórico do interesse agrário, Alexander Hamilton, viu a necessidade política de incluir em seu *Report on Manufactures* observações sobre a proeminência da

²⁸ The United States was born in the country and has moved to the city. From the beginning its political values and ideas were of necessity shaped by country life. (...)

For the articulate people were drawn irresistibly to the noncommercial, nonpecuniary, self-sufficient aspect of the American farm life. To them it was an ideal. Writers like Thomas Jefferson and Hector St. Jean de Crèvecoeur admired the yeoman farmer not for his capacity to exploit opportunities and make money but for his honest industry, his independence, his frank spirit of equality, his ability to produce and enjoy a simple abundance

agricultura como basal para todas as outras atividades, tal era a influência do mito agrário entre os informados de então. O apelo aos valores rurais era universalmente aceito entre as classes mais abastadas (HOFSTADTER, 1955, p. 27). Tal mito agrário não tem origens muito difíceis de desvendar, o poder dele derivava, principalmente, do fato da população americana, da primeira metade do século XIX, ser formada, predominantemente, por pequenos e médios fazendeiros alfabetizados e com direito ao voto. HOFSTADTER (1955, p. 30) afirma: "...o mito agrário foi tanto uma descrição da realidade quanto uma asserção de um ideal."²⁹ Entretanto, o que mais impressiona é o que o ideário do agrarismo aumentou sua predominância na medida em que se tornou menos real. A partir de 1840, a migração do campo em direção às cidades ficou cada vez mais intensa, contudo o "mito agrário" não perdeu sua força. Isso também não é difícil de explicar, pois na medida em que a sociedade tornava-se mais industrializada e impessoal, e também na medida em que se respondiam às reclamações contra as mazelas advindas das mudanças no ambiente sócio-econômico, o mito agrário passou a idealizar não só o passado glorioso, mas a emular um futuro para o qual se deveria mirar.

Nessa sociedade, onde tantos valores, instituições e ideologias se entrecrocavam, WIEBE (1967, p. 110) coloca a classe média como a grande capitaneadora das mudanças em direção à modernização social. A classe média, portanto, formava a base dos movimentos reformistas. Robert WIEBE (1967, p. 110) sugere que os estudos sociais daquela época, os quais faziam constantes referências às classes, tal como *A Teoria da Classe Ociosa*, tiveram aumento em sua audiência e influência, pois foram resultados da necessidade dos norte-americanos que não se encaixavam entre os afluentes, nem entre os trabalhadores, de encontrarem uma forma para substituir o agrupamento pessoalizado das pequenas comunidades. O sentido de pertencimento, assim sendo, foi instrumento de afirmação da identidade da classe média emergente. Esta classe média urbana formava um conjunto bastante heterogêneo relativamente aos níveis de rendimento, assim, e em consequência do se falou

²⁹ ...the agrarian myth was a depiction of reality as well as the assertion of an ideal.

acima, o que melhor lhe caracterizava era o associativismo profissional. A classe média não podia ser colocada ao lado dos trabalhadores braçais, operários, tampouco junto aos grandes capitalistas absenteístas. Um pouco dessa explicação está nas palavras de WIEBE (1967, p. 112):

Em parte, a nova classe média foi considerada uma classe apenas por cortesia da reflexão tardia dos historiadores. (...) Na verdade, a consciência de habilidades e funções exclusivas, uma percepção que veio moldar muito suas vidas, caracterizava todos os membros desta classe. Eles demonstravam isso ao se identificarem com orgulho como advogados ou professores; pela determinação de melhorar o conteúdo da medicina ou os procedimentos de um negócio particular, e pela ânsia de reunir outros como eles em um sindicato de ofícios, organização profissional, associação comercial, ou cooperativa agrícola.³⁰

Mais adiante, sobre o sentido de pertencimento:

A despeito da ocupação, a maioria das pessoas, portanto, [anteriormente] encontrava seu lugar dentro das categorias das pequenas comunidades, onde o critério de propriedade e as características étnicas predominavam. Na medida em que tal sociedade sucumbia, as necessidades específicas de um sistema urbano industrial vinham como uma dádiva para o estrato médio nas cidades. A identificação através de suas habilidades permitia a estima de seus vizinhos, enquanto abriam naturalmente caminhos na nação como um todo (WIEBE, 1967, p. 113).³¹

³⁰ In part, the new middle class was a class only by courtesy of the historian's afterthought. (...) In fact, consciousness of unique skills and functions, an awareness that came to mold much of their lives, characterized all members of the class. They demonstrated it by a proud identification as lawyers or teachers, by a determination to improve the contents of medicine or the procedures of a particular business, and by an eagerness to join others like themselves in a craft union, professional organization, trade association, or agricultural cooperative.

³¹ Regardless of occupation, therefore, most people had found their place within the categories of a small community where criteria of wealth and ethnic characteristics predominated. As this society crumbled, the specialized needs of an urban-industrial system came as godsend to a middle

Muito mais do que garantir a sensação de pertencer a um grupo, um aspecto importantíssimo para a nova classe média era o desejo de reformar a sociedade sob os auspícios dos novos conhecimentos técnicos dos especialistas.

A atuação dos médicos, por exemplo, traduz bem esse traço. Na mesma época durante a qual a *American Medical Association* começou a ganhar efetividade na congregação de médicos e na disseminação de conhecimento sobre esta ciência, a década de 1890, alguns dos profissionais desta área começaram a preocupar-se com a saúde pública. WIEBE (1967, p. 115) assinala que antes do final dos anos 1880 as providências em termos de saúde pública eram apenas contingenciais, isso fora incipientes e isoladas iniciativas de formação de comitês municipais, mas que, na realidade, não tinham grande poder de influenciar a formulação de diretrizes. Na última década do século XIX, médicos tornaram a saúde pública questão debatida permanentemente em fóruns científicos, bem como a transformaram numa subdisciplina estabelecida da medicina. Fundaram a primeira escola norte-americana de saúde pública no MIT, em 1912. Através de empreendimentos como a *National Tuberculosis Association* e a atuação junto aos partidos políticos, os médicos engajados no que WIEBE (1967, p. 115) chama de “evangelho científico”, conseguiram resultados interessantes, como por exemplo a redução da mortalidade infantil em dois terços, entre 1885 e 1915.

Agrupamentos e reforços da identidade profissional não poderiam deixar de ter grandes efeitos sobre o mundo acadêmico. Nisso tudo as universidades tiveram o papel de legitimadoras das alianças profissionais. Como diz Wiebe: “Nenhuma profissão nova sentia-se completa, ou científica, sem o seu próprio currículo acadêmico.”³² (WIEBE, 1967, p. 121). Além disso, as universidades se

stratum in the cities. Identification by the way of their skills gave them the deference of their neighbors while opening natural avenues into the nation at large (WIEBE, 1967, p. 113).

³² No new profession felt complete – or scientific – without its distinct academic curriculum.

tornaram os locais quase únicos nos quais algumas profissões existiam e exerciam sua influência. Ciências Sociais, História, Estatística e, em menor proporção a Economia, encaixavam-se nesse quadro. WIEBE (1967, p. 121) põe: “cada uma delas representava uma disciplina altamente articulada, consciente de sua identidade, zelosa em espalhar sua mensagem científica, e influentes nas vidas de inúmeros membros da classe média.”³³

No livro de HOFSTADTER (1955) a classe média é abordada pela ótica da participação política, e não por sua estruturação profissional, embora esta última esteja presente também nesse autor. Os profissionais que formavam a classe média na perspectiva de Wiebe, na obra de Hofstadter tornam-se os pilares do movimento progressista. A participação das classes médias das cidades, e daí das categorias profissionais mais especializadas, foram decisivas no movimento reformista quando este ultrapassou sua fase populista e entrou na progressista.³⁴ Enquanto o movimento populista tinha sua base no campo, em especial em Estados como o Kansas, e era muito preconceituoso contra imigrantes e judeus, além de menos informado e influente; o progressivismo era um movimento urbano, das classes médias e de abrangência nacional. Nos dizeres de HOFSTADTER (1995, p. 131) o progressivismo passou a ser mais respeitado do que o populismo, e assim influenciou muito mais profundamente a política norte-americana. Isto teria ficado patente na eleição de Theodore Roosevelt (1858-1919).³⁵

Na medida em que a demanda pela reforma espalhou-se das fazendas para a classe média, e dos partidos populistas para os partidos maiores,

³³ ...each of these represented a highly articulate discipline, jealous of its identity, zealous to spread its scientific message, and influential in the lives of countless members of the middle class.

³⁴ A diferença entre os movimentos populista e progressista é tratada por Richard HOFSTADTER (1955, passim) tanto no seu aspecto característico como no temporal. Em relação a este último o populismo vai desde o começo dos protestos agrários – como o do movimento Granger – nos anos 1880-1890, até a campanha de William Jennings Bryan em 1896. Os progressistas estiveram em voga desde a passagem do século XIX para o XX até a abertura dos combates da primeira grande guerra.

³⁵ Presidente entre 1901 e 1908.

ela tornou-se mais poderosa e mais prestigiada. Havia sido possível para os inimigos rotularem os populistas de anarquistas selvagens, especialmente pelo fato de existirem milhões de americanos que nunca tinham visto um populista ou um anarquista. No entanto, teria sido impossível popularizar tal imagem distorcida dos progressistas, que prosperavam em todos os cantos do país...³⁶

O progressivismo foi a maturação do populismo, e, assim sendo, das reformas de *fin de siècle* nos Estados Unidos. A ajuda e o engajamento dos profissionais na formulação de alternativas complexificou e deu ares técnicos ao progressivismo. HOFSTADTER (1955, p. 134) assinala: “Assim como os populistas, os Progressistas estavam cheios de indignação, porém sua indignação era mais qualificada por um senso de responsabilidade, quase sempre de culpa, sustentados por uma grande capacidade de organizar, legislar e administrar.”³⁷ Colocando a classe média, formada em boa medida por técnicos e profissionais, no âmago do reformismo americano, por meio do movimento progressista, Hofstadter formula a grande questão que é o centro da sua interpretação. A pergunta do autor decorre do fato de que os progressistas viveram, e protestaram, durante um período de prosperidade, apenas interrompido, brevemente, em 1907. Dessa maneira, fica o questionamento: *por que indivíduos que estavam desfrutando de um período de afluência geral da sociedade norte-americana tornaram-se os reformistas?*

A resposta está no que o historiador chama de revolução de *status*. Todos colhiam a melhoria nas condições econômicas da América do Norte, porém alguns tomaram a frente nesse processo. HOFSTADTER (1955, p. 136) destaca

³⁶ As the demand for the reform spread from the farmers to the middle class and from the Populist Party into the major parties, it became more powerful and more highly regarded. It had been possible for their enemies to brand the populists as wild anarchists, especially since there were millions of Americans who had never laid eyes on either a Populist or an Anarchist. But it was impossible to popularize such a distorted image of the Progressives, who flourished in every section of the country...

³⁷ Like the populists the Progressives were full of indignation, but their indignation was more qualified by a sense of responsibility, often of guilt, and it was supported by a greater capacity to organize, legislate, and administer.

esse contraste notando que, em 1840, deveriam existir cerca de vinte milionários nos Estados Unidos, enquanto em 1910 era possível observar vinte milionários somente olhando para o plenário do Senado do país. O norte-americano médio, ainda que com melhores salários e às vezes com curso superior, tinha como parâmetro de comparação de sucesso e poder não seus pares, ou mesmo o indivíduo mais rico de uma pequena cidade, mas os Carnigies, Rockfellers, Goulds e Morgans. Estes norte-americanos, então, começam a distinguir entre a boa e a má riqueza. Condenavam o modo pelo qual os grandes donos do novo capital concentrado corrompiam legislaturas e se envolviam em lutas por mais dinheiro, no mais das vezes utilizando subterfúgios bastante desonestos – como se tentou apresentar calcado em MORRIS (2006). Mesmo assim, mesmo colocando-os como inescrupulosos, deseducados e sem refinamento, ainda tinham que encarar o fato de que eles estavam lá, enriquecendo e distanciando-se do americano comum, removê-los provavelmente seria tarefa quimérica. Walter WEYL (apud HOFSTADTER, 1955, p. 147), observador contemporâneo, observava:

O fator mais curioso é que uma amargura crescente é sentida por uma maioria, que não está pior, mas melhor que antes. Essa maioria não chega a sofrer um declínio absoluto, e sim um crescimento *relativamente* mais lento. Ela se opõe ao crescimento tão rápido da plutocracia, pois ao crescer tão rápido esta esmaga os seus vizinhos em crescimento. O crescimento é correto e apropriado, porém, conforme se supõe, existe um grau de crescimento que é positivamente imoral (...). Em grande medida, a plutocracia é odiada não pelo que ela faz, mas pelo que ela é (...). É a mera existência da plutocracia, o simples fato de nossos contemporâneos ricos existirem, que constitui a maior ofensa. Nossos vizinhos abastados causam uma relativa deflação em nossas personalidades. É claro, ao se consumir a fortuna, assim como a produção, existem “grupos não competitivos”, e um homem que ganhe dois mil dólares por ano não precisa gastar como um Gould ou Guggenheim. Em todos os lugares, entretanto, nós nos deparamos com o bom e com o mau trabalho realizado pelos milionários e nos ressentimos tanto com um quanto com o outro. Nossos cavalos de montaria foram ultrapassados pelos seus

superpoderosos automóveis. E nós somos obrigados a engolir sua poeira.³⁸

Os homens que protestavam contra os hábitos dos mais ricos, como fez Veblen em sua obra mais célebre, em geral eram da Nova Inglaterra, protestantes, comerciantes ou manufatureiros de longa data, além dos profissionais. É preciso notar que a maioria deles sustentava idéias tais como o livre comércio, o idealismo moral, especialmente na figura da abstinência, e clamavam pela volta da moralidade que havia perpassado a atuação política dos *founding fathers*. Nessa esteira, é impossível dizer que os principais reformistas da última década do século XIX e primeira do XX fossem comunistas, anarquistas ou quaisquer radicais típicos do outro lado do Atlântico. No início do movimento progressista, seus líderes chegavam a argumentar no sentido da falha da democracia e na necessidade de uma sociedade governada por uma classe média informada. Foi somente com o amadurecimento do movimento, e com a percepção de que era inútil prescindir das bases populares, que os progressistas começaram a abandonar suas idéias mais elitistas. Quando Theodore Roosevelt se elegeu presidente, o movimento progressista, embora sempre visando uma sociedade mais tecnificada, passou a apoiar com maior força as causas das camadas menos abastadas.

³⁸ The most curious factor is that an increasing bitterness is felt by a majority which is not worse but better off than before. This majority suffers not an absolute decline but a relatively slower growth. It objects that the plutocracy grows too fast; that in growing so rapidly it squeezes its growing neighbors. Growth is right and proper, but there is, it is alleged, a rate of growth which is positively immoral (...) To a considerable extent the plutocracy is hated not for what it does but for what it is (...) It is the mere existence of a plutocracy, the mere being of our wealthy contemporaries, that is the main offense. Our over-moneyed neighbors cause a relative deflation of our personalities. Of course, in the consumption of wealth, as in its production, there exist "non-competitive groups" and a two-thousand-dollar-a-year-man need not to spend like a Gould or Guggenheim. Everywhere, however, we meet the millionaire's good and evil works, and we seem to resent the one as much as the other. Our jogging horses are passed by their high-power automobiles. We are obliged to take their dust.

Apresentados alguns dos aspectos históricos mais importantes dos tempos de Veblen através destes dois autores, é preciso discutir acerca das diferenças entre as interpretações de Hofstadter e Wiebe.

No momento em que discute os protestos a favor do maior controle estatal, o qual preponderantemente deveria ser realizado pelo governo federal, HOFSTADTER (1955, p. 233) assinala um paradoxo nos protestos dos progressistas:

Deste modo, de uma forma mais relutante do que entusiasmada, o americano médio agora tendia cada vez mais a confiar na regulação do governo, assim como a procurar na ação governamental um contraponto ao poder das empresas privadas. Ressentido com as incursões dos negócios em sua sensibilidade moral e seus valores individuais, ele começou a apoiar a organização governamental e a aceitá-la mais prontamente do que estaria disposto antes da idéia de que o alcance do governo deveria ser estendido.³⁹

E, mais do que isso, o que Hofstadter quer assinalar é definitivamente um paradoxo: “[o americano médio] (...) considerava o governo federal seu último recurso para o controle dos negócios, chegando a apoiar, ironicamente, um passo na direção da destruição daquele sistema de valores locais e descentralizados no qual acreditava.”⁴⁰ Nessa linha de pensar, os progressistas, de acordo com a hipótese clássica de Hofstadter, agora se voltavam para o governo com o fito de preservar os valores do individualismo, e pediam mais governo centralizado,

³⁹ Now, reluctantly rather than enthusiastically, the average American now tended more and more to rely on government regulation, to seek in governmental action a counterpoise to the Power of private business enterprise. In his resentment against the incursions of business upon his moral sensibilities and his individualistic values, he began to support governmental organization and to accepted more readily than he had been willing to do before the idea that the reach of government must be extended.

⁴⁰ [the average American] (...) looked to the federal government as his last resource for the control of business, thus ironically lending support to another step in the destruction of that system of local and decentralized values in which he also believed.

enquanto seus antepassados jeffersonianos e neojeffersonianos lutaram pelo estabelecimento do poder dos estados e pela liberdade econômica *tout court*.⁴¹

HOFSTADTER (1955, p. 229) destaca que o norte-americano sempre desconfiou da autoridade muito concentrada. Os reformistas, ainda mais, foram empedernidos partidários da limitação dos poderes. *A mudança durante o século XIX é a percepção de que somente o Estado contido não basta. É preciso conter o poder privado.* O Estado deveria ser controlado, e ele mesmo deveria controlar o setor privado. Em linhas gerais, os americanos quase sempre procuraram uma terceira via, uma média ponderada como se falou acima. A historiografia americana não se cansa de afirmar que os Estados Unidos sempre foram menos dados aos radicalismos, especialmente em comparação aos Europeus. Aliás, o norte-americano típico sempre temeu o radicalismo, e a acomodação de interesses deveria livrá-los de tal perigo. HOFSTADTER (1955, p. 238) não foge a tal tendência:

Ao representar o espírito e os desejos da classe média, os progressistas colocaram-se a favor de um programa dual de medidas econômicas, planejadas com o fim de minimizar os perigos provenientes das extremas direita e esquerda. Por um lado, eles temiam o poder da plutocracia, e por outro, a pobreza e inquietude das massas. Porém, se a liderança política pudesse ser devolvida consistentemente à responsável classe média, a qual não era ultra-reacionária e tampouco, nas palavras de T. R., “radicais selvagens”, ambos os problemas poderiam ser resolvidos.⁴² A primeira linha de ação foi reformar a ordem dos negócios, restaurar ou manter a competição mínima – ou conforme fosse o caso, limitar e regular o monopólio – (...). A segunda linha foi minimizar a exploração mais

⁴¹ No próximo capítulo analisa-se com detalhe o surgimento da dicotomia política norte-americana, a qual teve início na oposição entre os agraristas e os industrialistas, os Jeffersonianos e os Hamiltonianos. Por agora basta entender que os Jeffersonianos, agraristas, sonhavam com liberdade econômica, menor governo e uma sociedade formada essencialmente por pequenos proprietários rurais.

⁴² T. R. refere-se ao presidente Theodore Roosevelt.

ostensiva e indefensável da classe trabalhadora, a fim de dar conta daquilo que é chamado de “questão social”.⁴³

Enquanto em Hofstadter os movimentos reformistas são interpretados como fruto de uma necessidade de resgatar um passado de valores individualistas, de competição e livre iniciativa, em Robert Wiebe os reformistas são mostrados como os precursores de um futuro totalmente rompido com o passado. Aqueles profissionais que formavam a classe média, em Wiebe, buscavam tecnificar o mundo, parafraseando o título do livro: “buscavam ‘a’ [nova] ordem”. O modelo burocrático, impessoal, maquinificado, extremamente técnico foi seu paradigma. Olhavam para o futuro e tinham a noção de que o passado não podia mais ser resgatado. Diz WIEBE (1967, p. 150) que os estudos sociais dessa época deixaram os teleologismos e partiram para o taylorismo, no qual em tudo deveria haver uma ordem técnica. Ele vê isso no trabalho de Veblen, como é extremamente evidente aliás. Nas palavras de WIEBE (1967, p. 153):

Embora Thorstein Veblen, o cérebro mais brilhante de seu tempo, raramente falasse para alguém que não ele mesmo, suas digressões intelectuais fornecem um exemplo a mais de como os homens de seu tempo pensavam em termos de estranhas combinações teóricas. Desde cedo, ele fixou o seu foco numa sociedade onde as pessoas desfrutavam uma relação saudável e sensível com o seu trabalho, visão à qual ele jamais viria a renunciar. Ao chamar esta relação de instinto do trabalho eficaz⁴⁴ (*instinct of workmanship*), exaltando-o como a base ética para a

⁴³ Representing as they did the spirit and the desires of the middle class, the Progressives stood for a dual program of economic remedies designed to minimize the dangers from the extreme left and right. On one side they feared the power of the plutocracy, on the other the poverty and restlessness of the masses. But if political leadership could be firmly restored to the responsible middle classes who were neither ultra-reactionary nor, in T. R.’s phrase, “wild radicals”, both of these problems could be met. The first line of action was to reform the business order, to restore or maintain competition – or, as the case might be, to limit and regulate monopoly – (...) The second was to minimize the most outrageous and indefensible exploitation of the working population, to cope with what is called “the social question”.

⁴⁴ Nesta Tese a tradução de *instinct of workmanship* seguirá o que foi usado por MONASTÉRIO (1998).

sociedade, ele se inclinava, no final do século XIX, na direção de alguma forma de paraíso pré-industrial. Entretanto, os próprios talentos científicos de Veblen o levaram a descobrir grandes potenciais na sociedade industrial moderna. Ao elevar o método científico como o meio para atingir seus fins, ele substituiu a máquina de fiar pelo engenheiro – perfeito símbolo da burocracia – como sendo a esperança de amanhã. Esforçando-se em preservar a satisfação humana cotidiana num mundo impessoal e em desenvolvimento, ele sonhou com uma utopia que se realizasse automaticamente, onde engenheiros impassíveis e capacitados vigiariam uma sociedade em que os indivíduos compreenderiam e amariam o seu trabalho.⁴⁵

Se o autor de *A Teoria da Classe Ociosa* pedia por um passado ou, então, chamava uma reconstrução total do futuro pode ser tema para outro trabalho. Também, não se pretende usar Veblen como veredicto sobre Wiebe e Hofstadter, isso seria errôneo e pedante. Mas no quarto capítulo se vai mostrar que o nórdico-americano ora pendia para uma visão, ora para outra, embora não se encaixasse perfeitamente em nenhuma delas.

⁴⁵ Although Thorstein Veblen, the most brilliant mind of his time, seldom spoke for anyone than himself, his intellectual wanderings provide one more example of how men of this era often thought in strange theoretical combinations. Early in life he fixed his gaze upon a society where individuals enjoyed a healthy, sensitive relationship with their work, and he never relinquished the vision. Calling that relationship the instinct of workmanship and exalting it as the ethical basis for society, he inclined late in the nineteenth century toward some form of preindustrial paradise. But Veblen's own scientific talents led him to discover great potentialities in modern industrial society. Elevating the scientific method as the means to his end, he substituted the engineer – bureaucracy's perfect symbol – for the cottage spinner as tomorrow's hope. In grand effort to preserve daily human satisfaction in an evolving, impersonal world, he dreamed of a self-operating utopia where dispassionate, expert engineers would oversee a society of individuals comprehending and loving their work

1.3. ELEMENTOS POR UMA HISTÓRIA INSTITUCIONAL DOS ESTADOS UNIDOS

A literatura contemporânea de história econômica ressalta sobremaneira o papel das instituições no desenvolvimento, e a bibliografia sobre os Estados Unidos talvez seja a mais pródiga nesse sentido. Entretanto, são variadas as abordagens, principalmente em relação à definição do conceito de instituições. A corrente majoritária busca expandir as análises quantitativas realizadas sob a égide da nova história econômica (muitas vezes chamada cliometria), largamente apoiada em modelos de origem neoclássica e, assim, considera as instituições como aproximadamente *características de longo prazo* do desenvolvimento econômico. Do mesmo modo, Ha-Joon CHANG (2004), um institucionalista de estirpe mais heterodoxa, define as instituições neste sentido, diz ele: “Em relação ao senso comum, poder-se-ia dizer que instituições são dispositivos mais permanentes, ao passo que políticas são mais facilmente cambiáveis. Por exemplo, o aumento de tarifas para certas indústrias pode constituir uma política, enquanto a tarifa em si há de ser considerada uma instituição” CHANG (2004, p. 23). Kenneth SOKOLOFF e Stanley ENGERMAN (2000, p. 218), outros autores que se dedicam à pesquisa das instituições, em especial norte-americanas, destacam alguns exemplos de instituições:

Embora fatores econômicos convencionais certamente não estejam sendo ignorados, as explicações oferecidas para os dados comparados de crescimento comumente focam nas instituições e iluminam a variação, ao longo das sociedades, de condições relevantes para o crescimento, como a segurança dos direitos de propriedade, a prevalência de corrupção, as

estruturas do setor financeiro, investimentos em infra-estrutura pública e capital social, e uma inclinação ao trabalho e ao empreendedorismo.⁴⁶

Segue-se, então, uma breve análise das mais importantes instituições - no sentido aceito pelos economistas contemporâneos - para o desenvolvimento dos Estados Unidos. Vale notar que ficará claro mais à frente, a diferença entre este conceito de instituição e o de Veblen, muito embora essa diferença não esteja assinalada aqui de forma explícita.

1.3.1. Breve Histórico da Educação nos Estados Unidos

Talvez a instituição na qual o Estados Unidos logrou maior sucesso no século XIX, e a qual, presumivelmente, foi condição fundamental para seu desenvolvimento industrial sem precedentes, seja a educação. Tratando-se daquele século, deve-se dar destaque para a educação básica. De acordo com SOKOLOFF e ENGERMAN (2000, p. 227), os norte-americanos já eram a população mais alfabetizada do mundo em 1800. A partir da década de 1820, um movimento conhecido como o “*commom school movement*” ajudou a estimular os investimentos em educação, isto em praticamente todo o território do país. As comunidades se envolveram num sistema de sobreposição de gerações, no qual as gerações mais antigas pagariam de volta à comunidade aquilo que receberam antes. Essa transformação localizou-se, primeiramente, nos estados da Nova Inglaterra. O sistema que se iniciou com recursos privados – especialmente organizados em torno de comunidades que professavam a mesma religião - foi mudando gradativamente em direção ao financiamento inteiramente público. O modelo mais antigo, o qual foi gradativamente abolido durante o século XIX, era

⁴⁶ Although conventional economic factors have certainly not been ignored, the explanations offered for the contrasting records in growth have most often focused on institutions and highlighted the variation across societies in conditions relevant to growth such as the security of property rights, prevalence of corruption, structures of the financial sector, investment in public infrastructure and social capital, and inclination to work hard or be entrepreneurial.

misto, financiado com dinheiro público, através de impostos, e complementado por taxas pagas pelos pais dos estudantes, as “*rate bills*”. Essas taxas geralmente cobriam os custos de dias letivos adicionais, para além daqueles oferecidos gratuitamente pelas comunidades. Não obstante, os números de dias letivos oferecidos com o dinheiro dos impostos já eram bastante substanciais, mesmo no início do século XIX (GOLDIN, KATZ, 2003, p. 18, 20-21). A tabela 1 mostra os números para os anos de abolição das *rate bills* em diversos estados.

TABELA 1 – ANO DE ADMISSÃO À UNIÃO E ANO DA ABOLIÇÃO DAS *RATE BILLS*, POR ESTADO.

Estado	Ano de Admissão à União/Ano de Abolição das <i>rate bills</i>
New Hampshire	1788-n.a.
Maine	1820-1820
Massachusetts	1788-1826
Pennsylvania	1787-1834
Wisconsin	1848-1848
Indiana	1816-1852
Ohio	1803-1853
Illinois	1818-1855
Iowa	1846-1858
Vermont	1791-1864
New York	1788-1867
Connecticut	1788-1868
Rhode Island	1790-1868

Michigan	1837-1869
New Jersey	1787-1871

FONTE: GOLDIN, KATZ, 2003.

É importante destacar três características fundamentais presentes no início do sistema educacional americano: a descentralização do financiamento e da administração, a neutralidade de gênero e o sistema de perdão para os alunos. A descentralização da educação estabeleceu os distritos escolares, unidades mínimas de organização do modelo. Era nesse nível que se dava a administração e também o financiamento público, através de impostos sobre a propriedade, principalmente de imóveis. As propriedades, então, se valorizavam em função da localização em distritos com melhor ensino, o que gerava incentivos para a aceitação da legitimação de fundos. Claudia GOLDIN e Lawrence KATZ (2003, p. 13) marcam:

Sob o controle local com um imposto de propriedade, os benefícios de um melhor sistema escolar capitalizavam-se no preço das moradias. Com uma taxa de impostos constante os valores aumentados das moradias traduziam-se em maiores rendas para o distrito. Então, a descentralização do controle fiscal, o maior número de distritos financeiramente independentes, e o uso de impostos sobre a propriedade eram todas inovações que melhoravam a eficiência. Mas cada uma delas se originou, mais provavelmente, das preocupações pragmáticas do cotidiano e não de um senso claro de potenciais ganhos de eficiência.⁴⁷

⁴⁷ Under local control with a property tax, the benefits of a better school system get capitalized into the price of housing. With a constant tax rate the increased value of housing gets translated into greater revenue for the district. Thus the decentralization of fiscal control, the large number of fiscally independent districts, and the use of property tax were all efficiency enhancing innovations. But each of them originated, most likely, in the pragmatic concerns of the day and not from a clear sense of the potential efficiency gains.

A neutralidade de gênero é outra virtude da educação americana. Em 1850, meninas e meninos americanos, de idades até 15 anos, já recebiam o mesmo número de anos de educação. Esse movimento iniciou-se também nos estados da Nova Inglaterra e do Meio-Atlântico. Entretanto, a partir da segunda metade do século, na medida em que se expandia, o Meio-Oeste tornou-se o local do sistema mais neutro de todos. Uma prova disso são os relatos da época. Os franceses e os prussianos da segunda metade do século XIX pareciam atônitos com as classes mistas de meninos e meninas, com idades até dezesseis anos (GOLDIN, KATZ, 2003, p. 34). Números de Rebecca EDWARDS (2006, p. 117) mostram que as mulheres brancas, com idades entre cinco e dezenove anos, tinham uma taxa mais alta de matrícula, em relação à mesma coorte masculina, já em 1900. Mesmo dez anos antes essa taxa era virtualmente igual.

Mas, apesar dessas características virtuosas, é preciso anotar que os Estados Unidos mantinham um sistema de escolas segregadas, com poucos recursos e dedicadas ao atendimento dos mais pobres e aos imigrantes das grandes cidades. Ainda assim, o acesso à educação secundária era mais aberto do que em outros países. Na França de Napoleão, os estudantes só tinham acesso a uma vaga no ensino secundário público caso fossem aprovados num exame, o *baccalaureate*. Na Inglaterra, o acesso ao ensino médio público também exigia um teste. A descentralização americana, apesar do sucesso no financiamento de *alguma educação* para todos, não logrou dar a *mesma educação* para todos. No entanto, o sistema permitia o acesso mais fácil ao ensino secundário, e isso antes dos países europeus, mesmo que os padrões nacionais de ensino não fossem homogêneos (GOLDIN, KATZ, 2003, p. 34-35). O sistema americano era, então, condescendente com os alunos, pois procurava não fazê-los “pagar pelos erros do seu passado escolar”. A intenção era sempre preparar os alunos para entrar no próximo nível de educação, e permitir a ascensão a eles, qualquer que tivesse sido a qualidade do ensino originário.

Porém, a aceleração da educação secundária, mesmo com esse acesso facilitado, aconteceu muito mais tarde, pelo menos em comparação aos resultados do *common school movement*. Uma hipótese plausível para tal fato talvez esteja no alto custo de oportunidade para os trabalhadores, que poderiam

ganhar bons salários somente com a educação básica. Mais tarde, com as maiores exigências da industrialização, uma educação formal mais longa tornou-se necessária para os trabalhadores em geral. Nesse raciocínio, o “*high school movement*” aconteceu mais à frente, já no século XX, entre os anos de 1910 e 1940 (EHRLICH, 2007, p. 6-7). A despeito da triplicação do número de matrículas no ensino médio entre 1870 e 1900, apenas em 1940 metade dos jovens de dezessete anos formou-se no ensino médio.⁴⁸

Já a educação superior ganhou o primeiro grande impulso com a edição do *Morril Act*, em 1860. Essa lei concedia terras do governo federal para as universidades, que poderiam se financiar através da venda ou do arrendamento destas, em um sistema parecido com o que financiou as ferrovias. Universidades novas foram fundadas, assim como as já existentes puderam se valer também da nova lei, isso porque quase todos os estados já tinham instituições de educação superior estabelecidas, alguns mais de uma – com exceção dos novos estados do noroeste. No final do século XIX, os Estados Unidos tinham a maior taxa de matrícula do mundo no ensino superior, maior até do que a de países com longa tradição de educação terciária, como a Alemanha e a França. Os norte-americanos, na década de 1890, somente não tinham a maior taxa de matrícula mundial no ensino médio. Em 1900, quatro por cento da população entre dezoito e vinte e um anos freqüentava o ensino superior. E, embora acontecesse segregação racial e de gênero no ensino superior assim como no básico, foram gradativamente surgindo universidades voltadas aos negros e às mulheres. Um segundo *Morril Act*, editado em 1890, foi responsável pelo nascimento das universidades historicamente negras, negando fundos e terras para os estados

⁴⁸ Apesar das evidências de GOLDIN e KATZ (2003) parecerem bem robustas, alguns autores notam um *boom* na educação secundária e superior já em fins do século XIX. Rebecca EDWARDS (2006, p. 116), por exemplo, destaca esse movimento e o papel do sistema condescendente: “O fim do século XIX foi um extraordinário período de oportunidades. As matrículas no ensino médio e superior explodiram, enquanto as pressões de testes padrão e bancas de admissão (pela primeira vez experimentados em 1901) ainda seriam adotados no futuro. Em comparação com seus pais e avós, os homens jovens descendentes de britânicos tiveram maiores opções de profissões com menores requerimentos formais para a entrada.” (“The late nineteenth century was an extraordinary period of opportunity. High school and college enrollments boomed, while the stresses of standardized tests and College Boards (first administered on an experimental basis in 1901) still lay in the future. In comparison with their fathers and grandfathers, young Anglo men had an expansive choice of professions with few formal requirements to get in the door”).

que discriminavam estudantes negros (GOLDIN, 1999, p. 13; EHRLICH, 2007, p.7; EDWARDS, 2006, p. 117).⁴⁹ As mulheres, do mesmo modo, começaram a ser atendidas por universidades e faculdades especialmente direcionadas a elas. O *Vassar College*, fundado na década de 1860, foi o pioneiro a oferecer um currículo igual aos das escolas masculinas para as moças. Outras escolas particulares, tais como o *Wellesley College*, o *Smith College*, e o mais famoso o *Bryn Mawr College* também ofertavam os mesmos cursos que eram oferecidos em outras universidades exclusivamente para os homens, para suas alunas. Depois da Guerra Civil, muitas universidades públicas, as *state universities*, passaram a oferecer vagas para mulheres. Por último, é mister ressaltar o incrível aumento do número de pós-graduações surgidas nas últimas décadas do século XIX. Enquanto em 1870 foi concedido um diploma de doutorado e nenhum de mestrado, em 1900, trezentos e oitenta e dois doutorados foram obtidos e mais de mil e quinhentos mestrados.

Ainda em vista de todos esses avanços, é possível dizer com alto grau de confiabilidade, que no tocante ao ensino superior, os Estados Unidos não tinham a mesma qualidade dos seus pares europeus. Nesse ponto, deve-se considerar o fato de que muitos professores americanos tinham que cruzar o oceano Atlântico para fazer suas pós-graduações. A grande liderança científica dos norte-americanos ainda aguardaria o século XX para surgir com a força que é conhecida. Contudo, a produção científica de ponta não foi determinante para a conclusão de que os grandes avanços na educação permitiram um grande desenvolvimento técnico nos Estados Unidos dos 1800. Nessa lógica, depois desse brevírio da história educacional, é impossível prosseguir na narrativa do desenvolvimento institucional norte-americano sem referência ao desenvolvimento tecnológico.

⁴⁹ EHRLICH (2007, p. 9) ainda destaca o *Smith-Lever Act* de 1914, que tinha os mesmos objetivos e características dos dois *Morrill Acts* anteriores.

1.3.2. Desenvolvimento Científico e Tecnológico nos Estados Unidos

O importante historiador da tecnologia Nathan ROSENBERG (1972) separa a evolução da tecnologia norte-americana em dois períodos. Desde a época da independência até o final da década 1840, os Estados Unidos destacaram-se como consumidores da tecnologia européia, especialmente da britânica. Já a partir dos anos 1850, os americanos começaram a gestar e produzir um padrão tecnológico próprio. Contudo, mesmo durante o primeiro período, a tecnologia européia que se transferia para a América do Norte era radicalmente adaptada para as condições naturais e econômicas específicas do contexto americano. Nessa lógica, é possível dizer que o padrão de assimilação das tecnologias britânicas foi extremamente bem sucedido, isso porque os americanos foram capazes de modificar com êxito as tecnologias britânicas, adaptando-as principalmente às suas disponibilidades relativas de fatores de produção – com destaque para os fatores geográficos e geológicos. Nesse aspecto particular, a força de trabalho, formada pela população relativamente bem educada e, portanto, preparada para lidar com novas tecnologias, foi fundamental. ROSENBERG (1972, p. 61) comenta: “novas tecnologias freqüentemente requerem consideráveis modificações antes de funcionar com sucesso em um novo ambiente. Este processo de modificação comumente envolve um alto padrão de habilidades e competências.”⁵⁰ Um exemplo de assimilação tecnológica destaca-se para ilustrar esse padrão de adaptação.

A máquina a vapor, um dos símbolos da revolução industrial britânica, foi adotada nos Estados Unidos de maneira profundamente influenciada pela sua geografia. A industrialização americana teve seu nascimento nos estados da Nova Inglaterra, nos quais a água era um substituto barato para os mecanismos estacionários a vapor, em vista das necessidades ainda baixas de geração de

⁵⁰ ...new techniques frequently require considerable modification before they can function successfully in a new environment. This process of modification often involves a high order of skill and ability.

potência do setor têxtil incipiente.⁵¹ Em termos nacionais, somente em 1869 o vapor ultrapassa a água como fonte primordial de energia e, mesmo assim, na hídrica Nova Inglaterra, menos de trinta por cento da energia motora industrial era derivada do vapor. À primeira vista, pode parecer que a lenta adoção do vapor também tivesse relação com a inabilidade dos mecânicos do novo mundo. Assim, é preciso destacar que essa adoção tardia não ocorreu por esse motivo. ROSENBERG (1972, p. 64-65) nota, por exemplo, que os americanos desenvolveram as máquinas a vapor de alta pressão concomitantemente aos britânicos.

Uma outra característica importante do uso das máquinas a vapor na América do Norte é que, embora pouco usado em mecanismos estacionários, ela disseminou-se com muita rapidez no setor de transportes. Aqui, novamente, é preciso reparar no papel da geografia, que dotou o Estados Unidos com grandes possibilidades de navegação fluvial (de forma especial nos rios Missouri, Mississippi e Ohio). No entanto, a história tecnológica da navegação a vapor norte-americana, que já no segundo quarto do século XIX poderiam ser tida como líder mundial, é de um desenvolvimento extremamente propenso a adaptações específicas e sucessivas. O conhecimento dos leitos dos rios, da sua geodinâmica, da construção de embarcações amoldáveis à navegação em águas rasas e, das melhorias na relação combustível/tonelagem transportada foram, ao longo dos primeiros três quartos do século XIX, os fatores fundamentais para o sucesso da aplicação do vapor no transporte fluvial.⁵²

Outro ponto do sucesso americano, do qual não se pode desviar e, o qual talvez tenha sido o maior propulsor da grande industrialização do século XIX, seja

⁵¹ As máquinas a vapor estacionárias são aquelas utilizadas de maneira fixa, enquanto dinâmicas são utilizadas para motivos de transporte, atuando de forma móvel, deslocando-se junto ao meio de transporte ao qual fornece potência.

⁵² Não se pode deixar de comentar que o vapor no transporte terrestre, nas ferrovias, sofreu muito menos adaptações em compração às ocorridas no transporte fluvial. Entretanto, a tecnologia de construção dos trilhos nos Estados Unidos foi substancialmente desenvolvida. Fato que chama a atenção em relação a isso é a contratação de engenheiros americanos pelo governo russo, ao invés dos experientes e mais próximos ingleses, durante o século XIX, para a construção de seus caminhos de ferro. Isso provavelmente se deve à maior experiência americana em lidar com terrenos específicos, existentes tanto na América do Norte quanto na Rússia (ROSENBERG, 1972, p. 75).

a eficiente adaptação das tecnologias para as abundâncias relativas dos fatores de produção. A Grã-Bretanha era relativamente rica em capital e mão-de-obra, enquanto a escassez desses fatores no Estados Unidos contrastava com a abundância dos recursos naturais. Num dos artigos mais clássicos da literatura historiográfica econômica americana, Gavin WRIGHT (1990, p. 651) comenta a ascensão da indústria de seu país, estudada através da pesquisa do comércio exterior de manufaturas, nos seguintes termos:

O sucesso competitivo das exportações americanas nos mercados estrangeiros não é de modo algum uma medida abrangente de “sucesso”. Mas porque a virada do século marca a emergência dos Estados Unidos para uma posição de preminência econômica mundial, nós esperamos aprender algo sobre questões abrangentes ao estudar a características do comércio do país com o resto do mundo durante aquele período chave.

Os resultados são surpreendentes. *Eles sugerem que a única característica mais robusta das exportações americanas de manufaturas foi a intensidade em recursos naturais não-reproduzíveis.* (...) Isto não quer dizer que não havia liderança tecnológica norte-americana, no sentido mais *lato* do termo. Recursos abundantes eram, eles mesmos, de diversas maneiras, reflexos do estágio avançado da tecnologia americana.

^{53,54}

⁵³ Essa conclusão coaduna-se perfeitamente com as conclusões de Rosenberg, que destaca a capacidade de adaptação das tecnologias pelos norte-americanos.

⁵⁴ The competitive success of American manufacturing exports in foreign markets is by no means a comprehensive measure of “success”. But because the turn of the century marked the emergence of the United States to a position of world economic preeminence, we may hope to learn something about the broader questions by studying the characteristics of the country’s trade with the rest of the world during that key era.

The results are surprising. *They suggest that the single most robust characteristic of American manufacturing exports was intensity in nonreproducible natural resources.* (...) This does not mean that there was no american technological leadership, in the broad sense of the term. Abundant resources were themselves in many ways a reflection of the advanced state of American technology

A escassez de mão-de-obra no novo mundo esteve extremamente relacionada com a segunda fase do desenvolvimento tecnológico de que fala Nathan Rosenberg. William LAZONICK (1981, *passim*) produziu uma pesquisa que destaca bem o contraste que gradualmente cresceu entre as indústrias britânicas e as norte-americanas. Enquanto a indústria britânica tornava-se mais trabalho-intensiva, os americanos investiam na substituição do trabalho por melhorias técnicas, principalmente à custa de uma maior relação de insumos por capital e trabalho, tais como lã e algodão. WALTON e ROCKOFF (2005, p. 195) sugerem que além da diferença relativa da abundância do trabalho na Grã-Bretanha, a sindicalização mais organizada e a utilização do trabalho masculino, comparado com as altas taxas de uso do trabalho infantil e feminino nos Estados Unidos, também foram fatores que contribuíram para os padrões diferenciados do desenvolvimento do setor manufatureiro. Esses mesmos autores esclarecem outra questão interessante que surge dessas características históricas. Em suas palavras: “... Um paradoxo permanece. O capital era relativamente mais escasso nos Estados Unidos – as taxas de juros eram maiores em comparação com as da Grã-Bretanha. Por que, então, foram os americanos que construíram engenhosas máquinas, não os britânicos? A resposta é que o trabalho qualificado era ainda mais raro nos Estados Unidos.”⁵⁵

Um dos resultados mais espetaculares do surgimento de tecnologia propriamente americana foi a criação do chamado “sistema americano de manufatura”. Nathan ROSENBERG (1972, p. 87) comenta, num tom ufanista típico dos comentaristas desse sucesso manufatureiro americano: “Estes aspectos foram tão especiais que, na metade dos anos 1850, eles começaram ser admirados pela Grã-Bretanha, já então conhecida como ‘a oficina do mundo’. Mais ainda, foram os próprios britânicos que cunharam a frase ‘sistema americano de manufatura’ para descrever a nova tecnologia.”^{56/57} A marca

⁵⁵ But a paradox remains. Capital was relatively scarce in the United States – interest rates were high compared with those in Britain. Why, then, was it the Americans who built the ingenious machines, not the British? The answer is that skilled labor was even scarcer in the United States (WALTON, ROCKOFF, 2005, p. 195).

⁵⁶ Sem dúvida não há período do século XIX que toque mais fundo o patriotismo dos historiadores americanos. Os relatos do espanto dos ex-colonizadores abundam em todos os estudos dedicados ao período. Especial atenção é devotada à famosa exposição do Crystal Palace,

específica do sistema dos norte-americanos era a intercambialidade das peças, primeiro das armas e, depois, dos relógios e máquinas de costura, implementos agrícolas e fechaduras, locomotivas, ferramentaria, bicicletas e, já no século XX, dos automóveis.⁵⁸ Os benefícios dessa tecnologia, que era buscada obsessivamente tanto na Europa como na América do Norte, são naturalmente perceptíveis. Não só a manutenção pós-fabricação tornou-se mais fácil, como o próprio processo manufatureiro revolucionou-se a partir da intercambialidade das peças. ROSENBERG (1972, p. 92-93) argumenta que a verdadeira medida da revolução que significou o advento do sistema americano salta aos olhos na comparação com o sistema que o precedia. Anteriormente, a manufatura de instrumentos que exigiam precisão, tais como armas de fogo, dependia largamente da habilidade de operários-artesãos, altamente treinados para adaptar as peças fabricadas com pequenas tolerâncias as quais, mesmo assim, não permitiam a intercambialidade.

As peças intercambiáveis, porém, foram um dos aspectos de um sistema que abrangia uma mudança maior. O “sistema americano” foi o ponto que mais se destacou dentre as inovações de uma economia que marchava com velocidade

organizada pelos ingleses em Londres, em 1851, e a qual parece ter sido uma das primeiras ocasiões nas quais o velho mundo surpreendia-se com o sistema americano de manufatura. Naquela ocasião a fábrica Robbins e Lawrence, de Vermont, demonstrou a intercambialidade das peças de seus rifles, desmontando dois deles e montando-os um com as peças do outro, também Cyrus McCormick ganhou um prêmio local para inovações agrícolas e, finalmente, o veleiro *America* deixou a família real constrangida ao vencer a regata – que ficou conhecida como *America's Cup* – na qual qualquer inglês teria jogado todas as fichas no britânico *Aurora* (MORRIS, 2006, p.-43-44).

⁵⁷ These features were so special that, by the first half of the 1850s, they were beginning to be admired and borrowed without reservation by Great Britain, already known as the ‘workshop of the world’. Indeed, the British themselves coined the phrase ‘The American System of Manufacturing’ to describe the new technology.

⁵⁸ As controvérsias sobre quando surgiu a primeira manufatura intercambiável é longa. Alguns a atribuem a Eli Whitney, que haveria atingido esse padrão na virada do século XVIII para o XIX, no entanto, pesquisas recentes apontam essa versão como pouquíssimo provável. A história mais aceita é a que dá a John Hall, um armeiro do Maine, o mérito da inovação, o qual teria demonstrado sua invenção pela primeira vez em 1824. Entretanto é importante destacar que a intercambialidade só se tornaria marca da indústria americana na segunda metade do século XIX. Outro ponto importante, e curioso, reside no fato de que John Hall não patenteou suas invenções, pois elas foram criadas enquanto ele pesquisava para o governo americano, mais especificamente para as forças armadas (MORRIS, 2006, p. 54-60).

rumo ao estabelecimento de um forte setor de bens de capital. Novamente nas palavras de ROSENBERG (1972, p. 95-96):

Componentes intercambiáveis, a eliminação da dependência das competências artesanais, e a abolição das operações de ajuste foram, por sua vez, todos aspectos de um sistema no qual a característica central era o projeto e a utilização de maquinário altamente especializado. Foi a habilidade para inventar, projetar, modificar e produzir maquinário especializado que somou estas características num sistema de produção em massa de produtos padronizados a baixo custo.⁵⁹

Estabelecida essa indústria de bens de capital, seus efeitos passam a ser maiores do que a simples fabricação doméstica de “máquinas de fazer máquinas”. O setor de bens de capital passou a transferir soluções tecnológicas para as indústrias das quais ele era fornecedor. Os fabricantes de bens de capital, tendo a experiência de construir máquinas para variados setores, espalhavam soluções encontradas para determinados problemas de uma indústria particular, para outras, especializando-se nessa adaptação. Um exemplo disso foi a famosa máquina de Blanchard, desenvolvida para fazer mecanicamente coronhas de rifles, um dos processos mais complicados e artesanais da fabricação, e o qual acabou difundido para indústrias como a de móveis e outras que lidavam com complicadas e delicadas estruturas de madeira.

No mesmo compasso das pesquisas como a de Rosenberg, a qual reconstituiu a evolução tecnológica americana, outros autores preocuparam-se em determinar as causas e o padrão do surgimento de patentes nos Estados Unidos. Uma das vertentes desses estudos complementa o trabalho de Nathan

⁵⁹ Interchangeable components, the elimination of dependence upon handicraft skills, and the abolition of extensive fitting operations were, in turn, all aspects of a system whose central characteristic was the design and utilization of highly specialized machinery. It was the ability to invent, design, modify, and produce specialized machinery which linked together these characteristics into a larger system of low-cost mass manufacture of standardized products.

Rosenberg tratando do “motor econômico” das inovações. Economistas com trabalhos mais recentes destacam o papel da formação do mercado interno e, conseqüentemente, da inovação induzida pela demanda na inovação em geral (SOKOLOFF, 1988; KAHN, SOKOLOFF, 1993). Analisando as patentes durante o período inicial de industrialização americano (1790-1846), Kenneth SOKOLOFF (1988, p.830 e ss.) destaca que os primeiros *clusters* de inovações surgiram em regiões que foram desenvolvendo acesso aos mercados nacionais. Muito importante, no tocante a esse ponto, dada a extensão territorial do país, foi a evolução dos meios de transporte. Destaca-se a concentração das patentes em torno das regiões nas quais os canais estavam surgindo. Do sul da Nova Inglaterra, primeira região a liderar a formação de *clusters* de inovação, o agrupamento das patentes começou a se espalhar para o norte dessa mesma região e, depois, para a Pennsylvania. E esse padrão, como aponta a extensa pesquisa quantitativa desse autor baseada em econometria espacial, parece seguir o acesso mais fácil às diversas regiões dos Estados Unidos e a conseqüente diminuição dos custos de transporte. Em síntese, complementando outros trabalhos, SOKOLOFF (1988, p. 846) coloca: “Não obstante à óbvia importância de fatores como a lenta evolução [das tecnologias mesmas], condições localmente específicas, as mudanças no estoque de conhecimento, e o *learning-by-doing*, esta análise esclarece o papel da expansão dos mercados na aceleração das invenções durante este episódio de industrialização inicial.”⁶⁰ Essa conclusão também pode ser acompanhada pela constatação do caráter pró-cíclico dos dados de patentes, mostrando que os incentivos econômicos do acesso a maiores mercados foram um fator importante no surgimento dos *clusters* inovativos (KAHN, SOKOLOFF, 1993, p. 290).

Um último e interessante aspecto da inovação americana localiza-se no padrão de evolução do financiamento dos inventores e no uso da ciência básica. Leonard REICH (1987) utiliza-se da biografia de três importantes inventores do setor elétrico para destacar a história do desenvolvimento das relações entre

⁶⁰ Notwithstanding the obvious significance of factors such as slowly evolving, location-specific conditions, changes in the stock of knowledge, and learning by doing, this analysis has highlighted the role of expansion of markets in producing the acceleration of invention during this episode of early industrialization.

capital e inventores. O primeiro inventor que Reich arrola é Thomas Edison (1847-1931), que trouxe à tona sua invenção mais importante em 1879: a lâmpada incandescente de alta resistência. Em conjunto com o projeto de uma rede de geração e distribuição de energia, essa inovação de Edison foi a precursora da indústria elétrica norte americana (REICH, 1987, p. 342). Thomas Edison não tinha grande educação formal, uma característica comum dos seus sucessores. Como é largamente conhecido, ele iniciou sua carreira trabalhando como telegrafista. Mesmo assim, é enganoso pensar que Edison não se utilizava dos desenvolvimentos da ciência básica de sua época, notadamente a físico-química. Mas, mesmo assim, Edison não dependia da expansão da fronteira do conhecimento científico básico para sua atividade criativa, ou seja, embora estivesse em compasso com os acontecimentos nos limites do conhecimento físico-químico, ele não era absolutamente um teórico. Afirma REICH (1987, p. 344): “Edison (...) manteve contato com físicos proeminentes e empregou pessoal treinado em ciência e matemática. Isso embora seja difícil caracterizar a maioria da pesquisa que acontecia no laboratório de Edison de ‘ciência’. Ao invés, ela era uma informada, persistente, e usualmente efetiva metodologia de tentativa e erro que contribuiu muito mais para fazer novas coisas funcionarem do que para entender porque elas funcionam.”⁶¹ Já em relação ao financiamento de suas invenções, é necessário notar que Edison construiu seu próprio laboratório em Menlo Park. De acordo com REICH (1987, p. 342), Edison usou os recursos conseguidos no seu trabalho em telegrafia para construir uma espécie de fábrica de invenções.⁶² Seu objetivo era criar pequenas invenções e melhorias a cada dez dias, e uma grande inovação a cada seis meses.

⁶¹ Edison (...) maintained contact with prominent physical scientists and employed people trained in science and mathematics. Yet is difficult to characterize most of the research that went on Edison's laboratory as 'science'. Rather, it was an informed, persistent, and usually effective cut-and-try methodology that contributed much more to making new things work than to understanding why they did.

⁶² Com sua experiência como telegrafista e como curioso do conhecimento sobre física, Edison evoluiu de mero operador de telegrafo da *Western Union* para inventor de novos modos de transmissão e gravação das mensagens, até fundar sua própria fábrica de equipamento telegráfico.

Em oposição ao trabalho de Edison, Leonard Reich analisa dois outros importantes inovadores do setor elétrico: William Coolidge (1873-1975) e Irving Langmuir (1881-1957). O primeiro foi o responsável pelo desenvolvimento do tungstênio dúctil, algo que além de aumentar sensivelmente a eficiência das lâmpadas incandescentes garantiu à General Electric o controle do mercado de iluminação elétrica nos Estados Unidos. Langmuir, por sua vez, descobriu que a luminosidade irradiada de um filamento de metal era função direta da sua área de superfície, garantindo novamente à GE a ponta da inovação no mercado de iluminação. Além de terem trabalhado nos laboratórios da GE durante a maior parte de sua vida produtiva, os dois inventores tinham um alto grau de treinamento formal. Ambos eram formados em engenharia elétrica em universidades americanas, e ambos receberam seus doutorados em universidades alemãs. Assim, tanto Coolidge quanto Langmuir estavam desenvolvendo ciência básica e aplicações ao mesmo tempo, especialmente no caso desse último, que chegou a ganhar o prêmio Nobel de química em 1932, exatamente por seu trabalho sobre os processos físicos na superfície de filamentos metálicos. Guarde-se esse padrão de evolução para quando forem analisadas as opiniões de Veblen sobre o surgimento da propriedade absenteísta na América do Norte.

1.3.3. O Judiciário e a Regulação Econômica

Império da lei. Geralmente é a expressão utilizada por teóricos do desenvolvimento para destacar a importância de “boas” instituições judiciárias. Todavia, dentre todas as instituições que podem ajudar na indução do desenvolvimento econômico, a avaliação do que seja um “bom” judiciário figura entre os conceitos mais difíceis de fixar. Na avaliação de Ha-Joon CHANG (2004, p. 141-142), a chave repetida pelos economistas para entender um judiciário promotor do desenvolvimento econômico está na sua independência e na sua autonomia em relação aos interesses políticos e econômicos particulares. Mas, o mesmo estudioso também alerta para uma outra face do chamado “judiciário

independente”. Na Alemanha e no Japão, países reconhecidos como possuidores de poderes judiciários altamente autônomos em relação às demais instituições políticas e aos grupos de pressão econômica, pode-se argumentar que lhes falta legitimidade democrática. Por isso, ao se perguntar sobre as vantagens de um judiciário independente, fica sempre obrigatório questionar-se: independente de quem? Mais ainda, é praticamente impossível fixar um critério razoável de qualidade dos julgamentos, uma vez que assim como a teoria econômica, a doutrina jurídica alimenta-se de um eterno embate informado por visões de mundo díspares.

No tocante aos Estados Unidos, as decisões judiciais quase sempre são avaliadas em termos do favorecimento ou não ao *entrepreneur* schumpeteriano - ou, na linguagem moderna da ciência administrativa, ao empreendedorismo. Aqui, não se deseja tomar essa referência como definitiva na avaliação da instituição judiciária norte-americana, mas em termos de estudos histórico-econômicos, talvez esse ponto de vista seja um dos mais bem acabados.

Já há algum tempo tem ocorrido um debate em torno da questão tangente à determinação de qual sistema jurídico incentiva o empreendedorismo e o investimento. Como é de conhecimento generalizado, os Estados Unidos herdaram da Grã-Bretanha um sistema jurídico calcado na *commom law*, ou direito consuetudinário, costumeiro. Esse sistema é o outro lado do espectro em que se situam as práticas legislativa e jurídica brasileira, embasadas no direito de origem francesa. No direito consuetudinário ganham importância as decisões judiciais tomadas ao longo do tempo, bem como leis não necessariamente escritas e organizadas em códigos. A Grã-Bretanha, berço da *common law*, tem uma constituição dita não-escrita, histórica, flexível e de sentido natural.⁶³ Isso quer dizer que a constituição desse país não foi nunca definida através de um

⁶³ Uma constituição flexível é aquela sobre a qual não existem exigências especiais para a mudança ou acréscimo de normas. No Brasil, por exemplo, a Constituição Federal é dita rígida, pois exige um trâmite mais dificultoso para a sua alteração – vide o processo legislativo das emendas constitucionais frente às leis ordinárias ou mesmo complementares. Ainda existem as constituições semi-rígidas, tal como a constituição imperial brasileira de 1822, a qual admite trâmite ordinário para algumas normas constitucionais e especial para outras. Vale notar que todas as constituições não escritas são flexíveis.

processo solene de elaboração e promulgação, ou mesmo outorga. A constituição britânica tem suas normas – normas de hierarquia constitucional – espalhadas por diversas leis, as quais, num sentido formal, têm todas a mesma hierarquia. O que delinea a constituição do Reino Unido é a prática jurídica, as normas socialmente e historicamente reconhecidas como de hierarquia constitucional, não há um rito único e solene que lhes confira tal importância. Os Estados Unidos, por sua vez, construíram um sistema legal com uma constituição escrita extremamente sintética e que, no entanto, em relação às normas infraconstitucionais, segue quase que fielmente o padrão inglês. A jurisprudência, portanto, tem maior peso nas definições legais norte-americanas do que naquelas nações que seguiram o modelo posto pelos franceses.

Um primeiro argumento, que desencadeou o debate ao qual se fez referência, é de que o sistema de origem francesa, especialmente em razão de ser menos flexível, e depender da mais lenta e abstrata ação do legislativo, seja um fator que detenha o desenvolvimento econômico. Ao menos comparativamente ao sistema da *common law*. Autores como Rafael LA PORTA et al. (1998, 1999) argumentam, em adição às razões arroladas acima, que os sistemas de origem francesa dão mote a governos extremamente intervencionistas. Esses pesquisadores baseiam seus argumentos em estudos quantitativos de *cross-section* entre países selecionados. No entanto, suas conclusões extremamente favoráveis ao sistema consuetudinário têm sido alvo de graves revisões. Há pouco tempo, intrigados com as repostas quantitativas daqueles colegas, Naomi LAMOREAUX e Jean-Laurent ROSENTHAL (2004) decidiram fazer uma pesquisa extremamente abrangente, considerando não só dados quantitativos e variáveis binárias (que correspondem ao sistema jurídico utilizado), mas realizando uma leitura histórica das próprias leis e decisões judiciais nos Estados Unidos e França do século XIX. O padrão de julgamento desses últimos sobre o que seria um “bom” sistema jurídico, envolve, assim como para aqueles outros autores, e em uníssono com a teoria convencional, entender qual padrão é mais liberal para o empreendedorismo. Concluem, LAMOREAUX e ROSENTHAL (2004, p. 5), sobre o século XIX:

Não somente os Estados Unidos ofereciam aos empresários um cardápio mais limitado, mas também as possibilidades para adaptar os modelos básicos a necessidades mais especializadas eram muito maiores na França do que nos Estados Unidos. Do mesmo modo, não há qualquer evidência de que a lei americana evoluiu mais prontamente em resposta às mudanças econômicas em comparação às leis francesas. Por um lado, nossa pesquisa sugere que a natureza estática do sistema legal francês é superestimada na literatura. Por outro, nós achamos que a *common-law* é inerentemente mais conservadora do que muitos especialistas alegam. (...) Ao contrário, não foi antes do final do século vinte que os negócios norte-americanos obtiveram a mesma liberdade contratual que seus pares franceses há muito tinham como certa.⁶⁴

Algo que num olhar menos cuidadoso pode enganar, é o fato de que a simples existência da forma organizativa de empresas em corporações seja sinal da maior liberdade. As corporações, em termos de liberdade empresarial, são geralmente tidas para os economistas que analisam o século XIX como ícones da maturidade do sistema jurídico.⁶⁵ Mas, nesse tipo de idéia parecem faltar duas observações essenciais. À primeira vista, por não ter definido em seu código comercial a forma societária corporação, a França, somente em 1867 - quando tal forma foi adicionada ao código daquele país – teria atingido o mesmo nível de incentivo econômico dado aos americanos. Isso não é verdade. Enquanto os americanos já dispunham da forma corporativa desde os primeiros anos do século

⁶⁴ Not only did U.S. law offer business people a more limited menu of organizational forms, but the possibilities for adapting the basic forms to specialized needs were much greater in France than in United States. Nor is there any evidence that American law evolved more readily in response to economic change than French law. On the one hand, our research suggests that the static nature of the French legal system has been overstated in literature. On the other, we find the common-law to be more inherently conservative than many scholars have acknowledge. (...) To the contrary, it was not until the late twentieth century that U.S. business obtained much the same degree of contractual freedom that their French counter parts had long taken for granted.

⁶⁵ Duas são as vantagens da corporação (*corporation*) em comparação com as chamadas sociedades simples (*partnership*). Primeiro a corporação tem personalidade jurídica não confundível com a de seus proprietários. Em segundo lugar, a corporação permite a responsabilidade limitada, isto é, cada sócio responde apenas pelo capital aplicado. Essa última razão é evidentemente a maior vantagem das corporações em termos de incentivo econômico aos investimentos.

XIX, sendo a forma preferida dos investidores de bancos, companhias de seguros, canais e estradas pedagiadas, as cartas que as legislaturas estaduais emitiam autorizando tal forma de sociedade eram extremamente limitadas. WALTON e ROCKOFF (2005, p. 189) dizem o seguinte sobre essas concessões: “Para aqueles que tinham as conexões políticas, isto envolvia pouca incerteza e despesa, e havia sempre a possibilidade de se obter cartas com cláusulas excepcionalmente liberais. Todavia, os não politicamente favorecidos poderiam gastar anos fazendo *lobby* futilmente para cartas de corporações.”⁶⁶ E, apesar de estados como Connecticut, já em 1837, terem tornado a forma corporativa direito de qualquer cidadão que queria estabelecer esse tipo de empresa, foi somente na década de 1860 que a prática se generalizou entre os estados.⁶⁷ Além disso, durante a primeira metade do século XIX, a questão da responsabilidade limitada não era ainda bem aceita pelos tribunais norte-americanos.

Na França, embora os empresários não dispusessem da forma corporativa de sociedade, existia, desde a sanção do célebre administrador público Colbert, em 1673, a chamada *sociedade por comandita*. Esse tipo de sociedade empresarial permitia que dois tipos de sócios participassem do negócio. Enquanto aqueles envolvidos com a administração não gozavam de responsabilidade limitada, os sócios que somente colocavam um montante de capital à disposição da empresa, sem participar diretamente da atividade econômica, respondiam apenas pelo capital empenhado. Além disso, ao longo do tempo, muitas variedades – mais ou menos liberais – dentro da sociedade em comandita, foram desenvolvidas. A lei francesa permitia inúmeras adaptações às idiossincrasias dos investidores. Assim, o menu de opções empresariais na França do século XIX era maior do que o americano, esse último somente dispondo da forma corporativa e da sociedade simples (LAMOREAUX, ROSENTHAL, 2004, p. 7, 10).

⁶⁶ For those who had the political connections, this involved little uncertainty and expense, and there was always the possibility of obtaining a charter with exceptionally liberal provisions. Nevertheless, the politically unfavored could spend years lobbying futilely for corporate charters.

⁶⁷ Mesmo assim, até os anos 1870 diversos estados concediam cartas corporativas especiais, com provisões muito mais liberais do que as autorizadas pelas leis gerais.

LAMOREAUX e ROSENTHAL (2004, p. 27-29) chegam a algumas conclusões muito interessantes sobre a discussão que se esboçou até aqui. Primeiro, é preciso notar que as inovações ocorridas nas maneiras de organizar uma empresa nos Estados Unidos dependeram efetivamente da aprovação de leis – como no caso da lei de 1837 de Connecticut - que provocaram mudanças mais profundas do que apenas a jurisprudência – ou a chamada *case law*, fonte de direito jurisprudencial – a qual adaptava-se muito lentamente. Depois, pode-se pensar que o sistema francês diminuía a incerteza dos investidores, pois apesar de apresentar um maior menu de opções para a formação de sociedades, todas estavam muito bem definidas em lei, deixando muito menos espaço para discricionariedades das autoridades judiciárias. Por fim, esses pesquisadores dizem que não se pode concluir sobre a superioridade de um ou outro sistema jurídico, pois enquanto a teoria convencional aponta para o fato de que leis mais flexíveis são indutoras do crescimento, o estudo empírico mostra que as leis francesas eram as mais flexíveis. E, como é sabido, os Estados Unidos foi o país que ultrapassou a Grã-Bretanha durante o século XIX.⁶⁸

Outro aspecto muito estudado, a ser considerado em se falando de poder judiciário, são os julgados acerca dos litígios que envolvem patentes e licenças para o uso de inovações. A literatura econômica é prolífica em qualificar os Estados Unidos como um dos países mais inclinados a derivar incentivos econômicos da maneira como o judiciário lidava com esse tipo de questão. Sobre isso não parece haver muita controvérsia. A conclusão convencional, de que os inovadores são essencialmente motivados pelos incentivos econômicos antecipados de sua atuação inventiva, traduz-se, no que tange à avaliação do judiciário, da seguinte maneira, nos dizeres de Zorina KAHN (1995, p. 60): “...o valor de mercado de invenções patenteadas dependia das atitudes do judiciário,

⁶⁸ Não desejando estender a discussão para além do necessário, é interessante deixar claro as razões pelas quais LAMOREAUX e ROSENTHAL (2004, p. 28-29) dizem que os outros estudiosos, em seu estudo quantitativo, chegaram às conclusões opostas: (1) o sistema de estirpe francesa pode ter seu funcionamento muito diferente nos países atualmente desenvolvidos, como na França, e nos atuais países em desenvolvimento, como o Brasil. (2) A teoria convencional pode estar errada ao afirmar que maior liberdade significa maiores possibilidades de desenvolvimento, pois as empresas francesas, então, pela maior liberdade gozada, deveriam ter crescido mais que as americanas, mais restritas.

bem como da habilidade do sistema legal de defender o direito do patenteador de usar – e excluir outros de usar – sua propriedade.”⁶⁹

A preocupação americana com a promoção das “artes inventivas” está sacramentada já no primeiro artigo de sua constituição. Ele inclui uma cláusula para “promover o progresso da ciência e das artes utilitárias, garantindo por tempo limitado para autores e inventores o direito exclusivo de uso de seus escritos e invenções” (KAHN, 2004, p. 10). Durante os primeiros anos da república, até 1793, as patentes eram concedidas por um comitê formado por altíssimas autoridades do executivo federal, mais especificamente pelo advogado-geral, pelos secretários de estado e da guerra e, finalmente, assinadas pelo próprio presidente. Após 1793, as autoridades entenderam que a descentralização do sistema era desejável, até porque um comitê formado por autoridades de alto escalão não poderia dar conta dos pedidos de patentes que se avolumavam. A partir daquele ano, então, o sistema de patentes passou a ser extremamente liberal, exigindo taxas muito baixas para o registro, além de não cobrar anuidades pela manutenção das patentes, como faziam alguns países europeus. Em adição, o sistema era tão liberal que deixava a cargo dos próprios inventores a determinação do estado da arte das tecnologias, caso que favoreceu o registro de muitas patentes duplas, inclusive estrangeiras. Foi depois da lei de 1836 que os Estados Unidos forjaram o primeiro sistema moderno de registro de patentes. Criaram-se escritórios de registro de patentes, interligados nacionalmente e com especialistas treinados. Além disso, os litígios, que antes eram decididos em cortes locais, passaram à competência da Justiça Federal, com possibilidade de recurso à Suprema Corte. O sistema americano tornava-se muito mais rígido. No entanto, ter um registro de patente pela nova lei era muito mais valioso, pois o registro era nacional e de acordo com padrões mais objetivos. O problema do registro americano de patentes ainda era a discriminação em relação aos direitos de patentes estrangeiras. A lei de 1836 exigia uma taxa muito alta para o registro de patentes de não residentes. Somente a partir de 1861 os

⁶⁹ ...the market value of patented inventions depended on the attitudes of the judiciary, as well as on the ability of the legal system to defend the right of patentees to use – and exclude others for using – their property.

não residentes passaram a ser tratados em pé de igualdade com os inovadores locais. No final do século XIX, as leis sobre inovação no mundo todo passaram a convergir para o sistema americano (KAHN, 1995, p. 62-63; 2004, p. 10-11).

Agora, como foi comentado acima, de nada adianta um sistema moderno de registro de patentes se o judiciário não faz cumprir regras rígidas, que sejam direcionadas ao incentivo econômico dos inovadores. Mas, nesse particular, mesmo antes da edição da lei que modernizou o sistema em 1836, é perceptível a posição pró-incentivo e antiincerteza dos juízes americanos. Num caso emblemático, *Withney et al. vs. Emmett et al.* (1831), o ministro da Suprema Corte Baldwin contrastava a posição sobre os direitos de patente nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. KAHN (2004, p. 12) resume as palavras do juiz:

Os tribunais ingleses, ele [Baldwin] apontou, interpretavam a concessão de patentes como uma exceção privilegiada do banimento generalizado de monopólios. Afora esta razão, o judiciário tinha total discricionariedade para interpretar e decidir os fins que iriam promover o bem-estar público. As patentes eram vistas como um *trade-off*, uma barganha entre o inventor e o público, com um resultado negociável. Em contraste, nos Estados Unidos o patenteador não era reconhecido como um monopolista em si mesmo, e os juízes tinham pouca discricionariedade que não fosse preencher completamente a intenção da Constituição.⁷⁰

A doutrina que pautou, durante a maior parte do século XIX, os tribunais encarregados de julgar os casos de litígios entre patentes era a idéia de direito natural de Locke. Mais do que garantir o bem-estar social, e admitindo que esse bem estar está intimamente associado com a segurança do inovador em reter os

⁷⁰ English courts, he pointed out, interpreted the patent grant as a privileged exception from the general ban of monopolies. Apart this proviso, the judiciary had total discretion in interpreting and deciding the ends that would promote public welfare. The patent was seen as a trade-off, a bargain between the inventor and the public with a negotiable outcome. In contrast, in the United States the patentee was not recognized as monopolist *per se*, and judges had little discretion other than fulfill the explicit intention of constitution.

ganhos de seu trabalho inventivo, os tribunais procuravam decidir sempre em prol do primeiro e verdadeiro inventor. Juízes como John Marshall, Roger Taney e Joseph Story chegaram a especializar-se em determinar a novidade e a temporalidade da invenção primeira (KAHN, 1995, p. 92). A conclusão geral é que, tomado como parâmetro de qualidade de julgamento, a decisão favorável a conferir incentivos econômicos à atividade inovativa, as leis e, principalmente a orientação do judiciário americano não faltaram nesse sentido.

Um último e não por isso menos importante assunto, que diz respeito ao judiciário americano, é a que concerne a regulação de monopólios e os direitos de consumo. O mais interessante a respeito desse assunto, que parece ser um dos mais destacados na historiografia da Era Progressiva, é a constatação de um artigo, tornado clássico, de Gary LIBECAP (1992), no qual ele atribui ao movimento agrário a pressão sobre o governo para o estabelecimento tanto do famosíssimo *Sherman Act*, de 1890, como do *Pure Food and Drug Act*, do mesmo ano. A primeira, uma lei antitruste, derivou da situação dos pecuaristas e agricultores que enfrentavam cada vez mais o poder de monopsonio de grandes empresas, que aproveitaram o surgimento de novas formas de conservação e dos mais baixos custos de transporte para dominar um mercado de âmbito nacional. Duas companhias destacaram-se nesse sentido, a *Armour and Morris* e a *Swift*, duas gigantes que foram símbolos da integração vertical típica de fins do século XIX. Já o *Pure Food and Drug Act* foi levado à sanção presidencial em resposta às reclamações dos pequenos frigoríficos locais, que levantavam suspeitas sobre a carne refrigerada, além das supostas más condições das grandes linhas de “desmontagem”, pelas quais passavam os bois abatidos que se destinavam a abastecer os mercados nacionais dominados pelos oligopólios.

Todavia, em forte diferença com as leis de patentes, as leis antitruste receberam pouco reforço na sua execução por parte do judiciário. Num primeiro famoso caso, que dizia respeito a um truste de açúcar, *United States vs. Knight Company*, o advogado-geral, responsável por iniciar os processos sob a tutela do *Sherman Act*, perdeu o caso sob a alegação dos juízes de que a lei só dizia respeito a coibição dos monopólios no comércio interestadual. E, nesse caso, a empresa era manufatureira, pois refinadora de açúcar, não comerciante. Outros

casos parecidos, envolvendo trustes de fabricantes de sapatos e a empresa de Andrew Carnegie tiveram o mesmo fim. Mesmo o estabelecimento da *Federal Trade Commission*, sob o *Clayton Act*, não vingou sobre as decisões judiciais quase completamente pró-trustes. No caso da lei de consumo, foram os poucos recursos destinados à fiscalização que coibiram sua execução, pelo menos nos primeiros dez anos (WALTON, ROCKOFF, 2005, p. 342-345, p. 400-402).

1.3.4. O Protecionismo

Assim como a educação, outra instituição encontra nos Estados Unidos uma evolução notável: a proteção à indústria nascente; muito embora, evidentemente, ela não goze do mesmo consenso entre os economistas como mecanismo indutor do desenvolvimento. CHANG (2004, p. 48) comenta essa singularidade americana: “Como assinalou List, a Grã-Bretanha foi o primeiro país a lançar com sucesso uma estratégia de fomento à indústria nascente. Mas é bem provável que seu mais ardente usuário tenha sido os EUA – o eminente historiador Paul Bairoch (...) certa vez os definiu como ‘a pátria-mãe e o baluarte do protecionismo moderno’.”⁷¹ Foram Daniel Raymond e o *founding father* Alexander Hamilton que idealizaram o sistema protecionista americano, Friedrich List (1789-1846), visto por muitos como o precursor da teoria da proteção à indústria nascente, entrou em contato com as políticas protecionistas durante seu período nos Estados Unidos.⁷² Sobre essa enriquecedora experiência diz o economista, em sua mais famosa obra:

⁷¹ O trabalho citado por CHANG (2004) é: BAIROCH, P. *Economics and World History – Myths and Paradoxes*. Brighton: Weatsheaf, 1993.

⁷² O *Reports of the Secretary of the Treasury on the Subject of Manufactures*, publicado em 1791, por Hamilton, foi o iniciador de uma longa tradição de pensamento econômico protecionista nos Estados Unidos. Alguns pesquisadores creditam a ele a cunhagem da expressão “indústria nascente”. O contemporâneo de Hamilton, Daniel Raymond, um defensor das idéias do secretário do tesouro, era o economista mais influente na América do Norte de sua época (CHANG, 2004, passim). As posições de Hamilton serão analisadas em detalhe no próximo capítulo.

Para os nossos objetivos, a história do comércio e da indústria na América do Norte é mais instrutiva do que qualquer outra possa sê-lo, pois aqui o curso do desenvolvimento decorre com rapidez, os períodos de vigência do livre comércio e do regime protecionista se sucedem um ao outro quase sem intervalo, suas conseqüências se definem e destacam claramente e com perfeita nitidez, e também porque todo o mecanismo da indústria nacional e da Administração do Estado se movimenta sem segredo algum perante os olhares do espectador (LIST, 1983, p. 73).

CHANG (2004, p. 110) é o autor de uma das mais extensas pesquisas modernas sobre o protecionismo na economia mundial, principalmente no que concerne aos países atualmente desenvolvidos. Um comentário seu sobre os Estados Unidos merece uma citação:

Durante mais de um século (1816-1945) o governo americano pôs essa lógica [do protecionismo] em prática com mais diligência do que qualquer outro. Nesse período, o país teve uma das taxas tarifárias médias de importação de manufaturados mais elevadas do mundo. Dado que, pelo menos até a década de 1870 o país contou com um grau extremamente alto de proteção “natural”, em razão dos elevados custos de transporte, não é insensato dizer que, durante o *catching up* industrial, as fábricas norte-americanas foram as mais protegidas do mundo. O político independente e populista ultraconservador Pat Buchanan não deixa de ter uma parcela de razão quando afirma que o livre comércio é “desamericano”.

Em que pese a tradição americana de um protecionismo exacerbado – evidentemente com altos e baixos – a discussão sobre as conseqüências das políticas dessa estirpe para o desenvolvimento econômico suscita, talvez, as maiores paixões e acaloradas discussões da historiografia econômica americana. Pesquisadores como Gary WALTON e Hugh ROCKOFF (2005, p. 407) traduzem uma das linhas de pensamento ao afirmarem que:

O problema com o argumento da indústria nascente, revelada na longa história de proteção tarifária depois da Guerra Civil, é que os “nascentes” nunca crescem. Como demonstraram Bennett Baack e Edward Ray, a estrutura das tarifas e dos níveis subsequentes de proteção ao longo do século XIX foram largamente explicados pela busca de lucros de grupos interessados e bem estabelecidos, ao invés de uma determinação científica de quais [as indústrias] nascentes precisavam de proteção baseados nos custos e benefícios para a economia como um todo.⁷³

Os mesmos autores argumentam a favor do livre comércio baseados no período anterior à Guerra Civil, mais especificamente a década e meia que a antecedeu. Para WALTON e ROCKOFF (2004, p. 199, 406), a grande prosperidade observada durante um período de proteção moderada – comparativamente com a primeira metade do século XIX e os anos após o conflito secessionista – serve de exemplo da inocuidade das medidas protecionistas tarifárias. Embora admitam, assim como fazem Douglas IRWIN e Peter TEMIN (2001, p. 794-795), que especificamente para o setor de manufaturas de algodão e, para o intervalo de tempo desde a independência até a década de 1830, a proteção tarifária tenha sido fundamental. Para o período que se seguiu, dois estudos trazem soluções diametralmente opostas para a importância das tarifas na indústria de manufaturas de algodão. Enquanto IRWIN e TEMIN (2001) concluem pela não importância da proteção, Knick HARLEY (1992, 2001) chega à conclusão inversa.

É justamente nessa análise periodizada, setorizada, que a historiografia econômica norte-americana fornece argumentos para os dois lados do debate. Por exemplo, CHANG (2004, p. 53) rebate que se o protecionismo dos quinze

⁷³ The problem with the infant-industry argument, revealed in the long history of tariff protection after the Civil War, is that the “infants” never grow up. As Bennett Baack and Edward Ray have shown, the structure of tariffs and subsequent levels of protection throughout the late nineteenth century were explained largely by the profit motives of established special interest groups rather than by a scientific determination of which infants needed protection based on costs and benefits to the economy as a whole.

anos anteriores à guerra civil pode ser dito moderado, isso só pode ser afirmado com base nos padrões americanos, já que relativamente à Europa, as tarifas dos Estados Unidos devem ser vistas como bastante elevadas. Além disso, o alto custo de transporte, o qual prevaleceu até, pelo menos, 1870, fez da proteção moderada uma barreira bem mais alta do que a prevalecente entre as nações européias.

Existem duas maneiras pelas quais o protecionismo americano pode ser periodizado a partir da literatura historiográfica. A primeira, mais simples, coloca em evidência os custos de transporte. Como foi dito acima, até 1870, todas as medidas protecionistas dos Estados Unidos devem ser vistas como mais anticomerciais do que as praticadas pelos europeus, pois se somavam às tarifas médias aqueles custos de natureza locacional. A segunda forma de periodizar o protecionismo envolve a análise dos altos e baixos da política tarifária, em boa parte motivada pelos diferentes interesses setoriais, principalmente pelo contraste entre o sul agrário e o norte que se tornava cada vez mais industrializado.

Num primeiro momento, logo após a independência, a política tarifária permaneceu na mão dos estados. As propostas feitas até 1789 de federalizar as tarifas de importação fracassaram, isso como reflexo dessa oposição norte-sul. Em 1789, a primeira tarifa de âmbito nacional foi tímida, pois com pouquíssimas exceções os bens importados foram linearmente taxados em apenas cinco por cento. A guerra com a Inglaterra, iniciada em 1812, exigiu o aumento das tarifas, as quais foram destinadas ao financiamento do conflito. É a partir dessa época que os Estados Unidos podem ser vistos como aquele “baluarte do protecionismo”, como disse Paul Bairoch. Finda a guerra, as tarifas foram mantidas, e algumas até elevadas, levando o novo país norte-americano ao segundo lugar entre as tarifas médias mais altas do mundo – perdiam apenas para a sua pátria mãe.⁷⁴ Depois de várias tentativas fracassadas de elevação das tarifas, em 1828 foi aprovada a famosa *Tariff of Abominations*, que não precisa

⁷⁴ As tarifas médias nos Estados Unidos giravam em torno de 35-45%, enquanto na Grã-Bretanha esse valor era pelo menos dez pontos percentuais maior. No entanto, é preciso considerar que as restrições ao comércio em países como a Áustria, a França, a Espanha e a Suécia eram tão discriminatórias que as tarifas médias não são significativas na determinação do protecionismo.

mais do que seu próprio nome para definir-se. É a partir daí que os Estados Unidos passam a ser a nação mais protecionista do mundo, e isso apenas levando em conta o nível tarifário. O pico atingido pela *Tariff of Abominations* só encontraria novo paralelo depois da Grande Depressão dos anos 1930. Como percentagem do valor das importações, essa tarifa chegou a significar 65%. O impacto desse aumento importantíssimo sobre as expectativas sulistas de que as tarifas pudessem ser negociadas, levou àquilo que ficou conhecido como a *nullification crisis*. O estado da Carolina do Sul, liderado por seu legislativo, recusou-se a acatar as tarifas ditadas por Washington. Apenas em 1833, com uma redução tarifária geral que diminuiu a percentagem do valor das importações que constituíam-se de tarifas para 40%, foi solucionada a secessão comercial do estado rebelde. Os anos posteriores a essa crise, com a breve exceção de uma tarifa aprovada em 1842 pelo presidente *Whig* John Tyler, foram de redução paulatina dos níveis de proteção. Este período de proteção “moderada” teve como marco a Tarifa Walker, de 1846 (CHANG, 2004, p. 36, 50-52; WALTON, ROCKOFF, 2005, p. 196-197).

Com o estouro do conflito interno dos anos 1860, em grande parte motivado pelos interesses opostos dos setores econômicos separados geograficamente, as tarifas voltaram a subir,⁷⁵ motivadas pela necessidade da União de recursos para a guerra. As tarifas que vigoraram entre 1862 e 1864 elevaram sua média a cerca de 50% do valor importado à época. Sem dúvida, nos últimos anos do século XIX, o protecionismo americano entra em grande aferro com o que estava ocorrendo na Europa. Em 1875, a tarifa média na Grã-Bretanha era zero, e os europeus mais protecionistas eram a Áustria, a Rússia, a Dinamarca e a Espanha, que tinham tarifas médias em torno de 15-20%. As tarifas americanas em 1875 eram em média de 40-50%. A primeira queda substancial das tarifas norte-americanas, depois desse período extremamente protecionista, ocorreu em 1913, com a tarifa Underwood, a qual pela primeira vez

⁷⁵ Não se pode omitir, ainda que seja fato conhecido quase de forma ubíqua, a posição de Lincoln a respeito da escravidão. Ele dizia que se a escravidão tivesse que ser mantida para manter a União, ele não hesitaria em mantê-la. Assim, é possível inferir a grande proporção que a oposição entre os interesses econômicos tiveram no desencadeamento da guerra civil. É necessário notar que durante sua campanha Lincoln foi explicitamente protecionista, fato destacado pelo conteúdo do 12º ponto de seu programa de governo.

colocou uma grande lista de bens entre aqueles de entrada livre. A partir da tarifa Underwood até a década de 1920, os Estados Unidos tiveram a queda mais expressiva do mundo em termos da taxação de importações. Mesmo assim, durante esse período os norte-americanos só perderiam em níveis tarifários para os russos. Na década de 1920, duas elevações importantes trouxeram as tarifas novamente aos padrões antigos. A Tarifa Ford-McCumber, de 1922, e a célebre “mais notória e expressiva estupidez anticomércio”, a tarifa Smooth-Hawley, de 1930.^{76/77}

1.3.5. As Instituições Políticas

A literatura econômica sugere que a existência de direitos políticos mais bem distribuídos seja um fator importante para o desenvolvimento, embora também grife a necessidade de uma sociedade mais economicamente homogênea para o pleno desenvolvimento das regras eleitorais democráticas. Kenneth SOKOLOFF (2001, p. 2) cita algumas das possíveis vantagens derivadas da maior liberdade o sufrágio:

Uma extensão do poder político para além de uma elite, em direção a um espectro maior da população pode, por exemplo, levar a um maior investimento em infra-estrutura e em outros bens e serviços públicos que conduzem ao crescimento (como escolaridade), a uma redução nos níveis de corrupção, à maior participação da população nas atividades

⁷⁶ A expressão para definir a tarifa Smooth-Hawley é do famoso pensador econômico Bhagwati, citado por CHANG (2004, p. 57). BHAGWATI, J. *Protectionism*. Cambridge: the MIT Press, 1985.

⁷⁷ Os dados para as tarifas como percentagem do valor das importações são os colhidos por WALTON e ROCKOFF (2005, p. 197), com base em informações do Departamento de Comércio dos Estados Unidos. Os dados das tarifas médias, que são ponderadas pelas importâncias relativas de cada bem importado e taxado, são de Paul BAIROCH (apud CHANG, 2004, p. 36, passim).

comerciais e econômicas de um modo geral, e talvez, à maior competição na economia.⁷⁸

Ao contrário do crescimento da educação, visto pelo ângulo da abolição das *rate bills*, acontecida de início na Nova Inglaterra, o sufrágio foi estendido para todos os homens brancos primeiramente nos estados novos que entravam na federação.⁷⁹ Todas as treze colônias mantinham algum critério de qualificação para o voto branco masculino no tempo da independência. As exigências eram basicamente de dois tipos. A primeira, mais restritiva, era a exigência de um mínimo de propriedade, em geral imóvel. Em segundo lugar, apenas New Hampshire, a Pennsylvania e a Carolina do Sul exigiam um mínimo de pagamento de impostos; uma qualificação, via de regra, menos limitante. A tabela 2 demonstra os dados para as qualificações, sua transformação e abolição.

TABELA 2 – SÍNTESE DAS QUALIFICAÇÕES ECONÔMICAS EXIGIDAS PARA O VOTO DE HOMENS BRANCOS.

Estados	Qualificações em 1787 ou no ano de entrada	Ano da abolição das qualificações ou da transformação
<u>As treze colônias</u>		

⁷⁸ An extension of political power beyond an elite to a broad spectrum of the population might, for example, be expected to lead to greater investment in infrastructure and other public goods and services conducive to growth (such as schooling), a reduction in levels of corruption, a wider participation of the population in commercial activity and economic matters generally, and perhaps more competition throughout the economy.

⁷⁹ Essa afirmação, feita por SOKOLOFF (2000, p. 9), deve ser qualificada pelo fato de que nos antigos estados, ou seja, nas treze colônias originais, já existiam movimentos relevantes em prol do sufrágio para todos homens brancos. As idéias foram formuladas e defendidas avidamente por ideólogos dos antigos estados, mas foram muito mais facilmente implantadas nos estados que entravam na federação depois das treze colônias. Sobre os movimentos pró-sufrágio ver HOFSTADTER, MILLER e AARON (1967, p. 262-263).

New Hampshire	Impostos	1792
Massachusetts	Propriedade	1821(prop.)-1860(imp.)
Rhode Island	Propriedade	1842(prop.)-1860(imp.)
Connecticut	Propriedade	1818(prop.)-1845(imp.)
New York	Propriedade	1821(prop.)-1826(imp.)
New Jersey	Propriedade	1807(prop.)-1844(imp.)
Pennsylvania	Impostos	1860
Delaware	Propriedade	1792(prop.)-1860(imp.)
Maryland	Propriedade	1802
Virginia	Propriedade	1850
Carolina do Norte	Propriedade	1856(prop.)-1860(imp.)
Carolina do Sul	Impostos	1810
Geórgia	Propriedade	1789(prop.)-1798(imp.)
<u>Novos Estados</u>	(ano de entrada na União)	
Vermont	Nenhuma (1791)	
Kentucky	Nenhuma(1792)	
Tennessee	Nenhuma(1796)	
Ohio	Impostos(1803)	
Louisiana	Impostos(1812)	
Indiana	Nenhuma(1816)	

Mississippi	Impostos(1817)
Illinois	Nenhuma(1818)
Maine	Nenhuma(1819)
Alabama	Nenhuma(1819)
Missouri	Nenhuma(1820)

FONTE: PORTER, 1918; WILLIAMSON, 1960; KEYSSAR, 2000. apud SOKOLOFF, 2001⁸⁰.

É possível que os estados mais novos tenham garantido a participação mais ampla em eleições como parte do “pacote” para atrair mão-de-obra das antigas colônias, pois a falta de trabalhadores e, em consequência a alta produtividade relativa desse fator, era uma das características dos Estados Unidos do período anterior à imigração da segunda metade do século XIX. O segundo fator influente na permissão para o voto nos estados mais jovens era a maior homogeneidade da população, na maioria pequenos fazendeiros. Essa população homogênea era especialmente observável no Meio-Oeste (SOKOLOFF, 2001, p. 10-11).

Nos estados mais antigos, foram crescentes os protestos, levados a cabo principalmente por políticos da era de Jackson,⁸¹ que promoveram a lenta e gradual abolição das exigências eleitorais, em especial transformando-as em qualificações fiscais. Em Rhode Island, um dos estados mais conservadores do século XIX, que até 1843 funcionava ainda sobre a carta colonial de 1663,

⁸⁰ PORTER, K. *A History of Suffrage in the United States*. Chicago, 1918.

WILLIAMSON, C. *American Suffrage: from property to democracy: 1760-1860*. Princeton: 1960.

KEYSSAR, A. *The Right to Vote: the contested history of democracy in the United States*. New York:2000.

⁸¹ A chamada “Era de Jackson” será analisada em maior detalhe adiante.

ocorreu um conflito marcante, antes da queda da propriedade como exigência para o voto. Os partidários de Thomas Dorr chegaram a criar um governo paralelo no estado, quando a nova constituição que fora referendada por boa parte da população foi rejeitada em 1841. O governo legal teve que convocar sua milícia para acabar com o governo paralelo e prender os líderes. No entanto, sobre forte pressão popular, Thomas Dorr e seus companheiros foram soltos em 1844, pouco depois de o governo aceitar a nova constituição, promulgada definitivamente em 1843 (HOFSTADER, MILLER, AARON, 1967, p. 264). A visão aceita, contestada por poucos historiadores,⁸² é de que na Era de Jackson os Estados Unidos tornaram-se o país mais democrático entre as grandes nações industriais do século XIX. SOKOLOFF (2000, p 19) assinala: “Qualquer que fosse o alcance do franqueamento [eleitoral], os Estados Unidos tinham uma das maiores, senão a maior, proporção da população votando no mundo em meados do século XIX.”⁸³

A Era de Jackson, estudada no capítulo que se segue, aparentou uma virada na política americana que estava deixando de ser tão conservadora, o que fora desde a promulgação da Constituição. Franquear os votos à maioria da população, ainda que no século XIX população quisesse dizer “homens brancos”, foi realmente uma inovação salutar. O capítulo que se segue encontra esta história na medida em que mostra um embate entre as idéias conservadoras, elitistas, e as mais progressistas, reformistas.

⁸² Um dos trabalhos com essa orientação é o de McCORMICK, R. *New Perspectives on Jacksonian Politics*. *American Historical Review*, v. 65, 1960, 288:301.

⁸³ Whatever the distribution of responsibility, the U.S. had amongst the highest, if not the highest, proportion of the population voting in the world by the middle of the nineteenth century.

2. AS DUAS TRINCHEIRAS DA VIDA INTELECTUAL E POLÍTICA NORTE-AMERICANA

Provavelmente, Thorstein Veblen é o economista heterodoxo americano mais discutido na literatura propriamente de História do Pensamento Econômico, bem como na história geral da intelectualidade norte-americana. Já nas pesquisas dedicadas predominantemente ao seu pensamento, como notou Rick TILMAN (2007, p. xii), num dos mais recentes trabalhos dessa área, duas tendências dividem-se temporalmente e, quiçá, em consequência disso mesmo, em termos de conteúdo. Nos trabalhos mais antigos, dentre os quais se incluem a mais famosa biografia do economista, escrita por Joseph DORFMAN (1947) - publicada originalmente em 1934 - e a discussão filosoficamente informada de Stanley DAUGERT (1950 apud TILMAN, 2007, p. xii), menos atenção foi dada a propósito do método evolucionário, tema caro à maioria dos *scholars* veblenianos atuais. O escopo daqueles voltava-se para o cenário intelectual e sócio-econômico dos anos que precederam o lançamento de *A Teoria da Classe Ociosa* (1899), bem assim em relação aos seus contemporâneos, principalmente os compatriotas do excêntrico pensador. Disso mesmo é prova o título do trabalho de Dorfman, *Thorstein Veblen and his America*, obra prodigamente recheada de páginas sobre os intelectuais dos Estados Unidos que impressionaram o nórdico-americano. Essa tendência, infelizmente esquecida, com exceção do tratamento bastante sinótico do livro de Louis PATSOURAS (2004), não pode ser deixada ao largo, pois essa tese se propôs a um tratamento contextualizado de Veblen. Nessa esteira, é imprescindível a recuperação das origens intelectuais de alguns pensadores e idéias que estavam em voga na América do Norte, tanto antes, como propriamente na época vebleniana.

Isso explicado, a forma de tratamento adotada nesse capítulo segue uma abordagem simples, didática e, especialmente, importante para a interpretação contextualizada da economia vebleniana no capítulo seguinte. Em que pese a impossibilidade de alinhar simetricamente filosofias, sistemas de teoria social,

sugestões e políticas sócio-econômicas, optou-se por dividir a presente seção entre duas trincheiras de idéias: as conservadoras e as reformistas. Uma diáde com importância capital para a historiografia norte-americana.

Adicione-se a isso o fato de que, na época na qual Veblen viveu, parecia para os daqueles idos que a oposição entre conservadores e reformistas nunca havia sido tão radical. De um lado estavam aqueles propositores de mudanças no *status quo*, formas de reforma do sistema social norte-americano, que tocavam desde transformações gerais e utópicas até as extremamente pontuais, como, por exemplo, a que dizia respeito às tarifas praticadas pelas ferrovias. Joseph DORFMAN (1949, p. xi), nessa linha de raciocínio, reunia alguns deles: “[Os reformadores] formavam uma miscelânea de reguladores de lotes de estrada de ferro, anti-monopolistas, reformistas tarifários e monetários, agitadores anti-tarifários, socialistas cristãos, críticos dos bancos, líderes sindicais, ativistas da reforma agrária, e alguns economistas.”⁸⁴ Já, postados diametralmente a estes últimos estavam os partidários da tradição conservadora, que de acordo com o *site* da NEW SCHOOL FOR SOCIAL RESEARCH (2008) podem ser agrupados, não sem certa dose de elasticidade, sob o nome de *apologistas*. Diz o texto da página eletrônica desta escola de economia:

“Apologistas Americanos” é o único termo que conseguimos cunhar para descrever os economistas e cientistas sociais arquiconservadores do final do século XIX e início do século XX. Embora tenha havido, anteriormente, economistas americanos de reputação considerável, tais como Henry C. Carey e Daniel Raymond, uma economia americana propriamente dita surgiu somente em 1870 com o trabalho de Francis. A. Walker. Ao longo dos quarenta anos que se seguiram, ou quase isso, o cenário americano foi dominado por uma “ortodoxia” que seguiu os passos de Walker. Esta ortodoxia era deveras frouxa no plano teórico, hesitando entre a teoria

⁸⁴ [The reformers] were a miscellaneous lot-railroad regulators, anti-monopolists, conservationists, tax reformers, monetary reformers, anti-tariff-agitators, Christian Socialists, bank critics, labor leaders, agrarian crusaders, and some economists.

econômica Clássica e Neoclássica. Foi no trabalho aplicado e na instância política que eles se destacaram mais nitidamente.⁸⁵

Eram os propagandistas das virtudes do grande capital, da gratidão que os norte-americanos deviam a empresários como Vanderbilt, Rockefeller e Carnegie. Eram os porta-vozes de uma classe que na afluência da sociedade americana se tornariam os proprietários absenteístas, alvos prediletos das mordazes críticas de Veblen.

Entretanto, mesmo levando-se em consideração que no final do século XIX e começo do XX os conservadores e reformistas travavam a batalha da qual o trabalho de Veblen fez parte, é impossível não passar em revista as origens dessa oposição, em boa medida nascida dos eventos concomitantes à revolução da independência e ao surgimento dos Estados Unidos.

2.1. ANTES DO TERREMOTO DA GUERRA CIVIL

Embora Thorstein Veblen não se encaixe facilmente em nenhum dos tantos rótulos dados para os reformistas do *postbellum*, ele sem dúvida é um homem de seu tempo. E, mais do que isso, ele é um norte-americano, mesmo levando-se em consideração toda a sua infância passada entre imigrantes das mesmas origens

⁸⁵ The "American Apologists" is the only term we could come up to describe late 19th Century and early 20th Century American arch-conservative economists and social scientists. Although there had been earlier American economists of considerable reputation, such as Henry C. Carey and Daniel Raymond, a distinctive American economics only really came into "being" in the 1870s with the work of Francis A. Walker. For the next forty years or so, the American economics scene was dominated by an "orthodoxy" which followed on the heels of Walker. This orthodoxy was rather theoretically loose, hovering between Classical and Neoclassical economic theory. It was in their applied work and policy stance that they distinguished themselves most clearly.

de seus pais. Aliás, a concepção de construção de teoria social da qual parte essa Tese coloca força na idéia de que as diferentes vertentes de Economia Política são, em muito, resultados do ambiente social no qual foram geradas. Por isso, este texto não se propõe, em nenhuma de suas passagens, deixar Veblen e seu pensamento escaparem de tal perspectiva.

Apesar disso, é importante, como supra comentado, discutir as idéias de antes da guerra civil, pois muito do que sustentavam conservadores e reformistas do período em que Veblen viveu deitou raízes já desde a formação dos Estados Unidos. Dentro desse raciocínio, a extensa discussão abaixo revelará sua utilidade quando se resgatarem as idéias de Veblen como parte de um longo debate, do qual as origens remontam à formação dos Estados Unidos como nação independente.

2.1.1. Nasce a Dicotomia Política Norte-Americana: Federalistas e Jeffersonianos.

É muito comum acentuar-se o caráter conservador da Revolução da Independência Americana, principalmente se ela for contrastada com a sua irmã francesa. A celebrada interpretação de Barbara TUCHMAN (2003), sem dúvida, em algo corrobora essa tese. Ela sugere que foram as atitudes inglesas, tomadas numa inferência tendente a aumentar os ânimos separatistas, as grandes responsáveis pela guerra que se seguiu e a conseqüente perda do território colonial. Nesse sentido, as tentativas de aumentos de tributação sobre as colônias norte-americanas foram uma das primeiras políticas britânicas a insuflar, significativamente, o clima hostil entre os americanos e ingleses. TUCHMAN (2003, p.134) comenta:

Desde que se não faziam representar no Parlamento [sic], os *coloniais* baseavam-se no princípio de direito válido para o cidadão inglês, segundo o qual só os representantes podiam tributar os representados, permanecendo subjacente a reação universal a qualquer novo tributo: 'nós

não pagaremos'. *Embora reconhecendo obediência à Coroa*, os coloniais consideravam-se independentes do Parlamento, com suas assembleias regionais em igualdade de condições.⁸⁶

Nesse breve trecho, e ao longo de outras partes do texto, a historiadora deixa clara sua interpretação: os americanos defendiam em primeiro lugar seus interesses econômicos, ou seja, a intenção primordial não era separar-se dos britânicos porque o sistema de governo dos ingleses era monárquico. E, mesmo que alguns queiram imputar à trajetória colonial americana uma tendência inexorável à separação da Grã-Bretanha, qualificação muitas vezes justa, ainda assim, é necessário admitir que a revolução norte-americana nem de longe foi geradora de efeitos tão radicalmente transformadores como sua contraparte francesa, ocorrida apenas alguns anos mais tarde. Jay Adrian SIGLER (1972), numa análise da formação do pensamento conservador nos Estados Unidos, repisa essa oposição entre as duas revoluções de fins do século XVIII. No escrito de SIGLER (1972, p. 18-19):

A Revolução Norte-Americana foi, em certa medida, um acontecimento conservador. Sendo primordialmente uma guerra pela independência de posição colonial, a Revolução Norte-Americana foi também menos drástica em seus efeitos sociais do que seria a Revolução Francesa alguns anos mais tarde. As mudanças causadas pela Revolução Francesa atingiram a ordem interna da própria sociedade; distinções sociais e de classe foram eliminadas. A Revolução Norte-Americana foi menos perturbadora para as relações comuns entre os homens. A sociedade propriamente dita não foi muito alterada. (...)

Comparada com movimentos revolucionários posteriores, a Revolução Norte-Americana foi relativamente livre de lemas ideológicos demagógicos capazes de excitar a plebe. A exigência de autogoverno não incluía apelos em favor de nivelção radical. (...)

⁸⁶ Grifos nossos.

Em um espectro de revolução, a Revolução Norte-Americana foi relativamente conservadora. Seus objetivos eram limitados e foram atingidos logo após a retirada das tropas britânicas.

Nessa mesma linha de se estabelecer um estilo conservador para a independência norte-americana, vai o breve argumento de Merle CURTI (1964, p. 113), que ao analisar a penetração das idéias mais arrojadas dos franceses nos Estados Unidos na segunda metade do século XVIII, percebeu que, de fato, teses como as do advogado revolucionário de Boston James Otis (1725-1783), partidário da teoria iluminista dos direitos naturais, foram apenas utilizadas pelos revoltosos como último recurso. Assim sendo, mesmo admitindo que idéias radicais para a época, como eram as idéias antimonarquistas francesas, foram base para as provocações separatistas, elas teriam sido usadas apenas como saída final. No texto de CURTI (1964, p. 113) aduz-se: “Antes de recorrer a seus direitos enquanto britânicos, eles recorriam a seus privilégios coloniais e por último à sua concepção de uma federação imperial de territórios com governo auto-suficiente.”⁸⁷ Todavia, as idéias de independência e o esforço de guerra dominaram o cenário norte-americano nos anos imediatamente seguintes à Declaração da Independência. Houve poucas e pontuais discordâncias entre os mais influentes políticos e intelectuais da época. George Washington (1732-1799) mesmo denominava os partidários de umas e outras idéias de *facções*, mas reconheceu a unidade entre as facções em torno da expulsão dos colonizadores como a tônica dos líderes do movimento insurrecional. BLUM et al. (1963, p. 147) detalha essa característica de união dos políticos norte-americanos:

A palavra “facção” geralmente era usada para designar “partido” no século XVIII, e significava, de acordo com a própria definição de Madison, um grupo de homens que se organizava para buscar vantagens egoístas em detrimento da comunidade. Denúncias de facções ou partidos eram

⁸⁷ They appealed rather their rights as Englishmen, to their colonial charters, and finally to their conception of an imperial federation of self-governing dominions.

ingredientes obrigatórios em toda discussão sobre política no século XVIII, tão segura e repleta de truísmos quanto as denúncias de corrupção e os elogios quanto à honestidade.

Os partidos daquele tempo mereciam ser denunciados. Na Câmara dos Comuns, e em alguma medida nas assembleias coloniais, os políticos juntavam forças, de tempos em tempos, a fim de realizar assaltos legais ao tesouro público.⁸⁸

A partir disso, é notável a aceitação por parte dos mais conservadores de um documento como a Declaração da Independência. Thomas Jefferson (1743-1826), o autor do rascunho básico do texto, trouxe noções iluministas para a declaração, visíveis de pronto, já na primeira verdade que se considerou evidente: “que todos os homens foram criados iguais”. Willy Paul ADAMS (1996, p. 25) é um dos intérpretes mais lúcidos da complacência dos conservadores elitistas com a Declaração da Independência. Diz ele que a necessidade premente de se afirmar contra os valores monárquicos britânicos permitiram a aceitação do tom iluminista do texto. Portanto, não é sem razão que essa declaração tenha se tornado mais tarde, aliás, pouco tempo mais tarde, quando da elaboração da Constituição Federal, o “lógico ponto de partida de toda a futura política reformista americana” (ADAMS, 1996, p. 26).

As origens da dicotomia americana devem ser rastreadas também nos outros documentos fundadores dos Estados Unidos – e nas discussões derivadas de suas construções. Foi preciso, então, logo depois da citada Declaração, dar uma forma mais acabada à legislação dos membros da coalizão antibritânica. Isso se tornou imperativo porque as antigas cartas reais, que criaram e disciplinaram

⁸⁸ “Faction” was the word generally used for party in the eighteenth century, and a faction meant, by Madison’s own definition, a group of men organized to procure selfish advantages at the expense of the community. Denunciation of factions or parties was a standard ingredient in every discussion of politics in the eighteenth century, as safe and platitudinous as denunciation of corruption and praise of honesty. The parties of the time deserved denunciation. In the British House of Commons, and to some degree in the colonial assemblies, politicians had joined forces from time to time in order to make legal raids on the public purse.

as colônias, não tinham mais validade. Dois estados, Rhode Island e Connecticut, simplesmente apagaram quaisquer referências ao rei de suas cartas e as aprovaram, na forma original, como constituições estaduais. Nos outros estados foram convocadas assembléias que seriam responsáveis por elaborar as cartas magnas. Em 1780, todos os estados haviam aprovado suas leis fundamentais. Afora as determinações que davam forma ao governo estadual - triparticionavam os poderes e os organizavam - as constituições estaduais incluíam as chamadas *Bills of Rights*, algo como um capítulo de garantias constitucionais negativas, isto é, vedavam, em alguns pontos, o poder do Estado, para garantir as liberdades individuais. Esses atos normativos traziam, assim como a Declaração da Independência, o claro traço iluminista. Baseavam-se na doutrina do “direito natural”, em outras palavras, considerava-se que existiam certos direitos inultrapassáveis dos indivíduos, em especial aqueles sobre os quais a coerção estatal representa uma ameaça. Essas garantias fundamentais tornaram as *Bills of Rights* muito populares, como notam HOFSTADTER, MILLER e AARON (1967, p. 159):

Logo após as constituições estaduais terem sido escritas, [o segundo] Congresso [Continental] as consolidou e imprimiu para distribuição geral, e várias edições foram solicitadas a fim de atender a demanda local e externa. A Declaração de Direitos, impondo a “lei superior” da natureza, da qual a própria lei suprema [a Constituição] derivava sua validade, suscitou grande interesse; e esse interesse resistiu ao teste do tempo. A declaração dos Direitos tem sido a parte mais duradoura das constituições...⁸⁹

Os temas centrais das *Bills of Rights* eram: o direito de adquirir, possuir e defender sua propriedade; liberdade de culto, discurso e reunião; fianças

⁸⁹ Soon after the new state constitutions were written, [the Second Continental] Congress had them collected and printed for general distribution, and numerous editions were required to meet the demand home and abroad. The Bills of Rights, setting forth the “higher law” of nature from which the supreme law itself derived its validity, aroused greatest interest; this interest has survived the test of time. The Bills of Rights have been the most enduring part of the constitutions...

moderadas e audiências céleres; julgamentos feitos através de júri; punições proporcionais aos crimes; proibição do uso de recursos públicos na manutenção de classes privilegiadas de cidadãos e, o que era o mais importante, servindo até de motivo para os reformistas que sucederam esse período de organização do novo país, o direito de que caso o governo entrasse em choque com a vontade do povo, a maioria teria o direito indubitável, inalienável e irrevogável de reformá-lo ou aboli-lo (HOFSTADTER, MILLER, AARON, 1967, p. 157). Novamente, é necessário assinalar que a aceitação de teses como essas, por parte dos conservadores, parece estranha. Entretanto, numa análise mais profunda, HOFSTADTER, MILLER, AARON (1967, p. 157) dizem que aos olhos conservadores as *Bills of Rights* se mostravam meras declarações gerais de direitos. Em nada uma norma que garantia a liberdade irrestrita de adquirir propriedade lhes pareceu uma ameaça. A ascensão social de outros não seria garantida apenas por uma declaração como essa. Mas, por outro lado, os reformistas utilizaram, por muito tempo, a linguagem liberal e anticoercitiva das *Bills of Rights* para levar adiante suas causas: concessões de terras em termos mais acessíveis; abolição da prisão por dívida; provisão de ensino universal e gratuito; proibição do financiamento público às religiões; livre expressão para a imprensa; liberalização das condições restritivas para ocupação de cargos públicos etc.

Outro documento fundamental também foi elaborado enquanto os estados estavam formulando e aprovando suas constituições. O Segundo Congresso Continental, órgão que reunia os representantes dos estados para deliberações conjuntas, mandou para cada um deles uma proposta dos chamados “Artigos da Confederação”, um esboço de Constituição federal, em sua maior parte desenhado por Benjamin Franklin (1706-1790). A ratificação definitiva desse documento teve que esperar até 1781, quando finalmente o estado da Virginia aderiu. Com os Artigos da Confederação, o Segundo Congresso Continental passava a ser formalmente o órgão supremo dos novos Estados Unidos da América. Os tais Artigos davam poderes fundamentais para a confederação que então se estabelecia, por exemplo, cunhar moeda e celebrar tratados internacionais, assim como decidir disputas entre os estados. Porém, além desses requisitos básicos de soberania, o poder dos membros da confederação

foi conservado ao máximo.⁹⁰ Um exemplo: os Artigos só poderiam ser emendados pela unanimidade dos estados e, cada estado tinha apenas um voto.

Nesse passo, é relevante ressaltar a disputa entre os que defendiam o poder local e os centralizadores, uma das matrizes primeiras da oposição entre reformistas e conservadores nos Estados Unidos. Esse é um fato histórico que fica muito claro no período de elaboração e ratificação da Constituição Federal, intervalo de tempo que foi chamado pelo historiador John Fiske (1842-1901) de “período crítico” (ADAMS, 1996, p. 35). Essa época antagonizou aqueles grupos que Jackson Turner Main⁹¹ (1921-2003) chamou de “cosmopolitas-comerciantes” - os mais conservadores e centralizadores – e os “localistas-agrírios” - defensores da manutenção de uma democracia mais larga, com o poder mais regionalmente distribuído (ADAMS, 1996, p.43-44).

A Constituição Federal americana foi o resultado da constatação da fraqueza dos Artigos da Confederação para solucionar ao menos dois problemas prementes: o estabelecimento de relações internacionais, especialmente com vistas ao comércio exterior e, o pagamento das dívidas da guerra de independência e do soldo dos militares envolvidos na contenda. HOFSTADER (1964, p. 175) resumiu: “O governo sob confederação possui duas falhas fatais. O congresso não possui nem o poder do tesouro e tampouco o poder da espada.”⁹²

Os estados, de maneira recorrente, recusavam-se a ajudar o Congresso Continental com recursos. Uma primeira tentativa, feita em 1781, solicitava aos estados autorização para cobrar 5% de imposto de importação sobre a maioria das mercadorias mais importantes da pauta de entrada, isso até a liquidação das

⁹⁰ A previsão legal que diferencia, em termos de teoria geral do estado, uma federação de uma confederação, é a concessão aos membros dessa última do direito de secessão (FERRAZ, 2006, p. 43).

⁹¹ Historiador, neto do famoso Frederick Jackson Turner (1861-1932). Escreveu um trabalho celebrado sobre o período formativo dos Estados Unidos: *The Antifederalists: critics of Constitution, 1781-1788*.

⁹² Government under Confederation had two fatal flaws. Congress had neither the power of the purse nor the power of the sword.

dívidas de guerra da confederação. De acordo com os Artigos da Confederação, este era um assunto que deveria ser decidido por unanimidade, e realmente o foi: os estados negaram ao Congresso o direito à cobrança. Até mesmo a dissolução do exército continental, vitorioso na guerra de independência, foi dificultada pela fraqueza do Congresso em impor cobranças aos estados para o financiamento de assuntos nacionais. Tendo solicitado aos estados, naquele mesmo ano de 1781, 8 milhões de dólares com este fito, em janeiro de 1784 o órgão central dos Estados Unidos havia recebido apenas 1,5 milhões. As dificuldades para a dissolução do exército começaram a provocar temores de um golpe de estado, uma vez que os oficiais recusavam-se a dispersar as tropas enquanto os pagamentos não fossem feitos. Esse problema só foi resolvido com um empréstimo dos Países Baixos, obtido durante o ano de 1784. Isso tudo, somado a uma balança comercial extremamente desfavorável, que em certo ponto de meados da década de 1780 chegou a atingir uma relação de 2:1, e ao maciço financiamento da guerra da independência através da emissão de títulos e papel-moeda, acabou dando surgimento à primeira crise econômica da jovem nação (1784-1788) (ADAMS, 1996, p. 36-38).

O que, com este cenário, já bastava para fazer emergir um sentimento de necessidade de reforço do governo central, tornou-se crítico quando estourou, em 1786, no estado de Massachusetts, a chamada Rebelião de Shays.⁹³ Os fazendeiros da parte mais deprimida do estado, o lado oeste, juntaram cerca de 2.000 milicianos para protestar junto ao Senado Estadual aristocrático contra as altas taxas cobradas pelos advogados e cortes e, ainda, contra os impostos elevados sobre as terras. A milícia legalista daquele estado esmagou facilmente a rebelião. No entanto, isso somente após os rebeldes quase tomarem o arsenal de Springfield, que estava desguarnecido pelo antigo exército continental, naquele momento já disperso. BLUM et al. (1963, p. 128) narram o sentimento derivado e o desfecho da soma dessas situações:

⁹³ Rebelião de Shays, pois liderada por Daniel Shays (1741?-1825), um veterano da Guerra de Independência. Encontra-se o nome deste personagem histórico como Shay, bem assim como Shays.

Ao ameaçar a Lei e a Ordem, a rebelião de Shay ameaçava a propriedade: o fechamento das cortes em Massachusetts impediu a execução de hipotecas e todos os processos de cobrança de débitos. (...) [isso] mesmo antes dos integrantes da rebelião de Shay dizerem que algo deveria ser feito com relação à destruição dos direitos de propriedade. Significaria zombar dos princípios nacionais, se os americanos, que tinham realizado uma revolução para defender a propriedade, destruíssem, eles mesmos, a propriedade através de um governo irresponsável.⁹⁴

Importante, também, são as palavras de George Washington sobre o período crítico e o estado de confusão dos Estados Unidos: “Que triunfo para nossos inimigos confirmar suas previsões! Que triunfo para os defensores do despotismo descobrir que nós somos incapazes de governar a nós mesmos, e que sistemas fundados na base da igual liberdade não passam de mera falácia!”⁹⁵ (WASHINGTON apud HOFSTADTER, MILLER, AARON, 1967, p. 171).

Depois dessa exaltação de ânimos, e cumprindo o combinado um ano antes na convenção de Annapolis, em Maryland, todos os estados, com exceção de Rhode Island, decidiram mandar delegados para a convenção a ser realizada a partir de maio de 1787 na Filadélfia. George Washington presidiu os trabalhos guardados em alto segredo, que duraram até setembro do mesmo ano.⁹⁶ A Constituição Federal que seria elaborada dali em diante seria um documento com

⁹⁴ By threatening Law and order, Shay's Rebellion threatened property: the closing of courts in Massachusetts had halted mortgage foreclosures and all suits for the collection of debts. (...) Even before Shay's Rebellion people were saying that something must be done account this undermining of property rights. It would be a mockery of the national purpose if Americans who had undertaken a revolution to defend property should themselves destroy property through irresponsible government.

⁹⁵ What a triumph for our enemies to verify their predictions! What a triumph for the advocates of despotism to find we are incapable of governing ourselves, and that systems founded on the basis of equal liberty are merely fallacious!

⁹⁶ Este é outro ponto no qual transparece o caráter mais aristocrático da convenção em torno da elaboração da Constituição. Na narrativa de HOFSTADTER (1964, p. 173), a decisão de manutenção dos trabalhos de forma sigilosa foi tomada com o intuito de afastar-se de eventuais pressões do “populacho”.

características muito mais conservadoras – o que se pode ler como aristocráticas - do que a Declaração da Independência e os Artigos da Confederação. Outro atributo que salta aos olhos sobre a Constituição Federal é a clara intenção de estabelecer os Estados Unidos como nação comercial, independente da Europa e, de preferência, com o comércio exterior superavitário. Nesse assunto, outra vez, assinala-se através do livro de Willy Paul ADAMS (1996, p. 38-39):

O movimento pela transformação do Congresso Continental em um governo federal com amplas atribuições foi estimulado por um setor da população que imaginava a futura América como um império comercial não subordinado às grandes potências européias. (...)

Transcorreu uma década antes de que os dirigentes políticos que aspiravam o desenvolvimento econômico de toda a nação e sua afirmação política frente às grandes potências européias pudessem impor sua concepção de um Estado Federal.⁹⁷

A Virginia de Thomas Jefferson tomou a dianteira e apresentou um projeto quase completo de Constituição Federal.⁹⁸ Nesse esboço, as atribuições do governo central extrapolavam em muito as que estavam concedidas ao Congresso Continental. Ela propunha um governo federal com o poder triparticionado, no mesmo modelo constituído nos estados. Foi, assim, em torno dessa proposta virginiana que os debates prosseguiram. Uma das características mais importantes das discussões foi a querela em torno do grau de democracia popular a ser esculpido no texto, em especial no que tangesse às escolhas dos

⁹⁷ El movimiento por la transformación del Congreso Continental em um gobierno federal com amplias atribuciones fue impulsado por um sector de la población que se imaginaba a la futura América como um império comercial que no estuviese subordinado a las grandes potencias europeas. (...)

Transcurrió una década antes de que pudieran imponer su concepción de um Estado federal aquellos dirigentes políticos que aspiraban al desarrollo económico de toda la nación y a su afirmación política frente a las grandes potencias europeas.

⁹⁸ Deve-se notar algo muito importante: Thomas Jefferson se encontrava ausente dos Estados Unidos à época. Estava em Paris, representando o Congresso Continental norte-americano.

ocupantes de cargos eletivos. O clima geral traduz-se nas palavras de HOFSTADTER, MILLER e AARON (1967, p. 173):

Os delegados tendiam a reconhecer que o povo deveria ter voz no governo. Porém, considerando o histórico das antigas repúblicas e cidades-estado italianas, assim como sua recente experiência, eles sabiam que o povo poderia debandar-se a seguir demagogos, tiranos e saqueadores de ricos. Portanto, o papel exercido pelo povo deveria ser limitado. Embora os delegados fossem eles próprios, em grande medida, proprietários que não confiavam na democracia, eles não cultivavam nenhuma ilusão a respeito da benevolência dos ricos, os quais saqueariam os pobres, caso tivessem a oportunidade.⁹⁹

Desse balanço nas opiniões acabou resultando, então, uma carta que se não era absolutamente aristocrática – elitista – no estabelecimento da forma de provisão dos cargos eletivos, regredia muito em relação aos ideais dos democratas mais exaltados. No entanto, pode-se dizer que houve um equilíbrio de opiniões mesmo, porque radicais como George Mason (1725-1792), um desconfiado total de qualquer poder centrado em um governo federal forte, foram tidos como obstrucionistas. Paralelamente, centralizadores extremos, como Alexander Hamilton (1755-1804), tiveram suas idéias praticamente desconsideradas. O saldo foi um executivo forte, que ainda seria reforçado pelo caráter imponente dos primeiros ocupantes do cargo. Um legislativo que se dividia em duas casas, a Câmara dos Representantes, constituída por parlamentares eleitos em proporção aos habitantes dos estados, e o Senado, no qual todos os estados teriam igual participação – algo que possibilitou o aceite por parte dos delegados dos estados menos populosos; pois esses, sob o temor da pequena

⁹⁹ The delegates generally acknowledged that the people must have a voice in the government. But they knew from the record of ancient republics and Italian city-states, as well from their own recent experience, that the people could be stampeded into following demagogues, tyrants, and plunderers of the rich. Hence, the people's role must be limited. Although the delegates were themselves largely men of property who distrusted democracy, they harbored no illusions about the benevolence of the rich, who they felt would plunder the poor if they could.

representação que uma casa só baseada no número de habitantes poderia ter para seus estados, quase abandonaram a convenção. Por fim, o judiciário estabeleceu-se sob o regime da vitaliciedade, dando extrema estabilidade para o poder secundário de controle. Dizia-se que os juízes eram membros do poder “*during good behavior*”.¹⁰⁰ Ainda, deve ser destacado o fato de que, mesmo com todo a ênfase sobre os direitos de propriedade e, portanto, contendo bastante influência dos proprietários mais abastados, a Constituição Federal não estabeleceu nenhum requisito censitário para a ocupação dos cargos eletivos, nem mesmo para o de presidente.

A ratificação da Constituição deveria ser decidida estado por estado, através de assembléias eleitas exclusivamente com essa finalidade. Foi a partir daí que os embates entre localistas e centralizadores se exacerbaram. Para ser ter uma idéia das dificuldades, dois estados, Rhode Island e a Carolina do Norte, ratificaram a Constituição somente após o governo de George Washington já estar operando, o primeiro estado o fez por último, já no ano de 1790. Durante estas acaloradas discussões em torno da ratificação formaram-se dois grupos de políticos: os *federalistas* que apoiavam a ratificação da Constituição, enquanto os *antifederalistas* desconfiavam fortemente da concentração de poder que poderia resultar desse passo. Estes últimos punham dúvidas até sobre a possibilidade de que o presidente viesse a tornar-se rei.¹⁰¹ Patrick Henry (1736-1799) e Samuel Adams (1722-1803), este um dos mais famosos políticos dos tempos da

¹⁰⁰ Em relação ao que se disse sobre a proeminência dos primeiros presidentes em reforçar o executivo, considere-se o que BLUM et al. (1963) dizem: “Porém, os homens que haviam esboçado a Constituição estavam bastante cientes de que haviam deixado muitos detalhes sem conclusão, e que os primeiros ocupantes do novo governo teriam uma oportunidade maior que a dos seus sucessores para determinar o que o Estados Unidos seria e deveria se tornar.” (“But the men who drafted the Constitution were well aware that they had left many details undecided, and that the first officers of the new government would have a greater opportunity than their successors to determine what the United States should be and become”.) Ainda, o mesmo que se disse sobre os homens fortes do executivo deve ser reforçado em relação ao judiciário, principalmente na figura de John Marshall (1755-1835), Chefe da Suprema Corte a partir de 1801. Assunto tratado adiante.

¹⁰¹ Depois da eleição de George Washington, pelo Colégio Eleitoral, John Adams e Richard Henry Lee chegaram a sugerir que o título do presidente fosse: “His highness the President of The United States and protector of their liberties”. James Madison foi a força política que contra-argumentou contra tal título, convencendo o Congresso de chamá-lo apenas de “Presidente dos Estados Unidos” (BLUM ET al., 1963, p. 137)

revolução, eram popularíssimos oponentes da ratificação. Eles argumentavam que a centralização de poder poderia significar uma perda muito grande da relevância das opiniões dos homens de menos posses – “*middling and lower classes*”- principalmente sem a inclusão de uma *Bill of Rights* anexa à carta. O abarcamento de dez emendas à Constituição, em 1791, à maneira das *Bills of Rights* estaduais, mesmo depois das ratificações conquistadas, pode ser tida como uma vitória dos antifederalistas, portanto.

Uma interpretação que ainda deve ser levada em conta, dado o efeito que ela teve sobre a historiografia norte-americana no tocante à Constituição, é a famosa tese de Charles Beard (1874-1948).¹⁰² Nesta, ele relaciona a ratificação a uma vitória das classes mais altas, que estariam então mais educadas, mais organizadas e mais alertas sobre seus interesses. Dessa obra de Beard, intitulada *Uma Interpretação Econômica da Constituição Americana*, resultou enorme literatura e, mais importante, a idéia de que a Constituição representou uma virada em prol dos interesses das classes mais abastadas.¹⁰³ Isso, algo que, em boa medida, ainda não foi refutado inteiramente, especialmente no imaginário histórico dos norte-americanos mais anticonservadores.

Enfim, depois da ratificação da Constituição federal, e posto o governo de George Washington em operação,¹⁰⁴ definidos os ocupantes dos mais importantes cargos, divisa-se a grande clivagem política norte-americana. Em ampla medida, ao mesmo tempo em que essa dicotomia guardava parciais relações com as dualidades passadas – localistas/cosmopolitas e federalistas/antifederalistas – ela significa algo muito mais permanente, e especialmente mais harmônico, isto é, a convivência entre os dois partidos que surgiram na época do governo Washington seria uma das oposições políticas bipartites mais afinadas do mundo. É preciso registrar que isso vai ao encontro de

¹⁰² HOSFSTADTER, MILLER e AARON (1967, p. 180) dizem sobre o trabalho de Beard: “Poucos assuntos haviam despertado de tal maneira o interesse de estudantes da política americana.” (“Few subjects have so aroused students of American Politics”).

¹⁰³ É fundamental notar que Charles Beard sempre está arrolado entre os cientistas sociais dos tempos de Veblen, um progressista, mais exatamente.

¹⁰⁴ George Washington assumiu a presidência norte-americana em 30 de abril de 1789.

um aspecto peculiar norte-americano: os radicalismos são geralmente atenuados, mitigados na vida social dos Estados Unidos. Por isso mesmo, pode-se dizer que a ascensão de Thomas Jefferson ao poder, em 1801, não significou uma virada radical na orientação geral do governo americano.

O nascimento dos dois partidos que dominaram a política norte-americana até 1827, quando o partido federalista foi dissolvido, veio com o estabelecimento de duas figuras históricas chave como ocupantes de dois dos cargos mais importantes do executivo federal dos Estados Unidos. Ao formar seu gabinete, George Washington convidou Alexander Hamilton, paladino da centralização, da manufatura e do conservantismo, para ser Secretário do Tesouro; enquanto como Secretário de Estado foi empossado o democrata, liberal e localista Thomas Jefferson. Este último e o parlamentar da Câmara dos Representantes James Madison, foram os patronos do Partido Republicano, que surgiu para fazer frente às políticas centralizadoras e elitistas de Hamilton, predominantes durante o governo do primeiro presidente. É este o contexto da formação dos partidos: o federalista e republicano.

O aparecimento de uma oposição à tendência central do governo Washington nasceu, em parte, da abstenção do presidente em influenciar o trabalho do legislativo, notadamente no tocante à aprovação dos planos de medidas domésticas divisados por Hamilton.¹⁰⁵ BLUM et al. (1963, p. 137) assinalam em relação ao comportamento do presidente: “Washington fez apenas algumas sugestões muito gerais para a legislação, e de modo escrupuloso, conteve-se em revelar suas visões sobre medidas específicas a serem consideradas pelo Congresso. Ele era extremamente relutante quanto ao uso do seu poder de veto, tendo-o feito apenas duas vezes durante seu mandato. Ele acreditava que seu dever era administrar a lei e não criá-la.”¹⁰⁶ Dessa maneira, o Congresso foi tremendamente influenciado por Hamilton, por um lado, e por

¹⁰⁵ Embora sempre inclinado mais à Hamilton do que à Jefferson e Madison, George Washington via-se como figura acima das querelas políticas dos dois lados.

¹⁰⁶ Washington made only very general suggestions for legislation and scrupulously refrained from disclosing his views on specific measures being considered by Congress. He was extremely reluctant to use his veto power and did so only twice during his presidency. It was his business, he believed, to administer the laws, not to make them.

Jefferson, de outro, com James Madison (1751-1836) do lado deste último. Adicionando-se a isso, ainda, deve-se argumentar que:

Mal assumiu o cargo, Alexander Hamilton tornou-se a figura dominante do governo. Na verdade, ele se considerava o primeiro-ministro de Washington. Ambicioso e polêmico, esse homem queimava com uma visão de grandeza nacional. Convencido de que a liderança vigorosa pelos poucos competentes, especialmente no ramo executivo do governo, era a única maneira de construir uma nação poderosa, desconfiava da natureza humana e temia o que considerava “turbulência e irresponsabilidade” das massas democráticas. Sagazmente consciente da relação entre poder político e poder econômico, estava resolvido a promover o rápido crescimento econômico do país e a forjar laços políticos e econômicos entre o governo e os ricos e os bem-nascidos (SELLER, 1985, p. 95).

O primeiro ponto de discórdia brotou quando houve a elaboração de um plano, por parte de Hamilton, para o pagamento das dívidas do governo federal. Em janeiro de 1790, Hamilton apresentou ao Congresso um dos seus quatro famosos relatórios, o *Report on Public Credit*.¹⁰⁷ Nele, o Secretário do Tesouro sugeria que toda a dívida nacional em títulos, principalmente emitidos para pagar soldados e financiadores da guerra de independência, fosse paga pelo seu valor de face. No entanto, a oposição argumentou que os títulos, os quais originalmente estavam com militares e pequenos financiadores, tinham passado às mãos de especuladores, e com grandes taxas de desconto. Isso aconteceu porque durante o período crítico, com a pouca credibilidade e poder de taxação do Congresso Continental, a dívida nacional tornou-se, na visão dos menos ricos que detinham os títulos, ativo de baixíssima liquidez e com grande risco de crédito. Em consequência disso, somado ao fato de que a maioria dos Congressistas, incluso James Madison, concordava com o pagamento total da dívida, os debates

¹⁰⁷ Os outros relatórios de Alexander Hamilton tratavam respectivamente das tarifas, da cunhagem de moedas e da promoção das manufaturas.

seguiram mais voltados à questão de *quem* deveria ser pago. Hamilton defendeu que os portadores dos títulos deveriam ser os sujeitos dos pagamentos. Oposto a isso, Madison sugeriu dividir os credores em quatro grupos: (1) os possuidores primários que ainda estavam com os títulos; (2) os possuidores primários que venderam os títulos com taxas de desconto; (3) os portadores que compraram os títulos com taxas de desconto dos originais titulares e, (4) intermediários que compraram e venderam os títulos. O primeiro grupo, na opinião do parlamentar, deveria ser pago na totalidade – valor de face mais juros. O último não mereceria nada. O segundo grupo deveria receber algo, embora não o total devido ao primeiro, e o terceiro grupo não deveria receber o valor integral.

Em que pese o alto grau de influência que James Madison tinha na Câmara de Representantes, os especuladores tinham muitos partidários nas duas casas legislativas, os quais, de acordo com BLUM et al. (1963, p. 140): “não hesitaram em envolver as próprias transações duvidosas na honra nacional.”¹⁰⁸ Além disso, James Madison e seus correligionários, a maioria do sul, denunciaram a corrupção de Alexander Hamilton e seus adeptos. HOFSTADTER, MILLER e AARON (1967, p. 186) comentam: “O plano se tornara conhecido de alguns de seus amigos antes da confecção de seu relatório, e na época em que a Câmara conseguiu a verba para implementá-lo, especuladores de dentro e fora do Congresso começaram a comprar, sub-repticiamente, velhos títulos.”¹⁰⁹ Ainda que com estas acusações, a proposta de Hamilton foi aprovada (ADAMS, 1996, p. 48-49; SELLER, 1985, p. 97).¹¹⁰

¹⁰⁸ did not hesitate to wrap their own shady transactions in the national honor.

¹⁰⁹ The plan had become known to certain of his friends before he made his report, and by the time the House took up the bill to implement it, speculators in and out of Congress began surreptitiously buying up old bonds.

¹¹⁰ O historiador J. A. Seller destaca o favorecimento aos especuladores como um ponto positivo, ao menos pelo prisma de Hamilton, o que se tornaria muito importante como ícone da relação dos ricos norte-americanos com o financiamento do setor público dos Estados Unidos. Sobre o pagamento integral aos portadores, aduz o referido autor: “Isso não só restabeleceria o crédito público, mas, ao mesmo tempo, fortaleceria o crédito privado dos empresários norte-americanos e tornaria mais fácil para eles obter o capital europeu necessário a uma economia em rápido crescimento. Títulos federais altamente valorizados poderiam formar a base de capital de investimento. (...) Sobre todos esses fundamentos, a consolidação da dívida teria o efeito político de ligar os ricos à idéia de um forte governo federal.” (SELLER, 1985, p. 96).

Ao mesmo tempo em que eram discutidas as idéias de Hamilton e Madison, outro assunto, não menos polêmico, também estava em pauta no legislativo federal. No mesmo documento apresentado em janeiro de 1790, o Secretário do Tesouro sugeriu que o governo central encampasse as dívidas dos estados. O mesmo que acontecia com a dívida federal sucedia-se com os títulos dos estados, ou em outros termos, os credores dos estados em sua maioria não eram mais os titulares originais dos títulos, e sim especuladores que os compraram com grandes taxas de desconto. Ao tempo do surgimento dessa proposta de encampação, uma das críticas mais ferrenhas à sugestão vinha da oportunidade imensa de ganho que se abria, então, aos usurários, especuladores, financistas. Além disso, havia a questão dos estados que já haviam pago boa parte de suas dívidas, tal como a Virgínia, Maryland, Pennsylvania e Carolina do Norte. Os representantes destes diziam que tendo taxado os habitantes para o pagamento das dívidas, a absorção dela pelo governo federal significava taxá-los novamente, e para pagar títulos emitidos por outros membros da federação. O assunto foi resolvido ao tempo em que Jefferson chegava da Europa para tomar seu assento no gabinete do presidente Washington. Alexander Hamilton procurou-o para oferecer uma barganha, pois àquela época discutia-se a manutenção da capital federal em Nova York, ou sua transferência para a Filadélfia, Baltimore ou para um sítio localizado às margens do Rio Potomac – lugar de interesse para os virginianos. A negociação, incluindo algumas concessões aos estados que tinham pago a maior parte de suas dívidas, resultou no apoio de Madison e Jefferson ao esquema hamiltoniano, ao mesmo tempo em que levou o Congresso a aprovar a construção da nova capital às margens do Potomac, entre Maryland e Virginia (BLUM et al., 1963, p. 141; HOFSTADTER, MILLER, AARON, 1967, p. 186). Novamente, em termos gerais, a vitória de Hamilton significou, mormente, vitória dos financistas. A questão em torno dos débitos públicos, segundo BLUM et al. (1963, p. 141), sintetiza-se da seguinte maneira: “Hamilton se dirigia aos comerciantes e credores do Norte, os quais iriam se beneficiar imensamente com as obtenções de recursos e assunção da dívida, pois eles haviam acumulado a maior parte dos certificados de dívidas do

governo; Madison e Jefferson se dirigiam aos agricultores e fazendeiros do Sul, cujos impostos migrariam continuamente para o Norte para pagar a dívida.”¹¹¹

Em segundo lugar, o desconcerto entre os partidários de Hamilton e Jefferson prosseguiu sobre a implementação de uma política nacional de fomento à indústria manufatureira e sobre o estabelecimento de um banco nacional. No que toca a esta última questão, os objetivos de Hamilton complementavam o projeto iniciado sob o plano de tratamento das dívidas. SELLER (1985, p. 96) arrola as razões do Secretário do Tesouro:

Uma instituição desse tipo, argumentava Hamilton, proveria um meio circulante amplo e uniforme, uma fonte de crédito para os negócios e seria um investimento lucrativo para os capitalistas. Mais importante ainda, converteria em capital fluído e circulável os títulos continentais e estaduais consolidados. *De todas as maneiras, seria outro instrumento para ligar os ricos ao governo federal.*¹¹²

Dois problemas eram os principais para a oposição a Hamilton. De início, havia a maneira pela qual o banco deveria ser incorporado. Quatro quintos dos dez milhões de dólares de capital da instituição seriam alocados pelo setor privado, no entanto, desses, três quartos poderiam ser na forma de títulos públicos, algo que significava alto comprometimento do banco em termos da dívida pública. Além do empenho do débito governamental, os mais liberais defendiam a idéia de que conceder tal facilidade aos detentores de títulos da dívida pública parecia um favorecimento injusto. Para além disso, a oposição entendia o esquema de um banco nacional, com grande capital e poder de emitir notas que teriam curso quase-forçado, como uma concessão de um monopólio

¹¹¹ Hamilton spoke for the merchants and creditors of the North, who would benefit enormously from funding and assumption, because they had accumulated most of the government's certificates of indebtedness; Madison and Jefferson spoke for the planters and farmers of the South, whose taxes would flow steadily North to pay the debt.

¹¹² Grifo nosso

injusto. Outra vez, a proposição hamiltoniana venceu no Congresso e, mesmo com George Washington considerando as opiniões de Madison e Jefferson, o presidente acabou assinando a lei em fevereiro de 1791 (BLUM et al., 1963, p. 142).¹¹³

Já em relação ao plano de apoio ao florescimento de uma indústria manufatureira forte, o Secretário do Tesouro amargaria uma derrota. Os argumentos de Hamilton serviriam muito tempo depois aos teóricos do subdesenvolvimento, que defenderiam a proteção à indústria nascente em países de capitalismo tardio. Dada a importância desse tema e a grande discussão gerada em torno dele, vale aqui uma citação mais longa de outro dos quatro relatórios de Hamilton, o *Report on Manufactures*. Defendia Hamilton:

No momento, faz-se apropriado enumerar as principais circunstâncias a partir das quais é possível inferir que os estabelecimentos manufatureiros não somente ocasionaram um aumento positivo na produção e renda da sociedade, mas também contribuíram essencialmente para torná-los maiores do que possivelmente seriam, sem tais estabelecimentos. As circunstâncias em questão são:

1. A divisão do trabalho;
2. O aumento do uso de máquinas;
3. [Criação] de empregos adicionais para as classes que normalmente não estariam envolvidas em negócios;
4. A promoção da emigração de países estrangeiros;
5. A criação de um espaço mais amplo para a diversidade de talentos e disposições, as quais distinguem um homem do outro.
6. O apoio para a criação de áreas mais amplas e variadas de empreendimento;
7. A criação de uma demanda garantida e constante para o excedente de produção do solo.

Cada uma destas circunstâncias exerce uma influência considerável sobre a massa total de esforço industrial numa comunidade; juntas, elas acrescentam à essa comunidade uma grau de energia e efeito dificilmente concebíveis [de outro modo] (HAMILTON, 2008 [1791]).¹¹⁴

¹¹³ Foi notável o desempenho da colocação das ações do Banco Nacional entre os europeus (ADAMS, 1996, p. 50)

¹¹⁴ It is now proper (...) to enumerate the principal circumstances from which it may be inferred that a manufacturing establishments not only occasion a positive augmentation of the produce and

O revés da aprovação dos altos impostos de importação, o que talvez fosse a parte mais importante do plano manufatureiro de Hamilton, deveu-se à impressão geral dos norte-americanos, dessa vez incluídos os comerciantes, de que tais taxações teriam conseqüências inevitavelmente adversas.¹¹⁵ Três delas foram tidas como principais: (1) a preferência da manutenção, por via da importação, dos preços baixos das manufaturas; (2) o medo da retaliação por parte dos países europeus em relação aos produtos agrícolas dos Estados Unidos; e (3) a possível drástica redução das importações, as quais naquele período significavam, mesmo com os baixos impostos praticados, a maior parte da arrecadação pública (SELLER, 1985, p. 97-98).

Sobre tributação, o titular do Departamento do Tesouro procurou aumentar os impostos não só em relação às importações, mas também taxando com impostos específicos várias *commodities*, tais como as bebidas alcoólicas. No sul, região predominantemente opositora das idéias de Hamilton, e onde o uísque era considerado essencial para o trabalho, a oposição foi forte. Contudo, foi no oeste da Pensilvânia, parte do país onde os grãos rapidamente deterioravam-se e, por isso, eram transformados em uísque, que a resistência aos impostos tornou-se violenta. No ano de 1794 os pequenos proprietários desta região levantaram-se

revenue of the society, but that they contribute essentially to rendering them greater than they could possibly be without such establishments. These circumstances are: 1. The division of labor; 2. An extension of the use of machinery; 3. Additional employment to classes of the community not ordinarily engaged in the business; 4. The promoting of emigration from foreign countries; 5. The furnishing greater scope for the diversity of talents and dispositions, which discriminate men from each other; 6. The affording a more ample and various field for enterprise; 7. The creating, in some instances, a new, and securing, in all, a more certain and steady demand for the surplus produce of the soil. Each of these circumstances has a considerable influence upon the total mass of industrious effort in a community; together, they add to it a degree of energy and effect which is not easily conceived (HAMILTON, 2008 [1791]).

¹¹⁵ HOFSTADTER (1964, p. 189) anota sobre a participação dos comerciantes na oposição ao plano “manufaturista” de Hamilton: “Além disso, os mercadores, em cujas mãos o dinheiro do país estava concentrado, ficaram indiferentes ao empreendedorismo industrial por mais um quarto de século e, por conseqüência [indiferentes] às tarifas e subsídios. (“The merchants, moreover, in whose hands the money of the country was concentrated were to remain cool to industrial enterprise, and hence to tariffs and subsidies, for another quarter a century.”)

em armas contra os cobradores de impostos. Além disso, para agravar a situação, o governo federal determinou que os inadimplentes deveriam ser julgados frente às cortes federais, o que no caso deste estado significava uma viagem de cerca de trezentos e cinqüenta quilômetros até a Filadélfia, algo equivalente a uma multa de bom montante. Para fazer valer as determinações federais, Hamilton convenceu Washington a mandar milícias com o fito de esmagar a rebelião do uísque, nome com o qual ficou conhecido o levante. Liderados pelo próprio Hamilton e inspecionados *in loco* pelo general-presidente, 13.000 homens cuidaram de colocar ordem na revolta, cujos líderes não opuseram resistência organizada.

As políticas de Hamilton pareciam para a época extremamente radicais para aqueles que se opunham a elas. E estes não eram poucos, pois os norte-americanos, especialmente do sul e do oeste, não estavam acostumados a responder a um governo centralizado. Os Estados Unidos, ainda pouco interligados através de estradas e canais, era um país formado pelas “ilhas” agrícolas pouco integradas – como assinalado por Robert Wiebe. Além desse isolamento, a postura de Hamilton em relação aos fronteiriços e fazendeiros, pequenos e grandes, era de desprezo. HOFSTADTER, MILLER e AARON (1967, p. 189) marcam a posição belicosa do Secretário do Tesouro: “Hamilton não tinha respeito por aqueles que desbravavam as vastas fronteiras do novo país. Ele desprezava os fazendeiros e odiava os fronteiriços por considerá-los encrenqueiros. Em seu plano de unificar a nação, ele atribuiu a ambos os grupos um papel inferior.”¹¹⁶ Entretanto, a posição extremada de Hamilton foi “um tiro no pé”. Ele não notou que levando suas políticas a cabo pela força, acabaria engendrando uma forte oposição, a qual no espaço de cerca de uma década tiraria os federalistas do poder. Mesmo contando com a vantagem da simpatia e apoio de George Washington, os federalistas alimentaram o crescimento da oposição liderada por Thomas Jefferson, o que terminaria gerando o partido Republicano. Foi, então, a partir de 1792 que os oposicionistas passaram a cada

¹¹⁶ Hamilton had no respect for the men who were opening up the vast reaches of the new country. He despised farmers, and he hated westerners as troublemakers. In his plan to unify the nation, he assigned to both groups inferior roles.

vez mais reconhecerem a si mesmos como republicanos, pois antes, dada à má visão que os políticos americanos tinham da constituição de partidos, Madison, Jefferson e seus seguidores procuraram evitar o rótulo de republicanos. Em especial porque assim postavam-se como oposição ao governo do general-herói George Washington.¹¹⁷ A consolidação do partido derivou de uma crescente consciência que se fortalecia nas leituras dos líderes da oposição. BLUM et al. (1963, p. 148) resumem a tomada de consciência da oposição:

Madison e Jefferson acreditavam que a fonte da força federalista, exceto pelo apoio de Washington a Hamilton, era típico de facções ou partidos no sentido tradicional, [ou seja,] consistia na corrupção de congressistas através de oportunidades especulativas que acompanhavam investimentos e incorporações. Sua própria força, conforme acreditavam, consistia no povo. Talvez pelo fato de acreditarem que o povo estava ao seu lado, eles não organizaram seu partido logo de imediato, exceto dentro do próprio governo. Entretanto, tomaram a iniciativa de fazer com que o povo soubesse, através da imprensa, de que lado estavam.¹¹⁸

No final de 1791, pela primeira vez os líderes da oposição começaram a editar um jornal que seria sua grande arma de combate ao ideário federalista. A *National Gazette* foi a mídia responsável pelo espalhamento do pensamento republicano, antagônica à *Gazette of the United States*, veículo dos partidários do Secretário do Tesouro. Ao mesmo tempo começaram a surgir clubes locais de apoio ao pensamento descentralizador e agrarista de Madison e Jefferson, os chamados “*Democratic Clubs*”. Estes tinham por mote principal a crítica à

¹¹⁷ Precisando de forma mais clara o surgimento da dualidade política, HOFSTADTER (1964, p. 191) localiza temporalmente este fato com as primeiras publicações dos artigos contestadores de Madison, na virada de 1791 para 1792.

¹¹⁸ Madison and Jefferson believed that the source of Federalist strength, apart from Washington support of Hamilton, was typical of faction or party in the traditional sense; it lay in the corruption of congressmen through the speculative opportunities that accompanied funding and assumption. Their own strength, they believed, lay with the people at large. Perhaps because they assumed that the people were on their side, they did not at first organize their party except within the government itself; they did, however, take steps to let the people know, through the press, what their side was.

Inglaterra e à influência desta nos rumos norte-americanos, além do suporte aos ideais revolucionários dos franceses revoltosos. Mais ainda, o partido Republicano foi capaz de unir aos seus quadros figuras importantes da política nacional, em conjunto com os seus dois principais líderes. São alguns destes nomes: o governador de Nova York, George Clinton (1771-1809), o famoso político da cidade de mesmo nome, Aaron Burr¹¹⁹ (1756-1836) e, ainda, o suíço-americano Albert Gallatin (1761-1849), que viria a ser figura forte do governo de Thomas Jefferson – Secretário do Tesouro.

A estrutura geográfica dos partidos, mesmo que respeitando a clivagem sul/norte, leste/oeste, não pode ser simplificada em demasia. Mas, é possível pensar em linhas gerais nessa divisão. MORISON e COMMAGER (1960, p. 338) falam sobre o crescimento do partido Republicano, em termos da dinâmica demográfica dos Estados Unidos, da seguinte forma: “O republicanismo aumentava à medida que crescia a população das regiões do interior; e os federalistas, vendo-se condenados a uma posição de minoria, adotaram depois de 1800 [da eleição de Thomas Jefferson] uma política contrária ao oeste que só podia terminar na divisão da União ou na submersão do federalismo.” Foi o que realmente aconteceu em 1827.

Jefferson soube capitalizar as oportunidades deixadas pela política autodestrutiva dos federalistas. Ele iniciou uma idéia que seria recorrentemente resgatada durante a história americana, e que teria reflexos imediatamente na fase do “ascensão do homem comum” (*rise of common men*).¹²⁰ Contra a aristocracia os republicanos levaram às classes médias a idéia de que mais valia o voto do que a origem social. Influência cabal nesse pensamento tiveram os acontecimentos na Europa. A penetração do iluminismo nos Estados Unidos, pilar

¹¹⁹ Um curioso episódio envolveu Aaron Burr e Alexander Hamilton. Em 11 de julho de 1804 Burr e Hamilton engajaram-se num duelo mortal à moda antiga. É controversa a interpretação sobre se Hamilton refugou ou não do duelo, isto é, se ele disparou contra Burr sem a intenção de matá-lo ou não. Todavia, depois do primeiro tiro de Hamilton, tenha ele sido mortal ou não, Burr sentiu-se justificado a disparar mortalmente contra Hamilton, o que acabou ceifando a vida do célebre político norte-americano.

¹²⁰ Período da história americana que será tratado adiante, compreendendo o tempo no qual Andrew Jackson foi o presidente dos Estados Unidos, os anos de 1829 a 1837.

intelectual dos revolucionários que tomaram a Bastilha em 1789, polarizou ainda mais os ânimos dos americanos. E foi sob esse marco político de protesto contra os privilégios de classe, ainda que nos Estados Unidos as fronteiras entre estas fossem mais nebulosas, que o embate no campo das idéias, com reflexos vistos durante todo século XIX, inclusos os tempos de Veblen, floresceu.

Porém, antes, é preciso falar da influência que a figura central do judiciário americano, a partir de 1801, teve sobre os rumos da sociedade daquele país, principalmente porque sua presença como Chefe da Suprema Corte foi um dos fatores da permanência forte do pensamento conservador/centralizador. John Adams¹²¹ (1735-1826), que tinha o histórico magistrado John Marshall (1755-1835) como seu Secretário de Estado, nomeou-o Chefe da Suprema Corte no último oco de seu mandato. A mais alta corte do país, portanto, permaneceu nas mãos de um resolutivo federalista (BLUM et al., 1963, p. 189). Suas decisões começaram por definir instituições fundamentais para o futuro. Por exemplo, no célebre caso de *Marbury versus Madison*, julgado em 1803, de importância menor quanto à matéria específica, a posição de John Marshall definiu que seria o Judiciário Federal o detentor do poder de decidir questões de inconstitucionalidade. Nos dizeres do próprio chefe do poder de prestação jurisdicional: “É obrigação e dever enfático do Poder Judiciário dizer o que é a Lei. Aqueles que aplicam a regra aos casos particulares, devem, necessariamente, expor e interpretar estas normas”¹²² (MARSHALL apud BLUM et al., 1963, p. 190). Outro ponto sagrado para John Marshall foram os termos dos contratos particulares. Nesse assunto, dois casos são marcos, *Fletcher versus Peck*, de 1810, e *Dartmouth College versus Woodward*, decidido em 1819, os quais puseram interpretações basilares sobre a manutenção do acordado entre partes privadas. Nesse último caso, contestava-se a legalidade da carta da Universidade de Dartmouth, concedida ainda pelo monarca inglês, pois o estado de New Hampshire pretendia transformá-la em instituição estatal. Marshall considerou a carta de concessão um contrato que não poderia ser quebrado unilateralmente

¹²¹ Presidente entre 1797 e 1801.

¹²² It is emphatically the province and duty of the judicial department to say what the Law is. Those who apply the rule to particular cases must of necessity expound and interpret that rule.

pelo poder do estado. O resultado mais amplo dessa decisão foi que: “...muito mais importante foi a segurança que a decisão tomada por Marshall deu às corporações de negócios; pois agora parecia que suas cartas de permissão, definidos como contratos, eram substancialmente imutáveis, a não ser através do consentimento de ambas as partes. (HOFSTADTER, MILLER, AARON, 1967, p. 235).”¹²³ Por último, Uma decisão fundamental de Marshall assegurou mais uma vez que somente o Congresso e a Suprema Corte do país poderiam dizer sobre a constitucionalidade federal das leis. Em uma tentativa da legislatura de Maryland de taxar o ramo de Baltimore do Banco Nacional, criado por Hamilton, o Supremo Magistrado proferiu: “...os estados não têm o poder de retardar, impedir, responsabilizar-se, ou em qualquer assunto controlar a operação das leis constitucionais aprovadas pelo Congresso.”¹²⁴ (MARSHALL apud HOFSTADTER, MILLER, AARON, 1967, p. 136). Neste sentido, a presença por trinta e quatro anos desse juiz na cadeira mais importante da Suprema Corte acabou por colocar pontos defendidos pelos federalistas – já que implicavam centralização – em forma de direito costumeiro na vida política norte-americana.

2.1.2. Por Dentro das Idéias dos Primeiros Tempos da Nação: iluminismo e conservantismo

Estabelecida a cronologia dos acontecimentos que resultaram na composição dos partidos Federalista e Republicano nos Estados Unidos e, em paralelo, descritas as gêneses dos pensamentos políticos de conservadores e reformistas de inícios do século XIX, será útil, para aquilo que será discutido no próximo capítulo, arrolar em detalhe algumas das idéias centrais desses dois

¹²³ ...far more important was the security Marshall's decision gave to business corporations; for it now appeared that their charters, defined as contracts, were substantially unchangeable, except with the consent of both parties.

¹²⁴ ...states do not have the power to retard, impede, burden, or in any manner control the operation of constitutional laws passed by Congress.

grupos. Importa sublinhar que as idéias iluministas formaram a base dos argumentos reformistas, daqueles que no início da formação dos Estados Unidos foram chamados de liberais. O rol abaixo é apoiado largamente no trabalho de Merle CURTI (1964) e, no que diz respeito ao iluminismo e ao senso-comum escocês, em suas formas mais gerais, na História da Filosofia de Giovanni REALE e Dario ANTISERI (2005). O trabalho de Jay Adrian SIGLER (1972) é uma segunda fonte de idéias sobre os conservadores.

Inicialmente, como faz CURTI (1964, p. 100-101), é mister marcar singularidades da então colônia britânica que permitiram a penetração do pensamento de matiz iluminista. Diretamente nas palavras deste autor:

Pode parecer que a sociedade colonial não era um solo propício para o crescimento do Iluminismo. O pensamento colonial era dominado pela religião, e embora o comércio tivesse crescido, a agricultura com seu longo passado feudal constituía a base primária da economia. Porém, certas considerações contrabalançavam estes fatos. A agricultura não foi, como na Europa, abastecida com resquícios feudais. Portanto, também a religião que dominou a vida colonial continha (...) elementos favoráveis a uma ênfase na razão e numa humanidade operativa neste mundo (...)

Estas pessoas [os colonos] tinham vindo para a América a fim de se verem livres da autoridade – em muitos casos a autoridade de um tipo de religião em particular, de uma aristocracia proprietária de terras ou de um sistema restritivo de corporações de ofícios.¹²⁵

O primeiro impacto do iluminismo nas terras de Benjamin Franklin se deu através da concepção de religião. O que se convencionou nomear de deísmo, por mais que se encontrem nas idéias iluministas interpretações da religião tão

¹²⁵ It might appear that colonial society was an uncongenial soil for the growth of the Enlightenment. Colonial thought was dominated by religion, and though trade prospered, agriculture with its long feudal past formed the primary basis of the economy. But certain considerations offset these facts. Agriculture was not, as in Europe, glutted with feudal remains. Then, too, the religion that dominated colonial life contained, (...), elements favorable to an emphasis on reason and on humanity operative in this world. (...)

ateisticamente radicais quanto as de Diderot¹²⁶, é por excelência o método de tratamento das questões religiosas dos *philosophes*¹²⁷ (REALE, ANTISERI, 2005, p. 225, 227). Essa concepção religiosa é oposta à forma revelada de crença sobrenatural, isto é, o deísmo pressupõe que a religião pode ser compreendida de forma racional, mais especificamente a partir do uso da razão. Como escrevem os filósofos REALE e ANTISERI (2005, p. 224) “O deísmo é parte integrante do iluminismo: *o deísmo é religião racional e natural*, é tudo aquilo que a razão humana (lockianamente entendida)¹²⁸ pode admitir.” São três as verdades admitidas pela razão deísta para o pensamento religioso: (1) a existência de Deus; (2) Deus criou e governa o mundo¹²⁹ e, (3) está sempre presente a idéia de que no futuro se recebem recompensas pelo bem realizado e, por outro lado, punições pelo mal.

Nos Estados Unidos, a compreensão da religião pela razão encontra adeptos desde os tempos de Roger Williams (1603-1683), reformador religioso que se opunha às imposições plenamente dogmáticas em matéria de crença e fé. Dizia ele que todos os homens eram capazes de entender por si mesmos a verdade. Outro campo fértil para a concepção deísta constituiu-se a partir das universidades americanas, tais como Harvard e Yale, bem como no progressista William and Mary College, os quais sempre tiveram os deístas britânicos como escritores altamente populares entre os alunos. Além disso, os propositores das idéias racionalistas em religião criaram, para expandir o alcance de suas teses, periódicos que atingiram razoável circulação. E, até mesmo alguns dos *founding*

¹²⁶ REALE e ANTISERI (2005, p. 225) dizem de Diderot, que talvez, entre os mais famosos iluministas, tenha sido o ateu ícone: “Diderot, no Tratado sobre a Intolerância, escreve que o deísta cortou uma dezena de cabeças da hidra da religião, mas deixou-lhe aquela única cabeça da qual renascerão outras”.

¹²⁷ Um dos termos pelos quais eram conhecidos os iluministas franceses.

¹²⁸ A razão “lockianamente entendida” guarda dessemelhança com a razão cartesiana, pois enquanto esta é a razão das verdades eternas, especialmente matemáticas e, portanto, axiomática, aquela é uma razão limitada e controlada pela experiência, a qual busca leis para os fenômenos colocando-as em prova.

¹²⁹ Aqui é preciso notar uma sutil diferença entre os iluministas britânicos (Toland, Tindall, Collins e Shaftesbury) e Voltaire: o filósofo continental viu com altas restrições o governo do mundo humano, ou moral, por parte de Deus, enquanto para os ilhéus Deus governava o mundo material e moral.

fathers, em que pesem reticências, esposaram ideários deístas (BLUM et al., 1963, p. 240).

Nisso, notadamente, reside algo de importância fulcral para entender as amenizações que sempre estão presentes nas “fagocitoses” norte-americanas de filosofias importadas. Embora, de acordo com Merle CURTI (1964, p. 106), *founding fathers* como John Adams e Benjamin Franklin tenham, na juventude, abraçado o ceticismo deísta; eles acabaram, com o passar do tempo, regredindo das posições mais radicais. Nos termos de CURTI (1964, p. 106): “... somente alguns poucos foram tão longe a ponto de repudiar completamente a revelação, e menor ainda foi o número daqueles que assumiam uma posição definida como ‘materialista’ ou ‘ateísta’.”¹³⁰ Para além disso, e o que importa em consonância com a mitigação praticada pelos parciais adeptos dos pensamentos europeus, interessa sobremaneira entender uma das causas pela qual as classes mais humildes – “*the meaner sort*” - não foram atingidas de modo maciço por essas idéias.¹³¹ Novamente, no comentário de CURTI (1964, p. 107): “É provável que muitos nas classes mais relevantes concordassem com Franklin, que mesmo se a forma mais extrema de deísmo fosse válida, ela não poderia ser útil. Conforme colocou Franklin, ‘falar contra a religião é desacorrentar um tigre; e a fera solta pode preocupar seu libertador’.”¹³²

No entanto, algum tempo depois dessas opiniões serem expressas, ainda nas décadas de 1760-70, o deísmo atingiria sua maior popularidade, mesmo que não de forma massiva entre aqueles chamados de *meaner sort*. Seguindo o radical Ethan Allen (1738-1789), que era um deísta radical e um crítico sem

¹³⁰ ...only a few went so far as to repudiated revelation altogether, and fewer still subscribed to a definitely ‘materialistic’ or ‘atheistic’ position.

¹³¹ Obviamente, o acesso aos periódicos e à educação superior são fatores predominantes na falta de espalhamento dos ideais iluministas, mas para o que irá se seguir, a imagem ambígua de aceitação de teses radicalmente novas em conjunto com uma atitude algo conservador-elitista, passada pela posição da alta intelectualidade americana, é muito mais significativa.

¹³² Many among the substantial classes probably agreed with Franklin that even if the more extreme form of deism is valid, it could not be useful. As Franklin put it, ‘talking against religion is unchaining a tiger; the beast let loose may worry his liberator’.

medida da religiosidade, da política e da corrupção européia, Thomas Paine (1737-1809), num tom mais moderado, popularizou o deísmo com o seu famoso *The Age of Reason*, de 1794. Paine sustentava que as doutrinas cristãs, no seu modo revelatório, eram inconciliáveis com o dom da razão dado por Deus aos seres humanos, mesmo também com o que derivava dele: o poder de compreender Deus através do estudo científico do universo. O *ex-quaker* ao mesmo tempo combatia a mitologia cristã, sustentando, por exemplo, o caráter fantasioso do Gênesis. Dizia ele que apenas livrando-se dos mitos, *dissociando-se das intersecções com sistemas políticos*, seria possível para a religião realizar “suas funções enobrecedoras” (CURTI, 1964 p. 152-153). O deísmo, de tal modo, mesmo na forma mais amena sob a qual foi recepcionado nos Estados Unidos, tinha, claramente, para os conservadores, um caráter igualitarista, pois retirava da revelação, em geral conduzida pelo clero, um poder que antes lhe era absoluto. Assim, os federalistas, durante a campanha contra Jefferson em 1800, receberam com boa vontade as diatribes dos sacerdotes ortodoxos da Nova Inglaterra, os quais argumentavam que o voto em Jefferson era uma subscrição às teses francesas que poderiam, em última instância, implicar no “confisco de cada bíblia naquele país” (CURTI, 1964, p. 155).

Deixando um pouco de lado a questão puramente religiosa, dimensão irrevogável ao se tratar da história política e social norte-americana, e levando em consideração que o deísmo tem determinado coeficiente de igualitarismo embutido, um outro aspecto marcante da recepção do iluminismo naquele país foi o *humanitarismo*.¹³³ No seu formato mais atinado, o humanitarismo iluminista assumiu as formas que lhe foram dadas pelo mais heterodoxo filósofo dessa corrente: Jean-Jacques Rosseau (1712-1778). Nesse pensador, o igualitarismo, pretendido pela abordagem humanitarista da sociedade, torna-se tão proeminente, que busca atingir a eliminação total da propriedade privada, ou em outras palavras: Rosseau pregava a coletivização global. Porém, isso deveria ser realizado através de um retorno gradual do homem ao seu “estado natural”, no

¹³³ Usa-se, aqui, humanitarismo ao invés de humanismo para diferenciá-lo do ideário que teve circulação na Europa do renascimento, indicado por este último nome. O humanitarismo citado nesse texto tem mais afinidade com o significado de assistência social.

qual a preocupação com seus pares era um dos motivos primeiros, pois esse impulso fazia parte do instinto de conservação da espécie. REALE e ANTISERI (2005, p. 285) traduzem um pouco do radicalismo iluminista de Rousseau: “Estamos diante de uma socialização radical do homem, de sua total coletivização, para impedir que emergam (sic) e se afirmem os interesses privados. (...) o homem só pode pensar em si pensando nos outros, ou seja, somente através dos outros, e deve considerar os outros não como instrumentos, mas como fins em si mesmos.” Contudo, como deve ser facilmente intuído, não é necessária grande argumentação para se entender que esse tipo de humanitarismo não encontrou grandes adeptos nas terras norte-americanas.

Esse fenômeno de atitude iluminista, nos Estados Unidos, mais do que na Europa, atingiu um caráter essencialmente de movimento de classe média, talvez pela proximidade daqueles que pertenciam a esta classe com os menos privilegiados. CURTI (1964, p. 114) afirma que isso se deve, em parte, ao fato de que as classes média e baixa têm grande mobilidade, isto é, o transcurso entre as fronteiras de uma e de outra, para cima e para baixo, são muito mais comuns do que as passagens das elites longamente estabelecidas para os estratos abaixo delas. E, considerando o humanitarismo como marcado pela maciça presença das classes médias, é certo que coletivizações como as sugeridas por Rousseau não estariam na ordem do dia. A doutrina cristã sim, embora tendo que abandonar em certa medida as idéias mais ortodoxamente calvinistas, era base para as ações de filantropia e para a defesa de um grau de nivelamento social. Alguns dos primeiros humanitaristas originais do território americano foram escritores de romances e poesias. Literatos britânicos como James Thomson (1700-1748) e Edward Young (1681-1765) escreveram livros que influenciaram os norte-americanos ainda na primeira metade do século XVIII. Eles costumavam defender a caridade com os mais pobres, as reformas prisionais e outros valores universalistas, tais como a benevolência e o altruísmo.

Dentro desta corrente de pensamento e ação social interessa, sobretudo, a tese que embasava sua argumentação em prol do comportamento filantrópico. Vale citar trecho da obra de CURTI (1964, p. 116) em que ele nota o espraiamento desse ideário:

Outro elemento central do humanitarismo foi a convicção, não destituída de correlação com o deísmo, de que o ambiente social e físico é o fator dominante na formação das instituições humanas. Montesquieu, entre outros, havia sugerido que diferentes ambientes sociais acarretam diferenças nas instituições sociais. Como resultado de viagens desbravatórias, as quais revelaram uma variedade impressionante de culturas; e da teoria de Locke sobre a natureza humana, que seria flexível no nascimento e moldada pelo ambiente, a crença no “ambientalismo” dentro do pensamento social tornava-se crescentemente popular no século XVIII. A doutrina de que o ambiente social e físico determinava as instituições encorajou a crença de que o mal social resultava não da ira e maldição de Deus sobre a humanidade, mas de condições objetivas, as quais poderiam ser combatidas e melhoradas.¹³⁴

Alguns dos nomes mais importantes da política e do pensamento americano da época da Revolução de Independência foram ávidos leitores das teses de Montesquieu, tais como: Thomas Jefferson, James Otis, John Adams e Richard Henry Lee, entre outros. Os periódicos da época também incluíam longos excertos das obras deste francês, como *As Cartas Persas* e *O Espírito das Leis*. Mas foi o franco-americano Hector St. John de Crèvecoeur (1735-1813) o maior defensor do papel do ambiente natural e social na formação das instituições: “Homens são como plantas; a qualidade e o sabor da fruta dependem do tipo de solo e exposição em que cresceram. Não somos nada além que o ar que respiramos, o clima que habitamos, o governo que obedecemos, o sistema

¹³⁴ Also central to the eighteenth-century humanitarianism was the conviction, not unrelated to deism, that physical and social environment is the dominant factor in shaping human institutions. Montesquieu among others had suggested that differing social environments accounts for differences in social institutions. As a result of voyages of discovery which revealed strikingly varied cultures and of Locke's theory that human nature, being plastic at birth, is shaped by its surroundings, the environmentalist position in social thought became increasingly popular in eighteenth century. The doctrine that physical and social environment determined institutions encouraged the belief that social evil resulted not from God's wrath and curse on mankind but from objective conditions which might be rationally attacked and bettered.

religioso que professamos, e o tipo de trabalho que fazemos (CRÈVECŒUR apud CURTI, 1964, p. 117).”¹³⁵

Outra bandeira do humanitarismo, como não poderia deixar de ser, era a causa da libertação dos escravos.¹³⁶ A abolição encontrou maior expressão na gradual libertação dos escravos nos estados do norte, e nas acaloradas discussões que ocorriam nas legislaturas estaduais sobre esse assunto. O famoso parlamentar George Mason argumentava que era inconciliável a defesa da liberdade como país soberano, enquanto não fosse garantida a todos os seres humanos a liberdade enquanto indivíduos. A emancipação gradual foi defendida também por Thomas Jefferson, ele mesmo proprietário de escravos, e por George Washington, que na realidade libertou os escravos dos quais era dono. Benjamin Franklin, por sua vez, editou, em 1727, um tratado abolicionista de autoria de Ralph Stanford.

Preocupando-se com a condição humana, além da abolição, as idéias iluministas serviram de colchão para a reforma prisional, em especial através das teses de Cesare Beccaria (1738-1794), o celebrado jurista italiano autor de *Dos Delitos e das Penas*. A prisão por dívida e a crescente aplicação da proporcionalidade entre as penas e os crimes cometidos foi tema discutido e implantado pelos legislativos de vários estados, principalmente durante os últimos anos do século XVIII. Benjamin Rush ficou famoso por suas inflamadas defesas de melhorias nas condições dos prisioneiros americanos (CURTI, 1964, p. 115-117).

Por último, ainda dentro do pensamento humanitarista do iluminismo americano, é necessário destacar a luta pelos direitos das mulheres, presente nas idéias reformistas até o final do século XIX e início do XX. Disso, novamente, Benjamin Franklin foi entusiasta. Defendia ele que o *status* inferior da mulher derivava, de fato, das limitações impostas a elas, sobretudo em termos de

¹³⁵ Men are like plants; the goodness and flavor of the fruit proceeds from the particular soil and exposition in which they grow. We are nothing but the air we breathe, the climate we inhabit, the government we obey, the system of religion we profess, and the mode of our employment.

¹³⁶ Voltaire e Rousseau eram grandes defensores do fim do regime escravocrata.

educação e acesso às profissões de complexidade mais elevada, e não, como boa parte dos americanos acreditava, à época, de uma característica inata do sexo feminino. Thomas Paine foi outro importante pensador que levou a cabo a defesa do gênero menos privilegiado durante o último quartel século XVIII.

Estas reivindicações humanitaristas devem muito à doutrina que pode ser tida como central do iluminismo: a idéia dos direitos naturais. A Declaração de Independência mesma fundava-se no conceito de direitos naturais. Montesquieu, num trecho clássico de *O Espírito das Leis* dizia: “Em seu significado mais amplo, as leis são as relações necessárias que derivam da natureza das coisas”¹³⁷ (MONTESQUIEU apud REALE, ANTISERI, 2005, p. 226). E assinalar isso significava que a natureza das coisas deveria ser compreendida através da razão, daí, por conseguinte, as leis naturais – o direito natural – seriam um produto por excelência da razão. Num mundo dominado por relações ainda feudais, tal como a Europa dos idos dos iluministas, “o ideal jusnaturalista precisa-se de modo sempre mais radical (...), inspirando projetos de reformas” (REALE, ANTISERI, 2005, p. 226). Lembrando as idéias modernas rawlsianas,¹³⁸ o pensamento de Voltaire era de que os homens de qualquer parte do mundo deveriam estar de acordo com certas leis básicas, as quais, obviamente, seriam atingidas através do uso da razão. Assim, a razão mostrou para os norte-americanos que os direitos fundamentais eram o gozo da vida, a segurança, a posse de propriedade e a busca da felicidade, como constante na supracitada Declaração de Independência. Mas, mesmo antes da inclusão desses direitos na declaração esboçada por Jefferson, os americanos já tinham travado contato com a doutrina dos direitos naturais. Por exemplo, veja-se na utilização dos direitos naturais pelo importante advogado bostoniano James OTIS (apud CURTI, 1964, p. 113), em protesto aos *writs of assistance and revenue* de 1764:¹³⁹ “Sendo homens, os colonos possuem o direito de serem considerados igualmente dignos, como os

¹³⁷ Grifo nosso.

¹³⁸ De John Rawls (1921-2002), autor de *A Teoria da Justiça*, obra muito influente nos estudos de justiça distributiva.

¹³⁹ No direito de estirpe britânica, este instrumento legal é um mandado aberto e relativamente ilimitado de busca e apreensão conferido alguma autoridade, em geral aos fiscais de renda.

europeus, de todos os direitos naturais; e assim não deverão ser impedidos do exercício de nenhum desses direitos, a não ser que seja para o bem de todo o país.”¹⁴⁰

Mais duas idéias iluministas têm importância para o que está sendo discutido aqui. Primeiro a maneira pela qual esses filósofos encaravam a evolução histórica. Nisso, é preciso dizer, a filosofia das luzes é extremamente otimista, ao menos na maioria das suas versões. Nota-se este otimismo na clássica resposta que Kant deu à pergunta: o que é o iluminismo? O pensador alemão respondeu que no final do século XVIII não se vivia uma época iluminada, mas sim numa fase de iluminismo. Dessa maneira, ele queria dizer que estavam dadas as condições de possibilidade para que os homens pudessem utilizar “seguramente seus intelectos”, “sem o guia de outros”, mas que ainda não o faziam completamente, pois essa seria uma transição gradual, embora inexorável (REALE, ANTISERI, 2005, p. 236). Os *philosophes*, deste modo, carregavam um otimismo de aspecto plenamente teleológico, já que creditavam à descoberta do uso da razão possibilidades ilimitadas de melhorias. Assim, ligando isso à tese de que o ambiente molda os indivíduos, era permitido a eles pensar que, através da razão, seria possível construir um ambiente mais propício ao desenvolvimento humano. Uma espiral ascendente nas condições dos homens constituiria o resultado certo.

Nos Estados Unidos, Thomas Paine argumentou em torno de temas dessa estirpe. Em suas obras *Rights of a Man* e *Agrarian Justice*, de acordo com Merle CURTI (1964, p. 165): “Dentro de nossa compreensão, prosseguia Paine, está uma economia política que poderia abolir a pobreza e promover segurança para os idosos através de impostos progressivos sobre a herança e sobre as rendas da terra; [e] então a sociedade receberia de volta o que ela havia criado.”^{141/142} Philip

¹⁴⁰ The colonists being men, have a right to be considered as equally entitled to all the rights of nature with Europeans, and they are not to be restrained, in the exercise of any of these rights, but for the evident good of the whole country.

¹⁴¹ A hipótese de que a riqueza é criada pela sociedade como um todo foi uma das mais centrais na crítica vebleniana do capitalismo

Frenau (1752-1832) defendia que o progresso poderia ser acelerado pelas ações positivas no sentido do espalhamento das instituições democráticas. Benjamin Rush (1745-1813) e Franklin também eram partidários da idéia. A ciência racional deveria ser aplicada aos vastos recursos naturais e humanos da América do Norte, resultando, então, num progresso mais rápido das condições materiais.

Destarte, chega-se ao último ponto de honra do iluminismo: a promoção da ciência. A investigação empírica, indutiva, deveria ser contraposta às interpretações sobrenaturais, às revelações dadas. O homem, portanto, deveria debruçar-se com seu intelecto livre de preconceitos sobre a natureza e, através da empiria – ou mais exatamente do experimento -, atingir as conclusões científicas que fariam parte do enciclopedismo da humanidade, da coleção de conhecimentos que elevaria a condição humana. Em sincronia com a possibilidade de evolução, pensando-se nos tempos passados, a ciência se tornava uma arma poderosa para deletar instituições ultrapassadas, perniciosas, supersticiosas etc.

Os Estados Unidos do final do século XVIII e início do XIX não foram grandes produtores de ciência.¹⁴³ Mesmo assim, os reformistas mais liberais, como Thomas Jefferson, foram grandes propagadores e financiadores de incipientes estudos científicos nas mais diversas áreas. Este presidente apoiou expedições por terra e mar ao redor do território da grande nação continental, com a finalidade de catalogar espécies de fauna e flora, bem como para mapear as costas e o relevo do interior do país.

Para além disso, algumas controvérsias científicas tiveram muita popularidade durante os primeiros anos da república. Um exemplo dessas discussões foi a polêmica entre as interpretações geológicas da formação da superfície da terra. Na Europa daqueles tempos era debatida se a origem do

¹⁴² Within our grasp, Paine further contented, lay a political economy that could abolish poverty and provide security for the aged through graduate inheritance taxes and ground rents; thus society would receive back what it has created.

¹⁴³ Como já deve ter ficado claro na seção do capítulo anterior que tratou da inovação no território norte-americano.

relevo da terra tinha sido vulcânica, ou através de sucessivos depósitos de material, a partir de um grande oceano primitivo. A popularização dessa controvérsia, ainda que somente entre os mais educados da população, provocava os conservadores ao questionar os relatos bíblicos tão aceitos como verdades incontestas. Ao mesmo tempo, a paleontologia iniciante mostrava que a terra poderia ser muito mais antiga do que a cronologia bíblica permitia afirmar.

Mais do que isso, os Estados Unidos tiveram um ponto alto na ciência desse período com a chegada de Joseph Priestley (1783-1804), o famoso ensaísta, político e cientista responsável pelo isolamento do oxigênio. Em 1794, depois de ter sua casa incendiada em consequência do seu notório apoio às revoluções francesa e americana, quando foi acusado de “tentar decompor a igreja e o estado com suas fórmulas químicas”, ele refugiou-se na Pennsylvania, onde viveu até sua morte (MORISON, COMMAGER, 1960, p. 357). Nesse período de residência nos Estados Unidos, Priestley esteve protegido por sua amizade com Thomas Jefferson.

Enfim, à parte de ressaltar conquistas individuais no campo científico, o mais importante aqui é entender a relação desses pesquisadores e intelectuais mais avançados com os reformistas norte-americanos. Finalizando, CURTI (1964, p. 177) arremata: “Em que medida todas estas invenções promoveriam os ideais do Iluminismo nenhum contemporâneo tinha certeza; porém seus expoentes mais otimistas sentiam que estes avanços na ciência e nas aplicações eram um bom sinal para seus valores.”¹⁴⁴

Mas, mesmo com toda a penetração deste ideário iluminista nos Estados Unidos, a tônica predominante, na política e no pensamento, era ainda a conservadora. O iluminismo trouxe muitas propostas de reformas, com suas justificativas científicas e filosóficas, entretanto, a maioria não se concretizou durante os primeiros quarenta e cinco anos de existência do novo país. E é possível dizer isso, mesmo considerando a eleição de Thomas Jefferson para a

¹⁴⁴ To what extent all these and other inventions would promote the ideals of the Enlightenment no contemporary could be sure; but its optimistic exponents felt that these advances in science and in application augured well for their values.

Casa Branca em 1800, pois embora este *founding father* tenha considerado sua vitória “uma revolução tão real quanto a de 1776” (MORISON, COMMAGER, 1960, p. 363), em perspectiva histórica percebe-se que somente houve alguma mudança substancial em direção ao reformismo a partir das eleições de 1829. Charles SELLER (1985, p. 102) anota: “Esta ‘revolução de 1800’ não iniciou, porém, uma mudança radical na política pública e nem mesmo uma mudança revolucionária no equilíbrio de forças entre os partidos.”

A Era Jacksoniana sim, denotou a vitória de uma democracia popular militante – tema que será tratado logo mais - e trouxe algumas reformas, em debate desde os tempos da revolução, à tona. Assim, é forçoso reconhecer a longa hegemonia do conservantismo que norteou a elaboração da Constituição federal de 1787.

O conservadorismo da época pós-revolucionária nos Estados Unidos é tributário do pensamento anti-jacobino de Edmund Burke (1729-1797).¹⁴⁵ Sua principal obra de contestação contra a revolução francesa foi editada em 1790, sob o título *Reflexões sobre a Revolução na França*. Burke é importante porque através do central em sua obra é possível reconhecer o núcleo do ideário conservador dos Estados Unidos. De acordo com Jay Adrian SIGLER (1972, p. 13), o que destaca os conservadores americanos de seus meio-irmãos europeus é a inclinação democrática. Em geral, diz este autor, a democracia é bem aceita pelos americanos conservadores, é claro que nunca no mesmo grau dos jeffersonianos, mas essa questão é mais de medida que propriamente qualitativa. Assim, deve-se dizer que o fio que conduz os conservadores norte-americanos em sua cruzada está mais no respeito ao passado, no benefício da experiência histórica e das tradições, do que numa forma de governo específica. SIGLER (1972, p. 16) lê da seguinte maneira o que considera principal no pensamento de Burke:

¹⁴⁵ É corriqueiro encontrar-se referências à dicotomia de interpretações da revolução francesa de dois trabalhos de ingleses notáveis: Thomas Paine e Edmund Burke.

Burke era profundamente devotado ao princípio da ordem. Deus acreditava ele, é o autor de um plano divino ordeiro e inteligível. (...)

Não existe uma forma melhor de governo, na opinião de Burke, mas ele adverte que na democracia a opressão da minoria pode ser pior do que na monarquia. Não existe método simples para construir uma comunidade e homens não podem mudar de governo como trocam de casaca. Só a experiência e a sabedoria de muitas gerações podem ser guias seguros de um bom governo. (...)

..., portanto, outras maneiras pelas quais Burke possa ser considerado como o melhor proponente intelectual do conservadorismo; isto é, encontrado na ênfase que Burke atribuiu a conservar. Governos, leis, classes, costumes, religiões e tradições estabelecidas são dignos de respeito porque encarnam a sabedoria do passado. (...) Os direitos, deveres, títulos e instituições particulares que existiram por muitas gerações são o produto herdado de milhões de nossos ancestrais que transmitiram esses *benefícios* à atual geração.¹⁴⁶

Tal ênfase sobre a mentalidade de conservação, também se sustentava sobre a filosofia do senso-comum escocês. Quando DORFMAN (1947, p. 18-19) escreveu sobre a vida de Thorstein Veblen, ele afirmou que, ainda depois da Guerra Civil, o pensamento dos escoceses era a voga nos círculos intelectuais conservadores, especialmente entre os clérigos dirigentes das faculdades:

Os líderes clericais das universidades tinham uso para somente uma filosofia que pudesse ser ensinada de modo autoritário e recitada facilmente pelos estudantes. Tal filosofia não poderia lançar nenhuma dúvida sobre a interpretação literal da Bíblia e o aliado sistema da moral da Nova Inglaterra. A Filosofia Escocesa do Senso Comum, fundada por Thomas Reid, servia eminentemente aos seus propósitos.¹⁴⁷

¹⁴⁶ Grifo nosso.

¹⁴⁷ The clerical rulers of the colleges had use only for a philosophy which could be authoritatively taught and on which students could easily recite. It must cast no doubts upon literal interpretation

O uso deste filosofar dos escoceses na América do Norte começou bem antes da guerra civil. Thomas Reid (1710-1796), sucessor de Adam Smith na cadeira de filosofia moral da Universidade de Glasgow, desenvolveu o que se conhece através do nome de Senso-Comum Escocês para combater o ceticismo de David Hume (1711-1776), além do materialismo de Berkeley. Hume havia afirmado que nunca seria plausível ao homem estabelecer em bases racionais o conhecimento último da natureza, pois embora seja possível obter conhecimentos de grande valia através da experiência – única forma pela qual o conhecimento seria atingível, de acordo com John Locke - não seria possível conectá-los de maneira causal, uma vez que é impraticável estabelecer ligações definitivas entre todos os fatos de uma cadeia de experiências. Sendo assim, o estabelecimento racional de verdades últimas seria impossível.¹⁴⁸ Reid, então, sugere uma solução via senso-comum.

A observação das práticas enraizadas revelaria ao homem as verdades últimas. Em que pese a não possibilidade de prová-las em termos *puramente* racionais, os seres humanos têm o recurso à experiência repetida para intuir as mais importantes veracidades. Reale e Antiseri destacam as palavras de REID (apud REALE, ANTISERI, 2005, p. 310): “Assim, todas as nossas estranhas teorias sobre a formação da terra, sobre a geração dos animais e sobre a origem do mal natural e moral, quando ultrapassam os limites de uma justa indução a partir dos fatos, são vaidade e loucura, tanto quanto os ‘vórtices’ de Descartes e o ‘arche’ de Paracelso.”

Já em terras americanas, um pupilo de Reid que teve grande influência, principalmente em consequência de sua estada na América do Norte durante a década de 1770, foi Adam Ferguson (1723-1816). Este, em seus estudos junto

of the Bible and the allied system of New England morals. The Scottish Common Sense Philosophy, founded by Thomas Reid, eminently suited their purpose.

¹⁴⁸ Aqui é possível entender o porquê de REALE e ANTISERI (2005) incluírem os escoceses em foco entre os iluministas, estes, pois, tentaram uma solução para o ceticismo que Hume colocou em torno do uso da razão para obtenção de verdades últimas – um dos objetivos, como se sabe, dos filósofos iluministas.

com o professor que ele havia deixado em seu lugar quando viajou ao novo continente, Douglas Stewart,¹⁴⁹ chamou a atenção para “os testemunhos da memória” como elemento importante na persecução das verdades em termos morais. O bom-senso daquilo que ficou estabelecido pela decantação de geração em geração no fundo do poço da memória é o maior guia, e melhor, que se pode ter nas ações.

Desse jeito, é possível entender que os conservadores da época da feitura da Constituição Federal não devem ser confundidos com aqueles antisseparacionistas de antes da revolução. Conservar as tradições não equivalia diretamente a conservar o governo hereditário. A Constituição, assim, não era um documento conservador aos olhos da Europa monarquista, mas o era em relação aos Artigos da Confederação. Concentrava poder que era originalmente dos estados nas mãos do governo federal, com isso a sociedade se tornava mais aristocrática. O presidente era eleito pelo colégio eleitoral - como ainda o é, em parte -, e o Senado deveria ser formado pelo voto das assembléias dos estados. Porém, ainda assim a constituição pode ser tida como democrática, algo que faz com que a linha fronteira entre as duas trincheiras políticas dos Estados Unidos seja mais estreita. Nesse compasso, uma maneira de entender a diferença mais tênue que existia entre reformistas e conservadores nos Estados Unidos – em relação aos europeus – é compreender que os dois defendem os mesmos tipos de direitos, no entanto, os pesos dados pelos dois grupos a cada um dos direitos inalienáveis são diferentes (SIGLER, 1972, p. 15, 20).

2.1.3. Algumas Variações do “*American Way of Protest*”: outros reformistas do *antebellum*

Nos comentários sobre os embates entre federalistas e jeffersonianos não foi deixado ao largo a percepção de que no final da década de 1820, com a

¹⁴⁹ Não foram encontradas as datas de nascimento e morte.

eleição do presidente Andrew Jackson (1767-1845), houve uma virada maior em favor destes últimos. Maior mesmo que a representada pela eleição de Thomas Jefferson. Entretanto, de modo algum se pode rotular o governo da “Velha Nogueira” como *radicalmente* reformista.¹⁵⁰ Jackson foi em geral mais voltado para os direitos dos estados, pela não interferência do governo federal em melhoramentos nos estados, por atitudes negativas em relação aos grandes poderes das instituições financeiras e pela defesa do igualitarismo entre as classes sociais. Mas, ao mesmo tempo, por exemplo, não comprou a ideologia humanitária em relação aos povos nativos, sendo responsável por aquilo que impressionou Tocqueville como um “triste espetáculo”: a transferência de indígenas para o lado oeste do Mississipi (SELLER, 1985, p. 142).

A historiografia norte-americana marca o dia da posse de Andrew Jackson e as festividades decorrentes como símbolos da filosofia do general que estava tornando-se presidente¹⁵¹ (SELLER, 1985, p. 138; BLUM et al., 1963, p. 218; MORISON, COMMAGER, 1960, p. 443; HOFSTADTER, MILLER, AARON, 1967, p. 269). Nessa data, como comentam MORISON e COMMAGER (1960, p. 443): “E como teria parecido impróprio de um chefe democrático fazer distinções de classes, a Casa Branca foi invadida por uma multidão de homens, mulheres e meninos que subiam às cadeiras com suas botas enlameadas, lutavam para obter um refresco e pisavam pratas e porcelanas.”

Postos de lado estes relatos mais simbólicos da historiografia, a maior sinalização democrática que Andrew Jackson deu, no início de seu mandato, foi a substituição de funcionários públicos encastelados no poder havia muitos anos. Mesmo considerando que Jackson manteve oitenta de cada cem funcionários

¹⁵⁰ “Velha Nogueira” foi o apelido pelo qual Andrew Jackson ficou conhecido, tradução do inglês *Old Hickory*.

¹⁵¹ Andrew Jackson nasceu numa família de imigrantes escoceses pobres e não teve educação formal além da militar. Tinha acumulado propriedades no tempo de sua assunção como presidente, mas foi o primeiro norte-americano que não havia nascido em uma família de condições confortáveis a ascender ao maior cargo da república. BLUM et al. (1963, p. 218) escrevem: “Jackson foi, de fato, o primeiro presidente a encarnar uma estória de sucesso norte-americana na sua forma mais romântica: de uma cabana de toras para a Casa Branca.” (“Jackson was, in fact, the first President to embody the American success story in its most romantic form: from a log cabin to the White house.”)

durante seus oito anos de mandato – incluindo-se a reeleição – este rodízio de indivíduos junto ao poder ficou gravado pelos seus inimigos como o “*spoils system*”.¹⁵² O que mais impressionou a época foi o fato de que além das substituições propriamente ditas, Jackson as fez colocando novos funcionários escolhidos dentre seus correligionários, desprezando a questão do preparo intelectual necessário. Comentam os historiadores: “Todavia não há dúvida que as nomeações de Jackson fizeram baixar o nível geral e a eficiência dos serviços. Idosos e respeitáveis jeffersonianos foram substituídos por partidários de Jackson, homens jovens, muitas vezes de má reputação, quando não corruptos” (MORISON, COMMAGER, 1960, p. 445). Dizem, ainda, HOFSTADTER, MILLER e AARON (1967, p. 270), nesse sentido de que o mais importante foi *por quem* foram substituídos os servidores: “Os presidentes anteriores haviam retirado os partidos de oposição do Gabinete sem muito espanto. Jackson foi o primeiro a fazer com que o ‘sistema dos despojos’ parecesse tão moral e social quanto uma reforma política.”¹⁵³ O novo presidente chegou a propor que a ocupação dos cargos públicos não pudesse ultrapassar quatro anos, algo que foi prontamente rechaçado no Congresso.

O que se pode chamar de filosofia jacksoniana, ideário não rigidamente seguido pelo gabinete do então presidente, foi em boa parte desenhado nos seus discursos de posse. No primeiro discurso já era apontada a característica reformista que se pretendia, em conjunto com a crítica do passado federalista de John Quincy Adams¹⁵⁴ (1767-1848) – presidente anterior:¹⁵⁵

¹⁵² Expressão que pode ser traduzida como “sistema dos despojos”.

¹⁵³ Earlier presidents had removed opposition partisans from the Office without raising many eyebrows. Jackson was the first to make the ‘spoils system’ seem a social and moral as well as a political reform.

¹⁵⁴ Presidente entre 1825 e 1829.

¹⁵⁵ Desde o começo do mandato deste antecessor de Andrew Jackson os partidários do democrata iniciaram uma batalha de desmoralização do presidente federalista. Os resultados foram extremamente positivos para o grupo de Jackson, John Quincy Adams deixou seu governo em meio a uma grande impopularidade.

A recente demonstração de sentimento público inscreve na lista dos deveres do Executivo, em letras muito legíveis para ser ignorada, a tarefa da *reforma*, a qual exigirá especificamente, tanto a correção desses abusos que puseram o apoio do governo federal em conflito com a liberdade das eleições, quanto a neutralização daquelas causas que têm perturbado o curso normal da nomeação e que têm dado continuidade, ou concedido o poder à incompetentes e infiéis (JACKSON, 2008 [1829]).¹⁵⁶

Os abusos do governo federal de que falou Jackson eram principalmente dois: o uso da máquina arrecadatória do governo central para suprir de fundos melhoramentos bancados por este, que na opinião do “Velha Nogueira” não deveriam sair da bolsa pública; e o desrespeito do executivo, e maiormente do judiciário, pelos direitos dos estados. O primeiro ponto visto em conjunto com sua convicção de que a nação ideal era formada por uma sociedade rural, nomeia-o como expoente no *antebellum* do que alguns chamam de neojeffersonianismo. Em adição a isso, note-se sua referência à manutenção das forças armadas: “Visto ser o exército profissional perigoso para o governo livre em tempos de paz, eu não procurarei alargar nosso quadro presente...”¹⁵⁷(JACKSON, 2008 [1829]). Esta era uma visão oriunda do ex-presidente Jefferson.

A posição *laissez-faire* de Andrew Jackson começou a ficar bem clara a partir do caso da rodovia Maysville. O presidente não se fez de rogado ao vetar a concessão de dinheiro federal para a construção de uma rodovia que ligava Maysville à cidade de Lexington, no Kentucky. A justificativa foi que a rodovia ficava inteiramente dentro de um só estado. No entanto, ponderando o papel na decisão da defesa dos direitos dos estados, a razão fundamental era diminuir as ajudas federais, que na visão neojeffersoniana de Jackson significava o favorecimento a alguns grupos detentores de poder. BLUM et al.(1963, p. 218)

¹⁵⁶ The recent demonstration of public sentiment inscribes on the list of Executive duties, in characters too legible to be overlooked, the task of *reform*, which will require particularly the correction of those abuses that have brought the patronage of the Federal Government into conflict with the freedom of elections, and the counteraction of those causes which have disturbed the rightful course of appointment and have placed or continued power in unfaithful or incompetent hands.

¹⁵⁷ Considering standing armies as dangerous to free governments in time of peace, I shall not seek to enlarge our present establishment,...

dizem: “A intervenção federal nos interesses do povo, acreditava Jackson, geralmente aparece na forma de favores especiais à minorias influentes ou encorajamento de corporações monopolistas.”¹⁵⁸ Todavia, é preciso dizer que o veto de Jackson foi um evento mais simbólico, justamente por causa da alta fama do assunto naquela época. Ele autorizou cerca de dez milhões de dólares em melhoramentos locais ao longo dos oito anos de seus mandatos (SELLER, 1985, p. 140).

Em contraste com a tendência geral de identificar Jackson como um liberal, notabilizou-se sua posição em relação à revisão da então conhecida *Tariff of Abominations*.¹⁵⁹ Numa revisão feita por ele, em 1830, pouco foi feito para amenizar os efeitos da altíssima tarifa em voga, o que gerou um descontentamento generalizado em torno da posição do novo presidente. John Calhoun (1782-1850), político da Carolina do Sul e aliado do general Jackson durante o governo de Quincy Adams e, especialmente na campanha para a sua primeira eleição, conduziu seu estado a um confronto com o governo federal. A crise gerada gravou-se na história como a “*Nullification Crisis*”, identificada com uma posição radical de Calhoun sobre os direitos dos estados. A doutrina da nulificação defendia que os estados não abriram mão da totalidade de sua soberania quando ratificaram a Constituição Federal.¹⁶⁰ Por isso, dada essa premissa, os estados poderiam recusar-se a cumprir determinações federais caso considerassem que elas estivessem ultrapassando o limite de delegação legislativa concedido pelos poderes locais – estaduais – ao governo central.

Durante aquele ano de 1830, ao mesmo tempo em que eram discutidas as revisões tarifárias, a doutrina de Calhoun fomentou debates ferozes no Congresso. Mas, para desânimo deste, suas idéias foram friamente recebidas nas

¹⁵⁸ Federal intervention in the affairs of the people, Jackson believed, usually came in the form of special favors to influential minorities or of encouragement to monopolistic corporations.

¹⁵⁹ Esta, como já ressaltado anteriormente, foi uma tarifa aprovada em 1828, proposta por John Quincy Adams, que se tornou o momento mais protecionista de todo o século XIX nos Estados Unidos. O nome de “abominações” foi imposto pelos detratores do nacionalismo protecionista do sul do país.

¹⁶⁰ Tal idéia não era propriamente inédita, pois emprestava bastante das Resoluções da Virginia e do Kentucky apresentadas por Madison e Jefferson em 1798 (BLUM et al., 1963).

casas legislativas. Daniel Webster (1782-1852), descendente dos federalistas e partidário do reforço do poder central, parecia haver vencido as discussões. Mesmo Andrew Jackson, tido como defensor dos estados, considerou a doutrina da nulificação algo extremamente radical. BLUM et al. (1963, p. 224) afirmam: “Jackson tinha um profundo respeito pelos direitos dos estados, e agora ele estava convencido que os sulistas estavam certos ao reclamarem das tarifas existentes; porém, falar a respeito de uma nulificação ou secessão, como os cidadãos da Carolina do Sul fizeram, era outro assunto.”¹⁶¹ Em 1833 as idéias daquele estado foram colocadas em teste. A legislatura da Carolina do Sul declarou que a tarifa em vigor não tinha legitimidade no seu território e vetou qualquer tipo de cobrança. O presidente recebeu este desafio de força com declarações de força, ameaçou de invasão o estado e de enforcamento seu ex-correligionário Calhoun. Com pouco apoio dos outros estados do sul, que temiam um conflito aberto – e provavelmente armado – com o governo federal, a Carolina do Sul ficou isolada na sua política de nulificação. Contudo, como o presidente também estava disposto a evitar contendas violentas a quase qualquer custo, a solução enveredou por uma proposta de revisão tarifária aprovada em março de 1833 pelo Congresso. A dita “*compromise tariff*” previa a redução gradual das cobranças sobre as importações até 1842, quando a tarifa geral tornar-se-ia de vinte por cento. A legislatura do estado contencioso, então, recuou, deixando Calhoun mais isolado ainda.

Junto com a turbulenta batalha da nulificação, Jackson decidiu abrir outro *front* em nome de seus ideais. Desta vez contra o Segundo Banco dos Estados Unidos, principal instituição financeira da época e depositário do dinheiro do governo central. Nesse conflito sobressaíram, novamente, com bastante visibilidade, as características reformistas e neojeffersonianas de Andrew Jackson. Isso além de transparecer a maneira pela qual os reformistas americanos encarariam a existência de monopólios dali por diante. SELLERS (1985, p. 143) viu a questão do ponto de vista do presidente da seguinte forma:

¹⁶¹ Jackson had a deep respect for the rights of the states, and He was now convinced that Southerners had reason to complain about the existing tariff; but to talk of nullification or secession, as South Carolinians did, was another matter.

A experiência do presidente com dívidas e depressão tornara-o desconfiado de todos os bancos. Nessa questão, sua mentalidade democrática fundiu-se com a mentalidade rural a fim de gerar a convicção de que bancos criavam uma atmosfera insalubre de especulação, produziam ciclos de altas e quebras e transferiam riqueza dos muitos para uns poucos. O banco nacional era vulnerável a uma objeção especial porque concentrava poder demais em mãos privadas e porque violava princípios jeffersonianos de interpretação estrita da Constituição e governo limitado. As opiniões de Jackson sobre todos esses aspectos refletiam a ressurgente mentalidade agrária e o neojeffersonianismo produzidos pela depressão, bem como o *animus* antibanco do emergente movimento operário.

Nesse ponto Jackson foi ajudado pelos novos empresários que apareceram a partir da expansão econômica, ocorrida depois da guerra de 1812. Os novos capitalistas consideravam o acesso fácil ao crédito requisito fundamental para a sustentabilidade do crescimento dos negócios. Assim, o poder concentrado da mega instituição financeira batia de frente com os emergentes homens de negócios.¹⁶² Portanto, na medida em que chegava a data na qual o grande banco deveria renovar sua carta de concessão, 1836, dada a crescente popularidade de Jackson, a tendência antibancária crescia. Reuniam-se em torno da causa os banqueiros de pequenos bancos estaduais e especuladores de terras, além dos já citados novos empresários. Fundamental nisso, também, foi o apoio dos partidários da “moeda forte” – “*hard money*” – ou opositores da moeda fiduciária, emitida pelos bancos. Entre eles destacava-se o aliado de Jackson, Senador Benton, do estado do Missouri. BENTON (apud HOFSTADTER, MILLER, AARON, 1967, p. 278) teria advertido o Congresso sobre o poder dos bancos em 1831: “Era a autoridade única (...) à qual o governo federal, os governos estaduais, as grandes cidades, os membros corporativos, mercadores,

¹⁶² É interessante perceber que o partido democrata, mesmo sendo o partido que apoiou os sulistas na Guerra da Secessão, justamente pelas suas características mais liberais, esteve sempre ao lado dos empresários emergentes, apoiando-os contra os interesses dos setores mais tradicionais da economia.

comerciantes, e todo cidadão privado deveriam necessariamente recorrer para qualquer empréstimo de que necessitassem.”¹⁶³ No ano da disputa pela reeleição, em 1832, a questão da manutenção da carta do Banco dos Estados Unidos tornou-se o assunto central, discutido mesmo pelas camadas menos educadas, como os movimentos de operários. O presidente do banco, Nicholas Biddle (1776-1844), um ex-federalista que teria votado em Andrew Jackson nas suas duas primeiras disputas, dirigia a instituição havia mais de uma década. Convencido pelos parlamentares oposicionistas Henry Clay (1777-1852) e Daniel Webster, Biddle achou oportuno adiantar o pedido de re-concessão da carta do banco. O presidente reconheceu que seus opositores pretendiam usar um mal avaliado pretenso apoio popular ao banco durante a campanha e, isso sendo, ofereceu resistência. Teria dito para seu braço direito no Congresso, Martin Van Buren (1782-1862): “O banco, Mr. Van Buren, está tentando me matar, *mas eu o matarei antes*”¹⁶⁴ (HOFSTADTER, MILLER, AARON, 1967, p. 279). Aprovada a carta pelo Congresso, sucesso do *lobby* de Webster e Clay, o presidente preparou com especial esmero sua mensagem de veto, talvez o documento mais importante do neojeffersonianismo.

BLUM et al. (1963, p. 139-159) chamam os anos entre a década do jacksonianismo e a Guerra Civil de “A Era da Reforma”. Nome que seria mais comumente usado pela historiografia para descrever os tempos de Veblen – a *Gilded Age* e a Era Progressiva. Mas é de considerável interesse notar a permanência das questões reformistas nesses anos e, mais ainda, como tais clamores iriam se manter-se até aqueles anos nos quais Veblen escreveu suas

¹⁶³ It was the sole authority (...) to which the federal government, the State Governments, the great cities, corporate bodies, merchants, traders, and every private citizen, must, of necessity, apply to every loan which their exigencies may demand.

¹⁶⁴ The bank, Mr. Van Buren, is trying to kill me, *but I will kill it*.

obras. Há muita continuidade nos brados anticonservadores norte-americanos, os quais podem ser seguidos, via de regra, até os dias de hoje – é claro que isso com qualificações. Assim, observe-se os pontos dos reformistas colhidos na obra de BLUM et al. (1963) para esse período.¹⁶⁵

Um primeiro aspecto do reformismo americano, mesmo consideradas as influências que atravessaram o Atlântico no sentido do velho mundo para o novo, é a diferenciação dos americanos no sentido em que seus clamores por reformas se fizeram sem o uso da violência – algo menos verdadeiro no *postbellum*. Os grupos que comandaram boa parte dos reformismos foram igrejas e sociedades filantrópicas, e não partidos com características revolucionárias.¹⁶⁶

Como a religião era tão influente no pensamento norte-americano, é claro que se deve considerar primeiro as mudanças no credo que muitos dos reformistas esposavam. BLUM et al. (1963, p. 240) sinalizam o clima do protestantismo que levou às mudanças reformistas: “No início do sec. XIX, muitos dos dogmas puritanos – predestinação, danação infantil, e a total depravação do homem – já haviam sido rejeitados, ou ao menos qualificados por uma teologia

¹⁶⁵ Deve ser assinalado que, na literatura mais geral sobre a história americana consultada para a confecção desse capítulo, somente BLUM et al. (1963) separam com ênfase, e divisado da narrativa do governo de Andrew Jackson, o reformismo desses anos – pós 1820. A inclusão, aqui, dessa análise, vem do fato de que nosso autor-objeto, Thorstein Veblen, vai retomar, do ponto de vista da economia política e de sua metodologia, muitos dos pontos que tiveram contínuo apelo junto às mentalidades mais inconformadas e autocríticas a respeito dos Estados Unidos. Fica interessante adiantar nesse ponto que duas divergências sobressaltam em relação ao reformismo do *antebellum* e o dos tempos de Veblen. Resultado da influência do iluminismo, o reformismo dos primeiros anos é predominantemente otimista, considerando o fato de que é muito comum entre os norte-americanos a idéia de que sua nação estaria predestinada a uma missão divina – algo compreensível se se considerar os objetivos da vinda dos primeiros peregrinos puritanos da Inglaterra. Em Veblen, demonstrar-se-á, existe viés pessimista. Outro ponto, em tangência ao primeiro, diz respeito ao nacionalismo exacerbado dos norte-americanos. BLUM et al. (1963, p. 239) ressaltam o fato de que as críticas estrangeiras eram vistas com maus olhos, no entanto, em que pese isto: “Mas se os americanos tomam o criticismo por estrangeiros como impertinente, eles periodicamente mostram uma ampla capacidade para o autocriticismo.” (“But if americans regarded criticism by outsiders as impertinent, they periodically displayed an ample capacity for self-criticism.”) Thorstein Veblen fará parte daqueles americanos não primordialmente afetados pelo nacionalismo exacerbado. Será, até, tremendamente duro com algumas atitudes enraizadas em sua terra natal.

¹⁶⁶ Dizia o magistrado francês que ficou famoso pelos seus estudos sobre a América: “Não há país no mundo onde a religião cristã retenha maior influencia nas almas dos homens do que na América.” (“There is no country in the world where the Christian religion retains greater influence over the souls of men than in America.”) (TOCQUEVILLE apud BLUM et al., 1963, p. 240).

mais liberal, que substituiu o Deus da ira de Calvino por um Deus de amor benevolente.”¹⁶⁷ A doutrina mais importante, e influente, no sentido modernizante, traduziu-se sob o unitarismo.¹⁶⁸ William Ellery Channing (1780–1842) foi o maior expoente desse novo pensamento. Os dogmas disseminados por Channing incluíam a idéia de que a natureza do homem é essencialmente boa, Deus é um pai misericordioso e de amor e, que o significado das escrituras é uma busca essencialmente pessoal. Estes novos modelos de religiosidade cristã levavam *ipso facto* ao abraço do unitarismo com o humanitarismo. A filantropia, bem como o suporte de ações de mudança do espírito humano em direção às suas inclinações primeiras, boas no cerne, passavam assim ao centro das novas crenças.^{169/170}

O próprio Channing notou que as sociedades em prol dessas ou destas ou daquelas causas espalhavam-se em profusão nos Estados Unidos de seu tempo. Os reformistas formavam sociedades para uma plethora até mesmo curiosa de variedades de celeumas. Iam do ensejo ao fim do uso de espartilhos, passando pela frenologia,¹⁷¹ indo até os mais importantes direitos das mulheres. A origem social dos reformistas era na sua maioria de classe média.¹⁷²

¹⁶⁷ “By the start of the nineteenth century many of the puritan dogmas – predestination, infant damnation, and the total depravity of man – had already been rejected, or at least qualified, by a more liberal theology that replaced Calvin’s God of wrath with a benevolent God of love.”

¹⁶⁸ Junto com ele podem ser citados os universalistas e campobelitas, além dos presbiterianos da “nova luz”.

¹⁶⁹ Logo mais adiante comentar-se-á sobre o Transcendentalismo, movimento que foi predominantemente literário, e herdeiro direto do unitarismo.

¹⁷⁰ É mister dizer que os unitaristas eram grandes partidários da idéia de que o ambiente, natural e social, é fator importantíssimo na formação dos indivíduos.

¹⁷¹ A frenologia é um campo de estudo totalmente desacreditado hodiernamente, foi primeiramente desenvolvido a partir dos estudos do fisiologista alemão Franz Gall (1758-1828), e procurava estabelecer relações entre as fissuras e tamanhos dos ossos do crânio das pessoas com suas características psicológicas.

¹⁷² Aqui BLUM et al. (1963,p. 246) sugerem que foi a percepção da *perda de status* por parte da classe média a grande responsável pelo engajamento destes com os motivos reformistas. Essa idéia é o centro da famosa e importantíssima interpretação que Richard HOFSTADTER (1955) faz da Era Progressiva. Portanto, pode-se dizer que BLUM et al. (1963) usam tal leitura deslocada no tempo cerca de 60-70 anos antes, ou atribuem o surgimento dessa apreensão às camadas médias desde muito antes do que Hofstadter assinalou. Em suma, o que deve ficar desse atilamento é o fato de que há muita continuidade no ideário reformista dos norte-americanos.

Novamente vinha a questão do tratamento mais humanitário aos presos e criminosos. Apoiados na idéia de que o direito penal e o sistema de privação da liberdade deveria reformar os delinquentes ao invés de apenas puni-los, os protestos chamavam a atenção para causas já debatidas desde os tempos da revolução: prisão por dívida e execuções públicas, para listar apenas dois exemplos. Na mesma toada bradava-se contra o tratamento desumano dispensado aos deficientes mentais. Dorothea Dix (1802-1887), uma professora de Boston, lançou em 1841 uma cruzada contra as condições inadequadas dos hospitais e asilos para os mentalmente afetados. A luta dessa reformista ultrapassou os tempos da Guerra Civil com o mesmo ímpeto, até sua morte em 1887, levando muitas legislaturas estaduais a considerarem melhoramentos nos sistemas de tratamento e asilo destes doentes (BLUM et al., 1963, p. 246). Em conjunto com o tratamento dos criminosos e doentes, e mesmo em função da atribuição de boa parte da ocorrência de crimes violentos à embriaguez e ao vício em álcool, a abstenia também foi causa dos reformistas, em especial dos mais afins às religiões protestantes progressistas. Em 1826, dezenas de sociedades de caráter local em favor da abstinência do álcool juntaram-se numa entidade de âmbito nacional. Surgiu então a *"American Society for the Promotion of Temperance"*. Em resposta a tais protestos, o estado do Maine passou a primeira lei de proibição em 1846, e na década seguinte foi copiado por pelo menos uma dúzia de estados do Norte e Oeste. Todavia todas estas leis ficaram em vigor durante um curto período (BLUM et al., 1963, p. 246-247).

Já citada acima, foi a luta pelos direitos das mulheres. Este era um assunto que dividia os homens dedicados às lutas pelas reformas. Por exemplo, em 1840, mulheres progressistas como Lucretia Mott (1793-1880) e a famosa Elizabeth Cady Stanton (1815-1902) foram impedidas de participar de uma reunião de abolicionistas como delegadas americanas em Londres.¹⁷³ No ano de 1848, o primeiro congresso norte-americano pelos direitos femininos foi realizado em Seneca Falls, Nova York. Os participantes tinham como lema uma paródia da

¹⁷³ Lucretia Mott, nascida Coffin, morou em Nantucket (Mass.). Fundou com seu marido James Mott (1788-1868) a Sociedade Anti-escravista Americana (1833), juntamente com Elizabeth Cady Stanton, dirigiu a primeira convenção sobre os direitos femininos em Seneca Falls no ano de 1848.

Declaração da Independência, a qual afirmava: “todos os homens e *mulheres* foram criados iguais”. Mas, nos anos que precederam a Guerra Civil apenas ganhos pontuais e pequenos foram conquistados pelas mulheres. Significativamente o Oberlin College, em 1833, tornou-se a primeira instituição co-educacional de ensino superior. Gradualmente os reformistas conquistaram opiniões de que as mulheres não eram inatamente inferiores, contudo, as grandes conquistas, como o voto, demorariam mais para concretizarem-se.

É claro que naqueles idos o abolicionismo foi gradualmente assumindo a dianteira dos protestos por reforma. Nos anos de 1831-32, William Lloyd Garrison (1805-1879) iniciou a publicação de um dos mais celebrados e estudados periódicos em favor da libertação dos escravos, o *Liberator*, ao mesmo tempo em que fundou a *New England Antislavery Society*, a qual, logo em seguida, resultou no estabelecimento de uma liga nacional da causa.¹⁷⁴ Já no início da década seguinte, mais de duas mil pequenas e médias sociedades com este fito poderiam ser arroladas nos Estados Unidos, obviamente quase todas concentradas no norte e oeste do país. E entre os pedidos reformistas a abolição passou a ser o assunto deveras mais discutido. Tal popularidade resultou do aumento da percepção, por parte principalmente dos nortistas, de que a escravatura não se mostrava uma instituição que tenderia a morrer de causas naturais. BLUM et al. (1963, p. 252) ainda acrescentam: “Além disso, os reformistas estavam bastante conscientes da hipocrisia da América em posar como um modelo de instituições liberais, ao mesmo tempo em que era um dos últimos países no mundo ocidental a tolerar a escravidão humana.”¹⁷⁵ Os argumentos dos abolicionistas iam desde a alegada não economicidade da escravidão como modelo de produção até a “*moral suasion*”, calcada em argumentos de cunho religioso e ético. Alguns dos abolicionistas tomaram posições radicais, que no entanto tinham pouca aceitação mesmo por parte dos habitantes da porção norte do país. Isso veio em boa

¹⁷⁴ Alguns outros abolicionistas, ao menos tão importantes quanto Garrison merecem menção: Wendell Phillips, da Nova Inglaterra, Gerrit Smith e os irmãos Tappan, em Nova York e, Theodore Dwight Weld no oeste.

¹⁷⁵ Moreover, the reformers were acutely conscious of the hypocrisy of America's posing as a model of liberal institutions while remaining one of the last countries in the western world to tolerate human bondage.

medida do fato de que mesmo os americanos daquela região viam com olhos diferenciados a natureza dos negros, isto é, embora abolicionistas, eram preconceituosos quanto à integração dos afro-americanos como cidadãos em pé de igualdade. Enfim, BLUM et al. (1963, p. 254) concluem sobre o movimento abolicionista: “Num aspecto fundamental a cruzada abolicionista foi um fracasso. Visto que ela não converteu os escravocratas, ela nunca atingiu seu objetivo principal: a abolição pacífica através do triunfo da verdade sobre o mal.”¹⁷⁶ Seguiu-se o terrível derramamento de sangue quando da tentativa de secessão dos estados escravocratas.

Havia uma distinção crucial nas idéias tipicamente norte-americanas que apelavam por mudanças: um caráter quase sacro era conferido ao individualismo. E, o mais interessante, é que do mesmo individualismo serviam-se reformistas e conservadores. Iconoclastas do período pré-guerra civil clamavam por uma filosofia naturalista e personalista, ao mesmo tempo que seus opositores usavam a argumentação da liberdade individual como pedra fundamental para o combate aos propósitos de mudança. Como marcou Merle CURTI (1964, p. 292), desde a época da “ascensão do homem comum” as tendências igualitárias, mesmo que baseadas no clamor pela democracia radical e pela valorização do indivíduo, eram contra-balanceadas pela crença conservadora individualista e, alegadamente democrática, *in verbis*:

O surgimento do industrialismo também promoveu a enunciação de uma filosofia social que identificava individualismo com democracia. Essa filosofia foi formulada em resposta às críticas do comércio e indústria – os reformistas mais doutrinários e radicais, os Românticos, os Transcendentalistas, muitos dos quais condenavam o capitalismo como sendo injusto, anti-democrático, ou excessivamente materialista. (...)

¹⁷⁶ In one fundamental respect the abolitionist crusade was a failure. Since it did not convert the slaveholders, it never achieved its original goal: peaceful abolition through the triumph of the truth over evil.

A existência de vastos recursos naturais e a ausência de classes estáticas nos Estados Unidos, figuravam em muitos dos esforços para demonstrar o caráter essencialmente democrático da nova ordem industrial.¹⁷⁷

Os escritores transcendentalistas eram iconoclastas por excelência, e foram amostras da combinação entre a supervalorização do indivíduo e o inconformismo com os rumos da América do Norte.

Ralph Waldo Emerson (1803-1882), talvez o mais importante representante desse movimento, foi um dos fundadores do “*Transcendental Club*” e da revista “*Dial*” – esta última, *locus* por excelência dessa corrente, e para a qual, mais tarde, Veblen seria um ativo articulista.¹⁷⁸ Ainda, mesmo que dentro de uma obra tremendamente ambígua, Emerson chegou a defender um papel ativo para o governo. O ensaísta sustentava que a gerência do Estado não poderia ser de caráter “feudal” e, deste modo, não deveria estar sob a batuta da “aristocracia do comércio”, tendo a obrigação de prover educação e trabalho para os mais pobres e mais, mediar a relação entre os “desejos e o abastecimento” (PATSOURAS, 2004, p. 22-23). Contudo, juntamente com a defesa da intervenção do Estado, ficava reservado um especial lugar para o supra-sumo da exaltação do indivíduo. Segundo Lawrence BUELL (1988, p. 368): “Emerson declarou certa vez que ele possui somente uma doutrina, ‘a infinitude do homem particular’. Esse foi de fato o seu maior argumento, e também o maior de seu movimento, seja como ponto de defesa ou (conforme na sua obra posterior, assim como na obra dos

¹⁷⁷ The rise of industrialism also promoted the enunciation of a social philosophy that identified economic individualism with democracy. This philosophy was formulated in response to the critics of commerce and industry – the more doctrinaire and radical reformers, The Romanticists, the Transcendentalists, many of whom condemned capitalism as unjust, undemocratic, or excessively materialistic. (...)

The existence of vast natural resources and the absence of fixed classes in the United States figured in many of the efforts to demonstrate the essentially democratic character of the new industrial order.

¹⁷⁸ Como o propósito dessa seção não é oferecer análise literária, apenas tratar-se-á dos dois escritores considerados mais importantes para o movimento. Outros nomes importantes do transcendentalismo que não estão inclusos nesse texto são: Amos Bronson Alcott (1799-1888), sua filha Louisa May Alcott (1832-1888), Margaret Fuller (1810-1850), importante no movimento feminista de seu tempo, e William Ellery Channing (1818-1901), do qual já se falou.

transcendentalistas moderados) como ponto central de questionamento e exame.”¹⁷⁹

Melhor explicado, o transcendentalismo, de acordo com alegações de Emerson, deitava suas raízes em Kant, negando o senso comum lockiano, um dos pilares reivindicados pelos conservadores norte-americanos. O movimento baseava-se numa mistura de negação ao empirismo da religião unitarista,¹⁸⁰ pretensamente fundado em John Locke (1632-1704), e numa interpretação particular das idéias de Kant. Emerson e seus companheiros derivaram uma distinção fundamental para a base individualista de seu ideário, entre a “razão”, definida como a capacidade através da qual a “alta intuição” do homem poderia levá-lo a participar da divindade, e o “entendimento”, que era a faculdade racional de compreender o mundo nos empíricos termos lockianos (BUELL, 1988, p. 370). A famosa revolução copernicana de Kant situava o indivíduo no centro da percepção, e disso se utilizaram os transcendentalistas, insistindo, de forma a exaltar a individualidade, que não há como conhecer senão através do homem. Num ensaio de 1841, dizia o autor em foco: “Acreditar em nossos próprios pensamentos, acreditar que aquilo que é verdadeiro para você em seu próprio coração é verdadeiro para todos os homens – isso define o gênio”¹⁸¹ (EMERSON *apud* HIGH, 1986, p.44).

Outro colega de Emerson, muito menos ambíguo, e que exortou a revolta contra o *status quo* da sociedade americana, inclinado mais que o último para o pensamento propriamente social, foi o excêntrico autor de *Walden or Life in the Woods* (1854): Henry David Thoreau (1817-1862). Ele viveu na mesma região que Emerson, na cidade de *Concord*, coração de Massachusetts, apenas a trinta quilômetros da grande Boston. A relação entre os dois iniciou-se quando Thoreau

¹⁷⁹ Emerson once stated that he had only one doctrine, ‘the infinitude of the private man’. That indeed was his great argument and the movement as well, either as a point of advocacy or (as in Emerson’s later work, and the work of transcendentalists moderates) as the central point of inquiry and examination.

¹⁸⁰ Emerson iniciou sua carreira como ministro unitarista.

¹⁸¹ To believe in your own thought, to believe that what is true for you in your private heart is true for all men – that is a genius.

leu, ainda jovem, em Harvard, antes da sua graduação em 1837, a obra *Natureza*, composta por Emerson. A intensa colaboração intelectual entre os dois faria a convivência chegar a ponto de viverem juntos durante a década de 1840, antes de romperem um profícuo relacionamento intelectual, em 1853.

A vida de Thoreau foi repleta de curiosidades que agitavam os comentários na comunidade onde ele viveu. Uma delas foi a experiência de morar totalmente isolado numa cabana às margens do lago Walden, o que o levou a considerar: “Se a civilização tem melhorado nossas casas, ela não tem feito o mesmo com aqueles que nelas moram”,¹⁸² uma declaração agudamente anti-conservadora, marca do protesto contra a sociedade norte-americana. Merle CURTI (1964, p. 295) dizia, em sua análise do pensamento americano, que o Lago Walden foi o grande antídoto de Thoreau contra as ferrovias e contra as grandes cidades. O livro que esse autor produziu após os anos de isolamento, no entendimento de HIGH (1986, p. 47), é o mais completo e propriamente transcendentalista dentro de toda a corrente, negação da sociedade e exaltação da convivência do homem consigo mesmo e com a natureza.

Mas, além dos excêntricos tempos de solidão, Thoreau chamou mais ainda a atenção de seus conterrâneos quando foi preso por não pagar imposto no ano de 1846, rebelião defendida com mordacidade no mais famoso escrito político dos participantes desse movimento: o seu *Desobediência Civil*.¹⁸³ O poeta escreveu esse ensaio num período no qual tinha tomado fortes posições políticas, em oposição à guerra dos Estados Unidos com o México e, especialmente, contra a escravidão. Ao contrário dos chamados de Emerson à participação mais ativa do governo, Thoreau pregava que a resistência pacífica à coerção estatal deveria ser a arma daqueles que queriam reformas. Em *Desobediência Civil*, assim como na quase totalidade dos trabalhos transcendentalistas, nota-se o caráter marcadamente individualista dessa iconoclastia. “Um único homem pode fazê-lo

¹⁸² While civilization has been improving our homes, it has not equally improve those who live in them.

¹⁸³ Esse pequeno livro foi publicado originalmente em 1849, com o título *Resistência ao Governo Civil*, depois alterado para o nome citado.

[o governo Americano] dobrar-se à sua vontade”,¹⁸⁴ defendia Thoreau nas páginas de “Desobediência” (THOUREAU, 2008).

Em Thoreau é possível perceber os transcendentalistas mostrando que a ação era tão importante quanto os alaridos das letras. Emerson foi essencialmente um escritor, mas seu companheiro, como bem documentado nos relatos de sua prisão em *Desobediência Civil*, partiu para a ação, recusou-se a pagar os impostos. GARBBER (1988, p. 411) analisa: “Ele amadureceu vendo a importância da Ação e como todos os nossos atos essenciais são atos de realização – uma partitura perfeita, um texto exemplar, a liberdade de um escravo, uma casa sobre areia em constante mudança. Ele desenvolveu a compreensão para ver como essas ações, quando bem feitas, tornam-se gestos na realização do próprio ser, e assim, do sentimento de pertencer ao mundo.”¹⁸⁵ Sobre a *práxis* do movimento transcendentalista, deve-se notar a maior das suas realizações, o experimento de Brook Farm, que teve no escritor e ministro unitarista George Ripley (1802-1880) um dos seus maiores ideólogos e realizadores. A fazenda foi organizada em termos de uma companhia *joint-stock*, da qual os participantes compravam ações. O trabalho era remunerado de acordo com as horas trabalhadas e das ações de que o indivíduo dispunha. Havia um sistema de rodízio do trabalho, principalmente dos mais pesados e rotineiros, e numa intensa vida comunitária os sistemas intelectuais eram intensamente estimulados. Nas palavras de EMERSON, como citado por PATSOURAS (2004, p. 22): “Na *Brook Farm* (...) cada um era o mestre ou a mestre de suas ações; felizes, pobres, anarquistas.”¹⁸⁶ A comunidade durou de 1841 a 1847, quando um grande incêndio destruiu boa parte da fazenda.

¹⁸⁴ A man could bend [the American government] to his will.

¹⁸⁵ He had grown to see the significance of Act and how all our essential acts are acts of making – of perfect staff, an exemplary text, the freedom of a slave, a house on a the eternally shifting sands. And he had also grown to see how those acts, when properly done, become gestures in the making of the self and thus of the self’s at-homeness in the world.

¹⁸⁶ In Brook Farm (...) each was a master or mistress of his or her actions; happy, hapless, anarchists.

Embora essa corrente não tenha focado a transformação social como ponto principal de seus esforços intelectuais, é possível associá-los àqueles que destoavam dos partidários da manutenção do *status quo* da sociedade norte-americana de seus tempos. Isso mesmo com a concentração capitalista, financeira e industrial, e a desigualdade de renda estando apenas no começo de sua gestação. Theodore Parker (1810-1860), exatamente nesta direção, é o último transcendentalista que merece ser mencionado, pois foi o mais feroz crítico dos rumos dos Estados Unidos, desprezava o “culto do dinheiro - mestre de tudo”, “a multiplicação infinita das conveniências”, “o descrédito da vida interior em prol do material” etc. Enfim, como escreveu Merle CURTI (1964, p. 297): “Os transcendentalistas, em sua maioria, discordavam de que o industrialismo fosse desejável e democrático.”¹⁸⁷

É claro que as discussões sobre as raízes e o desenvolvimento do embate entre reformistas e conservadores nos Estados Unidos do *antebellum* podem estender-se quase indefinidamente. Ainda existiram as experiências socialistas utópicas levadas a termo pelos europeus que migraram para a América, e o nascimento de um incipiente movimento sindical. Todavia, como o intuito é demarcar idéias gerais que pertenceram às argumentações dos dois lados, ainda que mais detalhadamente aos reformistas, é útil ao princípio da síntese parar esta extensa narrativa por aqui. Gravem-se as continuidades, os temas e as filosofias influentes, isso será o necessário para a discussão sobre Thorstein Veblen no próximo capítulo.

¹⁸⁷ Transcendentalists in the main opposed that industrialism is democratic and desirable.

2.2. INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DAS IDÉIAS ECONÔMICAS NOS ESTADOS UNIDOS: 1865-1900

2.2.1. As Origens da Economia Política Norte-Americana

John Kenneth GALBRAITH (1989, p. 140) discute o ideário econômico nos Estados Unidos de antes da *Gilded Age*, observando o ambiente de tenaz progresso sócio-econômico na América do Norte:

Seria de esperar que num contexto tão diferente [da Europa] surgiriam novas e esperançosas idéias econômicas; mas, como vimos, a verdade é que durante quase todo este período praticamente não houve qualquer pensamento econômico formal americano de qualquer espécie. Estudiosos inspirados e determinados têm procurado um sistema típico e exclusivamente americano, mas pouco descobriram que fosse de fato abrangente. Mais uma vez constatamos que o estudo da economia convive bem com desgraças evidentes e um desespero palpável; já o sucesso, a realização pessoal e a satisfação não proporcionam a mesma inspiração

O que se nota, continuando na direção apontada pelo texto de Galbraith, é que por um lado os americanos do primeiro século de independência não conseguiram criar quase nada em termos de teoria econômica propriamente original, mas, por outro, desenvolveram prolíficas discussões sobre questões práticas da vida econômica. Disse o ex-economista de confiança de John Kennedy: “Embora nos Estados Unidos houvesse pouco interesse pelos temas fundamentais da economia clássica ou pelos ataques marxistas ou não-marxistas a eles, discutia-se ardorosamente toda uma gama de tópicos econômicos de ordem eminentemente prática.” (GALBRAITH, 1989, p. 141).

As constatações deste eminente seguidor de Veblen do século XX, já haviam sido assentadas mesmo pelos economistas de final do século XIX, os quais acabaram percebendo, ainda naquela época, que uma mudança estaria em curso na qualidade teórica dos estudos econômicos americanos. Um eminente professor de economia política daqueles tempos – aliás, um dos primeiros com este título propriamente conferido à sua cadeira acadêmica –, anota esse fato num artigo em que analisou a evolução do pensamento econômico norte-americano durante quase um século de independência. Charles DUNBAR (1876, p. 137) escreveu:

Já bastaria para nosso propósito, se ao invés de passar em revista toda esta série de escritores americanos de economia política, nós simplesmente tivéssemos atentado para o fato de que, com poucas exceções, os trabalhos produzidos nos EUA têm aparecido na forma de livros-texto escritos por autores preocupados com a instrução universitária, e por conseqüência, especialmente interessados em tornar acessíveis aos estudantes de graduação aqueles princípios previamente trabalhados por outros. Não podemos questionar o sucesso com o qual esse trabalho com freqüência tem sido feito, assim como seu valor. Entretanto, é óbvio que não é através destes meios que as descobertas na ciência abstrata supostamente são feitas ou anunciadas ao mundo. (...) Não somente nenhuma escola americana de escritores de economia política se estabeleceu, (...), como nenhuma contribuição reconhecida para o desenvolvimento da ciência pode ser apontada de um modo comparável àquelas realizadas pelos escritores franceses, ou àquelas que os alemães estão fazendo agora.¹⁸⁸

¹⁸⁸ It might perhaps have been enough for our purpose, if, instead of passing in review this series of American writers on political economy, we had simply called attention to the fact that, with few exceptions, the works produced in the United States have been prepared as text-books by authors engaged in college instruction, and therefore chiefly interested in bringing principles previously worked out by others within the easy comprehension of undergraduate students. The success with which this work has often been done and its value, we shall not question; but clearly it is not by such means that discoveries in abstract science are likely to be made or announced to the world. (...) Not only has no American school of writers on political economy has been established, (...), but no recognized contribution to the development of the science can be pointed out in any way comparable to those made by the French writers, or to those which the Germans are now making.

Nesse mesmo passo, o Professor WEBER (1899, p. 260) marca a data do surgimento de um academicismo teórico, mais original e preponderantemente gerado nos Estados Unidos, com o surgimento do trabalho do general Francis Amasa Walker (1840-1897) sobre a questão salarial. *Wages Question* é um ataque à doutrina, àquele tempo quase ubiquamente aceita, do fundo de salários. E, no mesmo trabalho Walker também estabeleceu, alegadamente pela primeira vez, a distinção entre o capitalista e o *entrepeneur*, entre o lucro recebido como juro e o que derivava como renda diferencial ganha pela “habilidade superior”. Algo que WEBER (1899, p. 260) afirmava como sendo: “...atualmente geralmente aceito”. Na próxima seção voltar-se-á às teorias de Francis A. Walker.

Mas, dentro dessa mesma auto-análise que os economistas do ocaso do século XIX faziam, já se vislumbra a continuidade dos embates ideológicos, agora com os autores identificando-se como cientistas da economia, e duvidando, portanto, da cientificidade dos argumentos rivais. Disso é exemplo a visão de Richard T. Ely, autor que teria muita influência na profissão de economista naquelas terras, pois idealizador da atual *American Economic Association*.¹⁸⁹ Pesquisando os porquês do atraso americano no estabelecimento de estudos mais abstratos e de economia teórica, ELY (1887, p. 116) afirmava que isso pode ter resultado de algumas circunstâncias sobre as quais estava baseado o sistema de ensino de economia política nos Estados Unidos. Dito pelo próprio, em relação às causas deste fato:

Porém, existe outro aspecto da situação (...) que merece menção. As cadeiras de economia política nos Estados Unidos foram preenchidas no passado, em grande medida, por homens que não eram indicados, como

¹⁸⁹ Logo mais será necessário tecer alguns comentários sobre o surgimento de tal associação. Pode, aqui, aos leitores menos conhecedores da história do pensamento econômico americano, causar espanto que um economista como Ely, um reformista anti-ortodoxo, tenha sido fundador de um dos bastiões da ortodoxia convencional atual. Dois pontos, aqui, são importantes: o neoclassicismo era marginal à época da criação da AEA e, com poucos anos de existência essa mesma associação abrandou seu discurso para envolver economistas com visões mais conservadoras, fato combatido veementemente por Ely.

os professores de química, para pesquisadores da verdade, mas como defensores – nomeadamente do livre-comércio ou do protecionismo, conforme o caso. (...) Tem-se tido a impressão de que professores de economia política nos Estados Unidos são *meros defensores de instituições já existentes*, de que as massas têm se voltado a eles com fúria impaciente, tendo agido com preconceito mesmo com relação às doutrinas importantes e inquestionáveis que eles ensinavam.^{190/ 191}

Estabelecido o tom da discussão, outra mudança importante dessa nova alteração pós-guerra civil deve ser destacada. Nesses novos tempos não eram apenas as aristocracias comerciais da Nova Inglaterra e do Meio-Atlântico os sujeitos da defesa dos conservadores. Juntam-se a estes, a partir daí, os novos capitães da indústria. A ascensão destes heróis do capitalismo sugere aos conservadores que tais homens deveriam ser incluídos no rol daqueles dotados de inigualáveis qualidades, pois estas seriam as responsáveis por alçá-los às posições de riqueza e destaque de que desfrutavam. Os pedidos por liberdade econômica e não-intervenção estatal feitos pelos apologistas americanos – como já dito, nome pelo qual a história do pensamento econômico da NEW SCHOOL FOR SOCIAL RESEARCH (2008) os qualifica – devem ser sopesados contra a realidade de que:

É importante perceber que a maioria dos apologistas americanos *não* fazia o tipo liberal da escola de Manchester, pois a América que estava desaparecendo *já era* o sonho liberal.¹⁹² (...) Eles solicitavam a

¹⁹⁰ Grifo nosso

¹⁹¹ But there is another aspect of the situation (...) that deserves mention. The chairs of political economy in the United States have in the past been filled, to large extent, by men who are not appointed, like professors of chemistry, as searchers for truth, but as advocates – chiefly of free trade or protection as the case might be. (...) It has been so generally felt that professors of political economy in America were *mere advocates of existing institutions*, that the masses have turned away from them in angry impatience, and have been prejudiced even against the important and unassailable doctrines which they did teach.

¹⁹² A afirmação sobre o liberalismo de sonho já existente pode ser contestada, embora tenha feito parte das crenças mais fundamentais dos grupos reformistas americanos da época. E, diga-se de passagem, até mesmo de grupos existentes hoje naquela nação.

fazendeiros empobrecidos, artesãos arruinados e legiões de imigrantes que desistissem de seus sonhos de independência e de possuírem uma propriedade, e abaixassem suas cabeças e aderissem sem protestos às fileiras do “exército” industrial sob o comando dos voluntariosos “capitães de indústria”, como Vanderbilt, Gould, Carnegie, Mellon, Rockefeller, Guggenheim *et al.* Eles tinham que explicar para a América tradicionalista, ainda muito puritana, como a cobiça desenfreada, as práticas predatórias, as demonstrações de ostentação de fortuna pelos “barões” ainda poderia ser considerado algo ético. E, para uma população que havia lutado uma revolução contra as práticas mercantis inglesas há apenas cem anos, os apologistas tinham que explicar porque um governo, bem dizer abertamente corrupto, deveria ter permissão para usar o seu poder para esmagar os sindicatos e organizações de fazendeiros, estabelecer um controle rígido sobre a reserva de dinheiro, utilizar regulamentações para minimizar a competição entre as corporações, e derrubar barreiras comerciais para agradá-las. Essas eram posições que muitos liberais ingleses teriam execrado.¹⁹³

Sem mais observações gerais, cabe dizer que na sequência do texto será mantida a divisão entre a história das idéias de reformistas e conservadores, apenas atentando-se ao fato de que enquanto umas eram sustentadas sob a teoria econômica mais tradicional – a clássica – outras pendiam para o uso das analogias evolucionistas e, outras ainda, apresentavam-se sob a então moderníssima roupagem neoclássica e matematizada. Deve-se, nesse ponto, dizer que na concepção defendida no trabalho aqui exposto, Veblen controverteu-se principalmente com os chamados apologistas e darwinistas sociais.

¹⁹³ It is important to note that most of the American apologists were *not* Manchester School-type liberals because the America which was disappearing was already the liberal's dream. (...) Destitute farmers, ruined craftsmen and legions of immigrants were asked to surrender their dreams of property-ownership and independence, bow their heads and march quietly into the ranks of an industrial “army” under the command of the self-styled “captains of industry” like Vanderbilt, Gould, Carnegie, Mellon, Rockefeller, Guggenheim *et al.* They had to explain to traditional America, still very puritanical, how the unrestrained greed, predatory practices and ostentatious displays of wealth by the “robber barons” could still be ethical. And, to a population that had only a century earlier fought a revolution against British mercantilist practices, the apologists had to explain why an almost openly-corrupt government should be allowed to use its power to crush trade unions and farmer organizations, place strict controls on the money supply, use regulations to minimize competition among the corporations and throw up trade barriers to coddle them. These were positions that many a European liberal would have decried.

2.2.2. Os Apologistas não Originais: a metamorfose do pensamento europeu clássico em matizes otimistas

Para puxar os fios que levam às origens do pensamento de tonalidades clássicas nos Estados Unidos, traduzido e metamorfoseado nos tratados mais populares em uso nas universidades norte-americanas, é imprescindível notar a diferença fundamental entre o caráter pessimista da *dismal science* europeia e de sua transmutação americana, de nuances otimistas. Tal pode ser visto mesmo num historiador como o progressista Vernon PARRINGTON (2008):¹⁹⁴ “Jovens graduandos foram cultivados dentro de uma teoria clássica inglesa modificada, na qual o pessimismo de Ricardo e Malthus, gerado pelos amargos deslocamentos da vida industrial inglesa, foi diluído por um otimismo mais adequado ao temperamento do novo mundo.”¹⁹⁵ Assim, defender otimisticamente o sistema como tal existia, inseria uma permanente tensão na atitude exigida destes economistas. Segundo o mesmo PARRINGTON (2008): “Treinados na escola ortodoxa inglesa, eles se sentiam obrigados a defender o *laissez faire*; entretanto, enquanto membros de universidades dependentes de seus ricos patronos, eles não podiam ofender os poderosos interesses que não queriam nenhuma das suas teorias de livre comércio. No geral, eles se ativeram às suas armas de maneira muito corajosa e, de Wayland a Sumner, sustentaram o *princípio abstrato da livre-competição*.”^{196/197} A solução para tal conflito, portanto, era justamente buscar transmutar as teorias inglesas sob o signo otimista.

¹⁹⁴ A primeira edição do clássico de Vernon Parrington é de 1927.

¹⁹⁵ Youthful undergraduates were fed on a modified English classical theory in which the pessimism of Ricardo and Malthus, bred of the bitter dislocations of English industrial life, was diluted with an optimism more suited to the temper of the new world.

¹⁹⁶ Grifo nosso.

¹⁹⁷ Trained in the orthodox English school they felt bound to defend *laissez faire*; yet as members of the universities dependent on the wealthy patrons they could not well offend power interests that wanted none of their free-trade theory. On the whole they stuck pretty manfully to their guns, and from Wayland to Sumner they upheld the *abstract principle of free competition*.

Francis Wayland (1796-1865), citado no parágrafo anterior, em conjunto com o pai de Francis A. Walker, Amasa Walker (1799-1875), e Arthur Latham Perry (1830-1905), foram os autores dos manuais mais utilizados na academia norte-americana dos anos logo antes da guerra civil e, sobretudo nos primeiros anos do pós-guerra.^{198/199} Thorstein Veblen, quando estudava no Carleton College nos anos de 1874-1880, estudou na edição do livro-texto de Wayland revisada por Aaron Chapin (JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 20-22; DORFMAN, 1949, p. 22-23).²⁰⁰ Todas elas eram obras ardorosamente dentro da tradição do *laissez-faire*, ao mesmo tempo em que eram conservadoras nas questões de ordem mais prática. Seu principal padrinho intelectual era o francês Claude Frédéric Bastiat (1801-1850), defensor da idéia de uma sociedade de harmonia social advinda de um liberalismo econômico *tout court*. Entretanto, a tremenda popularidade desses livros vinha mais da grande quantidade de páginas dedicadas não às elucubrações teóricas, tal como acontecia nos tratados de Mill e Ricardo, mas daquelas recheadas de discussões sobre as controvérsias práticas (DORFMAN, 1949, p. 49). Assim, se o que era predominante nos manuais mais utilizados na academia dizia respeito mais às políticas econômicas, e menos à teoria pura, adicione-se que a tonalidade dominante era fortemente conservadora.

Amasa Walker defendia que o estudo da economia política era algo muito simples, exigindo apenas uma boa dose de *senso comum*, aliado a um bom conhecimento da língua inglesa. O mote principal contido no seu tratado de 1866 era: “bom governo é o que governa menos” (DUNBAR, 1876, p. 136; DORFMAN, 1949, p. 50). Isto, seguindo a orientação otimista e apologista das obras daquele período, refletia-se, por exemplo, na posição de Amasa Walker sobre filantropia. Apesar de admiti-la, acreditava, no entanto, que se praticada pelo estado, deveria ser somente para aliviar a carestia de necessidades extremamente básicas, e na forma de “casas de trabalho”. Defendia, ainda, a extensão da educação gratuita e pública para os mais pobres. Mas, alertava Walker, *nos Estados Unidos tal*

¹⁹⁸ Respectivamente aos autores, as obras chamam-se: *Elements of Political Economy*, *The Science of Wealth* e *Elements of Political Economy*.

¹⁹⁹ Todos os três autores eram oriundos da Nova Inglaterra.

²⁰⁰ As datas de nascimento e morte para Chapin não foram encontradas na bibliografia disponível.

interferência do estado não se fazia tão necessária quanto na Europa, pois aquele era o país das terras baratas e da grande demanda por trabalho. Dizia que consumindo corretamente a renda individual, ou seja, poupando, qualquer um seria capaz de tornar-se rico. O mesmo autor também era da opinião de que os sindicatos deveriam ser livres para existir, uma vez que assim como os patrões, os trabalhadores também teriam direito de não agir apenas individualmente.

Afora estes pontos, as lições de Amasa Walker descambam para o *laissez-faire* e o conservantismo puro e simples. E, no mesmo ritmo dos outros conservadores de seu tempo, o temperamento das defesas exasperadas do *status quo* era agressivo e muito direto. Os sindicatos que ele admitia eram aquelas “*friendly societies*”,²⁰¹ e opunha-se radicalmente ao uso de greves para demandar aumentos nos salários, com o argumento de que os incrementos assim conseguidos seriam efêmeros, já que somente possíveis durante períodos de crescimento da demanda. O pai de Francis Walker lutou ferozmente contra a aprovação da lei que concedia a jornada de trabalho de oito horas diárias aos funcionários públicos federais, aprovada em 1868, a qual constituiria um péssimo exemplo para as outras classes trabalhadoras. Sobre as três mais importantes questões discutidas naqueles tempos, naquele país, Walker pai era puramente defensor do liberalismo exaltado. A idéia da maioria dos economistas era de que as tarifas deveriam ser reduzidas ao ínfimo, apenas mantendo sua função de fonte de uma receita mínima para o estado. Mas, mesmo isso era atacado por Walker, as tarifas não deveriam ser usadas nem como meio de obtenção de receita mínima. Como argumento principal ele usava uma ampliada teoria das vantagens comparativas. Dizia, além disso, que as indústrias, quando emergiam num país, já nasciam plenamente desenvolvidas, portanto, a idéia da indústria infante seria um sofisma. No que tange à economia monetária, Walker exigia que os bancos tivessem cem por cento de suas reservas em espécie, arrepiava-se em pensar sobre reservas fracionárias e moeda fiduciária. Por isso era grande defensor do fim das *greenbacks*. O economista avisava os norte-americanos

²⁰¹ Sociedades de trabalhadores que se dedicavam às negociações sem nenhuma incitação à violência e mesmo ao enfretamento mais atinado. Na linguagem em uso atualmente, talvez uma boa tradução para a expressão seja “pelegos”.

sobre o perigo do governo tentar o controle da usura, pois seu único efeito seria retirar do mercado capital mais barato e, aumentar, dessa forma, as taxas de juro. Por fim, é interessante notar que Amasa Walker sugeriu a idéia de que haveria um *steady-state* para o crescimento americano (DORFMAN, 1949, p. 51-56).

O manual do Professor Arthur Latham Perry alinhava-se com o de seu amigo Amasa Walker, tendo sido publicado pela primeira vez no mesmo ano daquele, 1866 (DUNBAR, 1876, p. 136). Perry levou mais a sério a necessidade de afirmar a economia política de forma otimista.²⁰² Este criticava a teoria do valor smithiana, que conferia a qualidade “valor” apenas às coisas concretas, fisicamente palpáveis. Dessa maneira, sendo seguida pela teoria de David Ricardo, a visão smithiana do valor o levava a deduzir a teoria dos rendimentos decrescentes. Perry considerava esta doutrina “viciosa e materialística”, na medida em que pintava os rentistas de terras como possuidores de um monopólio injustificado e, assim, como membros não produtivos da sociedade (DORFMAN, 1949, p. 57). O professor calçou-se em Bastiat para rechaçar as conclusões pessimistas de Ricardo. O francês teria solucionado o problema com a palavra *serviços*, pois esta se referia às pessoas e não a algo apenas material, fazendo com que numa economia de livre troca cada um *servisse os outros*. DORFMAN (1949, p. 57) diz: “Melhor que ninguém, a concepção de valor de Bastiat retirou da economia o estigma de ser uma ciência lúgubre. A ciência do valor era, afinal, uma ciência social, pois ela começara e terminara não a partir da matéria morta, mas da força viva do homem ativo.”²⁰³ Outros temas otimistas aparecem em Perry. Ele acreditava na harmonia essencial entre os interesses das classes e indivíduos, numa suposta tendência crescente dos salários e dos lucros do capital.

²⁰² Por motivo de síntese, este texto irá ater-se ao caráter do otimismo de Perry, pois em termos de outros assuntos econômicos relevantes ele parece ter concordado quase plenamente com Amasa Walker. Apenas é mister interpor que Perry fez defesas até mais exacerbadas de questões liberais como a supressão das tarifas. Nesse tema, ele chega a afirmar que as tarifas protecionistas eram violadoras dos direitos de propriedade e, até mesmo contra os princípios bíblicos (DORFMAN, 1949, p. 61).

²⁰³ Best of all, Bastiat’s conception of value removed from economics the stigma of being a dismal science. The science of value was, therefore, a social science, for it began and ended not in dead matter, but in the living force that activated man.

Finalmente, entre os três textos citados como conhecidos manuais de economia política, encontrava-se o trabalho de Francis Wayland. Este, apesar de ser o de edição mais antiga, originalmente de 1837, foi o que mais tempo ficou em voga, sendo popularíssimo, muito em função da famosa revisão e reedição feita por Aaron Chapin na década de 1870 (DORFMAN, 1947, p. 22; PARRINGTON, 2008).²⁰⁴ Tanto o autor do texto original quanto o revisor do *postbellum* eram homens da religião. O primeiro bispo, o segundo pastor, ambos congregacionalistas. A tendência protestante do fio condutor da argumentação fica clara de pronto, pois na opinião de WAYLAND e CHAPIN (apud DORFMAN, 1947, p. 23): "... a mais ligeira reflexão torna óbvio o fato de que o Criador sujeitou a acumulação de bênçãos nesta vida à algumas leis determinadas. (...) todos (...) sabem que nenhum homem pode se tornar rico sem engenho ou frugalidade."²⁰⁵ Eram quatro os mais importantes princípios da economia política para Francis Wayland:

- (1) O homem é uma criatura de desejos, e tais desejos são os estímulos para a produção e a inventividade;
- (2) Para satisfazer seus desejos o homem deve enfrentar trabalho desprazeroso;²⁰⁶
- (3) Do exercício deste trabalho de caráter desprazeroso decorre o estabelecimento do direito à propriedade;
- (4) Enfim, do direito à propriedade, fruto do trabalho, decorre o direito de troca, pois o pertencente ao trabalhador pode ser trocado por outra propriedade que lhe traga satisfação ou incremento ao seu conjunto de propriedades.

²⁰⁴ Tanto Joseph Dorfman quanto Vernon Parrington calculam que o manual de Wayland dominou a cena acadêmica americana ao menos até a década de 1880.

²⁰⁵ ...it is obvious, upon the slightest reflection, that the Creator has subjected the accumulation of the blessings of this life to some determinated laws. (...) everyone (...) knows that no man can grow rich, without industry or frugality.

²⁰⁶ O trabalho desprazeroso é uma tradução da expressão inglesa *irksome labour*, que tem como sinônimos nesta mesma língua *annoying*, *irritating*, *exasperating* e *disgusting* (OXFORD, 1995, p. 631; DICTIONARY.COM, 2008).

Dentro do apresentado acima – trabalho desprazeroso implicando direito de propriedade, e este implicando direito de troca -, é fácil perceber a teoria de legitimação da acumulação do capital privado defendida no tratado de Wayland e Chapin. Trabalho passado poupado é a única origem do capital, sendo este algo que pode ser traduzido em bens de produção, indicados por títulos de propriedade.²⁰⁷ O capital pode ser aplicado de forma lucrativa ou não, isso dependendo da diligência do proprietário. Aplicado diligentemente o capital multiplica-se, aumentando a propriedade do capitalista que teve a habilidade de usá-lo de maneira produtiva. O proprietário do capital acumulado - resultado de trabalho poupado - pode aplicá-lo sob a forma de maquinário, dinheiro ou terra. Por isso a condenação de qualquer teoria econômica que buscava maldizer os rentistas da terra. O georgismo do autor de *Progress and Poverty* era alvo de críticas gravíssimas.²⁰⁸

Visto que “renda implica posse”, a terra deve ser vista como capital quando apropriada, e então não questionada. Expropriação de terra, mesmo quando os proprietários são pagos, é “*um esquema selvagem iníquo e insano*”. Nenhuma condenação seria severa o bastante para Henry George, quando ele assevera, em contradição ao senso comum pecuniário, que através do *direito natural à propriedade*,²⁰⁹ nenhum homem teria direito a mais terras do que ele mesmo poderia usar, e que, desde que o valor da terra se devia à sociedade e não aos latifundiários,

²⁰⁷ A referência aos títulos de propriedade é muito importante, especialmente quando Veblen desenvolve sua crítica à teoria do capital dos escritores conservadores do seu tempo.

²⁰⁸ Georgismo é o nome que se atribui às teorias de Henry George, escritor que será discutido adiante, e que propunha através do estabelecimento de um imposto único sobre a renda da terra algo como a “eutanásia” dos rentistas da terra.

²⁰⁹ Grifo nosso. Notar a referência ao direito natural contido na teoria de Henry George, expressão de matizes iluministas, referentes às teorias políticas que embasavam os reformistas do *antebellum*, já extensamente comentados.

“o rendimento imerecido” deveria ser expropriado (DORFMAN, 1947, p. 23).²¹⁰

Da mesma forma pela qual os interesses dos rentistas eram defendidos, os banqueiros também encontravam guarida nas lições de Wayland e Chapin. Combatiam a criação das *greenbacks* e a monetização da prata, diziam que estas eram agressões ao direito de propriedade e descumprimento de contratos. A criação dos bancos e sistemas de créditos eram um arranjo maravilhoso, que permitia compras e vendas sem o uso de grandes quantidades de moeda manual. As leis de usura, condenadas pelos dois autores anteriormente citados, foi objeto de duros ataques no manual de Wayland e Chapin. Constituíam-se, de acordo com os autores, também violações do direito de propriedade e desonestidade por parte do governo. Ainda, interessa notar que neste ponto em particular Wayland e Chapin utilizavam-se da categoria de direitos naturais. WAYLAND e CHAPIN (apud DORFMAN, 1947, p. 24) diziam sobre as leis de usura: “Leis de usura estão em conflito direto com os mais importantes princípios da verdadeira economia política. (...) violam o direito de propriedade (...). Elas contradizem a moral mais básica não somente do direito natural, mas da honestidade comum.”²¹¹

Os autores do célebre manual, protegendo os interesses dos capitalistas comandantes do *status quo*, partiam das defesas dos usos do capital pelos seus proprietários para uma incipiente versão de competição nos moldes do darwinismo social, que iria impressionar tanto os americanos pouco mais à frente. DORFMAN (1947, p. 24-25) descreve da seguinte forma as idéias contidas neste manual:

²¹⁰ Since “rent implies *ownership*,” land must be reckoned as capital when appropriated, and thus not questioned. Expropriation of land, even when the owners are paid, is a “*wild scheme of iniquity and folly*.” No condemnation was severe enough for Henry George when he asserts, in the contradiction to pecuniary common sense, that by the *natural right of property* no man had a right to more land than he could actually use himself, and that since the value of land was due to society, not to landlords, the “*unearned increment*” should be expropriated”

²¹¹ Usury laws are in direct conflict with the first principles of sound political economy. (...) violate the right of property (...). They contradict the plainest dictates not only of natural right, but of common honesty.

Através do processo competitivo de aquisição, todo homem encontra o lugar e as recompensas às quais suas habilidades e títulos [no sentido de escrituras e títulos de propriedade] lhe dão direito. De acordo com esta “lei comercial”, aqueles negociantes que não satisfazem as necessidades do público são eliminados, aqueles que satisfazem, adquirem sucesso. (...) “A tendência a uma distribuição desigual de “riqueza” é uma “verdade física” fundamental da produção. (...)”

... Filantropia ou qualquer ajuda ao pobre representa a violação das mesmas leis de Deus e da propriedade. Todas as tentativas de “aliviar as penalidades naturais da indolência e imprevidência” causam um “severo e inesperado mal”. A doutrina de que o governo deve auxiliar os desempregados “é a mais subversiva de toda ordem social.”²¹²

No final do tratado, Chapin reconhecia a concentração de poder criada pelos monopólios e as conseqüências nefastas daí derivadas. Os motivos escusos destes poucos poderosos poderiam prejudicar os legítimos interesses tanto das corporações – as quais em tese estariam movidas pelo lucro, engendrador da inventividade e do empreendedorismo – como da população em geral. Isso através da cooptação do governo e da especulação desmedida nos mercados de capitais. Todavia, a solução não seria dada através de controles por parte da administração pública e da legislação, mas somente pelo aumento da consciência das verdadeiras leis econômicas, demonstrações da visão e benevolência da providência divina (DORFMAN, 1947, p. 26). Chapin, assim, em consonância com seus partidários contemporâneos, encerra o manual com

²¹² By the competitive process of acquisition every man finds the place and reward to which his abilities and titles entitle him. According to this “commercial law” those business men who do not satisfy the public’s needs are eliminated, those who satisfy them find success. (...) “The tendency to an unequal distribution of “wealth” is a fundamental “physical truth” of production. (...)”

...Philanthropy or any aid of the poor is a violation of the same laws of God and property. All attempts to “relieve the natural penalties of indolence and improvidence” bring about “unexpected and severe evil”. The doctrine that the government should provide for the unemployed “is the most subversive of all social order.”

exaltações otimistas, pois a natureza do sistema social estava dada como tendente à melhora *pari passu* com as determinações divinas – pré-estabelecidas nas leis econômicas.

Vale, ainda, citar um último autor da Nova Inglaterra, que como os comentados acima, compartilhava uma visão radicalmente negativa em relação à atuação do estado. Charles Dunbar (1830-1900) representou um aprofundamento da leitura contrária ao uso de medidas legislativas para a correção de eventuais desvios do caminho correto, o qual já estaria inscrito nas leis econômicas que deveriam ser deixadas à livre operação. Além disso, ele declarava que os Estados Unidos não deveriam se fiar na abundância de recursos naturais como solução para os problemas econômicos que o país poderia vir a enfrentar. Aliás, assim como já havia advertido Amasa Walker, Dunbar acreditava que a América do Norte aproximava-se de um estado estacionário. E, quanto a isso nenhuma medida legislativa ou de atuação governamental mais específica poderia fornecer a solução. Novamente, como contido no tratado de Wayland e Chapin, este autor dizia que a resposta às eventuais estagnações exigiria o enfrentamento baseado na teoria econômica mais sólida. É claro que, em concordância com seus contemporâneos e partidários, isso significava atentar à necessidade de se abandonar a economia ao *laissez faire, laissez passer*. Sua liberalidade era maior ainda em relação a sua área de especialização. De acordo com um observador contemporâneo como WEBER (1899, p. 264), Dunbar era uma das maiores autoridades em economia monetária da sua época. E, neste quesito, defendia teorias ainda mais liberais que os autores anteriormente analisados. Em um trabalho de 1885, defendia que as notas bancárias deveriam basear-se em títulos dos próprios bancos, conversíveis em espécie.²¹³ Ele acreditava que os bancos tinham suas práticas firmemente afinadas com a comunidade de negócios, portanto eles seriam capazes de encontrar a quantidade de meio de troca necessária à boa operação do sistema. DORFMAN (1947, p. 65) arremata a discussão sobre o pensamento de Charles Dunbar: “...a longo prazo o interesse privado significaria o mesmo que segurança pública e os instintos do capital

²¹³ Em oposição ao lastro em dívida pública.

seriam o guia mais seguro em todos os assuntos relacionados à regulamentação dos negócios e à distribuição da riqueza.”²¹⁴

Transitando da Nova Inglaterra para os estados do Meio-Atlântico e do oeste, é importante passar rapidamente por dois outros economistas que esposavam o ideário típico dos conservadores apologistas daqueles anos. No *New Jersey College*, atual Universidade de Princeton, o professor de economia política era o reverendo Lyman H. Atwater (1813-1883), talvez um dos mais extremados conservadores lotado em uma cadeira desta disciplina na sua época. É fácil perceber o tom apologista e defensor das camadas mais abastadas num dos trechos de seu artigo *The Labor Question and its Economic and Christian Aspects*. Em meio a diversas citações da Bíblia, o professor Atwater afirmava:

Além disso, os cristãos, e mesmo as virtudes prudenciais e morais, têm tais tendências à economia e à prosperidade, bem como à eliminação das fontes de descontentamento, irritação e malignidade. Falta de providência, intemperança, prodigalidade, e várias formas de vício auto-indulgente, todas elas tendem àquela pobreza e degradação que fomenta o descontentamento e a inclinação das pessoas em imputarem suas desgraças à injustiça cometida contra elas por outras classes, especialmente a dos capitalistas; também tendem a tentativas de organizar movimentos para arrancar de seus empregadores aquilo que eles mesmos perderam com seus próprios crimes. Porém, basta permitir que as virtudes cristãs da indústria, temperança, frugalidade, fidelidade, e autonegação moderada prevaleçam, e sua própria prosperidade será suficientemente satisfatória de modo a não precisarem reivindicar e extorquir privilégios alheios dos quais na verdade já desfrutam. Esse é o remédio soberano (ATWATER, 1872, p. 493).²¹⁵

²¹⁴ ...in the long run private interest would be synonymous with public safety and that the instincts of capital were the surest guide in all matters pertaining to the regulation of business and the distribution of wealth.

²¹⁵ Moreover, the Christian, and even the moral and prudential virtues, have such tendencies to thrift and prosperity as very much to dry up the springs of discontent, irritation and malignity. Improvidence, intemperance, prodigality, and various forms of vicious self-indulgence all tend to that poverty and degradation, which foment discontent, and an inclination to impute their calamities to the injustice of other classes, especially capitalists, toward them; and tempt to organize

Em adição às desmesuradas defesas da “harmonia entre as classes”, Lyman Atwater culpava a “importação daquelas partes mais inúteis das populações do velho mundo” e os “novos negros libertos e ignorantes” pelo crescimento do deletério espírito comunista.²¹⁶ Ainda o professor-pastor dizia que a solução para o problema da pobreza era que os miseráveis se tornassem capitalistas, e o único caminho para isso, no mesmo compasso do excerto acima, era que eles parassem de gastar seus salários em bebidas e correlatos (DORFMAN, 1947, p. 71). Desse modo, salta aos olhos a condenação de Atwater aos menos favorecidos, e a imputação desta situação de pobreza às atitudes que supostamente seriam generalizadas entre eles.

Já do oeste vinha outro religioso, o reverendo Julian M. Sturtevant (1805-1886). Presidente do *Illinois College*. Ele especializou-se na elegia dos grandes capitães da indústria, ao invés de condenar os protestos dos trabalhadores. DORFMAN (1947, p. 73) analisa a posição de Sturtevant: “Em última análise, as grandes fortunas foram o resultado de trabalho real. Os Vanderbilts e os Astors do mundo, ele declarava, não foram meros trabalhadores, mas trabalhadores de força gigantesca, e eles deveriam ter sua recompensa e compensação pelo uso de seu capital, caso o mundo estivesse a aproveitar seus serviços.”²¹⁷

Enfim, Sturtevant indicava o uso do darwinismo social, pois dizia que a lei da competição seria útil a toda humanidade, na medida em que eliminava aqueles sem habilidades para sobreviver, implicando assim a melhoria da raça em termos

movements to wring from their employers what they have forfeited by their own crimes. But let the Christian virtues of industry, temperance, frugality, fidelity and reasonable self-denial prevail, and their own prosperity will be the only too delightful to allow them to be clamoring and banding together to exort from others privileges in the possession of which they already rejoice. This is the sovereign remedy.

²¹⁶ “partes mais inúteis” é a tradução da expressão inglesa *dregs*.

²¹⁷ In the last analysis, huge fortunes were the results of real labor. The Vanderbilts and the Astors of the world, he declared, were not mere laborers, but laborers of gigantic strength, and they must have their reward and compensation for the use of their capital if the world was to have their services.

físicos, morais e mentais. A competição era a maneira pela qual a humanidade estaria colocada num plano ascendente.

Neste assunto, deve-se fazer uma observação para o leitor. Pode parecer que foi feita uma leitura caricatural sobre estes últimos autores. Contudo, em que pese o fato de algumas teorias mais elaboradas terem sido desenvolvidas por eles – como, no caso de Charles Dunbar, algumas importantes questões de economia monetária – no geral o que fica é o tratamento das questões práticas, sendo que estas questões práticas foram abordadas predominantemente a partir da defesa dos interesses das classes mais ricas. Mais à frente, quando se tratará do pensamento de Veblen, ficará claro que boa parte do debate que ele queria provocar resultava da atitude de economistas como Atwater e Chapin. A interpretação da geração do institucionalismo vebleniano, através da Sociologia do Conhecimento do Programa Forte, sugere que apesar da construção crítica de Veblen começar pela rejeição das teorias de origem européia, o desenvolvimento de sua alternativa teórica buscou, fortemente, enfrentar os embates domésticos.

2.2.3. O Início da Originalidade Apologista: de Francis Amasa Walker aos novos tradicionalistas

O filho de Amasa Walker foi um real exemplo de carreira meteórica. Francis Amasa Walker (1840-1897) graduou-se no ano de 1860, em Direito, na universidade de Amherst, Massachusetts, tendo advogado por um brevíssimo período nesse mesmo ano. Entrou, então, com o início da guerra civil, para as fileiras do exército unionista de Lincoln. Rapidamente galgou o posto de general de brigada. Ainda na década de 1860, depois de ter atuado como jornalista e professor em faculdades menos importantes, Francis Walker foi convidado pelo Comissário Especial de Rendas, David Wells, para assumir o controle do *Bureau of Statistics*. Walker contava nesse tempo vinte e nove anos de vida. Com essa oportunidade o general levou a cabo o nono censo dos Estados Unidos, levantado durante 1870, oportunidade que lhe permitiu tomar conhecimento detalhado das atividades econômicas do país. Já nesta mesma década, ele assumiu uma

cadeira de economia política na *Sheffield Scientific School*, ligada à universidade de Yale. Lá teve a chance de lecionar lado a lado com William Graham Sumner (1840-1910), outro professor de incrível celebridade, talvez só comparável à fama do próprio Walker. Na década seguinte, em 1881, Francis Walker foi empossado como presidente do MIT. Como um cargo igual a este pode atestar, Walker foi um dos economistas mais respeitados do seu tempo, até mesmo com razoável inserção internacional.²¹⁸ Prova do grande respeito do qual ele desfrutou está no fato de que Richard T. Ely, o quase sozinho fundador da *American Economic Association*, ainda que fosse autor de vários trabalhos acusados de comunismo - sendo Walker o protótipo do que se pode chamar de “apologista científico” – o tenha convidado para ser o primeiro presidente desta comunidade de pesquisadores. Dirigir trabalhos de grupos acadêmicos não era novidade para Francis Walker, pois o mesmo já havia ocupado o cargo de presidente da *American Statistical Society* (NEW SCHOOL FOR SOCIAL RESEARCH, 2008; DORFMAN, 1947, p. 102, 108; PARRINGTON, 2008).

Em quase a totalidade de seu pensamento, Francis Walker não destoava muito de seus contemporâneos, fiéis defensores dos economicamente afluentes. Apenas se lhe impõe o rótulo de apologista *científico* porque suas teorias buscaram modificar as bases sobre as quais a discussões ocorriam. Walker diminuiu o tom raivoso, característico daqueles economistas citados anteriormente, e procurou conciliar o otimismo tão necessário aos pilares do *status quo* com argumentações mais elaboradas, mais próximas da maneira teorizada, européia, de tratar a economia política. Por isso mesmo, como já se disse, foi visto como o primeiro economista original norte-americano. Mas, ainda que se qualifique sua carreira com estas observações, a tendência geral de seu ideário fica clara nas palavras de Vernon PARRINGTON (2008):

Pelo final da década de setenta, a complacência da *Gilded Age* foi perturbada pelo crescimento de heresias pestilentas na forma de novos

²¹⁸ John Fred BELL (1982, p. 446) refere-se à participação de Walker em congressos europeus e às condecorações recebidas por ele na Espanha e na Suécia.

dogmas econômicos. A teoria da mais-valia de Marx e a teoria do “rendimento imerecido” de Henry George foram se espalhando amplamente pela América, ao ponto de deixar inseguras as mentes suscetíveis; e os *knights of labor* estavam se preparando para lançar um ataque geral contra todo o sistema de exploração capitalista. (...) havia a necessidade de um novo campeão para empunhar a espada da doutrina pura de Ricardo contra estas heresias tardias. (...) Francis A. Walker (...) veio a ser o campeão auto-nomeado do industrialismo, o economista oficial da *Gilded Age*, e precursor de uma longa linha de fomentadores acadêmicos do dogma econômico. (...) e como um apologista autoritário dos lucros empresariais, ele prestou um serviço ao capitalismo que de fato apagou seu pequeno pecado ricardiano quanto ao livre-comércio. Em suas páginas encontra-se o confiante otimismo de sua geração – um otimismo que descobre nas heresias do socialismo e do imposto único, as únicas nuvens negras sobre o justo horizonte americano.²¹⁹

Francis Walker conseguiu conciliar o otimismo, típico dos industrialistas de seu tempo, com as teorias ricardianas, porque foi capaz de rever a teoria do fundo de salários em termos amenos, isto é, em palavras que permitiam argumentar contra a perversidade dos pensamentos socialistas. Citando PARRINGTON (2008): “ele foi tão bem-sucedido porque trabalhou, para sua completa satisfação, uma fórmula econômica mágica que poderia retornar, tanto para o mestre quanto para o trabalhador, suas devidas partes da produção total.”²²⁰ O modo pelo qual

²¹⁹ By the end of seventies the complacency of the Gilded Age was disturbed by the rise of pestilent heresies in the shape of new economic dogmas. The surplus-value theory of Marx and the unearned-increment theory of Henry George were spreading widely through America, to the unsettlement of susceptible minds; and the Knights of Labor were preparing to launch a general attack against the whole system of capitalists' exploitation. (...) there was a need of a new champion to wield the sword of pure Ricardian doctrine against these later heresies. (...)

Francis A. Walker (...) was to be the self-appointed champion of industrialism, the official economist of the Gilded Age, and forerunner of a long line of academic purveyors of economic dogma. (...) and as an authoritative apologist for entrepreneur profits he rendered a service to capitalism that quite erased his little Ricardian peccadillo of free-trade prejudice. There runs through his solid pages the confident optimism of his generation – an optimism that discovers in the heresies of socialism and single tax the only storm-clouds on the fair American horizons.

²²⁰ he was so fortunate as to have worked out to his complete satisfaction, a magic economic formula that should return both to master and workman their just shares of the total production.

ele retrabalhou a teoria do fundo de salários, para que esta não se mostrasse como um impedimento cruel aos aumentos dos rendimentos da classe trabalhadora, aliada às idéias mais reformistas do começo de sua carreira, levou, ironicamente, alguns observadores daquela época a imputar-lhe “uma conhecida simpatia pelas causas dos trabalhadores.” (NORTH AMERICAN REVIEW, 1877, p. 305).²²¹

Note-se que houve uma evolução no pensamento de Walker, ao longo de sua vida, em direção ao conservantismo. Nas questões monetárias, no começo da sua carreira, Walker chegou a assinalar problemas que podiam advir de um meio circulante pouco elástico, embora, neste assunto, ele tenha apenas advertido para a contração da moeda durante épocas de depressão. Portanto, um meio circulante elástico não significava, no pensamento monetário de Walker, estímulo à produção. Mas, a recuperação de um choque depressivo podia sim ser atrasada pela inelasticidade da moeda. Esta posição foi mantida em parte no seu tratado mais tardio, de 1883, *Political Economy*.²²² Nele Walker defendeu que a moeda não conversível poderia ser facilitadora das relações de troca, mas sem deixar de dizer que este tipo de meio circulante sempre traz consigo o perigo da superemissão (BELL, 1982, p. 443). Ainda, outra tendência não estritamente convencional de Francis Walker nota-se, no começo de sua carreira como economista político, em relação a algumas questões das classes trabalhadoras. De uma forma mais conciliadora, ele atribuía os problemas de baixos salários durante crises à falta de mobilidade da mão-de-obra. Walker afirmava que o produto, posse do capitalista, podia mover-se e buscar mercados nos quais os preços fossem mais atrativos – obviamente dentro do limite imposto pelos custos de transporte -, mas os trabalhadores não teriam a mesma mobilidade. Os homens seriam mais ligados às suas localidades, por “receios razoáveis e supersticiosos.” (DORFMAN, 1947, p. 105).

²²¹ Pode parecer estranho ao leitor, mas as resenhas de livros contidas no periódico *North American Review* não continham a autoria das críticas.

²²² Tal tratado substituiu, durante um bom tempo, o trabalho de Wayland como o livro-texto dos cursos norte-americanos de economia política.

Entretanto, o reclame pela mão-de-obra via mobilidade acabava servindo como pilar da mesma defesa do *laissez-faire* dos economistas de então. As leis pretensamente em favor dos trabalhadores, tais como sobre salários, jornada de trabalho, preços etc. não eram ruins porque diminuía a liberdade dos contratos ou uma suposta auto-suficiência das deliberações individuais dos assalariados, mas porque limitariam a mobilidade. Walker, ao contrário dos apologistas mais exaltados, advogava, todavia, leis de saúde que proibissem o trabalho fabril cientificamente aceito como fisicamente prejudicial, bem como sugeria limitações ao trabalho feminino e infantil. O mesmo professor ainda era um defensor da permissão à associatividade dos trabalhadores em sindicatos. Apoiava também o que chamava de greves históricas, isto é, aquelas que ocorreram, especialmente na Inglaterra, para “destruir a inércia dos costumes e receios nas mentes das classes trabalhadoras” (DORFMAN, 1947, p. 106; BELL, 1982, 441-442).²²³

Mas, a grande celebridade de Francis Walker derivou em maioria da sua revisão da teoria do fundo de salários, como já foi adiantado acima. Na formulação desta, o economista procurou rebater as conclusões ricardianas, que teriam sido aceitas principalmente porque significavam uma justificação da futilidade das greves e da associatividade para aumentar os salários. Walker queria argumentar sobre o grau de controle que os trabalhadores têm sobre seus próprios salários, maior do que a nulidade inexorável presente na modelagem de David Ricardo. No texto em que foi lançada a sua famosa revisão da teoria do fundo de salários, *The Wage-Fund Theory*, de 1875, ele começava imputando intenções ideológicas às conclusões implicadas pela formulação tradicionalmente aceita: “Não é mais em tais declarações formais da doutrina do que na sua aplicação pelos mesmos escritores às reclamações das classes trabalhadoras, e aos seus esforços de reparar seus sofrimentos, que nós encontramos a finalidade inconfundível da teoria de fundo de salários.”²²⁴ (WALKER, 1875, p. 92). Assim, depois de apresentar uma sustentação escrita pelo já comentado professor Arthur

²²³ to destroy the hold of custom and fear on the minds of the working classes.

²²⁴ Nor is it more in such formal statements of the doctrine, than in its application by the same writers to the complaints of the working classes, and to their efforts to redress their grievances, that we find the unmistakable intention of the wage-fund theory.

Latham Perry, no sentido de mitigar os clamores trabalhistas utilizando a tal teoria, continua WALKER (1875, p. 92): “Com força semelhante, a doutrina de fundo de salários foi feita para se contrapor à utilidade das greves (...) Greves não são capazes de aumentar o fundo de salários; elas não diminuem o número de candidatos aos empregos, consequentemente greves não podem aumentar salários.”²²⁵ O professor Walker seguia traçando as origens da teoria do fundo de salários, mostrando como a concepção de que os salários correspondiam ao nível de subsistência e, eram adiantados especialmente da produção rural anteriormente acumulada, foi uma leitura derivada da situação da Inglaterra da época smithiana e ricardiana. Ele sustentava que no lugar e no tempo de Smith e Ricardo, a maioria dos trabalhadores só poderia encontrar emprego “pela mão de outros”, pois estariam alijados da posse da terra e do capital. Este tipo de argumento mostrava bem a intenção excepcionalista, norte-americana, que Walker, advertida ou inadvertidamente, queria conferir à sua economia política.

A elaboração da teoria de Walker iniciava criticando o fato, sustentado pelos tradicionalistas, de que os salários eram decididos a partir do montante de capital – adiantados dele – e que o tamanho do fundo de salários do capital acumulado criava a demanda efetiva por trabalho. O professor concordava sobre o adiantamento, obviamente porque era a única maneira lógica de se pagar pelo trabalho enquanto a produção não era vendida. No entanto, a discordância estava sobre a definição do montante pago. A medida desta soma, então, era definida não pelo total de capital no momento da contratação *versus* a oferta de trabalho, mas sim a partir das expectativas de lucros – algo extremamente moderno para aqueles tempos. Vale a seguinte citação esclarecedora, do próprio:

É o prospecto de lucro na produção que faz com que o empregador contrate trabalhadores; é o valor antecipado do produto que determina o quanto ele irá pagar-lhes. É o produto, então, e não o capital, que fornece o motivo para a contratação e a medida dos salários. Se isso ocorre deste

²²⁵ With equal force is the doctrine of the wage-fund made to bear against the utility of strikes. (...) Strikes cannot increase the wage-fund; they do not diminish the number of applicants for employment; therefore, strikes cannot raise wages.

modo, toda teoria de fundo de salários desaba, pois ela se ampara na hipótese de que o capital fornece a medida para os salários, e que o fundo de salários só não é maior porque o capital não é maior, e ainda, de que a única maneira de aumentar a quantidade agregada que pode ser paga em salários é aumentando o capital. (WALKER apud NORTH AMERICAN REVIEW, 1877, p. 308).²²⁶

A partir disso, a primeira providência para se derivar as conseqüências dessa nova forma de determinação dos salários era definir os lucros. E, em Walker, lucros diferenciavam-se de rendimentos puramente monetários do capital – este último chamado generalisticamente de *juro*. Para o famoso pensador econômico, o lucro dizia respeito à recompensa pelo sucesso industrial, ou seja, aos ganhos do “bom” gerenciamento (DORFMAN, 1947, p. 104; PARRINGTON, 2008). Da mesma forma pela qual Ricardo diferenciava as rendas da terra, o pensador norte-americano assumia um empregador – ou empreendedor, diferente do capitalista propriamente dito – que teria o lucro do sucesso industrial igual a zero (empreendedor marginal). A partir daí, os lucros eram medidos ascendentemente, de acordo com a habilidade gerencial do *entrepreneur*, chegando-se à conclusão de que os lucros não eram subtraídos do fundo de salários, mas aumentados pela melhor gerência do negócio em questão. O empregador que é mais hábil, desta forma, procura empregar mais mão-de-obra, oferecendo melhores salários para atrair os trabalhadores. Na maneira em que BELL (1982, p. 444) trata o assunto: “Ao tratar dos lucros, Walker glorificou a classes dos *empresários* de forma jamais feita. (...) A responsabilidade pelo êxito da operação dos negócios, disse Walker, depende das habilidades dessas classes, e sua recompensa seria ou não excepcional segundo sua habilidade.” O mesmo John Fred BELL (1982), historiador do pensamento econômico,

²²⁶ It is the prospect of a profit in production which determines the employer to hire laborers; it is the anticipated value of the product which determines how much he can pay them. The product, then, and not capital, furnishes at once the motive to employment and the measure of wages. If this be so, the whole wage-fund theory falls, for it is built on the assumption that capital furnishes the measure of wages; that the wage-fund is no larger because capital is no larger, and that the only way to increase the aggregate amount which can be paid in wages is to increase capital.

analisando as consequências dessa teoria para a determinação dos salários, nomeia-a de “teoria do reivindicante residual”.

O trabalhador assalariado acaba por receber sua remuneração depois de descontados do total da renda: a renda da terra, o juro remuneratório do capital empregado e o lucro, este justamente efeito daquela habilidade gerencial já comentada. Mas, os assalariados não perceberiam a remuneração do seu trabalho de forma completamente passiva, como queriam os partidários da então tradicional teoria do fundo de salários. O próprio Walker comenta, num artigo interessantemente chamado de *O que Devemos Dizer às Classes Trabalhadoras*:

227

A despeito do que possamos falar às classes trabalhadoras, nós *não* devemos dizer a elas, o que nós deveríamos certamente ter dito há uns vinte anos atrás ou menos, que o valor máximo de sua remuneração é limitado pelo “fundo de salários”; que a remuneração de seu trabalho não responde a sua industriiosidade, ao seu o esforço, e ao produto atual da indústria. (...)

Essa era a opinião econômica da geração precedente. Hoje, a doutrina de uma tutela natural dos empregadores sobre a classe trabalhadora já está completamente ultrapassada. Quase todos os escritores de reputação neste tipo de pesquisa concordam que as classes trabalhadoras possuem um papel mais amplo, vital e real a desempenhar para assegurar que a distribuição do produto da indústria promova o maior desenvolvimento do organismo industrial e, ao mesmo tempo, promova a saúde e a força de cada uma das partes e membros. (WALKER, 1887, p. 620-621).²²⁸

²²⁷ O título original é “*What Shall We Tell the Working Classes*”, publicado em 1887.

²²⁸ Whatever we may tell the working-classes, we shall *not* tell them, as twenty or fewer years ago we should surely have done, that the possible amount of their compensation is limited by the “wage-fund”; that the remuneration of their labor is irrespective of their own industrial character, irrespective of their own exertions, irrespective of the present product of industry. (...)

Such was the economic opinion of a half generation ago. To-day the doctrine of a natural guardianship of the employing over the laboring class is entirely exploded. Nearly all writers of repute in this department of inquiry now concede that the working-classes have a real, a large, and a vital part to perform in securing that distribution of the product of industry which shall promote the

A idéia de Francis Walker baseia-se em atribuir ao trabalhador participação na criação de uma maior renda total. Deste modo, ele conseguiria inserir na determinação dos ganhos dos assalariados a competição, em outras palavras, Walker, ao remeter parte do sucesso industrial aos trabalhadores, acabava por colocá-los na máquina competitiva e, portanto, o argumento fechava-se, no sentido em que tornava a competição econômica a via possível para o aumento dos salários. Nesta competição, no crescimento do ganho da produção, os assalariados teriam então participação crucial. BELL (1982, p. 445) coloca o sentido da teoria walkeriana da seguinte forma: “O volume do resíduo que o trabalho pode reivindicar apóia-se na ‘energia posta em ação’, na ‘economia no uso dos materiais’ e no ‘cuidado no trato com o produto acabado’; como o valor do produto é aumentado deste modo, o aumento caberá aos trabalhadores ‘por leis puramente naturais’.” Ainda, BELL (1982, p. 446) conclui sobre a “teoria do reivindicante residual”:

A teoria por ele proposta possibilitaria ao trabalho, *no regime de livre concorrência*²²⁹, receber sua produtividade, a qual, com o progresso na produção, poderia ser uma quantidade crescente. A classe dos empresários foi defendida como necessária ao processo de produção; e sua recompensa, o lucro, serviria para aumentar o emprego do trabalho. O empregador-empresário era, portanto, um benfeitor e não um explorador do trabalho.

Contudo, é preciso marcar que Walker, apesar da simpatia aparente pelas classes trabalhadoras, estava certamente do lado conservador da discussão norte-americana. Vários dos seus artigos sustentavam posições radicalmente conservadoras, como também fica patente na sua apologia à origem e à classe

highest development of the industrial organism and, at the same time, minister to the health and strength of each part and member.

²²⁹ Grifo nosso.

que auferia os lucros da produção. BELL (1982, p. 442) também destaca como Walker procurou discutir aspectos da teoria do valor, assunto até então pouquíssimo presente na economia política norte-americana: “Walker negou que o trabalho seja a causa do valor conforme enunciado pela teoria clássica. (...) A troca se daria, então, não apenas com base no trabalho exigido na produção original, mas também na quantidade de trabalho que seria necessária para substituir o estoque.” Walker, no entanto, não levou adiante uma profunda discussão da teoria do valor.

Outros autores, depois de Walker, também criticaram a teoria do valor trabalho, mas assim como o pioneiro, não aprofundaram nem penderam definitivamente para alguma definição alternativa. Entre eles estava Arthur Twining Hadley (1856-1930), economista formado na pós-graduação sob a tutela de William Graham Sumner, tendo estudado também na Alemanha com Adolph Wagner (WEBER, 1899, s.p.). Este jovem tradicionalista, como o chama DORFMAN (1947, p. 258), aceitava como sólida a formulação da teoria do valor sob a categoria da utilidade marginal, porém nunca a tomou por completo, uma vez que argumentava ser ela demasiado psicológica, algo que tornaria a economia política matéria pouco afeita aos debates práticos. Ele temia que a adoção *tout court* das concepções neoclássicas levasse a economia a enfurnar-se na academia, como uma disciplina desligada das *preocupações dos negócios e da legislação*. Hadley era moderno, ainda, no que diz respeito à aceitação da transferência da competição darwiniana aos processos sociais, sem no entanto desenvolver este ponto de maneira mais elaborada. O professor Hadley ofereceu uma contribuição mais relevante ao assinalar a inevitabilidade da concentração do capital, relacionando-a ao aumento das exigências de montantes cada vez maiores de capital fixo na indústria. Desenvolveu, assim, uma proto-teoria das barreiras à entrada. Isto adveio de seu mais famoso estudo, o *Railroad Transportation*, que analisava a cada vez maior exigência de montantes enormes de capital para a operação das ferrovias. A concentração industrial ressaltada por ele foi utilizada na formação de sua filosofia social, que recuperava certos argumentos já contidos naquele conservadorismo hamiltoniano. Dizia Hadley que

o governo havia ficado muito responsivo aos clamores populares, especialmente por causa do sistema democrático representativo. Assim, era difícil que economistas formados na tradição da doutrina econômica mais sólida fossem ouvidos a respeito de políticas públicas. Joseph DORFMAN (1947, p. 163) delineia o argumento de Hadley: “Um executivo forte, com poder de conduzir sua política, deveria naturalmente fazer uso de economistas como guias, porém este país não tinha isto. Durante séculos, as pessoas estiveram ‘ocupadas, inventando represálias constitucionais às prerrogativas reais’. E, conseqüentemente, o executivo não teve poder suficiente para realizar um bom governo.”²³⁰ Nessa lógica, o aumento dos trustes foi divisado por ele como bem-vindo, pois com o aumento do poder do capital, cada vez menos a administração da economia ficaria refém daquelas celeumas populares.

Dentro dessa zona de “novos tradicionalistas”, ainda deve-se situar James Laurence Laughlin (1871-1933), alguém que teve importância decisiva na carreira de Veblen.²³¹ Foi Laughlin que o levou para o recém-formado departamento de economia da Universidade de Chicago, no início da década de 1890, pois ele seria o professor, nos Estados Unidos, mais capacitado para ministrar um curso sobre socialismo. E, apesar de Laughlin ter se recusado a entrar para a *American Economic Association*, mesmo quando vários dos seus companheiros conservadores já tinham aderido - dizendo que a associação estava carregada demais pelo “elyaismo”²³² - ele manteve o pluralismo no debate acadêmico como um valor premente, pois lutou pela posição de Veblen ainda que em meio a todas

²³⁰ A strong executive administration, with the power to carry out its policy, would naturally use economists as guides, but this country did not have that. For centuries the people had been ‘busy devising constitutional checks of the royal prerogative’. And consequently the executive had insufficient powers for good government.

²³¹ Mais um economista dito novo tradicionalista por Joseph Dorfman for Frank William Taussig (1859-1940), que não é comentado em profundidade aqui porque seu pensamento não teve influência cabal no que se dirá mais adiante sobre o trabalho do autor foco dessa tese. A grande contribuição dele foi a obra *Tariff History of the United States*, publicada pela primeira vez em 1888. Taussig ainda tentou reabilitar a teoria do fundo de salários do ataque walkeriano, porém sem sucesso nos Estados Unidos daqueles tempos (WEBER, 1899, p. 271). Mais sobre Taussig em DORFMAN (1947, p. 264-271)

²³² Referência a Richard T. Ely.

as confusões criadas pelo comportamento pouco comum do fundador do institucionalismo.

Laughlin estudou em Harvard sob a batuta de Charles Dunbar, e começou sua carreira acadêmica no departamento no qual colocou Veblen, depois de uma breve passagem por Cornell e de ter amealhado fortuna no negócio de seguros (WEBER, 1899, p. 266). Mas, o que deve ser assinalado, a respeito de Laughlin, é o fato de que ele foi o mais ferrenho defensor das antigas concepções tradicionais da teoria clássica, mesmo numa época em que cresciam o institucionalismo e o neoclassicismo – a década de 1890 (WEBER, 1899, p. 261). Laughlin apoiava o uso da filosofia do senso comum, que estava cada vez mais caindo em desuso, tanto pela subida dos neoclássicos como dos darwinistas sociais. Era um apologista na acepção mais crua do termo, pois dizia ser completamente legítimo que uma indústria fosse inteiramente monopolizada através da livre competição. Isso, ainda que admitisse regulação dos preços praticados pelos monopólios, mas apenas quando eles fossem absolutamente “não razoáveis”.

James Laughlin mantinha, como os economistas anteriormente comentados, a posição típica de elegia das classes afluentes. Tal apologismo fica muito claro quando Laughlin defende o consumo de bens de luxo, num escrito de 1884, tema que anos mais tarde iria ser um dos fatos geradores da fama de Thorstein Veblen. Destarte, vale a citação de um trecho desse texto, *Workingmen's Grievances*, para compará-lo ao tom de *A Teoria da Classe Ociosa*. Laughlin, falando a favor do consumo luxuoso comenta sobre seus benefícios e o erro que era condená-lo, nos seguintes termos - inclusive “dando nome aos bois”:

Por exemplo, quando eu vejo artigos de luxo muito caros serem usados, ou sou atingido na rua por respingos de lama vindo de uma vistosa carruagem de um rico proprietário de uma estrada de ferro, então pela lógica, eu sou obrigado a raciocinar deste modo: tudo aquilo que constitui o grande consumo deste homem rico é evidência de que em algum lugar está sendo empregado o trabalho de alguém. É uma impossibilidade física

para Jay Gould ou Mr. Vanderbilt consumir todo seu rendimento; na verdade, apenas uma pequena parte é exaurida através do consumo pessoal. Seja lá o que estiver sendo consumido em comida, vinho, casas gigantescas, tapetes caros, pianos, carruagens e vestimentas, tal consumo constitui evidência de que existe um capital com maquinaria necessária para empregar o trabalho que pode produzir estas coisas. A lama respingada das rodas da carruagem do milionário pode despertar minha raiva e inveja, mas por outro lado, estando eu a procura de emprego, isso significa que em algum lugar devem existir fábricas para a manufatura de carruagens e arreios, e que lá deve existir o capital para empregar o trabalho. Neste sentido, a produção de confortos, víveres e luxos constituem uma porção necessária da presente indústria e do emprego de todo trabalho, visto que o estado atual das artes permite que o mundo possa criar mais que as necessidades básicas da vida, quais sejam, comida, roupas e abrigo. Com uma população dada, nós estamos extraindo da natureza os meios de nossa existência no globo. Todo ganho através de novos processos que exigem uma parcela adicional de esforço humano é uma benção para toda a raça humana; a produção aumenta, e o mundo como um todo se torna mais próspero.²³³ (LAUGHLIN, 1884, p. 512-513).

A maneira com que Laughlin arremata este artigo é típica do tratamento dos economistas apologistas em relação às questões dos trabalhadores, em especial aos clamores igualitaristas. Fica explícita a dimensão apologética, com

²³³ For example, when I see the use of costly luxuries, or when I am splashed by the showy carriage of a great railway king on the street, I am obliged by logic to reason as follows: Everything which makes up the large consumption of this rich man is an evidence of the employment of labor somewhere. It is a physical impossibility for *Jay Gould* or *Mr. Vanderbilt* to consume his whole income; in fact, a very small part indeed is really destroyed by personal consumption. Whatever is consumed in food, wine, grand houses, rich carpets, pianos, carriages, and dress, is direct evidence that exists a capital with a necessary plant to employ the labor which can produce these things. The spattering mud from the millionaire's carriage-wheels may excite my rage and envy, but as I stand there looking for employment, it says to me that there are somewhere factories for the manufacture of carriages and harness; that capital must be in existence to employ labor there. In this sense, the production of comforts, decencies, and luxuries forms a necessary part of present industry and of the employment of all labor; since in the present state of the arts the world can create more than the simple needs of life, - food, clothing, and shelter. With a given population, we are extracting from nature the means of our existence on this globe. Every gain by new processes which yield more for a given amount of human exertion is a boon to the whole human race; production is increased, and the whole world is wealthier.

seu peculiar apelo a argumentos que remetem a um senso calvinista. Considere-se, assim sendo, palavras de LAUGHLIN (1884, p. 519-520):

Existem aqueles que são, talvez inconscientemente, influenciados pelo sentimento comunista de que um homem pode ser considerado, em termos econômicos, um bem como qualquer outro; de que um homem, pelo fato de compartilhar com todos os outros os mesmos direitos, possui também o direito de reivindicar uma porção da riqueza mundial criada por outros. Tal doutrina não pode ser admitida, e menos ainda por aqueles que, como o escritor, desejam sinceramente ver a melhora dos assalariados sobre uma base legítima. A incapacidade de criar, certamente não deve ser usada como pretexto para se reivindicar o que foi criado pelos capazes. O campo de atuação mais apropriado para o filantropo é ajudar a transformar a incapacidade em capacidade; em ajudar operários a evoluírem no *ranking* dos trabalhadores; em auxiliá-los a adquirirem habilidades, educação, visão de futuro, confiabilidade, e hábitos de poupança. Na medida em que eles mesmos poupem e tornem-se donos de capital, aumentam a possibilidade de se alavancarem a uma melhor posição na vida (...). É um caminho aberto a qualquer homem nos EUA.²³⁴

Os dois excertos acima mostram, em James Laughlin, a forma mais profunda e a tradução mais fiel do que representou o apologismo norte-americano do *fin de siècle*. Ele, como não poderia ser diferente, sustentava do mesmo modo a doutrina mais propriamente monometalista possível. “O Professor Laughlin da

²³⁴ There are those who are, perhaps unconsciously, influenced by the communistic feeling that any one man is as good as any other, economically speaking; that one man, because he has equal civil rights with all others, has also a right to claim a portion of the world's wealth created by another. Such a doctrine cannot be admitted, least of all by those who, with the writer, most earnestly desire too see the improvement of the wages receiving class on a legitimate basis. Inability to create is certainly no reason for claiming what ability has created. The proper field for philanthropist is in aiding the change from inability to ability; in helping workmen move up in the rank of laborers; in assisting them in the attainment of skill, education, forethought, trustworthiness, and saving habits. As they themselves save and become the owners of capital, they increase the length of the lever by which they may raise their position in life. (...) It is a path open to any man in the United States.

Universidade de Chicago talvez seja o protótipo perfeito de um monometalista.”²³⁵ (WEBER, 1899, p. 266). O trabalho deste serve bem à transição que será feita, a partir de agora, em direção aos darwinistas sociais, pois muito da sua argumentação, ainda que apoiada sobre as bases da ortodoxa doutrina clássica britânica, apresenta as mesmas conclusões sobre a luta de classes nos Estados Unidos do período em tela.

2.2.4. O Darwinismo Social “Gentil”

À primeira vista pode parecer tremendamente estranho que o darwinismo esteja contido nessa seção, que trata dos pensadores apologistas e conservadores, e não na seguinte, cujo tema diz respeito aos reformistas. Principalmente porque Veblen foi alguém que desenvolveu sua teoria social e econômica baseado muito na nova heurística de pesquisa científica proposta por Darwin para a biologia evolucionista. Todavia, seguindo a lição de um dos historiadores mais citados nessa tese, Richard HOFSTADTER (1992), é preciso dizer que o evolucionismo, pelo menos no último quarto do século XIX, foi ferramenta predominantemente utilizada pelos defensores da ordem existente. Existiram dissidentes da apologia entre os usuários das teorias darwinistas, Veblen sendo o exemplo óbvio, mas acompanhado de economistas como Simon Nelson Patten (1852-1922) e, para alguns, Lester Ward (1841-1913). No entanto, os primeiros a tomar o darwinismo como proposta científica adequada ao uso na teoria social foram os conservadores, os quais também sempre formaram a maioria de seus perpetradores nos Estados Unidos. HOFSTADTER (1992, p. 5) analisa: “O Darwinismo foi um dos grandes pensamentos formadores nesta longa fase da história da mentalidade conservadora na América. Foram aqueles que desejaram defender o *status quo* político, especialmente os conservadores do

²³⁵ Professor Laughlin of the University of Chicago is perhaps the leading out-and-out monometallist.

laissez-faire, os primeiros a escolher os instrumentos de argumento social extraídos dos conceitos darwinianos.”²³⁶

Nesse ponto, e por causa da melhor aceitação das teses sociais sustentadas sobre o darwinismo por parte dos americanos, é interessante perceber que o conservantismo nos Estados Unidos traz junto a si, no mais das vezes, certas inovações. HOFSTADTER (1992, p. 7-8) compara os darwinistas sociais com os conservadores burkenianos.

Nós podemos imaginar se em algum momento, em toda a história do pensamento, houve um conservadorismo tão decididamente progressista como esse. Algumas das peculiaridades do darwinismo social, como uma *rationale* conservadora, se tornam aparentes ao se comparar Sumner com Edmund Burke. (...) Enquanto Burke é religioso, e se baseia numa abordagem intuitiva da política e numa sabedoria instintiva, Sumner é secularista e racionalista com orgulho. Enquanto Burke se baseia numa inteligência coletiva, imemorial, e na sabedoria da comunidade, Sumner supõe que a auto-afirmação individual será a única expressão satisfatória da sabedoria da natureza, e exige da comunidade somente que ela dê plena vazão a esta auto-afirmação. Enquanto Burke reverencia costumes e exalta a continuidade com o passado, Sumner impressiona-se favoravelmente com a ruptura em relação ao passado (...). O conservadorismo de Burke parece relativamente atemporal e adimensional, enquanto o de Sumner parece pertencer proeminentemente à era pós-darwiniana e à América.²³⁷

²³⁶ Darwinism was one of the great informing insights in this long phase in the history of the conservative mind in America. It was those who wished to defend the political status quo, above all the *laissez-faire* conservatives, who were the first to pick up the instruments of social argument that were forged out the Darwinian concepts.

²³⁷ We may wonder whether, in the entire history of thought, there was a ever a conservatism so utterly progressive as this. Some of the peculiarities of social Darwinism as a conservative rationale become apparent if one compares Sumner with Edmund Burke. (...) Where Burke is religious, and relies upon an intuitive approach to politics and upon instinctive wisdom, Sumner is secularist and proudly rationalist. Where Burke relies upon the collective, long-range intelligence, the wisdom of community, Sumner expects that individual self-assertion will be the only satisfactory expression of the wisdom of nature, and asks of the community only it gives full play to this self-assertion. Where Burke reveres custom and exalts continuity with the past, Sumner is favorably impressed by the break made with the past (...). Burke's conservatism seems relatively timeless and placeless, while Sumner's seems to belong pre-eminently to the post-Darwinian era and to America.

Logo em seguida, HOFSTADTER (1992, p. 9) ainda compara:

Na tradição da política americana, a “direita” – isto é, o lado dedicado à propriedade e menos dado aos entusiasmos populares e à fidelidade à democracia – tem sido durante grande parte de nossa história identificada com homens que, enquanto políticos conservadores, foram, em termos sociais e econômicos, impetuosos inovadores e ousados promotores. De Alexander Hamilton, passando por Nicholas Biddle a Carnigie, Rockefeller, Morgan e seus companheiros magnatas, os homens que sustentavam visões aristocráticas ou mesmo plutocráticas em assuntos políticos, foram também homens que tomaram a liderança na introdução de novas formas econômicas, novos tipos de organização, novas técnicas. Se nós procurarmos na história de nossa prática política por aqueles homens que falaram favoravelmente sobre a restauração ou a conservação de velhos valores, nós iremos encontrá-los – não de modo exclusivo, é bom notar, e sim de modo mais característico – entre aqueles com inclinação moderada à “esquerda”. Nós os encontramos entre os jeffersonianos, que tentavam salvar o agrarianismo e defender os interesses dos plantadores; entre os jacksonianos, que reivindicavam uma restauração da simplicidade republicana; entre populistas e progressistas, que tentavam restaurar uma democracia popular e uma economia competitiva, a qual eles imaginavam ter existido previamente.²³⁸

²³⁸ In the American political tradition the side of “right” – that is, the side devoted to property and less given to popular enthusiasms and democratic professions – has been throughout the greater part of our history identified with men who, while political conservatives, were in economic and social terms headlong innovators and daring promoters. From Alexander Hamilton through Nicholas Biddle to Carnigie, Rockefeller, Morgan, and their fellow tycoons, the men who held aristocratic or even plutocratic views in matters political were also men who took the lead in introducing new economic forms, new types of organization, new techniques. If we look through the history of our practical politics for men who spoke favorably of restoring or conserving old values we will find them – not exclusively, to be sure, but most characteristically – among those who leaned moderately to the “left”. We find them among Jeffersonians trying to save agrarianism and defend planter interests, among Jacksonians pleading for a restoration of republican simplicity, among populists and progressives trying to restore a popular democracy and a competitive economy that they felt had formerly existed.

Algumas das críticas sobre as idéias de Darwin, nos Estados Unidos, foram tão radicais, por parte dos homens de religião, que afirmavam só ser o darwinismo crível no dia em que um cientista fosse capaz de retirar um macaco do zoológico e transformá-lo em homem. Mesmo assim, os grandes expoentes da metamorfose pela qual passou o darwinismo em sua transferência para a ciência social, Herbert Spencer (1820-1903) e William Graham Sumner (1840-1910), eram recebidos e tratados, pelos afluentes interessados nos lemas que eram profusamente criados pela dupla, como verdadeiros sacerdotes de um evangelho da *Gilded Age*. Spencer, pensador inglês, era festejado nos Estados Unidos como muito mais adequado à realidade do novo continente do que à da sua velha ilha. A recepção calorosa nas terras de Carnigie e Vanderbilt o fez mesmo mais famoso que o próprio Darwin, o qual era visto como um cientista de escopo mais limitado – um cientista da natureza -, enquanto Spencer unia “tudo na natureza sob uma única generalização, dos protozoários até a política” (HOFSTADTER, 1992, p. 31).²³⁹

Quando se fala em recepção de Herbert Spencer na América, John Kenneth Galbraith é o autor que destaca com maestria o significado da viagem do escritor britânico para o novo mundo. Usando da ironia que aprendeu em boa parte com Veblen, GALBRAITH (1982, p. 40) escreve assim sobre a acolhida a Spencer:

Assim como Jesus finalmente veio a Jerusalém, Herbert Spencer finalmente veio à América. A recepção em ambos os casos foi mais ou menos a mesma. Por ocasião de sua viagem, em 1882, Spencer já não era jovem – ele tinha 62 anos de idade – e não gozava de plena saúde. Também tinha aversão a repórteres e à imprensa em geral. Todavia, sua visita à América foi o triunfo que qualquer observador esperaria registrar. Em toda parte foi ele acolhido e reverenciado por homens que viam, em sua própria seleção como ricos, a melhor prova de que a raça humana estava sendo melhorada. (...) Era uma época de orgulho efusivo pelas realizações americanas.

²³⁹ ...under one generalization everything in nature from protozoa to politics.

A importância de Spencer era mesmo tremenda. HOFSTADTER (1992, p. 33) diz que era impossível ser ativo no campo das ciências sociais, nas três décadas depois da guerra civil, sem dominar a filosofia social do escritor inglês. Os livros dele, desde a primeira publicação americana, em 1860, até dezembro de 1903, somaram mais de trezentas e cinquenta mil cópias vendidas, e isso em matérias que não são de domínio público como a sociologia e a filosofia. John Commons, um dos *founding fathers* do institucionalismo americano e defensor da regulação das relações trabalhistas, foi formado neste ambiente intelectual, tanto que nos seus primeiros contatos com outras filosofias sociais, no começo de seus estudos de pós-graduação, espantou-se com o modo como alguns criticavam algo tão assumidamente certo como o darwinismo social spenceriano. Boa parte desse efeito arrebatador pode ser consequência, como afirma o mesmo historiador, do vácuo criado entre a derrocada dos transcendentalistas e a ainda não realizada ascensão dos progressistas e pragmatistas (HOFSTADTER, 1992, p. 32).

Malthus foi o formador essencial dos darwinistas sociais. Assim como o foi, assumidamente, para o próprio Darwin.²⁴⁰ Deve-se assinalar que a filosofia de Spencer era extremamente otimista. Nesse sentido, com a idéia da competição por alimentos e a provável escassez proposta por Malthus em mente, o escritor da Inglaterra procurou conciliar em termos sociológicos duas tendências muito em voga nas ciências naturais: o princípio da conservação de energia, da física, e o evolucionismo, da biologia. Do princípio da conservação da energia Spencer extraiu uma primeira lei natural universal, responsável pela existência do processo evolucionário.²⁴¹ No universo existiria a incessante redistribuição entre matéria e movimento, ritmicamente equilibrada entre evolução e dissolução. A evolução significava integração da matéria, acompanhada pela dissipação do movimento, sendo o contrário o processo de dissolução. A existência da evolução levava os

²⁴⁰ Para o reconhecimento do débito de Darwin em relação a Malthus, ver Richard HOFSTADTER (1992, p. 38-39).

²⁴¹ Quando, em relação aos darwinistas sociais, se fala em lei universal, quer-se com isso dizer que a lei é válida tanto para a esfera natural, bem como para a esfera humana e social.

seres do mundo da homogeneidade incoerente à heterogeneidade coerente. A longa corrente que unia evolutivamente os seres vivos unicelulares ao homem era prova desse passo. O homogêneo era inerentemente instável, o que acarretava um inevitável processo evolutivo.²⁴² A terra, de uma massa nebulosa até sua diversidade e complexidade, e os seres vivos, dos protozoários até a mente extremamente complexa do *homo sapiens*, seriam as provas deste tipo de evolução. E mais, para Spencer, este processo teria fundamentalmente caminho teleológico. A evolução não poderia durar para sempre, e se a dissolução estava representada na natureza viva pelo processo da morte, na sociedade o fim seria muito mais certo e benevolente. HOFSTADTER (1992, p. 37) explica:

O resultado final desse processo, seja no organismo animal ou na sociedade, é o alcance de um estado de equilíbrio – um processo chamado de “equilibração” por Spencer. A última etapa do equilíbrio é inevitável, pois o processo evolucionário não pode prosseguir indefinidamente na direção de uma crescente heterogeneidade. “A evolução possui um limite impassível”. Aqui o padrão do ritmo universal entra no jogo: a dissolução sucede a evolução, a desintegração sucede a integração. Num organismo, esta fase é representada pela morte e decadência, e na sociedade, pelo estabelecimento de um estado harmonioso e completamente adaptado, no qual “a evolução pode acabar somente no estabelecimento da perfeição maior e da felicidade mais completa”.²⁴³

²⁴² Neste ponto, não se pode deixar de dizer que a diversidade assume importância fulcral no pensamento de Herbert Spencer, isso, obviamente, leva à conclusão de que diferenças são necessárias e inevitáveis, e quando se diz necessárias, dentro da filosofia deste autor, deve-se adicionar o adjetivo “boas”.

²⁴³ The final result of this process, in animal organism or society, is the achievement of a state of equilibrium – a process Spencer called “equilibration”. The ultimate attainment of equilibrium is inevitable, because the evolutionary process cannot go on forever in the direction of increasing heterogeneity. “Evolution has a impassible limit”. Here the pattern of universal rhythm comes to play: dissolution follows evolution, disintegration follows integration. In a organism this phase is represented by death and decay, but in society by the establishment of a stable, harmonious, completely adapted state, in which “evolution can end only in the establishment of the greatest perfection and the most complete happiness”.

A transferência do que acontecia no plano natural para o social era feita de modo imediato por Spencer, as ontologias social e natural estariam unidas pela mesma lei que regia toda a escala de fenômenos sob análise. Do malthusianismo vinha a luta por alimentos, e essa pressão sobre a sobrevivência humana era a principal causa do melhoramento que a evolução conferia à natureza e à sociedade. A “sobrevivência do mais apto”, inclusive, foi expressão cunhada por Spencer, e não por Darwin. O inglês concluía, porque inevitável o processo de evolução e melhoria, que deixar fazer, deixar passar, era o único remédio social aplicável. GALBRAITH (1982, p. 37) comenta, nesse sentido: “Ninguém, *especialmente nenhum governo*, nela [a riqueza] podia tocar ou nos métodos pelos quais foi adquirida ou estava sendo aumentada. Fazê-lo seria o mesmo que interferir no processo, desesperadamente fundamental, através do qual a raça humana estava sendo aperfeiçoada.”²⁴⁴

Entretanto, o que mais interessa são as conseqüências éticas das teorias spencerianas. O motivo principal, às vezes até explicitado, era realmente uma defesa fortíssima da legitimidade que tinham os afluentes no aproveitamento dos deleites da vida de rico. Este tipo de filosofia social procurava, de maneira até mesmo obsessiva, justificar as amenidades derivadas da boa-vida das classes superiores, enquanto os menos afortunados amargavam perdas muito grandes, no mínimo em termos relativos. GALBRAITH (1982, p. 37) parece ser um dos autores modernos que melhor analisou de forma fria o significado do darwinismo social, dizia ele:

Em verdade, estas idéias não poderiam ser mais maravilhosas. Nunca antes, em qualquer país, tanta gente tornara-se tão rica e aproveitara tanto e tão bem sua riqueza. E, devido a Spencer, ninguém precisava sentir-se nem um pouco culpado por causa de toda essa boa sorte. Era o resultado inevitável do poder natural, da capacidade própria de adaptação. O rico era o beneficiário inocente de sua própria superioridade. Ao gozo da riqueza foi acrescentado o prazer quase igual

²⁴⁴ Grifo nosso.

que provinha da simples noção de que se tinha tudo isso porque se era melhor.

Spencer chegava mesmo a extremos. Dizia ser a falta de evolução, de adaptação ao meio a raiz de todo mal. Ele falava dos traços humanos originários de uma fase predatória, e da sua eliminação via livre operação do processo evolutivo. Essa seria não somente a resposta mais correta ao fim de todo o mal, mas a resposta inexorável. SPENCER (apud HOFSTADTER, 1992, p. 40) falava:

O desenvolvimento derradeiro do homem ideal é logicamente certo – tão garantido quanto qualquer conclusão na qual nós depositamos nossa fé tácita; por exemplo, [no fato] de que todos os homens morrerão... O progresso, portanto, não é um acidente, mas uma necessidade. Ao invés de ser artificial, a civilização faz parte da natureza; tudo forma uma só peça com um embrião ou o desabrochar de uma flor.²⁴⁵

Spencer era um ultraconservador. Incomodou-se a vida inteira com as perguntas sobre sua defesa da abstinência do estado em relação a qualquer ajuda aos pobres. É claro que de sua teoria social derivava diretamente a lição de que se o estado se dispusesse a ajudar os necessitados, estaria assim perpetuando os menos aptos, e considerando o que se falou logo acima, perpetuando a inadaptabilidade e o “mal no mundo”. Ele tinha apenas uma concessão nesse ponto em particular: admitia a filantropia privada voluntária. Dizia que era, da mesma forma, perniciosa à teleologia inexorável da evolução, mas se tinha efeitos de satisfação pessoal nos filantropos, então seria uma violência e uma agressão à liberdade dos ricos impedi-los de tais ações.

²⁴⁵ The ultimate development of the ideal man is logically certain – as certain as any conclusion in which we place the most implicit faith; for instance that all men will die... Progress, therefore, is not an accident, but a necessity. Instead of civilization being artificial, it is a part of nature; all of a piece with the development of the embryo or the unfolding of a flower.

Nos Estados Unidos, Spencer tinha um ferrenho seguidor nativo: o da mesma forma celebrado professor William Graham Sumner, de Yale. Ele foi educado na mesma Universidade onde foi professor, tendo ainda estudado em Göttingen, Oxford e Genebra. Sumner encarnava toda a mais fina educação que um americano poderia apresentar em seu *curriculum vitae*, claro que passando, também, inevitavelmente, pelos estudos de teologia para formar-se pastor. DORFMAN (1947, p. 67) situa Sumner, sem a menor dúvida, no lado conservador: “Ele assumiu uma opinião típica da Nova Inglaterra, que sustentava que Jefferson e Jackson haviam diminuído aquela cultura aristocrática e aquele ‘governo equilibrado’ pretendido pelos *founding fathers*.”²⁴⁶ Nascido no mesmo ano que Francis Amasa Walker, Sumner também foi um duro e especialmente famoso componente da “tropa de choque” intelectual da afluência americana. Mais ainda do que Walker, Sumner transformou sua cadeira de economia política na Universidade de Yale numa fortaleza de onde ele disparava suas colossais defesas dos ricos e bem nascidos.

Da ética protestante Sumner trazia a doutrina de que a única forma de enriquecimento era o trabalho duro em conjunto com a poupança. Já da economia clássica de John Cairnes (1823-1875) e Francis Wayland, sob a qual fora educado na Europa e nos Estados Unidos, ele havia fundado sua irrefreável advocacia do *laissez-faire*. E, por último, e dando toda o amálgama da filosofia social elaborada pelo professor de New Haven, o darwinismo social e a idéia de seleção natural. Vale anotar que o pensamento sumneriano, em oposição ao do seu partidário do outro lado do Atlântico, era malthusianamente pessimista, algo inusitado para um americano apologista. Todo esse caldo de ideário conservador foi externado com um estilo muito próprio ao seu conteúdo. A opinião de HOFSTADTER (1992, p. 54) corrobora esta idéia:

Embora a fraseologia clerical tenha logo desaparecido de seu estilo, seu temperamento continuava o de um prosélito, de um moralista, e de um

²⁴⁶ He embodied a New England opinion which held that Jefferson and Jackson had brought low that fine aristocratic culture and ‘balanced government’ intended by the founding fathers.

defensor de causas com pouco interesse em distinguir o erro e a iniquidade em seus oponentes. (...) Ele até pode ter insistido que a economia política era uma ciência descritiva separada da ética, mas seus escritos sobre protecionistas e socialistas eram repletos de truísmos morais. Seus artigos populares soavam como sermões.²⁴⁷

Um exemplo do tom de exortação da argumentação de SUMNER (1887, p. 118-119), do texto “*State Interference*”, de 1887, é o trecho:

Eu, portanto, sustento que no presente momento é uma questão de dever patriótico e civil resistir à extensão da interferência estatal. (...) A única questão sobre este ponto é: em que nós devemos confiar mais, no jogo das livres forças sociais ou na interferência administrativa ou legislativa? Esta questão é tão pertinente para aqueles que esperam ganhar alguma coisa através da interferência quanto para os outros, pois sempre que nós tentamos ser paternalizados, nós somente conseguimos ser policiados.²⁴⁸

O pensamento de Sumner carrega a influência do desenvolvimento histórico norte-americano, pois sua teoria parte da idéia de que a sociedade é, em muito, regida pela relação entre o tamanho da população e a disponibilidade de terra fértil. O novo mundo, portanto, seria território de novas liberdades, pois sendo a relação homens-terra muito baixa, uma sociedade muito mais harmônica e democrática poderia florescer ali. Sumner, a partir disso desenvolvia, uma teoria da história. Numa primeira fase da história, na qual a terra foi se tornando cada

²⁴⁷ Although clerical phraseology soon disappeared from his style, his temper remained that of a proselytizer, a moralist, an espouser of causes with little interest in distinguishing between error and iniquity in his opponents. (...) He might insist that political economy was a descriptive science divorced from ethics, but his scriptures on protectionists and socialists resounded with moral overtones. His popular articles read like sermons.

²⁴⁸ I, therefore, maintain that it is at the present time a matter of patriotism and civic duty to resist the extension of the state interference. (...) The only question at this point is: Which may we better trust, the play of free social forces or legislative and administrative interference? This question is as pertinent for those who expect to win by interference as for others, for whenever we try to get paternalized we only succeed in getting policed.

vez menos abundante, os homens entraram em grave rivalidade pela obtenção dos meios de vida. Este crescente cenário social hobbesiano desaguardaria na formação de Estados autoritários. Mas, na fase seguinte, surgiram os contratos privados, uma clara evolução social em termos de adaptabilidade ao novo meio, uma vez que fora especialmente esta nova instituição que permitiu a diminuição das violentas rivalidades e da coerção estatal. É claro, estes desenvolvimentos fariam parte de uma evolução universal, que também era inevitável para Sumner. Lema derivado: deixar fazer, deixar passar.

A competição, tanto por terras como a que nasce em consequência de outras necessidades e amenidades, seria algo, dessa maneira, inerente à vida humana, intrínseca à natureza. Constatado isso, Sumner precisava provar que os interesses das classes sociais são apenas aparentemente antagônicos. Nenhuma classe social enriquece-se à custa de outra, o aumento da riqueza de determinado indivíduo não impede de modo algum o enriquecimento de outros, sendo sempre o resultado da abnegação, talento e esforços pessoais. Uma das duas principais obras de William Sumner trata, desde seu título, exatamente deste ponto. Publicada em 1883, *What Social Classes Owe to Each Other*, é uma ode à harmonização da convivência entre as diferentes classes sociais. E, por óbvio, pretendia tornar injustificáveis todos os reclames das classes pretensamente menos favorecidas. Sobre elas, já no início do texto, SUMNER (1972, p. 226) tenta ensinar:

Quando se diz às pessoas cujas reclamações estamos considerando que se apliquem a essas tarefas [trabalho duro e abnegação], elas ficam irritadas e sentem-se quase insultadas. Formulam suas reclamações como direitos contra a sociedade – isto é, contra alguns outros homens. Em sua opinião têm o direito, não só de *procurar* a felicidade, mas de *obté-la*, pensam ter direito à ajuda de outros homens – isto é, ao trabalho e abnegação de outros homens – a fim de obtê-la para si. (...)

Pois o homem que pode dispor do trabalho e abnegação de outro homem para o sustento de sua própria existência é uma pessoa privilegiada da mais alta espécie concebível na Terra. (...)

Constatamos que todos os esquemas para produzir igualdade e eliminar a organização da sociedade produzem uma nova diferenciação baseada na pior distinção possível – o direito de reclamar e o dever de dar esforço de um homem para a satisfação de outro homem.

Um pouco mais à frente, SUMNER (1972, p. 229) dá uma das melhores demonstrações do apologismo americano ultraliberal na sua vertente mais forte. Vale o longo trecho citado:

Sob o nome de pobres e fracos, os negligentes, ineptos, ineficientes, tolos imprudentes são impostos aos industriais e prudentes como uma responsabilidade e um dever. (...)

Os humanitários, filantropos e reformadores, encarando os fatos da vida como eles se apresentam, encontram muito de triste e inauspicioso na condição de numerosos membros da sociedade. Vêem riqueza e pobreza lado a lado. Observam grande desigualdade de posição social e oportunidades sociais. (...) Em sua impaciência por recomendar piedade e consideração pelas classes menos afortunadas, esquecem-se de tudo sobre os direitos de outras classes; ignoram todos os defeitos das classes em questão e exageram seus infortúnios e suas virtudes. Inventam novas teorias de propriedade, deformando direitos e perpetuando injustiças, como certamente faz quem se dispõe a promover o reajustamento de relações sociais, com os interesses de um grupo distintamente diante de sua mente e os interesses de todos os outros grupos jogados para o plano de fundo. Quando eu li algumas discussões pensei que era muito desabonador ser respeitável, muito desonesto possuir propriedade, muito injusto seguir seu próprio caminho e ganhar a sua própria vida, e que a única pessoa realmente admirável era o vadio. O homem que por seu próprio esforço se ergue acima da pobreza parece, nessas discussões, não ter o menor valor. O homem que nada fez para erguer-se acima da pobreza descobre que os médicos sociais aglomeram-se à sua volta, levando o capital que coletaram das outras classes e prometendo-lhe o auxílio do Estado para dar-lhe aquilo pelo qual os outros trabalharam. (...) Aqui basta observar que, de acordo com as teorias dos filósofos sociais a que me referi, obteremos uma nova máxima de viver judiciosamente:

pobreza é a melhor política. Se alguém fica rico, tem que sustentar outras pessoas; se não fica rico, é dever de outras pessoas sustentá-lo.

Dizia Sumner que as defesas da redistribuição das riquezas era um resquício de antigas fases históricas, em especial da Idade Média. Assim, pretendia comparar, como deve ter ficado claro nas supracitações, os pobres que recebiam de ajuda através de tributos sobre as posses dos ricos com os nobres, que viveram à custa do trabalho de outros.

WEBER (1899, p. 265), um já citado observador do *fin de siècle*, dizia qual era o resultado dos raciocínios de Sumner: “Ele tem escrito consideravelmente sobre questões sociais e talvez seja o preconizador mais agressivo do livre-comércio no país. Liberdade é, de fato, seu único mote – livre comércio, livre competição, liberdade de contrato, e liberdade em tudo.”²⁴⁹ O Estado teria um único papel no processo social, garantir as liberdades individuais. SUMNER (1987, p. 235) falava sobre isso: “As funções do Estado residem inteiramente nas condições ou oportunidades em que a procura da felicidade é executada, até onde aquelas condições ou oportunidades podem ser afetadas pela organização civil. Consequentemente, a liberdade para o trabalho e a segurança para os ganhos são os fins para os quais existem instituições civis, não meios que possam ser empregados para fins ulteriores.” Dizia Sumner que apenas duas coisas devem ser objeto da garantia estatal: “a propriedade dos homens e a honra das mulheres”²⁵⁰ (HOFSTADTER, 1992, p. 62). Esta frase dá uma idéia até mesmo chocante sobre o grau de conservadorismo do antigo professor de Yale.

Alguns outros intelectuais daquela época também podem ser enquadrados entre os darwinistas sociais. SIGLER (1972), por exemplo, aloca Josiah Strong (1847-1916) ao lado de William Graham Sumner. O pastor congregacionalista opunha-se a quase tudo que era progressista: imigração e socialismo eram seus

²⁴⁹ He has written considerably on social questions and is perhaps the most aggressive free trader in the country. Freedom is, in fact, his one cry, - free trade, free competition, freedom of contract, and freedom in everything.

²⁵⁰ the property of men and the honor of women.

objetos de contestação favoritos. Ele adotou o evolucionismo para argumentar que a civilização anglo-saxã era a mais evoluída e, por isso, destinada a civilizar o mundo. Sua obra principal foi *Our Country*, de 1885, na qual ele defendia a tese de que os Estados Unidos tinham a missão de salvar o globo para a cristandade. Na mesma linha de Spencer e Sumner, Strong utilizava a heurística evolutiva de maneira teleológica. Dizia que o espalhamento da civilização norte-americana era inevitável. Em suas próprias palavras: “A América do Norte deverá ter a grande preponderância de número e riqueza, e pela lógica dos acontecimentos seguir-se-á o centro da influência controladora. Isso não será mais do que a consumação de um movimento tão antigo quanto a civilização – um resultado que homens esperaram durante séculos (STRONG, 1972, p. 244). Segue outro trecho que tratava da raça anglo-saxônica: “E não apenas vamos ter a maior parte da raça anglo-saxônica, mas também podemos razoavelmente esperar desenvolver o tipo mais elevado de civilização anglo-saxônica. “Se o progresso humano segue uma lei de desenvolvimento; ‘a mais nobre prole do tempo é a última’.” (STRONG, 1972, p. 245).

HOFSTADTER (1992, p. 151), por seu turno, inclui entre os darwinistas sociais Thomas Nixon Carver (1865-1961), professor de Harvard, que segundo o historiador foi um eco pálido de Sumner na era wilsoniana.²⁵¹ Carver também era um típico apologista de sua época, inclinado às exortações calvinísticas, como fica claro no comentário de DORFMAN (1947, p. 354): “Carver baseou sua economia no preceito de que a grande virtude econômica era a parcimônia, o que consistia em gastar dinheiro com coisas que trouxessem uma vantagem permanente ou durável.”²⁵² Dois dos seus artigos já deixam claro no título essa perspectiva. No *Quarterly Journal of Economics* ele publicou, em 1893, “*The Place of Abstinence in the Theory of Interest*” e, pouco depois, em 1903, “*The Relation of Abstinence to Interest*”. O evolucionismo era usado no mesmo sentido que Sumner lhe imprimia: “As leis de seleção natural são meramente os métodos

²⁵¹ Referência ao tempo do governo de Woodrow Wilson.

²⁵² Carver based his economics on the precept that the great economic virtue was thrift, which consisted in wasting money for things which would bring a permanent or a durable advantage.

usuais de Deus para expressar suas escolha e aprovação.”²⁵³ E mais, “Os naturalmente selecionados são os escolhidos de Deus.”²⁵⁴ (CARVER apud HOFSTADTER, 1992, p. 151).

2.2.5. Matemática, Neoclacissismo e John Bates Clark:

Dentre os economistas que ainda podem ser classificados como conservadores, um grupo se destaca como o mais heterogêneo: o dos marginalistas. Foram grandemente inovadores em termos de teoria pura, como eles mesmos gostavam de reconhecer, pois defenderam uma teoria do valor que ia radicalmente no contrafluxo do valor trabalho, propondo uma reformulação abrangente dos termos sobre os quais se apoiavam as teses clássicas. Enquanto alguns se amparavam em elucubrações matemáticas bem avançadas para a época, outros corriam à jusante de novas psicologias sociais. Já em termos de filosofia social, por outro lado, sustentavam desde o conservadorismo mais estrito, nos moldes dos apologistas clássicos e darwinistas sociais, até a defesa de reformas trabalhistas e de regulação da economia. Apesar disso, todos, grosso modo, tinham uma forte fé nas virtudes da concorrência e do liberalismo econômico. Por isso, ainda devem ser colocados como antagônicos ao pensamento vebleniano, de cores profundamente reformistas.

O primeiro estudioso que deve ser incluído nesse grupo era, originalmente, especialista em outra área do conhecimento. Simon Newcomb (1835-1909) foi célebre, até internacionalmente, como astrônomo, tendo sido professor de matemática na Marinha norte-americana e na Universidade Johns Hopkins. Apesar disso, ele escreveu profusamente sobre economia, com vários artigos publicados em relevantes periódicos da época. Nestes escritos, ao mesmo tempo

²⁵³ The laws of natural selection are merelly God’s regular methods of expressing his choice and approval.

²⁵⁴ The naturally selected are the chosen of God.

que criticava os métodos “literários” de seus contemporâneos, pedia uma virada da economia política na direção apontada por Augustin Cournot (1801-1877) e, posteriormente desenvolvida pelo fundador inglês do neoclassicismo Willam Stanley Jevons (1835-1882).²⁵⁵

Em suma, o valor, dentro da ótica marginalista, deveria ser medido pela utilidade adicionada por cada unidade de determinada mercadoria à mensuração subjetiva de um consumidor individual. Como o sentimento de utilidade diria respeito à subjetividade que subjaz em cada consciência individual, Newcomb reconheceu que sua expressão em números seria bastante difícil. O que era quantitativamente observável, então, seria o fenômeno a que a utilidade daria origem. Daí surgir uma teoria dos preços irrevogavelmente ligada ao valor utilidade (DORFMAN, 1947, p. 83-85; NEW SCHOOL FOR SOCIAL RESEARCH, 2008).

A teoria do valor sobre a qual Newcomb apoiava-se não adicionava nada de especialmente interessante às formulações jevonianas. O professor de matemática e astrônomo, contudo, trouxe algumas contribuições inéditas para a teoria econômica. Dada a sua grande habilidade matemática e sua defesa extremada do uso deste ferramental na economia política, Newcomb foi um dos primeiros economistas a distinguir variáveis-fluxo de variáveis-estoque. Isso o levou à elaboração de uma primitiva teoria dos fundos emprestáveis. E, mais importante, Newcomb, antepondo-se a Irving Fisher, desenvolveu uma incipiente teoria quantitativa da moeda. A famosíssima equação de trocas teria sido proposta pela primeira vez em 1886, pelo astrônomo. Utilizando-se dela, em conjunto com a distinção dos dois tipos de variáveis presentes na economia, Newcomb pôde fazer análises sobre ciclos econômicos, considerando até hipóteses que se tornariam pontos de controvérsia na teoria econômica mais moderna, como a rigidez de preços.

No entanto, Newcomb era um apologista dos mais aguerridos, e atacava com todas as suas forças os movimentos trabalhistas, principalmente as greves.

²⁵⁵ O trabalho mais influente de Cournot sobre economia matemática é de 1838.

Segundo DORFMAN (1947, p 87) isso atrapalhou seus desenvolvimentos teóricos mais profundos: “Sua preocupação, entretanto, com o “vício” das greves e dos sindicatos, e sua crença nos benefícios de um *laissez faire* extremo, foram tão avassaladores, que ele desenvolveu suas reflexões somente na medida em que elas pudessem ser utilizadas para demonstrar sua visão prática. Ele deixou para outros a exploração teórica do rico manancial que ele havia descoberto.”²⁵⁶

É importante, aqui, destacar as discussões mais propriamente práticas ou políticas dos economistas americanos daqueles tempos e dessa corrente. Desse modo e nesse sentido, citam-se trechos de Newcomb em que transparece seu lado apologista. Em seu texto de 1870, *The Labor Question*, ele sustenta a obsessiva idéia de que o capital deriva da perseverança e abnegação dos capitalistas. Dizia NEWCOMB (1870, p. 132-133), sobre o consumo do capitalista:

Tivesse ele decidido que deveria gastar [suas economias] em móveis caros para sua casa, quadros caros, vinhos raros e suntuosos jantares para si e seus amigos. Tivesse ele atendido somente seu contentamento temporário, sem preocupação com o futuro, ele então teria obtido, enquanto sobrasse dinheiro, muito mais prazer com isso do que em erigir uma fábrica, a qual não lhe seria de nenhuma serventia por vários anos à frente. Porém, visto que ele não poderia, com o mesmo dinheiro, obter estes artigos de satisfação temporária e construir uma fábrica, ele optou por negar a si mesmo e escolher a fábrica, desistindo do bem temporário do presente em prol de um bem mais duradouro no futuro. (...) o dinheiro pago por tudo isso, e outras formas de capital, tem sido preservado pelos seus donos do gasto com necessidades imediatas, sendo que de outro modo nenhuma delas teria algum dia existido.

O lucro sobre o capital é a recompensa natural da autonegação.²⁵⁷

²⁵⁶ His concern, however, with the ‘viciousness’ of strikes and trade unions and his belief in the beneficence of extreme *laissez faire* were so overpowering that he developed his insights only so far as they could be used to demonstrate his practical views. He left to others the theoretical exploitation of the rich vein he had uncovered.

²⁵⁷ Had he chosen he might have spent it [the savings] on expensive furniture for his house, costly pictures, rare wines, and sumptuous dinners for himself and his friends. Had he consulted only his temporary gratification, without care for the future, he would thus, as long as his money lasted,

Considerando o capital como absolutamente necessário para a geração de emprego, Newcomb defendia a tese de que o capitalista, através de sua abnegação em relação ao consumo era, na verdade, o benevolente promotor dos rendimentos dos trabalhadores. Quanto maior o capital poupado pelos seus detentores, maior seria o emprego criado. Greves, as grandes inimigas deste autor, serviam para aumentar os salários quando obtinham sucesso, embora fazendo com que temporariamente o capital não pudesse ser acrescido, dessa forma levando a um atraso na geração de maior demanda futura por trabalho, algo que resultaria finalmente no prejuízo dos próprios trabalhadores. Seguiu sua argumentação, no sentido desta conclusão:

Nós nos esforçamos neste exame para traçar os esforços das atuais organizações operárias até seu derradeiro efeito sobre os reais interesses da comunidade de trabalhadores. Nós descobrimos que, ao invés de melhorar a condição do trabalhador, elas tendem a piorá-la. Eles comparam guerra contra o capital e a produção, quando na verdade seria do interesse do trabalhador que capital e produção aumentassem o máximo possível (NEWCOMB, 1870, p. 140).²⁵⁸

Simon Newcomb, embora inovador na teoria monetária, acabou sendo, dentre os marginalistas, o mais apologista e conservador.

have derived much more pleasure from it than from the erection of a factory which would be of no service to him for several years to come. But since he could not with the same money obtain these articles of temporary gratification, and also build the factory, he has denied himself, and chosen the factory, giving up the temporary good of the present for the sake of a more enduring good in the future. (...) the money paid for all these, and other forms of capital, has been saved by owners from expenditure upon their current wants, otherwise not one of them would ever have existed.

The profit on capital is the Nature's reward for self-denial.

²⁵⁸ We have endeavored in this review to trace the efforts of the present labor organizations to their ultimate effect upon the true interests of laboring community. We have found that, instead of tending to improve the condition of the laborer, they tend to make it worse. They wage war against capital and production, while it is for the interest of the laborer that both shall be increased as much as possible."

Outro economista de orientação neoclássica, mais festejado na historiografia do pensamento econômico norte-americano do que Francis Amasa Walker, foi John Bates Clark (1847-1938). Professor de Thorstein Veblen nos seus anos do *Carleton College*, ele teve no nórdico-americano seu aluno predileto (DORFMAN, 1947, p.190). Contudo, mais tarde, quando já estava numa segunda fase da sua obra, mais propriamente liberal e apologista, tornou-se um dos alvos prediletos do institucionalista.

Clark formou-se em 1875 em Amherst, tendo logo em seguida ido à Alemanha para pós-graduar-se sobre a orientação de Karl Knies. Depois de perambular por diversas instituições de ensino superior, ele finalmente se estabeleceu em Columbia, no ano de 1895. Também teve participação crucial no auxílio a Richard T. Ely na fundação da *American Economic Association*, portanto, mesmo sendo partidário de um *laissez-faire* predominantemente conservador, permaneceu como um intelectual pluralista, defensor da abertura do pensamento econômico às novas influências (NEW SCHOOL FOR SOCIAL RESEARCH, 2008).

De acordo com John Fred BELL (1982, p. 456), Bates Clark foi um economista que destoou da tendência geral dos norte-americanos, pois: “...se interessava mais por desenvolver uma teoria bem concatenada do que empenhar-se em controvérsias.” O cerne de seu trabalho foi a elaboração – alegadamente em paralelo com o trio Jevons-Menger-Walras - da teoria do valor utilidade e, sobretudo, de uma teoria da distribuição baseada no marginalismo. A primeira virtude de sua nova versão da teoria do valor, enunciada pela primeira vez em 1877, era notadamente classificar todos os tipos de trabalho como produtivos (DORFMAN, 1947, p. 190). E, numa elaboração mais complexificada, diferenciar valor, utilidade e preço. A utilidade, chamada por ele “utilidade efetiva”, seria o poder que uma mercadoria tem de alterar, dadas as circunstâncias, a “condição subjetiva de satisfação mentalmente calculada”. O valor, por sua vez, seria a medida quantitativa da utilidade. Por fim, o valor de mercado, expresso na unidade convencional preço, seria uma medida da utilidade concebida com a sociedade pensada como “um grande ser uno” (DORFMAN, 1947, p. 190-191; BELL, 1982, p. 457). Uma das facetas mais interessantes da teoria de Clark, algo

que não é comumente reconhecido pelos economistas neoclássicos, foi o estabelecimento da especificidade histórica da teoria do valor utilidade. Dizia Clark que sua teoria tratava da sociedade moderna, não daquela selvagem, na qual as trocas voluntárias e, sobretudo, a apropriação das mercadorias não eram características preponderantes. Para que uma mercadoria tivesse valor de mercado, ela deveria ser apropriável.

Ainda no terreno da teoria pura, Clark elaborou uma categoria que iria tornar-se importante na microeconomia moderna: a utilidade inapropriável, ou nos termos atuais, as externalidades. Clark pensou em utilidades que ultrapassam a apropriação exclusiva de seus criadores e transbordam para outros membros da comunidade, como o que ocorrera em função das concessões de terras para as ferrovias. As utilidades inapropriáveis, criadas pela instalação das ferrovias para as terras adjacentes, justificavam as extensas concessões do governo para os construtores das estradas de ferro. Clark fez essa argumentação não sem notar que o Estado precisava participar da distribuição mais eqüitativa das externalidades - ou utilidades inapropriáveis. A admissão da participação do Estado na economia é uma característica da primeira fase do trabalho de Clark.

John Bates Clark sempre foi extremamente ativo em relação ao desenvolvimento da teoria econômica marginalista. Entretanto, durante a sua carreira, a filosofia social que acompanhava seus estudos econômicos sofreu mudanças, até mesmo radicais. DORFMAN (1947, p. 196) discute os dois aspectos centrais do pensamento de Clark:

Como mostraram as análises, o primeiro traço no pensamento de Clark, naquele tempo [primeira fase], foi uma concepção ampla de economia que enfatizava a reforma social, o segundo traço foi reformular a teoria do valor para fazê-la mais logicamente consistente e, ao mesmo tempo, dar legitimidade ética aos fundamentos subjacentes à sociedade moderna.²⁵⁹ Porém, logo depois disso, o segundo traço tornou-se o primeiro, de modo que no posterior e mais famoso *A distribuição da riqueza* (1899), o

²⁵⁹ Grifo nosso.

primeiro traço é praticamente não-existente. (...) sua forte consciência moral e intelectual o levou posteriormente a buscar aquilo que ele chamou de explanação científica para a validade substancial do sistema de capital e salários. Não mais que antes, ele acreditava que o sistema existente era o ideal; mas ele queria mostrar que leis econômicas específicas, leis as quais estabeleciam uma substancial equidade na distribuição sob o reino da propriedade e contrato, subjaziam à aproximação cada vez mais fechada do ideal.²⁶⁰

A primeira grande obra de Bates Clark foi *The Philosophy of Wealth*, de 1886, que delineia a sua nova teoria do valor, mas na qual uma inclinação ao socialismo cristão dava a tônica no que tange à filosofia social. Tal trabalho é a marca da primeira fase de Clark. DORFMAN (1947, p. 194) expõe: “Ele se opôs taxativamente ao extremo individualismo tipificado por William Graham Sumner.”²⁶¹ A conclusão de Clark, que era de mais difícil aceitação pelos seus colegas contemporâneos, tocava na concentração de capital e no surgimento de sindicatos fortes e suas conseqüências para o sistema de livre competição. O antigo professor de Veblen dizia que o sistema mais propriamente concorrencial de contratação de mão-de-obra, o qual proporcionava uma barganha mais eqüitativa entre patrões e empregados, estava desaparecendo em função da cada vez maior concentração de capital e da tendência à sindicalização. Em *The Moral Outcome of Labor Troubles*, do mesmo ano que o *Philosophy of Wealth*, ele sintetizava estas conclusões. Clark dizia que o mercado de trabalho tinha um *nível moral*, o qual pelo lado dos capitalistas quase nunca era o mais elevado possível. O nível moral das barganhas com os trabalhadores seria determinado

²⁶⁰ As the reviews bore out, the primary strain in Clark's thinking at the time was a broad conception of economics that emphasized social reform; the secondary strain was to reformulate the theory of value to make it more logically consistent and *at the same time give ethical validity to the underlying foundations of modern society*²⁶⁰. But shortly thereafter the secondary strain became the primary one, so that in the later and more famous *The Distribution of Wealth* (1899) the first strain is practically non-existent. (...) his strong moral and intellectual conscience drove him further in search of what he called a scientific explanation for the substantial validity of the system of capital and wages. No more than before did he believe that the existing system was ideal; but he wanted to show that specific economic laws, laws that made for a substantial equity in distribution under the reign of property and contract, underlay the ever-closed approach to the ideal

²⁶¹ He flatly opposed the extreme individualism typified by William Graham Sumner.

pelo nível moral do empresário que estaria obtendo o maior sucesso pecuniário. Em suas palavras:

O homem que dissolve seu caráter moral na exata proporção de sua estreiteza comercial irá fazer com que seus rivais, sejam eles piores ou melhores que ele, lutem para atingir a mesma condição. (...)

O nível está muito abaixo do padrão fixado por praticamente todas as consciências para outras relações da vida. Está abaixo da atual prática de homens em relações sociais na igreja e mesmo em relações políticas de tipo legítimo. O ponto onde tal padrão medíocre de relações comerciais produz seus piores efeitos é na conduta dos empregadores com relação a seus empregados (CLARK, 1886, p. 535).²⁶²

A salvação da “diluição” da moralidade nos fenômenos econômicos estaria, paradoxalmente, na concentração cada vez maior de capital e na associatividade do trabalho. Isso levaria o sistema a estabelecer instituições que seriam instâncias de arbitragem, mais especificamente tribunais que se responsabilizariam em mediar ou decidir as disputas entre as duas partes – trabalhadores sindicalizados e patrões monopsonistas. Concluía, então, Bates CLARK (1886, p. 536):

Caso uma forte organização, capaz de estabelecer salários uniformes para certa quantidade de trabalho, fosse complementada por um tribunal competente que fizesse com que as taxas fossem como deveriam ser, qual não seria o efeito moral sobre uma comunidade mercantil? Haveria

²⁶² The man who dilutes his moral character with the exactly the right proportion of commercial shrewdness will cause its rivals, be they worse or better than he, to strive to attain the same condition. (...)

The level is far below the standard fixed by nearly every conscience, for other relations of life. It is below the actual practice of men in social intercourse, in the church and even in political relations of legitimate kind. The point where the mediocre standard of business intercourse produces its worse effects is in the dealings of employers with their employés (sic)

uma força compelindo todos os empregadores a agirem corretamente. Isso asseguraria a elevação do padrão moral àquilo que a comunidade deve conformar em suas negociações (...) muito próximo a um ponto ideal. Fazer o certo sob compulsão não irá redimir um homem aos olhos de um moralista; porém, forçar a comunidade a agir corretamente, numa relação em que eram forçados a agir de modo errado, retira a mancha moral de cada membro dessa comunidade. (...) O sistema arbitrativo, quando desenvolvido completamente, não irá colocar nenhum homem onde ele diz estar sendo compelido a afundar sua fortuna ou seu caráter. A vida de negócios irá nivelar os homens por cima.²⁶³

A segunda fase de sua obra, surgiu quando o economista quis separar a “ciência pura” da economia política, dos elementos do debate que diziam respeito a discussões alegadamente mais próprias das ideologias. Esse argumento, sobre a possibilidade de uma teoria descolada da política, é muito caro, até os dias de hoje, para a maioria dos neoclássicos. Clark formula, assim, os pilares da teoria de distribuição que é largamente apresentada em qualquer manual moderno de microeconomia. Cada um dos fatores de produção recebe como renda a sua contribuição, medida marginalmente, na formação do produto total. Este novo modelo colocava em novos termos toda a discussão sobre renda da terra, lucros e salários da vertente clássica da economia política. A primeira providência de Bates Clark, em sua elaboração teórica, foi igualar o capital sob a forma de terras ao capital sob a forma de equipamentos, máquinas etc. Os juros diferentes sob estes dois tipos de capital tenderiam a se equalizar, uma vez que o capital teria total mobilidade entre um e outro. Na produção, então, podiam ser considerados apenas dois tipos de fatores: capital e trabalho. DORFMAN (1947, p. 197) analisa a lição de Clark:

²⁶³ If, in addition to a strong guild able to enforce uniform wages for given amount of work, there were a tribunal competent to make the rate what it should be, what would be the moral effect upon the mercantile community? There would be a force compelling all employers to do right. It would ensure the lifting of the moral standard to which the community must conform in transactions (...) very nearly to an ideal point. Doing right under compulsion will not redeem a man in the eyes of a moralist; but forcing a community to do right, in a relation where they were forced to do wrong, removes a moral blight from every member of it. (...) The arbitrativ system, when fully developed, will place no man where he can say that he is compelled to sink either his fortune or his character. Business life will level men upward

Esta lei primária de retorno sobre a riqueza produtiva era a principal base de um sistema eqüitativo de distribuição. Capital puro, ele diz, representa mérito econômico ou sacrifício pessoal contraído no serviço da sociedade. Dez mil dólares, enquanto fruto de vinte anos de trabalho, deveria resultar no mesmo retorno anual em qualquer forma investida. Assim concebido, todo rendimento da sociedade era composto simplesmente de recompensas do trabalho e do capital. É verdade que um elemento de “lucro puro” aparecia de tempos em tempos, mas geralmente se tratava de um prêmio especial para uma invenção mecânica e para uma melhoria da organização industrial; [mas] a competição tendia eliminá-lo, cedendo aos salários e interesses, o ganho total da sociedade industrial.²⁶⁴

Fica claro, neste sentido, a correção de se enquadrar Clark sob o rótulo daqueles que faziam apologia ao *status quo* e aos capitalistas de fins do século XIX, as semelhanças são marcantes. Já para o final de sua carreira, Clark passou a se preocupar mais intensamente com a questão da concentração do capital. Ele defendeu os trustes, com uma idéia que era comum mesmo aos reformistas de sua época: o problema não residia no tamanho das empresas em si, pois isto era consequência de uma maior eficiência produtiva, as complicações estariam na adoção cada vez maior de práticas monopolistas – *dumping* e cartelização vertical, por exemplo. Em *Disarming the Trusts*, publicado em 1890, no *Atlantic Monthly*, o professor CLARK (1890, p. 48) afirmava:

Sobre o problema mais fundamental, eu arrisco dizer, a mente popular está feita. Existe algo que se deseja e se possuirá; e existe outra coisa

²⁶⁴ This primary Law of the return on productive wealth was a chief basis of an equitable system of distribution. Pure capital, he said, represents economic merit or personal sacrifice incurred in the service of society. Ten thousand dollars as the fruits of twenty years' labor should command the same annual return in whatever form invested. So conceived, the whole income of society was composed simply of the rewards of labor and capital. True, an element of pure profit appeared from time to time, but was a special premium for mechanical invention and for improving industrial organization; competition tended to eliminate it and yield to wages and interest the entire gain from social industry.

que se odeia, se teme e se irá reprimir. O que se deseja é a eficiência produtiva. As pessoas terão organizado de tal modo o capital, que ele poderá competir com qualquer outro capital no mundo. O que elas não terão é um capital de tal modo dotado de poderes especiais e extraordinários a ponto de ser capaz de fazer tanto um trabalho de despojo quanto um produtivo.²⁶⁵

Para John Bates Clark havia sempre uma lei natural de competição latente por trás das atividades econômicas. O Estado deveria garantir que essa lei operasse, isso para que o tamanho das corporações não criasse problemas na economia. Ele defendeu a regulação das tarifas ferroviárias, pois percebia que elas favoreciam somente os trustes. A diminuição dos impostos de importação também seria outra medida necessária. Os boicotes aos “produtores independentes” era outra questão a ser contida pelo Estado (CLARK, 1890, *passim*). Neste último sentido, Clark cabe bem entre os reformistas. Todavia, como o central do seu trabalho foi defender o sistema distributivo tal como era, insiste-se, aqui, em colocá-lo como apologista. Embora, assinale-se, bastante moderado.

Dois outros marginalistas tiveram grande importância ao tempo de Clark e Newcomb. O primeiro, Frank Albert Fetter (1863-1861), foi professor na mesma universidade na qual estudou, a Universidade de Indiana. Ele foi o mais psicologista dos marginalistas americanos anteriores a Veblen. Pouco foi adicionado por ele às formulações já desenvolvidas pelos europeus e por Clark, sendo sua observação mais pertinente, e ponto no qual ele insistiu e fez muitas investigações, a consideração do tempo em relação às escolhas. Fetter aprofundou-se no conceito de preferência temporal, ou seja, na idéia de que o consumo atual é mais valioso do que o consumo futuro. Desse modo, o economista reforçou ainda mais a idéia da justificação da usura. No campo da

²⁶⁵ On the more fundamental issue, as I venture to affirm, the mind of the people was made up. There is one thing that it wants and will have; and there is another thing that it fears, hates, and will repress. What it wants is productive efficiency. The people will have capital so organized that it can compete successfully with any capital in the world. What they will not have is capital so endowed with special and abnormal powers that it can do a plundering work as well as a productive one.

filosofia social, Fetter foi um conservador estrito, muito influenciado por Spencer e Sumner. Defendia a eugenia, dizia que a democracia aumentava a mediocridade média da sociedade, condenava greves, pois a única maneira de aumentar salários seria pela dedicação e inteligência dos trabalhadores. FETTER (apud DORFMAN, 1947, p. 265) exortava: “Eu, eu, eu é o axioma da evolução, o postulado da política econômica, a regra da ação humana.”²⁶⁶

Outro neoclássico norte-americano importante tem lugar de destaque até hoje nos livros de história do pensamento econômico. Irving Fisher (1867-1947) é, por muitos, considerado o pai da teoria monetária ortodoxa. No entanto, a maior parte de suas contribuições fundamentais à economia vieram ao conhecimento do público especializado especialmente depois da Primeira Grande Guerra (DORFMAN, 1947, p. 375). É importante dizer que este também foi um autor que flutuou entre o reformismo e a apologia, recomendando, como fez Bates Clark, o controle dos monopólios. Num panorama mais geral, todavia, Fisher sustentava as mesmas teses mais conservadoras, a poupança como a fonte do capital, os direitos de propriedade como essenciais, a competição como a redenção econômica etc. No próximo capítulo serão traçadas algumas observações sobre a crítica vebleniana do conceito de capital em Fisher.

2.2.6. Os Economistas Reformistas e sua heterogeneidade

Ressaltou-se, acima, as grandes diferenças existentes entre aqueles economistas que esposaram a teoria da utilidade marginal, ainda que todos possam ter seus trabalhos classificados, grosso modo, como conservadores.²⁶⁷ No entanto, outros foram defensores da utilidade, como base do valor, e do cálculo marginalista, sem, todavia, encaixarem-se facilmente sob a pecha de

²⁶⁶ Self, self, self is the axiom of evolution, the postulate of political economy, the rule of human action.

²⁶⁷ É esta também a perspectiva dos jevonianos ingleses

conservadores. Aliás, vários economistas que defenderam reformas profundas, portanto que lutaram ao lado de Veblen, simpatizavam com a nova teoria do valor. Mais do que isso, tal conjunto de pensadores econômicos merece destacar-se daqueles, pois não foram, de modo algum, apologistas das classes mais altas. De acordo com MCGERR (2003, p. 59), a peculiaridade que uniu estes economistas foi justamente ter extrinsecado da economia política os sentimentos de reprovação das classes médias em relação aos hábitos dos ricos, bem como ao individualismo exacerbado sob o qual se encastelavam os apologistas. Sobre este individualismo sustentado pelos apologistas tratados acima, fala MCGERR (2003, p. 59):

...condenações do individualismo soavam em quase todos os lugares na cultura da classe média no final do século dezenove. (...) Uma nova geração de economistas, liderados por Richard T. Ely, Henry Carter Adams, Edmund J. James, John Bates Clark,²⁶⁸ Simon N. Patten entre outros, atacaram a escola “inglesa” de economia política que predominou durante longo tempo, a qual reivindicava a máxima liberdade individual das interferências externas. Incomodados pelo poder dos grandes negócios e pelo martírio dos trabalhadores, os novos economistas insistiam que a busca individual de interesses pessoais não necessariamente servia aos interesses da sociedade (...).

Adicionalmente, os valores fundamentais dos ricos, desprovidos do apoio da classe média, pareciam egoístas e destrutivos.²⁶⁹

²⁶⁸ Bates Clark foi incluído entre os reformistas por McGerr, no entanto, como foi analisado na última seção, a obra dele é ambígua e apresenta duas fases distintas. Nessa tese, Bates Clark fica do lado oposto à Veblen em razão de que o próprio institucionalista o via como opositor.

²⁶⁹ ...condemnations of individualism rang out almost everywhere in middle-class culture by the end of the nineteenth century. (...) A new generation of economists, led by Richard T. Ely, Henry Carter Adams, Edmund J. James, John Bates Clark²⁶⁹, Simon N. Patten, and others, attacked the long-dominant “English” school of political economy that demanded the individual’s utmost freedom from external interference. Troubled by the power of big business and the plight of workers, the new economists insisted that the individual pursuit of self-interest did not necessarily serve the interests of society. (...)

Increasingly, the fundamental values of the wealthy, deprived of the middle class endorsement, appeared selfish and destructive.

Henry Carter Adams (1851-1921) foi um professor de economia e estatístico, iniciou suas atividades docentes nas universidades de Johns Hopkins, Michigan e Cornell na década de 1880, estabelecendo-se definitivamente nestas duas últimas, pesquisou em especial as relações entre regulação estatal e liberdade econômica. Dedicou-se às questões mais filosóficas, tal como o debate sobre as liberdades individuais e a necessidade da intervenção estatal em atividades dominadas por monopólios, e também a assuntos mais operacionais, como a padronização de procedimentos contábeis para permitir o controle econômico sobre as grandes corporações. A partir de 1887, quando o governo federal passou a regular com maior intensidade o negócio das ferrovias, Henry Carter Adams assumiu o posto de estatístico-chefe da Comissão Interestadual do Comércio. Ali ele propôs um novo modelo de contabilidade empresarial, padronizado, que procurava permitir não só o acompanhamento das contas das ferrovias, mas também facilitar a coleta e a sistematização de dados. Se Adams não pode ser considerado um teórico do porte de John Bates Clark, ele foi um grande técnico desenvolvendo mecanismos de controle que possibilitaram a auditoria governamental sobre os negócios privados (DORFMAN, 1947, p. 171-172).

Interessa, aqui, considerar a filosofia social de Adams. E nisso o ideário de Adams também é rico, ainda que não exatamente original. Ele partia da teoria da utilidade marginal, era um partidário da vertente neoclássica de Stanley Jevons. Entendendo que o valor, e conseqüentemente o preço das mercadorias, é derivado da utilidade adicional unitária das mercadorias, subjetivamente consideradas, o professor de Michigan afirmava que a única maneira de controlar os preços seria atuando sobre a oferta e a demanda. O controle de preços era impossível em sua forma direta. Considerando também a utilidade marginal, e o valor assim definido, Adams argumentava que as trocas significavam ganho para os dois lados envolvidos, sempre. Assim, em Adams, bem como em outros economistas reformistas da época, a liberdade econômica – e a competição – constituíam um valor fundamental. Um sistema de competição pura seria o ideal para a sociedade econômica. Entretanto, isso não significava que Adams via o

contexto sócio-econômico como harmônico. Mas, ele não pode ser encaixado como defensor do *status quo*, pois ponderava que no sistema de incessante concentração de capital a competição pura não era mais possível. Dois eram os problemas fundamentais que emergiam naqueles tempos, segundo ele: os monopólios e a deterioração das relações de trabalho. Assuntos que, como visto, foram preocupações também de Bates Clark.

Assim sendo, Adams desenvolveu duas constatações: a primeira era quanto a ocorrência de um “salto” no *modus operandi* do capitalismo como sistema econômico. Sustentava que a economia dos tempos do início da revolução industrial, a era smithiana ou ricardiana, aparecia como um real período de competição mais livre, especialmente quando comparada com o final século XIX, caracterizado como de forte concentração de capital. DORFMAN (1949, p. 166) deixa, a respeito disso, em Adams:

No esquema da pequena indústria, os direitos comuns de “liberdade pessoal”, asseguraram aos homens os frutos de seu trabalho. Porém, sob o regime de grandes indústrias, conforme sustentava Adams, o trabalhador dependia dos proprietários das máquinas, dos materiais, e dos lugares para obter uma oportunidade de trabalho. A velha teoria da liberdade, a qual colocou o direito pessoal de adquirir propriedades no mesmo plano que o direito a assegurar a vida, não era mais aplicável à sociedade moderna.²⁷⁰

Neste ritmo de concentração de capital, a única maneira pela qual os trabalhadores poderiam garantir barganhas mais justas seria através dos sindicatos. Adams defendia que as associações de trabalhadores deveriam ter direitos sobre os lucros das indústrias na qual estavam envolvidas, para além do

²⁷⁰ In the scheme of petty industry the ordinary rights of “personal freedom” secured to men the enjoyments of the fruits of their labor. But under the regime of great industries, Adams held, the laborer was dependent upon the owner of machines, of materials, and of places for the opportunity to work. The old theory of liberty, which placed the personal right to acquire property on the same footing as the right to security life, was no longer applicable to modern society.

simples salário.²⁷¹ Foi ele, dessa maneira, um precursor da participação dos trabalhadores nos lucros.

Em segundo lugar, Adams insistia também num termo que hoje tornou-se lugar-comum entre os executivos: a responsabilidade empresarial para com a sociedade. Como já visto, Adams defendia a liberdade econômica, mas via com restrições a crescente concentração de capital e os resultados daí decorrentes. DORFMAN (1949, p. 168) destaca que em Adams havia a repetição da idéia de Bates Clark, segundo a qual o padrão moral dos negócios tenderia, uma vez que o consumidor estaria interessado somente no preço mais baixo, inevitavelmente, ao estabelecido pelo “*worst man in the business.*” Um Estado que somente permitisse a existência daqueles monopólios naturais nos quais os rendimentos de escala são crescentes, além de estabelecer impostos sobre a propriedade do capital, seria um Estado que garantiria a consecução da liberdade anglo-saxônica, em oposição à tirania estatal germânica. Basicamente, o argumento de Adams constituía-se na proposição de regras para o jogo dos monopólios naturais, os únicos permitidos, e na garantia da barganha justa entre o trabalho e o capital, uma vez que os sindicatos deveriam ser totalmente livres. De um lado o capital concentrado onde fosse economicamente vantajoso, de outro o trabalho concentrado para possibilitar a barganha equitativa entre os dois fatores de produção. DORFMAN (1949, p. 168) comenta:

O Estado, ele pedia, deve, portanto, dar expressão legal aos direitos da maioria dos empresários competidores punindo as práticas indesejadas e, deste modo, elevando o plano da competição. A ação competitiva não seria podada, porém, seria determinado o seu modo de operação. Entretanto, Adams, cuidadosamente, declarou que esta concepção do Estado dotado do poder de elevar o plano de competição, não deveria ser aplicada à luta vital entre o empregador e o empregado, temendo que a liberdade legal fosse destruída.²⁷²

²⁷¹ Chamava o direito de participação nos resultados das empresas de *proprietorship rights*.

²⁷² The State, He claimed, might therefore give legal expression to the wishes of the majority of the competing businessmen by outlawing undesirable practices and thereby raising the plane of

Adams também identificava problemas na responsabilidade limitada como marco legal para a formação do capital de uma corporação. No entanto, de modo algum sugeria aboli-lo, mas deixá-lo circunscrito apenas aos monopólios naturais. Nessa toada, Adams mantinha o capitalismo, se bem que quase totalmente desfigurado, ao menos para o que ocorria à época. Mas, do mesmo modo, procurava minimizar as ameaças derivadas da “curva errada” que a liberdade econômica tinha permitido ao sistema. Adams, assim, é quase arquétipo do economista americano que buscava a conciliação entre o sistema vigente e as correções de rumo tão discutidas naqueles tempos. Henry Carter ADAMS (apud DORFMAN, 1949, p. 173), dizia: “O grande problema dos dias atuais (...) é, exatamente, relacionar atividade pública e privada a fim de preservar a harmonia e proporção entre as várias partes da sociedade orgânica.”²⁷³

Já outro membro do mesmo grupo, Simon Nelson Patten (1852-1922), foi mais longe do que Adams no reformismo. Chegou a defender idéias que estavam quase totalmente fora do foco de atenção comum dos economistas, tais como os direitos das mulheres. Dizia Patten que nenhuma sociedade poderia ser totalmente livre e segura moralmente sem que as mulheres tivessem renda independente. Estes “passeios” por temas diversos da economia pura, isto é, da discussão sobre valor, tarifas, moeda etc. é característica do trabalho de Simon Patten.

Patten, que obteve seu doutorado na Alemanha, em Halle, tratando de finanças públicas, acabou adotando a teoria da utilidade marginal, mas não ficava nem um pouco à vontade com certas idéias sustentadas pelos neoclássicos

competition. Competitive action would not be curtailed, but the manner in which it should operate would be determined. But Adams carefully stated that this conception of the State's power to raise the plane of competition must not be applied to the vital struggle between employer and employee, lest legal liberty be destroyed.

²⁷³ The great problem of the present Day (...) is properly correlate public and private activity so as to preserve harmony and proportion between the various parts of organic society.

originais.²⁷⁴ Dentro de um espírito próprio ao movimento progressista, Patten acabou utilizando a teoria do valor utilidade para advogar mudanças nas predisposições dos indivíduos. Defendia ele que os gostos dos americanos deveriam ser modificados, em direção às mercadorias que possibilitassem a melhor utilização do solo. Patten ainda trazia à baila a defesa do protecionismo, do qual foi um dos mais ferrenhos advogados. Seu argumento era de que a dedicação dos Estados Unidos à especialização agrícola, principalmente em tabaco e algodão, levava à utilização de solos cada vez menos férteis, engendrando, desse modo, altas rendas da terra. Pensava que a especialização, à maneira da teoria das vantagens comparativas, levava inevitavelmente aos resultados pessimistas de Malthus e Ricardo (DORFMAN, 1949, p. 183).

O professor Patten foi, talvez, um dos intelectuais americanos daquela época em que mais estão presentes as teses sobre o excepcionalismo norte-americano. Observava a crescente abundância da sociedade de seu país e procurava substituir a *dismal science* dos clássicos por uma teoria econômica focada na fartura da natureza. John Fred BELL (1982, p. 452) observa sobre o pensamento de Patten: “O sofrimento da sociedade era em grande parte o resultado de hábitos de consumo que exigiam o suprimento de certos produtos quando outros menos custosos teriam o mesmo efeito. *Aqui, culpa os hábitos de consumo por muito da má distribuição da riqueza, e não a mesquinhez da natureza, como fizera Ricardo.*”²⁷⁵

Sob um aspecto, especificamente, Patten como reformista foi bem mais radical do que Henry Carter Adams. Foi no referente à defesa de certos direitos que seriam devidos a todos os indivíduos. Simon Patten argumentava que a liberdade não podia ser interpretada como meramente política, mas envolvia uma série de outros direitos. Nesse sentido, ele foi um dos economistas que percebeu

²⁷⁴ Na adoção por Patten da teoria neoclássica do valor dois autores divergem. Enquanto BELL (1982, p. 452-453) diz que nenhuma teoria do valor bem definida pode ser extraída dos textos deste economista, DORFMAN (1949, p. 182-183) diverge na direção de que ele haveria adotado a concepção marginalista. No corpo do texto classifica-se Patten como marginalista porque ele deu traços subjetivistas às suas teorias econômicas, tal como explicado acima.

²⁷⁵ Grifo nosso.

a necessidade da expansão dos direitos fundamentais para fora da esfera absolutamente negativa, ou seja, aquela surgida das revoluções antimonarquistas, que buscavam garantir ao indivíduo a não interferência estatal. Defendia direitos tais como o direito ao lazer e à recreação, que seriam garantidores das melhores condições físicas dos trabalhadores. Falava do direito à higiene pública, em outras palavras, ruas limpas, ar limpo e água limpa como objetos de interesse público. Advogou, ainda, o direito a um visual público limpo, sem poluição visual. Mais do que isso, foi um dos precursores, nos Estados Unidos, do direito à assistência social, nos moldes de auxílios aos trabalhadores que se encontravam incapacitados de trabalhar (DORFMAN, 1949, p. 184-185).

Patten encaixa-se entre aqueles americanos progressistas que retomaram teses sobre o ambiente como o principal culpado pelos vícios e maus hábitos dos mais pobres. PATTEN, citado por MCGERR (2003, p. 80-81), aduzia: “Descobertas recentes na biologia (...) estão estabelecendo um novo equilíbrio entre qualidades herdadas ou naturais e aquelas adquiridas depois do nascimento. Muitas qualidades são herdadas, porém o número é menor do se pensou. E muitas delas podem ser rapidamente suprimidas pela ação do ambiente onde vivem os homens.”²⁷⁶ Era a partir de teses como estas que os reformistas mobilizaram-se para transformar valores e comportamentos, pois estes seriam derivados em boa medida dos ambientes sociais, e não herdados biologicamente.

O que permanece como mais marcante em Patten é seu otimismo nacionalista. Ele criticava os economistas apegados ao classicismo por tentar convencer seus seguidores de que o mundo em que viviam era o mesmo do célebre autor dos *Princípios de Economia Política e Tributação*, de 1817. Os Estados Unidos de fins do século XIX, em que pesem os maus hábitos de consumo e a distribuição desigual de renda, eram a prova da afluência geral da sociedade. Apesar da assistemática do pensamento de Patten, é possível

²⁷⁶ Recent discoveries in biology (...) are establishing a new equilibrium between natural or inherited qualities and those acquired after birth. Many qualities are inherited, but the number is smaller than it was thought to be. And many of them may be readily suppressed by the action of environment where men live.

identificar claramente que ele esperava uma mudança total nos valores e no comportamento humano advindo da crescente abundância econômica. Isso não aconteceria automaticamente, exigiria um bom grau de intervenção estatal, como na garantia dos direitos citados anteriormente, na defesa da emancipação feminina e na educação das crianças.

É absolutamente impossível deixar de fora, em um resumo dos economistas reformistas, o fundador da *American Economic Association*, Richard T. Ely (1854-1943). O responsável pela criação de uma associação que tinha como primeiro objetivo a superação da economia tradicional, foi um símbolo da crítica ao classicismo, ao individualismo, ao não-intervencionismo etc. Tal como Patten e Adams, ele observava que o governo deveria ser mais ativo e, que o cenário do capitalismo de fins do século XIX não podia ser comparado com aquele no qual viveram os autores dos clássicos europeus. Richard ELY (1887, p. 117) sintetizava, assim, esse sentimento:

O tempo presente é daqueles no qual a evolução da sociedade está ocorrendo mais velozmente do que o costume, e é evidente que nós precisamos de uma economia política positiva e construtiva, exigência que a antiga economia política não pode atender. Deixe o leitor considerar por um momento a época na qual seus grandes mestres, Quesnay, Turgot e Adam Smith, viveram. Foi na última metade do século dezoito, quando o progresso da indústria era retardado por uma porção de instituições antigas, válidas em seu tempo, sem dúvida, mas que se tornaram antiquadas. O clamor dos homens que pertenciam a esse tempo era, “Remova as barreiras! Limpem o caminho para novas reformas sociais!”. O trabalho que os grandes economistas defenderam durante este período foi particularmente negativo e destrutivo. Não deve nos surpreender o fato de que quando recorremos aos nossos antigos livros de economia política, para procurar por conselhos referentes a medidas práticas, a principal lição que aprendemos é “NÃO FAÇA”. O lema de nossa época, é, declaradamente “FAÇA”.²⁷⁷

²⁷⁷ The present time is one in which the evolution of society is proceeding with more than its usual rapidity, and it is evident that we need a positive constructive political economy, and this

A grande criação da carreira de Ely, a *American Economic Association*, embora tenha sido uma organização que se pretendia relativamente pluralista, acabou, em seus primeiros anos, como um ninho para os anticlassicistas e proto-institucionalistas.²⁷⁸ A idéia de uma associação que reunisse os economistas norte-americanos foi originalmente proposta por Patten e Edmund J. James em 1884, um ano antes de Ely concretamente criar a instituição. Nas palavras de DORFMAN (1949, p. 206), Ely teria escrito particularmente para Edwin Seligman: “O que eu gostaria de ver é simplesmente uma associação de elementos progressistas mais jovens; e a plataforma deve ampliar-se, *ainda que não deva incluir homens do tipo de Sumner*,²⁷⁹ nem ser usada para propósitos partidários, tanto para o livre-comércio quanto para o protecionismo.”²⁸⁰ Richard T. Ely, na reunião que inaugurou oficialmente a associação, foi um dos que defendeu o maior pluralismo, enquanto outros, como Simon Patten, queriam radicalizar o movimento contra o *laissez-faire*. O lado de Ely foi vitorioso, o que, aliás, mais tarde, permitiria a entrada de economistas de variadas matrizes teóricas. Mas, mesmo retiradas da primeira proposta dos princípios da associação as celeumas mais radicais contra o liberalismo econômico, ainda ficou registrado como primeiro princípio: “Nós consideramos o Estado como um agente, cuja assistência positiva é uma das condições indispensáveis para o progresso humano.”²⁸¹

requirement the old political economy cannot meet. Let the reader consider for a moment the age in which its great masters, Quesnay, Turgot, and Adam Smith, lived. It was the latter half of the eighteenth century, when the progress of industry was retarded by a multitude of old institutions, good in their day, doubtless, but then antiquated. The cry of men who understood their time was, “Remove the barriers! Clear the way for new social forms!” The work which the great economists advocated during that period was very properly negative and destructive. It ought not then to surprise us that when we go to our old textbooks of political economy to seek advice in reference to practical measures, the one chief lesson which we learn in “DON’T.” Manifestly, the call of our age is DO.

²⁷⁸ A intenção pluralista de Ely ficou clara quando ele convidou o General Francis Amasa Walker para ser o primeiro presidente da *American Economic Association*.

²⁷⁹ Grifo nosso.

²⁸⁰ What I would like to see is simply an association of the younger progressive elements, and the platform must be broad, *yet it must not include men of the Sumner type*, nor be used for partisan purposes either for free trade or protection.

(DORFMAN, 1949, p. 207). No início dos anos 1890, com algumas modificações adicionais na constituição da associação, grande parte dos economistas norte-americanos concordou em aderir. Alguns como Sumner, por seu sectarismo exacerbadamente conservador, ficaram de fora.

Ely é sempre apresentado como um socialista cristão. Graduado em Columbia, tendo estudado sob a orientação de Karl Knies na Alemanha, acabou entrando para o corpo docente da Universidade Johns Hopkins e atuando como comissário de impostos.

As idéias do professor Ely estavam plenamente de acordo com a doutrina socialista cristã desenvolvida na Inglaterra. Defendia cooperativas de consumidores, assim como a regulação de bens públicos e, também, leis trabalhistas de saúde para as atividades fabris. Nos Estados Unidos, o “socialismo *cristão*”, tinha este último importante qualificativo que o diferenciava das vertentes socialistas mais radicais, e atéias, em voga na Europa. MCGERR (2003, p. 64-65) comenta:

Alguns reformistas da classe-média se declararam completamente socialistas. Alguns amenizaram seu socialismo com um termo qualificativo, tal como “Socialismo Cristão”(…). A necessidade por aquela qualificação sugeria a inquietação produzida por uma ideologia importada da Europa. ... um completo socialismo que transformasse a nação numa “máquina colossal” representava uma ameaça muito grande, (...). Ao rejeitar igualmente o socialismo e o individualismo, a grande maioria da classe média queria algo entre estas duas doutrinas, ao que Richard T. Ely chamou de “o intermediário dourado”.²⁸²

²⁸¹ We regard the State as an agency whose positive assistance is one of indispensable conditions for human progress.

²⁸² A few middle-class reformers declared themselves socialists outright. Some softened their socialism with a qualifying term, such as “Christian Socialism” (...). The need for that qualification suggested the uneasiness produced by an ideology imported from Europe. ...a thoroughgoing socialism that turned the nation into “a colossal machine” posed to great a threat, (...). Rejecting socialism and individualism alike, the great majority of the middle-class wanted something in between the two doctrines, which Richard T. Ely labeled “the golden mean.”

Richard T. Ely foi um típico reformista progressista de fins do século XIX também no que diz respeito a algumas causas específicas. ELY (apud DORFMAN, 1949, p. 163) declarava: “A verdade é, eu posso apontar várias causas dos males da presente sociedade, tais como a intemperança, o desenvolvimento imperfeito da ética do homem, (...)impureza, ignorância das leis mais simples da economia política, extravagância, e, de fato, a perversidade do homem.”²⁸³ Ely sofreu perseguições durante sua vida acadêmica, sempre sob a acusação de pregar o socialismo. Ele negava as acusações, no entanto, é possível notar que Ely realmente defendia alguma forma de socialismo, apoiando atitudes de grupos como o “*Socialistic Labor Party*”, que eram, até mesmo no nome, socialistas. Sem dúvida, se alguém merecia ser classificado como tal, dentro deste grupo de economistas, esse alguém era Ely. Falando dos sindicatos que propunham teses socialistas, dizia ele (ELY, 1886, p. 524-525):

Essas idéias são defendidas em alguns jornais trabalhistas publicados em inglês, como por exemplo, no jornal de New Haven “*Workingman’s Advocate*”, e os princípios dos Knights of Labor, se levados até seus últimos corolários, sem dúvida significam socialismo. [Porém], assim como John Stuart Mill, nós contemplamos o socialismo somente como um opaco e distante ideal, e não como algo capaz de alguma realização no presente. (...)

De acordo com a opinião deste escritor, o povo americano não tem nada a temer do socialismo. Desde que os socialistas se restringissem a métodos pacíficos, não há razão para que seu direito ao discurso livre deva ser limitado ou mesmo ameaçado. Seria mais sensato procurar aprender com eles aquilo que eles têm para a ensinar do que se alarmar.²⁸⁴

²⁸³ The truth is, I point out many causes for the evils of present society as intemperance, imperfect ethical development of man, (...) unchastity, ignorance of the simplest law of political economy, extravagance, and in fact the wickedness of human nature.

²⁸⁴ These ideas are advocated in some of the labor papers published in English, as, for example, in the New Haven “*Workingman’s Advocate*,” and the principles of the Knights of Labor, if carried to their logical outcome, undoubtedly mean socialism. [But] Like John Stuart Mill, we contemplate

Ely, apoiando um socialismo ainda que num matiz bem mitigado, não abandonou algumas das bandeiras bem tradicionais dos reformistas em geral, tais como o movimento pela sobriedade e pela castidade, fazendo assim referência aos “antigos valores”, que teriam existido nos Estados Unidos da época da independência. Ely dizia que o *mainstream* do socialismo europeu era ateu, materialista e sanguinário, e criticava as greves. Ele foi autor de um tratado de economia política, publicado em 1889, que exerceu certa influência sobre os economistas. Porém, o livro que tratava mais de apontar os males na ordem existente do que de teoria econômica e, mesmo assim, vendeu mais de trinta mil cópias quando de seu lançamento.

Os três estudiosos comentados anteriormente dão, com certeza, uma boa visão geral sobre o anti-apologismo norte-americano. Vale, no entanto, citar ainda outros três economistas desta corrente. Edmund Janes James (1855-1925) foi um professor da Universidade de Wharton que propunha algo como um *welfare state* para solução dos problemas trabalhistas. Ele dizia ser impossível conter os ânimos violentos dos trabalhadores quando a sociedade enriquecida da época “esfregava na sua cara o luxo”. Elisha Benjamin Andrews (1847-1917) foi um dos teóricos do controle social sob as atividades econômicas. Ele repetia em seu trabalho a tese de que o sistema competitivo estava desaparecendo e, portanto, de que haveria a necessidade de mudanças nas maneiras pelas quais a economia política deveria entender a realidade e buscar soluções. Defendia que o governo deveria fixar preços e lucros para os monopólios, dizendo que com a falta do sistema competitivo os preços estariam se descolando dos custos de produção. Edwin Seligman (1861-1939), por sua vez, era um especialista em finanças públicas e tributação, tendo como sua maior contribuição a defesa da

socialism only as a dim and distant ideal, and not as anything capable of realization in the present. (...)

From socialism, as such, the American people, in the writer's opinion, have nothing to fear. So long as Socialists confine themselves to peaceful methods there is no reason why their right of free speech should be abridged or even feared. It were wiser to seek to learn anything from them, which they have to teach, than to become alarmed.

teoria da taxaço progressiva. Seligman elaborou a doutrina da “habilita  o para pagar”. Propôs também um imposto progressivo de herança, pois: “Uma herança   simplesmente um rendimento fortuito, uma chance de crescer   propriedade que aumenta o poder do indivíduo, e a qual, apenas por sua natureza acidental e independente do trabalho, presta-se perfeitamente   taxaço.”²⁸⁵ Por fim, cabe ainda dizer que Seligman defendeu o estabelecimento de s  l  rios mínimos, ainda com o requinte de prop  -lo regionalizado.

2.2.7. O Utopismo do Postbellum, a Religião e Lester Ward.

Seria uma falta muito grave, claramente reconhecível por qualquer estudioso dos Estados Unidos, deixar de lado as reformas que foram reclamadas pelos religiosos. Assim como foi entre os conservadores apologistas, a religião teve influência fundamental entre os progressistas, pois o clero, especialmente o protestante, também entrou na luta reformista. Os religiosos que no final do século XIX estavam ao lado dos trabalhadores nos protestos contra o industrialismo, a ordem econômica do *laissez-faire* e suas conseqüências, eram os descendentes diretos daqueles seus colegas que no *antebellum* foram abolicionistas. Num nível mais prático, as preocupa  es destes religiosos progressistas estavam centradas nas condi  es de vida dos trabalhadores, nos baixos s  l  rios, no desemprego e na péssima qualidade das habita  es, condi  es que os religiosos conheciam diretamente *in loco*, nas emergentes cidades industriais. Por outro lado, apesar de apoiarem as reivindica  es dos movimentos trabalhistas, do ponto de vista religioso o potencial de violência gerado pelas m  s condi  es dos mais desfavorecidos era assustador. Temiam, principalmente, o espalhamento das teses socialistas européias revolucionárias entre os norte-americanos. Nas palavras de HOFSTADTER (1992, p. 106): “O que eles aspiravam, portanto, era um compromisso entre o rígido individualismo

²⁸⁵ An inheritance is simply a fortuitous income, a chance to accretion to property, which augments the faculty of the individual and which, just because its accidental or unearned nature, is a most fitting subject of taxation.

da ordem competitiva e os possíveis perigos do socialismo.”^{286/287} Este movimento, de cunho religioso-político, ficou gravado na história como o “*Social Gospel Movement*”.

Sendo necessário identificar um nome que caracterize essa corrente, o mais prolífico e famoso naqueles tempos foi Washington Gladden (1836-1918).²⁸⁸ Bem no sentido daquele temor sobre a violência de uma eventual exacerbação da luta de classes, Gladden sustentava que sem conhecer o que as lições cristãs diziam sobre reforma e responsabilidade social dos mais ricos, os Estados Unidos corriam o perigo de ver os embates políticos degenerar em violência, como havia acontecido na Europa (ADAMS, 1996, p. 244). GLADDEN (apud MCGERR, 2003, p. 55) afirmava sobre o que via em sua época: “Eu testemunhei com agitação e pesar o aumento da brecha entre estas classes; a tendência cada vez mais profunda, em cada uma delas, de erigir seu próprio grupo social em principados separados, ignorando a solidariedade da sociedade, e forçando suas próprias reivindicações ao custo de todo o resto.”²⁸⁹ Levando como bandeira um chamado à solidariedade, o pastor de Ohio era tremendamente crítico em relação ao individualismo, pois ele achava impossível a vida em sociedade apoiada em pilares puramente individualistas, como queriam os darwinistas sociais, por exemplo. Nesse contexto, o que deve-se ter como contribuição essencial dos *social gospelers* é que, apesar de não criticarem o individualismo de um ponto de vista metodológico, como fizeram os economistas e outros cientistas sociais, eles ajudaram muito no ataque a essa tese basilar dos “apologistas”. Isso

²⁸⁶ What they sought, therefore, was a compromise between the harsh individualism of the competitive order and the possible dangers of socialism.

²⁸⁷ É preciso colocar que o *Social Gospel Movement* foi minoritário entre os religiosos americanos da *Gilded Age* e da Era Progressista, o predomínio foi mesmo das idéias apologistas, especialmente aquelas afins do darwinismo social. A figura de Henry Ward Beecher (1813-1887) é emblemática nesse sentido (HOFSTADTER, MILLER, AARON, 1967, p. 582).

²⁸⁸ Outros nomes considerados como pertencentes ao *Social Gospel Movement* foram: Lyman Abbott, Walter Rauschenbusch.

²⁸⁹ “I witnessed with sorrow and alarm the widening of the breach between these classes; the deepening tendency, in each of them, to erect its own social group into separate principality, ignoring the solidarity of society, and pushing its own claims at the cost of all the rest.”

especialmente pensando-se na tremanda influência da religião na vida dos norte-americanos.

Transitando para a ciência social mais pura, um dos trabalhos mais ricos dos quais se pôde dispor naqueles idos foi o de Lester Ward (1841-1913). Esse ex-soldado da guerra civil, de infância pobre, acabou, depois da derrota dos sulistas, entrando para o serviço público no Departamento do Tesouro, em uma posição mais operacional, de pouco destaque, mas que lhe possibilitou formar-se em artes, direito e medicina. Quando se tornou professor na Universidade de Brown, a disciplina que lecionava chamava-se “*A Survey of All Knowledge*”. A formação eclética permitiu a Ward a construção de um sistema social extremamente amplo, e com hipóteses metodológicas muito revolucionárias em relação a dos evolucionários conservadores. Ao invés de tratar a natureza e a sociedade como um *continuum* ontológico, Ward defendia a separação entre dois tipos de leis de evolução. E, disso, tirava conclusões que serviram para apoiar o reformismo de seu tempo. HOFSTADTER (1992, p. 68) explica:

De importância capital em tudo que Ward escreveu, estava a aguda distinção entre a evolução física e animal sem propósito, e a evolução mental e humana modificada decisivamente pela ação com propósito. Ao bifurcar o sistema spenceriano, Ward dividiu os princípios sociais a partir de analogias biológicas simples e diretas. Em suas mãos a sociologia tornou-se uma disciplina especial, lidando com um nível novo e único de organização. Ele foi o primeiro e o mais formidável entre vários pensadores que atacaram as hipóteses unitárias do darwinismo social e do individualismo jusnaturalista *laissez-faire*. (...) Nesta esfera, ele se reservou uma função semelhante àquela dos instrumentalistas na filosofia: ele substituiu um antigo determinismo passivo por um corpo positivo de teoria social adaptável aos usos da reforma.^{290/ 291}

²⁹⁰ Of critical importance in everything Ward wrote was a sharp distinction between physical, or animal, purposeless evolution and mental, human evolution decisively modified by purposive action. By thus bifurcating the Spencerian system, Ward sundered social principles from simple and direct biological analogies. In his hands sociology became a special discipline dealing with a novel and unique level of organization. He was the first and the most formidable of a number of thinkers who attacked the unitary assumptions of social Darwinism and natural-law *laissez-faire* individualism. (...) In his sphere he reserved a function similar to that of instrumentalists in

Quando Ward passou a considerar a evolução social como distinta daquela evolução da natureza, afirmou que ela conteria um componente muito forte de aleatoriedade - em outras palavras, seria não dirigida, motivada - o controle social, então, transferiu-se para a ordem do dia. Aliás, o que chama a atenção de HOFSTADTER (1992, p. 70) em relação às teses de Lester Ward é sua precocidade. Diz ele que este autor não atingiu a popularidade que lhe seria devida porque se antecipou quase duas décadas da receptividade por idéias de controle da ordem sócio-econômica. Ward estava defendendo medidas de controle dos negócios dez anos antes das considerações legislativas em relação ao *Interstate Commerce Act* e o *Sherman Act*. A competição econômica e social, para Ward, era fonte de desperdício de recursos. Além disso, Ward também dizia que as leis naturais da evolução eram geradoras de soluções subótimas. Destaque-se, portanto, essa idéia de desperdício, que se refletirá bastante em Veblen, unida ao clamor pela intervenção estatal. HODGSON (2004, p. 85) comenta sobre as teorias de Ward:

Ward argumentava de passagem que o resultado da evolução, seja na natureza ou na sociedade, raramente era ótimo, isso se alguma vez tivesse sido. Portanto, o uso de teorias evolucionistas nas ciências sociais não poderia servir para justificar uma política econômica de *laissez-faire*. A intervenção esclarecida do governo era necessária para guiar os processos mais espontâneos de evolução social num curso relativamente benéfico. Em particular, mercados livres não maximizavam o bem-estar público necessariamente. Por conseguinte, sua ênfase na subotimização na evolução social ajudou a lançar os fundamentos teóricos do estado do bem-estar social.²⁹²

philosophy: he replaced an older passive determinism with a positive body of social theory adaptable to the uses of reform.

²⁹¹ Ward chamava os fatos da evolução humana, propositada, de *telic phenomena*, e os fatos da evolução natural não dirigida de *genetic phenomena*.

²⁹² Ward argued at length that the outcome of evolution, whether in nature or society, was rarely, if ever optimal. Hence the use of evolutionary theory in the social sciences could not be used to

Ward era um otimista que confiava especialmente no poder da educação como agente transformador das condições sociais. Como os apologistas e defensores do *laissez-faire*, ele alegava que se os indivíduos conhecessem as leis que regem a dinâmica social, isto é, se soubessem que a sociedade pode ser aperfeiçoada mediante intervenções claras e conscientes, isso levaria à melhoria contínua das condições sociais. A educação, para ele, que era um adversário do darwinismo social, seria o legado deixado para as gerações posteriores, pois não haveria uma transmissão automática das características adquiridas. Comentava que se o darwinismo social pregava a evolução constante da ordem social, então estaria errando suas previsões, pois o que se via mundo afora era a adoção de legislação controladora. WARD (apud HOFSTADTER, 1992, p. 72) dizia, em seu típico discurso que não media palavras contra os apologistas:

O clube Cobden e outras sociedades de “Livre Comércio” estão espalhando tratados de sentido liberal, na esperança de baixar a maré. Victor Boehmert adverte, Augustus Mongredien grita, e Herbert Spencer troveja. Qual é o resultado? A Alemanha responde comprando estradas de ferro privadas e promulgando altas tarifas produtivas. A França responde decretando a construção de onze mil milhas de estrada de ferro estatal, e oferecendo um subsídio para os franceses donos de navios. A Inglaterra responde através de um decreto de educação compulsória, através de compras de telégrafos pelo governo, e através de uma decisão judicial reivindicando o telefone. A América responde através de uma lei para as estradas de ferro interestaduais e para a educação nacional, e um plebiscito radical em favor da proteção de produtos locais manufaturados. O mundo inteiro contagiou-se, e todas as nações estão adotando medidas positivas de legislação.²⁹³

justify an economic policy of *laissez-faire*. Enlightened government intervention was required to guide the more spontaneous processes of social evolution on a relatively beneficial course. In particular, free markets do not necessarily maximize human welfare. Accordingly, his emphasis on suboptimality in social evolution helped to lay the theoretical groundwork of the welfare state.

²⁹³ The Cobden Club and the other “Free Trade” societies are scattering tracts with a liberal hand, in the hope of stemming the tide. Victor Boehmert warns, Augustus Mongredien shouts, and

Não há dúvida que a intenção e o resultado do sistema social de Ward eram a destruição das idéias que os apologistas sustentavam. Sua resenha sobre o *What Social Classes Owe to Each Other*, de Sumner, ridicularizava o livro. O cientista social de Brown não tinha escrúpulos em dizer que as teorias de Malthus, Ricardo e dos darwinistas sociais eram apenas formas de apologia dos mais ricos. Mesmo defendendo a atuação do Estado nos negócios privados, e extensamente utilizado pelos socialistas que liam seus trabalhos, Ward não se encaixava de modo algum nesse rótulo. Tinha desinteresse pela obra marxista. O sistema que defendia era muito mais comteano, positivista, defendia a “sociocracia”. Falava de uma legislação que atraísse os indivíduos para as melhores práticas, portanto defendendo um sistema mais fracamente revolucionário do que o proposto pelos socialistas. Ainda mais, nunca sustentou medidas violentas, nesse sentido acomodando-se junto aos “mitigados” reformistas norte-americanos. Vale, novamente, socorrer-se da excelente síntese de HOFSTADTER (1992, p. 83) sobre o pensar de Ward:

Sob uma sociocracia, as atividades sociais dotadas de propósito, ou “telesis coletiva”, podem ser harmonizadas com interesse individual através de “legislações atrativas”, formuladas para liberar os resultados das ações humanas para propósitos socialmente benéficos, através de estratégias positivas ao invés de negativas ou compulsórias. Enquanto o individualismo tem criado desigualdades artificiais, a sociocracia irá abolí-los; e enquanto o socialismo procura criar igualdade artificial, a sociocracia reconhecerá defeitos que são naturais. Um mundo sociocrático distribuirá seus favores de acordo com o mérito, assim como pedem os individualistas, porém, ao igualar as oportunidades para todos,

Herbert Spencer thunders. What is the result? Germany answers by purchasing private railroads and enacting high productive tariff. France answers by decreeing the construction of eleven thousand miles of Government railroad, and offering a bounty to French ship-owners. England answers by a compulsory education act, by government purchase of the telegraph, and by a judicial decision laying claim to the telephone. America answers by an inter-state railroad bill, a national education bill, and a sweeping plebiscite in favor of protection to home manufacturers. The whole world has caught the contagion, and all nations are adopting measures of positive legislation.

irá eliminar as vantagens detidas por aqueles cujo poder é imerecido, cuja posição e fortuna são acidentais ou que possuam astúcia anti-social.²⁹⁴

Deixando a mensagem de Ward, esta parte do capítulo não estaria completa caso excluísse os dois autores que podem ser tratados como os utopistas tipicamente norte-americanos. Dentre eles, encontra-se um, que na opinião da primeira esposa de Thorstein Veblen, foi o que mais influenciou a carreira e os escritos do autor de *A Teoria da Classe Ociosa*: Edward Bellamy (1850-1898)²⁹⁵ O outro foi Henry George (1839-1897), o famoso defensor do imposto único sobre a renda da terra. DORFMAN (1949, p. 141) chama estes dois autores de *radicais populares*, uma vez que suas obras tornaram-se extremamente conhecidas entre o público em geral, algo que não aconteceu com os socialistas e anarquistas daquela mesma fase.²⁹⁶ Nisso, George e Bellamy igualam-se a Spencer, apesar de que a linguagem na qual os radicais escreviam era muito mais palatável do que a do inglês. A forma de romance do livro de Bellamy e a construção pouco tecnicista dos argumentos de George, em conjunto com idéias que apelavam para um senso amplo de humanitarismo no que toca às relações sociais, foram os grandes trunfos deles. É preciso dizer, como fica claro ao chamá-los de utopistas, que seus escritos não propunham reformas radicais imediatas, nomeadamente não pela via da violência. Enfim, os dois traziam

²⁹⁴ Under sociocracy, purposeful social activity, or “collective telesis”, could be harmonized with individual self-interest by means of “attractive legislation” designed to release the springs of human action for socially beneficial deeds by positive rather than negative and compulsory devices. Where individualism has created artificial inequalities, sociocracy would abolish them; and while socialism seeks to create artificial equalitie, sociocracy would recognize inequalities that are natural. A sociocratic world would distribute its favors according to merit, as individualists demand, but by equalizing opportunity for all it would eliminate advantages now possessed by those with undeserved power, accidental position or wealth, or antisocial cunning.

²⁹⁵ DORFMAN (1947, p. 68) diz que Ellen Veblen afirmava a leitura de *Looking Backwards* (1888), de Bellamy, feita junto com seu esposo, um ponto de virada em suas vidas, tornando-se até algo decisivo antes do início da fase mais original e prolífica do nórdico-americano. Outros biógrafos, JORGENSEN e JORGENSEN (1999, p. 28), enfatizando as defesas de Bellamy em relação aos direitos das mulheres, observam no mesmo sentido.

²⁹⁶ HOFSTADTER (1992, p. 110) os chama de: “...two most outstanding spokesmen of urban discontent.”

através de suas idéias um tratamento menos técnico e mais humanitarista dos problemas do final do século XIX.

George não tinha educação superior, encerrou seus estudos formais quando completou quatorze anos. Passou maior parte da sua carreira no jornalismo, profissão que começou a exercer depois de ter ido à Columbia Britânica atrás de ouro, numa das levas de mineradores que chegara muito tarde. O escritor de *Progress and Poverty*, de 1879, era um reformista, mais um, que dizia ser a competição uma necessidade da vida social. Ele era também um ardente defensor do livre comércio. Contudo, foi também um advogado das causas dos trabalhadores, pois achava que os ganhos de produtividade advindos do maquinário mais moderno deveriam ser espalhados por todas as classes, e não restrito aos seus detentores legais. Defendeu, ainda nessa mesma linha, as legislações que fixavam o limite máximo de oito horas de trabalho diário.

Mas, especialmente, duas características da sociedade norte-americana impressionavam George. Para ele era extremamente paradoxal que existisse tamanho aumento de riqueza na sociedade americana daqueles tempos, enquanto a pobreza grassava país afora. Protestou, bem à forma dos reformistas de fins do século XIX: “A associação da pobreza com o progresso é o maior enigma de nosso tempo (...). Enquanto todo o aumento de riqueza proporcionado pelo progresso moderno se destina a construir grandes fortunas, a aumentar o luxo e a tornar mais gritante o contraste entre a Casa do Ter e a Casa do Precisar, o progresso não será real e não poderá ser permanente.” (GEORGE apud BELL, 1982, p. 448). Então, pôs-se a desvendar como surgia esta concomitância de abundância com pobreza, ao mesmo tempo em que procurava uma resposta para colocar fim a essa situação. Outro aspecto que foi marcante para o futuro autor de *Progress and Poverty*, talvez mais que o primeiro, estava no desperdício das abundantes terras férteis dos Estados Unidos. Nisto também ficava a marca da especulação imobiliária nas cidades. Henry GEORGE (2008), *in verbis*:

Os assentados querem tomar mais terras do que eles podem utilizar, se possível, na crença de que elas cedo irão tornar-se valiosas. Enquanto

eles fazem isto, a margem é levada aos pontos mais remotos. (...) Eles persistem em possuir terras que não podem trabalhar por si. Eles agüentam a pobreza, algumas vezes ao limite da privação, ao invés de vender suas terras. Ou, eles oferecem a terra a preços nos quais ninguém poderia utilizá-la lucrativamente. (...)

A mesma coisa pode ser dita a respeito de qualquer cidade que esteja crescendo rápido. Se as melhores terras estavam plenamente utilizadas antes de se recorrer às terras inferiores, na medida em que a cidade se estendia nenhum lote vago deve ter sido deixado. Nem poderíamos achar um miserável terreninho no meio de edifícios caros. Ainda que alguns destes lotes sejam extremamente valiosos, eles são segurados da sua utilização plena, ou de qualquer uso. Ao invés, os donos preferem aguardar por um preço maior...²⁹⁷

O primeiro passo, para George, na direção da solução foi desacreditar a teoria malthusiana. Não era possível afirmar que as dificuldades pelas quais passavam os homens eram derivadas de uma lei inexorável da natureza – ainda mais uma lei de pobreza e privação. O crescimento vertiginoso da produtividade, ainda que através da concentração de capital e das economias de escala, eram prova de que Malthus estaria errado. Os Estados Unidos e, mais ainda, a Califórnia, terra a partir da qual George escrevia, eram provas cabais de tais fatos (GEORGE, 2008). Seriam os baixos salários e, muitas vezes, a má utilização, ou o uso puramente financeiro dos meios de produção os geradores de miséria. Como está posto na citação acima, o uso puramente financeiro dos meios de produção, mormente daqueles não reproduzíveis, estava na raiz da pobreza.

²⁹⁷ Settlers will take more land than they can use, if possible, in the belief that it will soon become valuable. As they do, the margin is carried to even more remote points. It is also well known that private mineral land is often withheld from use, while poorer deposits are worked. In new states, it is common to find individuals who are called "land poor." They persist in holding land they cannot use themselves. They endure poverty, sometimes almost to deprivation, instead of selling their land. Or, they offer it at prices where no one else could use it profitably. (...) The same thing may be seen in every rapidly growing city. If superior land were always fully used before resorting to inferior land, no vacant lots would be left as a city extended. Nor would we find miserable shanties in the midst of costly buildings. Though some of these lots are extremely valuable, they are withheld from their fullest use, or any use at all. Instead, the owners prefer to wait for a higher price...

Henry George celebrou-se pela defesa do imposto único sobre a renda da terra. Amealhou seguidores, que à época se chamavam de “*single taxers*”. Muito possivelmente impressionado com a especulação exacerbada sobre as terras, rurais ou urbanas, George desenvolveu sua teoria voltando-se contra a renda da terra. Os salários e os lucros, ou juros, como os intelectuais do século XIX gostavam de chamar os ganhos sobre o capital, eram espremidos pela renda da terra. Nesse sentido, capitalistas e trabalhadores eram parceiros na miséria por causa do “vampiro” da renda da terra (DORFMAN, 1949, p. 145). George era um legítimo ricardiano nesse sentido. A renda da terra, ainda, seria a principal responsável pelas depressões econômicas. GEORGE (2008) dizia:

Nada obstante, está claro que a especulação sobre a terra é a causa primeira na produção de recessões. Nós podemos ver isto tanto considerando princípios ou observando fenômenos. (...)

Na medida em que a população cresce e a tecnologia avança, os valores da terra sobem. Este aumento persistente leva à especulação, na medida em que futuros aumentos são antecipados. Os valores das terras são levados além do ponto no qual trabalho e capital receberiam seus retornos costumeiros. A produção, conseqüentemente, começa a parar. (...)

A Produção não precisa decrescer absolutamente – ela pode simplesmente falhar em crescer proporcionalmente. Em outras palavras, trabalho e capital novos não podem achar emprego às taxas usuais. (...)

Parar a produção em alguns pontos leva necessariamente a afetação de outros pontos na rede industrial. A demanda é interrompida, interrompendo a produção em todos outros lugares. A Paralisia espalha-se por toda a indústria e comércio interligados.²⁹⁸

²⁹⁸ Nonetheless, it is clear that land speculation is the primary cause producing recessions. We can see this either by considering principles or by observing phenomena. (...) As population grows and technology advances, land values rise. This steady increase leads to speculation, as future increases are anticipated. Land values are carried beyond the point at which labor and capital would receive their customary returns. (...) Production, therefore, begins to stop. Production need not decrease absolutely -- it may simply fail to increase proportionately. In other words, new labor and capital cannot find employment at the usual rates. (...) Stopping production at some points must necessarily affect other points of the industrial network. Demand is interrupted, checking production elsewhere. Paralysis spreads through all the interlaced industry and commerce.

A apropriação da renda da terra pelo Estado, portanto, aparece como uma solução possível. O estabelecimento de uma taxa sobre esta parcela da renda, que zerasse os ganhos obtidos através dela, não somente dirimiria a especulação e acabaria com as depressões econômicas: ela tornaria a sociedade mesma moralmente mais elevada. Henry George acreditava que sua solução seria capaz de trazer à realidade os sonhos de igualdade dos socialistas, no entanto, com a vantagem de não incluir nenhuma outra intervenção governamental radical além da desapropriação da renda da terra. Era a terra prometida da classe média reformista norte-americana. Joseph DORFMAN (1947, p. 147) mostra como alguns reformistas receberam a idéia. Na voz de um deles:²⁹⁹

Mais do que qualquer outro homem, o Sr. George ajudou na refutação da noção vulgar de que o movimento reformista na América era uma importação das nações estrangeiras amaldiçoadas pelos reis, dirigidas pelos exércitos, e trazidas por ignorantes inúteis e criminosos. (...) Ele injetou no movimento reformista um elemento absolutamente essencial para sua preservação contra a acidez e a podridão: o elemento de honestidade moral e sentimento religioso.³⁰⁰

A popularidade de George atravessou o Atlântico, e mesmo Marx reconheceu no trabalho de Henry George uma forma de superar a simples ortodoxia econômica. Embora isso, é claro, Karl Marx não poderia deixar de anotar a inocência da proposta. O pai do socialismo científico disse que George,

²⁹⁹ DORFMAN (1947, p. 147) não especifica o comentador do trabalho de George.

³⁰⁰ More than any other man, Mr. George aided in refuting the vulgar notion that the reform movement in America was an importation from king-cursed, army ridden foreign nations, brought in by ignorant ne'er-do-wells and criminals (...). He injected into the reform movement an element absolutely essential to its preservation from sourness and dry rot: the element of moral earnestness and religious feeling.

na verdade, fazia uma última tentativa de salvar o capitalismo. O ódio aos rentistas da terra era algo já há muito reconhecido por Marx como caracteristicamente burguês. Mas, é exatamente isto que Henry George queria, sua teoria não destinava-se a superar o sistema capitalista, era uma tentativa de conciliá-lo com a mitigação das injustiças através de uma medida heróica.

Em Bellamy, a utopia torna-se ainda mais pronunciada. Seu principal escrito é um romance, *Looking Backwards: 2000-1887*, lançado em 1888. A trama central é sobre uma viagem no tempo e Julian West, o personagem principal e ficticiamente contemporâneo do autor, que avança desde o *fin de siècle* até o ano 2000. No despertar do século XXI a humanidade viveria uma utopia deveras diversa do mundo em que o noventaista escrevia. O livro mostra como o Dr. Leetle, anfitrião de West no futuro, explica para o recém chegado o estranho funcionamento daquela nova sociedade.

Edward Bellamy, assim como George, era um jornalista. Tinha mais estudo formal que o propositor do imposto único, no entanto sua maneira de escrever é ate mais simples e coloquial. Joseph DORFMAN (1949, p. 150) descreve o trabalho de George como influenciado por Mill e Spencer, enquanto Bellamy seria um puro tributário do socialismo utópico francês. O autor de *Looking Backward* também se envolveu muito menos na política nacional, conquanto, depois da fama atingida pelo seu romance, tenham pululado *nationalists clubs* pelos Estados Unidos, fundados sobre suas idéias.

É bem provável que Thorstein Veblen tenha sido tremendamente influenciado por Bellamy, pois a semelhança entre as idéias defendidas pelos dois intelectuais de fins do XIX é muita. DORFMAN (1947, 1949), até hoje o mais famoso biógrafo de Veblen, afirmou isto peremptoriamente. E, mais atualmente, Rick TILMAN (1985) reafirma fortemente esta hipótese. Este último nota que o conjunto de pensamentos sociais esposados por Veblen e Bellamy eram muito comuns nos Estados Unidos da Era Progressiva, desse modo, de acordo com TILMAN (1985, p. 893):

Determinar precisamente a influência de Bellamy sobre Veblen é difícil porque muitas das idéias queridas aos dois eram prevalentes entre a intelectualidade dos anos 1880 e 1890. Por exemplo, mesmo embora Veblen e Bellamy ambos mostrassem um viés a favor da eficiência econômica, sobre o evitar desperdícios, e a competência tecnológica, estas idéias eram moeda corrente na virada do século. Nada obstante, existem evidências para uma desconfiança forte de que isto não era um caso de convergência aleatória, mas sim de direta influência.³⁰¹

A similitude é marcante como se verá mais claramente através da análise do trabalho do nórdico-americano objeto desta Tese. A sociedade do futuro imaginada por Bellamy tem como mote a eficiência, por isso mesmo ele nunca foi frontalmente contra o mundo das máquinas e a concentração industrial. Dizia o utopista que se os trustes eram opressivos, o nível de produtividade alcançado em fins do século XIX jamais havia sido sequer sonhado pelo homem. O caráter maligno dos monopólios derivava do seu poder impassível num mercado moldado para a concorrência. Durante a Era da Manufatura, antes da revolução industrial, a concorrência dera a tônica do comportamento econômico, mas na presença de muitos de pequenos produtores isso resultava numa vida social mais digna e livre. A concentração dos meios de produção nas mãos de uns poucos deturpou a competição, que agora se dava entre capital e trabalho, e não mais entre muitos pequenos produtores (DORFMAN, 1949, p. 150; TILMAN, 1985, p. 883).

A competição nos moldes dos tempos em que Julian West teria vivido era inerentemente instável, provocadora dos ciclos econômicos responsáveis pelas fases de crise e depressão na economia. A financeirização da riqueza, cuja origem estava no crescimento dos interesses puramente financeiros, seria a principal causa dos altos e baixos da economia capitalista (TILMAN, 1985, p. 884). Edward Bellamy argumentava que os homens de negócios quando não

³⁰¹ Ascertaining Bellamy's precise influence on Veblen is difficult because many of the ideas and values dear to both were prevalent in the intellectual milieu of the 1880s and '90s. For example, even though both Veblen and Bellamy show a bias in favor of economic efficiency, avoidance of waste, and technological competence, these ideas were common currency at the turn of the century. *Nevertheless, there are grounds for strong suspicion that it was not a case of random convergence, nor the mere sharing of broader intellectual culture, but rather one of direct influence.*

podiam derrotar uns aos outros combinavam-se entre si, e então sua competição era contra o bem-estar da sociedade (DORFMAN, 1949, p. 150).

Passando para a idealização bellamyniana da sociedade, no ano 2000 a indústria estaria totalmente integrada, e sobre o comando único e inteligente de um sindicato de todos os trabalhadores, não espalhado nas mãos de vários homens de negócios que objetivavam somente o ganho, às expensas do resto da população. BELLAMY (2008, p.-) colocava nas palavras do Dr. Leetle, explicando para Julian o cerne da utopia:

A indústria e o comércio do país, tendo cessado de serem conduzidos pelos caprichos e lucros de corporações e sindicatos irresponsáveis, foram trusteados em um único sindicato representando o povo, para ser conduzido para o interesse comum e para o lucro comum. A nação, é preciso dizer, organizada como uma grande corporação de negócios na qual todas as outras corporações foram absorvidas, veio a ser o único capitalista no lugar de todos os outros capitalistas, o único empregador, o monopólio final no qual todos os anteriores monopólios menores foram engolidos, um monopólio de lucros e economias do qual todos os cidadãos participam.³⁰²

Thorstein Veblen ainda era afinado com Bellamy em assuntos como o ceticismo em relação ao governo democrático, que estaria cooptado pelos interesses escusos dos homens de negócios. Pode-se dizer, marcando evidentemente nenhuma intenção explícita, que o economista fundador do institucionalismo iria construir um sistema de economia política compreensivo com as mesmas idéias defendidas na obra de Edward Bellamy. Assim, mais do que

³⁰² The industry and the commerce of the country, ceasing to be conducted by a set of irresponsible corporations and syndicates of private persons at their caprice and for their profit, were intrusted to a single syndicate representing the people, to be conducted in the common interest for common profit. The nation, that is to say, organized as the one great business corporation in which all other corporations were absorbed; it became the one capitalist in the place of all other capitalists, the sole employer, the final monopoly in which all previous and lesser monopolies were swallowed up, a monopoly in the profits and economies of which all citizens shared.

fazer um exaustivo apanhado das defesas deste último utopista, passe-se à análise de Thorstein Veblen.

3. O ECONOMISTA NO SEU TEMPO E ALÉM: THORSTEIN VEBLEN

Em 1915 foi lançada uma das peças ideológicas mais repugnantes de todos os tempos. Baseado no romance *The Clansman*, de Thomas Nixon (1864-1946), D. W. Griffith (1875-1948), um dos mais aclamados diretores da história do cinema, roteirizou e filmou *O Nascimento de uma Nação* (*The Birth of a Nation*). O sucesso do filme foi estrondoso, levando milhares de norte-americanos aos cinemas. E, até mais importante do que isso, este filme tornou Griffith um dos diretores mais citados nos livros de história do cinema, pois esta foi uma das obras fundamentais para a familiarização dos expectadores com a gramática dessa nova forma de expressão artística, ainda sem sonorização. Entretanto, o que sobressai para qualquer um que assista à fita de Griffith hoje, é a maneira crua através da qual ele defende uma ideologia há muito tida como execrável, mesmo entre aqueles que não hesitam em condenar o senso comum do politicamente correto. A estória, que se passa durante a guerra civil, é sobre duas famílias americanas, uma do norte e outra do sul do país. O clichê dos jovens de lados opostos e que se apaixonam é o fio condutor da trama.

De modo bastante resumido, a narrativa é a seguinte. Pouco antes da guerra civil, um rapaz e uma moça apaixonam-se, e fazem juras de amor eterno. Então, pouco depois, eclode a guerra civil. Filhos das duas famílias morrem em batalhas e, quando um dos jovens sulistas fica gravemente ferido, acaba num hospital do norte, no qual a filha da família unionista é enfermeira. O que acontece é óbvio.

Contudo, paralelamente ao romance corre a trama ideológica. A fúria racista de Griffith busca demonstrar como os autoritários unionistas queriam impor aos ex-confederados a absorção forçada dos negros - mostrados como possuidores de uma “natureza selvagem” - em sua harmônica sociedade. Durante a guerra civil, uma milícia formada por negros, e chefiada por um branco, quase conseguiu estuprar as imaturas meninas Cameron, da família sulista. Elas teriam sido providencialmente salvas pelo exército confederado. Mas, mesmo após o fim

da guerra, uma das mocinhas sulistas passa a ser perseguida por um negro, que tendo fama de assassino e estuprador de mulheres brancas, a quer em casamento. Neste momento é a Ku Klux Klan que age, prendendo e linchando o violento negro, e deixando o cadáver na soleira da porta do governador-interventor, vilão nomeado pelo governo do norte.³⁰³

É claro que, no final, dois casais das famílias separadas pela guerra civil se unem em matrimônio. Mas, o que sobra em termos de “lição”, é a demonstração de como o governo do norte foi injusto com os brancos derrotados e, como era errado buscar incluir os negros na sociedade sulista à força. Não obstante, podendo-se até considerar que a integração forçada não foi uma boa política, Griffith trazia junto a esta crítica a noção da inferioridade dos negros, adicionada à apologia da Ku Klux Klan, vista como uma organização que procurava defender os direitos dos brancos do sul, usurpados pelos impiedosos parlamentares radicais do norte. Trata-se, decisivamente, de um filme que tem lugar de destaque na história do cinema, pois foi uma das primeiras expressões das possibilidades narrativas da linguagem cinematológica. Porém, é difícil não ficar revoltado com as teses sustentadas pelo diretor e roteirista D. W. Griffith. Sustentadas não implicitamente, mas sim de maneira bem explícita.

Thorstein Veblen ficou revoltado. Homem de hábitos completamente excêntricos para sua época, entre eles o de não ligar a mínima para a atração da vez, o cinema, o economista acabou vendo o filme convencido por um dos seus alunos, Isador Lubin. Ao final da exibição teria dito que aquele era “o melhor exemplo de desinformação concentrada jamais visto” (JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 146).

Disso tudo, é importante destacar que as ideologias, na época de Veblen, apareciam sem retoque, sem disfarce. Tudo era exposto à apreciação nua, sem subterfúgios. Embora no capítulo precedente tenha sido destacada a passagem de uma apologia pura e simples do sistema, de uma defesa do *status quo* feita

³⁰³ O personagem negro, Gus, foi interpretado por um ator branco maquiado.

prima facie, sem mensagens nas entrelinhas, para uma economia mais elaborada, como a de John Bates Clark, é preciso repisar que as visões de mundo – de *como deveria ser* o mundo, aliás – eram muito mais explícitas nos argumentos científicos, econômicos e sociais daqueles tempos.

Obviamente Veblen, conquanto tenha tentado escapar disso, como fez seu antigo professor Clark, não conseguiu plenamente. Era, como não podia ser diferente, homem e estudioso de seu tempo, da *Gilded Age*, da Era Progressiva. Todo escritor, cientista, observador está preso ao seu tempo, do qual é impossível que escape por completo. Dizer que alguém é um homem fora de seu tempo é pura metáfora. Barreiras, é lógico, são rompidas. As ciências, as artes, evoluem. Mas são contextos que possibilitam isso. Sempre existem certas condições de possibilidade do discurso científico, é a partir dele que o cientista revolucionário quebra regras.

3.1. ELEMENTOS POR UMA BIOGRAFIA DE THORSTEIN VEBLEN

3.1.1. Pequena Apresentação Bibliográfica

Na hipótese de estar certo um poeta, para o qual uma boa obra é fruto de um “bocado” de tristeza, é possível que justamente por isso Veblen tenha sido o maior economista norte-americano de sua época, e para não poucos, o maior economista norte-americano. Elizabeth JORGENSEN e Henry JORGENSEN (1999, p. 183),³⁰⁴ seus mais recentes biógrafos, terminam a história da vida de

³⁰⁴ Quase todos os dados biográficos reunidos nesta seção foram extraídos do livro de Elizabeth Jorgensen e Henry Jorgensen, pois há até certo consenso entre os estudiosos de Veblen que tal

Veblen concluindo que sua trajetória não teria sido, de modo algum, desinteressante, tendo sido, de fato, pesada e triste. Sua saúde era fraca, com uma insuficiência cardíaca que o incomodou desde a juventude, e que piorou muito depois da submissão a um tratamento baseado em administração de mercúrio. Ele foi um pária acadêmico na maior parte do tempo, migrando de universidade para universidade, sempre acolhido com honras pelos colegas economistas – o que não se refletia na sua remuneração – e em pouco tempo tornando-se inimigo número um dos administradores acadêmicos carolas de fins do XIX e início do XX. Por fim, o que JORGENSEN e JORGENSEN (1999, passim) deixam transparecer como o maior fator para sua tristeza, foram os amores de Veblen, tumultuadíssimos, impossíveis, breves.

Geoffrey HODGSON (2004, p. 143-144), um dos mais respeitados *scholars* veblenianos, aduz a idéia de que os melhores anos da produção intelectual de Veblen foram justamente os anos mais conturbados e tristes da sua vida.³⁰⁵ Entre 1892 e 1909 Thorstein Veblen escreveu *The Theory of the Leisure Class* (1899), *The Theory of Business Enterprise* (1904) e quinze dos dezoito ensaios de *The Place of Science in Modern Civilization* (1919), os quais contemplam quase a totalidade da crítica vebleniana da economia política do século XIX.³⁰⁶ Para HODGSON (2004, p. 143), apenas o *The Instinct of Workmanship*, de 1914, um

pesquisa foi um salto qualitativo em relação ao livro de Joseph Dorfman, de proporções bíblicas. Sobre isto ver o comentário de John Patrick DIGGINS (1999, p. xxiii).

³⁰⁵ Para MONASTÉRIO (1998, p. 23), o período mais importante da produção de Thorstein Veblen termina dez anos antes do que para Geoffrey Hodgson. É importante dizer que o autor dessa Tese discorda das duas avaliações, pois *The Instinct of Workmanship*, de 1914, e *The Absentee Ownership and the Business Enterprise in Recent Times*, de 1923, são escritos fundamentais. O primeiro, em termos da apresentação da teoria de Veblen, deve ser até mais importante que *A Teoria da Classe Ociosa*, e o segundo é o olhar de Veblen, baseado em seu sistema de economia, sobre seu país natal. Esta idéia da centralidade do livro de 1914 será retomada ao longo da Tese deste ponto em diante.

³⁰⁶ Os artigos contidos em *The Place of Science in Modern Civilization* foram publicados em importantíssimos periódicos da área de economia e ciência social. Alguns nos famosos *blue ribbons* da economia, quase todos os mais importantes no *Quarterly Journal of Economics*, e um no *Journal of Political Economy*, do qual ele foi editor. Entre os trabalhos relevantes para a crítica vebleniana da economia política, apenas os artigos sobre Irving Fisher e um artigo intitulado *Economic Theory in the Calculable Future*, da *American Economic Review*, estão numa outra coletânea, editada por quem foi seu mais fiel aluno, amigo e “escudeiro” durante os últimos anos de vida, Leon Ardzrooni (1884-?). A coletânea foi publicada em 1934, sob o título de *Essays in Our Changing Order*.

dos trabalhos fundamentais de Veblen, foi escrito fora daquele período. Neste, o fundador da economia institucionalista apresenta, em sua forma mais acabada e clara, os fundamentos de seu sistema de economia política. O próprio Veblen o considerava seu trabalho mais importante, e também do qual mais gostava (MONASTÉRIO, 1998, p. 26). Nesta Tese, ele é destacado como o centro da abordagem vebleniana. Toma-se o conselho de Veblen com seriedade e lê-se, portanto, o *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts* como “a” elaboração de sua teoria econômica institucionalista-evolucionária.

Para o autor desta Tese, é impossível pensar o todo da obra de Veblen sem fazer referência ao seu último livro, *The Absentee Ownership and Business Enterprise in Recent Times: the case of America* (1923). Embora a maioria dos estudos sobre Veblen reserve um lugar menor para este texto, sob a alegação de que não teria a profundidade teórica da *Teoria da Classe Ociosa*, de fato, ele é um resumo da aplicação do arcabouço imaginado por Veblen para o caso norte-americano. Thorstein Veblen apresenta algumas das instituições que até hoje fazem parte do imaginário dos intelectuais quando falam dos Estados Unidos em perspectiva histórica, e ele as destrincha com a mesma destreza e com o mesmo rigor teórico aplicado às suas análises dos vestidos das mulheres, dos hábitos de criação de animais de estimação, do uso de bengalas, do surgimento da propriedade privada, do costume de imputar aos objetos inanimados aspectos humanos etc. Ele fala do agricultor americano, da pequena cidade, dos recursos naturais, da corrida do ouro e, é claro, do capitão de indústria. É um livro sobre os Estados Unidos redigido num tom contundente, mas, ainda assim, uma súmula – feita por um grande intelectual - de instituições norte-americanas que povoam os debates históricos daquele país até os dias de hoje.

São também de fundamental interesse, duas coletâneas de artigos publicadas num só volume no *The Collected Works of Thorstein Veblen*, da editora Routledge/Thoemmes Press.³⁰⁷ A primeira parte constitui-se no *The Vested Interests and the Common Man* (1919) e a segunda no *The Engineers*

³⁰⁷ Todas as obras de Veblen citadas nessa tese foram lidas a partir dos 10 volumes dessa coleção. A publicação original é de 1994, a reimpressão de que se dispôs é de 2004.

and the Price System (1933). Naquela, foram reunidos uma série de textos publicados na revista progressista *The Dial*, entre outubro de 1918 e janeiro de 1919. Tais textos foram, antes de sua publicação no periódico, a referência de um curso ministrado por Veblen em Amherst, em maio de 1918 (VEBLEN, 1994 [1919], prefácio). Neles a crítica aos capitães de indústria, ao sistema de sabotagem,³⁰⁸ ou seja, à prática de diminuir a produção para se obter maiores preços, dado o poder monopolista das grandes corporações, são tratados com uma veemência incomum até para a verve vebleniana. Já em *The Engineers and the Price System*, foram reunidos alguns artigos que escritos por Veblen logo depois do armistício de 1919, também na revista *The Dial*. Nestes textos estão os posicionamentos mais propositivos de Veblen acerca de transformações políticas. É um trabalho também peculiar na obra do fundador do institucionalismo, pois ele dedicou quase a totalidade de sua carreira às elucubrações de caráter mais teórico. Tal documento teve importância capital no desenvolvimento do movimento tecnocrático norte-americano, que começou na Era Progressiva e se estendeu durante o *New Deal*. Considerando o contexto da crise de 1929, pode-se dizer que algumas das recomendações de Veblen coadunavam-se com o plano revolucionário de Roosevelt. No entanto, há de se ressaltar que o livro de Veblen não pode ser visto como dirigido ao tratamento de crises econômicas. Ele faleceu em 1929, antes de outubro.

Veblen manteve uma consistência *sui generis* ao longo de sua obra, especialmente do ponto de vista do sistema teórico que a embasou, sendo possível dizer que a teoria apresentada em *The Instinct of Workmanship* e em *A Teoria da Classe Ociosa*³⁰⁹ foi, sistematicamente, utilizada pelo autor para analisar os mais diversos assuntos. Sobre tal coerência, diz MONASTÉRIO

³⁰⁸ O termo em inglês *sabotage* foi empregado por Veblen porque sua intenção era mostrar que os empresários praticavam uma obstaculização da produção da mesma natureza que seus arquiinimigos, os trabalhadores grevistas. Sabotagem era o termo usado, àquele tempo, para falar sobre a atuação de grupos de trabalhadores que procuravam atrasar a produção das mais diversas maneiras, por exemplo, estragando o maquinário.

³⁰⁹ Neste último a teoria vebleniana não parece estar numa forma tão bem acabada como no primeiro. Além disso, ela tem que ser observada nas entrelinhas, pois o livro não é uma exposição sistemática sobre o sistema de teoria social de Veblen. Ele é mais uma exposição do surgimento e das consequências da existência de uma classe ociosa, calcado num arcabouço que é apresentado entremeado à narrativa histórico-antropológica.

(1998, p. 25): “Tendo publicado a Teoria da Classe Ociosa aos 42 anos, não existem grandes mudanças teóricas entre seus primeiros escritos e os derradeiros.” Por isso, nesta Tese, optou-se por deixar de lado duas obras de Veblen que tem o foco na Europa. *The Imperial Germany and the Industrial Revolution* (1915), cujo objeto é analisar o paradoxal desenvolvimento da indústria capitalista num país no qual as instituições governamentais, autoritárias em sua maioria, tinham uma presença muito mais nobre no imaginário popular. E *An Inquiry into the Nature of Peace and Terms of Its Perpetuation* (1917), na qual Veblen critica e analisa como o patriotismo e o belicismo derivam da ordem pecuniária do capitalismo industrial. É uma aplicação de seus lineamentos teóricos sobre as questões de política internacional, e sobre a guerra e a paz. O último livro deixado de lado é o *The Higher Learning in America* (1918), uma crítica sobre o sistema universitário norte-americano, o qual seria baseado e controlado pelas doações das grandes corporações e, por decorrência, pelos seus interesses.

Não considerar estas obras nesta Tese é opção que não compromete a apreciação da hipótese mais geral. Como já foi dito, a maior parte da obra de Veblen é uma aplicação de seus conceitos, e de sua maneira de ver as instituições sociais, para os mais diversos assuntos. Se, como argumentado adiante, sua forma de apreender as instituições e de analisar a economia tem uma grande relação com o contexto no qual viveu, acredita-se que não é preciso exaurir sua obra para que tal tese fique evidenciada. Ao excluir da apreciação alguns livros, corre-se o risco de deixar de fora a maneira como Veblen tratou, por exemplo, a política internacional. Algo sem dúvida fulcral no pensamento de qualquer grande intelectual. No entanto isso seria redundante para o que é central aqui: o rastreamento das origens, do contexto da descoberta do pensamento vebleniano.

3.1.2. A Vida de Thorstein Veblen

Thorstein Veblen era filho de imigrantes noruegueses que haviam abandonado seu país natal em busca de terras, já que na Escandinávia a agricultura se tornava uma atividade cada vez mais difícil, sobretudo em razão do crescente preço da terra. Na época do “destino manifesto”,³¹⁰ e também pouco depois, o Estados Unidos era a melhor opção para as famílias européias que pretendiam trabalhar em terra própria.

Thomas Anderson Veflen (1818-1906) e Kari Bunde Veflen (1825-1906) casaram-se na Noruega, em 1847, pouco tempo antes de emigrarem para os Estados Unidos.³¹¹ Esta foi uma opção restante para o jovem casal de agricultores depois que os avós paternos de Thorstein perderam suas terras. Thomas economizou durante alguns anos para comprar a passagem que os levaria para a terra das oportunidades. E, como era comum naqueles tempos, Thomas saiu da Escandinávia com um acerto para a compra de terras na região de Milwaukee. Desde sua saída, do porto de Valdris na Noruega, até a chegada a esta cidade norte-americana, passaram-se quatro meses e meio. Devido a inúmeros contratemplos, incluindo a morte de seu único filho de um ano e meio, além de uma parada inesperada em Hamburgo, para reparos no navio, Thomas chegou a Milwaukee sem dinheiro suficiente para adquirir uma propriedade rural. Então, ele e seu irmão, Haldor Veblen, empregaram-se na região e foram economizando, e comprando pequenos lotes de terra, e vendendo-os, sempre procurando adquirir propriedades maiores e de solo mais fértil – grosso modo, sempre rumo ao oeste. Thomas e Kari Veblen parecem ter ficado finalmente satisfeitos quando se instalaram no Condado de Manitowoc, no Estado americano do Wisconsin. Ali, em trinta de julho de 1857, nasceu o filho que levou o nome do

³¹⁰ O “destino manifesto”, na história dos Estados Unidos, diz mais respeito a uma idéia do que a uma época, entretanto ele foi empregado pela primeira vez pelos democratas jacksonianos da década de 1840, para se referir à expansão para o oeste que movimentou o país até pouco antes da Guerra Civil.

³¹¹ Foi nos Estados Unidos que o nome da certidão de casamento dos pais de Thorstein virou Veblen, ao invés de Veflen.

avô materno, Thorstein Bunde Veblen (JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 11-12).

O menino estudou em escolas que ensinavam em inglês, como era exigido por boa parte das legislações estaduais sobre educação. No entanto, fora da escola, Veblen e seus irmãos falavam apenas norueguês, convivendo com crianças filhas de imigrantes, em geral escoceses e irlandeses. É preciso notar que os imigrantes eram geralmente mal vistos pelos norte-americanos nativos descendentes de ingleses, que os tratavam como inferiores.

Thomas e sua família tiveram grande dificuldade nas primeiras duas décadas de vida nos Estados Unidos. Mas, depois da guerra civil, mudando-se novamente, desta vez para Minnesota, os Veblens tornaram-se os mais prósperos agricultores da região. Quase todos os víveres eram obtidos na própria fazenda. Os biógrafos dizem sobre a afluência da família Veblen:

...o prodígio Thomas, com seus braços fortes feitos troncos de árvores, e a infatigável Kari, em sua máquina de fiar, fizeram sua família tornar-se muito próspera. Cinco anos após se estabelecerem em Minnesota, eles já eram os fazendeiros mais ricos no condado de Cato, de acordo com o censo de 1870. E quão ricos eles devem ter se sentido ao lembrarem-se das fazendas norueguesas, 98 por cento das quais tinham menos de cinquenta acres, sendo que um terço dessas tinham menos de meio acre (JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 176).³¹²

Thorstein parece ter contribuído pouco para esta riqueza material da família, ao menos em comparação com seus irmãos. Os relatos de Andrew Veblen e Ed Veblen, seus irmãos, dão conta disso. Thorstein Veblen, desde criança, poderia ser descrito pelas palavras: excêntrico, estranho, diferente e, é

³¹² ...the prodigious Thomas, with his arms as stout as tree trunks, and the indefatigable Kari, at her spinning Wheel and loom, made their family very prosperous. Five years after they settled in Minnesota they were the richest farmers in the Township of Cato, according to the 1870 census. And how rich they must have felt when they remembered the Norwegian farms, 98 percent of which had less than fifty acres and nearly one-third of which had less than one-half acre.

claro, inteligente. Preguiçoso, interessava-se pelas conversas dos adultos mais do que pelas brincadeiras daqueles de sua idade. Nunca cumpria sua cota de trabalho na fazenda. Era irônico quase o tempo todo, e, de acordo com Ed Veblen, parecia saber tudo sobre tudo. Quando não sabia inventava, e seu irmão dizia que as invenções eram extremamente convincentes, aparentavam mesmo ser verdade. Mas, o que o menino “tosten” gostava mesmo era de ler.³¹³ Ed Veblen notava que seu irmão lia tudo o que lhe caía à mão. Desde de velhos almanaques, jornais antigos e até alguns romances, os quais vinham como brindes nos periódicos. Segundo Ed, Thorstein ia para o sótão, no qual os imigrantes noruegueses costumavam guardavam papéis velhos - para servir de embalagem para produtos agrícolas - e lia avidamente.

O esforço de Thomas e Kari na agricultura e na roda de fiar garantiu que sete dos seus nove filhos fossem matriculados no ensino superior. Embora mal tenham aprendido a ler, Thomas e Kari prezavam bastante a formação educacional dos filhos. Talvez, como típico naqueles tempos, esperassem ver seus filhos homens como pastores luteranos. Isso sem esquecer que uma irmã de Veblen também foi mandada à faculdade.

Eles estudaram no Carleton College, antes numa escola preparatória, depois no curso universitário propriamente dito. Situado na cidade de Northfield, ficava a dez quilômetros de distância da fazenda de Thomas Veblen. Este adquiriu uma casa nas imediações da escola superior, na qual seus filhos moravam durante a época de aulas. E, mais ainda, o velho norueguês fazia questão de sustentá-los sem que eles precisassem trabalhar durante o curso superior.

Thorstein Veblen foi para o Carleton College com dezessete anos, sempre foi um dos melhores alunos, destaque no manejo de assuntos difíceis como a filosofia kantiana e a compreensão de muitas línguas européias, além do latim e do grego. Veblen concluiu o ensino preparatório em três anos, ao invés dos quatro do prazo normal. No curso superior começou ganhando um prêmio de

³¹³ “Tosten” era o apelido de infância de Thorstein Veblen.

oitenta dólares pelo melhor ensaio de admissão. Um dos seus professores, na ocasião da cerimônia de formatura, o chamou de “o aluno mais brilhante que Carleton já tinha graduado” (JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 21). John Bates Clark foi seu professor lá, e ficou fã do ex-aluno.

Thorstein Veblen parecia mesmo impressionar a todos, colegas e professores. Isto para o bem e para o mal. Enquanto desfilava sua proficiência nas mais variadas línguas, aliada a uma carga de leitura que incluía praticamente todos os clássicos disponíveis na biblioteca de Carleton, Veblen fazia troça, desafiava padrões, costumes e, principalmente, gostava de chocar. Fumava o tempo todo, quando o fumo poderia ser motivo para expulsão de Carleton, uma escola ortodoxamente religiosa.³¹⁴ Ele era totalmente avesso aos ritos da religião. Ateu muito provavelmente não era, mas desgostava de qualquer culto ou mesmo preceitos desta ou daquela crença. Evitava o confronto direto e aberto com seus professores, mas adorava provocar, ficava equilibrando-se entre a erudição impressionante e o desafio a todas as profissões de fé dos seus mestres. Sabendo que os comparecimentos aos cultos dominicais eram compulsórios para os alunos de Carleton, cada aluno na Igreja à qual pertencia, Veblen dizia que era Cristão Moraviano, porque sem nenhum templo dessa denominação por perto, ficava dispensado da presença. Além disso, em ocasiões nas quais precisou apresentar ensaios escritos em público, Veblen defendeu os bêbados, o canibalismo e atacou a frenologia, ciência muito popular e respeitada naquela época. Foi durante esse período de graduação que Veblen conheceu as obras do então tão celebrado escritor Herbert Spencer (HODGSON, 2004, p. 127).

Em Carleton também, Veblen conheceu sua futura esposa, e futura fonte da maior parte dos seus problemas na vida profissional. Ellen Rolfe (1858-1926) era filha de um vice-presidente de uma importante ferrovia e sobrinha do reitor. Ela foi também uma aluna brilhante, pois todos esperavam que se tornasse uma grande escritora ou intelectual. Talvez por isso mesmo tenha sido vista cochichando com Thorstein durante boa parte da graduação. Ellen contou mais

³¹⁴ Num quesito Carleton era avançada: admitia mulheres e homens, embora, é claro, os sexos fossem rigidamente separados.

tarde que Veblen havia lhe proposto casamento logo após sua entrada em Carleton, quando ele tinha dezoito e ela dezesseis anos. A proposta foi recusada porque Ellen esperava ter uma carreira independente, e para isso precisava seguir seus estudos numa pós-graduação.

A pós-graduação de Veblen, para qual seu pai foi obrigado a emprestar dinheiro de terceiros a fim de pagar as taxas universitárias, começou logo no ano seguinte à sua graduação, em 1880. No primeiro semestre de 1881 Veblen ficou lotado como aluno de pós-graduação de filosofia na então nova Universidade Johns Hopkins. Conheceu, ali, Charles Sanders Pierce (1839-1914). Não tendo se adaptado aos estudos nesta instituição, e possuindo uma carta de recomendação de John Bates Clark, Thorstein Veblen foi para Yale, onde obteve seu doutoramento em filosofia no ano de 1884. Nessa Universidade Thorstein Veblen trabalhou sob a supervisão de William Graham Sumner, por mais paradoxal que isso possa parecer. Também durante esta época ele teve a oportunidade de assistir às palestras de Spencer, durante sua festejada visita aos Estados Unidos em 1882.

Já no último período letivo em Yale, Veblen arrebatou o prêmio acadêmico que levava o nome do reitor da Universidade, o *Porter Prize*, pelo melhor ensaio de aluno de pós-graduação. Foram mais duzentos e cinquenta dólares. No entanto, mesmo com o prêmio e com as elogiosas recomendações de Clark, Veblen, que já arrastava atrás de si a fama de excêntrico e pouco respeitador dos costumes pudicos da época, não conseguiu um lugar para ministrar aulas (RIESMAN, 1953, p. 209; JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 23).^{315/316}

Nessa época, mesmo desempregado, Veblen renovou sua oferta de casamento para Ellen. Dessa vez o pedido foi aceito. Mas não havia dinheiro, por isso, enquanto sua futura esposa se recuperava de uma grave crise nervosa surgida durante o período no qual ela lecionava numa escola de ensino médio, Veblen voltou para a casa de seus pais. Neste ínterim ele contraiu malária, e

³¹⁵ Pouco antes de entrar em Johns Hopkins, Veblen foi professor de uma escola de ensino médio ortodoxamente cristã. Não é difícil imaginar porque o economista acabou saindo de lá.

³¹⁶ A primeira obra citada traz uma sintética cronologia da vida de Thorstein Veblen.

então foi submetido ao tratamento com *calomel*, “medicamento” feito à base de mercúrio. Assim, neste tempo em que se recompunha, Veblen voltou à atividade que mais lhe dava prazer: a leitura obsessiva. Como colocam JORGENSEN e JORGENSEN (1999, p. 25): “Ele refletia, enquanto lia vorazmente no espaçoso sótão da casa da família. O gosto de Thorstein era amplo, ia desde melodramas a hinários, de sermões luteranos a romances e poesia.”³¹⁷

Depois dos três anos na casa paterna, Veblen finalmente casou-se com Ellen. Ainda sem trabalho, foi viver numa propriedade da família da esposa, onde os dois ocupavam-se com as mais diversas leituras. Veblen, nestes anos, traduziu a *Laxdaela Saga*, uma coletânea de histórias islandesas; algo que seria publicado somente muito mais tarde, em 1925. Durante este período Veblen parece ter vivido um raro tempo de felicidade e, principalmente, de paz com sua primeira esposa. O episódio mais marcante, e que Ellen costumava apontar como um ponto de inflexão no pensamento de Thorstein, foi a leitura do romance de Edward Bellamy, *Looking Backwards*. David RIESMAN (1953, p. 9) assinala:

Ellen Veblen disse que isso mudara suas vidas, direcionando seus interesses para as questões sociais e, aparentemente, levando Veblen da filosofia à economia, da qual ele havia tido um experimento inicial com William Graham Sumner em Yale e também com Clark, em Carleton.^{318/}

319

³¹⁷ “He toughed it out, reading omnivorously, up in the spacious Garret of the family house. Thorstein’s taste was catholic, everything from penny dreadfuls to hymns books, from Lutheran sermons to novels and poetry.”

³¹⁸ Ellen Veblen said it changes their lives, focusing their interests on social questions and apparent leading Veblen from philosophy to economics, of which had got an initial taste from William Graham Sumner at Yale as well as from Clark at Carleton .

³¹⁹ É muito importante reforçar que estudos do naipe dos sumnerianos eram incontestavelmente considerados econômicos, não sociológicos, não antropológicos, não filosóficos. Seu objeto principal era a ciência econômica, como praticada então.

Esta mudança de interesse da filosofia para a economia política significou maiores chances de empregabilidade para Veblen. Seria muito difícil, nos Estados Unidos de *fin de siècle*, que ele conseguisse uma posição em algum departamento de filosofia, pois estes estavam quase todos voltados aos estudos teológicos. Foi Andrew, seu irmão, que o persuadiu a fazer uma aplicação para uma bolsa de estudos pós-graduados em economia na Universidade de Cornell. Porém a bolsa era pequena para um homem casado, e novamente seu pai foi chamado a um esforço financeiro. A idéia de seu irmão foi o “pulo do gato” na carreira do economista. Estudando economia política em Cornell, Veblen pôde entrar em contato com James Lawrence Laughlin, o chefe do departamento de economia daquela Universidade, professor que ficou imediatamente encantado com o poderio do intelecto e a massiva erudição daquele novo estudante.

Quando Laughlin foi chamado para chefiar o departamento da mesma matéria na recém fundada Universidade de Chicago, que tinha como uma das suas principais metas favorecer a pesquisa até em detrimento do ensino, Veblen foi um dos primeiros pesquisadores que Laughlin contratou. Este sugeriu Thorstein como o intelectual americano mais capacitado para ministrar um curso sobre socialismo (JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 34). Segundo um aluno de economia da década de 1890, nenhum outro professor tinha autorização para lecionar um curso sobre socialismo naquela Universidade, fundada com milhares de dólares da família Rockefeller (JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 32, 66).³²⁰ Thorstein Veblen, ainda, foi durante muitos anos o editor do famosíssimo *Journal of Political Economy*.

O singular professor de Chicago também lecionava um curso intitulado *Economic Factors in Civilization*, no qual aparentemente desfilava algumas das

³²⁰ Na Universidade de Chicago, de acordo com JORGENSEN e JORGENSEN (1999, p. 32-33), existiam dois tipos de professores: o primeiro grupo era formado por tradicionalistas que comandavam os departamentos, e tinham nomes já bem estabelecidos no meio acadêmico, este era o grupo dos altos salários. Mas alguns destes professores mais conservadores tinham jovens auxiliares, tais como Veblen, que estavam respondendo ao clima reformista dos Estados Unidos da *Gilded Age* e da Era Progressiva. O reitor Harper, um extremista religioso e conservador, tendo recebido ordens de não economizar fundos para conseguir os melhores dentre os melhores, teve que aceitar a vinda de alguns desses indesejáveis, contudo oferecendo-lhes salários bem mais baixos.

idéias que mais tarde se tornariam ícones da antropologia econômica, cuja cristalização, numa forma mais clara, iria ser revelada em *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*. Este curso Veblen ministrou até quase a sua morte, em todas outras universidades que trabalhou.

Embora tenha sido louvado pelo tratamento “imparcial” do socialismo, Veblen foi um crítico feroz do *status quo* e, como é ubiquamente sabido, das classes afluentes americanas. Em 1899, sete anos depois de ser trazido por Laughlin para Chicago, aos quarenta e dois anos de idade, Thorstein Veblen lançou *A Teoria da Classe Ociosa*. Como era de se esperar, o livro foi recepcionado pelos conservadores com as críticas mais iradas possíveis. Entre elas, celebrizou-se a de John Cummings,³²¹ professor da já então conservadora Harvard, que criticava Veblen em trinta longas páginas, estrategicamente publicadas num número do *Journal of Political Economy* por outro professor, pois seu editor titular estava fora de Chicago. DORFMAN (1947, p. 191) resume o conteúdo claramente apologista do texto de Cummings:

A crítica dava mais atenção a análise de Veblen das modernas empresas de negócios. Cummings declarava que a hipótese básica do livro parecia ser a de que a aquisição de riqueza é predatória – hipótese claramente expressa na distinção fundamental de Veblen entre empregos pecuniários e industriais. Ambas, hipóteses e distinção, são “obviamente inconsistentes com os fatos.” O salário do capitão de indústria é alto por causa do “fato óbvio” de que a sociedade precisa dos seus serviços e paga por isso.³²²

³²¹ Não foram encontradas as datas de nascimento e morte.

³²² The review gave most of its attention to Veblen’s analysis of modern business enterprise. The basic assumption of the book, Cummings declared, seems to be that acquisition of wealth is predatory, an assumption which is clearly expressed in Veblen’s fundamental distinction between industrial and pecuniary employments. Both assumption and distinction are “obviously inconsistent with facts.” The captain of industry’s income is high because of “the obvious fact” that society needs his services and pays accordingly.

Veblen respondeu às críticas já na edição seguinte, inclusive dizendo que se não estivesse ausente teria feito sugestões no sentido de evitar as críticas mal dirigidas (DORFMAN, 1947, p. 192). John Cummings, em tréplica, voltou à carga, mas Veblen nunca mais respondeu os ataques.

Por outro lado, Veblen, quase imediatamente após o lançamento de *A Teoria da Classe Ociosa*, tornou-se “o Deus de todos os radicais”, como relata Joseph DORFMAN (1947, p. 196). O escritor William Dean Howells (1837-1920), por exemplo, dedicou dois editoriais na revista da qual era editor, a *Literature*, em duas edições consecutivas, para elogiar o livro de Veblen. Lester Ward, uma figura muito popular e respeitada na época, quase o pai único da sociologia norte-americana, também ficou impressionado com o talento do professor de Chicago. Ele mesmo escreveu uma resenha crítica do livro para o *American Journal of Sociology*, na qual declarou que Veblen havia feito uma leitura plenamente objetiva das instituições americanas, e que mesmo empregando uma linguagem difícil, dando mote às críticas sobre seu estilo, conseguia atingir o âmago dos “deuses de casa” da afluência norte-americana (DORFMAN, 1947, p. 194). O texto de Lester Ward provavelmente foi o que mais agradou o autor de *A Teoria da Classe Ociosa*, dada a relevância do resenhista.

Thorstein Veblen ficou surpreso com a reação positiva em relação ao seu escrito, pois antes da publicação teve que dar garantias financeiras à editora do livro - a *McMillian Press*. Até mesmo o reitor de Chicago, o extremamente conservador e religioso William Rainey Harper (1856-1906) ficou contente com a repercussão de *A Teoria da Classe Ociosa*, pois o objetivo de Chicago era ser uma grande instituição de pesquisa e, sem dúvida, a publicação de uma obra desse porte - que continua objeto de comentário até mesmo nesta Tese, quase cento e dez anos depois da primeira edição do livro, cumpria tal objetivo.³²³

³²³ Ainda que o sucesso da obra tenha agradado Harper, seu conteúdo era dirigido exatamente ao grupo social do qual faziam parte os Rockfellers, os homens bons da Universidade de Chicago. Por isso Harper continuou querendo demitir Veblen, que era defendido com afincio por Laughlin.

Uma idéia do impacto da obra entre os alunos e professores mais radicais pode ser obtida através da adoção do uso da terminologia criada por Veblen. DORFMAN (1947, p. 196-197) comenta:

Isso foi visto por muitos como um exemplo de uma verdadeira “artística” no uso da linguagem, e os clubes de artistas procuravam, sem sucesso, que Veblen discursasse para eles. Dewey disse que a terminologia sobreviveria ao livro. Frases como “consumo conspícuo”, “ôcio vicário”, “desperdício conspícuo” foram tomadas como termos de luta. Do dia para noite a linguagem no campus universitário mudou, e dizia-se que os leitores de Veblen poderiam ser reconhecidos pelo seu discurso (...). Os colegas de Veblen ficaram surpresos com sua fama, porém Clark observou com satisfação que Veblen havia realizado sua promessa.³²⁴

Mas, o autor de *A Teoria da Classe Ociosa*, logo após o lançamento, já estava planejando um segundo livro, que seria o *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*. Obra que acabou sendo publicada somente em 1914, e que foi precedida por *The Theory of Business Enterprise*, de 1904.

Os anos em Chicago foram o ápice da sua carreira acadêmica, pois mesmo tendo de enfrentar a ortodoxia do reitor Harper e ministrar aulas para alunos de graduação, algo que detestava, Thorstein pôde produzir dois estudos fulcrais da sua obra. Veblen também conheceu alunos de pós-graduação brilhantes, e muitos deles acabaram tornando-se seus devotos seguidores.

Ao conhecer uma dessas alunas, Sarah Hardy, Thorstein Veblen deu início às suspeitas de infidelidade conjugal, o que motivaria sua primeira esposa, Ellen Veblen, a buscar, obstinadamente, destruir sua carreira acadêmica. O

³²⁴ It was viewed by many as an example of true artistry in the use of language, and artists' clubs sought unsuccessfully to get Veblen to address them. Dewey said the terminology would survive the book. Such phrases as “conspicuous consumption”, “vicarious leisure”, “conspicuous waste”, were seized upon as fighting terms. Overnight the language on the university campus changed, and it was said that those who read Veblen could be distinguished by their speech (...) Veblen schoolmates were surprised at his fame, but Clark note with satisfaction that Veblen fulfilled his promise.

envolvimento amoroso com Sarah Hardy pode nunca ter passado de um amor apenas ensaiado, já que apesar de Veblen se declarar, repetidamente, através de cartas, como um homem perdidamente apaixonado, ela era comprometida com um noivo. Na coleção de correspondências arroladas por JORGENSEN e JORGENSEN (1999, passim) nota-se a paixão de Veblen, mas também as respostas relativamente frias, e que não prometiam responder afetivamente ao amor do professor. Todavia, longas caminhadas de Veblen com sua aluna, testemunhadas por vários amigos e colegas, além de outros indícios não plenamente decisivos, foram o bastante para que Ellen Veblen sucumbisse ao desejo de vingança.³²⁵ Depois destes episódios com a senhorita Hardy, Thorstein Veblen pediu o divórcio, pois sua relação com Ellen ficara radicalmente hostil. Contudo, o pedido foi recusado, e ela segurou o professor a um casamento apenas de direito até 1911. Os casos de infidelidade por parte de Veblen não ficaram restritos ao caso Sarah Hardy. Ele também, presumidamente, envolveu-se com a esposa de um colega professor, Laura McAdoo Triggs.

Ellen Veblen escrevia sobre a vida pouco ortodoxa do seu marido diretamente para o reitor Harper. Depois de alguma insistência, e de alguns testemunhos informais, Harper acabou exonerando Thorstein Veblen, algo que ele gostaria de ter feito antes - atitude sempre combatida por Laughlin. Assim, no mesmo ano em que publicou *The Theory of Business Enterprise*, Veblen estava desempregado. Candidatou-se a um cargo na Biblioteca do Congresso, no entanto foi considerado qualificado demais. Foi, então, em razão da fama conseguida com *A Teoria da Classe Ociosa*, que seu autor conseguiu uma nova posição acadêmica. O reitor da Universidade de Stanford, David Starr Jordan (1851-1931), tinha ficado impressionado com o livro de Veblen. No ano de 1899, quando o livro veio à tona, Jordan sondou Veblen a respeito de um emprego em Stanford. Naquela época ele recusou. O porquê disso reside, bem possivelmente, no fato de que Chicago exigia poucas horas de aula na graduação, e também por

³²⁵ Depois da morte de Ellen Veblen, submetido seu corpo a uma autópsia, foi constatado que ela sofria de uma anormalidade anatômica na região genital. Seus órgãos reprodutivos eram atrofiados, algo que provavelmente impossibilitou uma vida sexual normal para o casal Thorstein e Ellen (JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 156).

causa do cargo de editor do *Journal of Political Economy*, uma posição desde aquela época era cobiçadíssima por vários acadêmicos de economia.

Novamente a ajuda dos amigos-admiradores foi fundamental. Jacques Loeb (1859-1924), um biólogo que teria influenciado Veblen em alguns dos termos usados em *A Teoria da Classe Ociosa* e que fora seu contemporâneo em Chicago, a pedido do próprio Thorstein, ofereceu boas referências ao reitor Jordan (JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 91). Auxiliado também por um dos seus mais brilhantes ex-alunos, Wesley Clair Mitchell (1874-1948), e pelos sempre úteis elogios de Laughlin, Thorstein Veblen sentiu-se seguro até mesmo para recusar a primeira proposta salarial de Jordan, e pedir uma remuneração maior. Thorstein acabou dobrando o reitor.

Nesse tempo, entre a saída de Chicago e a admissão em Stanford, Veblen conheceu a mulher que acabaria sendo sua segunda esposa, Ann Bradley Bevans (1877-1920), na época casada e com duas filhas. “Babe”, seu apelido, vinte anos mais nova que seu futuro marido, deu-lhe mais um pouco do que Veblen conheceu de alegria matrimonial.

Durante os últimos anos em Chicago, e em quase todos que permaneceu em Stanford, Veblen teve pouco contato pessoal com Ellen, ao menos considerando que eles eram casados. Ela acabou passando a maior parte deste período isolada numa propriedade da sua família, no estado de Idaho.

Próximo a Stanford Veblen comprou uma propriedade rural que dividia com alguns dos seus alunos prediletos. Cedro era este lugar, no qual provavelmente Veblen viveu alguns anos de alegria, e também de pouca produtividade acadêmica. Seus principais trabalhos em Stanford foram duas das suas críticas aos teóricos da utilidade marginal. Entre elas *The Limitations of Marginal Utility* (1909), cujo tema central continha algumas das idéias pelas quais Veblen é bastante lembrado até hoje, e que ainda servem como armas para os heterodoxos desafiarem o paradigma dominante da teoria econômica do século XXI (JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 103-105). Edwin Seligman (1861-1939), então editor do *Political Science Quarterly*, recusou primeiramente o texto,

no entanto, felizmente, o periódico do qual Veblen havia sido editor aceitou publicá-lo.³²⁶

“Babe” o visitava freqüentemente em Cedro, e como o encontro de um homem casado com uma nova namorada seria algo tremendamente fora dos padrões aceitáveis para as pessoas de começo do século XX, o professor nunca a apresentava como tal para os outros estudantes residentes. Ann Bradley escrevia constantemente para Thorstein Veblen quando os dois não estavam juntos e, decidida a por um fim ao casamento que estava arrasando o seu amado, começou a escrever para Ellen também. Infelizmente, a primeira esposa do novo professor de Stanford utilizou as cartas para forçar o reitor Jordan a demitir Thorstein. O reitor, que tinha Veblen em grande apreciação, inicialmente rechaçou Ellen nas suas tentativas de denegrir seu querido professor de economia. Dizia o reitor que não existiam provas suficientes. No entanto, é claro que havendo provas Jordan nada poderia fazer, uma vez que zelar pelas atitudes particulares do corpo docente era uma das tarefas dos administradores universitários norte-americanos.

Durante o ano de 1909, Ellen montou uma rede de testemunhos para funcionar contra seu marido. A troca de cartas entre ela e o reitor Jordan foi abundante naquele ano. E este sempre relutava em confrontar Veblen. Entretanto, depois de receber um pacote com provas (?), aparentemente Jordan decidiu agir.³²⁷ Chamou Veblen para uma conversa, durante a qual o professor não fez esforço algum para negar as acusações. Parecia que Thorstein já estava cansado deste tipo de situação. Mitchell, por sua vez, conhecedor de todo o drama, procurava manter o emprego de seu mestre, levando a cabo tentativas para que Ann Bradley não mais se encontrasse com Thorstein. Nada adiantou. Depois de conceder uma breve licença para Veblen, Stanford exonerou-o com um

³²⁶ Publicado no *Journal of Political Economy*, *The Limitations of Marginal Utility* faz parte da coletânea reunida em *The Place of Science in Modern Civilization* (VEBLEN, 1994 [1906], p. 231-251).

³²⁷ Não se pode deduzir das cartas pesquisadas por JORGENSEN e JORGENSEN (1999, p. 122) quais eram tais provas. Os biógrafos apenas especulam sobre a possibilidade destas serem as cartas de Ann Bradley pedindo para que Ellen se divorciasse de Thorstein.

pedido vindo do próprio economista, mas claramente provocado pelos conturbados incidentes decorrentes da correspondência de Ellen.

O início do ano de 1910 foi muito difícil para o pai da economia institucionalista. Depois de demitir-se de Stanford, foi para a casa de Babe, e durante um inverno extremamente rigoroso contraiu uma pneumonia dupla. Ann Bradley dedicou-se com o mais terno carinho ao tratamento de seu namorado e ídolo. Thorstein Veblen passou bem perto da morte. É muito provável que a dedicação de Babe tenha sido a responsável pela cura do futuro marido, fato reconhecido pelo médico que o tratou (JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 133).

Ainda nesse mesmo ano, os amigos e admiradores novamente colocaram-se em movimento para garantir a volta do prodigioso professor à academia. Herbert Davenport (1861-1931), ex-aluno de Chicago, e Allyn Young, professor e colega em Stanford, juntaram-se ao empenho de Mitchell, postulando uma bolsa da Fundação Carnigie. Os esforços foram em vão. Nem mesmo a intervenção de seu sobrinho, Oswald Veblen, então famoso professor de matemática, junto a Woodrow Wilson, que era naquela época do comitê diretor da fundação, adiantou. Aliás, é de se pensar sobre a ironia que seria uma instituição com o nome de Carnigie conceder uma bolsa ao autor de *A Teoria da Classe Ociosa*. Pouco tempo depois, Veblen também teve recusado um pedido de emprego na Universidade de Toronto.

A solução encontrada por Davenport foi colocá-lo como professor no Departamento de Economia da Universidade de Missouri, do qual era diretor. Certamente era uma instituição que não correspondia ao brilhantismo das idéias de seu mestre, e parece que o próprio Davenport reconhecia isso. JORGENSEN e JORGENSEN (1999, p. 137) assinalam o significado da presença de um professor do porte de Veblen naquela universidade:

...Veblen era inquestionavelmente a celebridade do campus. O departamento de História enviou seus melhores estudantes e pós-graduandos para as aulas de Veblen – ele era considerado um historiador

melhor do que qualquer outro membro do departamento de História. Um professor de sociologia disse à sua classe que a Universidade do Missouri tinha um dos maiores eruditos dos Estados Unidos, e que se ele pudesse escrever um livro como *A Teoria da Classe Ociosa*, ele não precisava pedir por mais nada na vida.³²⁸

No Missouri Veblen estava entre admiradores. Leon Ardzrooni foi o maior deles, e acompanhava o professor quase o tempo todo, algo que parecia inclusive incomodar Thorstein. Davenport e outros docentes o tinham no mais alto grau de estima, pois consideravam sua presença, como mostra a citação acima, a grande honra da Universidade do Missouri. Esta atitude foi engrandecida com a publicação em 1914 do *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*. Ainda, nesse mesmo ano, Thorstein casou-se com Babe.³²⁹

Embora se deva ressaltar a grande fama de Veblen na Universidade do Missouri, foi durante esta época, especialmente na década de 1910, que a economia institucionalista estabeleceu-se como paradigma predominante da ciência econômica nos Estados Unidos. Yuval YONAY (1998, p. 50-53), um dos melhores intérpretes da história do institucionalismo, coloca os anos entre 1890 e 1914 como da ascendência deste programa de pesquisa em economia, e o período entre as duas guerras mundiais como seu apogeu. Mesmo historiadores do pensamento econômico de estirpe neoclássica, como Roger Backhouse e Mark Blaug (YONAY, 1998, p. 53), reconhecem a proeminência do institucionalismo na América do Norte, ao menos durante a segunda década do século XX.

O pai da teoria institucionalista acabou saindo da Universidade do Missouri em 1918. A partir de 1915, tivera início uma debandada dos melhores professores

³²⁸ ...Veblen was unquestionably the Lion of the campus. The History Department sent their best students and graduates to Veblen's classes – he was considered a better historian than any member of the History Department. A sociology professor told his class that Missouri University had one of the greatest scholars in the United States, and that if he could write a book like *The Theory of the Leisure Class*, he would ask nothing more in life.

³²⁹ Ellen finalmente concedeu o divórcio a Veblen em 1911, três anos antes de seu segundo casamento.

da casa, incluindo Davenport, que foi para Cornell, e Walter Stewart (1885-1958), que aceitou uma oferta de Chicago feita em razão do seu grande conhecimento concernente à obra de Veblen (!?) (JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 154-155). No mesmo ano em que findou a Primeira Grande Guerra Mundial, Thorstein Veblen trabalhou brevemente – cinco meses - num órgão do governo federal, encarregado da regulação do comércio de alimentos, o *Food Administration*. Foi levado para lá por seu ex-aluno Isador Lubin. Quando Veblen e seu aluno sugeriram para Herbert Hoover (1874-1964)³³⁰ uma negociação entre o governo federal e um sindicato de trabalhadores rurais que estava criando problemas de abastecimento, o presidente sentiu-se traído. Disse que nunca negociaria com os trabalhadores. Veblen, então, demitiu-se do governo.

Ele foi para Nova York, onde trabalhou como editor da revista *The Dial*, publicação progressista e partidária de quase todos os clamores por reformas. Nesse tempo, e nesse emprego, Veblen atingiu o apogeu de sua fama como intelectual. Para se ter noção da importância que Veblen conseguiu como figura do reformismo norte-americano, é interessante citar um trecho de seus biógrafos:

... Thorstein (...) reportadamente foi o equivalente do “homem do ano” durante o ano de 1918. H. L. Mencken³³¹ ficou com ciúmes pelo fato de encontrar as idéias de Veblen em praticamente toda revista que ele pegava. Todos os especialistas compravam e liam os livros de Veblen. William James outrora havia sido o “grande pensador” presente nos periódicos (posteriormente ultrapassado por John Dewey); agora Veblen era o pensador favorito. “Havia veblenistas, clubes veblenistas e remédios veblenianos para os pesares do mundo”, resmungava Mencken. “Havia até mesmo, em Chicago, as garotas Veblen – talvez as garotas de

³³⁰ Foi o trigésimo primeiro presidente norte-americano, entre os anos de 1929 e 1933. Republicano, tinha sido o Secretário de Comércio do presidente que o antecedeu, Calvin Coolidge (1872-1933).

³³¹ Henry Louis Mecken (1880-1956) foi um jornalista liberal muito famoso durante a Era Progressiva.

Gibson³³² que atingiram a meia-idade e desesperadas.” (JORGENSEN, JORGENSEN, 1999, p. 157).³³³

Infelizmente, no mesmo ano em que Veblen atingiu tal importância no cenário intelectual, sua segunda esposa ficou muito doente. Babe começou a sofrer de alucinações e paranóias, dentre as quais a mais freqüente era sobre uma trama para assassinar seu marido. Ela chegou a procurar o presidente Woodrow Wilson para tratar de um suposto complô mortal contra Veblen. Ann Bradley queria relatar que havia visto o filho do Kaiser em Nova York, armado e à procura de Thorstein, pois os alemães teriam ficado extremamente ofendidos com a publicação de *Imperial Germany and the Industrial Revolution* (1915). Com o passar do tempo as crises de disfunção mental de Babe ficaram tão freqüentes que a única saída foi interná-la. Decidida a não rever suas duas filhas enquanto não melhorasse, Babe faleceu no ano de 1920, dois anos depois dos primeiros sintomas.

Thorstein, agora, sofria mais do que nunca de sua insuficiência cardíaca, agravada pelo inescapável hábito de fumar. Sob a tensão de assumir a criação de suas duas enteadas, de perder o lugar na revista *The Dial*, que fechou no ano de 1919 numa das caças norte-americanas aos socialistas, Veblen ainda teve forças para se reunir a vários professores progressistas e pacifistas com a finalidade de fundar a New School for Social Research. Alguns outros nomes do porte de Charles (1874-1948) e Mary Beard (1876-1958), John Dewey (1859-1952) e Wesley Mitchell, além de James Harvey Robinson (1863-1936), lecionariam nos primeiros anos da nova faculdade.

³³² Charles Dana Gibson (1867-1944), cartunista e artista plástico de grande fama na virada do XIX para o XX. Algumas das suas mais famosas obras chamam-se as *Gibson's Girls*, desenhos e pinturas de jovens figuras femininas.

³³³ ...Thorstein (...) reportedly was the equivalent of the “man of the year” all during 1918. H. L. Mencken became jealous because he encountered Veblen's ideas in practically every magazine he picked up. All the cognoscenti bought and read Veblen's books. William James once had been the “great thinker” in the mind of the weeklies (later edged out by John Dewey); now Veblen was the preferred pundit. “There were Veblenists, Veblen clubs, Veblen remedies for the sorrows of the world”, groaned Mencken. “There were even, in Chicago, Veblen girls – perhaps Gibson girls grown middle-aged and despairing.”

Mesmo com todo o comprometimento dos intelectuais no seu começo, em 1922 a instituição acabou tornando-se um fracasso financeiro, e perdendo todo o apoio privado que tinha. Seus maiores nomes acabaram retirando-se do corpo docente, e somente Veblen, entre os grandes professores fundadores, permaneceu lá até 1926. Nestes anos os amigos novamente foram o socorro de Thorstein, pois instituíram o *Veblen Fund*, que servia para sustentar o velho professor. Daí em diante foram poucas as rendas de Veblen que não advinham de seus amigos, admiradores e ex-colegas, em especial de Wesley Mitchell. Dois alunos dedicados revezaram-se cuidando de Veblen enquanto sua saúde deteriorava-se, Isador Lubin e Leon Ardzrooni. Neste tempo ele publicou seu último livro, *The Absentee Ownership and Business Enterprise in Recent Times* (1924), texto que mesmo escrito em circunstâncias extremamente adversas é fundamental para compreender o todo do pensamento do autor. Thorstein Veblen, mesmo com pouca saúde e muita idade, nunca descuidou da educação de suas duas enteadas, e mesmo não sendo um homem de posses assistiu-as durante seus estudos superiores.

Um último fato extraordinário na vida de Veblen foi a recusa, em 1925, do convite para ser presidente da *American Economic Association*, entidade da qual nunca foi sócio. Paul Douglas (1892-1976) capitaneou mudanças no sistema eleitoral da associação para possibilitar a vinda de Veblen, mas ficaria decepcionado com a recusa do patrono do institucionalismo. Depois desse episódio, Thorstein Veblen foi para a Califórnia, em 1926, viver perto de uma cabana onde ele adorava estudar. Faleceu na presença de sua enteada mais velha, Becky Veblen, em agosto de 1929.

3.2. OS TRÊS VEBLENS: VEBLEN_C; VEBLEN_T E VEBLEN_A

Nesse ponto a máxima cartesiana serve a esta Tese: fragmentar para entender. Como comentado anteriormente, os vários escritos de Veblen apresentam uma grande continuidade teórico-metodológica. Idéias sugeridas num texto terminaram por ser pontos principais de outros, tornaram-se livros inteiros, dominaram a atenção do fundador da economia institucionalista sempre sem grandes mudanças de opinião, ou mais ainda, de método. Isso pode ter ocorrido porque Veblen iniciou sua obra teórica na década de 1890, quando estava na casa dos trinta anos, momento em que já contava com certa maturidade intelectual.

Assim, ao estudar a obra vebleniana, o autor desta Tese chegou à conclusão de que todos os textos³³⁴ produzidos por Veblen podem ser organizados em três partes, articuladas entre si, e que juntas constituem os passos para a proposição de seu sistema de economia política antropológico-evolucionário.

Às vezes incidentalmente, às vezes de maneira extremamente clara, Thorstein Veblen produziu textos que ora são uma crítica aos economistas fundadores da disciplina e seus discípulos, ora fincam os pilares do sistema que ele estava propondo e, na maioria deles, aplicam o método elaborado para análises dos mais diversos temas. Aliás, esta “pesca” das mais variadas temáticas e sua inserção sob a pecha de objeto da economia é um dos grandes *insights* da escola institucionalista. E isso seja para a antiga criação de Veblen, seja para a vertente moderna de estudiosos como Douglass North. Thorstein Veblen transformava os esportes, os ritos religiosos, a moda e os sistemas de governo, a literatura, os códigos de etiqueta, entre outros assuntos, em focos de

³³⁴ Todos os textos incluídos nos dez volumes da coleção utilizada como referência. *The Collected Works of Thorstein Veblen* da Routledge/Thoemmes.

atenção tão importantes e relevantes para o entendimento dos fenômenos econômicos quanto os monopólios e o sistema de preços. Tudo se unia através das suas considerações antropológicas, e os mesmos impulsos humanos que inclinavam as pessoas a usarem essas ou aquelas roupas, resultavam na acumulação de riqueza dos capitães da indústria, dos grandes capitalistas da *Gilded Age* e da Era Progressiva.

É, então, possível dizer, em vista dessa proposta de leitura da obra de Veblen em três partes – não cronológicas - que primeiramente Veblen “cavou” um lugar para encaixar sua economia política entre o classicismo, o marginalismo, o historicismo e o marxismo. Ele visivelmente nega as tradições da economia política antes de propor seu grande sistema, embora em alguns textos faça as duas coisas ao mesmo tempo. E, como ubiquamente sabido, a *themata* que conduz a economia vebleniana é o evolucionismo.³³⁵ Por isso, o autor objeto dessa Tese classificou a maior parte do conhecimento que o precedeu de economia pré-darwiniana. Os fisiocratas e Smith, os economistas clássicos, Marx, os historicistas e os marginalistas eram, para Veblen, economistas analogamente equivalentes a Lineu (1707-1778) em comparação a Darwin.³³⁶ Thorstein Veblen achava que a nova economia política deveria ser desenvolvida no mesmo sentido em que Darwin havia transformado a biologia. Este é o Veblen que aqui se chama de Veblen_c, o autor da *crítica* às outras escolas de ciência econômica. Os textos nos quais ele predominantemente é Veblen_c são quase a totalidade dos contidos em *The Place of Science in Modern Civilization*, e alguns reunidos no *Essays on Our Changing Order*.

Já a construção positiva de sua obra destina-se a explicar como ele lidava com as categorias que criou, como hábitos de pensar, hábitos de vida, instituições e, talvez a mais fundamental delas, os instintos. Lateralmente, e fortemente

³³⁵ *Themata* é uma categoria proposta pelo historiador da ciência Gerald Holton para designar os elementos metafísicos mais comuns utilizados pelos cientistas no desenvolvimento de seus modelos. A concepção evolucionista, a idéia atomista, a gravitação em torno de um ponto são exemplos do que este autor entende por *themata*.

³³⁶ Carolus Linnæus, físico, botânico e zoologista sueco, criador da disciplina da taxonomia na sua vertente moderna. Seu sistema já foi revisado e emendado inúmeras vezes desde o século XVIII, no entanto a estrutura primária, em especial a categoria de Reino, ainda se mantém.

calcado nestas categorias, Veblen tratava de preços, de estruturas de mercado e de hábitos de consumo, este último, tema que foi um dos grandes protagonistas de sua mais famosa obra, *A Teoria da Classe Ociosa*. No entanto, Veblen_t, o Veblen da formação de seu arcabouço teórico, revela-se de maneira mais inteligível e generalista em *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*. No primeiro livro, de 1899, já estavam contidas quase todas as sugestões que ficam explícitas neste último, todavia Veblen dedicou-se, naquele, mais à formação da chamada classe ociosa e às suas conseqüências para a realidade sócio-econômica, em especial no que tange aos hábitos de vida e de consumo. É preciso adicionar, ainda, que no *Essays on Our Changing Order* estão reunidos também alguns textos, ainda do século XIX, que demonstram de forma sintética as idéias que seriam desenvolvidas no livro de 1914.

O último dos três Veblens é o Veblen_a, o mais extenso e do qual provém a maioria dos textos produzidos pelo pai da economia institucional. Thorstein Veblen na maioria do tempo “colocou a mão na massa”, aplicou seu método à análise dos mais variados temas, desde os mais abrangentes e “sérios” até alguns irônicos, tal como a famosa comparação entre gatos, cachorros e cavalos de corrida como animais de estimação. Como supracomentado, seu primeiro livro pode ser lido como uma aplicação do esquema geral vebleniano, mais do que como a proposição teórica de um sistema de economia política. No livro ele utilizou seu método evolucionário para demonstrar a formação do que chamava de classe ociosa, bem como analisou com uma profundidade nunca antes vista na economia política a formação dos hábitos de consumo, chegando mesmo a estudá-los estratificados por classes sociais. Se Marx e os clássicos se debruçaram sobre a produção, e os neoclássicos foram os teóricos da esfera das trocas, Veblen pôs o consumo no *front* do seu pensar econômico. Já em outros textos, como o *The Theory of Business Enterprise*, ele fez o mesmo a respeito das práticas institucionalizadas dos dirigentes das indústrias de fins do século XIX e começo do XX, e, mais importante, mostrou como isto se relaciona com o ciclo econômico. Esta temática foi complementada em *The Vested Interests and the Common Men*, que tem um tom de denúncia e uma profundidade dirigida ao público não-economista. Finalmente no seu último livro, *The Absentee Ownership and Business Enterprise in Recent Times*, Veblen passou em revista seu país

natal. E, embora este seja sempre considerado pelos estudiosos de Veblen uma obra menor, talvez pelo seu tom mais ríspido, talvez pela repetição de boa parte dos temas já tratados anteriormente, ele deve ter certo destaque, já que é a utilização do arcabouço antropológico-evolucionário para destrinchar temas típicos dos Estados Unidos. Por último, ainda como parte da obra de Veblen_a, está o *The Engineers and the Price System*, texto aparentemente mais dedicado às sugestões de “remédios” para os problemas sociais discutidos ao longo de seus outros escritos.

Além do que foi dito, vale lembrar que Veblen tem um tom predominantemente pessimista na maioria das suas obras. Ele apresenta um desencantamento com os rumos tomados pela humanidade sob o regime capitalista, e principalmente por seu país.

É preciso marcar que foram deixados de fora, algo já assinalado acima, outros textos importantes do veblenismo. *The Higher Learning in America*, *Imperial Germany and the Industrial Revolution* e *An Inquiry Into the Nature of Peace and Terms of its Perpetuation* podem ser vistos como pertencentes a Veblen_a, pois são também aplicações do sistema mais geral desenhado por Veblen_t às temáticas das relações internacionais, do nacionalismo e da guerra, e do estado do ensino superior nos Estados Unidos dos tempos de Veblen.

3.2.1. Um Espaço para a Economia Institucionalista: a crítica da ciência econômica em Veblen_c

Durante a década de 1890, Thorstein Veblen dedicou boa parte de seus estudos a resenhar obras de grandes intelectuais do século XIX, ou de seus discípulos. De acordo com Geoffrey HODGSON (2004, p. 131), somente no periódico no qual era editor, o *Journal of Political Economy*, Veblen publicou dezessete resenhas críticas, das quais onze foram dedicadas às obras de Karl

Marx ou de marxistas.³³⁷ Esse período, sendo assim, deve ser visto como essencial na formação do ideário vebleniano, pois não é nenhum exagero afirmar que tais leituras sistemáticas funcionaram como laboratório para a elaboração do novo método de economia política, no cotejo com as teorias econômicas em voga.

Em *The Place of Science in Modern Civilization* - que contém textos escritos numa fase posterior, depois da publicação de *A Teoria da Classe Ociosa* - Veblen esmiúça com maior rigor as escolas de economia política. Nos vários artigos ali reunidos, o economista desmonta um a um os pensamentos de seus predecessores clássicos, historicistas, neoclássicos e marxistas. E, há um ponto comum a todos os textos: a negação forte da teleologia. Veblen classifica toda a teoria econômica como não-evolucionária, algo que fica muito claro em *Why Is Economics Not an Evolutionary Science?*, texto no qual ele afirma o caráter teleológico, com maior ou menor grau, pertinente a todas as teorias econômicas. Os sistemas não evolucionários seriam frutos de certos contextos sociais que os novos tempos teriam tornado obsoletos.³³⁸ Isso em vista da nova sociedade do maquinário industrial que, como dizia Thorstein Veblen, abria caminho para uma nova teoria em economia, a teoria evolucionária.

Alguns outros escritos críticos estão no *Essays on Our Changing Order*, mais especificamente os que versam sobre Böhm-Bawerk e Irving Fisher. Além destes, devem ser incluídos entre os textos de Veblen, artigos como o *The Evolution of the Scientific Point of View* e *Economic Theory in Calculable Future*. E, embora estes textos não sejam inteiramente dedicados à crítica da teoria econômica, contêm idéias importantes sobre como Veblen via não só a economia, mas a ciência como um todo. Assim, nessa perspectiva mais larga, ele elegeu a pesquisa feita sem caráter pragmático como a mais frutífera. Aqueles

³³⁷ Há em *Essays on Our Changing Order* uma lista das resenhas críticas de Veblen reunidas por Leon Ardzrooni. A lista é maior do que a citada por HODGSON (2004, p. 131), e inclui textos sobre importantes livros de Schmoller, Lester Ward, John Hobson e até sobre uma análise da Índia feita por Baden-Powell. O período coberto pela lista de Ardzrooni também é mais abrangente que o citado por Hodgson.

³³⁸ Mais à frente, quando se falar em Veblen, ficará claro que as teorias econômicas são resultado do contexto, no sentido de que derivam de hábitos de pensamento próprios à época.

estudos guiados pela *curiosidade desinteressada*, isto é, a ciência que persegue explicações de temas escolhidos *ad hoc*, seriam os mais benéficos em termos de contribuições relevantes para a vida humana.³³⁹

Nessa esteira é útil assinalar que Veblen_c não fazia diferença entre as ciências naturais e as humanas, considerava que o darwinismo – ou melhor, o evolucionismo darwiniano – era a *themata* adequada para tratar quaisquer fenômenos, fossem estes físicos e químicos, econômicos, políticos ou biológicos.

Uma lista dos textos críticos mais importantes de Veblen_c está apresentada no quadro abaixo.

QUADRO 1 – TEXTOS CRÍTICOS DE VEBLEN_c NAS DUAS COLETÂNEAS PS E ECO.

<i>Ano</i>	<i>Título</i>	<i>Periódico</i> ³⁴⁰	<i>Coletânea</i> ³⁴¹
1892	<i>Böhm-Bawerk's Definition of Capital, and the Sources of Wage</i>	QJE	ECO
	<i>Some Neglected Points in the Theory of Socialism</i>	Anais	PS
1898	<i>Why Is Economics not an Evolutionary Science?</i>	QJE	PS
1899	<i>The Preconceptions of Economic Science I</i>	QJE	PS
	<i>The Preconceptions of Economic Science II</i>	QJE	PS

³³⁹ Curiosidade desinteressada é a tradução do termo em inglês *idle curiosity*. Não será adotada a tradução encontrada para o português, *curiosidade vã*, de MONASTÉRIO (1998).

³⁴⁰ A legenda para os periódicos é: QJE – *Quarterly Journal of Economics*; AJS – *American Journal of Sociology*; PSQ – *Political Science Quarterly* e JPE – *Journal of Political Economy*. Anais são os *Annals of American Academy of Political and Social Science* e Aula diz respeito a uma leitura feita no Kosmos Club da Universidade da Califórnia.

³⁴¹ ECO – *Essays on Our Changing Order* e PS – *The Place of Science in Modern Civilization*.

1900	<i>The Preconceptions of Economic Science III</i>	QJE	PS
1901	<i>Gustav Schmoller's Economics</i>	QJE	PS
1906	<i>The Place of Science in Modern Civilization</i>	AJS	PS
	<i>The Socialist Economics of Karl Marx I</i>	QJE	PS
1907	<i>The Socialist Economics of Karl Marx II</i>	QJE	PS
1908	<i>The Evolution of Scientific Point of View</i>	aula	PS
	<i>Professor Clark's Economics</i>	QJE	PS
	<i>On The Nature of Capital I</i>	QJE	PS
	<i>On The Nature of Capital II</i>	QJE	PS
	<i>Fisher's Capital and Income</i>	PSQ	ECO
1909	<i>Fisher's Rate of Interest</i>	PSQ	ECO
	<i>The Limitations of Marginal Utility</i>	JPE	PS
1925	<i>Economic Theory in Calculable Future</i>	AER	ECO

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

3.2.1.1. As classes sociais hedonistas: a crítica de Veblen ao marxismo.

O fundador do institucionalismo norte-americano não foi nem um pouco condescendente com o trabalho de Marx. Conquanto inicie o texto *The Socialist Economics of Karl Marx and His Followers I* com os tradicionais elogios retóricos com que começava a maior parte de seus escritos críticos, já na segunda página apontava a obra de Karl Marx como perniciosamente comprometida com a luta política de seu autor (VEBLEN, [1906], 1994, p. 410). Esta característica lhe

conferiria aspecto de propaganda, pois Marx seria o pai de uma escola de pensamento tanto quanto líder de um movimento que tinha motivações práticas.³⁴² A consistência lógica de todo o sistema proposto pelo autor de *O Capital* era inegável, mesmo admirável. Entretanto, ao mesmo passo em que Marx desenvolvia uma teoria complexamente intrincada e, ainda, logicamente irreparável, ela carregaria um viés acientífico, ou pelo menos cientificamente anacrônico. Na crítica *in verbis*:

...[Karl Marx] é antes de tudo um teórico ocupado com a análise do fenômeno econômico e sua organização num sistema consistente e sólido de conhecimento científico; mas ao mesmo tempo ele é consistentemente e tenazmente alerta para o peso que cada passo no progresso de seu trabalho teórico exerce sobre sua propaganda. Seu trabalho possui, então, um ar tendencioso, tal como se pertencesse à argumentação de um advogado (VEBLEN [1906], 2004, p. 410).³⁴³

Contudo, Veblen relacionava o viés ideológico imputado à obra de Marx não aos seus objetivos propagandísticos pura e simplesmente, mas à da adoção de determinados preconceitos metafísicos, responsáveis por espalhar a abordagem tendenciosa por todo o sistema. Assim, ele continuava no mesmo parágrafo:

...não se deve, portanto, aceitar ou dar crédito ao fato de que seus propósitos propagandistas possam ter, em qualquer sentido substancial,

³⁴² É basilar entender que quando Veblen se refere às motivações práticas, aos aspectos pragmáticos de filosofias, ideários, sistemas de economia política, ele não quer dizer que de outra maneira tais fossem inúteis, mas quer ressaltar algo como o comprometimento ideológico da teoria, da idéia.

³⁴³ ...[Karl Marx] is primarily a theoretician busied with the analysis of the economic phenomena and their organisation into a consistent and faithful system of scientific knowledge; but he is, at the same time, consistently and tenaciously alert to the bearing which each step in the progress of his theoretical work has upon the propaganda. His work has, therefore, an air of bias, such as belongs to an advocate's argument.

defletido seus questionamentos ou especulações da fiel busca da verdade científica. Seu pendor socialista pode dar o tom à sua polêmica, mas sua percepção lógica é por demais firme e correta para admitir outra inclinação além daquela relacionada aos seus preconceitos metafísicos afetando seu trabalho teórico (VEBLEN[1906], 1994, P.410).³⁴⁴

Uma questão que imediatamente segue esta afirmação de Veblen é a consideração acerca de um provável erro marxiano na escolha dos “preconceitos” metafísicos. Mais claramente: será que o norte-americano estava vendo em Marx um equívoco inocente, de apenas ter escolhido os postulados metafísicos errados? Ou Veblen acreditava que a opção pela metafísica contida na obra de Marx era deliberada? Certamente a última alternativa parece ser a resposta.

Thorstein Veblen dizia que a formulação original do marxismo estava eivada de vieses, mas estes não afetavam a “honestidade lógica” do argumento. Clarificando, pode-se dizer que deliberadamente escolhido o postulado metafísico fundante, a direção lógica das conclusões está dada. Desta maneira, Veblen argumentava que ao adotar os postulados metafísicos do hegelianismo, e dando-lhe faces materialistas, ao analisar a evolução do capitalismo, Marx só poderia ter chegado a duas conclusões possíveis: a superação do capitalismo no socialismo, ou a agonia mortal da raça humana. No trecho abaixo fica bem explícita a posição do ex-professor de Chicago: “Tivesse Marx descoberto que sua análise o levaria para uma visão contrária à sua posição, ele teria logicamente sustentado que o sistema capitalista é a agonia mortal da raça e a maneira pela qual isso aconteceria. Tal conclusão é posta por seu ponto de partida hegeliano.” (VEBLEN, [1906], 1994, p. 430).³⁴⁵

³⁴⁴ ...it is not, therefore, to be assumed, nor indeed to be credited, that his propagandist aims have in any substantial way deflected his inquiry or his speculations from the faithful pursuit of scientific truth. His socialistic bias may color his polemics, but his logical grasp is too neat and firm to admit of any bias, other than that of his metaphysical preconceptions, affecting his theoretical work.

³⁴⁵ Had Marx found that his analysis led him to a view adverse to his position, He would logically have held that the capitalist system is the mortal agony of the race and the manner of it taking off. Such a conclusion is precluded by his Hegelian point of departure.

Para Veblen, a obra marxiana tinha duas fontes filosóficas – ou melhor, metafísicas – fundamentais: o hegelianismo materialista e o direito natural de estirpe britânica. O primeiro tem caráter romântico por excelência, e é otimista e teleológico, assim como o segundo. O movimento clássico da dialética, tese, antítese e síntese, coloca sob a antítese o signo do mal, que é necessário para a consumação da síntese, cujo conteúdo é essencialmente bom, uma superação em relação à tese (VEBLEN [1906], 1994, 430). Sendo assim, esta afirmação, localizada na mesma página da citação anterior, leva a crer exatamente que Marx nunca poderia concluir pelo fim da raça humana, pois tanto o hegelianismo quanto a doutrina do direito natural cominam num resultado bom.

Quando adota o hegelianismo na sua vertente materialista, Karl Marx aponta seu sistema de economia política para a realização do homem em sua totalidade, o fim último do sistema social. E, fala-se em realização do homem em sua vida material, uma vez que o matiz do hegelianismo é o materialista. É a partir daí que o valor trabalho embasa o marxismo, pois se a realização da vida material do homem na sua totalidade é o objetivo final, então sua efetivação deve-se dar na atividade auto-criativa do homem, no trabalho.

Veblen não aceitava que o valor surgisse do trabalho como alegava Marx, e ainda dizia que este não forneceu quaisquer provas desse fato (VEBLEN [1906], 1994, p. 419). Nessa toada, o patrono do institucionalismo concluiu que o valor trabalho não seria o fundamento do sistema marxiano, mas sim estaria contido nele, mais especificamente nos postulados metafísicos do hegelianismo materialista. Apesar disso, ao mesmo tempo, o valor trabalho seria necessário como início para a sequência lógica da economia política de Marx. Resumindo, da metafísica hegeliano-materialista vem que o fim último do sistema social, que é essencialmente histórico, concentra-se na realização do homem no trabalho, daí o valor das mercadorias residir no trabalho. Assim, o valor trabalho é resultado da escolha do quadro metafísico do materialismo dialético, implicando que o sistema de economia política comece pela apresentação do valor trabalho, e daí para seus desdobramentos conceituais.

O trabalho, assim considerado, realiza-se sob um sistema de produção, ou na linguagem marxista, num modo de produção. Nesse raciocínio, é preciso

considerar qual é o modo de produção específico analisado por Marx: o capitalismo. Portanto, para Thorstein Veblen, a economia política marxista utiliza as concepções metafísicas hegelianas para unir os conceitos de capitalismo e trabalho num só sistema compreensivo, disso resultando que o sistema de preços, e concomitantemente de valor, tornem-se as figuras predominantes. Novamente, usando-se as palavras do próprio VEBLEN ([1906], 1994, p. 419): “O grande fato do qual depende qualquer indústria sob este sistema [capitalismo] é o preço dos bens comercializáveis. Portanto, é nesse ponto que Marx ataca o sistema de produção capitalista, e, por conseguinte a teoria de valor se torna o traço dominante de sua economia e o ponto de partida para toda análise...”³⁴⁶ Mais adiante Veblen mostrava como entendia a relação que fez Marx, entre o trabalho e o preço. Da metafísica hegeliana viria o postulado de que o trabalho é o centro da atividade humana, mais ainda, o cerne do sistema social. Considerando o sistema de preços existente no modo de produção capitalista, Veblen afirmava que Marx pôde, então, dividir sua análise em dois níveis. O fenomenológico, que versa sobre os preços, os quais são apenas as expressões aparentes dos valores, e o mais fundamental, do valor do trabalho, propriedade intrínseca das mercadorias. Portanto abre-se uma clivagem grave no sistema capitalista, uma contradição. Se as mercadorias podem equivaler-se porque possuem a mesma característica, ou seja, o trabalho que nelas está contido, este valor pode nunca ser expresso em termos do preço, pois este é mais ou menos ajustado àquele de acordo com o sistema de distribuição. O valor trabalho pertence ao mundo da produção, o preço ao da distribuição, o último se dá em razão do modo de produção vigente. Seguindo nessa maneira de raciocinar, sejam as palavras de VEBLEN ([1906], 1994, p. 421):

Se o rendimento da indústria fosse distribuído aos agentes produtivos na exata proporção de sua parte na produção, presume-se que o valor de troca dos bens se conformaria ao seu valor real. Porém, sob o atual

³⁴⁶ The great fact on which all industry under this system [capitalism] hinges is the price of marketable goods. Therefore it is at this point that Marx strikes into the system of capitalistic production, and therefore the theory of value becomes the dominant feature of his economics and the point of departure for the whole analysis...

sistema capitalista, a distribuição não é baseada na equidade da produção em nenhum grau sensível, e o valor de troca dos bens sob esse sistema pode, portanto, expressar seu valor real somente através de uma aproximação grosseira, e no mais das vezes, fortuita. *Sob o regime socialista, onde o trabalhador obteria o produto total de seu trabalho, ou onde todo o sistema de propriedade, e conseqüentemente, de distribuição, colapsariam, os valores, caso existissem, alcançariam uma real expressão.*³⁴⁷/³⁴⁸

E é justamente nesse final socialista que Veblen constata a divergência do marxismo em relação à ciência de tipo darwinista, no qual, segundo o norte-americano, o sistema marxiano não pode se enquadrar. O sistema marxiano tem um fim, uma últimação inevitável, resultado do seu próprio funcionamento interno, colocado desde a escolha dos postulados metafísicos. Existe, nessa cadeia, uma seqüência de eventos absolutamente teleológicos. Se forem logicamente causais, não o são necessariamente factualmente causais. Uma coisa é a seqüência de eventos ser consistentemente lógica, pertencer ao campo da *razão suficiente*, outra, bem diferente, é a seqüência ter existência real, ser *casualmente necessária* para que o fim observado – real – aconteça. A ciência darwinista explica como os últimos fenômenos encaixam-se numa rede de causação que leva a um determinado fim empiricamente real. Por sua vez, uma ciência como a marxista, pré-darwiniana, tem consistência apenas interna, racionalística. Nesse sentido, as teorias de Veblen e Marx coincidem na necessidade de se estabelecer uma cadeia lógica de causação entre os eventos, mas, como destaca DOWD (2000, p. 74): “Não foi a noção de Marx sobre a mudança contínua, tampouco sua preocupação com o conflito que incomodou Veblen. Foi a suposição de Marx de

³⁴⁷ Grifo nosso.

³⁴⁸ If the output of industry were distributed to the productive agents strictly in proportion to their shares in production, the exchange value of the goods would be presumed to conform to their real value. But, under the current, capitalistic system, distribution is not in any sensible degree based on the equities of production, and the exchange value of goods under this system can therefore express their real value only with a very rough, and in the main fortuitous, approximation. *Under a socialistic régime, where the laborer would get the full product of his labor, or where the whole system of ownership, and consequently the system of distribution, would lapse, values would reach a true expression, if any.*

um tipo específico de conflito, contendo uma base específica e um resultado específico, que Veblen julgava metafísico, e portanto, não científico.”³⁴⁹

A cadeia lógica dos eventos supostos dentro da teoria marxista, para Veblen, se daria, resumidamente, nos seguintes termos: da discrepância entre os valores das mercadorias e do preço pago pelo trabalho, o salário, cuja resultante é a mais-valia, surge uma lei de acumulação que leva sistematicamente o capitalismo ao colapso. A acumulação de mais-valia induz a acumulação de capital, quanto maior o capital comparativamente à força de trabalho empregada, maior a mais-valia gerada. Então, para aumentar a produtividade do trabalho, são utilizados equipamentos poupadores de trabalho, que permitem ainda maior acumulação de capital, fechando o círculo virtuoso para os capitalistas, que obtêm maiores proporções de mais-valia. Mas o mesmo círculo é vicioso para os trabalhadores, especialmente para os que passam a compor o chamado exército industrial de reserva – consequência do aumento do desemprego. Estes, mesmo considerando as crises recorrentes no sistema, que podem interromper temporariamente o círculo, tomam consciência da sua posição subordinada e rebelam-se, levando a sociedade à adoção do socialismo.³⁵⁰ John Patrick DIGGINS (1999, p. 46) comenta de maneira interessante a divergência de Veblen com relação ao marxismo: “Veblen poderia concordar com Marx que o capitalismo fosse inerentemente injusto, porém isso não implicava que estivesse fadado à auto-destruição. O fato de o capitalismo “dever” entrar em colapso não significa que se deva acreditar que historicamente isso irá acontecer.”³⁵¹

Foi exatamente no ponto em que a classe tomaria consciência da sua situação, cada vez mais pauperizada, que Veblen classificava a análise de Marx

³⁴⁹ It was not Marx's notion of continuous change nor his preoccupation with conflict that jarred Veblen. It was Marx's assumption of particular kind of conflict, having a particular basis, and a particular outcome, that Veblen deemed metaphysical and therefore unscientific.

³⁵⁰ Esta é uma das seqüências possíveis dentro do capitalismo que podem induzir seu colapso, ainda há, por exemplo, a taxa declinante de lucro. No entanto este exemplo deve bastar para explicar como Veblen enxergava a economia política de Marx.

³⁵¹ Veblen could agree with Marx that capitalism is inherently unjust, but it did not follow that it was fated to self-destruction. That capitalism “ought” to collapse is no reason for believing that historically it will do so.

como hedonista. E, segundo o norte-americano, ela deveria “ser mais relacionada com Bentham do que com Hegel.” (VEBLEN [1906], 1994, p. 418). A classe toma consciência dos seus próprios interesses, e entra em oposição com os interesses da classe capitalista, também consciente dos seus. Há uma união entre os indivíduos de uma mesma classe, que plenamente lúcidos a respeito de seus interesses materiais, entram em conflito. Se a classe trabalhadora pauperizada aumenta, chega a hora em que ela constitui a massiva maioria da sociedade, dessa maneira tornando fácil a tomada do poder das mãos dos capitalistas. Como tal classe encontra-se plenamente informada sobre seus interesses, então, quando toma o poder, institui o socialismo como novo sistema de produção, ou melhor, modo de produção. Thorstein Veblen colocava no núcleo da teoria marxista da luta de classes a percepção dos interesses econômicos, e a busca, que se tornaria racional, corre em termos da luta entre as classes que têm interesses divergentes. Por isso, dizia Veblen, a teoria marxista seria do tipo utilitarista, benthamiana, hedonista.

No segundo texto sobre o assunto, *The Socialist Economics of Karl Marx and His Followers II*, o primeiro economista institucionalista explicava com maiores detalhes sua idéia sobre a teleologia, e a abordagem racionalística, da luta de classes em Marx:

No esquema marxiano de evolução dialética o desenvolvimento defendido desta maneira como algo controlado pelas exigências materiais deve, como é sustentado, proceder através do método da luta de classes. Essa luta de classes é tida como inevitável, assim como se considera inevitável sua condução para ajustes cada vez mais eficientes da habilidade humana para o uso humano em cada época revolucionária, pois quando uma grande parte da população se encontra má servida pelos atuais arranjos econômicos, ela reflete sobre a situação, une-se, e força um reajuste *mais equitativo e mais vantajoso para ela*. Enquanto as diferenças de vantagem econômica prevaleçam, haverá uma divergência de interesses entre aqueles que ocupam uma posição mais vantajosa e aqueles que ocupam uma posição menos vantajosa. *Os membros da sociedade escolherão um lado de acordo com essa linha divisória*

indicada por seus diversos interesses econômicos (VEBLEN [1907], 1994, p. 440).^{352,353}

Nesse segundo texto, Veblen ressaltava que a teoria marxiana, como ele a entendeu, representava apenas um dentre os inumeráveis, e pouco previsíveis, caminhos possíveis para o desenrolar da história.³⁵⁴ O institucionalista assinalava que aquilo entendido por Marx como consciência de classe era um hábito de pensar, um costume que os indivíduos teriam em relação às considerações acerca de seus interesses como classe.³⁵⁵ Eles poderiam muito bem compreender coletivamente que o sistema capitalista não lhes era essencialmente benéfico, todavia, também seria possível compreenderem sua natureza segundo outros hábitos de pensar. Aliás, não se poderia descartar a possibilidade de que tal entendimento fosse radicalmente diferente daquele que Marx lhes imputava. VEBLEN ([1907], 1994, p. 441) falava sobre tal alternativa:

Não há, por exemplo, garantia no esquema darwinista para asseverar *a priori* que o interesse de classe da classe trabalhadora os fará tomar uma posição contra a classe proprietária. *Seria mais provável que seu treino de*

³⁵² Grifos nossos.

³⁵³ In the marxian scheme of dialectical evolution the development which is in this way held to be controlled by the material exigencies must, it is held, proceed by the method of class struggle. This class struggle is held to be inevitable, and is held inevitably to lead at each revolutionary epoch to a more efficient adjustment of human industry to human uses, because, when a large proportion of the community find themselves ill served by the current economic arrangements, they take thought, band together, and enforce a readjustment *more equitable and more advantageous to them*. So long as the differences of economic advantage prevail, there will be a divergence of interests between those more advantageously placed and those less advantageously placed. *The members of society will take sides as this line of cleavage indicated by their several economic interests may decide.*

³⁵⁴ O que interessa aqui é como Veblen compreendeu o sistema marxiano, pois existe a divergência, ainda hoje não resolvida, sobre a teleologia no trabalho de Marx. Thorstein Veblen imputou-lhe a teleologia como característica, e é a partir desta perspectiva que a presente Tese trabalha.

³⁵⁵ Na próxima seção uma definição mais rigorosa de hábitos de pensar será dada, por agora basta entendê-los como uma maneira costumeira segundo a qual os indivíduos reagem a determinados estímulos do ambiente social.

subserviência a seus empregadores os fizessem novamente perceber a equidade e excelência do sistema estabelecido de sujeição e distribuição desigual da riqueza.^{356/357}

Outra possibilidade que Veblen começou a aventar, dadas suas observações da realidade de países da Europa, e mesmo dos Estados Unidos – relembrando que ele viveu durante o período que Eric HOBSEBAWM (1998) chamou de a Era dos Impérios – era a canalização da insatisfação das classes mais necessitadas para um tipo de nacionalismo pernicioso, belicista e preconceituoso. Ainda, dizia Veblen, havia a consideração de que a pauperização crescente levasse à conformação de uma classe tão precarizada, que seria impossível indivíduos em situação tão degradada refletirem sobre uma revolução (VEBLEN, [1907] 1994, passim).

Mas, voltando um pouco na cronologia dos textos veblenianos, não se pode deixar de notar que quando Veblen escreveu, em 1892, *Some Neglected Points in the Theory of Socialism*, no qual seu objetivo era atacar as teorias do darwinismo social de Spencer e Sumner, ele concluía que poderia surgir um sentimento de revolução na classe trabalhadora.³⁵⁸ Quando procurou rechaçar a teoria spenceriana, que dizia ser a sociedade capitalista uma evolução em relação ao feudalismo, pois enquanto este último seria baseado num sistema de *status* – com suas diferenciações entre nobreza e servos - o primeiro apoiava-se num sistema de contrato – que promovia a liberdade dos agentes individuais para aceitar ou não as condições de outra parte, numa troca, por exemplo -, Veblen disse que o capitalismo de seu tempo na verdade estava mais próximo de algo

³⁵⁶ Grifo nosso.

³⁵⁷ There is, for instance, no warrant in the Darwinian scheme of things for asserting *a priori* that the class interest of the working class will bring them to take a stand against the propertied class. *It may well be that their training in subservience to their employers will bring them again to realize the equity and excellence of the established system of subjection and unequal distribution of wealth.*

³⁵⁸ Deve-se considerar que o texto que critica Spencer inicia-se, como os que se dirigem às teorias de Marx, com aqueles elogios retóricos de que se falou anteriormente. Thorstein Veblen diz que aquele texto estava sendo escrito “no espírito de um discípulo” (de Spencer), naturalmente algo que não poderia estar mais afastado da verdade (VEBLEN [1892], 1994, p. 387).

que mesclava os dois sistemas. Destarte, considerando o sentimento de descontentamento derivado da sensação dos trabalhadores de que nunca atingiriam o mesmo *status* de seus patrões, era inevitável que houvesse o clamor que Spencer e Sumner observavam e temiam em favor do socialismo. O que os dois ultraconservadores e ultraliberais diziam ser em essência uma “inveja dos pobres em relação ao merecido sucesso dos mais ricos”, o autor escopo desta Tese via como uma natural consequência de algo inerente aos seres humanos, o instinto emulativo. Uma volição natural à admiração de seus pares, que no capitalismo daqueles tempos toma a forma da valorização da posse e do consumo de bens dispendiosos.³⁵⁹ E, mesmo que tal situação não desembocasse, necessariamente, numa revolução socialista, esta seria uma possibilidade não desprezível. Veblen chegou a concluir, nesse quadro lógico, que a propriedade privada seria a causa principal da insatisfação dos menos abastados, pois o observado no capitalismo de *fin de siècle* era uma valorização dos indivíduos de acordo com uma escala na qual a posse de bens era a unidade de medida fundamental.

Portanto, no ideário vebleniano, como pode ser inferido do exposto, não existe a negação peremptória da possibilidade de uma revolução, entretanto, isso poderia acontecer pela tomada de consciência de que Marx falava, ou a partir da percepção da falta de perspectivas dos indivíduos em termos da ascensão num sistema de *status*. Aliás, esta última possibilidade coaduna-se muito melhor com a totalidade do pensamento vebleniano. Todavia, Veblen nunca afirmou, sem aventar possíveis cenários alternativos, este, esse ou aquele fim para a situação de iniquidade social do capitalismo. Isso pode ser visto no seguinte trecho sobre a revolução baseada na revolta quanto ao *status* social: “...não é, de modo algum, o propósito deste trabalho insistir nessa inferência. O máximo que *pode ser* exigido

³⁵⁹ Sete anos depois do texto ao que se está fazendo referência, Veblen destinaria vários capítulos importantíssimos do seu primeiro e mais famoso livro, *A Teoria da Classe Ociosa*, à análise deste fenômeno e das consequências da emulação.

é que essa emulação seja uma das causas, (...), da inquietação e insatisfação existentes com as coisas como elas são.” (VEBLEN [1892], 1994, p. 398).³⁶⁰

No que foi demonstrado acima, a respeito da crítica vebleniana a Marx, fica muito clara a eleição da teleologia como principal inimiga da aceitação, por parte de Veblen, do sistema marxiano. A enumeração, ou elaboração, de cenários alternativos, como os acima arrolados, deixa justamente esta impressão. Geoffrey HODGSON (2001, p. 148), em um livro que discute precisamente as teorias da história que estariam por trás das teorias econômicas, comenta o ideário de Thorstein Veblen nos seguintes termos:

Em oposição a algumas vertentes do pensamento marxista e neoclássico, Veblen insinuou que futuros múltiplos são possíveis. Forças em equilíbrio nem sempre trazem de volta a economia para seus trilhos. A história não possui um destino pré-ordenado. Embora Veblen tivesse inclinações socialistas, ele lutou contra a idéia de uma finalidade ou consumação do desenvolvimento econômico. Variedade e causa cumulativa significam que a história não possui um “termo final”.³⁶¹

3.2.1.2. Os fisiocratas, os clássicos e o ideal da ciência econômica evolucionária

Numa seqüência de três artigos intitulados *The Preconceptions of Economic Science*, Thorstein Veblen elaborou algo como uma história do pensamento econômico que o precedeu, compreendendo as escolas de economia desde o aparecimento dos fisiocratas até a superação da economia

³⁶⁰ ...it is by no means the purpose of this paper to insist on this inference. The most that *can be* claimed is that this emulation is one of the causes, (...), of the existing unrest and dissatisfaction with things as they are.

³⁶¹ Contrary to some marxist and neoclassical thinking, Veblen hinted that multiple futures are possible. Equilibrating forces do not always pull the economy back onto a single track. History has no pre-ordained destination. Although Veblen had socialistic leanings, he argued against the idea of finality or consummation in economic development. Variety and cumulative causation mean that history has ‘no final term’.

clássica no neoclassicismo marginalista. E, assim como fez com o marxismo, Veblen pôs as idéias destas escolas sob o rótulo de pré-darwinistas. Entretanto, no que diz respeito à evolução fisiocratas-clássicos-neoclássicos ele reconheceu - e esse é um dos pontos fundamentais dos textos - uma progressão cumulativa das teorias econômicas no sentido de se afastar do aspecto essencial do paradigma pré-darwiniano, a presença de teleologia. Já em *Why Is Economics not an Evolutionary Science?*, publicado pouco antes da série acima, foram apresentados basicamente os mesmos elementos de crítica, contudo com uma maior concentração na descrição de *como deveria ser* a nova economia evolucionária.

É fundamental dizer que Veblen via esta evolução gradual para longe da teleologia como algo também inerente às outras ciências, naturais ou sociais. Aliás, ele foi veemente em diagnosticar que na economia o atraso era muito grande e, nesse sentido, indesculpável.³⁶² Já no primeiro parágrafo do texto que questionava porque a economia não era uma ciência evolucionária, VEBLEN ([1989], 1994, p. 56) exortava: “É tido como um consenso por aqueles homens envolvidos com os importantes trabalhos da antropologia, etnologia e psicologia modernas, assim como das ciências biológicas propriamente ditas, que a economia está inescapavelmente atrasada.”³⁶³

Veblen encontrava algumas outras opiniões nessa direção, ou seja, que também entendiam a ciência econômica como uma disciplina clamando por reforma. Nisso, ele cita um economista que ficou famoso por defender tais idéias: Alfred Marshall (1842-1924). Todavia, enquanto o professor britânico dedicou-se à sua conhecida síntese do classicismo e do marginalismo, trabalho sem maiores iconoclastias, Veblen partiu para a elaboração de um novo programa de pesquisa, que deveria calcar-se nos mais modernos métodos das ciências biológicas, algo pelo qual os dois pediam.

³⁶² A ciência social darwinista, por excelência, na opinião de Veblen, era a antropologia. Ele iniciou o texto do artigo de 1898 com essa afirmação.

³⁶³ It may be taken as the consensus of those men who are doing the serious work of modern anthropology, ethnology, and psychology, as well as for those in the biological sciences proper, that economics is helplessly behind the times.

Então, pergunta-se novamente, o que seria para Veblen uma ciência pré-darwinista, ou mais especializadamente, uma *ciência econômica* pré-darwinista? A resposta é que ela lidaria com fatos da realidade, assim como deveria ser com uma investigação baseada nos princípios darwinistas. Aliás, toda ciência lidaria, essencialmente, com fatos, isto é que lhe conferiria o selo de cientificidade. Trabalhar com fenômenos da realidade sensível é o mister de todos os campos científicos. A economia cogita acerca dos fatos econômicos. A fronteira definidora do “econômico”, localizada onde estiver, dirige-se, sempre, à realidade, a algo observável. A ciência, seja ela darwinista ou não, nunca deixa de apresentar uma ligação necessária com a empiria, com a experiência. Para VEBLEN ([1898], 1994, p. 58): “...a economia, também, é realista neste sentido: ela lida com fatos, (...). Entretanto, esse realismo não faz da economia uma ciência evolucionária.”³⁶⁴

Para além disso, também existiria na ciência pré-darwinista uma elaboração teórica em termos de processo, ou seja, descreve-se, sempre, uma seqüência de eventos interligados de forma causal, ou pelo menos assumidamente causais. A descrição de fatos ordenados temporalmente, fossem eles paralelos ou seqüenciais, causas ou efeitos, separados ou não, estava presente nos desenvolvimentos teóricos dos paradigmas pré-darwinistas. Isso VEBLEN ([1898] 1994, p. 59) deixava claro quando falava dos economistas clássicos: “Das conquistas realizadas pelos economistas clássicos, recentes e vivas, a ciência, com justiça, pode se sentir orgulhosa; porém, elas não estão à altura de adequar-se ao padrão evolucionista, não por falharem em oferecer uma teoria de um processo ou de uma relação em desenvolvimento, mas ao conceberem suas teorias em termos estranhos aos hábitos de pensamento evolucionistas.”³⁶⁵

³⁶⁴ ...economics, too, is realistic in this sense: it deals with facts, (...). But this ‘realism’ does not make economics an evolutionary science.

³⁶⁵ Of the achievements of the classical economists, recent and living, the science may justly be proud; but they fall short of the evolutionist’s standard of adequacy, *not in failing to offer a theory of a process or of a developmental relation*, but through conceiving their theory in terms alien to the evolutionist’s habit of thought.

A segunda questão, portanto, seria: onde estaria a grande diferença entre a ciência darwinista e a pré-darwinista? Como deve ter ficado claro anteriormente, estaria na recusa do darwinismo da teleologia:

Para os primeiros cientistas naturais, assim como para os economistas clássicos, esse fundamento de causa e efeito não é definitivo. Seu senso de verdade e substancialidade não é satisfeito com a formulação de uma seqüência mecânica. O último termo em sua sistematização de conhecimento é uma “lei natural”. Tem-se a impressão de que essa lei natural exercita um tipo de vigilância coerciva sobre a seqüência de eventos, dando estabilidade espiritual e consistência à relação causal em qualquer situação dada. Para conhecer a alta exigência clássica, uma seqüência – e um processo desenvolvimentista principalmente – deve ser apreendida em termos de uma propensão consistente, tendente a algum fim espiritual legítimo. Quando fatos e eventos são reduzidos a esses termos de verdade fundamental e enquadrados nas exigências de uma normalidade definitiva, o investigador se dá por satisfeito (VEBLEN, [1898], 1994, p. 61).³⁶⁶

Toda esta teleologia das formulações científicas tem, para Veblen, fonte contextual. São hábitos de pensamento, ou em outras palavras, um modo costumeiro de se fazer pesquisa científica, incrustado e favorecido pelas circunstâncias. O ambiente tecnológico, principalmente, e os contextos político, social e religioso, são exemplos dos condicionantes dos hábitos de pensamento – mas não só, ainda existiriam os instintos, como será explicado adiante. Assim, dentro disso, e como a história se faz de maneira gradativa, Veblen identificou a

³⁶⁶ For the earlier natural scientists, as for the classical economists, this ground of cause and effect is not definitive. Their sense of truth and substantiality is not satisfied with a formulation of mechanical sequence. The ultimate term in their systematisation of knowledge is a “natural law”. This natural law is felt to exercise some sort of a coercive surveillance over the sequence of events, and to give a spiritual stability and consistence to the causal relation at any given juncture. To meet the high classical requirement, a sequence – and a developmental process especially – must be apprehended in terms of a consistent propensity tending to some spiritual legitimate end. When facts and events have been reduced to these terms of fundamental truth and have been made to square with the requirements of definitive normality, the investigator rests his case.

evolução pouco a pouco em direção à abolição dos traços mais grosseiros de teleologia, contidos em todas as teorias econômicas pré-darwinianas.^{367/368}

Thorstein Veblen constatava que esta inclinação teleológica da ciência tinha raízes profundas em uma forma de agir há muito presente na sociedade: o animismo. A imputação animística, em Veblen, é o hábito humano de entender as coisas do mundo através da adjudicação de finalidades àqueles objetos que não as teriam por si mesmos. Nesse sentido, os homens primitivos compreendiam o dia e a noite como lutas ou namoros entre a lua e o sol, entendiam a chuva como dádiva divina pela execução de uma dança e faziam sobre as intempéries as mais diversas interpretações. E, ainda que esta tenha sido a maneira humana predominante no entender dos fatos em tempos extremamente remotos, ela continuou sendo utilizada por muito tempo, e ainda continuava sendo, resistindo a desaparecer senão de maneira muito vagarosa e gradual.

Os fisiocratas são emblemáticos desta tendência na economia. Foram o primeiro grupo a dedicar-se propriamente aos fatos de natureza destacadamente econômica, e dentre os influenciadores dos clássicos, aqueles que mostraram o aspecto animístico-teleológico em sua faceta mais pura. Escreveu VEBLEN ([1899] 1994, p. 87) sobre isso:

A economia fisiocrata é uma teoria do funcionamento da Lei da Natureza (*loi naturelle*) em seu aspecto econômico, e essa Teoria da Natureza é uma matéria muito simples.

³⁶⁷ Não é possível deixar passar o assinalamento de que em Veblen, mais de meio século antes, estão contidas noções daquela filosofia da ciência que teria fama com o trabalho de Thomas Kuhn (1922-1996), *A Estrutura das Revoluções Científicas*, publicado pela primeira vez na década de 1960.

³⁶⁸ A evolução do pensamento científico em economia, desde desenvolvimentos mais vulgarmente teleológicos para argumentos que cada vez mais se afastam disso, foi reconhecida, por Thorstein Veblen, também no programa de pesquisa marxista. Vide seu comentário sobre os reformistas em *The Socialist Economics of Karl Marx and his Followers II* (VEBLEN, [1907] 1994, p. 447-ss.).

O curso estabelecido dos fatos materiais tendendo beneficentemente ao mais alto bem estar da raça humana, este é o termo final das especulações fisiocratas. Esta é a pedra de toque da sua substância.³⁶⁹

O otimismo do pensamento fisiocrático seria do tipo animístico mais inocente, fica bem à mostra, porque dá à natureza uma perfectibilidade clara e explícita. Confere um modo de ser ao todo da natureza, como se houvesse uma “natureza da natureza”, assim como deveria haver uma natureza humana. O homem tenta quebrar o passo seguro das coisas em direção ao seu bem-estar maior, mas, mesmo que tente com afinco, inadvertida ou deliberadamente, ele nunca conseguiria superar a essência do todo, benevolente e inevitável em sua *telesis*. O fim máximo estaria como que revestindo tudo, os seres em geral, vivos ou não. A ciência, para os *economistes*, teria por papel desvendar as formas sob as quais tal caminho providencial se desenrola, e sua utilidade está em justamente proporcionar aos homens a inevitabilidade do fim último.

A economia seria a ciência que considerava a Lei Natural do ponto de vista da vida material, das relações sociais que orbitam a ordem material do mundo. Desse modo, o que é vital para o homem é sua sobrevivência física, mormente sua nutrição. Os processos que contribuem para o bem-estar crescente da humanidade no que tange ao suprimento das necessidades básicas, dentre as quais o alimento é o bem maior, nucleia a ciência econômica fisiocrática. É este padrão que fornece aos economistas desta antiga tendência o critério de valoração científica. Nasce daí a teoria fisiocrática do trabalho produtivo. Em VEBLEN ([1899] 1994, p. 91) isso está colocado da seguinte maneira:

³⁶⁹ Physiocratic economics is a theory of the working-out of the Law of Nature (*loi naturelle*) in its economic bearing, and this Law of Nature is a very simple matter.

The settled course of material facts tending beneficently to the highest welfare of the human race, this is the final term in the Physiocratic speculations. This is the touchstone of substantiality.

De acordo com isso, o engenho humano é produtivo, em termos econômicos, caso eleve a eficácia dos processos naturais dos quais emerge o sustento humano; do contrário não. O teste de produtividade, da realidade econômica em fatos materiais, é o acréscimo do material nutritivo. Qualquer que seja o tempo de esforço empregado, ele será improdutivo caso não traga um aumento deste material, isso a despeito do quão lucrativo ele possa ser à pessoa empregada, e a despeito do quão útil ou indispensável possa ser à comunidade.³⁷⁰

Seria, portanto, de um entendimento da natureza como inerentemente teleológica e benéfica, e de considerações animísticas acerca da vida material, que resulta o *Tableau* no qual a agricultura é fonte da riqueza. A questão da valoração dos bens se transmuta na questão de quanto ele contribui para aquele objetivo maior da natureza, que dentro do escopo da economia é a nutrição do homem.

Veblen identificava na fisiocracia a visão deísta de Providência. Ela iniciaria e daria o sentido geral da “natureza das coisas” - para usar a querida expressão dos iluministas - mas se absteria do controle do desenvolvimento. Bastava ter conferido um sentido geral ao todo. Estas nuances da era das luzes vem bem ao encontro da metodologia vebleniana, que entende a ciência como expressão dos hábitos de pensar de um tempo. Dizia ele: “Para este propósito será suficiente apontar que o preconceito em questão pertence à geração na qual viveram os fisiocratas, e que esta é a norma orientadora de todo pensamento relevante que encontra uma pronta assimilação na visão do senso comum daquele tempo (VEBLEN [1899], 1994, p. 95).”³⁷¹

³⁷⁰ Accordingly, human industry is productive, economically speaking, if it heightens the effectiveness of the natural processes out of which the material of human sustenance emerges; otherwise not. The test of productivity, of economic reality in material facts, is the increase of the nutritive material. Whatever employment of time effort does not afford an increase of such material is unproductive, however profitable it may be to the person employed and however useful or indispensable it may be to the community.

³⁷¹ For this purpose it may be sufficient to point out that the preconception in question belongs to the generation in which the Physiocrats lived, and that it is the guiding norm of all serious thought that found ready assimilation into the common-sense views of that time.

Passando para os economistas clássicos, especialmente na figura de Adam Smith (1723-1790), Veblen notava uma evolução na direção do desenvolvimento de um animismo de mais alto nível. Ele percebeu no escocês um distanciamento daquelas elucubrações animísticas mais incipientes, pois identificava uma maior permissividade à participação de distúrbios da ordem natural das coisas. Em Smith, os desvios do caminho certo seriam mais abundantes. O britânico recorreu mais à experiência, aos fatos tal como se apresentavam. Os pontos de contato da teoria com a realidade observável eram mais abundantes. Em *A Riqueza das Nações* há um método de indução combinada com a dedução tão caracteristicamente pré-darwiniana. Assim, enquanto os fisiocratas ligavam sua teoria à realidade observável no início e no fim dos processos, Smith permitia-se ir ao real em pontos diversos da uma sequência processual.

Há, evidentemente, certa avença entre fisiocratas e Smith no que diz respeito à existência de um sentido geral, ao qual tenderiam os fenômenos econômicos. Contudo, existe uma divergência fundamental em relação ao objeto de imputação dos princípios teleológicos. Estaria aí, justamente, o avanço de Smith em relação aos franceses. Nos fisiocratas é a própria natureza que encarna a tendência inescrutável. Smith, muito mais próximo da teoria que seria elaborada por Veblen, foca nos seres humanos quando tenciona demonstrar a *telesis* econômica. Veja-se a explicação nos termos do próprio autor da crítica (VEBLEN, [1899] 1994, p. 115):

Na afirmação de que os homens são “conduzidos por uma mão invisível”, Smith não recorre a uma Providência interventora que ordena as relações humanas quando elas sofrem o risco de se desviarem. Ele concebe o Criador como sendo muito providente em termos de interferência no curso natural das coisas. O Criador estabeleceu a ordem natural para servir aos fins do bem estar humano; e ele ajustou muito bem as causas eficientes contidas na ordem natural para este trabalho que deveriam realizar, *incluindo os objetivos e motivos humanos*. A direção da mão invisível toma lugar não através da interposição, mas através de um esquema

compreensivo de operações estabelecidas desde o princípio. *Para o propósito da teoria econômica, o homem é concebido para ser consistentemente auto-interessado. Mas, esse homem econômico é uma parte do mecanismo da natureza, e seu tráfico auto-interessado não passa de um meio, no curso natural das coisas, no qual o bem estar geral funciona.*^{372/ 373}

Seria através do homem que a natureza se conformaria ao fim último benevolente. Dessarte, os contatos da teoria smithiana com a realidade e o papel do ser humano a tornam mais afastada do animismo. A teoria do valor de Smith é fulcrada não em objetos inanimados que ganham um valor sobremedido, mas no fazer do homem, o trabalho. E, quando o escocês separava o preço natural, o valor, do fenômeno observável preço de mercado, revelava uma preocupação com o contato entre a realidade e a teoria. Novamente em VEBLEN ([1898] 1994, p. 119):

O preço “real” das mercadorias é seu valor em termos da vida humana. Neste ponto Smith se diferencia dos fisiocratas, para os quais os últimos termos de valor são fornecidos pelo sustento humano como um produto do funcionamento da natureza bruta; sendo a causa da diferença a ordem natural concebida pelos fisiocratas, a qual funciona rumo ao bem-estar humano como algo que compreende somente o ambiente não-humano, enquanto Adam Smith inclui o homem em seu conceito de ordem natural, fazendo dele, de fato, a figura central do processo de produção. Com os

³⁷² Grifo nosso.

³⁷³ In the proposition that men are “led by an invisible hand”, Smith does not fall back on a meddling Providence who is to set human affairs straight when they are in danger of going askew. He conceives the Creator to be very continent in the matter of interference with the natural course of things. The Creator has established the natural order to serve the ends of human welfare; and he has very nicely adjusted the efficient causes comprised in the natural order, including human aims and motives, to this work that they are to accomplish. The guidance of the invisible hand takes place not by way of interposition, but through a comprehensive scheme of contrivances established from the beginning. *For the purpose of economic theory, man is conceived to be consistently self-seeking; but this economic man is a part of the mechanism of nature, and his self-seeking traffic is but a means whereby, in the natural course of things, the general welfare is worked out.*

fisiocratas, a produção se torna trabalho da natureza; com Adam Smith, é o trabalho do homem e da natureza, tendo o homem como pano de fundo.³⁷⁴

As diferenças entre as formulações smithianas e fisiocráticas, para Veblen, são resultantes das diferenças nos contextos britânico e francês. Ele escreveu: “O esquema de pensamento ou de conhecimento é em boa parte uma reverberação de um esquema de vida.” (VEBLEN, [1899] 1994, p. 105).³⁷⁵ Thorstein Veblen aventava a hipótese de que as dotações raciais (*racial endowments*) possam ser responsáveis pelas alteridades. Contudo, entendendo que não há grande variação neste sentido entre os ilhéus e os continentais, ele acabava por responsabilizar o contexto histórico-ambiental, ainda que diga ser uma possibilidade a identificação das diferenças através do desvelo de um processo cumulativo originário das (pequenas) diferenças raciais. Aqui, é importante que se diga, Veblen não se afasta tanto de cientistas sociais da sua época que entendiam haver diferenças raciais afetando o padrão de comportamento gregário. No entanto, nesse ponto particular, admitindo que as raças não se dividiam a partir de fronteiras nacionais, como queriam alguns, ele dizia ser necessário olhar para as causas mais próximas, para as circunstâncias conjunturais (VEBLEN, [1899] 1994, p. 98-99).

Thorstein Veblen, então, buscava investigar a existência e a relação entre os dois preconceitos científicos típicos da França e das ilhas Britânicas. Sempre presente no formular humano de teorias e explicações estariam o animismo, do qual já se falou, e o preconceito que ele chama de “*matter-of-fact*”. Uma maneira “prosaica” de investigar, de olhar o mundo, descomprometida e despida de

³⁷⁴ The “real” price of commodities is their value in terms of human life. At this point Smith differs from the Physiocrats, with whom the ultimate terms of value are afforded by human sustenance taken as a product of the functioning of brute nature; the cause of the difference being that the Physiocrats conceived the natural order which works towards the material well-being of man to comprise the non-human environment only, whereas Adam Smith includes man in this concept of the natural order, and, indeed, makes him the central figure in the process of production. With the Physiocrats, production is the work of nature; with Adam Smith, it is the work of man and nature, with man in the foreground.

³⁷⁵ The scheme of thought or of knowledge is in good part a reverberation of the scheme of life.

preconceitos. Aqui, tal expressão será traduzida, ainda que se deva considerar a liberalidade com que isso é feito, como a inclinação *materialmente factual*. Esta seria a propensão dos seres humanos em observar os fatos da realidade sem envolvimento emocional, sem idiossincrasias pessoais, sem imputação de valores. Os desenvolvimentos científicos pré-darwinistas flutuariam num *continuum* entre estes dois preconceitos. A fisiocracia estaria mais para o lado animista, enquanto os clássicos se colocariam mais afastados, pendendo para o lado materialmente factual. Assim sendo, Smith e os clássicos britânicos representariam uma fase posterior da ciência econômica, não por razões cronológicas, mas pela própria natureza das suas construções teóricas.

Isso, como já foi dito acima, seria resultado dos contextos nos quais as teorias foram elaboradas. Veblen não se cansava, ao longo de toda sua obra, de ressaltar que é a tecnologia industrial, o maquinário, a inclinação da vida industrial os principais estímulos da predominância do preconceito materialmente factual sobre o animismo. Dizia o institucionalista:

Alguns recursos apreciáveis ao ultimo método de conhecimento [o materialmente factual] são inevitáveis em qualquer estágio cultural, pois são indispensáveis a qualquer tipo de eficiência industrial. (...). A isso deve seguir que, de um modo geral, quanto mais avançada a cultura, maior a porção de preconceitos mecânicos na formação do pensamento e conhecimento humano, visto que, de um modo geral, o estágio de cultura atingido depende da eficiência da indústria (VEBLEN, [1899] 1994, p. 104).³⁷⁶

A Inglaterra, nesse sentido, deveria ser culturalmente superior à França. Berço da revolução industrial, acontecida durante os anos de formação do ideário

³⁷⁶ Some appreciable resort to the latter method of knowledge [the matter-of-fact] is unavoidable at any cultural stage, for it is indispensable to all industrial efficiency. (...). It should therefore follow that, in a general way, the higher the culture, the greater the share of the mechanical preconception in shaping human thought and knowledge, since, in general way, the stage of culture attained depends on the efficiency of industry.

de Adam Smith, as ilhas conseguiram promover uma ciência econômica de mais alto nível. Ressalte-se: o mais alto nível, em Veblen, é julgado pelo grau em que as formulações teóricas distanciam-se do animismo, ou mais especificamente, são menos teleológicas. Dentro disso, os franceses viviam numa sociedade que dava mais importância aos cerimoniais, aos hábitos sem relação direta com a eficiência industrial, econômica. Os sistemas de *status*, na França, tinham alto apelo no ideário popular em geral. Thorstein Veblen não chegou a dizer, peremptoriamente, que a revolução industrial seria derivada desse caráter britânico mais afeito à eficiência, menos apegado às pessoalidades, às observâncias cerimoniais, mas isso está colocado, embora implicitamente, em seus textos. Ele comentou: “O sujeito britânico deve obediência antes a uma lei impessoal do que a seu superior. Relativamente, pode ser dito que a noção de *status* como um fator coercivo estava em desuso na comunidade britânica.” (VEBLEN, [1899] 1994, p. 111).³⁷⁷

Para Veblen, o filósofo que traduziu de maneira mais forte a inclinação britânica para o materialmente factual foi David Hume (1711-1776). Dizia o norte-americano que ele foi mais longe do qualquer outro homem daqueles tempos, no sentido de que ultrapassou as circunstâncias de seu contexto. Este filósofo teria, portanto, exigido um apego à consideração impessoal dos fatos, algo que estava fora de cogitação no século XVIII. O famoso ceticismo de Hume foi admirado e bastante elogiado por VEBLEN ([1899] 1994, p. 97):

Ele insiste, em qualquer circunstância, numa demonstração das causas eficientes envolvidas em qualquer seqüência de fenômenos; e ele é cético – um cético irreverente – quanto à necessidade ou uso de qualquer formulação de conhecimento que ultrapasse o alcance de seu próprio argumento materialmente factual, construído passo a passo da causa ao efeito.

³⁷⁷ The British subject owned allegiance to an impersonal law rather than to the person of a superior. Relatively, it may be said that the sense of status, as a coercive factor, was in abeyance in the British community.

Em resumo, ele é muito moderno para ser totalmente inteligível àqueles seus contemporâneos cuja maior parte se coloca sistematicamente em seu próprio tempo. Ele “desbritaniza” os britânicos; e em sua peregrinação penosa por uma explicação perfeitamente intelegível das coisas ele encontra pouco conforto e, de fato, escassa recepção nas mãos de sua geração. Ele não seria ingênuo o bastante para estar em consonância com a gama de preconceitos então em voga.³⁷⁸

Uma ciência como queria Hume teria que esperar a segunda metade do século XIX, até as pesquisas de Charles Darwin e o lançamento do *The Origins of Species by Means of Natural Selection*, no final de 1859. Isso não quer dizer que a ciência não tenha avançado neste ínterim. Em se falando de economia política, Thorstein Veblen encarava o marginalismo e o historicismo alemão, este especialmente na sua vertente mais moderna, sob o trabalho de Gustav Schmoller (1838-1917), como os últimos passos antes do advento da ciência econômica darwinista, evolucionária.

3.2.1.3. Os economistas neoclássicos: o erro na concepção da natureza humana

É impressionante a sobrevivência de um dos trechos mais iluminados dos escritos de Thorstein VEBLEN ([1898] 1994, p. 73). As palavras a seguir talvez sejam uma das críticas mais citadas de todos os tempos em relação ao programa de pesquisa neoclássico e, para ficar apenas em três livros utilizados neste

³⁷⁸ He insists, in season and out of season, on a exhibition of the efficient causes engaged in any sequence of phenomena; and He is skeptical – irreverently skeptical – as to the need or the use of any formulation of knowledge that outruns the reach of his own matter-of-fact, step by step argument from cause to effect.

In short, he is too modern to be wholly intelligible to those of his contemporaries who are most neatly abreast of their time. *He out-Britishes the British*; and in his footsore quest for a perfectly tame explanation of things, he finds little confort, and indeed scant courtesy, at the hands of his own generation. He is not sufficiently naïve accord with the range of preconceptions then in vogue.

capítulo, é preciso dizer que tal excerto se encontra nos três (DOWD, 2000, p. 66; DIGGINS, 1999, p. 50; HODGSON, 2001, p.145):

A concepção hedonista do homem é aquela de um rápido calculador de prazeres e dores, que oscila como um glóbulo homogêneo de desejo de felicidade sob o impulso de estímulos que o deslocam de lugar, mas o *deixam intacto*.³⁷⁹ Não há nada que o anteceda e tampouco que o suceda. Ele é um dado humano isolado, definitivo, em equilíbrio estável exceto pela fustigação das forças que o deslocam de uma direção para outra. Auto-imposto no espaço elemental, ele gira simetricamente sobre seu próprio eixo espiritual até o paralelograma de forças sobrecarregá-lo, por onde ele segue a linha da resultante. Quando a força do impacto é gasta, ele descansa, um glóbulo de desejos autocontido como antes. Espiritualmente, o homem hedonista não é um movimentador primeiro.³⁸⁰

Além da força do argumento, o texto exhibe no seu máximo a retórica vebleniana que impressionava tanto seus pares economistas. Possivelmente boa parte da literatura que procura desconstruir, no sentido crítico, o paradigma neoclássico, parte de uma concepção como a que ficou marcada nesse excerto de *Why is Economics not an Evolutionary Science?*

³⁷⁹ Grifo nosso. Este comentário é fundamental. A afetação do ambiente na direção do indivíduo é um dos maiores argumentos de Veblen, seja através da hereditariedade da habitação, seja pelo condicionamento e permissividade ao afloramento de inclinações naturais. Isso ficará mais claro adiante, na próxima seção, no entanto não se pode deixar de marcar fortemente isto desde já, tal a importância do assunto. Thorstein Veblen também parece ter antecipado a formulação de Spiro LATSIS (1972), a respeito do determinismo situacional na economia marginalista. A semelhança entre este trecho de Veblen e a tese de Latsis é notável.

³⁸⁰ The hedonistic conception of man is that of a lightning calculator of pleasures and pains, who oscillates like a homogeneous globule of desire of happiness under the impulse of stimuli that shift him about the area, *but leave him intact*. e has neither antecedent nor consequent. He is an isolated, definitive human datum, in stable equilibrium except for the buffets of the impinging forces that displace him in one direction or another. Self-imposed in elemental space, he spins symmetrically about his own spiritual axis until the parallelogram of forces bears down upon him, whereupon he follows the line of the resultant. When the force of impact is spent, he comes to rest, a self-contained globule of desires as before. Spiritually the hedonistic man is not a prime mover.

Para Veblen, sem dúvida, o trabalho dos marginalistas significava uma evolução em relação ao de Adam Smith. Dizia o primeiro institucionalista norte-americano que a teoria utilitarista era, primordialmente, uma teoria do valor (VEBLEN, [1899] 1994, p. 132). Nessa nova concepção teórica do valor é notável, segundo o intérprete institucionalista, a superação que o trio Menger-Walras-Jevons representou em relação à economia política apresentada em *A Riqueza das Nações*. Thorstein Veblen assinalava que em Smith o valor era considerado do ponto de vista da produção, por sua vez, nos marginalistas, a produção era discutida a partir do ponto de vista do valor (VEBLEN, [1899] 1994, p. 132). Quando os propositores do valor utilidade fizeram esta inversão, estavam na realidade colocando o mercado, e as valorações dos bens que se realizam no âmbito de tal instituição, no centro da discussão econômica. Pondo a oferta e a demanda no cerne, os economistas deste novo paradigma aumentavam o contato da economia, como disciplina científica, com a realidade. Olhavam, portanto, para o mecanismo de mercado ao conferir valor às mercadorias. O valor, que para Smith e outros clássicos era considerado em termos do trabalho despendido na produção das mercadorias, nos utilitaristas aparecia como um fenômeno muito mais palpável. O mundo sendo considerado a partir da relação entre os homens e a natureza bruta - o que ocorria na teoria que focava na produção - estaria muito mais afastado da realidade sensível do que aquele decorrente das relações de trocas, onde, supostamente, as relações econômicas se dariam apenas entre homens.

Veblen notava que fora a absorção da ética contida nos trabalhos de Jeremy Bentham (1748-1832) o grande catalisador da instauração da teoria do valor utilidade. Mas, tal só pôde acontecer porque durante o século XIX processou-se uma mudança radical na ordem econômica e social. Espalhou-se a noção de ganho pecuniário, que pouco a pouco suplantou a eficiência industrial como marca da valoração das ações humanas. Foi o caso de uma revolução de valores. Mais detalhadamente, isto significou que pouco a pouco a sociedade capitalista passou a valorizar mais as “coisas do mundo” em termos do que se lucrava com elas. Isto, para Veblen, foi justamente a marca da sociedade que permitiu a aplicação da ética benthamiana à ciência econômica.

Em síntese, se nos fisiocratas e em Smith a economia política estava mais afastada da realidade palpável, e continha um grau maior de *telesis* em consequência disso, nos marginalistas a ciência econômica passaria a apresentar maior contato com o observável, ao mesmo tempo em que refletiria uma organização social diferente, na qual substituiu-se, em certo grau, a funcionalidade eficiente pelo ganho pecuniário. Os marginalistas perceberam que as escolhas humanas, ainda que a partir do mesmo substrato, são variáveis, de indivíduo para indivíduo e, especialmente, segundo VEBLEN ([1900] 1994, p. 153), de classe para classe. Assim, sua economia política parte para a afirmação de que a valoração econômica não teria lugar a partir da órbita do custo de produção, mas sim das demandas recíprocas. Implicitamente, é claro, o utilitarismo seria a economia política da legitimação das trocas presumidamente voluntárias como mecanismo econômico por excelência. A cisão da sociedade em classes, diferenciadas pecuniariamente, seria legítima caso fosse resultado da interação dos agentes econômicos no mercado competitivo.

Contudo, mais do que o dito acima, para os utilitaristas, ao introjetarem em suas elucubrações teóricas a ética benthamiana, a ciência passaria a ver como fim substancial da atividade econômica o ganho individual, ao invés da satisfação do bem-estar comunitário. Este seria subsidiário àquele, pura consequência da soma dos bem-estares individuais. Deste modo, para Veblen, eles teriam dado um passo afastando-se da teleologia. Entretanto, ao mesmo tempo, não poderiam deixar de construir sua teoria das trocas de maneira tal que os interesses individuais se rearmonizassem, levando sua ciência econômica a não resultar na guerra de todos contra todos. Para tanto, supuseram, *prima facie*, uma natureza humana fixa e pré-determinada, a qual seria a grande responsável pela caminhada certa da teoria rumo à harmonização de interesses. Mais ainda, a teoria marginalista, ao entender a sociedade como a soma de indivíduos, permitiria que se pensasse o bem-estar comum a partir da gramática da adição das satisfações singulares, individualizadas. É a partir disso que Veblen compreendia o utilitarismo como a ciência econômica da sociedade do ganho pecuniário. Nas suas palavras, e em vários momentos:

E nas teorias utilitaristas de produção, que surgem a partir do ponto de vista dado pelo valor de troca, a condutividade ao bem estar não é o ponto objetivo do argumento. Tal ponto objetivo reside antes na relação dos empreendimentos produtivos sobre as fortunas individuais dos agentes envolvidos, ou sobre as fortunas das diversas classes distintas de beneficiários compreendidas na comunidade industrial. (VEBLEN, [1899] 1994, p. 136).

(...)

A seqüência causal sobre a qual se funda a discussão é um processo de avaliação pecuniária. Ela ocorre sobre a distribuição, propriedade, aquisição, ganho, investimento, troca (VEBLEN, [1899] 1994, p. 137-138).

(...)

Isso é como deve ser; para o hedonista convicto a única força motivadora que interessa ao processo industrial é o motivo auto-centrado do ganho pecuniário, e a atividade industrial nada é senão um termo intermediário entre a despesa e o desconforto sofridos e o ganho pecuniário procurado (VEBLEN, [1899] 1994, p. 138).

(...)

Na teoria hedonista o fim substancial da vida econômica é o ganho individual; e para este fim, produção e aquisição devem ser tomadas como exatamente coincidentes, senão idênticas. Além disso, a sociedade, na filosofia utilitarista, é a soma algébrica dos indivíduos; e o interesse da sociedade é a soma dos interesses dos indivíduos (VEBLEN, [1899] 1994, p. 139).³⁸¹

³⁸¹ And in the utilitarian theories of production, arrived at from the standpoint so given by exchange value, the conduciveness to welfare is not the objective point of the argument. This objective point is rather the bearing of productive enterprise upon the *individual fortunes* of the agents engaged, or upon the fortunes of the several distinguishable classes of beneficiaries comprised in the industrial community. (...)The causal sequence about which the discussion centers is a process of pecuniary valuation. It runs on distribution, ownership, acquisition, gain, investment, exchange. (...)This is as it should be; for the consistent hedonist the sole motive force concerned in the industrial process is the self-regarding motive of pecuniary gain, and industrial activity is but an intermediate term between the expenditure or discomfort undergone and the pecuniary gain sought. (...)In the hedonistic theory the substantial end of economic life is individual gain; and for this purpose production and acquisition may be taken as fairly coincident, if not identical. Moreover, society, in the utilitarian philosophy, is the algebraic sum of the individuals; and the interest of the society is the sum of the interests of the individuals.

Ainda exemplificativamente, para Veblen, num assunto mais pontual, tal como a taxa de juros, a natureza humana suposta pelos utilitaristas seria válida, em parte, e tão somente, no contexto da sociedade pecuniária. Quando comentou a teoria de Fisher sobre as taxas de juros, ele criticou a tese de ser, esta variável econômica, resultado de uma inclinação humana atemporal, a de valorizar mais os bens no presente do que no futuro.³⁸² Thorstein Veblen trouxe à baila sua insistência na especificidade histórica, dizendo que tal propensão, tomada como inerente ao homem pelos neoclássicos, era saldo do condicionamento que as instituições provocam sobre as inclinações latentes dos seres humanos. A principal instituição responsável pelo afloramento da taxa de desconto temporal, tal como concebida por Fisher, seria a propriedade privada. Taxas de juros não fazem sentido em sociedades sem este tipo de instituição. “Juro é um conceito pecuniário destituído de validade (...) fora das relações pecuniárias da comunidade de negócios, e para construí-lo em outros termos, presumidamente mais elementares, é preciso (des)explicá-lo, dissolvendo-o em elementos dos quais é remotamente derivado, ou aos quais se presume que seja remotamente relacionado.” (VEBLEN, [1909] 1994b, p. 144).³⁸³

A natureza humana suposta pelos neoclássicos seria a principal fonte da teleologia de suas teorias, e Veblen concentrava justamente nesse ponto sua crítica. Esta, portanto, era a principal explicação do fracasso dos utilitaristas na superação da economia pré-darwiniana de Smith e dos clássicos (VEBLEN, [1898] 1994, p. 73). O que Thorstein Veblen exigia era, exatamente, aquilo que ele buscava em sua formulação teórica: recusar a tese da natureza humana hedonista investigando as determinações mais essenciais do comportamento humano.

³⁸² Este parágrafo baseia-se em *Fisher's Rate of Interest*, texto crítico sobre o livro de seu colega Irving Fisher lançado em 1908, *The Rate of Interest: its nature, determination and relation to economic phenomena*.

³⁸³ Interest is a pecuniary concept having no validity (...) outside of the pecuniary relations of the business community, and to construe it in other, presumably more elementary, terms is to explain it away by dissolving it into the elements out of which it is remotely derived, or rather to which it is presumed to be remotely related.

DIGGINS (1999, p. 51) coloca de maneira muito esclarecedora qual era a grande dificuldade dos marginalistas para superar o pré-darwinismo, de acordo com Veblen: “Tentar sistematizar o desejo e o desconforto equivalia a tentar eliminar o elemento humano da economia, era permitir que o modelo absorvesse o homem. Essa foi a crítica mais severa de Veblen.”³⁸⁴ Seria inadmissível que se considerasse o comportamento humano como estático, natural, uma vez que ele, sobretudo, é uma categoria institucional, habitual, senão em sua totalidade, numa grande parte:

...seria mera distração qualquer estudo da civilização que admitisse que essas ou outras instituições são dotadas da estabilidade hoje a elas imputada, ou que elas são de tal modo intrínsecas à natureza das coisas. A aceitação pelos economistas desses ou de outros elementos institucionais como algo dado e imutável limita seu questionamento de um modo particular e decisivo. Tal fato encerra o questionamento no ponto onde o interesse da ciência moderna surge (VEBLEN, [1909] 1994, p. 135-136).³⁸⁵

As leis que regem dinamicamente o comportamento humano é que deveriam ser investigadas, evitando-se assim a *telesis* no ideário neoclássico. O raciocínio, estabelecida a premissa do comportamento humano *a priori*, em termos daquilo que se chamou de razão suficiente, dar-se-ia por *dedução*, o que levaria, necessariamente, ao fim já implícito nos axiomas iniciais. Investigar mais a fundo as inclinações humanas e os hábitos resultantes da interação homem – investido de propensões – *versus* ambiente social histórico seria o mister máximo da ciência econômica, para Veblen. Se isso pudesse ser feito sem imputar

³⁸⁴ To try to systematize desire and discomfort was to try to eliminate the human element from economics, to allow the model to absorb the man. This was Veblen's severest criticism.

³⁸⁵ ...it would be mere absentmindedness any student of civilization therefore to admit that these or any other human institutions have this stability which is currently imputed to them or that they are in this way intrinsic to the nature of things. The acceptance by economists of these or other institutional elements as given and immutable limits their inquiry in a particular and decisive way. It shuts off the inquiry at the point where the modern science interest sets in.

finalidades às seqüências de eventos desvendadas pelos economistas, em termos de causa e efeito, ter-se-ia uma economia política pós-darwiniana.

Se o que foi exposto acima constitui o âmago da crítica vebleniana ao paradigma neoclássico, deve-se, ainda, anotar a desavença de Veblen com relação à teoria marginalista da distribuição. Como se sabe, os marginalistas sustentam que cada fator de produção recebe a remuneração equivalente à sua contribuição relativa na formação do produto total. Thorstein Veblen procurou descortinar algo que estaria por trás desta idéia. Ele pedia atenção para o que Clark chamava de remuneração *natural* dos fatores de produção. Nesse sentido, o salário refletiria exatamente a contribuição *natural* do fator trabalho no produto total. E nisso, o que mais incomodava Veblen era o fato de que os marginalistas, então assumindo uma situação irreal de livre competição e consequentemente de simetria de poder – o que Clark chamava de estado estático – acabavam convertendo sua teoria do valor numa “teoria” da justiça distributiva. Partiam de uma natureza humana pré-concebida e chegavam a teoremas que, na verdade, não passavam de conclusões de caráter eminentemente normativo, mesmo que negassem com veemência tal fato.

Veblen ainda foi capaz de estabelecer uma crítica de certo modo interna ao paradigma neoclássico, pois negava a possibilidade de se comparar em termos de bens a desutilidade do trabalho e a utilidade de uma determinada cesta de bens. Sem estender aqui um assunto que acabou gerando inúmeras críticas e revisões dos neoclássicos, o que Veblen argumentava dizia respeito à necessidade de uma homogeneidade idealmente exagerada entre indivíduos. O autor de *A Teoria da Classe Ociosa*, de maneira um pouco precipitada, chegou a dizer que para o pleno funcionamento da teoria neoclássica da distribuição, deveria existir uma continuidade de “tecido nervoso” entre os produtores e os consumidores (VEBLEN, [1908] 1994, p. 204).

Naquele tempo os marginalistas estavam se tornando o que são hoje, a escola de pensamento dominante. E, mesmo com o pequeno interregno de predomínio dos institucionalistas - o que aconteceu só nos Estados Unidos - os

neoclássicos iriam se estabelecer como *mainstream* da disciplina. O que Thorstein Veblen escreveu sobre eles, de maneira incisivamente crítica, ainda que tenha vindo à tona durante a época formativa do pensamento marginalista, até hoje faz muito sentido, especialmente aquilo que foi dito com relação à rigidez com que se concebia a natureza humana hedonista. Aliás, ainda que isto esteja longe de ser admitido, pode-se pensar que o advento de teorias como a da racionalidade limitada de Herbert Simon (1916-2001), bem como da economia evolucionária de Richard Nelson e Sidney Winter são desdobramentos de idéias para as quais Veblen chamava a atenção quase um século antes.³⁸⁶ Como sintetizou MONASTÉRIO (2005, p. 7), utilizando a linguagem dos próprios neoclássicos: “A intenção [de Veblen] é abrir a caixa-preta das preferências neoclássicas. Ou seja, os desejos dos indivíduos deixam de ser dados pois, ao contrário do que assume a teoria neoclássica, abre-se a possibilidade de entendimento da formação e evolução das preferências.”

3.2.1.4. O conceito de capital e o conhecimento coletivo

Num trabalho de contextualização como este, a crítica vebleniana sobre como os economistas clássicos e neoclássicos concebiam o capital é um dos pontos que se deve dar com destaque. Nisso fica bem exposto o aspecto anti-apologista dos escritos de Thorstein Veblen, em especial porque um dos aspectos da sua crítica pôs ênfase na idéia da construção coletiva do estoque de capital.

O assunto surge pela primeira vez em Veblen num texto do início da década de 1890, *Böhm-Bawerk's Definition of Capital, and the Sources of Wages*. Nele ele defendeu que a economia precisava se aprofundar em dois tipos de conceito de capital: (1) como categoria econômica pura e, (2) na sua acepção

³⁸⁶ É prontamente notável, para qualquer estudioso familiarizado com o veblenismo, a semelhança entre as críticas do *mainstream* econômico contidas na obra seminal de Richard NELSON e Sidney WINTER (1982) com os escritos do iniciador do institucionalismo na América do Norte.

histórico-jurídica (VEBLEN, [1892] 1994b, p. 135).³⁸⁷ Mais tarde ele desenvolveria seus estudos sobre o capital muito mais na direção desta última, aliás, insistindo bastante na discrepância entre o uso do conceito de capital entre os homens de negócios e os economistas teóricos.

A discussão deste assunto inicia-se quando ele estabelece a diferença entre capital tangível e intangível. Entre março e novembro de 1908, o fundador da escola institucionalista de economia escreveu três textos sobre o assunto – existem trechos de outras obras, mormente em *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*, nos quais é possível notar que Thorstein Veblen retornava a este assunto.

Evitando entrar numa discussão pouco central, sobre se o conceito de capital de Irving Fisher incluía ou não a pessoa do proprietário, a essência da questão é o debate sobre como os homens de negócios utilizavam o termo³⁸⁸. Deste modo, Veblen pretendia apontar para a necessidade de se considerar além do que é material, tangível, como fazia o economista norte-americano da teoria quantitativa da moeda, também o estoque de ativos produtivos intangíveis. Nos termos de Veblen, falando sobre a concepção de Fisher:

Como uma correção ao uso corrente, a pretendida exclusão dos ativos intangíveis do termo “capital” não parece uma inovação inteligente. Isso prejudica a definição para os propósitos que, por si só, fariam uma definição valer a pena. O conceito de ativos intangíveis está presente no uso corrente de uma maneira não duvidosa ou precária o bastante para ser abandonado por um bom conselho. Sua popularidade esta crescendo e seu uso esta se tornando mais seguro e mais definido. (...) e qualquer teoria que pretenda lidar com as realidades dos negócios modernos terá

³⁸⁷ Thorstein Veblen atribuiu a origem desta idéia ao economista alemão Adolph Wagner (1835-1917).

³⁸⁸ Quando fala da teoria do capital de Fisher, Veblen refere-se também a Frank Fetter (1863-1949), ao qual atribui uma teoria mais primitiva, mas que, no entanto embasou a daquele.

que fazer as pazes com o termo ou termos pelos quais estes elementos do capital são chamados ... (VEBLEN, [1908] 1994b, p. 154-155).³⁸⁹

Não que alguém da envergadura de Irving Fisher tenha negligenciado completamente a diferenciação tangível/intangível - o que foi efetivamente notado por Veblen - porém este dizia que seu colega “não passava do primeiro movimento” (VEBLEN, [1908], 1994b, p. 157). O erro para Veblen estaria, principalmente, no fato daquele economista adotar a posição marginalista, a qual não pode prescindir de medidas capazes de mensurar qualquer variável econômica. Se for difícil discutir tipos de capital intangível e, ainda mais, reduzi-los para uma unidade quantificável, então é melhor que se excluam dos conceitos ativos desse tipo. Novamente, como foi apontado por Diggins numa citação acima, o modelo absorve o homem. A realidade dos fenômenos estaria simplificada na medida necessária para que se pudesse pensar em termos marginalistas. Mesmo quando se dá um passo adiante, e define-se capital como o valor descontado da renda esperada, mesmo quando a economia neoclássica busca se afastar de uma concepção mais ingênua, ela continua sem considerar adequadamente os ativos intangíveis.

Toda a crítica de Veblen sobre a desconsideração dos aspectos intangíveis do capital leva à idéia de que existe uma apropriação indevida, através da instituição da propriedade privada, do estoque de informação e conhecimento que foi, em grande parte, construído coletivamente. Em agosto de 1908, Veblen fez a ligação daquela crítica a Fisher com seu juízo de maneira mais explícita:

³⁸⁹ As a correction of current usage the attempted exclusion of intangible assets from “capital” does not seem a wise innovation. It cripples the definition for the purposes which alone would make a definition worth while. The concept of intangible assets is present in current usage on no such doubtful or precarious tenure as could be canceled by a bit of good advice. Its vogue is growing and its use is becoming more secure and more definite. (...) and any theory that aims to deal with the actualities of modern business will have to make its peace with the term or terms by which these elements of capital are called...

Agora, o que quer que seja ou não verdade para a conduta humana em alguma outra matéria; em termos econômicos o homem nunca viveu enquanto indivíduo uma vida isolada, auto-suficiente, seja potencial ou efetivamente. (...) A história de vida da raça tem sido a história de vida das comunidades humanas, de tamanho mais ou menos considerável, com mais ou menos solidariedade de grupo, *e com mais ou menos continuidade cultural sobre as gerações vindouras*. (...).

Esta continuidade, congruência ou coerência do grupo possui um aspecto imaterial. É uma questão de conhecimento, uso, hábitos de vida e hábitos de pensamento, e não uma questão de continuidade mecânica ou contato, ou mesmo de consangüinidade. A despeito de qualquer ponto de vista pelo qual a comunidade humana seja considerada, como, e.g., entre quaisquer povos de culturas inferiores, ela se acha na posse de algo na forma de um corpo de conhecimento tecnológico, - conhecimento útil, requisito de uma busca pela subsistência... (VEBLEN, [1908] 1994, p. 324-325).^{390/ 391}

Além de este conhecimento ser produto coletivo, isto é, de não ser possível determinar o autor individual de tal conhecimento, ele também fora construído através de diversas gerações. Em linha com isso, continuava Veblen: “isto pode ser chamado o equipamento imaterial, ou, por uma licença de discurso, os ativos intangíveis da comunidade” (VEBLEN, [1908] 1994, p. 325).³⁹² Assim, adicione-se à geração coletiva de informação o fato de que somente coletivamente tal

³⁹⁰ Em *On The Nature of Capital I*. Este primeiro artigo de agosto teria uma continuação em novembro, no mesmo *Quarterly Journal of Economics*.

³⁹¹ Now, whatever may or may not be true for human conduct in some other bearing, in the economic respect man has never lived an isolated, self-sufficient life as an individual, either actually or potentially. (...) The life-history of the race has been a life-history of human communities, of more or less considerable size, with more or less of group solidarity, *and with more or less of cultural continuity over successive generations*. (...). *This continuity, congruity, or coherence of the group, is of an immaterial character*. It is a matter of knowledge, usage, habits of life and habits of thought, not a matter of mechanical continuity or contact, or even of consanguinity. Wherever a human community is met with, as, e.g., among any peoples of the lower cultures, it is found in possession of something in the way of a body of technological knowledge, - knowledge serviceable and requisite for a quest of livelihood...

³⁹² It may be called the immaterial equipment, or, by a license of speech, the intangible assets of the community.

conhecimento pode ser armazenado e difundido, pois a magnitude dos saberes servíveis impossibilita seu armazenamento em um único indivíduo. Deste raciocínio, Veblen concluía que numa comunidade crescente em número, dado o adensamento demográfico resultante, a quantidade de informação aumentaria, ao mesmo tempo em que aumentaria capacidade de armazenagem e difusão. Mas, no mesmo ritmo diminui a possibilidade de se determinar a autoria individual dos conhecimentos. No limite, numa sociedade globalizada, como gostam de chamar alguns, seria impossível dizer quais civilizações ou povos contemporâneos seriam os responsáveis por este ou aquele saber.

O objetivo mais direto de Veblen não era criticar a apropriação de certo conhecimento por este ou aquele indivíduo, que o usaria para obter lucro. O que constitui seu principal objeto de crítica é o fato de que o desenvolvimento da sociedade industrial, esta sim a catalisadora das capturas injustas, permitiu que algo comunitário gradualmente se tornasse apropriado por um número menor de indivíduos. Dito de outra maneira, mais condescendente até, o conhecimento humano acumulado, em vista do advento da concentração industrial, do capital-máquina nas mãos de poucos, centralizava para tais proprietários os maiores ganhos a partir de algo que havia sido gerado, armazenado e difundido coletivamente.

Aqui aparece, novamente, a especificidade histórica em Veblen. Pois se o conhecimento coletivo podia ser aproveitado de forma mais igualitária antes da revolução industrial, na Era da Manufatura, onde a competição se dava de maneira mais ampla – em igualdade de condições iniciais – tal não era a situação de fins de século XIX e início do XX. Todavia, não se pode dizer que Veblen não tenha visto mérito algum na acumulação de capital levada a termo pelos indivíduos. Se algum empresário inventasse um maquinário novo, que promovesse a produtividade de uma indústria, havia valor nisso, não seria simplesmente uma apropriação indevida do conhecimento coletivo. Entretanto, este aumento de produtividade, ainda que tributário do esforço individual, seria função do equipamento imaterial coletivo sob seu comando, armazenado e difundido pela comunidade. A era do grande capital industrial, das barreiras à entrada, ampliara não as oportunidades iguais, mas sim a oportunidade dos

detentores de maiores quantidades de capital para a utilização do conhecimento coletivo. Nos dias em que Veblen escrevia, tal ampliação havia sido levada ao máximo, os homens de negócios cuidavam da parte comercial, dos investimentos, e detinham, portanto, saberes acerca do comércio, do mercado, não da produção. O equipamento imaterial social estava sendo apropriado cada vez mais por agentes afastados da atividade produtiva propriamente dita. É a sociedade de caráter pecuniário. No texto de novembro de 1908 a conclusão de VEBLEN ([1908] 1994, p. 354) desponta bem radical:

Alguns bens de capital, ativos tangíveis, devem sua utilidade pecuniária à comunidade; embora os ganhos de investimento em termos agregados sejam arrancados da produtividade material agregada da indústria da comunidade.

A propriedade do equipamento material dá ao proprietário não somente o direito de uso sobre o equipamento imaterial da comunidade, mas também o direito de abuso e de negligencia ou inibição.³⁹³

Neste trecho já transparece o conceito vebleniano de sabotagem, ou seja, a prática dos empresários de manter a produção longe do ponto máximo de eficiência, visando conseguir um preço maior às custas da escassez do tipo de bem que fabrica. Enfim, o capitalista, isto é, o capitão de indústria utiliza, através da posse de equipamento industrial, o conhecimento social de maneira a prejudicar a própria sociedade. O capitalismo industrial permitiria que se capitalizem, então, os hábitos de vida e de pensar, as informações de várias gerações, e no extremo, tudo isso para o prejuízo social.³⁹⁴ São em assuntos

³⁹³ Given capital goods, tangible assets, may owe their pecuniary serviceability to the community; although the gains of investment in the aggregate area drawn from the aggregate material productivity of the community's industry.

The ownership of the material equipment gives the owner not only the right of use over the community's immaterial equipment, but also the right of abuse and of neglect or inhibition.

³⁹⁴ Um dos pontos em que Veblen se tornava mais ácido dentro de sua obra é quando comenta sobre a possibilidade de que o conhecimento social, além daquilo considerado na sabotagem, seja

como este que Veblen revela-se um intelectual típico de sua época. Relembrando o que foi falado na introdução deste capítulo, vê-se, aqui, a crítica sem meias palavras, sem nenhuma máscara sobre o caráter deletério da sociedade afluyente norte-americana.

3.2.1.5. O historicismo alemão

O que Veblen escreveu sobre os historicistas alemães não destoa do conjunto de suas críticas às escolas de economia em geral. Em *Gustav Schmoller's Economics*, publicado no *Quarterly Journal of Economics* em 1901, o economista americano parece reconhecer no historicismo alemão ciência econômica “quase-darwinista”. Como já deve ter ficado claro, os maiores inimigos metodológicos de Thorstein Veblen eram a teleologia e, imiscuída com esta, a não objetividade.

Para falar sobre Schmoller, Veblen fez uma pequena síntese do que significou o trabalho deste em relação aos seus pares historicistas alemães mais antigos.³⁹⁵ Numa fase anterior do historicismo econômico, do qual o principal representante teria sido Adolph Wagner (1835-1917), não houve, de acordo com Veblen, a elaboração de teoria alguma. A preocupação central era com o recolhimento e a organização de dados, apenas marginalmente estes alemães procuraram estabelecer formulações mais gerais, mas justamente aí é que partiam para a parcialidade, para a normatividade doutrinária, e quando não faziam isto, recorriam ao classicismo europeu mais tradicional. VEBLEN ([1901], 1994, p. 255) falava sobre os historicistas alemães mais antigos:

usado em indústrias como a de jogos e de bebidas alcoólicas. Isso vai bem ao encontro da mentalidade progressista da sua época.

³⁹⁵ No artigo em foco, Thorstein Veblen estava comentando o mais novo lançamento de Gustav Schmoller, seu *Gundriss der Allgemeinen Volkswirtschaftslehre*, de 1900.

De trabalho científico construtivo – isto quer dizer; de teoria – esta linha antiga da economia alemã é inocente, tampouco parece haver algum prospecto de uma eventual produção de teoria por parte daquele ramo da escola histórica, a não ser que inesperadamente eles sigam o conselho, e tracem a finalidade, e por conseqüência o método de suas pesquisas, como algo mais que histórico, no sentido em que este termo é atualmente aceito. A economia histórica do tipo conservador parece ser um campo infértil no aspecto teórico.³⁹⁶

Os historicistas alemães chegavam, nesse sentido, a negar, na maioria das vezes, a possibilidade mesma do tratamento teorizado dos fenômenos econômicos. As exceções, como já dito anteriormente, reduziam-se a algumas linhas de prescrições, em sua maioria conservadoras. Às vezes, seria até possível entender que os alemães estivessem fazendo um grande trabalho de armazenamento de dados e de narrativa histórica, na esperança de que alguma teoria emergisse naturalmente deste trabalho (VEBLEN, [1901] 1994, p. 256).

O próprio trabalho de Schmoller podia ser dividido em duas fases, e na primeira delas ele concordava com os seus antecessores, negando a possibilidade de teoria. A economia deveria ser narrativa, estatística e descrição; o baconianismo era o exemplo de ciência pelo qual pautava-se esta vertente mais antiga do historicismo alemão.³⁹⁷

O historicismo econômico alemão foi fundado por Wilhelm Roscher (1817-1894), que explicitamente dizia ter criado um método de tratamento para a economia, para os fenômenos econômicos. No entanto, nessa metodologia roscheriana não havia novidade nenhuma, no entendimento de Thorstein Veblen.

³⁹⁶ Of constructive scientific work – that is to say, of theory – this Elder line of German economics is innocent; nor does there seem to be any prospect of an eventual output of theory on the part of that branch of the historical school, unless they should unexpectedly take advice, and make the scope, and therefore the method, of their inquiry something more than historical in the sense in which that term is currently accepted. The historical economics of the conservative kind seems to be a barren field in the theoretical respect.

³⁹⁷ De Francis Bacon (1561-1626), segundo o qual as generalizações poderiam ser conseqüência de simples enumerações de fenômenos observáveis. VEBLEN teceu um comentário a esse respeito ([1901] 1994, p. 263).

Ela consistia na aplicação dos postulados metafísicos do romantismo, ou melhor, do hegelianismo alemão para a economia política. Naquele tempo e lugar, estes postulados filosóficos eram o senso comum dos círculos educados da Alemanha (VEBLEN, [1901] 1994, p. 258-259). Em consonância com o que era um objeto de crítica em Marx, tal metafísica hegeliana também conferiria às formulações de Wilhelm Roscher uma teleologia reprovável. Quando tratou disso, Veblen escreveu um dos seus trechos mais incisivos contra a teleologia:

Uma seqüência bem autenticada de fenômenos culturais na história do passado é concebida para ter exatamente a mesma força vinculadora para uma seqüência de fenômenos culturais no futuro como uma “lei natural”; (...), é concebida como o curso dos fenômenos na história da vida do corpo humano; para o decurso cultural progressivo do espírito humano, que se desenvolve ativamente por necessidade interna, é um processo orgânico, decorrendo logicamente a partir da natureza desse espírito auto-realizante (...) Dentro dessa visão, o ambiente, se não é concebido simplesmente como uma função da força espiritual em atividade, possui no máximo a característica de ter apenas conseqüências subsidiárias e transitórias. Condições ambientais podem, no máximo, dar vazão a uma perturbação menor, elas não iniciam uma seqüência cumulativa que pode afetar profundamente os resultados ou o decurso ulterior do processo cultural. (...). *As “leis naturais” encontradas através desse meio são necessariamente da natureza do empiricismo, colorida pelas inclinações ou ideais do investigador* (VEBLEN, [1901] 1994, p. 261-262).^{398/399}

³⁹⁸ Grifo nosso.

³⁹⁹ A well-authenticated sequence of cultural phenomena in the history of the past is conceived to have much the same binding force for the sequence of cultural phenomena in the future as a “natural law”, (...), is conceived to have as regards the course of phenomena in the life history of the human body; for the onward cultural course of the human spirit, actively unfolding by inner necessity, is an organic process, following logically from the nature of this self-realising spirit. (...) The environment in this view, if it is not to be conceived simply as a function of the spiritual force at work, is, at the most, of subsidiary and transient consequence only. Environmental conditions can at best give rise to minor perturbation, they do not initiate a cumulative sequence which can profoundly affect the outcome or the ulterior course of the cultural process. (...).

The “natural laws” found by this means are necessarily of the nature of empiricism, colored by the bias or ideals of the investigator

Gustav Schmoller, numa segunda fase de seu trabalho, abandonou a concepção de Roscher, hegeliana e predominantemente teleológica. Nessa segunda fase haveria um questionamento contínuo em termos das causas e efeitos que estão em jogo. Sempre quando considerava uma sequência de eventos, de fenômenos econômicos, Schmoller, em seu *Gundriss* de 1900, estaria preocupado com a cadeia histórico-cumulativa de causações. Isso superava a mera observação de uniformidades, de padrões nos acontecimentos, como faziam seus predecessores – por exemplo, Karl Knies (1821-1898).⁴⁰⁰ No seu comentário sobre Schmoller, VEBLEN ([1901] 1994, p. 264-265) chegava a admitir que este estivesse praticando uma ciência econômica propriamente darwinista:

Somente atribuindo um sentido bem amplo ao termo é que esse último desenvolvimento da ciência pode ser chamado de “economia histórica”. É antes darwinista do que hegeliana, embora tenha a marca distintiva da afiliação hegeliana destes tempos; e é “histórica” somente num sentido similar àquele em que o valor darwiniano da evolução das instituições econômicas pode ser chamado de histórico. Pelo aspecto distintivo do trabalho do professor Schmoller, naquilo que ele difere do trabalho precedente dos economistas de sua classe em geral, é que ele se foca numa análise darwinista das origens, do crescimento, da persistência e da variação das instituições...⁴⁰¹

⁴⁰⁰ Deve-se anotar que Karl Knies é visto com um dos antigos historicistas que tentou fazer avanços no sentido de elaboração de uma teoria, no entanto pouco utilizou sistematicamente e organizadamente suas premissas metodológicas (NEW SCHOOL FOR SOCIAL RESEARCH, 2008).

⁴⁰¹ It is only by giving a very broad meaning to the term that this latest development of the science can be called an “historical economics”. It is Darwinian rather than Hegelian, although with the earmarks of Hegelian affiliation visible now and again; and it is “historical” only in a sense similar to that in which Darwinian account of the evolution of economic institutions might be called historical. For the distinguishing characteristic of Professor Schmoller’s work, that wherein it differs from the earlier work of the economists of his general class, is that it aims at a Darwinistic account of the origin, growth, persistence, and variation of institutions...

Assim, questionando os fenômenos econômicos *a la* Darwin, Schmoller terminaria por considerar como economia o estudo de aspectos que tradicionalmente não faziam parte da disciplina. Nisso ele vai ainda mais ao encontro do institucionalismo que Veblen fundaria. Anteriormente, nesta Tese, já foi assinalado que uma das características mais marcantes da economia institucional é justamente trazer para dentro de seu programa de pesquisa assuntos considerados apenas subsidiariamente econômicos. VEBLEN ([1901] 1994, p. 266) elogiou o trabalho de Schmoller por trazer à baila temas como cultura, etnografia, a diversidade das características das forças de trabalho de diferentes países e, especialmente, a tecnologia.⁴⁰² Todo o tratado de Schmoller teria a virtude de ser organizado historicamente, mostrando a evolução dos assuntos dos quais trata em perspectiva histórica, formativa.

Mas, o economista alemão, na opinião de seu colega norte-americano, não conseguiu completar o excelente trabalho que se prenunciava. O problema começava quando a narrativa histórica de Schmoller se aproximava do contemporâneo, o final do século XIX. Daí por diante predominava no trabalho de Schmoller um desfile de valores e prescrição. VEBLEN ([1901] 1994, p. 269) comenta, *in verbis*:

Neste estágio o argumento perde o caráter de explanação genética dos fenômenos e toma o caráter de apelo e admoestação, suscitado em termos de oportunidade, moralidade, bom gosto, higiene, fins políticos e até mesmo religiosos. Tudo isso, é claro, é o que nós estamos acostumados no trajeto comum dos escritores da escola histórica; porém, aqueles estudantes cujos interesses se concentram na ciência ao invés de nos caminhos e meios de manutenção das formas culturais recebidas da cultura alemã, há muito têm fantasiado estar na posse de fundamentos

⁴⁰² Em *Why Is Economics Not an Evolutionary Science?* Veblen reforça que esta seria uma das características mais necessárias para que a economia se tornasse ciência darwinista (VEBLEN, [1898] 1994, p. 77).

para esperar por algo mais relevante, quando o professor Schmoller empreendeu seu grande trabalho sistemático.⁴⁰³

Neste ponto, Veblen reconheceu a forte subjetividade nas ciências sociais, pois justamente quando mais os estudos se aproximam da época na qual vivem os pesquisadores, dizia ele, mais a ciência darwinista deveria ser importante. Em seus termos: “é precisamente nesse estágio que uma teoria genética da vida econômica mais necessita de orientação da mão firme, treinada e não passional do seu mestre” (VEBLEN, [1901] 1994, p. 270).⁴⁰⁴ Schmoller não conseguiu cumprir tal objetivo. E, no comentário de Veblen, o que parece mais decepcionar é a inclinação conservadora do alemão.

Dois exemplos inter-relacionados se destacam. O primeiro é relativo ao tratamento da história da família. VEBLEN ([1901] 1994, p. 270) acusava Schmoller de abandonar a discussão sobre o surgimento dos tipos familiares, matriarcal, patriarcal arcaico, patriarcal moderno, em favor de uma argumentação pró o último tipo, o que vigoraria em seu tempo – o patriarcal moderno. Ao invés de usar informações etnográficas e teorias psicológicas, como fez na pesquisa sobre as formas mais antigas, Thorstein Veblen dizia que Schmoller partia para justificar o modo familiar patriarcal moderno como melhor. Não que seja interdito ao cientista afirmar como mais adequada esta ou aquela formação social, contudo, o estudo deverá pautar-se pela busca descompromissada de eventos, de suas causas e efeitos. A parte normativa seria consequência do ideal científico de Veblen.

⁴⁰³ The argument at this point loses the character of a genetic explanation of phenomena, and takes on the character of appeal and admonition, urged on grounds of expediency, of morality, of good taste, of hygiene, of political ends, and even religion. All this, of course, is what we are used to in the common run of writers of historical school; but those students whose interest centers in the science rather than in the ways and means of maintaining the received cultural forms of German society have long fancied they had ground to hope for something more to the purpose when Professor Schmoller came to put forth his great systematic work

⁴⁰⁴ “it is precisely at this point that a genetic theory of economic life most needs the guidance of the firm, trained, dispassionate hand of the master.”

Paralelamente ao problema do tratamento das formações familiares estaria a questão feminina, assunto muito discutido naquela época. Segundo VEBLEN ([1901] 1994, p. 272-273).⁴⁰⁵

O melhor que ele tem a oferecer sobre a questão da mulher, é uma referência imediata do fundamento no qual repousa o sentimento para uma intensificação do espírito de *égalité* oitocentista. Esta noção de igualdade dos sexos é refutada por ele de modo gracioso e afetado, e ele pede pela ininterrupta preservação da esfera da mulher da primazia masculina; como se a questão da superioridade ou inferioridade entre os sexos pudesse ser concebivelmente mais que um resultado convencional de hábitos de vida, impostos sobre a comunidade pelas circunstâncias sob as quais eles vivem.⁴⁰⁶

Neste trecho aparece muito bem a discordância de Veblen em relação aos *insights* conservadores de Schmoller. Não se pode simplesmente dizer que Thorstein Veblen criticou Schmoller por discordar de suas idéias sociais e políticas, no entanto, também é impossível negligenciar o fato de que o norte-americano era um grande defensor dos direitos das mulheres. Num dos seus célebres artigos, *The Barbarian Status of Women*, de pouco antes da publicação da *Teoria da Classe Ociosa*, o fundador do institucionalismo usou seu ferramental darwinista para chegar à conclusão de que as mulheres eram usadas como peças de emulação, isto é, de demonstração de *status*, por parte de seus maridos-proprietários (VEBLEN, [1899] 1994b, p. 56-57). Da mesma forma, anos antes, num texto do início da década de 1890, Veblen relacionou os vestidos das mulheres à necessidade de seus maridos demonstrarem riqueza, e de como

⁴⁰⁵ É bem interessante notar a mudança no tom discursivo de Veblen, do início, quando elogiava o trabalho de Schmoller, para o tratamento da questão feminina neste autor.

⁴⁰⁶ The Best He has to offer on the woman question is a off-hand reference of the ground of sentiment on which it rests to a recrudescence of the eighteenth century spirit of *égalité*. This notion of the equality of the sexes he refutes in graceful and affecting terms, and he pleads for the unbroken preservation of woman's sphere and man's primacy; as if the matter of superiority or inferiority between the sexes could conceivably be anything more than an conventional outcome of the habits of life imposed upon the community by the circumstances under which they live.

podiam manter suas esposas ociosas, vestidas com roupas que indicavam tal ociosidade, pois estas impediriam o trabalho produtivo (VEBLEN, [1894] 1994b, p. 65-77).⁴⁰⁷

Embora a crítica aos historicistas alemães tenha sido menos extensa, quando comparada às anteriores, dirigidas aos clássicos, neoclássicos e Marx, ela revela alguns pontos fundamentais do pensamento vebleniano. Primeiro, ele chega a admitir que Schmoller fez uma ciência econômica de colorações darwinistas, especialmente pela descrição histórica pontuada pela etnografia e pela psicologia. Isso ficou reforçado quando o alemão trouxe para sua economia política assuntos que não eram comuns aos teóricos desta disciplina. Por outro lado, Veblen se revela parecido com os positivistas, ao exigir tratamento desinteressado com relação aos tópicos tratados por Schmoller. E, aqui, é preciso reforçar que ele reconheceu o fato de que a ciência econômica não poderia ser somente descritiva, criticando tal inclinação nos historicistas da primeira geração. Entretanto, a prescrição deveria ser resultado de uma busca desinteressada, que tivesse como base a negação das imposições metafísicas, geradoras das teleologias. Ao que tudo indica, e com alguma força neste texto sobre Schmoller, Veblen acreditava que seu método evolucionário forneceria a solução para o tratamento cientificamente desinteressado. Aparentemente isto significaria a vitória da *curiosidade desinteressada* sobre as maneiras menos proveitosas de geração de conhecimento, como o *animismo*.

3.2.1.6. A curiosidade desinteressada e a ciência moderna

A tônica central do discurso de Veblen sobre as escolas de economia é a crítica à teleologia. Expandindo esse assunto, em 1906, ele publicou, no *American Journal of Sociology*, um artigo intitulado *The Place of Science in Modern Civilisation*, no qual pretendia analisar a evolução da crença, ou melhor, do hábito

⁴⁰⁷ O artigo de 1894 é *The Economic Theory of Woman's Dress*.

de pensar dos indivíduos com respeito da ciência moderna em geral. Neste texto, Veblen sustentava que uma das características mais fortes da civilização ocidental contemporânea seria a confiança e a valoração positiva da ciência moderna.⁴⁰⁸ Os indivíduos teriam, então, naquele tempo, a ciência como uma das facetas mais importantes da vida humana. E, a partir disso, considerando a “cristandade” como a civilização que exerceria o domínio sobre a ciência moderna, Veblen dizia que tal reconhecimento permitia aos ocidentais imaginarem-se superiores às outras culturas de uma maneira absoluta. Ele critica este fato, e argumenta que o ocidente seria superior apenas no que toca ao domínio da ciência moderna, embora reconhecesse que esta constituía sim uma vantagem muito grande, pois a ciência moderna seria a responsável pela grande proficuidade material desta civilização. *The Place of Science in Modern Civilisation* começa com o seguinte parágrafo:

Normalmente considera-se a cristandade moderna superior a qualquer outro sistema de vida civilizada. Outras épocas e regiões culturais são tidas, por contraste, como inferiores, e mais arcaicas ou menos maduras. A reivindicação consiste em que a cultura moderna é superior no todo, e não que ela é a melhor ou a maior em todos os aspectos e em cada ponto. Ela de fato não possui uma superioridade em tudo, mas uma superioridade dentro um alcance rigorosamente limitado de atividades intelectuais, enquanto que fora desse alcance, muitas outras civilizações ultrapassam os povos ocidentais modernos. Porém, a excelência peculiar da cultura moderna é de tal natureza, que chega a conceder a ela uma vantagem prática decisiva sobre todos os esquemas culturais que existiram antes ou que entraram em competição com ela. A cultura moderna tem provado para si mesma ser capaz de sobreviver numa luta

⁴⁰⁸ Na próxima seção a definição mais formal de instituição em Veblen será dada, no entanto, desde já, é possível dizer que a ubiquidade de um hábito de pensar ao longo dos indivíduos de uma sociedade confere o caráter de instituição a um fenômeno. É justamente isso que aconteceria com a tal crença nas virtudes da ciência moderna.

pela existência, em contraste com aquelas civilizações que diferem dela quanto aos seus traços distintivos. (VEBLEN, [1906] 1994, p. 1).⁴⁰⁹

Para o velho institucionalista, a ciência moderna, tal como a civilização moderna, seriam, caracteristicamente, materialmente factuais.⁴¹⁰ Os povos que detêm o domínio sobre a ciência moderna seriam capazes de pesquisar os fenômenos de modo desapassionado, impessoal, lidando somente com os fatos tangíveis (VEBLEN, [1906] 1994, p. 1, 4). Estas características seriam reforçadas pelo contexto em que se desenvolvem as atividades sociais desta civilização, o contexto da indústria da máquina. Neste artigo, e também num que se seguiria, publicado em 1908, *The Evolution of the Scientific Point of View*, Veblen procurava, em consonância com sua metodologia evolucionária, desvendar os desenvolvimentos históricos que trouxeram a modernidade até esta aceitação generalizada da ciência como dimensão cultural de irrevogável valor.⁴¹¹ Nisso ele vê uma inclinação humana natural, a *curiosidade desinteressada*, como principal responsável pelos avanços possibilitados à civilização pelo advento da ciência moderna.

⁴⁰⁹ It is commonly held that modern Christendom is superior to any and all other systems of civilised life. Other ages and other cultural regions are by contrast spoken of as lower, and more archaic, or less mature. The claim is that modern culture is superior on the whole, not that it is the best or highest in all respects and every point. It has, in fact, not an all-around superiority, but a superiority within a closely limited range of intellectual activities, while outside this range many other civilizations surpass that of the modern occidental peoples. But the peculiar excellence of the modern culture is of such a nature as to give it a decisive practical advantage over all cultural schemes that have gone before or that have come into competition with it. It has proves itself fit to survive in a struggle for existence as against those civilizations which differ from it in respect of its distinctive traits

⁴¹⁰ Esta é a tradução que se adotou para trechos nos quais se encontra uma das expressões mais utilizadas por Veblen. Nesse ponto em particular, que pode ajudar no entendimento do que ele queria dizer quando falava sobre algo *matter-of-fact*, considere-se o seguinte excerto na língua original: "Modern civilisation is perculiarly matter-of-fact" (VEBLEN, [1906] 1994, p. 1). Uma tradução alternativa poderia ser *prosaica*, no sentido em que a civilização moderna não sofre afetações animísticas. Contudo, considerou-se, aqui, que a tradução por *prosaica* poderia diluir o sentido de *categoria* da expressão no trabalho de Thorstein Veblen.

⁴¹¹ No início deste segundo artigo, Veblen dizia que seu objetivo era pesquisar a evolução da ciência do ponto de vista desta própria ciência moderna (VEBLEN, [1908] 1994, p. 32). Assim, pode-se dizer que o pretendido era uma investigação desapassionada e impessoal sobre as origens desta instituição da vida moderna – a instituição é a crença na ciência como aspecto primordial da civilização.

O uso do conceito de curiosidade desinteressada pode ser visto como uma radicalização do que Veblen criticava nas escolas de economia política. Ao longo dos dois artigos citados, ele descreveu como a dicotomia entre o conhecimento pragmático e aquele desenvolvido a partir de uma curiosidade desinteressada se opõem, se interpenetram e coexistem na história. A vitória da ciência moderna, e os avanços que ela proporcionava em termos materiais seriam resultado do triunfo da curiosidade vã sobre o pragmatismo. Apesar disso, o maior cuidado que deve ser tomado é sobre a definição de conhecimento pragmático nos escritos de Veblen. Numa nota de rodapé ele estabelece a seguinte distinção:

“Pragmático” é usado aqui num sentido mais restrito do que aquele que a distinta escola pragmática de psicólogos modernos atribuiria ao termo. “Pragmático”, “teleológico” e os termos afins têm sido estendidos para encobrir a imputação de propósito assim como conversão para o uso. Não se pretende criticar o uso ambíguo dos termos, tampouco corrigi-los; porém os termos são usados aqui naquele último sentido, o qual pertence por si só àqueles pela força do uso pregresso e da etimologia. Conhecimento “pragmático”, portanto, é aquele moldado para servir a um fim conveniente de quem conhece, e é aqui contrastado com a atribuição de conduta conveniente aos fatos observados. (VEBLEN, [1906] 1994, p. 8-9).⁴¹²

Neste ponto fica claro que Veblen não confundia teleologia e conhecimento pragmático, já que este último significaria propósito útil, e não imputação de finalidade. Mas, se pode extrair de *The Place of Science in Modern Civilisation* que o conhecimento pragmático, embora não seja diretamente relacionado à teleologia, teria uma “afinidade eletiva” com esta, e mais do que isso, uma

⁴¹² “Pragmatic” is here used in a more restricted sense than the distinctively pragmatic school of modern psychologists would commonly assign the term. “Pragmatic”, “teleological”, and the like terms have been extended to cover imputation of purpose as well as conversion to use. It is not intended to criticize this ambiguous use of terms, nor to correct it; but the terms are here used only in that latter sense, which alone belongs to them by force of early usage and etymology. “Pragmatic” knowledge, therefore, is such as is designed to serve an expedient end for the knower, and is here contrasted with the imputation of expedient conduct to the facts observed.

conexão fundamental. Aparentemente, o conhecimento pragmático seria capaz de “contaminar” as proposições científicas feitas sob sua orientação. É, assim, deste conhecimento de caráter pragmático que surgiria a ciência como proposição de observâncias morais, sem que estas fossem resultados de uma investigação desinteressada. O que foi criticado no trabalho de Gustav Schmoller, por exemplo, traria justamente a marca da ciência realizada sob os auspícios da inclinação pragmática do conhecimento. Quando comenta a evolução histórica do conhecimento, VEBLEN ([1906] 1994, p. 9) apresenta o seguinte sobre sua compreensão desta dicotomia:

O conhecimento pragmático de outrora dificilmente difere em caráter daquele das fases maduras da cultura. Suas maiores realizações na direção da formulação sistemática consistem em exortações didáticas à previdência, prudência, equanimidade e gerenciamento perspicaz – um corpo de máximas de condutas oportunas. (...). Sob a orientação da curiosidade desinteressada, por outro lado, tem existido um contínuo avanço em direção a um sistema cada vez mais abrangente de conhecimento.⁴¹³

É preciso admitir que Veblen compreendia a ciência ideal não como aquela atividade intelectual responsável apenas por uma descrição pormenorizada dos fatos, desapaixonada e impessoal, ela também poderia *propor*, ser normativa. Entretanto, para isso, seria preciso que a pesquisa fosse precedida de uma investigação revestida de objetividade *tout court*. Ao que tudo indica, na metodologia vebleniana, a normatividade deveria se desenvolver a partir desta investigação desinteressada. A pesquisa completamente livre mesmo de um mínimo de imputação, seja de finalidade, no sentido teleológico, seja no sentido de utilidade, constituiria um lema da ciência moderna, pós-darwinista. A

⁴¹³ The pragmatic knowledge of the early days differs scarcely at all in character from that of the maturest phases of culture. Its highest achievements in the direction of systematic formulation consist of didactic exhortations to thrift, prudence, equanimity, and shrewd management – a body of maxims of expedient conduct. (...). Under the guidance of idle curiosity, on the other hand, there has been a continued advance toward a more and more comprehensive system of knowledge.

curiosidade desinteressada, então, cuja origem será discutida na próxima seção, parece ser a radicalização da negativa de Thorstein Veblen em relação à presença de *telesís* na pesquisa científica.

3.2.2. O Método e o Protocolo de Pesquisa da Ciência Econômica Evolucionária de Veblen:

Em Veblen, as proposições metodológicas imbricam-se, o tempo todo, com a crítica, e, como será visto adiante, o mesmo acontece com suas aplicações. Mas, isso não impede que se extraia de seus textos um protocolo de pesquisa bem explícito, com princípios bem definidos de qual seria o ideal de uma ciência econômica evolucionária, pós-darwinista. O economista que fundou a escola institucionalista nos Estados Unidos fixou muito dos princípios da economia evolucionária já em seu primeiro livro, *A Teoria da Classe Ociosa*. Todavia, é difícil extraí-los numa forma pura desse escrito, pois estão eles profundamente emaranhados com as observações empíricas do autor sobre o tema central da obra. Já em *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*, Veblen dedicou o primeiro capítulo exclusivamente ao tratamento dos princípios metodológicos sob os quais ele apoiou sua obra.

Para o autor desta Tese, não é possível concordar com interpretações tais como a de MONASTÉRIO (2005, p. 7-9), que afirmou estarem as noções metodológicas como a de racionalidade, em Veblen, inseparavelmente ligadas à sua teoria analítica. MONASTÉRIO (2005, p. 7-8) diz só ser possível entender conceitos teóricos em Veblen a partir das interpretações que este fez dos fenômenos estudados. Assim, Veblen estaria praticando ciência social de estirpe hermenêutica, pois as categorias e inter-relações surgiriam no mesmo momento em que o estudo se desenvolve. Como indicam as palavras de LITTLE (apud MONASTÉRIO, 2005, p. 7-8): “Este método é dito hermenêutico, pois ‘trata os

fenômenos como um texto a ser decodificado através da reconstrução imaginativa do significado dos vários elementos da ação e dos eventos sociais’.”⁴¹⁴

Nesta Tese, procura-se considerar a defesa do próprio Veblen a respeito de seu método, dos princípios de seu protocolo de pesquisa. Entende-se que Veblen elabora um sistema de economia geral, e mesmo que este seja bastante revelado em conjunto com suas aplicações, bem como contido em meio às críticas da economia política, tal não é de tipo hermenêutico, e sim analítico, com princípios gerais e derivados aplicáveis aos mais diversos temas. São compostos de categorias e relações, as quais podem servir de pilares para aplicações analíticas as mais diversas. Veblen queria mostrar a superioridade de sua abordagem teórica em relação à ciência econômica que o precedeu - em especial a neoclássica – e dedicou-se, assim, a formular um sistema de economia política mais geral que aquele de Bates Clark. Ele deixou isto claro quando argumentou que o neoclássicismo seria a economia da sociedade pecuniária. A economia política vebleniana, embora ele explicitamente admita que esteja marcada pelo contexto da tecnologia da máquina, permitiria uma visão mais abrangente, mais objetiva, mais geral. Ela, inclusive, como foi mostrado em Veblen_c, possibilitaria o apontamento dos erros nos quais incorreram as escolas de economia pré-darwiniana.

Em suma, Thorstein Veblen não propôs um sistema científico baseado numa metodologia compreensiva, à moda de Max Weber (1864-1920), mas sim uma explícita metodologia explicativa, assim como ele entendeu a metodologia dos clássicos, neoclássicos e marxistas. Seu intento era mostrar a insuficiência destas teorias pelo pecado de teleologia e, questionar se não existiriam questões mais profundas a serem formuladas a partir de princípios científicos pós-darwinistas. “Abrir a caixa-preta da economia neoclássica”, “dar um passo atrás” e colocar a questão sobre como se formam os comportamentos humanos não implicam necessariamente propor uma ciência hermenêutica, sem intenções

⁴¹⁴ LITTLE, D. *Varieties of Social Science Explanation: an introduction to the philosophy of social science*. Oxford: Westview, 1991.

generalizantes. Aliás, muito pelo contrário, o sistema vebleniano pretende-se mais geral do que as economias pré-darwinistas.

Há outro ponto que se deve considerar. Nesta Tese, rejeitam-se posições tais como as de Malcolm RUTHERFORD (1998), segundo as quais Veblen não teria construído a contento o sistema de economia política a que se propôs.⁴¹⁵ Diz este especialista que Veblen não foi capaz de traduzir num arcabouço teórico coerente os princípios metodológicos alegadamente necessários para a formulação de uma ciência econômica moderna. Malcolm RUTHERFORD (1998, p. 464) chega até mesmo a conjecturar que, talvez, o insucesso do institucionalismo como paradigma da economia seja resultado desta falha de seu fundador:

A tentativa de Veblen em criar uma economia evolucionista, em sua promessa e apelo à modernidade, atraiu inicialmente os jovens estudiosos, porém esse foi um programa que acabou falhando. A falha tem sido atribuída a muitas causas, sendo que o declínio da teoria dos instintos e o declínio no uso da metáfora biológica encontram-se entre eles; porém o argumento a ser apresentado aqui é que, a despeito de quais outros fatores possam ter funcionado nesse sentido, Veblen nunca conseguiu traduzir suas diretrizes metodológicas numa teoria utilizável ou atraente de mudança institucional.⁴¹⁶

⁴¹⁵ Sem a menor ponta de dúvida Malcolm Rutherford, professor da Universidade de Victoria, no Canadá, é um dos economistas que mais dominam a obra de Thorstein Veblen na atualidade. Mesmo discordando desta sua interpretação específica, é preciso reconhecer a imensa dívida intelectual que o autor desta Tese tem com Rutherford. Seus trabalhos são alguns dos textos mais claros e interessantes sobre o pensar vebleniano.

⁴¹⁶ Veblen's attempt to create an evolutionary economics, in its promise and appeal to modernity, initially attracted young scholars, but it was a programme that ultimately failed. This failure has been attributed to many causes, the decline of instinct theory and the decay in the use of biological metaphor among them, but the argument to be presented here is that, whatever other factors may have been at work, Veblen never managed to translate his methodological outline into a usable or appealing theory of institutional change.

Afirmar a teoria vebleniana como não tendo aplicabilidade é desconsiderar que seu autor dedicou a maior parte da sua obra justamente a aplicá-la. A *Teoria da Classe Ociosa* é uma aplicação do sistema de economia política de Veblen para desvendar, entre outros aspectos subsidiários, as origens de hábitos de consumo, como o célebre *consumo conspícuo*. Toda a teoria da história delineada em *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts* também pode ser vista como uma aplicação das categorias e inter-relações que Veblen desenvolveu. E, é preciso admitir que o economista nunca reconheceu em suas obras insucesso na aplicação de seus princípios metodológicos. A partir do seu próprio ponto de vista, ele estaria aplicando seu sistema de ciência econômica para estudar os mais diversos fenômenos: dos vestidos das mulheres às práticas de competição das grandes corporações e os ciclos econômicos, além de outros tantos.

Neste ponto, para confrontar a conclusão mais cética de Rutherford, é interessante lembrar Thomas Kuhn (1922-1996) sobre os paradigmas científicos. Após as críticas recebidas em relação à primeira edição de *A Estrutura das Revoluções Científicas*, publicada em 1962, Kuhn revisou seu conceito-chave – o de paradigma – num posfácio publicado em 1970. Nessa revisão ele procura distinguir dois elementos que constituiriam um paradigma. O primeiro compreenderia três subconjuntos de instrumentos de construção científica: (1) as *generalizações simbólicas*, que abrangem as fórmulas e leis formalizadas, verbal ou matematicamente; (2) as *proposições de caráter metafísico*; e (3) os *valores* e as *normas* esposados por um conjunto de cientistas, tais como acuidade, beleza, simplicidade, formalismo etc. Por outro lado, um paradigma também envolve os *exemplares*, que são os tipos de questões e respostas que podem demonstrar para um praticante como se dá a sua articulação, seu uso. Esse segundo elemento ensina como se praticar a *ciência normal*, que Kuhn dizia ser a tentativa de colocar a natureza dentro dos limites do próprio paradigma (CAVALIERI, 2007, p. 381-382).

Nessa acepção, Veblen_t é o cientista da matriz disciplinar, aquele primeiro elemento formador do paradigma assuntado acima e, Veblen_a, o homem dos *exemplares*. Abaixo ficarão mais claros os três subelementos da matriz disciplinar

vebleniana. Já na seção que se segue, onde o foco é Veblen_a, será apresentado o economista institucionalista tencionando fazer ciência normal, de acordo com o que ele entendia ser sua metodologia.

3.2.2.1. Síntese dos princípios da economia evolucionária de Thorstein Veblen

Antes de apresentar os princípios do sistema vebleniano de maneira mais detalhada, é útil buscar um breve resumo de seus contornos básicos, especialmente em termos das suas diretrizes metodológicas. Isto já foi feito de maneira menos sistemática anteriormente. Entretanto, repetir mais uma vez, principalmente neste ponto do texto, deve auxiliar a compreensão do que se segue. Malcolm RUTHERFORD (1998, p. 463) resumiu lucidamente os princípios metodológicos veblenianos - isso para depois afirmar que Veblen não os cumpriu:

As maiores características da 'ciência moderna', de acordo com Veblen, consistem em ser evolucionista; em ser 'indisposta a abandonar o teste de relação causal'; em funcionar estritamente em termos de uma 'seqüência impessoal descolorida de causa e efeito' (...); em ser teórica e não meramente descritiva, ou constituída somente de um 'relato narrativo do desenvolvimento industrial' (...); e que o desenvolvimento de uma teoria evolucionista apropriada é possível graças à natureza *cumulativa* da seqüência de causa e efeito.⁴¹⁷

Assim como fez Veblen, inicia-se a explicitação de seu arcabouço teórico pela definição e o papel dos instintos.

⁴¹⁷ The major characteristics of 'modern science', according to Veblen, are that it is evolutionary; that it is 'unwilling to depart from the test of causal relation'; that it runs strictly in terms of a 'colorless impersonal sequence of cause and effect' (...); that it is theoretical and not merely descriptive or consisting only of a 'narrative account of industrial development' (...); and that the development of a proper evolutionary theory is possible owing to the *cumulative* nature of the cause and effect sequence

I. Os Instintos na Economia de Thorstein Veblen:⁴¹⁸

O primeiro alerta de Veblen, ao tratar do lugar dos instintos na sua teoria, foi dado com relação às possíveis confusões de significado que podem surgir pelo uso desta categoria por outras ciências, e mesmo pelo significado comumente imputado à expressão. Nesse contexto, o autor de *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts* sugeriu uma definição de instintos que seria própria à ciência econômica, e necessariamente diversa daquela adotada pela biologia, fosse qual fosse o significado da expressão nesta última (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 1-3). Da mesma forma, instintos, em Veblen, são diferentes do entendimento que o senso comum teria deles, pois esse último, referindo-se aos instintos, imaginaria algum tipo de ação tomada sem nenhuma deliberação, um agir natural que não passaria pela consciência crítica de uma mente complexa.

Não é isso que Veblen queria significar quando usava a palavra instintos. Aqueles comportamentos derivados dos reflexos, e mesmo as atitudes não deliberadas dos animais, não seriam instintos. Na teoria do patrono do institucionalismo, estes comportamentos são designados como “tropismáticos” (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 4-5).

A proposta de Veblen, para o conceito de instintos, passa por considerar um *continuum* de comportamentos que iriam desde os tropismas – como quando alguém retira a mão de um objeto quente – até as ações deliberadas de escolha racional – como as que são solicitadas de um candidato numa prova sobre conhecimentos específicos, que exigem estudo prévio de determinado assunto e, a partir daí, o estabelecimento de um raciocínio para se encontrar a resposta. Os instintos, dentro disso, seriam as propensões, os motivos para as ações humanas encontrados entre os extremos, ainda que se possa localizá-los mais para o lado

⁴¹⁸ Como em Veblen, a palavra instinto será usada intercambiavelmente com *senso* e *inclinação*, mantendo, contudo, o mesmo significado.

dos tropismas do que para o das ações completamente deliberadas. Aqui, é impossível omitir o trecho no qual o próprio VEBLEN ([1914] 1994c, p. 5) assinala o que entende por instintos:

Através de uma gradação infinitesimal (as menos complexas e deliberadas) atividades instintivas se fundem à classe das sensibilidades inconfundivelmente tropismáticas, sem que seja factível determinar por qualquer teste seguro onde uma categoria começa e onde outra termina. Tais atividades quase-tropismáticas podem ser avaliadas como dotadas de propósito por um observador, no sentido de que elas parecem assegurar a vida do agente individual ou da espécie, enquanto não há consciência de propósito da parte do agente sob observação; ao passo que o “instinto”, *no sentido estreito e especial ao qual parece desejável reduzir o termo para o presente uso, denota a busca consciente de um fim objetivo tornado digno de valor pelo instinto em questão.*^{419/ 420}

O instinto, portanto, fornece a motivação para a ação, seria a finalidade. Como dizia VEBLEN ([1914] 1994c, p. 3-4) são categorias teleológicas. Todavia, as ações que são tomadas para a perseguição dos objetivos dados pelos instintos não são automáticas. É neste ponto que entra a inteligência, a deliberação. Aliás, o que distingue os homens dos animais seria justamente o grau de inteligência com o qual aqueles buscam a satisfação dos fins colocados por seus instintos. Numa passagem muito esclarecedora, VEBLEN ([1914] 1994c, p. 6) escreveu: “Os homens deliberam, porém o espírito humano, isto é, o dote das proclividades instintivas da raça humana decide sobre o quê eles devem tomar consciência, e

⁴¹⁹ Grifo nosso.

⁴²⁰ By insensible gradation the lower (less complex and deliberate) instinctive activities merge into the class of unmistakable tropismatic sensibilities, without its being practicable to determine by any secure test where the one category should be declared to end and the other to begin. Such quasi-tropismatic activities may be rated as purposeful by an observer, in the sense that they are seen to further the life of the individual agent or of the species, while there is no consciousness of purpose on the part of the agent under observation; *whereas “instinct”, in the narrower and special sense to which it seems desirable to restrict the term for present use, denotes the conscious pursuit of an objective end which the instinct in question makes worth while.*

como, e para qual efeito.”⁴²¹ Nesta citação fica claro que Veblen compreendia os instintos como categorias eminentemente biológicas, hereditárias, uma vez que falava sobre as “dotações raciais”. E estes são, de acordo com o mesmo, selecionados segundo as adaptabilidades conferidas aos indivíduos que as contém. Estas adaptabilidades seriam resultados das forças com que os instintos induziriam os seres humanos a perseguirem este ou aquele fim, e de como estes fins estariam inter-relacionados com o ambiente que os cerca.

Quando se fala em ambiente, não se pode esquecer que em Veblen este não compreende somente o ambiente natural. Ele também contempla os ambientes sociais, culturais. Então, os seres humanos dotados de instintos seriam selecionados da mesma maneira em relação a duas esferas de ambientes: a natural e a social.

O raciocínio de Thorstein Veblen assume, aqui, termos bem darwinistas.⁴²² Mutações ocorrem entre os indivíduos - embora estas sejam raras - e disto surgem homens dotados de diferentes instintos – mais em termos de grau do que em termos qualitativos.⁴²³ Não que tais instintos sejam uma unidade característica no sentido mendeliano, eles não gerariam, uma vez selecionados, uma humanidade homogênea. Não existiria para Veblen um gene que contivesse e passasse de geração para geração determinado instinto (MONASTÉRIO, 1998, p. 56). Nesse ponto especificamente, VEBLEN ([1914] 1994c, p. 13) deixou

⁴²¹ Men take thought, but the human spirit, that is to say the racial endowment of instinctive proclivities, decides what they shall take thought of, and how and to what effect.

⁴²² Leonardo MONASTÉRIO (1998, p. 56) comenta que há certa convergência entre o modo como Veblen entendia evolução e a teoria evolucionista mais recente. Este autor diz: “Richard Dawkins, um dos mais renomados etólogos da atualidade, sustenta que uma característica genética existe porque, em algum momento, ela maximizou a adaptação genética do organismo; e também assevera que não é necessariamente verdade que existam genes específicos para cada característica.” Geoffrey HODGSON (2004, p. 162) também argumenta no sentido da admissão, pela ciência moderna, dos instintos. Ele fala sobre a teoria lingüística de Noam Chomsky, que é o paradigma dominante na sua esfera científica, e da necessidade que tal arcabouço tem de recorrer a idéias como a da existência de instintos.

⁴²³ Uma consequência implícita desta maneira de entender os instintos é considerar que a “carga inicial” instintiva deriva da evolução da vida em direção à diferenciação das espécies. O homem, portanto, carrega instintos que estariam presentes também nos animais.

pouquíssimo claro como brotaram tais variações – não mutacionais –, chamando-as de “complementos às unidades características.” Em suas palavras:

Portanto, as disposições instintivas dificilmente poderiam ser consideradas caracteres unitários no sentido mendeliano, porém poderiam ser consideradas antes como traços espirituais emergindo de uma certa concorrência de unidades de caracteres fisiológicos, e variando um pouco de acordo com as variações na unidade de caracteres complementares aos quais as espécies ou o indivíduo devem a sua constituição. Passariam a existir, portanto, variações de individualidade.⁴²⁴

Admitindo a variação da carga instintiva dos indivíduos, Veblen reforçaria a idéia de que a economia neoclássica, a qual imputaria uma natureza humana pasteurizada ao longo de toda a humanidade, não poderia dar conta dos fenômenos sociais que emergem de indivíduos e, conseqüentemente, de raças diferenciadas. Há, é claro, uma essência instintiva, mas variações são observáveis e, então, explicáveis em termos fisiológicos, ainda que de forma vaga. Nisso, portanto, Veblen dá aquele passo atrás, abre a caixa preta, explicando a natureza humana e, ainda, fazendo-a variável; permitindo um claríssimo contraste entre a sua teoria e dos marginalistas. Esta variabilidade, em adição, é argumentada útil também para a adaptabilidade, para a seleção natural. Em outro excerto Thorstein VEBLEN ([1914] 1994c, p. 14) dizia:

Algo que é característico da raça humana é um grau de vaguidão ou generalidade, uma ausência de respostas automaticamente determinadas, uma falta de eventualidade concreta como pode ser chamada, no percurso comum dos instintos humanos. Este caráter vago e cambiante

⁴²⁴ So the instinctive dispositions would scarcely be accounted unit characters, in the Mendelian sense, but would rather count as spiritual traits emerging from a certain concurrence of physiological unit characters and varying somewhat according to variations in the complement unit characters to which the species or the individual may owe his constitution. Hence would arise variations of individuality.

dos instintos, ou talvez ainda de uma resposta habitual à sua provocação, deve ser levado em consideração junto com a abertura e a variabilidade de seu fundamento fisiológico conforme explicado acima. Para o sucesso no longo prazo da raça isso é manifestamente do maior valor, visto que deixa uma fácil e larga margem de experimentação, habituação, invenção e acomodação (...). Ao mesmo tempo e nas mesmas circunstâncias, o escopo e alcance da convencionalização e sofisticação são similarmente flexíveis, amplos e consequencialistas.⁴²⁵

Algo extremamente importante para Veblen foi o reconhecimento da formação dos instintos durante um longuíssimo tempo, resultando disso a afirmação de que não seria necessariamente verdadeira a adaptação das propensões instintivas às circunstâncias correntes, a não ser por pura coincidência. Os instintos teriam se formado durante as fases mais remotas da civilização humana, da convivência social. Dada a novidade que era a modernidade, chegaria a ser ridículo pensar os instintos como caracteres recentes conferindo adaptabilidade ao ambiente atual. Mais do que isso, Veblen ainda ressaltava a variabilidade dos ambientes em que os instintos teriam sido selecionados, por isso existiriam instintos contraditórios, intersectantes, sobrepostos etc. Assim, complicar-se-ia ainda mais a compreensão do humano em termos simplistas, unilaterais:

Na ação instintiva, o indivíduo age como um todo, e na conduta que emerge sob a força dirigente das disposições instintivas a parte que cada instinto desempenha é uma questão de grau, não de direção exclusiva. Eles devem, portanto, de maneira incontinente, tocarem-se, confundirem-se, sobrepor-se e interferirem uns com os outros, e não podem ser

⁴²⁵ Characteristic of the race is a degree of vagueness or generality, an absence of automatically determinate response, a lack of concrete eventuality as it might be called, in the common run of human instincts. This vague and shifty character of the instincts, or perhaps rather of habitual response to their incitement, is to be taken in connection with the breadth and variability of their physiological ground as spoken above. For the long-term success of the race it is manifestly of the highest value, since it leaves a wide and facile margin of experimentation, habituation, invention and accommodation (...). At the same time and by the same circumstance the scope and range of conventionalisation and sophistication are similarly flexible, wide and consequential.

concebidos como agindo em pleno isolamento e independência um do outro (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 11).⁴²⁶

Ao colocar estes aspectos no cerne de sua teoria, Veblen acabava destruindo os ideários de darwinistas sociais tais como os de Spencer e Sumner. Para além disso, neste ponto do seu sistema há uma riqueza complexa na troca entre ambientes sociais, na formação e transmissão de caracteres, além do entendimento sobre a seleção natural e a adaptabilidade. Isso será mais bem apreendido na seqüência, quando forem explicadas as origens dos hábitos, instituições e a relação entre eles e os instintos.

II. Hábitos e Instituições.

Quando Veblen explicava o surgimento de hábitos e instituições, ele tentava livrar sua teoria de qualquer tipo de teleologia. Sobre esse tema, ele conferia uma grande discricionariedade às ações humanas, ainda que as colocasse sob a crucial e intensa influência do ambiente no qual os indivíduos estariam inseridos. Como dito acima, os instintos dotariam os seres humanos de motivações últimas, objetivos que deveriam ser perseguidos. Mas, a maneira como tais alvos deveriam ser caçados não seria aprioristicamente determinadas pelos instintos mesmos. Veblen fez questão de ressaltar que quanto maior o grau de inteligência, maiores seriam as “interposições” entre os objetivos dados pelos instintos e suas realizações. VEBLEN ([1914] 1994c, p. 6) explicava:

⁴²⁶ In instinctive action the individual acts as a whole, and in the conduct which emerges under the driving force of these instinctive dispositions the part which each several instinct plays is a matter of more or less, not of exclusive direction. They must therefore incontinently touch, blend, overlap and interfere, and can not be conceived as acting each and several in sheer isolation and independence one another

Quanto mais alto o grau de inteligência e quanto maior o corpo de conhecimento disponível atualmente em qualquer comunidade, mais extensiva e elaborada será a lógica dos caminhos e meios interpostos entre esses impulsos [propensões instintivas] e sua realização, e mais multifacetado e complicado será o aparato de convenções e recursos empregados para acompanhar tais fins que são instintivamente dignos de valor.⁴²⁷

Os objetivos difundidos pelos instintos, então, seriam perseguidos de acordo com práticas resultantes de seqüências de ações surgidas para atender a realização dos objetivos. Tais ações emergiriam de maneira não ótima, isto é, na teoria vebleniana, somente por um mero acaso a seqüência das ações que procuram satisfazer uma propensão colocada pelos instintos formariam um vetor ótimo de atitudes. Ótimo deve ser entendido aqui como um vetor que minimiza a divergência das ações em relação aos objetivos perseguidos. Em resumo, idealmente, pode-se inferir que para Veblen existiria uma seqüência ótima de ações que levaria os seres humanos ao cumprimento dos desígnios postos pelas inclinações instintivas. Entretanto, no curso da história, os homens nunca construíram seqüências ótimas deliberadamente, pois estas apareceriam de modo natural e apenas muito excepcionalmente, condicionadas pelas circunstâncias nas quais determinada comunidade se encontra. Há uma gama infinita de maneiras de se perseguir os fins instintivos numa comunidade dada historicamente. Assim sendo, acabariam emergindo práticas definidas por hábitos. Porém, quase nunca se pode dizer que a prática selecionada por habituação, e que acabava sendo adotada, é aquela que minimiza a divergência entre os objetivos finais e intermediários. É com a habituação de seqüências de usos e costumes que surgiriam, então, alguns fins intermediários. Em VEBLEN ([1914] 1994c, p. 6-7):

⁴²⁷ The higher the degree of intelligence and the larger available body of knowledge current in any given community, the more extensive and elaborate will be the logic of ways and means interposed between these impulses [instinctive propensities] and their realisation, and the more multifarious and complicated will be the apparatus of expedients and resources employed to compass those ends that are instinctively worth while.

O aparato de caminhos e meios (...) é ele todo, substancialmente, uma questão de uma tradição advinda do passado, um legado de hábitos de pensamento acumulado através da experiência de gerações passadas. De modo que a maneira, e em grande grau a medida na qual o fim instintivo da vida é elaborado sob qualquer situação cultural, é algo rigorosamente condicionado por esses elementos do hábito, os quais são classificados como um esquema de vida aceito. As proclividades instintivas são essencialmente simples e visam diretamente alcançar algum fim concretamente objetivo; nos detalhes, porém, os fins aspirados são diversos, e os caminhos e meios pelos quais eles podem ser aspirados são de igual maneira diversos, e envolvem infindáveis recorrências às oportunidades, às adaptações, e aos ajustes concessivos entre diversas proclividades suficientemente prioritárias.⁴²⁸

Os hábitos, em suma, são maneiras de agir, constituídos a partir da necessidade de se perseguir os objetivos postos pelos instintos. O que parece ser o dado mais importante com relação aos hábitos é a convenção na qual eles se consolidam. Pode-se dizer que vetores de atitudes, ações que perseguem determinado objetivo dado pelos instintos, surgiriam como uma função do ambiente no qual os indivíduos estão inseridos, e assim, alguns destes vetores acabariam sendo selecionados, também em função do ambiente, tornando-se convenções.

Com o que foi exposto, é possível entender a conduta humana como resultado de dois fatores. O primeiro vem das inclinações instintivas, selecionadas em função dos ambientes, natural e social, em que os indivíduos estariam

⁴²⁸ This apparatus of ways and means (...) is, substantially all, a matter of tradition out of the past, a legacy of habits of thought accumulated through the experience of past generations. So that the manner, and in great degree the measure, in which the instinctive ends of life are worked out under any given cultural situation is somewhat closely conditioned by these elements of habit, which so fall into shape as an accepted scheme of life. The instinctive proclivities are essentially simple and look directly to the attainment of some concrete objective end; but in detail the ends sought are many and diverse, and the ways and means by which they may be sought are similarly diverse and various, involving endless recourse to expedients, adaptations, and concessive adjustment between several proclivities that are sufficiently urgent.

inseridos. Neste sentido, já em 1899, em *A Teoria da Classe Ociosa*, VEBLEN ([1899] 1994d, p. 189) reconhecia os instintos como fator primordial do comportamento humano: “As forças que moldaram o desenvolvimento da vida humana e a estrutura social sem dúvida são redutíveis aos termos da matéria viva e do ambiente material.”⁴²⁹ Em segundo lugar, num nível mais flexível porque mais afastado dos atributos propriamente biológicos - ou seja, incrustados na fisiologia humana - estariam os hábitos. Se existem variações naquele primeiro nível, estas variações seriam aumentadas no segundo nível, pois neste último estariam mais afastadas as propriedades predominantemente inflexíveis, os conteúdos dos instintos. Nisto, é preciso considerar sempre que os hábitos devem ser resultados da deliberação dos indivíduos, enquanto os instintos somente lhes confeririam fins. É, portanto, neste determinado estágio que os indivíduos adotam meios, constituintes dos vetores de ações, como fins em si mesmos.

A passagem do nível dos hábitos para o das instituições parece ser uma questão de transformações cumulativas que levariam a uma transformação categorial. Veja-se isso na seguinte passagem de VEBLEN ([1914] 1994c, p. 7):

Sob a disciplina da habituação essa lógica e aparato de caminhos e meios encaixam-se em linhas convencionais, adquirem a consistência de costume e prescrição, e então tomam um caráter e força institucionais. Os caminhos habituais de agir e pensar não somente tornam-se uma questão habitual clara, fácil e óbvia, porém do mesmo modo eles vêm a ser sancionados pela convenção social, e então se tornam corretos e apropriados e originam princípios de conduta. Através do uso eles são incorporados no esquema atual do senso comum. Enquanto elementos do esquema aprovado de conduta e perseguição estes caminhos e meios convencionais ocupam o seu lugar na forma de fins aproximados da busca.⁴³⁰

⁴²⁹ The forces which have shaped the development of human life and of social structure are no doubt ultimately reducible to terms of living tissue and material environment.

⁴³⁰ Under the discipline of habituation this logic and apparatus of ways and means falls into conventional lines, acquires the consistency of custom and prescription, and so takes on an institutional character and force. The accustomed ways of doing and thinking not only become an habitual matter of course, easy and obvious, but they come likewise to be sanctioned by social

Assim, quando hábitos se tornam, cada vez mais, coletivos, aceitos, os hábitos de pensamento, que nada mais seriam do que idéias corroboradoras de comportamentos, segundo um senso comum, transformariam certos caminhos de conduta em instituições. Os hábitos de pensamento, ou em outras palavras, o senso comum de que determinadas formas de agir são as corretas, fariam os hábitos, que podem ser muitos, sendo categorias muito mais individuais que as instituições, coletivizarem-se e transformarem-se instituições. Hábitos, entendidos como vetores de comportamentos que visam atingir fins - sejam estes dados pelos instintos, primariamente, ou secundariamente colocados pelos hábitos em si – acabariam gerando instituições quando surgisse uma convicção coletiva de que aquele é o agir correto – os hábitos de pensamento. Nasce, então, uma teia institucional, um padrão de comportamento social, historicamente determinado. Douglas DOWD (2000, p. 21) faz alusão ao entendimento, por Veblen, de tal rede de instituições como o *status quo*. Dessarte é possível perceber que Veblen imputava às instituições prevalecentes certo atraso, traços conservadores. Ele colocou isso explicitamente, pois considerava o conjunto das instituições: “...um fator conservador. É o fator de inércia social, inércia psicológica, conservadorismo”.⁴³¹ (VEBLEN, [1899] 1994d, p.191).

VEBLEN ([1899] 1994d, p. 190) assim definia as instituições em *A Teoria da Classe Ociosa*:

As instituições são, em sua substância, hábitos prevalecentes de pensamento quanto a relações particulares e funções particulares do indivíduo e da comunidade; e o esquema de vida, que é feito do agregado de instituições em vigor num dado tempo ou momento do desenvolvimento de qualquer sociedade, pode, pelo lado psicológico, ser

convention, and so become right and proper and give rise to principles of conduct. By use and wont they are incorporated into the current scheme of common sense. As elements of the approved scheme of conduct and pursuit these conventional ways and means take their place as proximate ends of endeavor.

⁴³¹ ...a conservative factor. This is the factor of social inertia, psychological inertia, conservatism.

amplamente caracterizado como uma atitude espiritual ou uma *Teoria da Vida* prevalente.⁴³² /⁴³³

RUTHERFORD (1998, p. 467) faz uma esclarecedora síntese de todo este processo vebleniano:

Os instintos oferecem um conjunto de objetivos de ação básicos e originais, porém as pessoas devem elaborar os caminhos e meios de alcançar esses objetivos dentro das condições ambientais com as quais eles se deparam. Isso envolve o exercício de inteligência, porém o ambiente tende a condicionar ou 'disciplinar' o modo como as pessoas pensam ou agem, resultando em hábitos de pensamento e comportamento. Esses, com o passar do tempo, tornam-se convencionais, adquirem conotações normativas e tornam-se instituições. O ponto importante é que 'esses caminhos e meios convencionais tomam (ou podem tomar) seu lugar enquanto fim aproximativo da busca' e deslocam os instintos enquanto fins da ação.⁴³⁴ /⁴³⁵

⁴³² Teoria da Vida é uma expressão pouco usada por Veblen para definir um conjunto de instituições, embora seja extremamente interessante para se entender sua natureza. Na sequência deste trecho, fica claro que VEBLEN ([1899] 1994d, p. 190) via os instintos como as bases do comportamento, mediados pelos hábitos, hábitos de pensamento e instituições. Disse ele: "Em relação às suas características genéricas, esta atitude espiritual ou teoria da vida é em última análise redutível aos termos de um tipo prevalente de caráter." ("As regards its generic features, this spiritual attitude or a theory of life is in the last analysis reducible to terms of a prevalent type of character.")

⁴³³ The institutions are, in substance, prevalent habits of thought with respect to particular relations and particular functions of the individual and of the community; and the scheme of life, which is made up of the aggregate of institutions in force at a given time or at a given point in the development of any society, may, on the psychological side, be broadly characterized as a prevalent spiritual attitude or a prevalent *Theory of life*.

⁴³⁴ Malcolm Rutherford coloca a dinâmica que ocorre no sistema vebleniano, desde os instintos até as instituições, de maneira a mostrar que sempre haverá desvio em relação à perseguição dos fins determinados pelos instintos. O autor dessa Tese não considera isto verdadeiro sempre. Há no bojo do sistema vebleniano sempre possibilidade aberta. Ocorre, portanto, que certas instituições surgem para perseguir mesmo os objetivos postos pelos instintos. Além disso, os instintos sempre permanecem latentes.

⁴³⁵ The instincts provide a set of original, or basic, goals of action, but people must work out the ways and means of achieving these objectives within the environmental conditions that they face. This involves the exercise of intelligence, but the environment tends to condition or 'discipline' the

Assim, estabelecer-se-iam três níveis formadores do comportamento humano: os instintos, dimensão mais rígida, os hábitos, que consideram a deliberação e são um nível mais individualizado do comportamento; e finalmente, as instituições, hábitos convencionados, arraigados em hábitos de pensar, que conferem à adoção dos comportamentos de acordo com as instituições uma aceitação social. Então, se o critério de valoração social é a adequação dos comportamentos às instituições, estas seriam elementos coercitivos do comportamento humano. As instituições e hábitos, por sua vez, assim como os instintos num nível mais básico, sujeitar-se-iam à seleção num processo evolucionário.

III. A Seleção de Instituições

No início do oitavo capítulo de *A Teoria da Classe Ociosa*, Veblen fornece um dos mais claros resumos da dinâmica de sua teoria social. Lá ele expandia a *themata* evolucionista para o nível essencialmente social, ou melhor, das instituições. Mas, ao mesmo tempo, notava que os ambientes culturais, sociais, institucionais portanto, também teriam influência na seletividade dos indivíduos. É um mecanismo circular de evolução, embora se deva sempre ter em mente o fato de que a seleção, em cada um dos níveis de que se falou anteriormente, operaria em temporalidades diferentes. Se as instituições são fatores conservadores, de difícil mudança, muito mais estáveis seriam os instintos, entranhados na biologia dos seres humanos. *In verbis*, em VEBLEN ([1899] 1994d, p. 188) este mecanismo dá-se da seguinte maneira:

way people think and act, resulting in commonly held habits of thought and behavior. These, over time, become conventionalized, take on normative connotations, and become institutions. The important point is that 'these conventional ways and means [can] take their place as proximate ends of endeavor' and displace the instincts as the ends of action.

A vida do homem em sociedade, assim como a vida de outras espécies, é uma luta pela existência, e portanto é um processo de adaptação seletiva. *A evolução da estrutura social tem sido um processo de seleção natural de instituições.* O progresso que tem sido e é feito nas instituições humanas e no caráter humano pode ser atribuído, amplamente, a uma seleção natural dos hábitos mais adequados de pensamento e, a um processo de adaptação forçada de indivíduos a um ambiente que se modificou progressivamente com o crescimento da comunidade e com as instituições cambiantes sob as quais os homens têm vivido. As instituições não somente são o resultado de um processo seletivo e adaptativo que molda os tipos prevaletentes ou dominantes de atitudes ou aptidões espirituais; elas são, ao mesmo tempo, métodos especiais de vida e relações humanas, e são, portanto, por sua vez, fatores eficientes de seleção. Sendo assim, que as instituições cambiantes, por seu turno, contribuem para uma ainda maior seleção de indivíduos dotados com o temperamento adequado, e uma adaptação ainda maior de hábitos e temperamentos individuais ao ambiente cambiante através da formação de novas instituições.⁴³⁶

É difícil achar em toda obra de Veblen melhor resumo da dinâmica da sua teoria sócio-biológica. Todavia, este trecho pode levar o leitor a pensar que existe na teoria vebleniana uma circularidade entre instituições e instintos – ou caráter, sinônimo deste último. Novamente, é preciso reforçar, a seletividade aconteceria em três níveis distintos: (1) instintos, no longo prazo, (2) hábitos, que podem gerar hábitos de pensamento e através disto dar nascimento às (3) instituições, que finalmente operariam num tempo mais rápido. Mas, mesmo estas últimas, operando em tempo mais rápido, foram descritas como fatores conservadores.

⁴³⁶ The life of man in society, just like the life of other species, is a struggle for existence, and therefore it is a process of selective adaptation. *The evolution of social structure has been a process of natural selection of institutions.* The progress which has been and is being made in human institutions and human character may be set down, broadly, to a natural selection of the fittest habits of thought and to a process of enforced adaptation of individuals to an environment which has progressively changed with the growth of community and with the changing institutions under which men have lived. Institutions are not only themselves the result of a selective and adaptive process which shapes the prevailing or dominant types of spiritual attitude and aptitudes; they are at the same time special methods of life and human relations, and are therefore in their turn efficient factors of selection. So that the changing institutions in their turn make for a further selection of individuals endowed with the fittest temperament, and a further adaptation of individual temperament and habits to the changing environment through the formation of new institutions

Isto porque a teia de instituições, interagindo com o surgimento de hábitos ainda não institucionalizados, e os instintos, que às vezes estariam agindo plenamente, e às vezes estariam apenas latentes, suscitariam conseqüências ambientais imprevistas. A tecnologia, por exemplo, seria uma conseqüência desse concerto de fatores, a transformação do ambiente natural igualmente. Como a materialidade seria alterada, haveria um processo contínuo de adaptação em todos os níveis – lembre-se que isto deve ser sempre muito lento e complexo no nível dos instintos.

Vale a pena mostrar como VEBLEN ([1914] 1994c, p. 17) entendeu este processo no livro de 1914. Falando sobre os europeus, e começando a analisar a evolução a partir das instituições, ele dizia:

Essas mudanças e adaptações incessantes que avançam no esquema das instituições legais e consuetudinárias, induzem incessantemente hábitos de trabalho e pensamento na comunidade, e assim eles estimulam continuamente novos princípios de conduta; com o resultado de que o mesmo alcance de disposições instintivas inatas à população funcionará para um efeito diferente em relação à exigência de sobrevivência da raça.⁴³⁷

Aí Veblen colocava a economia no centro das suas preocupações, pois punha sobre a adaptabilidade às circunstâncias materiais - sobre “os requisitos materiais da vida” – o maior peso em termos de seleção. Seria, então, no meio material - que fica alterado pela evolução mesma dos instintos, hábitos, instituições - onde operariam os mais importantes mecanismos de seleção.

⁴³⁷ These unremitting changes and adaptations that go forward in the scheme of institutions, legal and customary, unremittingly induce new habits of work and of thought in the community, and so they continually instill new principles of conduct; with the outcome that the same range of instinctive dispositions innate in the population will work out to a different effect as regards the demands of race survival.

É mister, a título de síntese, descrever todo o sistema vebleniano em termos dos três componentes básicos do evolucionismo darwinista, como fazem, apenas por exemplo, RUTHERFORD (1998) e HODGSON (2004). São eles a transmissão de caracteres – a hereditariedade –, as mutações – o surgimento de variações – e o mecanismo de seleção.

Em primeiro lugar, porém, é preciso definir quais são as unidades sobre as quais a seleção opera. Chamam-se elas *unidades de seleção*. Seriam elas, então, os instintos, hábitos, hábitos de pensamento e instituições. Como já foi extensamente assinalado acima, desde aquela primeira unidade de seleção, até esta última, há uma atenuação do grau de tenacidade e, portanto, uma diminuição do horizonte temporal para a operação da seleção. Isso é uma função dos diferentes níveis nos quais cada uma das unidades de seleção residiria. Nisso se tem os instintos como pertencentes a um nível biológico, entranhado na herança genética dos indivíduos. Os hábitos, embora sejam gerados para que as motivações colocadas pelos instintos sejam alcançadas, localizam-se num patamar que envolve a deliberação humana. Como se definiu aqui, podem ser entendidos como vetores de ações que levam até à realização das propensões naturais contidas nos instintos. Estes hábitos engendram hábitos de pensamento, na medida em que se tornam instâncias mais coletivas, e quando isto acontece, aumentando a percepção de que determinada forma de agir é a mais correta, tomando a forma de um critério de valoração social, surgem as instituições. Estas, em suas várias formas coexistentes num determinado momento histórico, estão num nível sócio-cultural, no qual a seleção opera de forma mais imediata e, dessa maneira, no qual o tempo de seleção é muito mais curto.

A hereditariedade, no sistema vebleniano, ou em outras palavras, a conservação de características, um dos elementos fundamentais da *themata* evolucionista, localiza-se nas transmissões de atributos contidos nas próprias unidades de seleção. Os instintos são caracteres transmitidos fisiologicamente. Veblen destaca-os como extremamente estáveis, embora a seleção também opere sobre eles. Naquela obra de 1914, falava VEBLEN ([1914] 1994c, p. 35-36) sobre os instintos:

...entretanto, mudanças raramente – com efeito, jamais – ocorrem na dotação dos instintos através dos quais a humanidade é habilitada a empregar esses meios e a viver sob as instituições que os hábitos de vida criaram de modo cumulativo. (...)

Mas, depois de tudo que foi dito, continua verdadeiro que a margem dentro da qual a natureza instintiva da raça pode efetivamente ser adaptada às circunstâncias cambiantes é relativamente pequena – pequena se contrastada com o alcance da variação em instituições – e que os limites de adaptação são relativamente rígidos.⁴³⁸

As outras unidades de seleção também são tenazes, embora em menor grau, e assim transmissoras de suas próprias características. Os hábitos de pensamento, ao gerarem critérios de valoração das ações, também criam tenacidade, e desta forma as instituições passariam de geração a geração. É claro que não fisiologicamente, mas sim culturalmente. Como já se disse, por isso mesmo, aquela rede de instituições é tratada na teoria vebleniana, como o *status quo*. HODGSON (2004, p. 181-184) fala que além do papel que as instituições têm como elementos conservadores, ao mesmo tempo elas seriam “repositórios de conhecimento coletivo”, e tal formulação vai bem ao encontro da tese vebleniana que afirma ser a tecnologia um resultado muito mais da coletividade do que da inventividade de indivíduos isolados.⁴³⁹

⁴³⁸ ...but changes comes rarely – in effect not at all – in the endowment of instincts whereby mankind is enable to employ these means and to live under the institutions which habits of life cumulatively created. (...)

But after all has been said it remains true that the margin within which the instinctive nature of the race can be effectively adapted to changing circumstances is relatively narrow – narrow as contrasted with the range of variation in institutions – and limits of adaptation is somewhat rigid. ...

⁴³⁹ HODGSON (2004, p. 181-184) nota que Veblen estava mais preocupado, quando indica que as instituições são estes “repositórios de conhecimento coletivo”, com a sua crítica ao conceito de capital, na forma em que foi descrita acima. Ao que tudo indica a compreensão das instituições como tal surge a partir desta perspectiva, e isto é fundamental para esta Tese. A crítica ao conceito de capital e o entendimento das instituições como detentoras deste importante papel social é resultado de um contexto no qual ocorria uma discussão, eivada de cores ideológicas, sobre os méritos das inovações e, em consequência, sobre a teoria da distribuição dos economistas mais conservadores.

A mutação, como deve ser em qualquer esquema que utilize o modo de pensar darwiniano, é a geradora de variedade – que é posteriormente selecionada – em cada uma das unidades de seleção. O surgimento de variedade é requisito primordial para que a seleção opere, pois é inadmissível se pensar em seleção a partir de unidades homogêneas (HOGSON, 2004, p. 353). Aqui o sistema vebleniano diferencia-se em certa medida do darwiniano, preocupado somente com a esfera biótica. Já que existem unidades de seleção num nível sócio-cultural, deve-se admitir que as variações não sejam apenas “*randômicas*”, mas muitas vezes deliberadas, intencionais. Assim, ao adotar este ou aquele vetor de ações, ou sejam, hábitos, portanto, é preciso admitir que o indivíduo escolhe entre um ou outro padrão de comportamento. No nível instintivo as mutações são sim aleatórias, como previu Darwin, mas na medida em que as unidades de seleção sobem de nível, em direção ao sócio-cultural, aumenta o grau de deliberação presente nelas. Há sempre a causação dos instintos em direção às instituições, mas nas deliberações sobre como realizar os objetivos instintivos ocorrem variações. Isto é resultado, em especial, de duas variantes do condicionamento do ambiente – natural e social – bem como da variabilidade mesma dos indivíduos, lembrando que Veblen previu um determinado grau de diversidade na carga instintiva de indivíduo para indivíduo.

Finalmente, opera o mecanismo de seleção. A carga instintiva, como é selecionada num tempo muito longo, permanece praticamente inalterada, pelo menos desde os primórdios do estágio histórico que Veblen chamou de selvageria. O que acontece mais freqüentemente ao longo da história é o fato de que os instintos acabam prevalecendo uns sobre os outros, dependendo das circunstâncias ambientais enfrentadas pelos indivíduos. Mais detalhadamente, Veblen afirma que determinados cenários históricos são mais ou menos favoráveis às ações em perseguição de uns ou outros instintos. Já no nível institucional, existe uma seleção mais rápida, mais imediatamente afetada pelas circunstâncias externas. Contudo, como afirmam Malcolm RUTHERFORD (1998, p. 467) e Geoffrey HODGSON (2004, p. 356), Veblen teria deixado sem especificação os mecanismos de seleção, ou em outras palavras, a descrição de como ele operaria. Nas palavras de RUTHERFORD (1998, p. 467): “Não obstante, acontece de ser precária a discussão de Veblen sobre como

exatamente o processo evolucionário funciona.”⁴⁴⁰ E como põe o assunto Geoffrey HODGSON (2004, p. 356): “Enquanto Veblen geralmente enxergava as instituições como unidades de seleção num processo de economia evolutiva, ele não deixava o contexto, o critério ou o mecanismo de seleção inteiramente claros.”⁴⁴¹

Talvez Hodgson e Rutherford entendam o evolucionismo vebleniano deste modo porque exigiriam uma teoria elaborada em termos mais universais. Se se resgatar aquilo que foi dito anteriormente sobre a filosofia da ciência kuhniana, quiçá se possa entender Veblen de outra forma.

Enquanto é em Veblen_t que estão seus princípios científicos mais gerais, é em Veblen_a que se encontram as especificações destes mecanismos seletivos, isso para cada contexto no qual a teoria mais generalista é aplicada. Veblen_a se põe a analisar os mais diversos fenômenos sociais a partir do que diz ser sua perspectiva darwiniana, evolucionista. Aqui, sustenta-se que Veblen_a detalhou muito bem os mecanismos de seleção envolvidos quando descreveu, por exemplo, o surgimento e o estabelecimento da classe ociosa no seu livro seminal. Quando trata de temas como as instituições tipicamente norte-americanas - o *self-made man*, a mentalidade agrarista, entre outros - ele mostra, detalhadamente, como tais traços culturais nascem, e estabelecem-se como aspectos tenazes da malha sócio-cultural, ou seja, institucionalizam-se.⁴⁴²

Que os mecanismos seletivos e mesmo os geradores da variação institucional sejam contextuais, não invalida os princípios mais gerais do sistema teórico de Veblen, nem impede que os estudos específicos estejam de acordo com as proposições mais nucleares da economia política evolucionista que ele elaborou. Ao mesmo tempo, não se pode dizer que Veblen seja um hermeneuta,

⁴⁴⁰ Nevertheless, it is the case that Veblen's discussion of *exactly* how evolutionary processes work are frequently lacking.

⁴⁴¹ While Veblen generally saw institutions as units of selection in a process of economic evolution, he did not make the context, criteria or mechanism of selection entirely clear.

⁴⁴² Estas instituições são temáticas de *Absentee Ownership and the Business Enterprise in Recent Times*.

pois ainda que os mecanismos seletivos se especifiquem a partir de contextos, isso não implica que a teoria esteja sendo formulada a partir do exame de situações contextuais. Instintos, hábitos, instituições estão sempre presentes, assim como a necessidade de se colocar formas de variação e mecanismos de seleção em cada explicação. O protocolo de pesquisa de Veblen, assim sendo, permite que se desvendem os mais diversos mecanismos de seleção, o que se coaduna sobremaneira com a riqueza institucional que o iniciador do institucionalismo norte-americano dizia ser a característica da vida histórico-sócio-cultural.

É preciso entender que isto foi absolutamente necessário para que Veblen_a estabelecesse uma pesquisa econômica calcada sobre a *curiosidade desinteressada*. Quanto mais bem especificado fosse o protocolo geral de pesquisa, menos aberto seria o leque de temáticas a serem exploradas a partir dele. É claro que isso pode levar a inconsistências lógicas, o que acontecia vez ou outra. Mas, em geral, pode-se argumentar que Veblen desejava deixar seu sistema aberto, de modo a permitir o estudo da sociedade nos seus mais variados níveis de especificidade. Por isso mesmo ele propôs, em *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*, uma história social muito mais geral do que a apresentada quinze anos antes em *A Teoria da Classe Ociosa*. Sua teoria mais geral da história é, portanto, como uma passagem, uma ponte entre o Veblen_t e o Veblen_a, pois foi ao longo desta que Veblen_t explicou a formação dos elementos de sua categoria mais geral, os instintos.

IV. As Principais Propensões Inatas dos Seres Humanos e suas Origens

Nos textos de Veblen é possível identificar quatro inclinações naturais, quatro instintos básicos, sendo que dois deles seriam preponderantes. E, em *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*, eles tomam a precedência no processo de evolução cumulativa do qual seria feita a história.

O primeiro deles é o chamado *instinto do trabalho eficaz* (*instinct of workmanship*). Este instinto já estaria posto em sua suma importância em *A Teoria da Classe Ociosa*, tendo sido desenvolvido pela primeira vez num ensaio de 1898, intitulado *The Instinct of Workmanship and the Irksomeness of Labor* (VEBLEN, [1898] 1994b, p. 78-96). Neste primeiro texto, VEBLEN ([1898] 1994b, p. 76) declarava que sua intenção, ao desvendar as origens do instinto do trabalho eficaz, era combater a doutrina aceita da economia política segundo a qual o trabalho seria naturalmente desagradável. Com isso, Veblen mostrava o desgosto pelo trabalho como resultado de uma evolução histórica cumulativa, não sendo, portanto, assim como queriam clássicos e neoclássicos, uma propensão inata dos seres humanos. A justificativa para tal fato seria extremamente plausível, baseava-se na biologia evolucionária.

Para mostrar o surgimento aversão ao trabalho, VEBLEN ([1898] 1994b, p. 77) dizia que a economia precisava explicar como teria ocorrido a “emancipação dos seres humanos em relação à lei da evolução”. Neste sentido, à luz do evolucionismo darwiniano, não deveria ser absurdo pensar que os homens mais dotados de um senso que os impelisse ao trabalho fossem selecionados, uma vez que seria do trabalho, num período remoto, no qual a produção era igual ao consumo para a sobrevivência, que surgiriam os víveres. Sendo assim, a rejeição do trabalho como algo desprazeroso só poderia aparecer mais tarde. A primeira condição para tal seria justamente a expansão do produto para além das necessidades básicas de sobrevivência.⁴⁴³ O sentido de que o trabalho é algo ruim, fonte de inutilidade como queriam os neoclássicos, em Veblen, resultaria de uma convenção social, não sendo uma propriedade inata do homem. Eis as palavras do próprio VEBLEN ([1898] 1994b, p. 82) neste sentido:

Esse instinto de trabalho eficaz aparentemente entra em conflito com a antipatia convencional ao esforço útil. Ambos são encontrados juntos em plena discordância no percurso comum dos homens; porém, sempre que

⁴⁴³ Mais à frente, ver-se-á que este é um ponto fulcral da história da humanidade para Veblen. É a partir dele que os humanos puderam dar vazão ao seu instinto predatório e também, é daí em diante que pôde emergir a classe ociosa.

um julgamento deliberado diz respeito à conduta ou a eventos, o primeiro assevera sua primazia de um modo penetrante que sugere que é a um só tempo o traço mais genérico, mais tolerável da natureza humana. Dificilmente pode existir uma questão séria de precedência entre os dois. *O primeiro é um traço humano necessário à sobrevivência das espécies*; o último é um hábito de pensamento possível somente numa espécie que conseguiu se distanciar de todos os competidores, e então ele prevalece somente por tolerância e dentro dos limites determinados pelo primeiro.⁴⁴⁴

A definição de Veblen do instinto do trabalho eficaz repete-se, praticamente com as mesmas palavras na *Teoria da Classe Ociosa*, e no artigo de 1898.⁴⁴⁵ Considere-se, então, a definição em *A Teoria da Classe Ociosa*:

Por uma questão de necessidade seletiva, o homem é um agente. Ele é, em sua própria apreensão, um centro de atividade impulsiva em desdobramento – atividade “teleológica”. Ele é um agente procurando em cada ato a realização de algum fim concreto, objetivo e impessoal. Pela força de ser um agente ele é possuído de um gosto pelo trabalho efetivo, e um desgosto pelo trabalho fútil. Ele tem um senso do mérito da utilidade ou eficiência, e do demérito da futilidade, desperdício ou incapacidade. Essa atitude ou propensão pode ser chamada de instinto do trabalho eficaz (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 15).⁴⁴⁶

⁴⁴⁴ This instinct of workmanship apparently stands in sheer conflict with the conventional antipathy to useful effort. The two are found together in full discord in the common run of men; but whenever a deliberate judgment is on conduct or on events, the former asserts its primacy in a pervasive way which suggests that it is altogether the more generic, more abiding trait of human nature. There can scarcely be a serious question of precedence between the two. *The former is human trait necessary to survival of the species*; the latter is a habit of thought possible only in a species which has distanced all competitors, and then it prevails only by sufferance and within the limits set by the former.

⁴⁴⁵ *Why is Economics not an Evolutionary Science?*

⁴⁴⁶ As a matter of selective necessity, man is a agent. He is, in his own apprehension, a centre of unfolding impulsive activity – “teleological” activity. He is a agent seeking in every act the accomplishment of some concrete, objective, impersonal end. By force of his being such an agent he is possessed of a taste of effective work, and a distaste for futile effort. He has a sense of the merit of serviceability or efficiency and of demerit of futility, waste, or incapacity. This aptitude or propensity may be called the instinct of workmanship.

O segundo instinto fundamental é a “inclinação paternal” (*parental bent*). Se o instinto do trabalho eficaz deveria ser uma necessidade para a sobrevivência do indivíduo, levando os mais dotados com esta inclinação a sobreviverem durante o processo de seleção natural, a inclinação paternal seria o instinto que lidaria com a sobrevivência da espécie, do grupo como unidade biológica de seleção. VEBLEN ([1914] 1994c, p. 26-27) fez questão de ressaltar que o instinto da inclinação paternal não seria apenas a propensão humana para cuidar da própria prole, individualmente. Ela representa algo mais amplo que isso. O homem, dotado da inclinação paternal, tem uma inclinação a preocupar-se com as gerações vindouras. VEBLEN ([1914] 1994c, p. 26) apontava, através de observações antropológicas, o sentido *lato* da inclinação paternal:

A solicitude paternal na humanidade tem uma implicação muito mais ampla do que simplesmente garantir o bem estar das próprias crianças. Essa implicação mais ampla é particularmente evidente naquelas culturas inferiores onde o esquema de consangüinidade e hereditariedade não é esboçado nas mesmas linhas familiares próximas como entre os povos civilizados, (...) é uma coisa desprezivelmente inumana para a geração atual a disposição de fazer o caminho da vida mais difícil para a próxima geração, seja negligenciando provisões para sua subsistência e o treinamento adequado, ou desperdiçando sua herança de recursos e oportunidades através de gastos gananciosos e indolentes.⁴⁴⁷

⁴⁴⁷ The parental solicitude in mankind has a much wider bearing than simply the welfare of one's own children. This wider bearing is particularly evident in those lower cultures where the scheme of consanguinity and inheritance is not drawn in the same close family lines as among civilised peoples, (...) it is a despicably inhuman thing for the current generation willfully to make the way of life harder for the next generation, whether through neglect of due provision for their subsistence and proper training or through wasting their heritage of resources and opportunity by improvident greed and indolence.

No trabalho de Veblen, o sentido mais claro da inclinação paternal seria atribuir à humanidade um senso de solidariedade intergeracional.

Outro instinto analisado por Veblen é aquele já foi exposto aqui em seus efeitos, a curiosidade desinteressada. Como as conseqüências de tal dotação natural dos seres humanos já foram expostas anteriormente, é interessante, aqui, vê-lo como um dos instintos essenciais e, também, explicar sua origem. Embora VEBLEN ([1914] 1994c, p. 85-89) em *The Instinct of Workmanship and the States of Industrial Arts* retome a discussão deste instinto, especialmente no que toca à sua relação com o instinto de trabalho eficaz, a formulação mais bem acabada desta categoria é a do texto de 1906, *The Place of Science in Modern Civilisation*. Neste ele explicava a origem da curiosidade desinteressada através da aplicação do princípio da seleção natural ao âmbito da mente humana. Se a curiosidade desinteressada deveria ser o instinto que impele o homem a tomar ações sem motivações ulteriores, a mente seria a responsável por selecionar, deliberar sobre a variedade de ações decorrentes deste instinto. Então, como os seres humanos, na esfera mental, mimetizariam a seleção natural, a curiosidade desinteressada seria o imprescindível mecanismo gerador da variedade. Nos dizeres do antigo institucionalista:

Caso se dê crédito à visão de que a inteligência é, em seus elementos, da natureza de uma seleção restritiva, parece necessário assumir algo como uma cadeia de respostas desconexas e desinteressadas que dê conta do percurso ulterior dos elementos eliminados ao dar à resposta mecânica o caráter de uma conduta racional. De modo que associado à atenção pragmática é encontrada, em grau maior ou menor, aquela atenção desconexa, ou curiosidade desinteressada (VEBLEN, [1906] 1994, p. 6-7).⁴⁴⁸

⁴⁴⁸ If credence is given to the view that intelligence is, in its elements, of the nature of an inhibitive selection, it seems necessary to assume some such chain of idle and irrelevant response to account for the further course of the elements eliminated in giving the motor response the character of a reasoned line of conduct. So that associated with the pragmatic attention there is found more or less of an irrelevant attention, or idle curiosity

Uma última inclinação inata dos seres humanos é o chamado instinto predatório (*predatory instinct*). Neste caso surgem mais dúvidas na literatura especializada em Veblen sobre sua origem, e mesmo sobre seu *status* entre os instintos fundamentais – havendo quem o veja como derivado da “contaminação” do instinto do trabalho eficaz.

Veblen sempre criticou a ciência social de origem hobbesiana, que trataria a natureza humana como inclinada à célebre “guerra de todos contra todos.” No livro de 1914, Thorstein VEBLEN ([1914] 1994c, p. 100) deixava isto explícito:

Conforme a evidência tem se acumulado, tem crescido cada vez mais manifesto que a antiga hipótese de um estado da natureza de acordo com o da escola de Hobbes não pode ser aceita. A evidência advinda das fontes contemporâneas com relação ao estado de coisas, nesse caso entre selvagens e muitas dos bárbaros inferiores, aponta a paz antes do que a guerra como sendo a situação habitual...⁴⁴⁹

Ao mesmo tempo, ao estabelecer que a origem da humanidade seria pacífica, o autor de *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts* estava desacreditando seus arquiinimigos que se diziam darwinistas, Spencer e Sumner – os quais imputavam à natureza humana uma inclinação à competitividade. Se o instinto do trabalho eficaz e a inclinação paternal deveriam ser tão necessários à sobrevivência naturalmente seletiva, então um instinto destrutivo, tal como o predatório, deveria ser contrário a tal.

Contudo, Veblen admitia a existência dessa propensão predatória, embora estivesse sempre a relegá-la para um segundo plano, pois ela seria contrária aos instintos mais fundamentais do trabalho eficaz e da inclinação paternal. É em *A Teoria da Classe Ociosa* que o instinto predatório surge mais destacadamente.

⁴⁴⁹ As the evidence has accumulated it has grown increasingly manifest that the ancient assumption of a primitive state of nature after the school of Hobbes cannot be accepted. The evidence from contemporary sources, as to the state of things in this respect among savages and many of the lower barbarians, points rather to peace than to war as the habitual situation...

Sua origem, como bem esclareceu DIGGINS (1999, p. 71), relaciona-se ao comportamento de competição sexual no âmbito da reprodução (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 19). Dentro desta esfera sexual, operaria uma seleção que ao mesmo tempo embasa a divisão do trabalho entre os gêneros. Em VEBLEN ([1899] 1994d, p. 13), lê-se: “Os sexos diferem não somente em estatura e força muscular, mas talvez ainda mais decisivamente em temperamento, o que deve fazer surgir já cedo uma divisão de trabalho correspondente.”⁴⁵⁰ Os homens, especialmente aqueles sujeitos a um ambiente no qual há a exigência do exercício de “virtudes de força”, principalmente em relação a sua fauna, submeteram-se a uma seleção natural que acabou mesmo desembocando naquela divisão do trabalho entre gêneros, algo observável antropologicamente (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 13). Deste modo, enquanto os outros instintos são tidos como ubiquamente pertencentes aos dois sexos, Veblen colocava o instinto predatório predominantemente como atributo do sexo masculino. Mas, desde que se desenvolveu a vida durante o primeiro estágio de “selvageria pacífica”, ficaria o instinto predatório em condição latente, ao menos no que diz respeito à luta entre os homens. Novamente, uma das condições mais fundamentais para que tal instinto em estado potencial aflore, seria a ultrapassagem do nível da mera subsistência. Na história geral da civilização de Veblen, o afloramento do instinto predatório dar-se-ia na passagem do estágio de “selvageria pacífica” para o de “barbarismo”.⁴⁵¹

V. A História da Humanidade para Veblen

O primeiro estágio da história humana de que Veblen tratou é aquele que o mesmo nomeou de *selvageria pacífica*. Neste período, ele afirmou que os

⁴⁵⁰ The sexes differ, not only in stature and muscular force, but perhaps even more decisively in temperament, and this must early given rise to a corresponding division of labor.

⁴⁵¹ Boa parte desta história colocada em *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts* era a base do mais tradicional curso que Thorstein Veblen ministrava onde dava aulas, *Economic Factors in Civilization*.

instintos humanos já estavam mais ou menos bem consolidados. Da mesma forma, instalou-se um modelo de vida mais sedentário e gregário, em oposição ao *modus vivendi* da última Era Glacial. A partir destes aspectos, VEBLEN ([1914] 1994c, p. 113) permitiu-se falar na existência de uma grande estabilidade dos tipos raciais – e, conseqüentemente, das cargas instintivas. Isso tudo teria acontecido a partir do início da revolução neolítica⁴⁵² - cerca de 10.000 a.C.

A selvageria pacífica seria um período da história humana que apresentaria graves contrastes se comparada com aquilo que aconteceria mais à frente, quando o excedente de produção da humanidade tornou-se significativo. O aspecto mais evidente desta fase da história humana seria seu caráter pacífico e a predominância do comportamento solidário. A conduta propriamente econômica, neste contexto, pode ser traçada a partir do início dos mais primitivos cultivos e da criação de animais. VEBLEN ([1914] 1994c, p. 100-101) colocou, portanto, a paz como uma condição essencial para o começo destes primeiros tempos da sociedade econômica. Ele disse:

Perceber-se-á que subjaz em todo esse argumento a hipótese de que a cultura que inclui os princípios e o desenvolvimento incipiente do cultivo e da criação de gado era uma cultura substancialmente pacífica. (...)

Parece previamente improvável que a domesticação das plantas de cultivo e dos animais poderia ter sido realizada de alguma maneira exceto entre povos que levavam uma vida pacífica e sedentária.⁴⁵³

⁴⁵² O fato caracterizador do início do período neolítico é a adoção de ferramentas de pedra polida (ROBERTS, 2003, p. 60).

⁴⁵³ It will have been noticed that through all this argument runs the presumption that the culture which included the beginnings and early growth of tillage and cattle-breeding was substantially a peaceable culture. (...)

It seems antecedently improbable that the domestication of the crop plants and animals could have been effected at all except among peoples leading a passably peaceable and sedentary life.

Nesta comunidade, tão dependente da solidariedade mútua, pois o produto ainda era, senão igual, muito próximo do nível de subsistência – às vezes abaixo dele – inexistia o conceito de propriedade individual. Os grupos humanos também eram isolados e pequenos, não havendo, deste modo, trocas econômicas relevantes entre eles. Isso fazia com que a manutenção da sobrevivência se realizasse através da não-especialização. A não-divisão do trabalho decorria tanto do aspecto coletivo da vida, uma vez que os diversos víveres eram produzidos pelo conjunto da comunidade, bem como do ponto de vista individual, pois que as diversas atividades, dada a pequeníssima produtividade do trabalho e a baixa densidade populacional, precisavam contar com toda a coletividade. Estes traços da vida primitiva, da selvageria pacífica, seriam completamente diacrônicos com a carga instintiva humana fundamental. VEBLEN ([1914] 1994c, p. 121-122) destacava tal fato da seguinte maneira:

O que é conhecido das condições de vida nos pregressos tempos neolíticos indica que o primeiro requisito de sobrevivência competitiva consistia mais ou menos de uma atenção próxima às atividades práticas, ao fornecimento de subsistência ao grupo e à criação da prole (...); tudo isso joga para primeiro plano a inclinação paternal e o senso de trabalho eficaz como traços nativos do sucesso da raça, ao invés daqueles traços instintivos que causam a perturbação da paz.^{454/455}

Um dos traços mais reforçados por Veblen, quando falava da selvageria pacífica, é o caráter das instituições como perpetuadoras dos conhecimentos

⁴⁵⁴ Neste trecho Veblen inseriu uma nota de rodapé que trata do instinto predatório. Ele sugeria que enquanto os instintos do trabalho eficaz e a inclinação paternal teriam um papel basilar na manutenção da vida de um grupo, o instinto predatório, embora útil na caça, por exemplo, não seria um responsável crucial pela sobrevivência de uma comunidade (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 122).

⁴⁵⁵ What is known of the conditions of life in early neolithic(sic) times indicates that the first requisite of competitive survival was a more or less close attention to the business in hand, the providing of subsistence for the group and the rearing of offspring (...); all of which throws into the foreground as indispensable native traits of the successful race the parental bent and the sense of workmanship, rather than those instinctive traits that make for the disturbance of the peace.

tecnológicos, ou em outras palavras, das tecnologias de produção. O instinto do trabalho eficaz, portanto, daria suporte à existência de hábitos que faziam perdurar as maneiras mais eficazes de produção.

Contudo, seria justamente nisto que a teoria de Veblen começaria a mostrar seus traços de forte negação da teleologia. Como já foi repisado, o desejo do fundador do institucionalismo era livrar a teoria econômica de qualquer traço de *telésis*. Assim, ele inseriu, aqui, um elemento que tomado como uma inclinação humana, tal como o instinto de trabalho eficaz, essencialmente bom em sua origem, pois perpetuador da vida da espécie, poderia ser deturpado e levar a humanidade à adoção de hábitos perniciosos à sua própria existência. Ocorreria assim a “contaminação” do instinto do trabalho eficaz, da qual se fala no segundo capítulo da obra de 1914.⁴⁵⁶

Sendo mais específico, teria ocorrido, para Veblen, no estágio da selvageria pacífica, a “autocontaminação” do instinto do trabalho eficaz. Deste instinto, portanto, através desta autocontaminação, surgiriam os hábitos ditos antropomórficos. Estes comportamentos seriam aqueles que imputariam aos objetos inanimados motivos e ações típicas dos seres humanos. A elaboração de mitos para explicar determinados fenômenos, tal como era comum entre tribos da época da selvageria pacífica, seria o comportamento que se classifica por excelência como antropomórfico. VEBLEN ([1914] 1994c, p. 56) trouxe da literatura sobre antropologia social da América pré-colombiana um exemplo que tipifica o que ele chamava de antropomorfismo – ou intercambiavelmente, animismo.⁴⁵⁷

Então, as ceramistas *pueblos* podem estar (supostamente) cientes de certas qualidades inerentes, quase espirituais, pragmáticas, assim como

⁴⁵⁶ O título do capítulo referido é: *The Contamination of Instincts in Primitive Technology*.

⁴⁵⁷ Aqui VEBLEN ([1914] 1994c, p. 56) cita alguns estudos dos quais ele retirou o exemplo: CUSHING, F. W. *A Study of Pueblo Pottery as Illustrative of Zuni Culture Growth*. Report, Bureau of Ethnology, 1882-1883 (vol. IV); FEWKES, J. W. *Archeological Expedition to Arizona in 1895*. Seções sobre Cerâmica e Paleografia da Cerâmica. HOLMES, W. H. *The Ancient Art of Chiquiri*. *Ibid.*

de reivindicações e proclividades personificadas nos lençóis de barro dos quais o seu material bruto provém: diferentes lençóis de barro possuem, sem dúvida, uma personalidade algo diferente, a qual, entre outras coisas, tem a ver com a qualidade do material bruto que eles fornecem. Mesmo o barro que está sendo trabalhado deve ter suas peculiaridades pragmáticas e idiosincrasias, as quais devem ser respeitadas; a cerâmica finalizada, de modo notável, é uma entidade com uma história de vida própria, dotada de temperamento, sorte e fatalidade que forja a substância do bem e do mal no seu próprio mundo.⁴⁵⁸

O antropomorfismo ou animismo seria derivado do senso de trabalho eficaz; pois, eivado dos hábitos de pensamento gerados no seu âmago, o homem estenderia para os objetos exteriores aquilo que acostumou a reconhecer em si mesmo: vontade, teleologia, propósito. Seria o animismo, desse modo, resultado do caminho tomado pelas ações humanas com base em sua carga instintiva. Veja-se isso no seguinte trecho:

Tal antropomorfismo normalmente significa uma interpretação dos fenômenos em termos do trabalho eficaz, (...)

Todos os fatos de observação são necessariamente vistos sob a luz dos hábitos de pensamento do observador, e o mais íntimo e inveterado destes hábitos de pensamento é a experiência de suas próprias iniciativas e esforços (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 53).⁴⁵⁹

⁴⁵⁸ So, the pueblo potter (woman) may (putatively) be aware of certain inherent, quasi-spiritual, pragmatic qualities, claims and proclivities personal to the clay beds from which her raw material is drawn: different clay beds have, no doubt, a somewhat different quasi-personality, which has, among other things, to do with the goodness of the raw material they afford. Even the clay in hand will have its pragmatic peculiarities and idiosyncracies (sic) which are duly to be respected; and, notably, the finished pot is an entity with a life-history of its own and with temperament, fortunes and fatalities that make up the substance of good and evil in its world.

⁴⁵⁹ Such anthropomorphism commonly means an interpretation of phenomena in terms of workmanship, (...)

All facts of observation are necessarily seen in the light of the observer's habit of thought, and the most intimate and inveterate of his habits of thought is the experience of his own initiatives and endeavors

Um pouco abaixo, sobre a derivação não teleológica de comportamentos costumeiros a partir de instintos, ele dizia:

O senso do trabalho eficaz é como qualquer instinto humano no sentido em que, quando a ocasião aparece, o agente movido por impulso não somente percorre uma seqüência de ações suscetíveis à finalidade instintiva, mas a ele também é dado permanecer, mais o menos sentimentalmente, sobre os objetos e atividades sobre os quais sua atenção está envolvida pelos ímpetos de sua propensão instintiva (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 53).⁴⁶⁰

A instituição destes hábitos antropomórficos foi tomada por Veblen como essencialmente prejudicial à sobrevivência dos grupos humanos, ainda que indiretamente, pois seria contrária ao aumento da produtividade. Logo, o senso de trabalho eficaz daria nascimento a duas linhas de ação. Na primeira os objetos deveriam ser percebidos em si, na sua materialidade, inexistindo imputação. Esta linha de ação seria aquela *materialmente factual*. O animismo seria seu contraste; prejudicaria, atrasaria a evolução do conhecimento tecnológico que aumenta a produtividade das atividades humanas (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 58). O drama da humanidade seria que o próprio instinto de trabalho eficaz conteria o mecanismo de seleção que permitiria aos hábitos baseados em entendimentos antropomórficos sua continuidade.

A curiosidade desinteressada, numa imbricação com o senso de trabalho eficaz, faria, com que o homem admirasse a dificuldade, o virtuosismo por si mesmo, tal como aconteceria nas artes, assim como diante de uma cerâmica altamente elaborada, o que, no entanto, não deve aumentar sua utilidade prática.

⁴⁶⁰ The sense of workmanship is like all human instincts in the respect that when the occasion offers, the agent moved by its impulse not only runs through a sequence of actions suitable to the instinctive end, but he also given to dwelling, more or less sentimentally, on the objects and activities about which his attention is engaged by the promptings of this instinctive propensity

Anteriormente, em *A Teoria da Classe Ociosa*, quando analisava o consumo conspícuo, VEBLEN ([1899] 1994d, p. 74) dissertou sobre as diferenças entre duas colheres, uma de ferro e outra de prata, sobre as quais o senso de trabalho eficaz, em sua forma pura, reconheceria a mesma utilidade, pois as entenderia somente como ferramentas. Porém, a autocontaminação do instinto do trabalho eficaz, ao respeitar a dificuldade de realização de determinada tarefa *per se*, constituiria, a partir disso, um critério de valor, que serviria para legitimar, em termos de seleção, a linha de ação do antropomorfismo. Formas elaboradas de lendas, mitos, artes sem utilidade prática, acabam tornando-se aceitas coletivamente, institucionalizando, então, tais comportamentos.

Mas, em que pesem tais ações divergentes na obtenção de aumentos de produtividade, o conhecimento materialmente factual avançou, e se manteve através das instituições geradas no bojo do instinto do trabalho eficaz. Assim, em determinado momento histórico, a humanidade ultrapassou a subsistência estrita. Daí em diante passaram a ocorrer, sistematicamente, obtenções de excedentes produtivos. Apareceu, por conseguinte, a possibilidade do afloramento dos hábitos baseados no instinto predatório. Passou a existir, pela primeira vez, a questão da posse dos bens excedentes, pois se antes tudo era consumido, no novo cenário de afluência algum destino deveria ser dado às sobras do processo produtivo. Inicialmente, tais excedentes ficavam nas mãos da coletividade, mas a inclinação predatória humana teria gerado a possibilidade de um novo destino para estes excedentes.

Na medida em que uma comunidade não precisava mais que toda a sua coletividade se dedicasse ao trabalho de subsistência, abria-se a possibilidade para uma maior divisão de tarefas. Alguns, então movidos por uma latente inclinação predatória, acabaram por aplicar-se à guerra, à captura de excedentes de outras comunidades. VEBLEN ([1914] 1994c, p. 156) explicava o surgimento desta atitude:

Dado um inimigo suficientemente rico que esteja mal preparado para as hostilidades a ponto de possibilitar uma oportunidade para a luta por sua riqueza através do espólio ou do tributo, sem nenhuma chance evidente

das devidas represálias, a abertura das hostilidades irá se arranjar por si mesma. As comunidades mutuamente envolvidas, passam, então, dos costumes precariamente pacíficos e dos ânimos comuns às culturas indigentes inferiores para uma atitude convencional de exploração predatória.⁴⁶¹

O surgimento da propriedade privada, na obra vebleniana, dá-se a partir deste momento. Num artigo de 1898, *The Beginnings of Ownership*, VEBLEN ([1898] 1994b, p. 47) dizia que a primeira posse individual teria sido a de mulheres cativas, prisioneiras capturadas nas guerras. Ele afirmava isto a partir da constatação de que nos tempos mais remotos, quando o antropomorfismo estava bastante em voga, a posse de bens materiais, especialmente o de víveres excedentes e ferramentas de trabalho, não poderia dar início a uma instituição tão diversa daquelas às quais os hábitos de pensamento estavam acostumados. Ferramentas e víveres eram encarados como extensões dos corpos dos possuidores, não sendo, assim, passíveis de serem compreendidos como objetos externos. Seriam, sim, partes do que o autor chamava de “franja quase-pessoal” do indivíduo (VEBLEN, [1898] 1994b, *passim*). Já indivíduos externos à comunidade poderiam ser objetos capazes de se transformarem em propriedade. Assim sendo, as mulheres transformaram-se nos bens cativos preferidos, basicamente por três motivos: (1) sua menor inclinação predatória, considerando a possibilidade de revide à captura; (2) o trabalho eminentemente feminino seria justamente o que começava a ser encarado como desprazeroso, pois trabalho alheio à guerra e à religião, e, (3) elas serviam como troféus para os guerreiros mais capazes.

Entretanto, já em *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*, VEBLEN ([1914] 1994c, p. 159-161) não estabeleceu tão categoricamente o

⁴⁶¹ Given a sufficiently wealthy enemy who is sufficiently ill prepared for hostilities to afford a fighting chance of taking over this wealth by way of booty or tribute, with no obvious chance of due reprisals, and the opening of hostilities will commonly arrange itself. The community mutually concerned so pass from the more or less precarious peaceful customs and animus common to the indigent lower cultures, to a more or less habitual attitude of predatory exploit.

surgimento da propriedade individual da maneira como fez no artigo anterior.⁴⁶² Nesse texto ele procurou relacionar o comportamento predatório com o surgimento da propriedade. Na verdade, ele buscava estabelecer algo como uma afinidade eletiva entre os dois conceitos: “Seja lá o que for concebido como sendo a gênese da propriedade, imagina-se comumente que esta instituição, na cultura bárbara, seja temperada por uma grande infusão de conceitos predatórios.” (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 160).⁴⁶³ A guerra e a captura, os saques, dariam surgimento aos chefes de guerra. Se antes, na fase pacífica, as comparações e as valorações dos indivíduos, quando existiam, aconteciam em termos da capacidade individual para o trabalho, para a produção; num contexto predatório seria o mais capaz de infligir perdas ao inimigo o grande herói. Nasce, numa relação entre o instinto predatório e a inclinação paternal, o estabelecimento de lideranças dinásticas. Os descendentes dos grandes chefes de guerra seriam considerados os legítimos líderes das comunidades (imbricação e contaminação da inclinação paternal), os quais acumulariam os troféus resultantes dos saques aos inimigos como suas posses individuais.

Então, gradualmente, o que era hábito entre comunidades diferentes começou a se instalar no âmbito individual. A busca de vantagens por um grupo ao custo de outro passou a ser mimetizada pelas pessoas (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 161). Neste momento da história surgiu a classe ociosa, aquela que passaria a viver dedicada às guerras, ou aos esportes, ao governo e à religião. Como disse VEBLEN ([1899] 1994d, p. 7): “A evidência fornecida pelo uso e pelos traços culturais das comunidades num estágio de baixo desenvolvimento indica que a instituição de uma classe ociosa emergiu gradualmente durante a transição

⁴⁶² Em *A Teoria da Classe Ociosa* VEBLEN ([1899] 1994d, p. 23) também afirma que a primeira forma de posse individual foi a de mulheres. Mas aí ele destaca muito mais o caráter delas como troféus de guerra, pois sua intenção era descrever o início da emulação, ou seja, do desejo de ser comparado valorativamente com outros indivíduos, e do prazer que os seres humanos obtinham somente por serem percebidos como melhores.

⁴⁶³ But whatever may be conceived to have been the genesis of ownership, the institution is commonly found, in the barbarian culture, to be tempered with a large infusion of predatory concepts.

entre a selvageria primitiva e o barbarismo, ou, mais precisamente, entre a transição entre um modo de vida pacífico em um consistentemente belicoso.”⁴⁶⁴

Neste cenário, a religião também apareceu sob uma nova forma. As lendas animísticas teriam se tornado anacrônicas, e o monoteísmo despótico pouco a pouco tomou o lugar como crença predominante. “O medo de Deus é o começo da sabedoria” (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 169). Outra transformação fundamental teria sido a instalação do regime patriarcal. Finalmente, no novo modo patriarcal de vida, duas classes, eminentemente ociosas, tomaram a precedência: os guerreiros e os sacerdotes,⁴⁶⁵ os dois muitas vezes fundindo-se numa só.⁴⁶⁶

O barbarismo seria o estágio da humanidade onde apareceriam, em sua forma mais próxima do ideal, os sistemas de *status*, que se baseiam, até hoje, na emulação, ou seja, na comparação deletéria entre indivíduos. Castas, nobreza, plebe, a posição do clero como grupo privilegiado são algumas das típicas expressões do sistema que aflorou no barbarismo. A humanidade desenvolveu instituições que renegariam o trabalho produtivo, em termos do *status* das pessoas envolvidas nele, para um plano negativo. No barbarismo seria o guerreiro ou o sacerdote, o atleta ou governante o objeto de prestígio pela sua ocupação. Daquela primeira forma de propriedade, a de pessoas, surgia a escravatura, nascendo disso uma classe à qual foi violentamente imposto o trabalho produtivo (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 16-17). O ápice da barbárie teria sido a baixa Idade Média, tempo no qual o sistema de diferenciação entre classes e o desenvolvimento da classe ociosa se tornou mais amplo. A manutenção das cortes, os elaboradíssimos sistemas de títulos, de suserania e vassalagem, a

⁴⁶⁴ The evidence afforded by the usages and cultural traits of communities at low stage of development indicates that the institution of a leisure class has emerged gradually during the transition from primitive savagery to barbarism; or more precisely, during the transition from a peaceable to a consistently warlike habit of life.”

⁴⁶⁵ A superioridade destas duas classes é posta por VEBLEN ([1914] 1994c, p.159) como resultado ou de *força* – guerreiros – ou de *fraude* – sacerdotes. Uma expressão bastante usada por Thorstein Veblen ao longo de sua obra com sentido essencialmente negativo é “*force and fraud*”.

⁴⁶⁶ VEBLEN ([1914] 1994c, p. 163) cita claramente civilizações que ele entende como ícones do surgimento do barbarismo: “Egito Faraônico, Antigo Peru, Babilônia, Assíria, Israel sob Salomão e seus sucessores próximos.”

imposição do poder incontestado da Igreja Católica são algumas testemunhas destes tempos bárbaros.

Dentro deste sistema, em conformidade com a metodologia histórico-cumulativa de Thorstein Veblen, começaria a ser gestada a fase seguinte. Nessa linha, se existem afinidades eletivas entre a cultura predatória e a instituição da propriedade, então também nelas existem elementos de uma cultura predatória e elementos de uma cultura da propriedade, e esta última Veblen chamou de cultura pecuniária. Os mimetismos na apreciação dos indivíduos em termos de *status*, prerrogativas, respeito diferenciados entre homens e classes, nos termos da cultura pecuniária, assumiriam a forma de usos, produtos, ocupações econômicas, serviços e bens possuídos (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 160). Os indivíduos, comparados então em relação às suas capacidades de infligirem perdas aos inimigos, passariam a ser cotejados, cada vez mais, em termos de posses de troféus de guerra e, daí, para o que consomem, o que fazem, enfim, os bens que possuem. Instalou-se, no final do barbarismo, uma sociedade baseada na comparação invejosa de propriedades pessoais. Assim sendo, partindo de uma fase onde a cultura pecuniária estaria embebida em elementos predatórios, ocorreu a evolução para uma fase pecuniária pacífica.

Veblen apontou, explicitamente, a superioridade dos aspectos pecuniários em comparação com os predatórios, aproveitando para notar que o ocidente sempre apresentou uma inclinação maior à paz e a estes caracteres pecuniários pacíficos. Antes de descrever a passagem da cultura pecuniária-predatória para a pecuniária-pacífica, VEBLEN ([1914] 1994c, p. 170) asseverou:

Os povos ocidentais, cujo passado cultural é de interesse mais imediato, também tiveram, cedo ou tarde, sua porção de experiência bélica. Entretanto, eles parecem nunca ter alcançado os resultados consumados vistos no oriente. Os povos ocidentais não têm em sua história se aproximado dos depósitos orientais nem com relação à escala na qual a organização dinástica tem sido conduzida, tampouco com relação à

completude com a qual suas instituições têm sido permeadas pelos preconceitos predatórios.⁴⁶⁷

Sendo assim, é no lado ocidental do globo que se deu o retorno à cultura de tons pacíficos:

...afinal de contas, não estaria incorreto dizer que, pelo menos desde o término da Idade das Trevas, uma característica distintiva que constitui esta civilização, em contraposição a qualquer fase decididamente predatória da cultura pecuniária, tem sido uma busca pertinaz da arte da paz à qual aquelas pessoas que têm sido líderes nesta civilização acabaram sempre retornando em qualquer brecha. Para uma avaliação da relação subsistente entre o instinto do trabalho eficaz e a disciplina de habitação à cultura moderna, portanto, os fenômenos da propriedade pacífica são, no mínimo, de maior interesse vívido que aqueles da fase predatória da cultura pecuniária.⁴⁶⁸

VEBLEN ([1914] 1994c, p. 172) descreveu esta nova etapa da história humana como baseada em “força e fraude teóricas”, as quais seriam justificadas e legitimadas mediante a imposição de instituições como o direito de propriedade. Aliás, a institucionalização de hábitos de pensamento que legitimam a posse individual como traço essencial da convivência social seria a marca distintiva

⁴⁶⁷ The Western peoples, whose cultural past is of more immediate interest, have also had their warlike experience, late and early, but it seems never to reach the consummate outcome to be seen in the East. Neither as regards the scale on which dynastic organisation has been carried out nor regards the thoroughness with which their institutions have been permeated by predatory preconceptions have the Western peoples in their earlier history approached the standard of the oriental despotisms.

⁴⁶⁸ ...but it is after all within, the mark to say that, at least since the close of the Dark Ages, a distinctive characteristic that sets off this civilisation in contradistinction from any definitively predatory phase of the pecuniary culture, has been a pertinacious pursuit of the arts of peace to which those peoples that have led in this civilization have ever returned at every respite. For an appreciation of the relation subsisting between the sense of workmanship and the discipline of habitation in the modern culture, therefore, the phenomena of peaceful ownership are of greater, or at least of more vivid interest than those of the predatory phase of the pecuniary culture.

desta nova etapa histórica. A existência da posse individual deu surgimento aos hábitos de pensamento que autenticariam a propriedade como direito. Da disputa predatória por posses, da violência pela qual teriam sido disputados os bens na fase anterior, a civilização, em especial a ocidental, passou a reconhecer a propriedade como uma instituição que não deveria ser desafiada. Trata-se de um caso no qual uma prática, a posse individual, fez surgir uma instituição que legitima a si mesma, o direito de propriedade. VEBLEN ([1914] 1994c, p. 182) apontou ainda para a existência de um mecanismo de seleção que teria ajudado os direitos de propriedade na sua institucionalização:

A autenticação da propriedade a partir da qual os direitos sagrados de propriedade aparentemente se desenvolveram, pode muito bem ter surgido como um tipo de insegurança mútua entre os proprietários, contra a animosidade dos despossuídos; aquilo faria surgir um sentimento de solidariedade dentro da classe de proprietários, e iria adquirir força prescritiva através da pressão do hábito, tornar-se-ia um assunto de direito consuetudinário a ser consistentemente respeitado sob as formas institucionais de propriedade, desembocando naquela expressão altamente moralizante de auto-engrandecimento que é hoje.⁴⁶⁹

Se os direitos de propriedade tornaram-se uma instituição estável, então se poderia deduzir que, gradativamente, a classe dos proprietários deve ter aumentado, uma vez que se esta última fosse tão pequena quanto no início da barbárie, dificilmente haveria a chance de uma instituição como os direitos de propriedade atingirem algum grau de ubiquidade. Esta seria a história do surgimento da classe média, que teria vindo com o aumento do número de indivíduos proprietários e com o círculo cumulativo deste fenômeno com a

⁴⁶⁹ That authentication of ownership out of which the sacred rights of property have apparently grown may well have arisen as a sort of mutual insurance among owners as against the disaffection of the disposed; which would presently give rise to a sentiment of solidarity within the class of owners, would acquire prescriptive force through habitual enforcement, become a matter of customary right to be consistently respected under the institutional forms of property, and eventuate in that high moralized expression of self-aggrandisement which it is today

aceitação dos direitos de propriedade. Neste processo abriu-se a arena, cada vez mais, para a volta do instinto do trabalho eficaz à precedência. Quanto mais pacífica uma sociedade, mais propensa ela deveria estar às aplicações calcadas no trabalho produtivo. A sociedade com maior grau de paz seria muito mais comercial, pecuniária pacífica, buscaria as trocas voluntárias, ao invés das capturas predatórias. Nos dizeres de VEBLEN ([1914] 1994c, p. 184-185) esta transição é descrita do seguinte modo:

A transição da primeira fase predatória original da cultura predatória para a fase comercial que a sucede, significa a emergência de uma classe média com força na intensidade necessária para rearrumar os arranjos de trabalho do esquema cultural e fazer dos negócios pacíficos (tráfico lucrativo) o interesse dirigente da comunidade. (...) Está no interesse consciente desta classe aumentar a lucratividade da indústria, e visto que esse fim está correlacionado com a produtividade da indústria, ele é também, embora menos diretamente, correlacionado com melhorias na tecnologia.⁴⁷⁰

A classe média vebleniana, que teria surgido assim seria a burguesia, embora o autor não afirme isto categoricamente. Dizia ele que estes indivíduos formam um grupo que ganhou riqueza através do esforço próprio, e não através da herança e da força. A burguesia seria a classe comercial, ligada aos negócios, às trocas, e que por isso mesmo sustenta cada vez mais a necessidade da paz. Sem um determinado grau de pacifismo não haveria a possibilidade de comércio. Neste ponto de *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*, Thorstein VEBLEN ([1914] 1994c, p. 184) mostra uma escala valorativa das classes sociais de forma bastante explícita, é patente a normatividade e a

⁴⁷⁰ The transition from the original predatory phase of the predatory culture to the succeeding commercial phase signifies the emergence of a middle class in such force as presently to recast the working arrangements of the cultural scheme and make peaceable business (gainful traffic) the ruling interest of community. (...) It is in the conscious interest of this class to further the gainfulness of industry, and as this end is correlated with the productiveness of industry it is also, though less directly, correlated with improvements in technology

presença do argumento *de jure* do institucionalista. É absolutamente impossível deixar de citar tal passagem:

As três classes reconhecidamente convencionais, a superior, a média e a baixa, são todas categorias pecuniárias; a classe superior (aristocrática) é aquela que tipicamente possui riqueza sem ter trabalhado ou barganhado por ela; enquanto a classe média tem surgido com suas empresas como uma forma de tráfico comercial (negócios); e as classes baixas possuem o que tem pelo trabalho eficaz. Isso é uma gradação de (a) predação, (b) negócios, (c) indústria; a primeira sendo inútil e lucrativa, a segunda lucrativa e a terceira útil.⁴⁷¹

A partir do ocaso da Era Feudal a transição que estava em curso desde o fim da Baixa Idade Média ganhou contornos mais claros, e a fase pecuniária pacífica pode ser chamada de Era do Artesanato, ou melhor, da manufatura.^{472/473} O comércio, nesta nova fase, seria acompanhado pelo crescimento da indústria doméstica manufatureira, a qual ainda não era dominada pela máquina. A produção neste estágio seria resultado do esforço humano, o instrumento produtivo sendo principalmente a habilidade do indivíduo, sua proficiência em transformar a matéria-prima em algo comerciável. Nesse contexto avançava, pouco a pouco, o trabalho assalariado, especialmente aquele pago em função do número de peças fabricadas, algo típico da indústria doméstica. No entanto, como tal processo não estaria ligado a uma relação rígida de submissão como ocorrera

⁴⁷¹ The three conventionally recognized classes, upper, middle, and lower, are all and several pecuniary categories; the upper being typically that (aristocratic) class which is possessed of wealth without having worked or bargained for it; while the middle class have come by their holdings through some form of commercial (business) traffic; and the lower class gets what it has by workmanship. It is a gradation of (a) predation, (b) business, (c) industry; the former being disserviceable and gainful, the second gainful, and the third serviceable.

⁴⁷² A expressão utilizada por Veblen para a nova fase é *The Era of Handicraft*, no entanto, se a tradução mais imediata desta última palavra inglesa é artesanato, no contexto da obra vebleniana manufatura encaixa-se bem melhor para descrever o que ele entendia por este terceiro estágio histórico.

⁴⁷³ Podem ser citadas duas passagens nas quais Veblen alude à época do surgimento do novo estágio: (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 194; [1924] 1994e, p. 44).

no mundo feudal, VEBLEN ([1924] 1994e, p. 44) permitia-se dizer que o: “*fons et origo* da Era da Manufatura, e sua nova ordem, foi o homem sem mestre.”

O sistema que emergia era dual, como fora o da selvageria pacífica.⁴⁷⁴ Por um lado, o rompimento dos grilhões que ligavam os produtores aos seus senhores, tal como no escravismo ou no feudalismo, escancarou as portas para o reflorescimento do espírito do trabalho eficaz. A tecnologia passava novamente por um período no qual estaria mais estimulada. De outro prisma, é também preciso reconhecer que a sociedade baseada nas trocas, na produção para o comércio teria forte componente pecuniário. Destarte, a resultante é algo entre o que poderia ser uma sociedade onde o senso do trabalho eficaz não tivesse qualquer fator limitador, e uma de caráter pecuniário calcado puramente num sentido mais comercial, a partir da tônica do ganho individual. Deste último aspecto emergiria uma nova competitividade, pois VEBLEN ([1914] 1994c, p. 199) nunca perdeu de vista o fato de que o ser humano é dado às comparações emulativas, sendo que no novo estágio a propriedade e, o consumo de bens e serviços seriam os parâmetros de comparação.

VEBLEN ([1914] 1994c, p. 199) afirmava que a tensa dualidade da etapa pecuniária pacífica advinha justamente da coexistência de instituições calcadas no ganho individual e aquelas propensas ao trabalho eficaz, reconhecendo que a partir do fim do barbarismo os níveis de produtividade cresceram em proporção nunca antes vistas (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 198).

O crescimento do comércio e da manufatura engendraria, deste modo, o surgimento de um sistema sobre o qual as comparações pecuniário-emulativas teriam lugar de destaque. A sociedade continuaria apoiada sob instituições individualistas, de comparação invejosa, herdadas dos tempos nos quais o predacionismo e o aparecimento da propriedade foram as marcas. No entanto, o sistema de preços ofereceria uma saída pacífica, uma mitigação da competição que antes era levada a cabo via violência. A unidade monetária forneceria uma base de comparação mais impessoal, objetiva, que reforçaria, por um lado, o

⁴⁷⁴ Thorstein VEBLEN ([1914] 1994c, p. 210) afirma: “A aparência habitual e o viés dado pelo sistema de manufatura é de caráter dual – tecnológico e pecuniário.”

pacifismo, e por outro, o entendimento do mundo em termos materialmente factuais, auxiliando o afloramento do instinto do trabalho eficaz.

Thorstein Veblen, recorrentemente, reconhecia as qualidades deste estágio da Era da Manufatura e os avanços no sentido do estabelecimento de uma sociedade pacífica, mesmo que pecuniária, como o traço mais avançado dos povos ocidentais. Mais do que isso, ele atribuía às classes menos favorecidas dos tempos do barbarismo o papel decisivo para o avanço conseguido nesta direção. Este é um argumento presente em todo o trabalho vebleniano: aqueles mais distantes das classes ociosas, por estarem sempre mais próximos das atividades produtivas, acabavam por institucionalizar hábitos mais afeitos ao trabalho eficaz, mais afins ao bem-estar geral. A descrição desse processo, em VEBLEN ([1914] 1994c, p. 203), é a seguinte:

Dentro da civilização ocidental, tanto na Europa do Norte e repetidamente no Egeu, o curso dos acontecimentos tem coincidido com a última alternativa; o crescimento de instituições tem se deslocado de uma posição de proeza para aquela de propriedade prescritiva. Logo que esta mudança se fez de modo seguro, logo que o desenvolvimento dos negócios, indústrias e um sistema tecnológico veio à tona, esses interesses habituais reagiram portanto contra o caráter das instituições de força, acelerando desse modo o crescimento de condições favoráveis a seu próprio avanço. (...) Este movimento parece vir simplesmente da iniciativa das baixas classes industriais, e conduzido por seu gênio, ao invés de partir das classes dominantes, sejam a secular ou a espiritual. Isso se demonstra, tipicamente, num crescimento do trabalho manual e pequeno negócio.⁴⁷⁵⁴⁷⁶

⁴⁷⁵ O autor de *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts* foi categórico em afirmar que a concepção de Smith de produção refletia essencialmente o caráter da Era da Manufatura. A divisão do trabalho, tal como descrita sob o exemplo da celebrada fábrica de alfinetes, parecia cair como uma luva para o que Veblen entendia como o modo de produzir deste estágio, isto embora este último não deixasse esta leitura eminentemente explícita. Pode-se entender isso através da passagem contida em VEBLEN ([1914] 1994c, p. 237), nota de rodapé.

⁴⁷⁶ Within the region of the Western civilisation, both in the North Europe and repeatedly in the Ægean, the course of events has fallen out in the line of the latter alternative; the growth of institutions has shifted from the footing of prowess to that of prescriptive ownership. So soon as

No âmbito do trabalho, o artesão, o fabricante da Era da Manufatura, estava mais ligado ao produto do seu trabalho, o que faria prevalecer, então, valores e costumes mais humanizados, já que o ritmo da vida era dado pelo próprio ser humano, centro do sistema de produção. O fabricante, mesmo que organizado em corporações, era mais afeito à qualidade do produto que fabricava, porquanto se reconhecia muito mais neste. E, o que mais chama a atenção nas descrições veblenianas desta fase da história, é o fato de que o produtor, ligado visceralmente ao seu trabalho, passaria a colocar em prática, em toda sua potencialidade, o instinto do trabalho eficaz, na medida em que seu trabalho era fundamental na obtenção de sua subsistência (VEBLEN [1914] 1994c, p. 211-213). Entretanto, foi preciso reconhecer que o trabalhador, mais próximo do seu produto, sendo o elemento nuclear do sistema de produção, teria ainda uma forte inclinação animística, própria daquele tempo anterior, no qual o senso do trabalho eficaz era ponto central do sistema de vida. Na seção precedente, quando foi discutida a economia política de Adam Smith, nascida ao findar deste estágio, analisou-se como Veblen via a transferência deste espírito animístico para a ciência. Sobre as mudanças culturais, disse Veblen:

Uma característica dos tempos modernos tem sido a reabilitação protestante do culto e de seus princípios.⁴⁷⁷ Nesta reabilitação, cujos efeitos não deixam de ser sentidos mesmo dentro da igreja católica, a maior parte do espírito antigo de sujeição tem sido perdido, substituído, em parte, por uma certa atitude de auto-indulgência e autonomia do laicismo. Existe um grau de iniciativa democrática e um espírito

this shift has securely been made, the development of trade, industry and a technological system has come into the foreground, and these habitual interests have then reacted on the character of the institutions in force, thereby accelerating the growth of conditions favourable to their own further advance. (...) This movement seems plainly to come on the initiative of the lower or industrial classes and to be carried by their genius, rather than by that of the ruling classes, whether secular or spiritual. It shows itself, typically, in a growth of handicraft and petty trade.

⁴⁷⁷ VEBLEN ([1914] 1994c, passim, p. 288) mostrava que sua descrição da Era da Manufatura coincidiria, quase perfeitamente, com os séculos que comumente são tidos como aqueles da Idade Moderna (ocaso do feudalismo até a Revolução Industrial Britânica).

comunitário de discrição laica em assuntos espirituais. Conforme percebido acima, os princípios da fé também foram em algum grau revisados e reconstruídos em consonância com as concepções da maneira de trabalhar do sistema de manufatura (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 266).⁴⁷⁸

O iluminismo teria sido o ápice da sedimentação das instituições, que vinham tomando forma desde o estágio do pacifismo pecuniário, ou Era da Manufatura. Os direitos de propriedade institucionalizam-se sob a forma de direitos naturais, tal como quis doutrinar John Locke. Como resultado de uma sociedade fundada sobre o trabalho daqueles que ascendiam às classes superiores, o reconhecimento da posse individual deu-se imediatamente. A transformação, na filosofia iluminista, da propriedade privada em direito natural foi o signo da tentativa de estabelecimento de uma simetria da esfera científica-filosófica com o mundo do qual ela brotava. Disse VEBLEN ([1914] 1994c, p. 286-287):

Geralmente, o resultado desta revisão de questões civis e legais sob os auspícios da manufatura é o sistema de direitos naturais, incluindo o conceito de liberdade natural. (...)

O esquema de direito natural, e de liberdade natural, a qual então emerge, é de um caráter individualista, conforme deve ser a fim de responder ao esquema da experiência contida no sistema de manufatura. Nos ofícios, particularmente durante as primeiras primitivas fases do sistema, é o trabalhador individual, trabalhando pela sobrevivência com o uso de sua força pessoal, destreza e diligência, que se destaca como o fator principal, de tal forma que, realmente, ele aparece tendo se destacado na

⁴⁷⁸ Characteristic of modern times has been the Protestant rehabilitation of the Cult and its tenets. In this rehabilitation, which has not been without effect even within the Catholic Church, much of the ancient spirit of subjection has been lost, replaced in part with a certain attitude of self-help and autonomy on the part of the laity. There is a degree of democratic initiative and a guild-like spirit of lay discretion in spiritual affairs. As already noted above, the tenets of the faith have also in some degree been revised and reconstructed in terms of consonant with the workmanlike conceptions of the handicraft system.

apreensão do seu tempo, como o fator substancial único na organização industrial. De modo semelhante, sob o cânone da liberdade natural, o indivíduo é abandonado à sua própria sorte para sua vida, liberdade e busca da felicidade.⁴⁷⁹ O artesão, por um costume imemorial, tradicionalmente dispôs de seu trabalho e seu produto conforme sua escolha, sob as regras de sua comunidade. Ele estava por prescrição em total posse do que ele havia feito, sujeito apenas as regulamentações da comunidade impostas para o bem dos seus vizinhos, os quais estavam situados de modo semelhante.⁴⁸⁰

Mas, quando estas filosofias do direito natural começaram a se tornar as predominantes, a situação já estava se alterando. Não obstante, o sistema da Era da Manufatura continha em si mesmo o germe da sua superação: sua inclinação tecnológica. Como o homem era o centro da produção, e o trabalho o principal insumo, o senso do trabalho eficaz, durante a Era da Manufatura, apontaria na direção do desenvolvimento de tecnologias poupadoras de trabalho. A intensificação da divisão do trabalho e a introdução de ferramentas mais elaboradas fazem parte deste processo. Thorstein VEBLEN ([1914] 1994c, p. 238) dizia mesmo que as invenções que levaram a humanidade à Revolução Industrial traziam a marca distintiva do estágio anterior, isso porque os primeiros mecanismos admitidos na indústria foram equipamentos com o fito de melhorar aquelas tarefas realizadas manualmente. Por exemplo, aumentavam a energia

⁴⁷⁹ “a busca da felicidade” é uma expressão muito famosa da Declaração da Independência norte-americana.

⁴⁸⁰ By and large, the outcome of this revision of civil and legal matters under the handicraft auspices is the System of Natural Rights, including the Concept of Natural Liberty. (...)

The scheme of Natural Rights, and of Natural Liberty, which so emerges is of a pronounced individualistic tenor, as it should be to answer to the scheme of experience embodied in the system of handicraft. In crafts, particularly during the protracted early phases of the system, it is the individual workman, working for a livelihood by use of his own personal force, dexterity and diligence, that stands out as the main fact; so much so, indeed, that he appears to have stood, in the apprehension of his time, as the sole substantial factor in the industrial organization. Similarly under the canon of Natural Liberty the individual is thrown on his own devices for his life, liberty and pursuit of happiness. The craftsman by immemorial custom traditionally disposed of his work and its product as he chose, under the rules of his guild. He was by prescription in full possession of what he made, subject only to the guild regulations imposed for the good of his neighbors who were similarly placed.

com a qual determinado processo de fabricação realizava-se, ampliando a capacidade produtiva que antes era restrita apenas à força humana.⁴⁸¹ Esta intensificação não deixou de dar surgimento a novas características que fundariam o novo estágio: o da indústria da máquina. Não é demais ressaltar que VEBLEN ([1914] 1994c, p. 251) reconheceu que “o encerramento do sistema de manufatura na Inglaterra veio pela via de uma revolução tecnológica, não pelo colapso.”⁴⁸²

Novas fontes de potência para os processos industriais traziam a necessidade de uma maior concentração física do trabalho a ser realizado, o mesmo resultava das novas ferramentas poupadoras de trabalho. Na confluência do sistema de preços, de cores impessoais, ainda que pecuniárias, e dos melhoramentos no mundo dos processos de produção materialmente factuais, impulsionados pela maior abertura do estágio da Era da Manufatura ao instinto de trabalho eficaz, destacou-se, cada vez mais, a figura da máquina como auxiliar máximo da produção.

Na gestação deste novo sistema alguns fatores foram cruciais. O aumento da população, em especial de sua densidade, seria o mais fulcral deles. Veblen não negava em momento nenhum a razão que tinha Smith ao afirmar que o tamanho do mercado fora o principal fator a influenciar a divisão do trabalho. O aumento das comunicações, através das melhorias nos sistemas de transporte, também fizeram parte deste núcleo duro dos fatores engendradores das mudanças (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 213). As invenções e seus inventores foram, portanto, fundamentos da nova ordem. Na realidade, no arcabouço vebleniano, a inovação é entendida como um instrumento de apropriação de um conhecimento coletivo, ele afirmava que a adição produtiva oriunda de uma inovação isolada é ínfima perto dos ganhos decorrentes do conhecimento institucionalizado.

⁴⁸¹ Neste momento do livro de 1914 VEBLEN ([1914] 1994c, p. 241) não deixa de insistir em sua tese de que as invenções individuais são fruto de um corpo de conhecimento institucionalizado e, por isso mesmo, pertencente à coletividade.

⁴⁸² The close of the handicraft system in England comes by way of a technological revolution, not by collapse.

Thorstein Veblen também analisou os fatores que levaram a Inglaterra a ser a nação pioneira na Revolução Industrial. O relativo isolamento insular dos britânicos, primeiramente, teria proporcionado um atraso, em relação aos continentais, no que tange à tecnologia de produção e, especialmente, no estabelecimento do comércio no início da Era da Manufatura (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 249). Tendo ficado para trás no sistema pós-feudal, a Inglaterra teria sentido menos os efeitos do lado teleológico, animístico, tão característico da dualidade da época pacífico-pecuniária. Testemunhos disso seriam as diferenças entre o pensamento de David Hume e Adam Smith em relação ao dos *economistes* franceses. Assim, também deveriam ser vistas as discrepâncias entre a manutenção da monarquia na Inglaterra e suas considerações no sentido de um governo constitucional. A substituição do sistema de manufatura pela indústria da máquina na Inglaterra, que, de fato, encerrou o terceiro estágio vebleniano naquele país, contrasta com o término da mesma fase na França, onde tal se deu por meio de uma revolução violenta (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 250-251).

Afinal, para Veblen, a Inglaterra tinha hábitos de pensamento mais materialmente factuais. E, nunca tendo perdido o contato por completo com o continente, pois seu isolamento era apenas relativo, os britânicos puderam se beneficiar de certas transferências de tecnologia, trabalhando-as a partir da sua mentalidade mais materialmente factual, o que acabaria resultando na Revolução Industrial. As ilhas britânicas são o lugar ícone do novo estágio da história. Marca esta nova fase, de forma especial, e inequivocamente, o fato de que são as máquinas o cerne do novo sistema produtivo. Para VEBLEN ([1914] 1994c, p. 301-302), não são nem o advento do capitalismo, nem a produção em larga escala, as características máximas do novo período inaugurado no último quarto do século XVIII. Aquele primeiro já havia se instalado nos dias áureos da Era da Manufatura, a segunda, já existia nos tempos da fábrica de alfinetes de Smith. É a máquina que, em definitivo, marca a nova etapa. Seja VEBLEN ([1914] 1994c, p. 299), assim, em suas próprias palavras:

É mencionada como a era do sistema fabril, da indústria de larga escala, como a era do capitalismo, da livre competição, ou novamente, como a era da economia do crédito. Porém, observada sob o ponto de vista da tecnologia, e mais especificamente a partir do ponto de vista do trabalho eficaz conforme este constitui o sistema tecnológico, é melhor caracterizada como a era da indústria da máquina, ou do processo da máquina.⁴⁸³

Veblen, em 1914, enfatizou a máquina porque queria estudar o modo como a nova maneira de produzir afetava e viria a afetar a vida social de indivíduos que são, essencialmente, dotados de um senso de trabalho eficaz. Nunca é demais lembrar que a nova era foi, ela mesma, resultado de processos cumulativos sob a influência desta inclinação primordial. Na primeira parte do último capítulo de *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*, que trata da indústria da máquina, Veblen parecia bastante impressionado com os efeitos que a produção sob a toada das máquinas teria sobre os homens.

Falando nas conseqüências sobre a ciência, ele notava que deveria haver um relacionamento fundamental entre esta dimensão do conhecer humano e o novo modo de produzir. O maquinário induziria o homem a percepções das coisas do mundo numa forma mais “opaca, desapaixorada, não-teleológica.” O antropomorfismo estaria sendo eliminado numa taxa sem precedentes (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 303). Se antes a tecnologia produtiva e a ciência não tinham uma relação tão íntima, agora, nos tempos da indústria da máquina, ciência e técnica de produção enriqueciam-se mutuamente. Eventos naturais como fermentação, combustão, crescimento estavam sendo compreendidos em seus processos geradores, em termos de causa e efeito, e não através de quaisquer imputações animístico-teleológicas (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 305). A ciência, além do mais, permitiria a avaliação quantitativa dos fenômenos, e a indústria da máquina

⁴⁸³ It is spoken of as the era of the factory system, of large-scale industry, as the age of capitalism or of free competition, or again as an era of the credit economy. But as seen from the point of view of technology, and more specifically from that of workmanship as it underlies the technological system, it is best characterised as the era of the machine industry, or of the machine process

proporcionaria a aplicação desta nova dimensão na busca do crescimento da produtividade. Nas palavras do primeiro institucionalista:

A questão é outra quanto à indústria da máquina. Os processos aqui envolvidos são calculáveis, mensuráveis, e não contêm elementos misteriosos de ambigüidades providenciais. Na proporção em que eles trabalham para obter os melhores efeitos, eles são capazes de afirmações teóricas que não permitem abordagens de modo improvisado. O projetista tira suas medidas na base de fatos comprovadamente quantitativos. Ele conhece as forças empregadas, e de fato, ele pode empregar somente o que ele sabe, e somente na medida em que ele as conhece; e ele organiza os processos que irão realizar o trabalho apenas com uma margem calculável de erro, conforme a verificada fragilidade média dos materiais (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 306).⁴⁸⁴

Se a ciência avança e proporciona o aumento da produtividade nesta fase do maquinário, ela também dá origem a uma forma de descontentamento do homem em relação ao novo sistema produtivo. O indivíduo, bem ao contrário do que acontecia na Era da Manufatura, desde o início da indústria da máquina, e cada vez mais, tornava-se um auxiliar do funcionamento do sistema produtivo. O centro do sistema de produção, como já foi dito, seria agora o complexo de maquinários, o homem seria apenas seu apêndice. “Seu trabalho suplementa o processo da máquina, ao invés de fazer uso dele.” (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 307).⁴⁸⁵ O ritmo da produção estaria sendo ditado não pelo homem, mas por este novo cerne não-vivo do sistema.

⁴⁸⁴ The matter lies differently in the machine industry. The mechanical processes here engaged are calculable, measurable, and contain no mysterious element of providential ambiguity. In proportion as they work to the best effect, they are capable of theoretical statement, not merely approachable by rule of thumb. The designing engineer takes his measures on the basis of ascertained quantitative fact. He knows the forces employed, and, indeed, he can employ only such as he knows and only in so far as he knows them; and he arranges for the processes that are to do the work, with only such calculable margin of error as is due to the ascertained average infirmity of the materials

⁴⁸⁵ His work supplements the machine process, rather than makes use of it.

O mundo da máquina não seria mais marcado pelo tempo humano, mas sim por um tempo impessoal, do relógio, da métrica. A capacitação para o trabalho, também, além de ser mais longa, não seria determinada pelo produto que irá ser fabricado, pela habilidade em se fazer algo concreto, mas sim determinada em função das necessidades dos processos maquinísticos da fábrica. Em relação a este último ponto, VEBLEN ([1914] 1994c, p. 309) comentou:

Segue como uma consequência destas exigências grandes e crescentes impostas pela tecnologia da máquina, que o período de treino preliminar é necessariamente mais longo, e a escolarização exigida para preparação geral cresce permanentemente de modo mais exigente. Deste modo, independente de toda questão de sentimento humanitário ou de adequação popular para cidadania democrática, tornou-se uma questão de utilidade econômica, simplesmente como uma proposição em eficiência tecnológica no geral, impor a isenção de crianças do emprego industrial até uma data mais tardia e estender sua idade escolar normal para além daquilo que já fora o suficiente para conhecer todas as exigências comuns do trabalho eficaz.⁴⁸⁶

E, sobre aquele primeiro efeito do novo estágio:

Sobre essa questão [do tempo] a exigência da máquina tem sido até mesmo trazida para uma revisão do cronograma imposto pelo mecanismo dos corpos celestes, de forma que não só o “tempo solar”, mas até mesmo o “tempo solar médio”, o qual já foi considerado um avanço suficiente à

⁴⁸⁶ It follows as a consequence of these large and increasing requirements enforced by the machine technology that the period of preliminary training is necessarily longer, and the schooling demanded for general preparation grows unremittingly more exacting. So that, apart from all question of humanitarian sentiment or of popular fitness for democratic citizenship, it has become a matter of economic expediency, simply as a proposition in technological efficiency at large, to enforce the exemption of children from industrial employment until a later date and to extend their effective school age appreciably beyond what once have been sufficient to meet all the commonplace requirements of skilled workmanship

maneira da natureza, foi superado pelo cronograma imposto pelo sistema de ferrovias.⁴⁸⁷

E não era só o novo sistema de transportes que traria inquietude a um grupo de descontentes. VEBLEN ([1914] 1994c, p. 315) fala dos telefones, dos automóveis e das máquinas de escrever como fontes de uma aceleração desmedida da vida. A mudança tecnológica teria criado uma ansiedade permanente na humanidade, e o autor, escrevendo no início do século XX, coloca-se entre os descontentes, especialmente em relação aos telefones (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 316). Em trechos do texto de 1914, Veblen tem *insights* que tipificam bem a sua retórica, num deles, ele diz ser “a invenção a mãe da necessidade”. Isto no sentido de que a tecnologia exigiria dos humanos uma nova maneira de vida, um esforço de compreensão e de ajustamento aos tempos, aos movimentos e aos padrões de comportamento ditados pelas inovações. Mas, sua conclusão mais forte sobre tudo isso é a de que o homem não estaria preparado para a nova vida sob este ritmo. Sua carga instintiva ainda seria aquela da selvageria pacífica. Uma das conclusões de *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts* é:

De acordo com as teorias aceitas da hereditariedade, a humanidade civilizada, através de dotes naturais, deve ser mais adequada para viver sob as condições de uma selvageria moderadamente avançada, algo que a tecnologia das máquinas não permitirá. Nem nas condições físicas que ela impõe, tampouco nos modos habituais de observação e racionalização exigidas no trabalho a ser feito, pode-se considerar a era da máquina adaptada aos atuais dotes naturais da raça. E esses vários movimentos de inquietação e repulsa são evidências, (...), de que a situação é essa. (...)

⁴⁸⁷ In this matter [of time] the demands of the machine have been even brought on a revision of the time Schedule imposed by the mechanism of the heavenly bodies, so that not only “solar time,” but even the “mean solar time” that once was considered to be a sufficient improvement on the ways of nature, has been superseded by the schedule imposed by the railway system

Física e espiritualmente, essas pessoas modernas são mais adaptadas à vida sob condições radicalmente diferentes daquelas impostas por esta tecnologia moderna. (...) O limite inato de tolerância da raça, física e espiritualmente, é desprovido daquele materialismo não mitigado e daquela rotina incessante para a qual a tecnologia da máquina conduz irrefreavelmente (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 320-321).⁴⁸⁸

Na mesma página, em nota de rodapé, Veblen falava das grandes cidades, do adensamento populacional e das más condições de vida.⁴⁸⁹ Chega também a comentar como o direito às férias, uma novidade da segunda metade do século XIX, era uma consequência justamente da inadequação do homem natural à nova vida da indústria da máquina.

Este livro, de 1914, que não é demais repetir, Veblen considerava o melhor e mais importante da sua obra, como não poderia deixar de ser, depois de tanta condenação da teleologia, acabava com a conclusão de que era muito cedo ainda para se entender completamente os resultados do novo estágio (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 328). O autor lembra que a Era da Manufatura prolongou-se por cinco ou seis séculos, e que a indústria da máquina há pouco, e apenas na Inglaterra, completava um centenário (VEBLEN, [1914] 1994c, p. 340). Veblen considerava normal o sentimento de que “algo deve ser feito a respeito dos resultados negativos do novo sistema de vida”. Citava, explicitamente, a regulação da indústria, que tendia à concentração, como um caso que mereceria atenção

⁴⁸⁸ According to the accepted theories of heredity, civilised mankind should by native endowment be best fit to live under conditions of a moderately advanced savagery, such as the machine technology will not permit. Neither in the physical conditions which it imposes, therefore, nor in the habitual ways of observation and reasoning which it requires in the work to be done, is the machine age adapted to the current native endowment of the race. And these various movements of unrest and revulsion are evidence, (...), that such is the case. (...)

Physically and spiritually these modern peoples are better adapted to life under conditions radically different from those imposed by this modern technology. (...) The limit of tolerance native to the race, physically and spiritually, is short of that unmitigated materialism and unremitting mechanical routine to which the machine technology incontinently drives.

⁴⁸⁹ Hoje, os problemas gerados pelas invenções do passado, tornando necessárias novas invenções, nunca foi tão presente. O problema do meio ambiente é prova cabal disso. A epidemia mundial de obesidade também.

(VEBLEN, [1914] 1994c, p. 342). Os efeitos da competição desmesurada, tornada predominantemente impessoal pela intensificação de um sistema de preços de amplitude mundial, teria tomado rumo diverso daquele previsto pelos antigos economistas. Definitivamente não era o bem-estar que resultava disso tudo. Embora constatado o problema, Veblen, como era seu costume fazer, não foi categórico a respeito do que deveria, ou poderia, ser feito.

Nesta obra, o intuito de Veblen foi de fazer uma história geral da humanidade, de acordo com os princípios elaborados por ele em outros textos, já comentados. Da forma como se entende o *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts* aqui, ele é a tentativa de tornar mais geral o arcabouço histórico sobre o qual Veblen sempre trabalhou. Os temas, como já se disse, repetem-se, são reafirmados, mais ou menos detalhadamente. Outro ponto, que nunca deve ser esquecido em relação ao texto de 1914, é o fato de que Veblen fez girar toda a discussão em torno dos instintos, especialmente do mais importante deles, o do senso de trabalho eficaz. A categoria dos instintos talvez seja mais fundamental ainda em Veblen do que a de instituições, ou no mínimo, de igual importância. No que se segue nesta Tese, o que se chama aqui de Veblen_a, o método desenvolvido e esta história mais geral são estendidos para alguns casos mais específicos. Encaixam-se, perfeitamente, como olhares sobre facetas que estão dentro da evolução analisada no livro que ele considerava o mais importante.

3.2.3. Veblenismos: a aplicação da economia pós-Darwiniana em Veblen_A

Curiosidade desinteressada. O institucionalismo de Thorstein Veblen parece perseguir o tempo todo este ideal. Veblenismos. Foi como Douglas DOWD (2000, p. 173) chamou a plethora de temas que podem ser encontrados nos estudos de Veblen. Os assuntos de interesse do pai do institucionalismo variavam desde a propaganda, os esportes, a religião, o esnobismo, a herança, até outros, como a concentração industrial e os ciclos econômicos, tradicionalmente aceitos como temas propriamente de ciência econômica. Já foi posto acima que tal

maneira de se estudar a economia é um dos traços característicos do institucionalismo. E, é preciso marcar, foi apenas recentemente que o programa de pesquisa dominante, o neoclássico, alardeando demasiado ineditismo, se dedicou a incluir assuntos que por tempo foram vistos como excentricidades.⁴⁹⁰

Em seus principais livros, em especial na *Teoria da Classe Ociosa*, Veblen procurou deixar claro que não existem temas vedados à pesquisa econômica. O que torna uma faceta da vida um assunto para a ciência econômica não é a definição *a priori* do objeto deste campo científico, mas sim sua conexão, ainda que pouco aparente à primeira vista, com os temas que o pesquisador decidiu percorrer. O método de Veblen, que busca desvendar as cadeias causais cumulativas, como ele mesmo afirmava, corria como se ao puxar um fio temático fosse desenrolado um carretel que ligaria uma questão à outra, enriquecendo o tema inicial com *insights* derivados de outros temas que, se no início eram secundários, acabavam por ocupar necessariamente o centro da atenção do estudioso mais à frente. Nesse ponto, com bastante veemência, Veblen é um autor que respeitava profundamente a complexidade e a riqueza da vida social como objeto científico.

Nesta seção serão analisados alguns dos mais importantes estudos veblenianos acerca de quatro tópicos. Os veblenismos que constam do texto seguinte foram retirados sistematicamente de quatro das suas mais importantes obras, permanecendo de fora apenas suas análises do cenário internacional, especialmente daquele derivado da Primeira Grande Guerra Mundial, além do livro que analisa o ensino superior nos Estados Unidos, o *The Higher Learning in America*.

Como não poderia deixar de ser, *A Teoria da Classe Ociosa* tem lugar de destaque como o primeiro dos textos tratados nesta seção. No entanto, como neste livro Veblen foi mais vebleniano do que nunca, tratando de temas tão

⁴⁹⁰ É importante referir-se à fama repentina de Steven Levitt, autor do *best-seller Freakonomics*, escrito em conjunto com o jornalista Stephen Dubner, que aplica ferramentas da microeconomia marginalista à análise de temas como o nascimento e a decadência da Klu Klux Klan, a criação dos filhos e o campeonato japonês de Sumô (LEVITT, DUBNER, 2005). Levitt é citado aqui porque pode ser considerado o popularizador desta vertente de estudos econômicos.

aparentemente díspares como a origem da propriedade privada e a inclinação esportiva dos homens como gênero, escolheu-se uma linha principal de argumento que será a condutora da análise. O surgimento da classe ociosa, tema que Veblen pôs no prefácio do livro como o motivo central para escrevê-lo, é a idéia que permite verificar uma perfeita materialização da metodologia de Veblen.⁴⁹¹ Em seguida discutir-se-á a perspectiva de Veblen sobre o ciclo econômico na economia capitalista moderna, uma economia do crédito, como ele gostava de se referir, reconhecendo a origem do termo nos economistas alemães do século XIX (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 133). Este é o assunto que nucleia *The Theory of Business Enterprise*, mas obviamente, não é o que esgota por completo o contido na obra. Em terceiro lugar serão assinalados alguns dos maiores *insights* veblenianos sobre seu país natal, que estão incluídos na sua obra de 1924, a última do grande economista institucionalista. Dentro disso, a parte de *Absentee Ownership and Business Enterprise in Recent Times* intitulada “O Caso da América” versa sobre fazendeiros de um idílico continente norte-americano jeffersoniano, sobre as pequenas cidades rurais e os capitães da indústria, além de tratar do desperdício de recursos naturais e, especialmente, das “instituições imbecis” que perpetuavam, na mentalidade dos habitantes daquele país, a dominância dos chamados *interesses escusos*. Muitos dos temas anteriores, como a passagem da Era da Manufatura para a Indústria das Máquinas foram repetidos neste seu último texto. Por fim, a tecnocracia vebleniana e o conceito de sabotagem ganham um espaço, pois é em *The Vested Interests and the Common*

⁴⁹¹ Como advertência para o que Thorstein Veblen percebia ser o resultado dos seus estudos sobre a classe ociosa, ele iniciou o prefácio do livro com os seguintes dizeres:

É o propósito dessa pesquisa discutir o lugar e o valor da classe ociosa como um fator econômico na vida moderna, no entanto foi impraticável limitar a discussão dentro dos limites assinalados. Alguma atenção é dada, por necessidade, à origem e à linha de derivação das instituições, assim como aos traços da vida social que não são comumente classificados como econômicos (VEBLEN, [1899] 1994d, p. v). (It is the purpose of this inquiry to discuss the place and value of the leisure class as an economic factor in modern life, but it has been found impracticable to confine the discussion strictly within the limits so marked out. Some attention is perforce given to the origin and the line of derivation of the institutions, as well as to features of social life that are not commonly classed as economic).

Men e no *The Engineers and the Price System* que se manifesta o Veblen mais político e prescritivo.

3.2.3.1. Veblen em seu Pessimismo: a Teoria da Classe Ociosa

Talvez o que possa ser encarado como o mais fundamental aspecto social a partir do qual teria aparecido - na passagem da selvageria pacífica para o barbarismo – o embrião da classe ociosa, seja o que Veblen chama de *emulação*. Em *A Teoria da Classe Ociosa* esta categoria vebleniana certamente tem lugar de destaque, Veblen dizia: “Com exceção do instinto de auto-preservação, a tendência à emulação é provavelmente a característica especificamente econômica mais forte, alerta e persistente” (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 110).⁴⁹² A emulação é uma instituição, uma das mais antigas na descrição vebleniana da história. Pode ser definida como a atitude de um indivíduo de comparar-se com os demais desejando superá-los, sempre em algum aspecto que o faça ser coletivamente mais estimado, mais positivamente reconhecido em relação aos outros membros da comunidade. Ela teria nascido mesmo antes daquele tempo remoto no qual a produção ultrapassara os limites da subsistência.⁴⁹³ Seu surgimento parece ser um dos resultados inesperados – naquele sentido da metodologia vebleniana não-teleológica, uma “autocontaminação” – do mais capital instinto, o do trabalho eficaz. É a emulação, no sistema de economia política do fundador do institucionalismo, que estabelece os fundamentos sob os quais se erigira a diferenciação entre as classes. Nas palavras de VEBLEN ([1899] 1994d, p. 15): “O conceito de dignidade, valor e honra, conforme aplicado as pessoas ou condutas, teve conseqüências fundamentais no desenvolvimento

⁴⁹² With the exception of the instinct of self-preservation, the propensity for emulation is probably the strongest and most alert and persistent of the economic motives proper.

⁴⁹³ Aqui a interpretação desta Tese opõe-se à leitura de David RIESMAN (1953), autor de um dos mais famosos estudos sobre Veblen – ainda que antipático ao primeiro institucionalista. RIESMAN (1953, p. 57) afirma que a emulação surge como conseqüência da obtenção de excedentes; no entanto, a leitura de VEBLEN ([1899] 1994d, p. 24) é muito clara no sentido de afirmar que a emulação é anterior, na forma descrita no texto acima.

das classes e das distinções de classe, sendo portanto necessário dizer algo sobre sua derivação e significado. Sua base psicológica pode ser indicada abaixo em linhas gerais, conforme segue.”⁴⁹⁴ Logo em seguida, portanto, num trecho um pouco obscuro, VEBLEN ([1899] 1994d, p. 15-16) mostra como a emulação resultaria do instinto do trabalho eficaz:

Por uma questão de necessidade, o homem é um agente. Ele é, em sua própria concepção, um centro de atividade impulsiva em desdobramento – atividade “teleológica”. Ele é um agente que procura em todo ato a realização de algum fim concreto, objetivo, impessoal. Por força de ser um agente, ele é tomado de um gosto pelo trabalho efetivo e um desgosto pelo esforço inútil. Ele possui uma noção do mérito de utilidade ou eficiência e do demérito da futilidade, desperdício ou incapacidade. Esta atitude ou tendência pode ser chamada de instinto de trabalho eficaz. Sejam quais forem as circunstâncias ou tradições de vida que levem a uma comparação habitual de uma pessoa com outra em termos de eficiência, o instinto do trabalho eficaz funciona a partir da comparação emulativa ou discriminatória entre pessoas. A extensão desse resultado depende em algum grau considerável do temperamento da população. Em qualquer comunidade onde tal comparação discriminatória entre pessoas é feita habitualmente, o sucesso visível torna-se uma finalidade procurada devido à sua própria utilidade enquanto fundamento da estima. (...) O resultado é que o instinto de trabalho de eficaz funciona numa demonstração emulativa de força.⁴⁹⁵

⁴⁹⁴ The concept of dignity, worth, honour, as applied either to persons or conduct, is of first rate consequence in the development of classes and of class distinctions, and it is therefore necessary to say something of its derivation and meaning. Its *psychological* ground may be indicated in outline as follows.

⁴⁹⁵ As a matter of necessity, man is an agent. He is, in his own apprehension, a centre of unfolding impulsive activity – “teleological” activity. He is an agent seeking in every act the accomplishment of some concrete, objective, impersonal end. By force of his being such an agent he is possessed of a taste for effective work, and a distaste for futile effort. He has a sense of the merit of serviceability or efficiency and the demerit of futility, waste, or incapacity. This aptitude or propensity may be called the instinct of workmanship. Wherever the circumstances or traditions of life lead to an habitual comparison of one person with another in point of efficiency, the instinct of workmanship works out in an emulative or invidious comparison of persons. The extent to which this result follows depends in some considerable degree on the temperament of the population. In any community where such an invidious comparison of persons is habitually made, visible success becomes an end sought for its own utility as a basis of steem. (...)The result is that the instinct of workmanship works out in an emulative demonstration of force.

O “temperamento” a que Veblen fazia referência pode ser entendido, em vista de outra passagem de *A Teoria da Classe Ociosa*, como a inclinação predatória (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 13). Assim sendo, a emulação seria uma resultante da interação entre o instinto do trabalho eficaz e o temperamento predatório, e seria maior nas sociedades nas quais este último estaria presente com mais força. Daí a referida obscuridade do excerto, que não esclarece a influência mútua entre os instintos de maneira explícita. Apesar disso, o que fica claro é que os homens, na fase selvagem pacífica, comparariam-se em termos de sua capacidade de contribuir para o bem-estar comunitário através das suas habilidades produtivas. Nesta época, a emulação não seria uma instituição muito forte, embora deva ser assinalado que já existisse.

Mas, depois, já quando surgiram os primeiros excedentes e abriram-se os tempos predatórios, a emulação teria tomado a dianteira entre as instituições, tornando-se uma característica premente da vida social. A captura, a eliminação de inimigos na guerra e a posse de bens saqueados devem ter assumido “um lugar essencial na parafernália da vida” (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 17). Destas comparações, por conseguinte, viria a diferenciação entre os tipos de trabalho, e isso em termos emulativos, ou seja, no que tange à estima que a sociedade imputa a eles. Numa vida predatória, já na fase que Veblen chamava de barbarismo, aqueles empregos *industriais* - nos quais o produto não seria alcançado via uso da violência, ou mais tarde da fraude - teriam recaiído num limbo de desprezo social. E isso, como já se deixou transparecer, tem muito a ver com a divisão dos trabalhos entre os gêneros. Numa fase da história na qual tomara a precedência um senso fundamentalmente dos seres humanos, o lado feminino da humanidade caía em desestima. Como também já foi sobre-assinalado, os trabalhos que não se incluíam entre os da guerra, dos esportes, da religião ou do governo, acabaram sendo delegados às mulheres e, em conseqüência, e pouco mais à frente na história, para os escravos. Num parágrafo da introdução da sua mais famosa obra, VEBLEN ([1899] 1994d, p. 8) explicou a origem do que viria a ser a classe ociosa não com base na diferença entre trabalho e não-trabalho, mas entre os tipos de afazeres:

A instituição de uma classe ociosa é a consequência natural de uma discriminação prévia entre empregos, de acordo com a qual alguns empregos são valiosos e outros indignos de valor. Sob essa distinção fundamental, os empregos valiosos são aqueles que podem ser classificados como sendo exploratórios; indignos são aqueles empregos necessários cotidianamente, nos quais não há nenhum elemento de exploração apreciável.⁴⁹⁶

Os trabalhos valorizados e não valorizados - na medida em que a instituição de diferenciação emulativa foi se instalando nos termos do estágio predatório – tornariam-se, respectivamente, os trabalhos industriais e não industriais. Aqueles primeiros seriam os que lidam com a matéria bruta, inanimada, não-humana. Os últimos, tal como VEBLEN ([1899] 1994d, p. 12-13) os viu no livro de 1899, seriam as atividades que lidam com objetos que têm teleologia própria, ou seja, cujos objetivos próprios deveriam ser convertidos aos objetivos do explorador. Nisto deve encaixar-se, como exemplo ícone, a captura de mulheres e escravos.

A fase predatória, portanto, na qual teriam surgido as instituições da classe ociosa - em estado primitivo ainda - e da propriedade privada foi, primordialmente, um tempo de atraso da humanidade no que concerneria à evolução dos métodos produtivos. Se na selvageria pacífica o aumento de produtividade do trabalho humano fora abrandado pela tendência a imputar *telesis* aos objetos inanimados, desviando a atividade humana de um compasso genuinamente materialmente factual, então na fase predatória as instituições foram mais perniciosas ainda. A relevância social atingida pela emulação de sentido predatório, que elevou as atividades não-industriais ao topo da escala social em termos de *status*, teria

⁴⁹⁶ The institution of a leisure class is the outgrowth of an early discrimination between employments, according to which some employments are worthy and others unworthy. Under this ancient distinction the worthy employments are those which may be classed as exploit; unworthy are those necessary everyday employments into which no appreciable element of exploit enters.

desviado uma parcela da sociedade dos trabalhos industriais. As tarefas das quais advinham os víveres e outros bens que respondiam pela sobrevivência dos seres humanos teriam dado espaço aos esportes, à guerra, às observâncias religiosas e ao governo como trabalhos dignos, honrados, invejados. Uma classe inteira, ainda que minoritária, dedicaria-se a forçar a maioria da população ao trabalho industrial. O surgimento desta protoclasa ociosa, no início do barbarismo, seqüela da importância conferida socialmente à emulação predatória, colocaria o desenvolvimento dos trabalhos industriais em xeque, pois a atividade-meio - obrigar ao trabalho àqueles dedicados à atividade-fim - assumiu a dianteira no que diz respeito à estima dos indivíduos socialmente considerados. A sociedade institucionalizara as atividades predatórias como mais reconhecidas, enquanto foram relegados ao segundo plano, em termos da estima social, os trabalhos industriais, dos quais a comunidade obtém os meios para a preservação da espécie. Soma-se a isso o fato de que as classes inferiores, dedicadas aos trabalhos industriais, passariam a mimetizar em menor escala os comportamentos dos superiores. Isso não seria tão ubíquo ainda nas primeiras fases de existência da classe ociosa, mas teria se inscrito, passo a passo, nos cânones convencionais (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 104 e ss.).

Como já se ventilou anteriormente, o aparecimento da classe ociosa, ponto central da obra em comento, deve ser analisada como parte da evolução mais geral descrita no *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*. Nesse raciocínio, surgido o embrião de classe ociosa a partir destas inclinações predatórias descritas, foi preciso dar conta de como ela evoluiu naquele quadro mais geral da seqüência selvageria-barbarismo-manufatura-máquina, os quatro estágios da história humana em Veblen. É sabido que o predacionismo, gradativamente, foi sendo substituído pela sociedade da propriedade privada - a pecuniária - mais apegada aos valores pacíficos, já que cada vez mais enraizados os hábitos de pensamento jurídicos garantidores da propriedade. No meio social no qual se instalou a propriedade privada (eivada de afinidades com as inclinações predatórias do homem), resultaria que o principal motivo para a posse de bens (e para as disputas em torno dela) não seria consequência das necessidades de sobrevivência, mas sim da emulação. VEBLEN ([1899] 1994d, p.

25-26), discutindo e opondo-se às hipóteses da economia clássica, foi incisivo ao marcar seu argumento:

Em qualquer lugar que se encontre a instituição da propriedade privada, mesmo que seja numa forma pouco desenvolvida, o processo econômico possui o caráter de uma luta entre os homens pela posse de bens. Tem sido habitual na teoria econômica, especialmente entre aqueles economistas que aderem com poucas ressalvas ao corpo das doutrinas clássicas modernizadas, interpretar esta luta por riqueza como sendo substancialmente uma luta pela subsistência. Esse tem sido em grande parte, sem dúvida, o caráter do processo econômico durante as fases incipientes e menos eficientes da indústria. O mesmo se aplica a todos os casos onde a “avareza da natureza” é tão rigorosa a ponto de não garantir à comunidade nada além de uma subsistência escassa, como recompensa pela dedicação árdua e incessante à tarefa de obter os meios de subsistência.⁴⁹⁷

Entretanto, a superação do limite da subsistência teria sido atingida ainda no estágio histórico da selvageria pacífica. Desse modo, quando emergiu a atitude predatória, a propriedade privada e a emulação não-industrial, para Veblen, não haveria como conceber que a luta pela propriedade de bens - e até mesmo de pessoas - derivasse dos imperativos para a existência e perpetuação da espécie humana. Nesse dito VEBLEN ([1899] 1994d, p. 25-26) adicionou:

⁴⁹⁷ Wherever the institution of private property is found, even in a slight developed form, the economic process bears the character of a struggle between men for the possessions of goods. It has been customary in economic theory, and especially among those economists who adhere with least faltering to the body of modernised (sic) classical doctrines, to construe this struggle for wealth as being substantially a struggle for subsistence. Such is, no doubt, its character in large part during the earlier and less efficient phases of industry. Such is also its character in all cases where “niggardliness of nature” is so strict as to afford but a scanty livelihood to the community in return for strenuous and unremitting application to the business of getting the means of subsistence.

Somente quando considerado num sentido muito distante de seu significado ingênuo, o consumo de bens pode ser tido como um incentivo a partir do qual a acumulação invariavelmente procede. *O motivo que está na raiz da propriedade é a emulação*; e o mesmo motivo de emulação continua ativo no desenvolvimento posterior da instituição cujo surgimento ela tem propiciado, assim como no desenvolvimento de todos esses traços da estrutura social aos quais esta instituição de propriedade atinge. *A posse de riqueza confere honra; esta é uma distinção discriminatória (invidious).*^{498,499}

A propriedade, na medida em que o pacifismo pecuniário avançava, passaria a ser vista não em termos de troféus de guerra, mas sim como troféus do sucesso pecuniário. Ela distinguiria, em termos valorativos, os possuidores e os não possuidores. Cumulativamente na história, as oportunidades de aquisição de posses pela via pacífica teriam aumentado, instituições seriam gradativamente constituídas para isso. O comércio cresceu e se estabeleceu pouco a pouco como fonte por excelência da propriedade. Um sinal dessa mudança sobre o caráter da propriedade e dos métodos aquisitivos pode ser vista na crescente importância dada aos direitos de herança. VEBLEN ([1899] 1994d, p. 29) escreveu:

A posse de bens – sejam eles adquiridos de modo agressivo pelo esforço próprio ou passivamente através da herança de outros – torna-se uma base convencional de reputação. (...) Por meio de um refinamento ulterior, a riqueza adquirida pelo legado dos ancestrais ou outros ascendentes

⁴⁹⁸ Grifos nossos.

⁴⁹⁹ But is only when taken in a sense far removed from its naïve meaning that consumption of goods can be said to afford the incentive from which accumulation invariably proceeds. *The motive that lies at the root of ownership is emulation*; and the same motive of emulation continues active in the further development of the institution to which it has given rise and in the development of all those features of the social structure which this institution of ownership touches. *The possession of wealth confers honour; it is an invidious distinction.*

torna-se, atualmente, ainda mais honrosa que a riqueza adquirida pelo próprio esforço de quem dela toma posse...⁵⁰⁰

Nesse cenário, dentro do arcabouço mais geral da obra de 1914, é necessário assinalar que o instinto de trabalho eficaz continuaria agindo, e enquanto a sociedade se tornava cada vez mais pacífica, ele teria ganhado mais espaço para voltar à tona, e a produtividade humana encontraria novo ânimo. Todavia, ao mesmo tempo, a emulação não desapareceu, apenas tomou uma nova forma, rascunhada nos parágrafos anteriores. Enfim, da soma cumulativa destes desenvolvimentos históricos, a resultante foi que, se durante a fase selvagem o instinto do trabalho eficaz teria sido guiado pelas necessidades de sobrevivência da espécie, agora ele deveria atender, também, aos desejos emulativos dos indivíduos. Enquanto os imperativos de sobrevivência têm um ponto de saciedade, a emulação conferiria à esfera de produção um horizonte infinito, uma vez que em termos de comparação relativa individual não há saciedade.⁵⁰¹ Nos termos de VEBLEN ([1899] 1994d, p. 31):

Quanto ao que concerne à presente questão, o fim aspirado pela acumulação é se colocar no topo, em comparação com o resto da comunidade, em termos de força pecuniária. Na medida em que a comparação é distintamente desfavorável a si próprio, o indivíduo normal, médio, viverá em insatisfação crônica com seu presente destino; e quando ele tiver alcançado o que se pode chamar de padrão pecuniário normal da comunidade, ou de sua classe na comunidade, essa insatisfação crônica dará lugar a uma tensão infatigável em colocar uma diferença pecuniária mais ampla, e cada vez mais ampla, entre ele próprio e o padrão médio. A comparação discriminatória não pode jamais se tornar tão favorável ao

⁵⁰⁰ The possession of goods, whether acquired aggressively by one's own exertion or passively by transmission through inheritance from others, becomes a conventional basis of reputability. (...)By a further refinement, wealth acquired passively by transmission from ancestors or other antecedents presently becomes even more honorific than wealth acquired by possessor's own effort...

⁵⁰¹ Neste momento Veblen avança uma hipótese que se coaduna com a famosa Lei de Engel, nomeada em homenagem ao estatístico que a propôs, Ernst Engel (1821-1896).

indivíduo que a executa, a ponto de não ser possível para ele avaliar com alegria a si próprio, quando numa escala ainda mais alta com relação a seus competidores na luta pela reputação pecuniária.

Na natureza do caso, o desejo por riqueza não pode ser satisfeito em qualquer instância individual, e evidentemente está fora de questão saciar o desejo médio ou geral pela riqueza.^{502/503}

Sendo assim, uma das conseqüências mais importantes deste novo modelo de sociedade pecuniária seria que a emulação passava a ser a instituição determinante na esfera da produção. É evidente que ela não expulsou, completamente, os bens necessários à sobrevivência, mas “em um grande montante esta emulação modela os métodos e seleciona os objetos de dispêndio para o conforto pessoal e uma vida decente.” (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 32). Estas novas determinações da emulação em direção à esfera da produção se tornariam centrais no consumo conspícuo, uma das categorias veblenianas mais celebradas.

Porém, antes, é preciso acompanhar a ascensão da classe ociosa propriamente dita, ou melhor, entender como as comparações entre os trabalhos em termos de *status* teriam se transformado em comparações nos termos da dicotomia trabalho-ócio. Num trecho que deixa claro o caráter evolucionário-cumulativo do pensamento de VEBLEN ([1899] 1994d, p. 39-40), explica-se o

⁵⁰² Grifo nosso.

⁵⁰³ So far as concerns the present question, the end sought by accumulation is to rank high in comparison with the rest of community in point of pecuniary strength. So long as the comparison is distinctly unfavourable to himself, the normal, average individual will live in chronic dissatisfaction with his present lot; and when he has reached what may be called the normal pecuniary standard of the community, or of his class in the community, this chronic dissatisfaction will give place to a restless straining to place a wider and ever-widening pecuniary interval between himself and this average standard. The invidious comparison can never become so favourable to the individual making it that he would not gladly rate himself still higher relatively to his competitors in the struggle for pecuniary reputability.

In the nature of the case, the desire for wealth can scarcely be satiated in any individual instance, and evidently a satiation of the average or general desire for wealth is out of question.

aparecimento daquela instituição, a qual seria uma classe social na qual o ócio predomina como valor a ser perseguido:

Durante o estágio especificamente predatório, a distinção entre a classe ociosa e a classe operária é em algum grau apenas cerimonial. Os homens saudáveis se distanciam, invejados, de qualquer coisa que seja em sua concepção um trabalho servil; porém sua atividade contribui, de fato, de modo apreciável à sustentação do grupo. O estágio subsequente da indústria quase pacífica normalmente é caracterizado por uma escravidão estabelecida, rebanhos de gado e uma classe servil de pastores; a indústria teria avançado tanto que a comunidade não dependeria mais da caça ou de qualquer outra forma de atividade classificável como exploratória para sua sobrevivência. A partir desse ponto o traço característico da vida da classe ociosa é uma notável isenção de todo trabalho útil.⁵⁰⁴

O ócio conspícuo, portanto, é a abstenção de quaisquer ocupações produtivas, ou melhor, uma radicalização daquela distinção entre trabalhos industriais e não-industriais. Nesse sentido, seriam duas as maiores motivações para a perseguição do ócio como ideal de vida, de reputação e de estima pelos seus pares: (1) o senso já há muito instalado do desvalor do trabalho industrial e, (2) a emulação pecuniária que deriva da demonstração da capacidade para despender o tempo em ócio conspícuo. Assim, os esportes e a religião acabaram tornando-se mesmo mais importantes, em sua carga emulativa, do que a guerra e o governo (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 40). O modo como VEBLEN ([1899] 1994d,

⁵⁰⁴ During the predatory stage proper the distinction between the leisure class and the labouring class is in some degree a ceremonial distinction only. The able-bodied men jealously stand aloof from whatever is, in their apprehension, menial drudgery; but their activity in fact contributes appreciably to the sustenance of the group. The subsequent stage of quasi-peaceable industry is usually characterised by an established chattel slavery, herds of cattle, and a servile class of herdsmen and shepherds; industry has advanced so far that the community is no longer dependent for its livelihood on the chase or on any other form of activity that can fairly be classed as exploit. From this point on, the characteristic feature of leisure-class life is a conspicuous exemption from all useful work.

p. 38) descreveu a ascensão do ócio, como objeto de emulação e fundamento da classe ociosa, não pode ser omitido:

Este valor direto, subjetivo do lazer e outras evidências de riqueza, sem dúvida, são em grande parte secundários e derivativos. Em parte são um reflexo da utilidade do lazer como um meio de ganhar o respeito dos outros, e em parte são o resultado de uma *substituição mental*. A atividade laboral tem sido aceita como uma evidência convencional de força inferior; conseqüentemente, através de um atalho mental, ela própria vem a ser considerada intrinsecamente baixa.^{505/ 506}

Dessa análise do ócio como fator de emulação na sociedade, nasceram algumas das passagens que celebrizaram Thorstein Veblen como economista irônico e iconoclasta. Uma destas passagens descreve como certo Rei da França, ao observar as boas maneiras sob as quais foi criado, que indicavam o menor esforço útil como o último dos pecados para alguém de sua estirpe social, sentou-se à frente de uma lareira e, na ausência do empregado encarregado de afastá-lo das chamas quando o calor aumentasse: “ficou sentado calmamente ante ao fogo e deixou que sua pessoa real fosse tostada sem possibilidade de recuperação.” (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 43). No mesmo capítulo Veblen satirizou algumas das ocupações da classe ociosa, em uma referência implícita às classes superiores de sua terra natal.⁵⁰⁷ Ele afirmou que além da abstenção do trabalho útil, institucionalizou-se como evidência emulativa a dedicação a atividades completamente inúteis. *In verbis*, numa inspirada e deveras irônica passagem:

⁵⁰⁵ This direct, subjective value of leisure and of other evidences of wealth is no doubt in great part secondary and derivative. It is in part a reflex of utility of leisure as a means of gaining the respect of others, and in part it is the result of a *mental substitution*. The performance of labour has been accepted as a conventional evidence of inferior force; therefore it comes itself, by a mental short-cut, to be regarded as an intrinsically base.

⁵⁰⁶ Grifo nosso.

⁵⁰⁷ Quando falava nas atitudes de ócio conspícuo, bem como de consumo conspícuo, Thorstein Veblen freqüentemente refere-se às suas formas “modernas”.

O critério para a demonstração de ócio passado adquire comumente, portanto, a forma de bens 'imateriais'. Tais evidências imateriais de ócio passado são realizações quase-artísticas ou quase-eruditas e um conhecimento de processos e incidentes que não conduzem diretamente ao preenchimento da vida humana. Então, por exemplo, existe em nosso tempo um conhecimento das línguas mortas e das ciências ocultas; da pronúncia correta, da sintaxe e prosódia, das várias formas de música doméstica e outras artes do lar; das últimas aquisições de vestidos, móveis e equipamentos; de jogos, esportes, animais bem cuidados, tais como cachorros e cavalos de corrida (VEBLEN, [1899] 1994d, p.45).⁵⁰⁸

Ainda, Veblen criticava o advento da “etiqueta”, uma clara demonstração de um passado de ócio, pois “tempo desperdiçado” seria o requisito necessário para alguém ser educado nos cânones destes hábitos. Todos estes fatos sociais, que vieram com a instalação de uma classe ociosa, acabariam adquirindo, na medida em que assumiriam aspectos de convenções, a aparência de serem úteis em si mesmos, em oposição à sua origem que seria a demonstração de sua própria inutilidade.

Uma das consequências da institucionalização da classe ociosa, das mais enfatizadas pelo pioneiro do institucionalismo, foi o aparecimento de outra classe, derivada daquela, e que se dedicaria ao chamado *ócio vicário*. Este termo designa o trabalho de indivíduos que seriam auxiliares no ócio de outros - daqueles genuinamente pertencentes à classe ociosa. Os escravos domésticos e os criados seriam, por excelência, as personificações do ócio vicário. Tal instituição teria iniciado através do ócio conferido à esposa do homem da classe

⁵⁰⁸ The criteria of a past performance of leisure therefore commonly take the form of “immaterial” goods. Such immaterial evidences of past leisure are quasi-scholarly or quasi-artistic accomplishments and a knowledge of processes and incidents which do not conduce directly to the furtherance of human life. So, for instance, in our time there is the knowledge of the dead languages and the occult sciences; of correct spelling; of syntax and prosody; of the various forms of domestic music and other household art; of the latest properties of dress, furniture, and equipage; of games, sports, and fancy-bred animals, such as dogs and race-horses.

ociosa. Nessa linha, permitir a abstenção da mulher do trabalho produtivo e, mais à frente até mesmo do doméstico, fora o hábito fundante da classe dedicada ao ócio vicário. Cortes e haréns seriam, também, outras expressões dessa capacidade de despender recursos em auxiliares vicários.

A mulher, sempre vista como indivíduo de menor *status* desde a ascensão da inclinação predatória e mesmo de sua preservação através de instituições menos violentas, não desfrutaria do ócio em proveito emulativo próprio, mas sim para demonstrar a capacidade do marido de pagar pela sua abstenção do trabalho. VEBLEN ([1899] 1994d, p. 103-104), então, em relação à abstenção das mulheres, mostrava como as classes inferiores procurariam mimetizar o comportamento das classes mais abastadas. Os homens das classes mais baixas, tão logo estivessem em posição de permitir às suas mulheres o ócio vicário, não hesitariam em fazê-lo:⁵⁰⁹ “Não é de modo algum um espetáculo incomum encontrar um homem se esforçando no trabalho com a máxima diligência, de forma que sua esposa possa de modo justo conceder a ele aquele grau de ócio vicário que o senso comum de seu tempo exige (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 81).”⁵¹⁰

Embora o ócio defina uma classe, o consumo, como esfera da análise das instituições neste desenvolvimento, seria, da mesma forma, de importância fulcral em *A Teoria da Classe Ociosa*. O consumo conspícuo seria a demonstração emulativa em termos do desperdício, da valoração de bens sem utilidade para o “preenchimento da vida”, suplemento, então, das mais puras demonstrações de poder pecuniário. O consumo conspícuo, assim como anteriormente o ócio conspícuo, seriam respostas à necessidade de expressão da diferenciação das

⁵⁰⁹ Não se pode deixar escapar à análise aqui apresentada a importância dada por Veblen aos argumentos que se baseavam na diferença entre os gêneros. O primeiro economista institucionalista era um partidário veemente dos direitos das mulheres. Em *A Teoria da Classe Ociosa* ele destacou os reclames dos movimentos pró-direitos femininos como um sinal da sobrevivência de traços não predatórios entre os indivíduos (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 360-361). Da mesma forma, um artigo intitulado *The Barbarian Status of Women*, ao qual já se fez referência, foi publicado ao mesmo tempo em que a obra de 1899 veio à tona (DORFMAN, 1947, p. 174).

⁵¹⁰ It is by no means an uncommon spectacle to find a man applying himself to work with the utmost assiduity, in order that his wife may in due form render for him that degree of vicarious leisure which the common sense of the time demands.

classes sociais, mormente da classe ociosa em relação às demais. Nesse sentido, o autor de *A Teoria da Classe Ociosa* via no aumento da densidade populacional um grande fator que provocara as classes superiores no sentido de criar novas formas de diferenciação. O aparecimento dos títulos nobiliárquicos seria um exemplo da criatividade das classes superiores. As boas maneiras – a etiqueta – os esportes e a devoção às artes domésticas também. O consumo conspícuo seria consequência deste mesmo processo. Assim, veja-se o seguinte parágrafo de WEBER ([1899] 1994d, p. 86):

Desde que a comunidade ou grupo social seja pequena e compacta o bastante a ponto de ser efetivamente atingida pela notoriedade comum sozinha – o que equivale dizer, desde que o ambiente humano ao qual é exigido que o indivíduo se adapte, em termos de reputação, seja limitado à esfera de seus relacionamentos pessoais e fofocas de vizinhança, - então um método é tão eficiente quanto o outro [a demonstração de *consumo* e a de *ócio*]. Cada um, por consequência, servirá igualmente bem durante os estágios incipientes do crescimento social. Porém, quando a diferenciação vai longe e torna-se necessário atingir um ambiente humano mais amplo, o consumo começa a ultrapassar o ócio como um meio comum de decência. Isso é especialmente verdadeiro durante o último e pacífico estágio econômico. Os meios de comunicação e a mobilidade da população agora expõem o indivíduo à observação de muitas pessoas, que não possuem outro meio de julgar a reputação além da demonstração de bens (e talvez da criação de animais).⁵¹¹

⁵¹¹ So long as the community or social group is small enough and compact enough to be effectually reached by common notoriety alone, - that is to say, so long as the human environment to which the individual is required to adapt himself in respect of reputability is comprised within his sphere of personal acquaintance and neighbourhood gossip, - so long the one method is about as affective as the other. Each will therefore serve about equally well during the earlier stages of social growth. But when the differentiation has gone farther and it becomes necessary to reach a wider human environment, consumption begins to hold over leisure as an ordinary means of decency. This is specially true during the later, peaceable economic stage. The means of communication and the mobility of the population now expose the individual to the observation of many persons who have no other means of judging his reputability than the display of goods (and perhaps of breeding).

Instalado o consumo conspícuo como instituição, ele se espalhou em uma pletora de práticas observáveis na sociedade. Bailes, a valorização de objetos completamente inúteis em função somente de seus altos preços, a criação de animais de estimação, o alcoolismo e a utilização de narcóticos, a moda e a demonstração de caríssimas peças de mobília em jantares regidos pelas regras da mais elaborada etiqueta, aliás, são tantos os exemplos arrolados, que fica difícil abarcá-los num pequeno resumo como este. Até mesmo a educação superior, na visão de Veblen, teria seu uso emulativo.

Os usos das classes ociosas são observados pelo autor de *A Teoria da Classe Ociosa* em seu próprio país, ainda que sua teoria nunca tencionasse confinar-se à realidade norte-americana. Por exemplo, no que diz respeito ao lugar do consumo em áreas mais populosas, o economista observa que os fazendeiros norte-americanos costumam utilizar roupas menos afeitas aos sabores da moda (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 87). Ele também demonstrou desprezo pelas instituições sulistas. VEBLEN ([1899] 1994d, p. 326) dizia:

Pode ser percebido que, em função das circunstâncias econômicas peculiares desta região, a grande devoção da população sulista, tanto dos brancos quanto dos negros, está correlacionada com um esquema de vida que de vários modos lembram os estágios bárbaros do desenvolvimento da indústria. Nessa população, acometimentos de um caráter arcaico também são e tem sido relativamente mais prevaletentes e menos desaprovados do que são em outros lugares; como, por exemplo, duelos, brigas, contendias, bebedeira, corrida de cavalos, briga de galo, jogatina, incontinência sexual masculina (evidenciada pelo considerável número de mulatos). Existe também um senso de humor mais vívido – uma expressão de espírito esportivo e uma derivação de vida predatória.⁵¹²

⁵¹² It may also be noted that, owing to peculiar economic circumstances of this section, the greater devoutness of the Southern population, both white and black, is correlated with a scheme of life which in many ways recalls the barbarian stages of industrial development. Among this population offences of an archaic character also are and have been relatively more prevalent and are less deprecated than they are elsewhere; as, for example, duels, brawls, feuds, drunkenness, horse-racing, cock-fighting, gambling, male sexual incontinence (evidenced by the considerable number of mulattoes). There is also a livelier sense of honour – an expression of sportsmanship and a derivative of predatory life.

Mas, ao mesmo tempo, no norte, onde estaria a “classe ociosa no melhor sentido da expressão”, não faltariam tentativas de institucionalizar imbecilidades. Sobretudo, seriam notáveis as necessidades dos norte-americanos desta região de estabelecerem observâncias no mesmo sentido daquelas do sul, ou mais ainda, como as esposadas pelos europeus, especialmente do continente (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 326-327 e passim). Os novos ricos do nordeste americano estariam em busca de uma identidade ociosa própria, pois nunca teriam sido descendentes daqueles nobres do velho mundo, nem herdeiros dos déspotas orientais.

Não é preciso insistir que Veblen foi extremamente antipático às classes ociosas e suas práticas. Ele sempre foi muito normativo a respeito de atividades que impediriam o “progresso (ou preenchimento) da vida” – *furtherance of life*.⁵¹³ Quaisquer desperdícios de recursos eram condenáveis, desviavam a humanidade da forma mais pura do instinto do trabalho eficaz e, portanto, das inclinações naturais à preservação da espécie. Dentro disso, portanto, o que talvez fosse o aspecto mais perigoso da instalação das classes ociosas seria o fato de que elas tenderiam a perpetuar instituições imbecis. Mas, em paralelo, o economista evolucionário da Era Progressiva não deixava de argumentar no mesmo sentido de seus arquiinimigos do darwinismo social. Acreditava Veblen que a classe ociosa tenderia a perpetuar nos indivíduos certas inclinações arcaicas, no sentido de uma herança genética mesmo. O parecer de Thorstein VEBLEN ([1899] 1994d, p. 244) era enfático:

A instituição [da classe ociosa] age para diminuir a eficiência industrial da comunidade e retardar a adaptação da natureza humana às exigências da vida industrial moderna. Isso afeta numa direção conservadora aquilo que é predominante da natureza humana efetiva, (1) através da transmissão

⁵¹³ Thorstein VEBLEN ([1899] 1994d, p. 224) é explícito a respeito de características que “facilitam o processo coletivo da vida”, são algumas delas “a honestidade, o pacifismo, a boa-vontade, e os interesses não emulativos e não-invejosos em homens e coisas.”

direta dos traços arcaicos através das heranças dentro da própria classe, e sempre que é feita a transfusão do sangue da classe ociosa para fora da classe, e (2) ao conservar e fortificar as tradições dos regimes arcaicos, fazendo com que as chances de sobrevivência das características bárbaras também sejam maiores, mesmo fora do alcance da transfusão do sangue da classe ociosa.⁵¹⁴

Como era aspecto fundamental de sua metodologia, Veblen nunca deixou as portas fechadas a uma mudança de rumo radical. Mas, mesmo quando comentava a sobrevivência de inclinações não-deletérias em *A Teoria da Classe Ociosa*, Veblen tendeu mais ao pessimismo, ao menos se comparado ao livro de 1914. O descompasso entre hábitos de vida engendrados pela emulação e as novidades tecnológicas - expressões da sobrevivência do instinto do trabalho eficaz, como característica humana maior - era patente, na sua opinião. A instalação da classe ociosa significaria um perigo, a emulação poderia se sobrepor a “natureza humana proto-antropóide”, que carregaria os instintos do progresso coletivo da espécie (VEBLEN, [1899] 1994d, p. 362). *A Teoria da Classe Ociosa* não estabeleceu juízos definitivos sobre a história, o que contrariaria toda a metodologia vebleniana, mas pode-se dizer que ela possui um fortíssimo tom pessimista.

3.2.3.2. A Teoria Vebleniana dos Ciclos

The Theory of Business Enterprise, segundo livro de Veblen, apresenta uma teoria dos ciclos econômicos que de acordo com Geoffrey HODGSON (2004,

⁵¹⁴ The institution [of the leisure class] acts to lower the industrial efficiency of the community and retard the adaptation of human nature to the exigencies of modern industrial life. It affects the prevalent of effective human nature in a conservative direction, (1) by direct transmission of archaic traits, through inheritance within the class and wherever the leisure-class blood is transfused outside the class, and (2) by conserving and fortifying the traditions of the archaic régime, and so making the making the chances of survival of barbarian traits greater also outside the range of transfusion of leisure-class blood.

p. 207) poderia tê-lo feito o “Keynes norte-americano”. Contudo, na opinião deste mesmo analista, Thorstein Veblen teria “errado” o caminho pelo qual enveredou suas investigações econômicas e, ao invés de dedicar-se a desenvolver sua teoria dos ciclos, foi buscar desvendar a relação entre a presença ubíqua das máquinas na vida moderna e a cultura.

A primeira característica da economia que Veblen descreveu em *The Theory of Business Enterprise* foi a existência de uma dualidade expressa, por um lado, pela máquina, centro da dinâmica social produtiva, e por outro, pelos negócios, que dirigiriam a produção via máquinas segundo uma lógica do “investimento para o lucro”.⁵¹⁵ O parágrafo que abre o quarto capítulo da obra é muito ilustrativo neste sentido – e mostra como Veblen mantinha suas pesquisas sempre ligadas àquele esquema histórico-institucional mais geral, que seria descrito em *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts*.

A base física da prática do negócio moderno é o processo da máquina, conforme descrito no capítulo II. Isso é essencialmente um fato moderno, – tardio e ainda em seus estágios incipientes de crescimento, especialmente com relação a sua presença maior na organização do sistema industrial. A base espiritual da empresa de negócios, por outro lado, é dada pela instituição da propriedade; elas são originárias da propriedade – de princípios pecuniários. *Esses princípios são mais antigos que a indústria da máquina, embora seu desenvolvimento total pertença à Era da máquina.* Conforme o processo da máquina condiciona o crescimento e os objetivos da indústria, e conforme sua disciplina inculca hábitos de pensamento adequados à tecnologia industrial, as exigências de propriedade condicionam então o crescimento e os objetivos dos negócios, e a disciplina da propriedade e seu gerenciamento inculcam

⁵¹⁵ Thorstein Veblen reconhece que as atividades produtivas não dependentes do maquinário ainda são muito presentes, no entanto ele enfatiza que são secundárias à dinâmica produtiva ditada pelo setor no qual as máquinas são os instrumentos produtivos mais importantes (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 2).

perspectivas e princípios (hábitos de pensamento) adequados ao trabalho da prática de negócios (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 66).⁵¹⁶

Tal dualidade da vida moderna já havia sido objeto de um artigo de 1901, intitulado *Industrial and Pecuniary Employments* (VEBLEN, [1901] 1994b, p. 279-323). Ali, Veblen chamava a atenção para a relação dicotômica entre os negócios e a indústria: “É verdade que a indústria é rigorosamente condicionada pelos negócios. Numa comunidade moderna, o homem de negócios é o último a decidir o que pode ser feito na indústria, ou ao menos na sua maior parte e nos seus ramos mais conspícuos” (VEBLEN, [1901] 1994b, p. 297).⁵¹⁷ A ascendência dos homens de negócios sobre a indústria teria conseqüências muito importantes, e isso seria efeito das características que a produção baseada em máquinas conferiria ao sistema produtivo como um todo.

O aspecto mais significativo da ubiquidade das máquinas, como instrumentos de produção basilares da economia, constituiria-se na interdependência que elas conferem a todo o sistema. Num mundo de produção conduzido pelas máquinas, dado seu ritmo impessoal, sua precisão e regularidade, a afinação de todo o processo produtivo torna-se condição essencial para o funcionamento sem maiores distúrbios. Toda a indústria, e mesmo aquelas atividades não dependentes das máquinas mais diretamente, acabavam sendo sugadas para um sistema regido por padrões cada vez mais rígidos. Thorstein VEBLEN ([1904] 1994f, p. 16) descrevia a necessidade de coordenação e

⁵¹⁶ The physical basis of modern business traffic is the machine process, as described in Chapter II. It is essentially a modern fact, - late and yet in its early stages of growth, specially as regards its wider sweep in the organization of the industrial system. The spiritual ground of business enterprise, on the other hand, is given by the institution of ownership; they are principles of property, - pecuniary principles. *These principles are of older date than the machine industry, although their full development belongs to the machine era.* As the machine process conditions the growth and scope of industry, and as its discipline inculcates habits of thought suitable to the industrial technology, so the exigencies of ownership condition the growth and aims of business, and the discipline of ownership and its management inculcates views and principles (habits of thought) suitable to the work of business traffic.

⁵¹⁷ It is true, industry is closely conditioned by business. In a modern community, the business man finally decides what may be done in industry, or at least in the greater number and the more conspicuous branches of industry.

padronização decorrente da adoção das máquinas como instrumentos de produção centrais ⁵¹⁸:

Em função desta concatenação de processos, o sistema industrial moderno como um todo possui o caráter de um processo mecânico equilibrado e abrangente. De modo a tornar o funcionamento deste processo industrial mais eficiente, os vários subprocessos constituintes devem funcionar em devida coordenação em todas as suas partes. Qualquer grau de desajuste na coordenação intersticial deste processo industrial atrasa em algum grau o seu funcionamento. De modo semelhante, qualquer processo detalhado ou qualquer indústria fará seu trabalho render ao máximo somente quando o devido ajuste tiver sido feito entre o seu trabalho e o trabalho feito pelo resto. (...) Quanto maior o grau de desenvolvimento alcançado por uma comunidade industrial, mais abrangente e necessária torna-se sua exigência de ajuste intersticial. ^{519/520}

O ajustamento do sistema produtivo baseado nas máquinas não seria feito senão pelos homens de negócios. Embora a afinação dos processos produtivos

⁵¹⁸ *The Theory of Business Enterprise* é uma obra que difere de *A Teoria da Classe Ociosa* em muito quanto à citação das fontes. Enquanto na primeira Veblen já alerta para o uso indiscriminado do que ele nomeia “*homely facts*”, no livro de 1904 as páginas estão recheadas de referências (VEBLEN, [1899] 1994d, p. vi). Entre as citações de Veblen, no que diz respeito à descrição da indústria das máquinas, estão Werner Sombart (1863-1941), William Cooke Taylor (1800-1849) e o décimo segundo censo industrial norte-americano (1900).

⁵¹⁹ Assim como seria retomado no escrito de 1914, a presença das máquinas e a cultura derivada delas gera um certo descontentamento, por parte daqueles que têm suas vidas alteradas para uma toada ditada pelo passo do maquinário. VEBLEN ([1904] 1994f, p. 15) já diz, dez anos antes do seu livro sobre os instintos, numa nota de rodapé, que a carga instintiva humana não estaria adaptada à disciplina de um mundo do maquinário. Nada obstante, o problema em *The Theory of Business Enterprise* é como o ajuste de todo o sistema regido pelas máquinas é feito, e em que bases. Os instintos ficariam para uma década depois.

⁵²⁰ By virtue of this concatenation of processes the modern industrial system at large bears the character of a comprehensive, balanced mechanical process. In order to an efficient working of this industrial process at large, the various constituent sub-processes must work in due coördination throughout the whole. Any degree of maladjustment in the interstitial coördinations of this industrial process at large in some degree hinders its working. Similarly, any given detail process or any industrial plant will do its work to full advantage only when due adjustment is had between its work and the work done by the rest. (...) The higher the degree of development reached by a given industrial community, the more comprehensive and urgent becomes this requirement of interstitial adjustment

seja demais importante para a consecução da produção sem maiores sobressaltos, não seria com base em parâmetros técnicos que tal ajuste aconteceria, portanto, todo o processo seria reduzido pelos homens de negócios aos termos pecuniários (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 18). “A organização das diversas indústrias, assim como os ajustes intersticiais e discrepâncias dos processos industriais como um todo, são da natureza das transações e obrigações pecuniárias. Cabe, portanto, aos homens de negócios realizar ou danificar os ajustes correntes da indústria.” (VEBLEN, [1904], p. 18-19).⁵²¹

Assim sendo, Thorstein Veblen partia para determinar o que moveria a empresa de negócios, dirigida pelo homem de negócios - *locus* das decisões de que depende o sistema produtivo calcado no maquinário. Para Veblen, o motivo da empresa de negócios seria o ganho pecuniário, e o motivo do ganho pecuniário seria o acúmulo de riqueza (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 20). Neste momento Veblen remetia o leitor para *A Teoria da Classe Ociosa*, afirmando que os motivos para o desejo de acumular riqueza já teriam sido tratados lá, de modo bem extenso.⁵²² Sendo o ganho pecuniário o motor maior da empresa de negócios, obviamente a direção destas não buscaria o tempo todo seja o aumento de produtividade, seja a afinação de todo o sistema. Os motivos essenciais não seriam os industriais, e sim os de negócios. A direção das empresas tornaria-se, nesse sentido, uma “especulação produtiva”. Em VEBLEN ([1904] 1994f, p. 28):

O ganho pode vir a eles a partir de um dado distúrbio do sistema, seja o transtorno causador de maiores atendimentos aos desejos ou de amplas privações, *da mesma maneira com que um especulador de grãos no mercado futuro poderia ser tanto um touro quanto um urso*. Para o homem

⁵²¹ “The organization of the several industries as well as the interstitial adjustments and discrepancies of the industrial processes at large are of the nature of pecuniary transactions and obligations. It therefore rests with business men to make or mar the running adjustments of industry.”

⁵²² Continuando com suas referências, ao mesmo tempo em que o autor de *The Theory of Business Enterprise* refere-se à sua própria obra de 1899, cita também os *Princípios* de Alfred Marshall (1842-1924), *Estudos Econômicos* de Walter Bagehot (1826-1877), o *Wages Question* de Francis Walker, e diz ainda, “mais especialmente”, *Capitalismo Moderno* de Werner Sombart, *O Capital* de Marx e o *Gundriss* de Gustav Schmoller.

de negócios que objetiva um ganho maior que o normal proveniente de um ajuste intersticial ou de um transtorno do sistema industrial, não é uma questão importante se essas operações possuem um efeito de progresso ou retraimento imediato sobre o sistema como um todo.^{523/524}

E, na página seguinte, VEBLEN ([1904] 1994f, p. 29) falava das conseqüências das especulações que ocorreriam sobre o sistema maquinário-produtivo, geradoras de uma instabilidade econômica permanente:

O resultado desse gerenciamento dos negócios industriais através das transações pecuniárias, portanto, tem sido dissociar os interesses da comunidade do interesse daqueles homens que tomam as decisões. (...) De modo geral, essa classe de homens de negócios, desde que eles não têm mais nenhuma finalidade ulterior a servir, *possui o interesse em fazer os transtornos do sistema grandes e freqüentes*, já que é nas situações de mudança que o seu ganho emerge.⁵²⁵

Nesse raciocínio, VEBLEN ([1904] 1994f, p. 34-35) adicionava que os distúrbios se espalhariam por todo o sistema – considerado, é claro, a interconexão existente na produção baseada em máquinas – e eles acabariam, então, tornando-se a condição normal das coisas. A economia, portanto, passaria a operar numa permanente “quase-crise”. Dado tal estado de coisas, subsistiria, nesse embate especulativo, uma luta também pela propriedade dos ativos que

⁵²³ Gain may come to them from a given disturbance of the system whether the disturbance makes for heightened facility or for widespread hardship, *very much as speculator in grain futures may be either a bull or a bear*. To the business man who aims at a differential gain arising out of interstitial adjustments or disturbances of the industrial system, it is not a material question whether his operations have an immediate furthering or hindering effect upon the system at large.

⁵²⁴ Grifo nosso.

⁵²⁵ The outcome of this management of industrial affairs through pecuniary transactions, therefore, has been to dissociate the interests of those men who exercise the discretion from the interests of community. (...) Broadly, this class of business men, in so far as they have no ulterior ends to serve, *have an interest in making the disturbances of the system large and frequent*, since it is in the conjunctures of the change that they gain emerges.

representariam as empresas de negócios. Na maioria das vezes ocorreriam fusões e aquisições, já que os homens de negócios teriam por pretensão controlar maiores frações de empresas, para que pudessem agir com aumentado poderio nesta “guerra especulativa”.

VEBLEN ([1904] 1994f, p. 35), encaixando-se numa discussão muito presente à época, rejeitava as economias de escala – que ele chamava de economias de produção – como justificativas plausíveis para as fusões e aquisições. Se o ganho da competição fosse maior do que o ganho das economias de uma fusão ou aquisição, então os homens de negócio não hesitariam em manter empresas separadas. O economista fundador do institucionalismo citava as ferrovias de seu país natal como exemplo máximo da sujeição das economias de produção aos motivos pecuniários. Utilizando como base um *Relatório da Comissão sobre a Indústria*, ele comentou, numa extensa nota de rodapé.⁵²⁶

Desde que a Estrada de ferro foi introduzida neste país, tem ocorrido um processo de consolidação relutante, no qual o movimento dos homens de negócios que estão no controle seguiu tardiamente as oportunidades oferecidas pela indústria das estradas de ferro para economias e serviços eficientes (...)

Assim como outros negócios competitivos, especialmente aqueles que têm a ver com os ajustes intersticiais do sistema industrial, a consolidação dos negócios das estradas de ferro é da mesma natureza de um jogo no qual o fim buscado pelos jogadores é seu próprio ganho pecuniário e para o qual a utilidade industrial do resultado é apenas incidental (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 40).⁵²⁷

⁵²⁶ A referência sobre o ano e a origem do relatório citado é bastante incompleta.

⁵²⁷ Ever since railroading began in this country there has been going on a process of reluctant consolidation, in which the movement of the business men in control have tardily followed up the opportunities for economy and efficient service which the railroad industry has offered. (...)

Like other competitive business, but more particularly such business as has to do with the interstitial adjustments of the industrial system, the business of railway consolidation is of the

Todavia, Thorstein Veblen não confinava sua análise em *The Theory of Business Enterprise* à separação entre os interesses dos homens de negócios e da comunidade em geral. Nesse texto, além de criticar o conceito de *entrepreneur*, de condenar a visão do empresário como o patrono do progresso e, de indicar que o sistema de negócios incorre em desperdícios tais como a publicidade, ele descrevia a dinâmica do ciclo econômico-especulativo de modo detalhado. O que não se pode perder de vista é que todos estes desenvolvimentos encaixam-se na evolução do sistema da manufatura para o da máquina e, por conseguinte, no esquema mais geral que seria apresentado na obra de 1914. Ainda, especialmente, seriam eles resultados de instituições que terminariam por se afirmar no sistema social vebleniano. A adoção das máquinas seria uma instituição, assim como a assunção dos interesses das empresas de negócios como dirigentes deste sistema.

A impessoalidade do sistema de máquinas teria uma conseqüência institucional direta sobre o modo como as avaliações pecuniárias seriam levadas a termo. Num ambiente marcado pela padronização, pela valorização da mensuração quantitativa de tudo, pela regularidade matemática, o dinheiro transformaria-se no sinal quantificador dos interesses dos negócios. A antiga pessoalidade honesta, proporcionada pela proximidade entre compradores e fabricantes, característica da Era da Manufatura, metamorfosearia-se na maneira inumana de avaliação quantitativa, típica do sistema de preços. Para utilizar uma expressão que Veblen gostava, deve-se dizer que o mundo do maquinário ajuda a *inculcar* o dinheiro como forma ideal, pela qual avaliações de negócios devem ser feitas. Os contratos, outro aspecto premente da economia destes tempos, são essencialmente firmados em termos monetários, e, assim, a contabilidade e a publicidade – as novas ciências dos negócios – assumiam posições decisivas na

nature of a game, in which the end sought by the players is their own pecuniary gain and to which the industrial serviceability of the outcome is incidental only

administração das empresas. VEBLEN ([1904] 1994f, p. 84-85) marcava para seu leitor:

A questão dominante nos negócios é a questão do ganho e da perda. Ganhos e perdas são uma questão de contabilidade, e as contas são mantidas em termos de unidade monetária, não em termos de subsistência, tampouco em termos de utilidade dos bens ou de eficiência mecânica da indústria ou comércio industrial. (...) A linha básica de cada empresa é uma linha de capitalização em valores monetários. (...) O homem de negócios julga os eventos a partir do ponto fixo da propriedade, e a propriedade é conduzida em termos monetários.⁵²⁸

Outra instituição que gradativamente foi se instalando, desde a época das manufaturas, a aceitação do lucro como remuneração admissível. VEBLEN ([1904] 1994f, p. 86) afirmava que somente com o advento da indústria das máquinas o lucro passou a ser encarado – institucionalmente – como uma fonte legítima de ganho. Na fase comercial do capitalismo, o lucro era encarado como resultado do esforço produtivo.⁵²⁹ O que mudava era o olhar sobre o lucro, ou melhor, sobre a taxa de lucro como retorno de montante investido (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 87). O trabalho assalariado seria central nessa acepção, pois se o esforço produtivo dos trabalhadores é remunerado via salário, então a renda do capitalista seria resultado do investimento de riqueza acumulada – acumulada via esforço produtivo. A institucionalização do dinheiro como unidade de medida do sucesso das atividades empresariais, aliado à idéia da taxa de lucro, permitia que

⁵²⁸ The all dominating issue in business is the question of gain and loss. Gain and loss is a question of accounting, and the accounts are kept in terms of money unit, not in terms of livelihood, nor in terms of the serviceability of the goods, nor in terms of mechanical efficiency of the industrial or commercial plant. (...) The base line of every enterprise is a line of capitalization in money values. (...) The business man judges of events from the standpoint of ownership, and ownership runs in terms of money.

⁵²⁹ Neste ponto VEBLEN ([1904] 1994f, p. 87) coloca uma nota de rodapé interessante. Ele diz que em toda teoria clássica, derivada do mundo da manufatura, observa-se a “necessidade moral” de se justificar os lucros com base em alguma forma de produtividade. Ele cita especialmente os “salários de superintendência” como uma destas tentativas e refere-se ao verbete sobre eles no *Palgrave's Dictionary of Political Economy*.

os homens de negócios avaliassem as empresas – ou investimentos nelas – em termos da capacidade de geração prospectiva de lucros.

Decorreria, dessa forma, a criação de riqueza a partir da riqueza, acumulada principalmente em termos monetários. A economia da Era das Máquinas transformava-se numa economia do crédito. Títulos de crédito, ações, depósitos e outros instrumentos financeiros geradores de juros – lucros – multiplicavam-se. A existência destes instrumentos de crédito seria realimentada pelo seu próprio uso, fazendo com que a utilização indiscriminada deles se espalhasse e se tornasse um hábito. Na atividade econômica real, a industrial, de produção de bens e serviços, só existiriam duas maneiras de fazer crescer a taxa de lucro: (1) pelo aumento da magnitude do ganho – geralmente estabelecido em termos dos preços e das quantidades; (2) pela diminuição do intervalo de tempo em que o ganho é recebido. Quanto à segunda opção poderia-se aumentar a eficiência dos métodos de produção, tornando o período durante o qual o capital fica parado menor; ou então poderia-se tentar influir nas decisões de compra dos indivíduos, permitindo a venda de maiores quantidades de produto. As empresas de negócios recorreriam, constantemente, a estes dois expedientes, mas a aplicação dos créditos emprestáveis – *loan credits* – seria uma terceira alternativa que institucionalizava-se como prática para buscar o aumento da lucratividade dos negócios (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 94-95). Para que o sistema vebleniano funcione, de maneira a institucionalizar, ubiquamente, entre as empresas de negócios, o uso deste tipo de capital disponível, é preciso assumir uma hipótese, que ele julgava verdadeira sempre - desde que haja por parte das empresas uma boa administração (*capable management*). Se a taxa de juros dos financiamentos, ou seja, aquelas pagas aos créditos emprestáveis, ficasse sempre abaixo da lucratividade das empresas, o uso de capitais adicionais tornaria-se sempre vantajoso para os homens de negócios que dirigem a produção.⁵³⁰ VEBLEN

⁵³⁰ *The Theory of Business Enterprise*, além de citar referências, também apresenta certa formalização das proposições teóricas. Aqui, por exemplo, VEBLEN ([1904] 1994f, p. 95-96) dizia seguir seu colega de departamento Laughlin – *Principles of Money* – e Alfred Marshall. Apresentava a taxa de retorno como o produto da velocidade e da massa de valores empregados. Considerando o crédito tomado como uma fração qualquer do capital ($\text{capital}/n$), então vai válida sempre a relação:

([1904] 1994f, p.97) concluía assim a descrição do processo de institucionalização do uso do capital emprestado:

Porém, sob o regime do negócio competitivo, tudo aquilo que geralmente é vantajoso torna-se uma necessidade para todos os competidores. Aqueles que tiram vantagem das oportunidades garantidas pelo crédito estão numa posição de vender mais barato do que quaisquer outros que estejam de igual maneira enquadrados em qualquer outra situação. De modo geral, o recurso ao crédito torna-se a prática geral, o curso regular do gerenciamento de negócios competitivos e a competição se baseia em tal uso do crédito como um auxiliar ao capital em mãos. De modo que a capacidade de ganho competitivo das empresas de negócios, normalmente repousam, na base, não somente do capital inicial, mas no capital somado aos fundos emprestados, com apoio desse capital.⁵³¹

Desse hábito instalado pelos homens de negócios decorreria uma ciranda de financeirização da riqueza, e o saldo seria que pouquíssimos desses capitais emprestáveis estariam cobertos por ativos líquidos. Para além disso, a multiplicação de instrumentos financeiros levaria à situação em que empréstimos seriam oferecidos como colaterais de empréstimos, os tomadores se tornariam credores e assim sucessivamente. VEBLEN ([1904] 1994f, p. 103) chamava toda esta massa de riqueza financeira de “equipamento industrial fictício”. O

$$\text{Re torno} = \frac{1}{\text{tempo}} \left(\text{capital} + \frac{\text{capital}}{n} \right) = \left(\frac{c + \frac{c}{n}}{\text{tempo}} \right) > \left(\frac{c}{\text{tempo}} \right)$$

⁵³¹ But under the régime of competitive business whatever is generally advantageous becomes a necessity for all competitors. Those who take advantage of the opportunities afforded by credit are in a position to undersell any others who are similarly placed in all but this respect. Speaking broadly, recourse to credit becomes the general practice, the regular course of competitive business management, and competition goes on the basis of such a use of credit as an auxiliary to the capital in hand. So that the competitive earning capacity of business enterprises comes currently to rest on the basis, not of initial capital alone, but of capital plus such borrowed funds as this capital will support.

representante símbolo desta riqueza sem respaldo no equipamento industrial seria a ação preferencial (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 114-115). O detentor deste tipo de título financeiro pretensamente detém equipamento industrial, contudo sem direito a exercer o menor controle discricionário sobre ele. Isto seria o ápice da propriedade absenteísta. Neste novo sistema econômico, calcado no funcionamento da financeirização da riqueza, separariam-se os interesses, fundamentalmente, em três: (1) os da corporação; (2) os dos homens de negócios e (3) os da comunidade (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 158).⁵³²

O ciclo vebleniano que se desenrolaria sob esta teia institucional conta com três fases: a exaltação – ou prosperidade –, a crise e a depressão.⁵³³ Os preços são a variável-chave para se identificar o início de um período de exaltação ou crise. Sendo assim, VEBLEN ([1904] 1994f, p. 177) observava a diferença da percepção dos preços na Era da Manufatura e nos tempos que a seguiram – os da máquina:

Visto que os negócios tornaram-se o interesse central e controlador, a questão do bem-estar tornou-se uma questão de preços. Sob o antigo regime da manufatura e pequeno comércio, a escassez (preços altos) significava privação e poderia significar fome e pestilência; sob o novo regime, os preços baixos normalmente significaram privação e podem, ocasionalmente, significar fome.⁵³⁴

⁵³² Obviamente, como anticonservador da Era Progressista, Thorstein Veblen recheava as páginas de *The Theory of Business Enterprise* com descrições das más práticas dos homens de negócios, em prol dos seus interesses e contra, tanto a comunidade, como contra as próprias corporações (seus acionistas).

⁵³³ Um bom resumo da teoria dos ciclos em Thorstein Veblen é dado por Tuna BASKOY (2003), que no entanto simplifica demais alguns pontos da teoria, afirmando por exemplo que as depressões sempre seguem as crises. Todavia é o único tratamento sintético desta parte da obra de Thorstein Veblen que o autor desta Tese foi capaz de encontrar em extensa – mas não exhaustiva – pesquisa.

⁵³⁴ Since business has become the central and controlling interest, the question of welfare has become a question of prices. Under the old régime of handicraft and petty trade, dearth (high prices) meant privation and might mean famine and pestilence; under the new régime low prices commonly mean privation and may on occasion mean famine.

O início de um período de prosperidade deve-se, na acepção de Veblen, a “uma combinação específica de circunstâncias.” (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 194). Um dos fatores mais comuns e importantes para isso seria a ascensão de preços numa indústria específica.⁵³⁵ A subida de preços engendraria um “fenômeno essencialmente psicológico”, que daria seguimento a duas linhas de ação. A primeira constitui-se no aumento de produção para atender a maior demanda que está visível, por exemplo, as encomendas em maior número. A segunda linha de ação estaria no aumento da produção para atender uma antecipação de maior demanda, que contribuiria em muito para a transmissão do otimismo nos negócios, espalhando o efeito inicial pelo sistema.

O lado financeiro da economia, da mesma forma, agiria de maneira pró-cíclica. Como as empresas de negócios são capitalizadas sobre sua capacidade futura de geração de lucros, com o aumento dos preços e da demanda, a especulação financeira sobre os ativos das empresas também aumentaria. Haveria uma maior competição, gerando a entrada no mercado de novos competidores e, concomitantemente, investimento no aumento da produtividade. O descolamento entre a economia real e a fictícia cresceria, chega-se, então, a um ponto no qual se perde a confiabilidade nas informações passadas pelo sistema de preços – a respeito tanto dos bens e serviços reais, como dos ativos financeiros. Mesmo que houvesse um forte sinal do fim da prosperidade em termos de preços, como uma queda nos preços daquele setor no qual tudo teve início, ainda assim a exaltação prolongaria-se por mais um tempo. Dois são os fatores, apontados por Veblen, que contribuiriam para isso: (1) o caráter essencialmente especulativo da comunidade de negócios regida por este tipo de dinâmica e, (2) os prazos dos contratos.

⁵³⁵ VEBLEN ([1904] 1994f, p. 194-195) fez outra observação importante em nota de rodapé. Dizia ele que um dos fatores para o período próspero de 1897-1902 foi a demanda aumentada pela guerra hispano-americana. Ele ainda observava que uma subida nos preços advinda de um fator conjuntural tal como uma guerra, em geral se transformava num círculo de exaltação quando os preços aumentavam no setor de bens de produção, especialmente porque a variação de preços neste setor costumava ser mais violenta, deste modo o sinal de aumento de preços seria percebido mais facilmente. Nisso ele segue, segundo o próprio, a análise de Thomas Nixon Carver.

Mas, os preços mais altos do trabalho e das matérias-primas colaborariam para o final do período de prosperidade. O setor financeiro passaria a recusar crédito para as empresas de negócios que, por conseguinte, apresentariam queda nas suas taxas de retorno. A cadeia de empréstimos e débitos começaria a se desmantelar – um ciclo se estabeleceria: credores cobram devedores e estes cobram seus devedores, VEBLEN ([1904] 1994f, p. 192-193) completa, em *The Theory of Business Enterprise*:

Em algum ponto, mais cedo ou mais tarde, na seqüência de obrigações pecuniárias, a exigência recai sobre o detentor de um empréstimo sob garantia, a qual é, na concepção de seu credor, insuficiente para assegurar uma liquidação imediata, seja pela rolagem do empréstimo ou pela venda da garantia. (...)

Quando tal chamada recai sobre dado devedor, esta chamada é passada adiante entre os devedores na seqüência das obrigações pecuniárias, e a seqüência das liquidações, desse modo, entra em jogo, com o efeito, notório dada a constatação ininterrupta, de que as garantias entram em declínio no mercado. A crise, portanto, está atuante, e as conseqüências posteriores seguem naturalmente.⁵³⁶

A crise é definida como um período de liquidação de ativos. Aconteceria, numa crise, um encolhimento generalizado dos valores. Cancelariam-se as concessões de crédito. E o mais importante: haveria, como resultado, uma redistribuição da propriedade dos equipamentos industriais (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 192). Contudo, o que diferencia, em Veblen, a *crise da depressão* seria o fato de que naquela a produção, em termos dos equipamentos industriais disponíveis, não seria atingida. É claro que ocorreria, mesmo numa crise, certa

⁵³⁶ At some point, earlier or later, in the sequence of liabilities the demand falls upon the holder of a loan on collateral which is, in the apprehension of his creditor, insufficient to secure ready liquidation, either by a shifting of the loan or by a sale of the collateral. (...) When such a call comes upon a given debtor, the call is passed along to the debtors farther along in the sequence of liabilities, and the sequence of liquidations thereby gets under the way, with the effect, notorious through unbroken experience, that the collateral all along the line declines in the market. The crisis is thereby in action, and the further consequences follow as a well-known matter of course.

diminuição na produção e algum aumento do desemprego, mas segundo as palavras de VEBLEN ([1904] 1994f, p. 191):

Ela [a crise] não envolve normalmente uma destruição apreciável de propriedade ou um grande desperdício de artigos materiais de riqueza. Ela deixa a comunidade como um todo mais pobre em termos de valores de mercado, porém não necessariamente em termos de meios materiais de vida. Para uma crise, o incidente encolhedor é especialmente um encolhimento pecuniário, não material; ele ocorre primeiramente nos itens intangíveis de riqueza, e secundariamente na cotação de preços dos itens tangíveis.⁵³⁷

Seria na passagem da crise à depressão que os homens de negócios avaliariam a capacidade produtiva das empresas como excedente. Eles, nesta situação, calculam que aos preços vigentes não vale a pena manter a indústria funcionando de maneira a utilizar parte razoável da capacidade produtiva. Nos termos dos próprios homens de negócio, o estado da economia seria o de “superprodução” (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 214). O economista institucionalista, porém, criticava o que seria uma superprodução apenas do ponto de vista dos homens de negócios. Numa depressão, do prisma da sociedade como um todo, haveria sim a subprodução. Thorstein VEBLEN ([1904] 1994f, p. 215) refere-se, neste ponto da discussão, novamente ao seu primeiro livro, no qual ele havia estabelecido os motivos da não saciedade dos indivíduos.

Nesse cenário de depressão, a adoção da prática de utilizar os créditos na produção complica ainda mais a situação. Parte dos instrumentos financeiros baseados na produção tem taxas fixas de retorno, as empresas precisam pagá-los mesmo na situação de queda dos preços e, portanto, das taxas de lucro do

⁵³⁷ [The crisis] It does not commonly involve an appreciable destruction of property or a large waste of the material articles of wealth. It leaves the community at large poorer in point of market values, but not necessarily in terms of the material means of life. The shrinkage incident to a crisis is chiefly a pecuniary, not a material, shrinkage; it takes place primarily in the intangible items of wealth, secondarily in the price rating of the tangible items.

negócio. As taxas fixadas nos títulos adquiridos durante o período de exaltação teriam sido altas, o que ampliaria a dificuldade de se manter os pagamentos.

Os homens de negócios, quando o período de exaltação desemboca na crise e, a partir desta, na depressão, também costumam falar em competição em excesso. Sem que haja um controle centralizado de todo o sistema produtivo, a competição engendrada pela prosperidade terminaria por gerar produção em excesso, ou melhor, capacidade de produção em excesso - isso sob o ponto de vista dos homens de negócios. Duas soluções despontam. A primeira seria manter a economia em subprodução permanente, o que evitaria o ciclo, dimensionando a capacidade produtiva de acordo com as taxas de retorno aceitáveis nos termos dos homens de negócios. A outra solução seria o incentivo do consumo não-produtivo de bens e serviços, algo que além de ser desperdício *per se*, ainda daria mote ao surgimento de outros desperdícios, especialmente sob a forma de propaganda.

A solução de deslocar a produção para um nível de retorno adequado só se tornaria viável caso o controle fosse efetivo sobre todo o processo. Então, o estabelecimento de trustes e corporações se apresenta como resposta possível. Com mais capacidade produtiva sob o controle de um só centro de decisão, o tamanho da produção poderia ser dirigido de maneira a atingir os objetivos pecuniários dos homens de negócios, sem o incômodo da competição exacerbada. Aqui se deve lembrar do caráter da sociedade embasada nas máquinas. Os períodos de prosperidade trazem a oportunidade – dada a sociedade em que vigoram o livre contrato e a livre competição, ao menos em termos legais – para que exista um aumento de produtividade calcado nas máquinas. Ao mesmo tempo, é a interconexão do processo produtivo, causado pelo uso cada vez maior das máquinas, que permitiria o processo de concentração industrial. Dessa forma, a existência do ciclo, com suas conseqüências nefastas para a comunidade como um todo, pode ser visto como resultado da incompatibilidade entre a tecnologia vigente e a teia institucional sobre a qual ela funciona. A dinâmica histórica da Era das Máquinas seria ditada por tal dualidade. Na ânsia de conseguir ultrapassar seus competidores, os homens de negócios cooptam os governos, que continuam a afirmar um

arcabouço legal incongruente com a realidade produtiva. Vale muito sentir este desencantamento nas palavras do próprio fundador do institucionalismo:

A partir das considerações mencionadas acima, parece que o gerenciamento competitivo da indústria é incompatível com a prosperidade continuada tão logo o processo da máquina tenha sido desenvolvido até a sua máxima eficiência. (...) Em resumo, o exercício do livre contrato, e os outros poderes inerentes ao direito natural de propriedade são incompatíveis com a tecnologia moderna da máquina. (...) O que entra em jogo para acentuar ou mitigar essa tendência é uma questão de mudança do sentimento sobre a questão dos direitos de propriedade, obrigações de negócios, e política econômica (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 266).⁵³⁸

Novamente, é preciso reforçar o fato de que os escritos de Veblen intentam apontar sempre para ambigüidade de situações. Não existem finais previsíveis, somente indicações das possíveis conseqüências caso a sociedade siga um ou outro caminho. *The Theory of Business Enterprise* conclui que o mundo gerado pelas máquinas vive esta tensão dual, descrita acima. Por um lado ele gera a ciência, condição de possibilidade para entender o cenário sócio-econômico, para o aumento de produtividade geral e para que instituições perniciosas sejam abandonadas, por outro, a Era das Máquinas precisa conviver com os princípios dos negócios e o interesse pecuniário de estirpe predatória. Mais uma vez surge a batalha entre o progresso da vida – o instinto de preservação, do trabalho eficaz – e as inclinações predatórias. Dessa vez VEBLEN ([1904] 1994f, p. 374-391) assinalava como os interesses dos negócios cooptariam o governo, como utilizariam a imprensa e, mais ainda, como se dedicariam a incutir o nacionalismo belicoso nas comunidades, a fim de desviar a atenção dos indivíduos do que

⁵³⁸ From the considerations recited above it appears that the competitive management of industry is incompatible with continued prosperity so soon as the machine process has been developed to its fuller efficiency. (...) In short, the exercise of free contract, and the other powers inhering in the natural right of ownership, are incompatible with the modern machine technology. (...) What may take place to accentuate or mitigate this tendency is a question of the drift of sentiment on the matter of property rights, business obligations, and economic policy.

realmente estaria em processo.⁵³⁹ O que afligia o economista do começo do século XX seria o alcance da alienação dos indivíduos frente ao que estaria acontecendo: “A implicação cultural indireta ou incidental dos princípios e práticas de negócios é efetiva e de longo alcance. [Os] Princípios de negócios possuem um controle peculiar sobre as afeições do povo como algo intrinsecamente bom ou correto” (VEBLEN, [1904] 1994f, p. 382).⁵⁴⁰ Thorstein VEBLEN ([1904] 1994f, p. 398) aludia à uma reinvenção feudal, nobiliárquica, dinástica que estaria se estabelecendo nos Estados Unidos. Lugar onde os interesses dos homens de negócios, cada vez mais, dominavam a cultura.

As palavras finais do livro sobre as empresas de negócios mostram, exatamente, a negação da teleologia presente no trabalho de Thorstein VEBLEN sobre este assunto ([1904] 1994f, p.400):

É difícil de acreditar que a tecnologia da máquina e a busca pelas ciências materiais serão definitivamente superadas, pela razão, entre outras, de que qualquer comunidade que perde esses elementos de sua cultura perde, portanto, aquela matéria bruta que fornece a força contra seus rivais. E é igualmente difícil imaginar como qualquer uma das comunidades da cristandade poderá evitar entrar no funil dos negócios e das políticas dinásticas, e então passar pelo processo através do qual o ânimo materialista⁵⁴¹ é eliminado. *Qual entre os dois fatores antagonistas irá se mostrar o mais forte ao longo do caminho não passa de um mero*

⁵³⁹ É mister pôr aqui algumas palavras de VEBLEN ([1904] 1994f, p. 394) acerca da manipulação dos sentimentos nacionalistas pelos interesses dos negócios: “As virtudes bárbaras de fidelidade e patriotismo correm em termos de exploração ou engrandecimento dinástico ou nacional, e estas virtudes arcaicas não estão mortas. Naquelas comunidades modernas nas quais os corações batem com as pulsações do mercado mundial elas acham expressão num entusiasmo para o engrandecimento comercial do homem de negócios da nação. (“The barbarian virtues of fealty and patriotism run on national or dynastic exploit and aggrandizement, and these archaic virtues are not dead. In those modern communities whose hearts beat with the pulsations of the world market they find expression in an enthusiasm for the commercial aggrandizement of the nation’s business men.”)

⁵⁴⁰ The indirect or incidental cultural bearing of business principles and business practice is wide-reaching and forceful. Business principles have a peculiar hold upon the affections of the people as something intrinsically right and good.

⁵⁴¹ Materialista, aqui, deve ser entendido como no sentido da manutenção de um instinto produtivo, do instinto do trabalho eficaz.

palpite; mas o futuro estimado parece pertencer a um ou a outro (sic).^{542/543}

3.2.3.3. O Lugar dos Negócios e dos Proprietários Absenteístas

Não haveria melhor lugar para escrever sobre os interesses dos grandes empresários, as fusões e aquisições, o consumismo e, nomeadamente, sobre a alienação dos indivíduos, do que os Estados Unidos da passagem do XIX para o XX. O florescimento dos negócios modernos no sistema vebleniano, em sua forma mais bem acabada, é legitimamente norte-americano. Lá não havia herança feudal, lá a oportunidade de ganho, ou da “carreira aberta ao talento” – como fala HOBBSAWN (1991, p. 203) – dava o ritmo da vida econômica e, por consequência, da cultural. Entretanto, no último livro escrito por Thorstein VEBLEN ([1904] 1994e), *Absentee Ownership and Business Enterprise in Recent Times*,⁵⁴⁴ o entendimento dos Estados Unidos como a terra das oportunidades adquire outro sentido. Uma inclinação tremendamente crítica da formação do seu país natal é a nota que mais soa neste livro de Veblen.

A propriedade absenteísta, ou melhor, a posse de bens e fatores de produção que não são diretamente trabalhados pelo proprietário e, mais ainda, são utilizadas para fins puramente pecuniários, de ganho, seria a instituição central da teia institucional dos Estados Unidos. Desde a formação do país, especialmente da expansão das fronteiras para o oeste, a América do Norte teria

⁵⁴² Grifo nosso.

⁵⁴³ It is difficult to believe that the machine technology and the pursuit of the material sciences will be definitively superseded, for the reason, among others, that any community which loses these elements of its culture thereby loses that brute material force that gives its strength against its rivals. And it is equally difficult to imagine how any one of the communities of Christendom can avoid entering the funnel of business and dynastic politics, and so running through the process whereby the materialistic animus is eliminated. *Which of the two antagonistic factors may prove the stronger in the long run is something of a blind guess; but the calculable future seems to belong to the one or the other.*

⁵⁴⁴ Lembre-se que o subtítulo do livro é *The Case of America*.

sido marcada pela “auto-ajuda e cupidez” (*self-help and cupidity*). Fator cultural cujo resultado fora a estruturação de uma sociedade extremamente individualista. Na descrição de Veblen, então, estes proprietários absenteístas são a mais perfeita manifestação do chefe de guerra transportado para um arcabouço cultural pacífico. Se no início da nação o individualismo exacerbado, nos Estados Unidos, voltara-se somente para a exploração depredatória dos recursos naturais disponíveis no grande território americano recém povoado, este acabaria abatendo-se sobre a própria sociedade que passaria a supervalorizá-lo. Ele extenuaria as tensões entre as instituições e a compatibilidade destas com o progresso da vida. Sobre a propriedade absenteísta como instituição da vida moderna, VEBLEN ([1924] 1994e, p. 119) disse:

Nesta questão da propriedade absenteísta, o caso da América é peculiar em alguns aspectos, embora os traços especiais do caso não sejam daquele tipo que destoa da principal linha de desenvolvimento em qualquer grau material. De fato, pode-se antes dizer que a América exhibe amplamente tal desenvolvimento na forma mais plena e mais livre alcançada até agora. As circunstâncias especiais que condicionaram seu crescimento neste país, aqui fizeram rapidamente com que a instituição passasse a um estado mais estável e maduro do que em qualquer outro lugar. De modo que a propriedade absenteísta tornou-se a instituição mestra na civilização americana, rápida e sumariamente, de maneira ligeiramente menos reservada do que nas nações civilizadas mais antigas. Neste aspecto particular, ao menos, pode-se dizer que a América situa-se no ápice do crescimento cultural entre os povos cristãos.⁵⁴⁵

⁵⁴⁵ In this matter of absentee ownership the case of America is peculiar in some respects, although the special features of the case are not such that it departs from the main line of the development in any material degree. Indeed, it might rather be said that America shows this development in freest and fullest shape which it has anywhere attained hitherto. The special circumstances which have conditioned its growth in this country have brought the institution more swiftly to a more stable and mature state here than elsewhere. So that absentee ownership has become the master institution in American civilization, speedily and summarily, with slighter reservations than in the older civilized nations. In this particular, at least, America may be said to stand at the apex of cultural growth among the peoples of Christendom.

A instituição da propriedade absenteísta não deve ser entendida como somente o possuir bens com o fito de valorização, ou não supervisionar o trabalho em indústrias de sua propriedade, mas seria, em Veblen, a encarnação máxima do processo histórico-cumulativo que transforma o líder de uma cultura. Do gerontocrático condutor dos selvagens em chefe de guerreiros, daí em senhor feudal ou bispo, e por fim em capitão de indústria. Porém, o capitão de indústria não descenderia diretamente dos chefes de guerra - estes seriam os nobres das monarquias européias e orientais. O capitão de indústria teria origem mais afim ao instinto de trabalho eficaz, ele viria daqueles *tool-builders* britânicos e norte-americanos (VEBLEN, [1924] 1994e, p. 103). O tornar-se o capitão de indústria absenteísta é um acontecimento gradual, que em Veblen, resulta de um fim não esperado, da ausência de *telosis*. Mas, em todo este processo cumulativo uma coisa seria certa, a América do Norte, da maneira como se instalou, tinha a rede de instituições, a cultura mais adequada para fazer vir à tona estes personagens. Quando surgiram os capitães da indústria, melhor lugar não haveria que os Estados Unidos para o exercício de seus interesses. Diz VEBLEN ([1924] 1994e, p. 118):

O capitão da indústria, então, chegou ao lugar de destaque e tomou as responsabilidades de modelo, filósofo e amigo da humanidade civilizada; e nenhum homem poderá dizer que ele não fez o certo conforme era esperado. (...) E em nenhum lugar a personagem pecuniária situa-se numa posição mais elevada ou mais segura como o receptáculo padrão das virtudes cívicas do que na América democrática; assim deverá ser, visto que a América é a mais democrática, dentre todas. E em mais nenhum lugar o capitão do grande negócio comanda os interesses da nação, civil e politicamente, e controla as condições de vida de modo tão destituído de reservas como na América democrática; como deveria ser o caso, na medida em que a aquisição de propriedade absenteísta seja, afinal, conforme a concepção popular, o trabalho mais necessário e investido de mérito a ser feito neste país.⁵⁴⁶

⁵⁴⁶ So the captain of industry came into the place of first consequence and took up the responsibilities of exemplar, philosopher and friend at large to civilised mankind; and no man shall say that he has not done well as might be expected. (...) And nowhere does the pecuniary

Assim, quando se voltou para analisar os Estados Unidos propriamente, Thorstein Veblen foi à raiz das causas da admiração em relação ao capitão da indústria - o que nada mais seria do que a tendência à mimetização do comportamento das classes mais altas, já colocada em *A Teoria da Classe Ociosa*, observada a partir de outro ângulo. Seria uma forma de alienação vista por dois prismas diferentes. O “caso dos Estados Unidos”, portanto, inicia-se com a análise de uma instituição que no senso comum costumava estar associada com a cultura norte-americana: o *self-made man*.⁵⁴⁷

O início do trecho que trata do *self-made man* no livro de 1924 é uma das poucas partes do trabalho de Veblen que faz alusão aos países da América Latina. O primeiro institucionalista recorreu à diferença de tipos de colonização entre a América do Norte, anglo-saxã, e a de feições luso-hispânicas. É muito útil perceber este tratamento nas palavras do próprio VEBLEN ([1924] 1994e, p. 121):

A iniciativa colonizadora, e.g, dos espanhóis e portugueses, era uma iniciativa de pilhagem, inflamada e insuflada por fanatismo religioso e vaidade marcial; e ela funcionou numa classe de nações coloniais que têm provado, até então, não serem muito aptas a sobreviver sob essa nova ordem de coisas que têm sido impostas pela indústria mecânica e pela organização que faz uso da indústria mecânica.

Com efeito, os povos falantes da língua inglesa, por outro lado, foram colonizados dentro de uma perspectiva de exploração ordenada dos

personage stand higher or more secure as the standard container of the civic virtues than in democratic America; as should be the case, of course, since America is the most democratic of them all. And nowhere else does the captain of big business rules the affairs of the nation, civil and political, and control the conditions of life so unreservedly as in democratic America; as should be the case, inasmuch as the acquisition of absentee ownership is, after all, in the popular apprehension, the most meritorious and the most necessary work to be done in this country.

⁵⁴⁷ Decidiu-se manter a expressão em língua inglesa porque ela já é bem conhecida de todos os estudiosos das ciências sociais e, além disso, por considerar que as traduções possíveis não têm a força do nome em seu idioma original.

recursos naturais; conduzidos, de maneira geral, por razões e idéias de auto-ajuda, oportunidades iguais e ganho líquido.⁵⁴⁸

Pouco mais à frente, completa VEBLEN ([1924] 1994e, p. 122):

Eu não vou dizer que a colonização pelos povos de língua inglesa, à qual a América deve o seu início e o seu caráter, foi destituída do espírito de pilhagem ou não tenha estado familiarizada com as atrocidades religiosas e vaidades bélicas; porém, visto que a diferença é mais de grau do que de tipo, tal proporção de diferença inicial existente, parece ter sido decisiva. (...)

A América é a colônia mais madura das colônias inglesas. E em todas essas nações coloniais, a razão principal do empreendimento e da preocupação incessante desse povo tem sido a exploração dos recursos naturais para o ganho privado. Em todas elas, os recursos naturais têm progressivamente se transformando em propriedade privada num plano racional de captura legal. A captura sensata desses recursos, cujo avanço é ordenado, tem sido conduzida sob essas regras feitas para garantir uma oportunidade democraticamente igual de captura.⁵⁴⁹

⁵⁴⁸ Their enterprise in colonisation, as, e.g., the Spanish and the Portuguese, was a enterprise in pillage, inflamed and inflated by religious fanaticism and martial vanity; and it has worked out in a class of colonial nations which have hitherto scarcely proved fit to survive under this newer order of things that have been imposed by the mechanical industry and the business enterprise which makes use of the mechanical industry.

In effect, the English-speaking peoples, on the other hand, colonised with a view to the orderly exploitation of the natural resources; driven, on the whole, by motives and ideals of self-help, equal opportunity, and net gain.

⁵⁴⁹ It will not do to say that the English-speaking colonisation to which the America owes its beginning and its character was untouched by the spirit of plunder or unfamiliar with religious atrocities and warlike vanity; but while the difference may be one of degree rather than of kind, such measure of initial difference as there was appear to have made the outcome. (...)

America is the most mature of these English-speaking colonies. And in all of these colonial nations the mainspring of the enterprise and the enduring preoccupation of the people has been the exploitation of the natural resources for private gain. In all of them the natural resources have been progressively been taken over into private ownership on a reasoned plan of legalized seizure. It has been a sober and orderly-advancing seizure of these resources, conducted under these rules designed to safeguard a democratically equal opportunity of seizure.

O fundador do institucionalismo via a colonização da América do Norte, e principalmente, a ocupação do território e o uso dos recursos naturais como baseados no que ele chamava de *princípio da auto-ajuda*. O individualismo, num terreno propício às “oportunidades democráticas” de captura, daria nascimento à exploração das terras americanas em algo como um “jogo”. Os Estados Unidos seriam uma nação formada, essencialmente, pela fuga da tutela violenta das monarquias européias, ainda que a britânica tenha sido mais branda neste sentido. Os peregrinos trouxeram consigo as idéias da ascensão pelo próprio esforço na sua vertente mais pura. A mentalidade que povoava as mentes daqueles primeiros povoadores dos Estados Unidos guiava-se, peremptoriamente, pela razão de que os recursos naturais das novas terras estariam disponíveis para serem apropriados individualmente. O esforço pessoal, o pioneirismo e a bravura necessários para desbravar uma terra completamente nova, enfrentar os selvagens e construir as habitações seriam recompensadas pela fortuna. Esta, para VEBLEN ([1924] 1994e, p. 123) seria a *ratio essendi* dos primeiros norte-americanos.

As críticas veblenianas mais importantes a este espírito de auto-ajuda do pioneiro norte-americano são duas. Primeiro, muitos dos envolvidos nos jogos cederiam demais à pressão da inclinação individualista pecuniária e agiriam numa linha limítrofe entre a honestidade e o banditismo (VEBLEN [1924] 1994e, p. 123).⁵⁵⁰ Talvez este seja um dos momentos mais mordazes do criticismo vebleniano ao seu próprio país. Por outro lado, o individualismo na captura das riquezas naturais dos Estados Unidos teria uma condição de possibilidade: o estado das artes industriais. Aliás, é a tecnologia que confere valor a esta ou aquela matéria-prima e, mais do que isso: é ela mesmo que permite a exploração da natureza. Assim sendo, VEBLEN ([1924] 1994e, p. 126) reafirmava uma tese que já havia sido, por ele, apresentada: o valor dos recursos apropriados

⁵⁵⁰ O próprio dizia das práticas da auto-ajuda americana: “Não é fácil, em qualquer situação – na verdade chega a ser impossível que os tribunais se pronunciem – dizer se se trata de um caso de um talento para vendas digno de elogio ou de uma ofensa penitenciária (VEBLEN, [1924] 1994e, p. 123)” (“It is not easy in any given case – indeed it is at times impossible until the courts have spoken – to say whether it is an instance of praise-worthy salesmanship or a penitentiary offense.”)

individualmente seria uma função do trabalho eficaz da comunidade como um todo.⁵⁵¹ O proprietário absenteísta floresceria da combinação entre as inclinações pecuniárias, da chance conferida pelo extensíssimo território da América do Norte e, da tecnologia institucionalizada.⁵⁵²

Os Estados Unidos tornaram-se, dessa maneira, uma sociedade de pequenos proprietários absenteístas, e aqueles que não desfrutavam desta posição desejavam urgentemente fazê-lo. Dada a disponibilidade quase ilimitada de terras e recursos, muitos conseguiam seu intento. No entanto, os milhares de *self-made men* aos poucos foram diminuindo em número, mais aumentando em poder. O grau de absenteísmo das propriedades asseguradas por estes também aumentaria gradualmente. Nessa esteira, a principal conclusão de VEBLEN ([1924] 1994e, p. 128) é a de que: “Ao invés de competir um contra o outro, para sua mútua derrota, os proprietários absenteístas voltam a totalidade de seus esforços competitivos contra os consumidores. Isso se torna uma competição não

⁵⁵¹ Em adição a isso, em outro trecho do livro, VEBLEN ([1924] 1994e, p. 167) indica que a riqueza americana, já naquela época reconhecidamente derivada da abundância de recursos naturais, devia-se a um “acidente histórico”: “É o típico caso que poderia ser considerado um acidente histórico. O estado das artes industriais conforme essas têm se moldado no passado recente, fez com que a indústria dependesse, em sua maior parte e por necessidade, daquele amplo arsenal de recursos naturais do qual a América é particularmente bem servida. Não é exagero dizer que o estado atual das artes industriais tem tornado esses fatos materiais do continente americano úteis para o uso industrial. Na ausência desses mecanismos de indústria que surgem na Europa no século dezoito e daqueles sistemas agropecuários que seguem o mesmo caminho da indústria mecânica, os recursos naturais da América teriam pouco valor.” (That such is the case may be called an historical accident. The state of the industrial arts as it has taken shape in this recent past has brought productive industry to depend, in the main and perforce, on that range of natural resources with which America is peculiarly well endowed. It is no serious stretch of language to say that this current state of industrial arts has made America a land of abundant resources, inasmuch as these industrial arts have made these material facts of the American continent serviceable for industrial use. In the absence of that mechanical industry that arose in Europe in the eighteenth century and that system of mixed farming which runs along with the mechanical industry, the natural resources of America would count for little.)

⁵⁵² Poucas vezes as críticas de Veblen não traziam consigo o outro lado, ou seja, os aspectos positivos de uma cultura, instituições que favoreciam o progresso da vida – como o mesmo gostava de dizer. Neste trecho dedicado ao *self-made man* ele foi especialmente negativo, notando que o trabalho eficaz estava presente, mas sua extrinsecação teria sido apenas na direção da captura pecuniária dos recursos naturais norte-americanos.

dentro do negócio, mas entre o negócio como um todo e o resto da comunidade.”⁵⁵³

Traçando esta sociedade movida pelo interesse individual, é de se pensar que Veblen teria poupado o homem do campo, os *yeomen* de quem Richard HOFSTADTER (1955) falava, sendo como era, um cientista social da Era Progressiva. Mas, não foi isso que o economista fez em *Absentee Ownership and Business Enterprise in Recent Times*. O fazendeiro norte-americano, para Veblen, realmente não poderia ser tido como o capitão de indústria, o proprietário absenteísta por excelência. Todavia, a formação histórica dos Estados Unidos iniciou-se na agricultura. Então, não seria possível falar em “jogo”, competição entre proprietários absenteístas, sem fazer referência aos homens do campo.⁵⁵⁴ Thorstein VEBLEN ([1924] 1994e, p. 132) parecia relutar, mas foi forçado, talvez pelas circunstâncias dos movimentos reformistas daqueles idos, a reconhecer a importância dos agricultores norte-americanos. Ele escreveu:

...A agricultura tem sido a ocupação básica e tem empregado grande parte da população. O solo tem sido sempre o principal dos recursos naturais que o povo americano tem possuído e transformado em propriedade. Durante grande parte de sua história, o crescimento visível do país tem consistido na extensão da área cultivada e na crescente produção, população e equipamento agrário. *Essa posse progressiva e estabelecimento das terras agrícolas é a realização material mais impressionante do povo americano, assim como é o trabalho mais útil que eles realizaram até então. E o mesmo se passa, como sempre, com a subsistência das pessoas; e o resto do sistema industrial tem se desenvolvido, no mais, até então como subsidiário ou auxiliar, adotado e*

⁵⁵³ Instead of competing with against one another, to their own mutual defeat, the absentee owners now turn their undivided competitive efforts against the consumers. It becomes a competition not within the business but between this business as a whole and the rest of community.

⁵⁵⁴ Na melhor tradição dos historiadores norte-americanos da época, VEBLEN ([1924] 1994e, p. 134) reconhece: “por muito o caso da América é o caso da população americana do campo”. (“By and large, the case of America is as the case of the American farm population...”).

limitado pelas necessidades e realizações da agropecuária do país.
(VEBLEN, [1924] 1994e, p. 132).^{555/556}

Para logo depois atacar:

...E eles [a população rural] têm sido conduzidos pelos incentivos já mencionados numa passagem anterior como sendo característicos da iniciativa colonial dos ingleses – a auto-ajuda individual e a cupidez. Exceto de forma transitória e provisória, e com um efeito duvidoso, a população agrícola jamais, em algum tempo ou lugar, foi dirigida pelo espírito de comunidade interessado em lidar com qualquer uma de suas preocupações materiais (VEBLEN, [1924] 1994e, p. 132).^{557/558}

⁵⁵⁵ Grifo nosso.

⁵⁵⁶ ...Farming has been the staple occupation and has employed the greater part of the population. And the soil has always been the chief of those natural resources which the American people have taken over and made into property. Through the greater part of its history the visible growth of the country has consisted in the extension of the cultivated area and the increasing farm output, farm equipment, and farm population. *This progressive taking-over and settlement of the farming lands is the most impressive material achievement of the American people, as it is also the most serviceable work which they have accomplished hitherto. It still is, as it ever has been, the people's livelihood; and the rest of the industrial system has in the main, grown up, hitherto, as a subsidiary or auxiliary, adopted to and limited by the needs and the achievements of the country's husbandry.*

⁵⁵⁷ ...And they [farm population] have been driven by the incentives already spoken of in an earlier passage as being characteristic of the English-speaking colonial enterprise – individual self-help and cupidity. Except transiently and provisionally, and with doubtful effect, this farm population has nowhere and at no time been actuated by a spirit of community interest in dealing with any of their material concerns.

⁵⁵⁸ Os golpes numa instituição norte-americana tão celebrada como virtuosa - o trabalho do agricultor - seguem adiante: “O espírito dos fazendeiros americanos tem se assemelhado mais tipicamente àquele dos pioneiros do que dos trabalhadores. Eles têm sido trabalhadores eficientes, porém não é esse o traço que por si só os define e os coloca em contraste com a definição corrente. Sua paixão pela aquisição os faz trabalhar, de modo duro e exaustivo, porém eles jamais foram apegados de modo servil ao seu trabalho; sua servidão não atende uma inclinação imperativa de trabalho eficaz ou serviço humano, mas uma cupidez extensivamente indefinida que faz com que eles trabalhem quando outras oportunidades falham; ao menos é o que dizem.” (VEBLEN, [1924] 1994e, p. 139). (The spirit of the American farmers, typically, has been that of the pioneer rather than the workmen. They have been efficient workmen, but that is not the trait which marks them for its own and sets them off in contrast with the common run. Their passion for acquisition has driven them to work, hard and painfully, but they have never been slavishly attached to their work; their slavery has been not to an imperative bent of workmanship and human service, but to an indefinitely extensible cupidity which drives to work when the others expedients fail; at least so they say).

Se nos tempos de Veblen os fazendeiros norte-americanos estavam descontentes, seria justamente porque haviam sido engolidos pelas instituições que suas inclinações pecuniárias haviam auxiliado. O absenteísmo da agricultura nos Estados Unidos se revelava através do fato de que geralmente os agricultores procuravam tomar mais terras do que poderiam cultivar (VEBLEN, [1924] 1994e, p. 136). Especialmente os descendentes dos britânicos ocupavam-se do expediente de comprar e vender terras, especular com seus preços. Embora Thorstein VEBLEN ([1924] 1994e, p. 134-135) tenha notado que os tempos da fronteira estavam encerrados, fechando a possibilidade do pioneirismo, no sentido de ocupar e vender terras, ele afirmava sobre o *yeomen*: “sua alma pioneira continua sua marcha.” (VEBLEN,[1924] 204e, p. 134). Da especulação com terras cultiváveis, que ainda subsistia em menor grau, o indivíduo norte-americano passaria a exploração imobiliária das pequenas cidades ao redor das áreas rurais (*country towns*).

Thorstein VEBLEN condenou a pequena cidade dos Estados Unidos: “A pequena cidade da região rural Americana é a flor perfeita da auto-ajuda e cupidez padronizada no plano Americano.” (VEBLEN, [1924] 204e, p. 142).⁵⁵⁹ O espalhamento da agricultura norte-americana, provocada pela maneira extensiva, pecuniária sobre a qual foi estabelecida, distanciou as áreas de cultivo. Dessa forma, favorecidas pelas imensas distâncias e comunicações precárias, a pequena cidade da área rural tornaria-se um ponto de honra para o senso de negócios norte-americano. A compra e venda de propriedades imobiliárias, na grande maioria propriedades de absenteístas, teria tomado a dianteira como grande negócio, ou “jogo”, da nação. Da famosa ironia vebleniana vem:

Dizem que “o grande jogo americano” é o poker. Mas o fato de a especulação imobiliária não receber uma menção honrosa, não é algo que se explique de imediato. E uma exposição extensa dos motivos, seria

⁵⁵⁹ “The country town of the great American farming region is the perfect flower of self-help and cupidity standardized on the American plan.”

entediante e talvez desagradável, além de exigir um tipo de discriminação especializada que excede sobremaneira os poderes do leigo nessa área. Entretanto, mesmo aquelas pessoas que são leigas em ambos os pontos irão reconhecer os mesmos traços familiares em ambos. (VEBLEN, [1924] 1994e, p. 143).⁵⁶⁰

Estas cidades eram entrepostos de trocas, abasteciam as propriedades rurais e faziam sua integração com a grande nação. Mormente, portanto, uniam as áreas cultivadas com o comércio no leste do país.⁵⁶¹ A especulação imobiliária seria movida pelo monopólio espacial de algumas áreas, que acabaram transformando-se nas pequenas cidades. As pequenas cidades se estabeleciam como rota obrigatória dos agricultores. Na apropriação das riquezas dos recursos

⁵⁶⁰ “The great American game”, they say, is Poker. Just why Real State should not come in for honorable mention in that way is not to be explained off hand. And an extended exposition of the reasons why would be tedious and perhaps distasteful, besides calling for such expert discrimination as quite exceeds the powers of a layman in these premises. But even persons who are laymen on both heads will recognise the same family traits in both.

⁵⁶¹ Pouco adiante da seção em que trata das pequenas cidades rurais, quando estava analisando a corrida do ouro, Thorstein VEBLEN ([1924] 1994e, p. 170-171) falou um pouco sobre as diferenças norte-sul: “No Norte, esta iniciativa em termos de valores de terra tem ocorrido, de certa maneira, com conseqüências acessórias e da maneira descrita nas duas últimas seções precedentes [sobre o fazendeiro independente e a pequena cidade]. Mas no caso do Sul, e o valor institucional do solo nessa seção, tem sido diferente. No Sul, o usufruto privado do solo injetou na vida americana a ‘instituição peculiar’ da escravidão dos negros. O solo, a colheita, a topografia e o clima do Norte não eram, no geral, adequados à exploração agrícola em larga escala pelo uso da força de trabalho; ao passo que o solo e a colheita do Sul contribuíram passivamente à questão da propriedade absenteísta na agricultura. Portanto, os acordos mais profícuos feitos no Sul, assumiram a forma de “plantation” ao invés de fazendas; e a agropecuária sulista adquiriu a forma de uma atividade em larga escala, com trabalho forçado e coerção absenteísta.” (In the North this enterprise in land-values has run off in the manner and with accessory consequences somewhat as described in the last two preceding sections [about the Independent Farmer and the Country Town]. But in the case of the South, and the institutional value of the soil in that section, has been different. In the South the private usufruct of the soil injected into American life the “peculiar institution” of negro slavery. The soil, crops, topography and climate of the North were, on the whole, not suited to agricultural exploitation on a large scale by use of forced labor; whereas the soil and crops of the South lent themselves very passably to that matter of absentee ownership in agriculture. So the more fertile tracts in the South fell into shape of “plantation” rather than farms; and the large scale, with forced labor and absentee coercion, became the type-form of Southern husbandry).

Deste trecho depreende-se que as diferenças não são tão marcantes no que toca ao absenteísmo dos proprietários rurais. A importância da pequena cidade rural, embora VEBLEN ([1924] 1994e, p. 170) a considere muito mais uma marca do norte, também foi crucial no sul. Além disso ele ressalta que o norte “não ficou intocado pela escravidão” e “o comércio de escravos era essencialmente um empreendimento do norte.” (VEBLEN, [1924] 1994e, p. 170).

naturais, as pequenas cidades cada vez mais levavam a melhor sobre os fazendeiros, mesmo fazendo-o indiretamente.

Contudo, a cupidez e o espírito de auto-ajuda dos norte-americanos continuariam permitindo e adubando a ascensão de instituições pecuniárias. Os proprietários absenteístas, como já fora aventado, tornariam-se cada vez menos numerosos e mais poderosos. Aparecia, então, a indústria da máquina, e ela permitiria um crescimento vertiginoso na concentração das atividades econômicas. No “jogo” de auto-interesse americano alguns “jogadores” passariam a ter o poder de ditar as regras. As pequenas cidades que exerciam seu poder de monopólio sobre as propriedades rurais, começavam a sofrer com a competição de jogadores mais poderosos. Uma competição – para não dizer exploração – entre três instituições nasceu:

Pode-se acrescentar, embora não seja muito necessário, que boa parte dos ganhos das comunidades de negócios das pequenas cidades, passam de suas mãos para as mãos daqueles massivos interesses deletérios que se movem de forma obscura por trás do mercado, para os qual as pequenas cidades possuem o papel de fornecedores, semelhante ao papel exercido pela população rural com relação aos cidadãos (VEBLEN, [1924] 1994e, p. 141).⁵⁶²

Os bancos e as grandes indústrias formavam o ápice na cadeia alimentar dos negócios norte-americanos. O pequeno varejo que existia nas pequenas cidades, pouco a pouco, estava, por exemplo, sendo substituído pelo comércio através das remessas de encomendas, algo tão típico de fins do século XIX nos Estados Unidos.⁵⁶³ Paralelamente crescia a concentração do capital financeiro, e

⁵⁶² It may be added, though it should be scarcely necessary, that a good part of the gains which are taken by the country-town business community passes through their hands into the hands of those massive vested interests that move obscurely in the background of the market, and to whom the country towns stand in a relation of feeders, analogous to that in which the farm population stands to the towns.

⁵⁶³ Um tipo de comércio existente até os dias de hoje, a compra por catálogos, começou a atingir, durante a *Gilded Age*, até as mais remotas áreas rurais das Dakotas e do Wyoming.

os bancos passariam a ser cada vez mais os da costa leste, e não as pequenas casas de crédito localizadas nas cidades próximas da área rural. Se o comércio e o setor financeiro das pequenas cidades sobreviveram, foi somente por terem assumido o papel de intermediários dos interesses de escala nacional, das grandes empresas de negócios. Sobre este assunto, neste estágio de desenvolvimento do capitalismo norte-americano, Thorstein Veblen não se cansou de bater na tecla do aumento do desperdício de recursos. O estímulo do consumismo entre os agricultores, antes distantes de muitos bens fabricados e vendidos pelas grandes corporações, a intermediação das cidades pequenas, a competição vertical entre a agricultura, as pequenas cidades e as empresas de negócios seria algo inaceitável, em se tratando de eficiência (VEBLEN, [1924] 1994e, passim).

Em todo este processo cumulativo o agricultor acabou sendo derrotado. Se ele era o ícone do espírito da cupidez e da auto-ajuda, com a transformação histórica que se processou, a pequena cidade e, depois, a grande empresa de negócios, foram tragando aqueles pioneiros. Porém, o que mais interessava Thorstein Veblen era a continuidade da percepção do agricultor como homem independente, sem senhores, desbravador, pioneiro, peregrino, e mais do que tudo isso: alguém que recebeu a justa recompensa pelo seu trabalho. O direito dos Estados Unidos estaria todo calcado neste tipo de percepção, no direito natural que se importou e se ajustou, sem igual, na nova nação no século XVIII. A Constituição Federal seria uma cristalização de instituições que não serviam mais ao país, não se este último continuasse a ser pensado a partir da lógica do bem-estar da comunidade como um todo. Aparece, aqui, a tão conhecida tese do atraso institucional vebleniano na sua expressão máxima:

Os princípios (hábitos de pensamento) que governam o conhecimento e a crença e a lei e a moral, ficaram conseqüentemente para trás, em contraste com o impulso de avanço na indústria e nas condições de vida resultantes do trabalho diário. (...)

... A Constituição Federal foi estruturada pelos antigos estadistas do século XVIII; ao passo que a nova ordem industrial das coisas é criada

pelos técnicos do século vinte. Existe, por consequência, uma discrepância entre o decorrer dos fatos materiais no presente e os cânones da lei e da ordem conforme estabilizados no século dezoito. Da mesma maneira, embora num conflito menos formal, o sistema tradicional de conhecimento e crença também está resistindo contra a pressão trazida pela revolução industrial. Isso se passa necessariamente com qualquer sistema estável de usos e crenças e com qualquer ordenamento de lei e costume; e isso permanece verdade de modo particularmente convincente no caso americano, onde a rapidez e a grandeza da taxa e do volume de mudança nas condições materiais de vida, durante esse intervalo, têm sido sem precedentes (VELBEN, [1924] 1994e, p. 206-207).⁵⁶⁴

Em meados do século seguinte ao do estabelecimento da Constituição, as colusões de interesses passavam a dominar o cenário, junto com uma tecnologia que pautava a impessoalidade no trato cultural.⁵⁶⁵ A cupidez trazida pelos primeiros fazendeiros transformava-se de uma maneira que não poderia ter sido prevista. E, pouco depois de atacar o espírito dos pioneiros norte-americanos, VEBLEN ([1924] 1994e, p. 215) pareceu retroagir, e pôr em seu discurso elementos tipicamente progressistas. Falando dos grandes negócios dos proprietários ausenteístas:

⁵⁶⁴ The principles (habits of thought) which govern knowledge and belief, law and morals, have accordingly lagged behind, as contrasted with the forward drive in industry and in the resulting workday conditions of living. (...)

...The Federal constitution was framed by the elder statesmen of the eighteenth century; whereas the new industrial order of things is created by the technicians of the twentieth century. There is accordingly a discrepancy between the run of material facts in the present and the canons of law and order as stabilized in the eighteenth century. In the same fashion, though in a less formal conflict, the traditional system of knowledge and belief also is holding out against the pressure brought by the revolution industry. Such is necessarily the case with any stable system of usages and beliefs and with any established order of law and custom; and it holds true with particular cogency in this American case, where the rate and volume of change in the material conditions of life during this interval have been large and swift beyond example

⁵⁶⁵ Esta data de ascensão dos grandes negócios é dada por VEBLEN ([1924] 1994e, p. 231).

Propriedade e gerência absenteeístas em tal grande escala são imunes a pessoalidades vicinais e a considerações e escrúpulos sentimentais. (...)

Os proprietários absenteeístas estão afastados de todo o contato com os funcionários ou com o trabalho prático industrial, com exceção de algum contato remoto, neutro e desapaixonado por uma *proxy* como a que pode estar implicada na receita contínua de uma fonte de renda livre; e o mesmo é verdade para os agentes comerciais dos proprietários absenteeístas, os banqueiros de investimento e o pessoal responsável formado por funcionários corporativos.⁵⁶⁶

As principais vítimas da nova ordem teriam sido os fazendeiros:

Quanto às relações empresariais, o agricultor é pego na grande rede do sistema, que é um sistema de propriedade absenteeísta e trabalha em uma rede de crédito, mercados, vendas organizadas, capitalização corporativa, e *big business* gerenciado pelo princípio de quanto a demanda irá suportar. (...)

... o funcionamento do mercado é feito para ele [o agricultor], e ele pode pegar ou largar, mas quase sempre aceita, com medo que algo pior lhe aconteça.⁵⁶⁷

⁵⁶⁶ Absentee ownership and absentee management on this grand scale is immune from neighborly personalities and from sentimental considerations and scruples. (...)

The absentee owners are removed out of all touch with the working personnel or with the industrial work in hand, except such remote, neutral and dispassionate contact by a proxy as may be implied in the continued receipt of a free income; and the very same is true for the business agents of the absentee owners, the investment-bankers and the staff of responsible corporation officials.

⁵⁶⁷ ...in point of business relations the farmer is caught in the net of the system at large; which is a system of absentee ownership and works out in a net of credit, markets, organised salesmanship, corporate capitalisation, and Big business managed on the principle of what the traffic will bear. (...)

...The run of the market is made for him [the farmer] and he can take it or leave it, but mostly take it lest a worse thing befall him.

Thorstein VEBLEN ([1924] 1994e) analisou as instituições dos Estados Unidos e tomou-as como ícones da dualidade que já estava descrita em *The Theory of Business Enterprise*. Ele afirmou que os problemas norte-americanos eram também os problemas das outras nações civilizadas. Rick TILMAN (2005) vê o trabalho daquele fundador da escola institucionalista de economia como não “excepcionalista”. TILMAN (2005, p. 186) afirma que em *Absentee Ownership and the Business Enterprise in Recent Times*, Veblen assinalou instituições norte-americanas típicas, que fizeram daquele país um berço de ouro para o desenvolvimento do cenário da Era das Máquinas. Todavia, os problemas já postos desde *The Theory of Business Enterprise* eram comuns “a todas as nações civilizadas”. A Europa, que não teria tido a experiência da fronteira, também enfrentava a dualidade entre instituições arcaicas e uma nova forma de tecnologia e produção.

Mas, talvez o que mais assustava os progressistas dos tempos de Veblen, mesmo que os *scholars* veblenianos, como Tilman, relutem em aceitá-lo como pertencente ao movimento, é a possibilidade de uma espécie de retrocesso das instituições rumo à formação de uma aristocracia na América, que fosse o paralelo da monarquia européia. O aumento dos sentimentos nacionalistas, por exemplo, é marcadamente posto por Thorstein VEBLEN ([1924] 1994e, p. 438-445) como uma instituição tipicamente dos “estados dinásticos predatórios”. E este crescimento do sentimento nacionalista seria, em Veblen, resultado dos interesses das grandes corporações, que manipulariam a opinião pública - algo bem ressaltado tanto no livro de 1924 como no de 1904 - rumo “a certos interesses comerciais e financeiros escudados sobre a bandeira nacional.” (VEBLEN, [1924] 1994e, p. 438). Então, seriam os capitães da indústria uma nova classe de aristocratas norte-americanos?

Havia um professor de Veblen, Sumner, que advogava até mesmo a tese de que estes eram dotados de uma capacidade maior de sobrevivência. Seu sucesso seria o sucesso da raça humana. Deste modo, por mais que se destaquem divergências entre Thorstein Veblen e o movimento progressista em geral, é inescapável considerar com *quem* um anticonservador como ele se confrontava. Seus inimigos eram os grandes negócios, que buscavam o ganho ao

custo do bem-estar da comunidade como um todo. E, estes negócios controlavam até mesmo a educação superior, a qual serviria para sustentar suas opiniões e seu modo de vida.

A solução, a partir desse arcabouço, passava pela classe média, pela ciência,⁵⁶⁸ pela tecnologia. Se os burgueses haviam tomado o poder dos descendentes dos chefes de guerra do barbarismo, cabia aos novos responsáveis pelo aumento tão grande da produtividade evitar que os capitães de indústria se tornassem uma espécie de novos nobres. Simples assim. Veblen era um homem formado no século XIX, educado pelos economistas apologistas que foram discutidos no capítulo anterior. É certo que *insights* geniais saíram da mente deste economista, a consideração dos instintos questionando o homem econômico, a coerente análise antropológico-econômica, o *stress* sobre papel das instituições etc. Mas ainda, em Veblen, é preciso admitir, há claramente um argumento nuclear simples como este sugerido aqui.

3.2.3.4. Os Engenheiros e os Interesses dos Grandes Negócios

Durante sua estada em Nova York, como um dos editores da revista *Dial*, Thorstein Veblen passou suas idéias centrais em revista, numa linguagem mais coloquial, mas ao mesmo tempo mais virulenta. *The Vested Interests and the Common Men* e *The Engineers and the Price System* são duas coletâneas que reúnem alguns dos mais importantes artigos publicados naquele periódico. Neste último desponta a solução técnica, científica, de classe média da qual falou-se acima. Isso não quer dizer, em absoluto, que Thorstein Veblen dera como certa uma revolução iminente de engenheiros, como alguns analistas afirmam. Contudo, ele *ventilou, aventou, sugeriu* tal possibilidade.

⁵⁶⁸ Em *Absentee Ownership and the Business Enterprise in Recent Times* seu autor já destaca a premência da ciência como dominando a indústria. Ele dedica um capítulo inteiro à química e à física aplicadas.

Neste ponto, concorda-se com o estudo de Janet KNOEDLER e Anne MAYHEW (1999), autoras que defendem a idéia de que Veblen não procurou prever uma revolução de engenheiros. Nem mesmo ele teria tentado rascunhar as linhas sobre as quais tal revolução deveria seguir.⁵⁶⁹ Estas pesquisadoras mostram como o papel dos engenheiros, destacado de forma “semipopular” nos artigos do *Dial*, recorrem ao que já estava presente desde *Industrial and Pecuniary Employments*, texto de 1900. Além disso, elas identificaram a semelhança do discurso vebleniano com o de algumas associações de engenheiros de fins do XIX e início do XX. Nestes, a eficiência era destacada não como uma maneira de aumentar a lucratividade das empresas, mas sim como diminuição do desperdício.

O maior mal social que os homens de negócios podiam fazer à sociedade, ao bem-estar comunitário, era dirigir o *quantum* de produção de acordo com as taxas de retorno consideradas razoáveis pelos homens de negócios. A prática da sabotagem era uma das denúncias sistemáticas a que Veblen dedicava várias páginas dos seus editoriais. Comumente a sabotagem era entendida como um expediente dos trabalhadores descontentes com seus salários, mas, embora o economista institucionalista condenasse com veemência tal recurso dos trabalhadores, ele dizia que as maiores sabotagens eram as praticadas pelos homens de negócios:

Um controle do tipo de negócios da razão e do volume da produção é indispensável para manter um mercado lucrativo, e um mercado lucrativo é a primeira e indispensável condição de prosperidade em qualquer comunidade cuja indústria é possuída e gerenciada por homens de negócio (...)

A indústria mecânica da nova ordem é desordenadamente produtiva. Portanto, a razão e o volume da produção precisam ser regulados com vistas para o que a demanda irá suportar, o que quer dizer, o que vai

⁵⁶⁹ KNOEDLER e MAYHEW (1999, p. 257) colocam, por exemplo, a leitura de Rick Tilman como exemplo dessa percepção de que Veblen estaria fazendo uma previsão, ou mesmo traçando as linhas mestras da revolução.

produzir o máximo retorno líquido em termos de preço. Portanto, a razão e o volume da produção precisam ser ajustados para as necessidades do mercado não para a capacidade de trabalho dos recursos disponíveis, equipamento e mão de obra, tampouco para a necessidade que a comunidade tenha de bens de consumo (VEBLEN, [1919] 1994g, p. 8).⁵⁷⁰

Contudo, os engenheiros seriam os mais capazes para perceber a manipulação da produção. Aliás, grande fração deles participava da sabotagem, estavam cooptados pelos homens de negócios. Isso seria mais pernicioso ainda pelo fato de que os engenheiros eram treinados à custa da sociedade (VEBLEN, [1919] 1994g, p. 69). O autor de *The Engineers and the Price System* analisou os chamados “engenheiros de eficiência”, consultores que estavam surgindo e especializavam-se em mostrar para os homens de negócios como obter maiores lucros. Portanto, os textos de VEBLEN ([1919] 1994g) flutuam, ora afirmando algo como uma consciência de classe dos engenheiros, com o fito de auxiliar a comunidade como um todo, ora mostra-os como parceiros dos capitães da indústria na perseguição dos interesses anticomunitários.

Entretanto, com o que já se aventou acima nesta Tese, Thorstein Veblen viu sempre uma dualidade na sociedade, na cultura, na teia institucional. Ele nunca chegou a determinar se os engenheiros seriam capazes de gradativamente, ou mesmo num surto revolucionário, tomar o poder e comandar a indústria moderna. Se VEBLEN ([1919] 1994g, p. 138) considerou a existência de um *Soviet* de Técnicos, ainda que afirme o caráter utópico do plano:

⁵⁷⁰ A businesslike control of the rate and volume of output is indispensable for keeping up a profitable market, and a profitable market is the first and unremitting condition of prosperity in any community whose industry is owned and managed by business men. (...)

The mechanical industry of the new order is inordinately productive. So the rate and volume of output have to be regulated with a view to what the traffic will bear – that is to say, what will yield the largest net return in terms of price. (...)

So the rate and volume of output must be adjusted to the needs of the market, not to the working capacity of the available resources, equipment and man power, nor to the community's need of consumable goods

Estas são as exigências iniciais, indispensáveis para a iniciação de qualquer empreendimento do tipo [o “*soviet*” dos engenheiros] num país tão industrial quanto a América; tão logo isso seja evocado, qualquer medo de uma manobra eventual nessa direção no presente será considerado bastante quimérico. De forma que, realmente, por agora se pode considerar sem um toque de ambigüidade que a propriedade absenteísta está segura.⁵⁷¹

Não obstante, é impossível pensar que escrever sobre um *Soviet* de técnicos não seja uma tentativa de impulso nesta direção. A opinião sustentada aqui é de que o autor tentou o tempo todo evitar a *telesis* em seu trabalho, e realmente teve êxito nisto. Ele sugeriu a construção de uma nova sociedade norte-americana sustentada pelo conhecimento técnico, instituição que encarnaria a forma mais pura do instinto do trabalho eficaz. Se em seu tempo ele conjecturou sobre tal instituição como a saída para uma vitória dos objetivos progressistas, ou pelo menos uma mitigação das inclinações predatórias, é preciso dizer que Thorstein Veblen evitou sistematicamente conferir um tom de fim da história a qualquer uma das suas teses.

⁵⁷¹ These are the initial requirements, indispensable to the initiation of any enterprise of the kind [the soviet of engineers] in such an industrial country as America; and so soon as this is called to mind it will be realized that any fear of an effectual move in this direction at present is quite chimerical. So that, in fact, it may be set down without a touch of ambiguity that absentee ownership is secure, just yet.

4. THORSTEIN VEBLEN EM SEU TEMPO

Espera-se que a longa trajetória narrada nas páginas anteriores tenha servido para apontar o sentido da análise que se segue. Thorstein Veblen desenvolveu um sistema de economia política que reflete em sua estrutura conceitual, enfatizadora da negação peremptória da teleologia, um estado de ânimo dos reformistas norte-americanos de seu tempo. A história dos Estados Unidos como aconteceu até a *Gilded Age* e a Era Progressiva seria a causa de um desencantamento com os rumos do país. O lugar que Veblen reivindica para a sua ciência econômica também é revelador deste sentido. Ainda, e em conjunção com esta idéia, é preciso dizer que os protestos dos norte-americanos de então não eram contra uma situação de estagnação da renda, de queda dos preços, embora tivesse ocorrido uma deterioração das variáveis relativas à saúde naqueles tempos (chave para analisar o bem-estar). Elas estavam sim opostas a alguns fatores institucionais que a economia política nunca sentiu como centrais às suas análises. Daí a emergência de um sistema como o institucionalista, que chama atenção para fatores presumidamente extra-econômicos.

4.1 A ABORDAGEM DO PROGRAMA FORTE ESCOCÊS DE SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA

Fala-se, há algum tempo, na História do Pensamento Econômico, em historiografia “larga” e “estreita”.⁵⁷² Esta última seria algo como uma pesquisa

⁵⁷² Da língua inglesa “thick” e “thin”.

autocentrada, que constrói a história do pensamento econômico “por dentro”, ou mais especificamente não só isso, porém que predominantemente vê a evolução da disciplina como a montagem de uma escada, a qual levaria a ciência econômica gradativamente a um último degrau onde ela consolidar-se-ia tal como é praticada atualmente.⁵⁷³ A abordagem “estreita” pode ser mais comumente associada ao paradigma dominante, pois assim a historiografia estaria registrando como teria acontecido a vitória da economia *mainstream*. Os desvios de sua construção seriam isto mesmo: desvios, erros. Entretanto, é perfeitamente possível compreender que tal tipo de fazer historiográfico pode não ser exclusividade de um paradigma que pretensamente teria vencido a guerra contra os seus rivais. Não há dificuldades maiores em se pensar sobre possíveis histórias do pensamento econômico que tratem o desenvolvimento dos ideários como o colocar de tijolos numa construção que tende a superar – ou que talvez já tenha superado – outros adversários, nomeadamente o paradigma que domina as discussões em algum momento da história do pensamento econômico. De outro lado, a história do pensamento econômico “larga” seria aquela que considera uma multiplicidade de fatores “de fora”, tal como as filosofias embutidas – no sentido de ontologias do ser social e instrumentos metodológicos – ideologias, cenários políticos e culturais etc. É mister dizer que não existem muitos economistas praticantes, e muito menos historiadores da ciência econômica, que façam grandes objeções a este tipo de historiografia. A prática de incorporar nas análises sobre a história das teorias econômicas mais do que simplesmente suas próprias ferramentas é uma idéia bem aceita recentemente (LEONARD, 2008).

A Sociologia do Conhecimento Científico é uma maneira de fazer história “larga”, incluindo elementos “de fora” do mundo científico da economia. Wade HANDS (1997) já advertiu que a possibilidade de se praticar uma história do pensamento econômico “estreita” existe mesmo utilizando-se uma inclinação à Sociologia do Conhecimento Científico. Mas, nisso, não seria demais imaginar que ao dizer: os fatores sociais *causam* certas crenças científicas – tese central do Programa Forte da Sociologia do Conhecimento – uma história completamente

⁵⁷³ É comum chamar este tipo de história de *Whig History* ou presentismo.

“por dentro” fica muito dificultada. Assim mesmo, HANDS (1997) diz que este perigo se coloca especialmente quando a literatura alternativa é extremamente negativa à presença de influência social. Todavia, na visão estudada pelo autor desta Tese, os proponentes do Programa Forte - principalmente seu fundador, David BLOOR (1991) - procuram deixar bem alerta os prováveis utilizadores das suas idéias para este perigo.⁵⁷⁴ Os fatores sociais nunca podem ser encarados como definitivos, eles são parte do problema, fornecem um ponto de vista que para ser cada vez mais completo deve incorporar variáveis para além das puramente sociais.

Neste texto é necessário marcar que o objetivo não é, e nem pode ser, discutir a validade ou não do uso das idéias do Programa Forte para fazer história do Pensamento Econômico. Adota-se a posição de dois dos mais destacados autores daquele programa, Steven SHAPIN e Simon SCHAFFER (1985, p. 15), que em relação ao seu estudo da controvérsia mais famosa da física do século XVII, dizem: “Alguém tem a opção de debater sobre a possibilidade da sociologia do conhecimento, ou alguém pode encarar o trabalho de fazer a coisa. Nós escolhemos a última alternativa.”⁵⁷⁵ É evidente que tal opção decorre tanto do objetivo de estudar especialmente Thorstein Veblen, e não a metodologia da historiografia da economia em si, como também da incapacidade de um economista como o autor desta Tese, de formação muito mais prática do que filosófica, de envolver-se numa querela metodológica deste porte. Inultrapassável, porém, é pôr uma breve síntese de princípios fundamentais desta vertente de estudos da ciência, mas sem a pretensão de firmar o Programa Forte como “a” abordagem por excelência da História do Pensamento Econômico.

⁵⁷⁴ Neste ponto é necessário dizer que o Programa Forte encara os fatores sociais como *um* dos fatores influentes no construir ciência, não o *único*. Por exemplo, a experiência sensorial, fonte singular do saber para os empiricistas mais radicais, compõe com as visões *a priori* - as quais são apenas em parte determinadas socialmente - uma resultante que é o discurso científico (BLOOR, 1991, p. 31-32). Diz BLOOR (1991, p. 7): “...Naturalmente existirão outros tipos de causas exceto as sociais que irão cooperar para trazer as crenças”. (“...Naturally there will be other types of causes apart from social ones which will cooperate in bringing about belief”).

⁵⁷⁵ One can either debate the possibility of the sociology of knowledge, or one can get on with the job of

De acordo com David BLOOR (1991, p. 4), a motivação chefe para se fazer estudos calcados na idéia de que a sociologia pode explicar regularidades no conhecimento científico, nasce da aplicação de tal disciplina a outros tipos de conhecimento. Ele cita explicitamente como precursor desta linha de pensar o texto de autoria de Emile Durkheim (1858-1917) *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, uma investigação sobre o conhecimento humano da religião. Portanto, se é legítimo aplicar ciência, no caso a sociologia, sobre conhecimentos humanos tais como a religião e as artes, por exemplo, ele se questiona: o que faz da ciência algo tão especial que ela não poderia ser investigada pela via que propõe? A sociologia é uma ciência, já que busca estabelecer conexões causais entre eventos sociais, explicá-los, encontrar padrões. Então, por que não investigar conexões entre o mundo social e sua provável extrapolação para a instância da ciência? David BLOOR (1991) não vê justificativas plausíveis para que isso não possa ser feito. É imperioso citar, que o próprio WEBER ([1908] 1994, p. 32) tem um texto no qual ele procura aplicar sua ciência evolucionária para analisar o desenvolvimento dos princípios científicos que advogava.

Nessa mesma linha, siga-se com a explanação de BLOOR (1991, p.7) dos quatro princípios da Sociologia do Conhecimento do Programa Forte:

1. Ela deveria ser causal, isto é, preocupada com as condições nas quais surgem crenças ou estados de conhecimento. Naturalmente existirão outros tipos de causas exceto as sociais que irão cooperar para trazer as crenças.
2. Ela deveria ser imparcial no que diz respeito à verdade e à falsidade, racionalidade e irracionalidade, sucesso ou falha. Os dois lados destas dicotomias precisam de explicação.
3. Ela deveria ser simétrica no seu estilo de explicação. Os mesmos tipos de causa deveriam explicar, digamos, crenças verdadeiras e falsas.
4. Ela deveria ser reflexiva. Por princípio seus padrões de explicação deveriam poder ser aplicados para a sociologia mesma. Como o requisito de simetria, isto é uma resposta à necessidade de se procurar explicações generalistas. É requisito óbvio de princípio porque do contrário a sociologia estaria como uma refutação das suas próprias teorias.⁵⁷⁶

⁵⁷⁶ 1. It would be causal, that is, concerned with the conditions which bring about belief and states of knowledge. Naturalmente existirão outros tipos de causas exceto as sociais que irão cooperar para trazer as crenças. 2. It would be impartial with respect to truth and falsity, rationality or irrationality, success or failure. Both sides of these dichotomies will require explanation. 3. It would

Se ela é causal, então seu mais importante princípio de investigação pode ser dito como: o cenário social no qual determinada teoria científica foi criada revela-se na sua estrutura, pois ele é uma das causas de sua estrutura. No estudo de SHAPIN e SCHAFFER (1985, p. 14), sobre a controvérsia científica entre Robert Boyle (1627-1691) e Thomas Hobbes (1588-1679), relacionada à existência ou não do vácuo, é possível identificar exatamente quais são os objetivos do estudo de Thorstein Veblen que se coloca – os mesmos que estes autores tiveram quanto à controvérsia Hobbes-Boyle:

Nós deveremos estar intermitentemente preocupados com colocações verbais explícitas sobre como os filósofos⁵⁷⁷ deveriam conduzir a si mesmos, *mas estas colocações sobre método estarão invariavelmente sendo analisadas em relação ao cenário específico no qual foram produzidas, em termos dos propósitos daqueles que as faziam, e em referência às práticas reais da ciência daquele tempo.* (...) Mais ainda, nós deveremos nos engajar em expandir nossas usuais apreciações do que é o método científico e de como ele se relaciona com os procedimentos intelectuais em outras áreas da cultura na sociedade expandida. *Uma via pela qual nós iremos tentar fazer isso é situar o método científico, e as controvérsias sobre ele, num contexto social.* (...)

...Entretanto, nós também queremos dizer algo mais quando utilizamos o termo “contexto social”. Nós tencionamos a mostrar o método científico *como a cristalização de formas de organização social* e um meio de regular a interação dentro da comunidade científica.⁵⁷⁸

be symmetrical in its style of explanation. The same types of cause would explain, say, true and false beliefs. 4. It would be reflexive. In principle its patterns of explanation would have to be applicable to sociology itself. Like the requirement of symmetry this is a response to the need to seek for general explanations. It is an obvious requirement of principle because otherwise sociology would be a standing refutation of its own theories.

⁵⁷⁷ No século XVII os dois personagens do livro de Shapin e Schaffer, hoje chamados de físicos, responderiam pelo nome de filósofos naturais.

⁵⁷⁸ We shall be intermittently concerned with explicit verbal statements about how philosophers should conduct themselves, but such method-statements will invariably be analyzed in relation to the precise setting in which they were produced, in terms of purpose of those making them, and in

Ainda, nesta pequena síntese das idéias do Programa Forte, vale esclarecer dois pontos. Primeiro, seja a relação entre o Programa Forte e o realismo, isto é, como esta vertente de estudos científicos encara a existência de uma realidade una. E mais, a possibilidade de acesso a ela. Isso principalmente porque LEONARD (2008) acusa a Sociologia do Conhecimento Científico de anti-realismo.⁵⁷⁹ A primeira idéia que deve ser observada é sobre a inexistência de uma relação direta entre a afirmação de que as teorias científicas refletem percepções de cenários sociais e a crença na existência ou não de uma realidade única. Dizer que os cientistas adotam - consciente ou inconscientemente - algo, do seu contexto social, para conjecturar estruturalmente em suas teorias, não implica necessariamente afirmar que eles não pretendem desvendar a realidade. A adoção de uma abordagem como a do programa forte, mesmo que siga uma postura causal entre o contexto social e o fazer científico, não alude que os cientistas se importam mais em defender idéias do que em pesquisar relações realmente existentes. Aproximar-se ou não de uma verdade, que desde Kant entendemos como inacessível de modo direto, independe do uso ou não de estruturas explicativas que remetam a alguma circunstância social, ou mais ainda, a algum posicionamento acerca desta última. Também, em rebate à crítica de LEONARD (2008), é preciso aduzir que o Programa Forte não despreza o papel da experiência sensorial na legitimação de uma teoria científica. Novamente, não há porque estes dois pontos serem dependentes. Se os contextos sociais refletem-se nas teorias científicas, não há nada que exclua a admissão de um papel - muito relevante até - dos dados da experiência na aceitação de ideários.

reference to the actual nature of contemporary scientific practice. (...) Further, we shall be endeavoring to broaden our usual appreciations of what scientific method consists of and how method in natural philosophy relates to practical intellectual procedures in other areas of culture and in the wider society. One way we shall try to do this is by situating scientific method, and controversies about it, in a social context. (...) However, we also mean something else when we use the term "social context". We intend to display scientific method as crystallizing forms of social organization and as means of regulating social interaction within the scientific community.

⁵⁷⁹ É preciso dizer que LEONARD (2008) utiliza como exemplo do irrealismo da Sociologia do Conhecimento Científico as figuras de Bruno Latour e Steve Woolgar, que sustentam um tipo de Sociologia do Conhecimento, ainda que afim, diferente daquela de Bloor, Shapin, Schaffer e Barnes.

Em relação direta com isto está aquele quarto ponto dos princípios da Sociologia da Ciência do Programa Forte. A pesquisa abalizada nestas idéias precisa ser reflexiva, em outras palavras, necessita prestar-se às análises conduzidas sob a própria sociologia. Caso isto não seja verdade, ela seria uma refutação de si mesma, pois ao admitir que todo o conhecimento científico pode ser analisado a partir de seu próprio ponto de vista, e proibindo sua auto-análise, o intento todo desmorona inválido. É claro que não há problema algum em se exigir uma meta-análise da sociologia da ciência pela própria sociologia. Só haveria necessidade de não permitir tal intento, em razão de um charlatanismo científico que, por entender, implicitamente, a relação causa social implicando erro como sempre verdadeira, vedasse, ou veladamente não realizasse, estudos reflexivos no sentido apontado pelo quarto ponto acima.

Na seção abaixo, o trabalho de Thorstein Veblen é enquadrado como reformista, como negação da positividade de instituições tradicionalmente, e hodiernamente, vistas como exemplos do sucesso norte-americano. Depois, finalmente, analisa-se qual é o imaginário social que se reflete na economia política vebleniana, ou seja, que estrutura do contexto da sociedade em que Veblen viveu marca a estrutura de seu construto teórico e, mais do que isso, qual é a figura nuclear da economia vebleniana que traduz este imaginário.

4.2. A HISTÓRIA INSTITUCIONAL DE HOJE E A DE VEBLEN

É muito difícil fazer uma comparação entre o institucionalismo como atualmente praticado pelos economistas mais afins do paradigma dominante e o de Veblen. Os riscos de anacronismo ameaçam cada passo de uma tentativa deste tipo. Contudo, algo neste sentido pode servir para desvelar o encaixe da economia política vebleniana como crítica, como protesto, nascidos de um certo tipo de desencantamento típico do *fin de siècle* norte-americano. Este tipo de desencantamento de que se fala foi traduzido numa discussão clássica da historiografia econômica norte-americana, especificamente quando ela tratou das razões dos protestos dos agricultores no último quartel do século XIX.

Dois livros de história econômica dos Estados Unidos, bastante utilizados nos cursos de Economia das Universidades norte-americanas, *prima facie* mostram seu tom, suas inclinações em relação ao sucesso da evolução econômica daquele país. ATTACK e PASSEL (1994, p. 1) decretam: “A história econômica dos Estados Unidos é um história de sucesso, de crescimento e desenvolvimento tremendos.”⁵⁸⁰ Por sua vez, WALTON e ROCKOFF (2005, p. 592) finalizam seu estudo com os seguintes dizeres:

As *realizações* da economia americana são reais e mensuráveis. Aqui não podemos rever todas as *realizações* anotadas nos 28 capítulos precedentes, (...) três desenvolvimentos são a culminação destas *realizações*.⁵⁸¹ (1) o aumento da renda real per capita, a medida convencional do sucesso econômico; (2) a convergência de renda per capita entre as regiões, particularmente a integração do sul (...); e (3) a melhora numa variedade dos indicadores biomédicos de bem-estar que crescentemente estão sendo usados por historiadores econômicos para documentar o progresso econômico.⁵⁸²

Os fatores institucionais tais como a educação, o “império da lei”, a garantia das patentes e a democracia são tomados como um dos principais engendradores de todo este sucesso norte-americano. Para Thorstein Veblen, de acordo com o que se passou em revista nas páginas anteriores, não era bem isso que a história revelou.

Ele mesmo foi um dos norte-americanos que se beneficiaram do crescimento da educação nos Estados Unidos, fez toda a sua formação em seu

⁵⁸⁰ The economic history of the United States is a success story, one of tremendous growth and development.

⁵⁸¹ O uso da palavra “realizações” denota prontamente a inclinação das histórias narradas.

⁵⁸² É notável para um pesquisador brasileiro passar em revista a história econômica dos Estados Unidos, ela inclina-se fortemente a um tom de realização, de cumprimento das oportunidades que se revelaram na fundação da nação. O contraste com o senso de fracasso da historiografia do Brasil é muito forte.

país natal, enquanto muitos dos seus colegas, apenas um pouco mais velhos, tiveram que atravessar o Atlântico, rumo à Alemanha, para estudar economia. Destarte, Veblen sempre teve desavença com o sistema educacional, especialmente em relação ao conteúdo do ensino e à administração das Universidades. Nisto, apenas para nota, o que se identifica em Veblen como crítica ao sistema educacional de crianças e jovens é certa desconfiança em relação aos cada vez maiores períodos de educação geral a que os indivíduos estavam sendo submetidos, antes de entrar no mercado de trabalho. Mas, este assunto não foi muito desenvolvido pelo autor de *The Theory of Business Enterprise*. O ensino superior era o alvo preferido de Veblen, e é de se notar que no seu tempo os Estados Unidos tinham a maior taxa de matrícula neste nível educacional no mundo.

Se como Rebecca EDWARDS (2006, p. 116) notou, as portas das carreiras abriam-se para os jovens norte-americanos – especialmente para os homens brancos descendentes de anglo-saxões – isso não agradava a Thorstein Veblen. Ultrapasse-se o fato de que sua carreira acadêmica foi caótica, mas marque-se que o fundador do institucionalismo notava a existência do caráter apologista no sistema de Universidades dos Estados Unidos em relação à Europa. E isso era comum entre os economistas descontentes de fins do XIX. Um professor como Richard Ely, por exemplo, assinalava que a história do pensamento econômico nos Estados Unidos tinha sido, até meados da década de 1880, simplesmente a ocupação de cadeiras universitárias para defender este ou aquele interesse (ELY, 1887, p. 116). Era bem neste sentido que Veblen questionava o ensino em seu país. E mais, Thorstein Veblen exigia a perseguição do conhecimento a partir de objetividade quase cega, que se traduz na radicalização da curiosidade desinteressada.

Nesse contexto, o que hoje parece correto para quase a ubiquidade dos envolvidos na pesquisa acadêmica - é óbvio que com a exceção de algumas áreas da ciência básica - o casamento entre o que se faz nas instituições de ensino superior e as necessidades do setor privado – e em menor grau do público – na visão de Veblen era uma temeridade. O sistema estaria fundando-se em bases bem distantes do descobrir científico levado a termo sob os auspícios da

inclinação de uma curiosidade desinteressada. Veblen acreditava que a perseguição do conhecer em direções as mais diversas foi a grande responsável pela maioria do conhecimento materialmente factual, impessoal, mais afim ao instinto do trabalho eficaz e, acima de tudo, engendrador da completude da vida, da preservação da espécie. Thorstein Veblen pintou o sistema universitário norte-americano como a antítese de tudo isto.

No entanto, em se falando dos fatores do excepcionalismo norte-americano marcado no primeiro capítulo, é a respeito das inovações e da tecnologia que Thorstein Veblen tem mais a dizer, e é também mais crítico. Ele sempre marcou que entendia a concessão de patentes geradoras de monopólios como apropriações de um conhecimento gerado e transmitido, em sua maior parte, coletivamente. Nisso o primeiro economista institucionalista é bastante radical. Veblen nota que a exploração dos recursos naturais depende do “estado das artes”, algo, que não é demais reforçar, gerado coletivamente e apropriado individualmente. A evolução que REICH (1987) nos conta entre as inovações de Edison e, depois, de Coolidge e Langmuir parecem corroborar o que Veblen dizia sobre absenteísmo e apropriação do conhecimento coletivo. Enquanto o primeiro estava muito próximo do *tool builder* ideal, os dois últimos trabalhavam num típico laboratório de corporação, de proprietários absenteístas, que registravam as patentes em nome da empresa. Thomas Edison parecia ser um tipo de inovador que acabaria desaparecendo, pois seu laboratório de Menlo Park foi financiado e dirigido pelo próprio. Ainda que as invenções deste último, e em decorrência suas patentes, fossem aquela captura de conhecimento coletivo para benefício privado, pode-se dizer que Veblen narra na instalação da propriedade absenteísta um processo muito aparentado com a evolução que REICH (1987) conta.

Tudo isso também, tem bastante relação com a postura do judiciário norte-americano, objeto de crítica feroz por parte de Thorstein Veblen. Se os economistas atuais percebem a tendência do Poder judicante dos Estados Unidos em proclamar decisões favoráveis ao empreendedorismo, ao *entrepreneur* schumpeteriano, o economista institucionalista de fins do XIX e início do XX era um analista descontente com tal inclinação. Na verdade ele via a *common law* como uma instituição das mais perpetradoras da conservação de caracteres

arcaicos, anacrônicos. Thorstein Veblen não discutiu, tal como foi já apresentado, qual seria o melhor dos sistemas, aquele mais positivista, de origem francesa, ou o anglo-saxão. É possível que se Veblen reconhecesse, na lei francesa autorizadora da *sociedade por comandita*, a cristalização de hábitos que referendavam a propriedade absenteísta, ele seria tão crítico a ela quanto era no tocante à *common law*.

O comentário de Zorinna KAHN (2004) sobre como os tribunais ingleses interpretavam os casos envolvendo patentes e sua diferença em relação aos norte-americanos, mostra bem a sociedade que Veblen desmontava criticamente em seus escritos. Os britânicos avaliavam o *trade-off* entre o bem-estar da “comunidade como um todo” e o inventor, os americanos já insculpiram na Constituição o direito individual, e os tribunais tinham pouca liberdade para além disso. O judiciário desponta como uma das instituições mais perniciosas para os norte-americanos dos tempos de Veblen. Mesmo quando os legisladores, cooptados também, mas ao mesmo tempo espremidos entre os interesses escusos e os milhões de homens com um só voto, decidiam aprovar leis como o *Sherman Act* e o *Food and Drug Act*, o judiciário era bastião conservador. Suas decisões contrariavam a intenção mais fundamental destas leis, iam ao encontro dos interesses escusos.

O protecionismo nos Estados Unidos é um caso à parte. Lembre-se que os economistas apologistas e darwinistas sociais cometiam sempre o pequeno pecado de defender o liberalismo comercial. Neste ponto em particular eles formaram uma tendência uníssona com Veblen, um internacionalista. Mas, nisso é preciso ressaltar que os políticos conservadores norte-americanos do século XIX mantiveram-se, em linhas gerais, irredutíveis na necessidade das altas tarifas. Para os progressistas do período durante o qual Veblen escrevia, as altas tarifas significavam a proteção dos interesses dos industriais, da classe de proprietários absenteístas. É fácil, neste sentido, entender porque foi com o presidente Woodrow Wilson (1856-1924), um representante do progressivismo – ainda que um pouco envergonhado - o primeiro declínio geral de tarifas de importação naquele país. Oscar Underwood (1862-1929), o político que deu nome a nova tarifa mais baixa, e democrata assim como Wilson, sempre foi um

defensor do comércio livre. O protecionismo oferece uma amostra da troca de posições na política norte-americana tal qual aquela que refletiu-se na economia política de Veblen. Hoje em dia, mais reconhecidos como conservadores e aliados dos setores industriais mais antigos, os Republicanos são os defensores do livre-comércio, enquanto os Democratas, ligados aos norte-americanos mais progressistas se mantêm, geralmente, numa posição mais protecionista.

Por fim a democracia. Thorstein Veblen nunca teve grandes esperanças em relação ao sistema democrático do seu país, pois sua tendência sempre foi no sentido da cooptação do governo pelos interesses dos homens de negócios. Não obstante, ele assinalou que os Estados Unidos eram o país mais democrata de todo o globo. É de se pensar que dentro do movimento progressista, tendo se tornado até um dos editores da revista *The Dial*, Thorstein Veblen tenha confiado nas instituições democráticas como vias possíveis da transformação. Nesta esteira, tanto os populistas quanto os progressistas, dois movimentos anticonservadores e descontentes da época de Veblen, confiaram na instituição democrática como caminho para a mudança. Isto pode ser percebido no estabelecimento do Movimento Granger, e dos partidos das *Greenbacks* e principalmente do Populista. Mais à frente, já na passagem para o século XX, um dos dois grandes partidos dos Estados Unidos comprou a briga dos progressistas, o partido Democrata. William Jennings Bryan (1860-1925), Theodore Roosevelt (1858-1919) e Woodrow Wilson são os nomes sempre citados como capitães deste movimento dentro do partido. Mas, sobretudo, das leituras dos trabalhos de Veblen considerados aqui não há como afirmar, definitivamente, sua simpatia pela democracia, certo é sua percepção sobre a captura das instituições governamentais pelos interesses privados dos homens de negócios. Enfim, o desenvolvimento por meio das instituições democráticas, em Thorstein Veblen, não é um resultado certo. Aliás, assim como os indivíduos das classes inferiores mimetizam comportamentos dos mais abastados, no pensamento vebleniano não há como se afirmar que a democracia mais profunda permita, por si só, a consecução de medidas governamentais que garantam a melhora da vida dos menos afortunados e dos descontentes.

É preciso novamente lembrar, que os reformistas contemporâneos de Veblen formaram um movimento político, que teve muita expressão em sua época, e eram bastante radicais quanto a um desvio dos Estados Unidos de algo que parecia reservado ao país. Assim sendo, cabe uma pergunta: de onde veio tamanho radicalismo quanto à qualidade das instituições norte-americanas no que tange às possibilidades de desenvolvimento delas derivadas?

A resposta remete novamente às mudanças profundas ocorridas durante o século XIX. Um dos debates clássicos da historiografia econômica norte-americana diz respeito aos porquês dos protestos dos agricultores tão veementes em fins do século XIX. Douglass NORTH⁵⁸³ (1966 apud WHAPLES, BETTS, 1995) foi um historiador econômico que contestou a percepção que punha os protestos dos agricultores como resultado de uma queda generalizada dos preços agrícolas e do aumento dos custos de produção, inclusos os juros. WHAPLES e BETTS (1995, p. 509) descrevem o início do debate:

Por décadas, historiadores aceitaram as reclamações dos fazendeiros por seu valor de face. Então em 1966, Douglass North forneceu evidências empíricas que rejeitavam os reclames dos fazendeiros sobre preços, custos de fretes e taxas de juros. Outros corroboraram e estenderam estes achados, mostrando que a renda real per capita dos fazendeiros subiu consistentemente durante este período.⁵⁸⁴

Anne MAYHEW (1995), uma autora bastante simpática ao paradigma fundado por Veblen, engajou-se neste debate utilizando um argumento que relaciona os protestos dos agricultores norte-americanos das últimas três décadas do século XIX não às variáveis econômicas puras, como fez North, mas sim ao

⁵⁸³ NORTH, D. *Growth and Welfare in the American Past*. New York: Prentice Hall, 1966.

⁵⁸⁴ For decades, historians accepted the complaints of the farmers at face value. Then in 1966, Douglass North provided empirical evidence that rejected farmers' complaints about prices, freight costs, and interest rates. Others have corroborated and extended these findings, showing that real income per capita of farmers rose consistently throughout this period.

ambiente institucional mais geral. O protesto era uma reação à comercialização da agricultura, na interpretação de MAYHEW (1995, p. 516) os agricultores não protestavam contra os preços, mas sim contra o aumento da importância dos preços. Como na leitura vebleniana, e justamente porque ela faz parte de uma maneira mais abrangente deste movimento, os agricultores estavam agora frente a um mundo econômico muito mais impessoal, mais “frio”, para usar a expressão de Mayhew. Contudo, esta autora, sendo mais específica, disse que esta frieza não era algo abstrato, sentia-se mesmo nos monopsonios, nos monopólios financeiros e de insumos, nos intermediários. Foi assim, de acordo com esta autora, que os agricultores perceberam sua perda de *status*, naquele sentido que ventilou Hofstadter.

Mas, mais do que isso, na obra de Veblen parece que toda a sociedade norte-americana - excetuando-se a classe ociosa, proprietários absenteístas, legisladores capturados - acaba submetida à sensação muito parecida com a dos agricultores. Se os interesses dos negócios subordinaram os interesses dos agricultores, nada diferente acontecia com as pequenas cidades do interior do país e, mais ainda, os hábitos como a sabotagem afetavam a comunidade como um todo, como gostava de falar Veblen, e não somente os agentes de um setor da economia. Notar que os Estados Unidos estavam numa trilha errada e precisavam de ajustes foi algo que apenas teve início com os protestos dos agricultores. No começo do século XX, os descontentes se espalharam por todas as grandes cidades, chegando até um dos mais importantes partidos políticos. Reforce-se, por isso, que a economia vebleniana, extremamente crítica, com cores de exortação muitas vezes disfarçada sob ironias, é uma tradução destes protestos no âmbito da ciência econômica. Não deve ser mera coincidência a historiografia econômica moderna encontrar evidências de que os protestos surgidos na agricultura e transplantados para as cidades não tenham se fundado primordialmente na deterioração das variáveis econômicas puras. É natural, portanto, aventar que uma das características mais interessantes do institucionalismo, a incorporação de assuntos para lá daqueles bastante tradicionalmente tratados, pelo menos desde Smith e pelos clássicos, tenha surgido neste ambiente histórico.

4.3. O IMAGINÁRIO SOCIAL VEBLENIANO E SEU SISTEMA DE ECONOMIA POLÍTICA

Adotada a perspectiva da Sociologia do Conhecimento do Programa Forte Escocês, a pergunta óbvia, que vem sendo recolocada ao longo de quase todo o texto da Tese aqui apresentada, é: como a economia política evolucionária de Thorstein Veblen reflete um imaginário social? E qual é este imaginário social?

Acredita-se que esta idéia já tenha se tornado um tanto clara ao leitor. Thorstein Veblen, ao criticar a ciência econômica que o precedeu, colocando-a sob um só rótulo abrangente – *pré-darwinismo* – vê como ponto comum negativo em todas elas a presença de imputações teleológicas. A grande inimiga da teoria econômica que o autor de *A Teoria da Classe Ociosa* queria plantar era o aspecto finalístico, a resolução das seqüências de raciocínio feitas com um propósito apriorístico, que resultavam num fim providencial, melhorado, equilibrado, único. Ainda que se pudesse ver evolução na economia política entre os fisiocratas e Smith, Marx e os marginalistas, ou destes para os alemães, todos eles teriam comprometido suas teorias com o vício supremo, um defeito que fazia todo o sistema desmoronar como uma ciência influenciada pelo animismo, apenas *de jure* e anacrônica. Ao esposar metafísicas que empenham o resultado das deduções desde o início com um final anteriormente imaginado, e assim já encravado nas entrelinhas dos princípios primeiros, toda a economia política pré-vebleniana estaria, de acordo com o fundador do institucionalismo, atribuindo para um objeto inanimado – os fatos econômicos – um propósito que é característico das ações humanas deliberadas, e não de seqüências de eventos cujos efeitos deveriam ser analisados com frieza maquinística, com aquele olhar que ele definiu como *materialmente factual*.

Deve ficar claro que a intenção do autor desta Tese não é dizer que Veblen tenha distorcido as economias políticas de seus predecessores de maneira a exaltar a sua, por mais que seja bem identificável sua estratégia de mostrar como mistificadoras as economias políticas de seus adversários. Não. Enveredar por tal

caminho seria, de começo, emitir um parecer acerca da presença de teleologia inescapável, de ambigüidade ou mesmo de ausência completa desta negatividade fundamental nas economias políticas analisadas pelo fundador do institucionalismo. De modo algum pretende-se algo neste sentido aqui. O que importa, e é para o que se deve chamar a atenção do leitor, é o fato de que há este reconhecimento de teleologia, *feito por Veblen*, em todos os sistemas de economia política que o precederam. O importante para se entender o reflexo indelével do imaginário social que se defende aqui como formador da estrutura científica do veblenismo, é a atitude negativa quanto a qualquer indicativo de que um fim estaria contido nas premissas. Thorstein Veblen compreendia as idéias econômicas assim, e é isto o principal para a interpretação aqui alinhavada.

Mais ainda, Veblen não desprezava inexoravelmente as contribuições dos pré-darwinistas. A sua principal alegação é que aqueles sistemas de economia política eram anacrônicos para a sociedade da virada do século XIX para o XX. A maioria das outras ciências, àquele tempo, segundo o próprio, já haviam feito a transição em direção à adoção de uma roupagem livre de preconceitos comprometedores. Nas ciências sociais, a antropologia parece ter sido a disciplina que adotou esta mudança de modo mais radical, aliás, como não poderia ser de outra forma, uma vez que a antropologia e a biologia evolucionista intersectar-se-iam necessariamente como ramos do conhecer científico. É muito importante considerar que Veblen via sua ciência como a mais adequada para o seu tempo. As teleologias, em seu cerne e na sua maioria, apontavam para um mundo que tenderia naturalmente à melhoria contínua. Definitivamente não era isso que um homem reformista da Era Progressiva via nos Estados Unidos de sua época. Aliás, o nome já diz tudo: *reformista*. Não é conservador, isso já na primeira impressão, mas, tampouco era revolucionário no sentido de um rompimento radical. É certo que sistemas de economia política como o de Malthus eram essencialmente pessimistas, no entanto, embora o que valha para os otimistas em relação à negatividade das imputações teleológicas seja ainda válido para os pessimistas, é preciso marcar que nos Estados Unidos a economia política – talvez com exceção das inclinações pessimistas em Sumner – teve a predominância quase completa do otimismo.

A pequena história do pensamento econômico escrita por Veblen, por conseguinte, é para mostrar onde o pós-darwinismo deveria se encaixar. As teses dos *economistes*, patronos da profissão, foram ordenadas numa França na qual havia muito de resquícios monárquicos, de relações de suserania e vassalagem, mesmo que a fisiocracia seja sempre apresentada como doutrina irmã do iluminismo. Vale lembrar que os fisiocratas eram cientistas que estavam muito próximos das mais influentes autoridades políticas da sua época. Ela é doutrina irmã do iluminismo, porque constrói-se a partir de concepções teológicas deístas e jurídicas de direito natural, não porquanto seja revolucionária. A faceta que Veblen quer ressaltar, a ciência econômica do valor advindo da terra, da natureza produtora da nutrição do homem, está afim aos casamentos entre a lua e o sol, das “vontades” dos vasos feitos com barro deste ou daquele depósito de argila, ou mais, das chuvas e das secas que ocorriam na medida em que o homem agradasse ou desgostasse uma entidade intrinsecamente vingativa ou benevolente. Como Thorstein Veblen disse, Quesnay e seus companheiros de ciência econômica concediam muito pouco ao acaso, e também às deliberações humanas.

Já, do outro lado do canal, a economia política afirmava o surgimento da mão invisível, que apesar de não abandonar a imputação de teleologia - aliás, longe disso - parecia conectar mais o mundo econômico ao homem. Entretanto, se as órbitas em torno do sol nos fisiocratas eram circulares, em Smith eram elípticas. Sua economia política era mais revolucionária, mas nem por isso Veblen deixa de rotulá-la de animística, pois também contém uma boa dose de teleologia. Isto seria resultado de um mundo da Era da Manufatura, no qual a teleologia era quase uma consequência inevitável, um tipo de autocontaminação do instinto do trabalho eficaz, assim como aconteceu na época da selvageria.

O mesmo acontecia em Marx e nos marginalistas, os economistas hedonistas por excelência. O primeiro fazia toda a sociedade convergir a um fim único e inevitável, a partir do interesse de uma classe social. Ainda que fosse possível identificar os traços de um romantismo revolucionário, a nota tônica do acorde marxiano era iluminista – o fundador do institucionalismo diz isso explicitamente em sua crítica. Para Veblen, o socialismo não era uma finalidade

deontológica, um mundo qualitativamente melhor, seria, sim, alcançado pelos trabalhadores esmagados pela evolução do capital e seu modo de produção, no sentido de uma sociedade completamente nova e melhor *para os trabalhadores*. O socialismo marxiano para Veblen é utilitarista, hedonista, de interesse pessoal; ou que seja, de classe.

Já os hedonistas liberais, os marginalistas, por sua vez, só deixavam os indivíduos “circularem sobre seus próprios eixos”, como no famoso trecho de *Why Is Economics not an Evolutionary Science?* Formularam uma concepção extremamente apriorística de natureza humana, e não haviam se engajado em investigações de caráter biológico em torno dos porquês das ações humanas. Eram iluministas no individualismo, conservadores dada a idéia de distribuição das rendas que advogavam, e mistificadores da natureza humana com o fito de obter os resultados esperados.

Então, o que deveria ser a nova ciência econômica pós-darwinista necessariamente precisava permitir a flutuação dos eventos econômicos em direções múltiplas, muitas vezes tão imprevisíveis como as mutações genéticas. Mas, o propositor do sistema que se apresentou acima não era um niilista, um negador da possibilidade de uma ciência da economia. Nesse sentido, e por outro lado, é preciso sempre repor, como gostam de fazer os analistas dedicados à obra do Professor de socialismo de Chicago, Veblen também é não algo próximo do positivismo vienense. Ele notava a irrecorrível necessidade de postulados metafísicos que permitissem um início à ciência, para além do dado bruto. Estava longe de ser um baconiano. Entretanto, nenhum conceito *a priori* era bom o bastante caso pudesse comprometer o resultado dos raciocínios causais que embasava. Aliás, os conceitos metafísicos da pesquisa deveriam apontar na direção de caminhos variados, ao surgimento de opções, de variedades. Thorstein Veblen, por essa idéia, parte para a construção de uma economia política que contasse com ferramentais teóricos que pudessem cumprir tal missão.

O darwinismo caía como uma luva neste sentido. Fazia com que da viagem que os sistemas de economia haviam feito - da natureza dos fisiocratas para os aspectos mais humanos dos clássicos e dos marginalistas - se voltasse

novamente à natureza, que agora aparecia desumanizada, despida de quaisquer animismos. Era uma “supernaturalização”. Ao mesmo tempo o darwinismo vebleniano se opunha ao darwinismo social de Sumner e Spencer, que o teriam corrompido retirando dele a sua inerente característica de negação da teleologia. Não que estivesse ausente nestes últimos a mutação como elemento essencial, o que era verdade à respeito de Spencer e Sumner. Mas mais do que isso, os conceitos darwinistas eram corrompidos através de seu atrelamento à metafísica que, novamente, imporia uma linha de conclusões apriorísticas – a conservação da energia, por exemplo.

Em Veblen, o darwinismo combina-se com uma teoria levemente modificada dos instintos de William James, em que as inclinações naturais do homem são flexíveis o bastante para que a história social da humanidade não seja um caminhar para certo rumo, para um fim, seja ele pessimista ou otimista. A economia vebleniana inclui os instintos como um ponto muito estável de referência, apoiado sobre outro mais estável ainda, o ambiente natural. A seleção natural darwiniana não é um processo cumulativo teleológico no sentido de que as adaptações são sempre melhores de acordo com algum critério subjetivo de julgamento. Elas são melhores de acordo com um ambiente totalmente despersonificado, dado de uma forma inteiramente fora do controle de qualquer agente. Spencer e seu evolucionismo, por exemplo, personificavam a seleção natural de acordo com sua posição conservadora e otimista.

Os instintos são, dessa maneira, os pontos de referência obtidos através de um processo completamente materialmente factual. Contudo, eles apresentam até mesmo uma capacidade de autocontaminação, em um nível mais baixo do que os desvios através da deliberação humana, que resulta nos hábitos. Thorstein Veblen também montou seu sistema a partir de instintos que podem interagir para produzir resultados que não estariam contidos na intenção original destas propensões básicas. Além disto, eles estão colocados com certas propriedades antitéticas, em especial Veblen contrasta a inclinação parental e o instinto predatório. O senso do trabalho eficaz, de sua parte, parece ficar num nível mais fundamental, pois até mesmo a admiração pelos grandes predadores, os chefes de guerra, guarda uma relação com a eficiência no combate. Já a curiosidade

desinteressada seria a inclinação humana antiteleológica por excelência. A perseguição de conhecimento *ad hoc* é a grande geradora dos hábitos, que serão selecionados tanto com base no cumprimento dos propósitos mais basilares conferidos pelos instintos, bem como, pela medida com que a sociedade evolui, calcados naqueles meios que se tornam fins. Assim sendo, desde antes daqueles possíveis vetores de seqüências de ações, a possibilidade de fins múltiplos está dada. Daí, passando para a seara das deliberações humanas, como a perseguição dos instintos se dá através das possibilidades incontáveis abertas aos seres humanos, os hábitos e as instituições no sistema vebleniano geram ainda mais abertura para a recusa de fins determinados. Então, o ambiente totalmente impessoal, natural, é a base primeira, mas nada no sistema vebleniano de economia política garante que haverá convergência entre o desenvolvimento histórico da sociedade humana e a adaptação ao ambiente natural. E, mais grave do que isso, na história antropológico-cultural-econômica, em compasso com a complexificação das relações sociais, derivadas mormente do aumento da densidade populacional, do aumento do alcance das comunicações e do estado das artes industriais, os riscos de se divergir do fim último da preservação da espécie se amplificam. O argumento antiteleológico de Veblen tem sua importância aumentada nesse cenário.

É preciso deixar claro o que se interpreta como a principal característica do pensamento econômico vebleniano:

Os fins múltiplos e não pré-determinados são a característica mais forte do sistema social. Por isso a ciência econômica deve reconstruir-se sobre pressupostos que permitam e, mais do que isso, engendrem análises não teleológicas.

E, a necessidade de um saber social com tais características era reflexo de uma percepção viva dos Estados Unidos dos tempos veblenianos:

O sistema de economia política de Veblen, servindo-se do darwinismo e das idéias sobre instintos em voga à época, reflete em sua estrutura não teleológica uma visão acerca do “desencantamento” dos reformistas norte-americanos de classe média com os rumos dos Estados Unidos.

“O direito à busca da felicidade”. Muito do espírito dos anticonservadores norte-americanos, e dos seus adversários também, remete a esta inscrição da Declaração da Independência. A questão é: em que medida a busca da felicidade está garantida? É preciso algum grau de georgismo,⁵⁸⁵ ou seja, algo como uma socialização das terras, uma específica distribuição de dotações iniciais, para que os cidadãos pudessem em ir atrás de suas felicidades individuais? A garantia estatal do direito à felicidade deve ser negativa ou positiva? Ou aqueles que não são felizes simplesmente não o são por se negaram a uma vida de poupança e frugalidade em prol de seu bem-estar futuro?

A política norte-americana nasceu profundamente liberal e localista. Mas a aparente igualdade de oportunidades que poderia resultar do país que Thomas Jefferson tinha em mente, ou ao menos do qual ele é considerado o ideólogo, foi se revelando cada vez mais irreal. A mera existência dos interesses dos comerciantes ricos do nordeste do país, tendentes a apoiar políticas concentradoras, já revela senão a desigualdade mesmo, no mínimo um embrião dela. A construção das instituições dos Estados Unidos é um caminhar seguro em direção à diluição do poder local, que parecia ser a marca da fundação do país. A evolução da Declaração da Independência para os Artigos da Confederação e, destes para a Constituição, mostra tal fato. Evidentemente, como foi dito no capítulo próprio, esta tendência não foi resultado apenas da prevalência dos interesses pessoais pecuniários dos partidários da concentração de poderes políticos. Notou-se, desde muito cedo, a necessidade de um governo forte que detivesse o poder da “bolsa e da espada”. Não obstante, aqueles que acreditavam no país de pequenos fazendeiros, pequenos comerciantes,

⁵⁸⁵ De Henry George, autor apresentado anteriormente, e que defendia um imposto que eliminasse a renda da terra.

pequenos artesãos, sempre iriam ressaltar com veemência a cooptação do governo pelos interesses do comércio, das manufaturas.

A falta dos estados-membros da Confederação em ajudar o governo que tinha liderado a revolução, e que deveria pagar seus ex-combatentes, é, até mesmo, passível de interpretação sob a instituição da cupidez dos interesses individuais, assinalada por Veblen como marcante na ocupação do território dos Estados Unidos. Se numa interpretação como a de Charles Beard os ricos - que em muito significam os federalistas tidos como patronos das motivações pecuniárias dos comerciantes - são os herdeiros institucionais dos predadores de uma fase mais violenta, em Veblen ninguém escapa. Os fazendeiros são as vítimas tardias da sua própria cupidez, que numa derivação cumulativa acabaram exacerbando-se em práticas de negócios nas pequenas cidades e, depois, e em maior grau, nas corporações dirigidas por donos absenteístas. A competição norte-americana entre as três instituições que ele trata no seu último livro revela bem a estrutura do imaginário social que Veblen vê. A ciência econômica precisa reforçar sempre o aspecto não finalístico dos sistemas sociais. Só assim estariam os defensores dos interesses da comunidade como um todo, alertas para possíveis conseqüências nefastas de fenômenos institucionalizados que têm resultados prejudiciais à sobrevivência da espécie, ao progresso.

Os americanos mais liberais dos tempos dos *founding fathers* eram tremendamente favoráveis ao estado pequeno, que só age para garantir a vida, a honra, a propriedade e poucas outras liberdades negativas. No entanto, esta visão idílica vai se desmanchando. Thorstein Veblen faz uma leitura predominantemente negativa sobre a ação do Estado em seu país natal. A cooptação do aparelho público pelos interesses dos negócios surgiu desde cedo. Assim, como na Constituição, como na tese de Beard - uma leitura que se coaduna com a vebleniana nesse sentido - as vitórias de Hamilton, no caso do plano para o pagamento das dívidas nacionais, na absorção das dívidas dos estados e na fundação de um grande banco, são eventos que sempre revelaram para os anticonservadores dos Estados Unidos como os grandes interesses são capazes de dobrar o governo. Com os financistas encastelando seus interesses no governo norte-americano, o que, como se lembrou atrás, não mudou muito

nem com a subida ao poder de Thomas Jefferson, era natural que os anticonservadores reagissem ao estabelecimento de uma plutocracia, uma classe prejudicial aos interesses do *middle man*. Esta era uma ameaça constante e que parecia apontar para a destruição das bases daquela nação que idealmente havia se fundado sobre a liberdade individual, e sobre os benefícios que adviriam espontaneamente daí.

O recurso ao iluminismo, nesse sentido, que era mormente francês, anti-aristocrático, é mesmo natural, como solução para a derrubada dos governos que parecem cooptados ou que agem em causa própria. E, por mais que Thorstein Veblen tenha atacado o direito natural, na realidade seu sistema de economia política trazia traços da idéia de um estado natural. O trabalho eficaz, cristalizado como senso básico do ser humano desde a selvageria, na economia de Veblen está sempre a ditar o caminho do interesse da preservação da espécie. É certo que o mesmo se autocontamina - um reforço ao combate às teleologias dentro do próprio sistema de Veblen - mas junto com a inclinação paternal o trabalho eficaz mostra-se como solução da humanidade para sua autopreservação, sempre que esta é posta em xeque. Em Rousseau, impossível não lembrar, é forte o estado natural, que contempla a preocupação com o próximo e a conservação da espécie. O humanitarismo, neste sentido, é elogiado por Thorstein Veblen, em *A Teoria da Classe Ociosa*, como uma das citações do capítulo que se chama "Sobrevivências dos Interesses Não-Discriminatórios" (*Non-Invidious*). Os direitos das mulheres, que estavam presentes nas reclamações anticonservadoras desde o início, também iam no mesmo sentido. Aliás, *A Teoria da Classe Ociosa* foi precedida daquele artigo intitulado *The Barbarian Status of Women*.

Na mesma linha iluminista, na economia política vebleniana, a idéia do ambiente que afeta o comportamento das pessoas é crucial (*environmentalism*). O ambiente natural seleciona os instintos, que não são imutáveis, embora bastante tenazes. Mas, de uma base instintiva o homem cria uma teia institucional, uma teoria de vida. E, ainda que o fundador do institucionalismo estabeleça variações nas gradações dos instintos de cada indivíduo, sempre há em sua teoria fatores externos que catalisam a premência do predacionismo, do trabalho eficaz, do senso paternal e da curiosidade desinteressada. Thorstein

Veblen é um defensor da idéia bastante presente em Montesquieu e que Crèvecoeur disseminou nos Estados Unidos: “o ambiente faz o homem”. O natural e o social. Quando Veblen combate a percepção hobbesiana da natureza humana - e em paralelo a marginalista e a darwinista social - ele está argumentando que tal idéia não combina com a preservação da espécie no seu ambiente natural. O egoísmo não pode ser uma inclinação primeira porque não é compatível com o ambiente sobre o qual os instintos foram selecionados. O mesmo acontece com a aversão ao trabalho.

Já no nível das instituições, o homem cria-se sobre um benéfico repositório natural de conhecimento, que permite avançar no preenchimento da vida (*fullness of life*), mas ao mesmo tempo mergulha-o em “imbecilidades”. É possível ainda reconhecer certa secularização de um deísmo radicalizado em Veblen, na medida em que daquela carga instintiva inicial o homem leva, ainda que involuntariamente, a vida social a direções as mais diversas. Os vetores de ações que buscam as finalidades colocadas pelos instintos podem se tornar fins em si mesmos, e daí estabelecerem os padrões de comportamento que recondicionam o homem. Isso não ocorreria fundamentalmente no nível da carga instintiva, ainda que em longo prazo isso seja possível, mas serve como catalisador, engendrador no afloramento de uma ou outra característica natural.

Contudo, se for para identificar elementos dos iluministas nos escritos de Veblen, não há nenhum aspecto mais forte do que a confiança na ciência. Assim como Thorstein Veblen considerava *The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts* seu livro mais importante, o *The Place of Science in Modern Civilisation*, tem o mesmo destaque entre os trabalhos mais curtos. Nas evidências textuais acima arroladas, transparece bastante a simpatia que Veblen tinha pela ciência. Em especial, caso esta fosse moderna, impessoal, materialmente factual. Em *The Theory of Business Enterprise* a solução do esquema problemático colocado parece apontar para a ciência econômica como uma conscientização do que estaria acontecendo contra os interesses da comunidade como um todo.

O iluminismo, como é sabido, era uma doutrina liberal. E os reformistas norte-americanos que o esposaram no *antebellum* também. Eles eram senão os

contemporâneos, os herdeiros mesmo de Thomas Jefferson. Não obstante, na época em que os historiadores admitiram uma virada contra os mais conservadores, a Era do *ascensão do homem comum*, revela-se já um pouco da reviravolta que iria acontecer nos anos que antecederam o surgimento da economia institucionalista. Jackson como presidente flutuou, negou os direitos exacerbados dos estados, procurou retirar o governo federal da criação de infraestrutura e ao mesmo tempo começou uma briga com os monopólios, no caso um monopólio cuja criação foi autorizada pelo próprio governo: o Segundo Banco dos Estados Unidos. Diz-se que ele flutuou porque não se pode falar do governo do “*Old Hickory*” como definitivamente em direção a um país Jeffersoniano. A presença do governo era forte, muitas vezes descolando-se do discurso liberal.

Naqueles tempos, já havia algum primitivo reconhecimento de que o estado simplesmente negativo fosse um modelo inviável. Reformadores como William Ellery Channing, ainda no *antebellum*, pediam por abstinência e ação positiva do estado em favor dos mais necessitados. Foi também uma época na qual ocorreu o *common school movement*. As comunidades convocavam a ação do governo, mesmo que fosse o local. Estes anos que antecederam a Guerra Civil, da mesma maneira, viram nascer as comunidades calcadas em idéias utópicas de vida comunitária. Os Transcendentalistas, em sua vez, recusavam-se a pagar impostos cobrados por um governo que se envolvia em guerras que eram consideradas injustas, reforçavam o aspecto cooptado do governo norte-americano e, em paralelo, já deixavam ver algum desconforto com as modernidades de meados do século XIX.

O que esta (ainda leve) mudança dos americanos anticonservadores acabou pondo em evidência é o caráter de decepção com os rumos da nação. Jackson tomou posse criticando o que se passou, radicalizando na distribuição de cargos entre os homens comuns – ainda que o *spoils system* tenha sido muito menor do que o alardeado entre seus adversários. A concentração industrial e o crescimento de empresas de tamanhos monstruosos, como foram as ferrovias que iriam cortar o país de ponta a ponta já na década de 1860, aumentavam o temor da instalação de uma classe dominante, privilegiada, nos Estados Unidos. Aliás, cada vez mais os reformistas iriam notando que tal classe já estava mesmo

instalada. Seria preciso combatê-la diretamente, e não somente lutar contra a possibilidade de sua ascensão.

Depois da Guerra Civil, como foi dito anteriormente, os ânimos exaltaram-se. Os duros protestos dos liberais em relação à escravidão parecem ter se reorientado para a desigualdade que aumentava. E esta iniquidade, ainda que no todo a renda crescesse, era muito perceptível, principalmente para os que ficavam para trás no descolamento das classes sociais. Aparentemente, as condições de vida dos mais desafortunados, se não caíam em termos da renda, sofriam com a situação à qual estavam submetidos os novos trabalhadores das cidades industriais dos Estados Unidos, país que caminhava rumo ao primeiro lugar entre as nações industrializadas.⁵⁸⁶ Os protestos de trabalhadores iriam se tornar comuns no *postbellum* e, durante a época formativa de Veblen atingiriam seu pico.⁵⁸⁷

Do mesmo modo como os tons da disputa aumentaram em virulência, os reformistas e conservadores passaram, então, por mudanças ideológicas profundas. Em se falando de economia política, os defensores do capital norte-americano, aqueles aos quais se chamou de apologistas, não eram liberais da estirpe inglesa de Manchester. Eles eram mais uns liberais de conveniência. Muitos se mantiveram firmes em relação à defesa do livre comércio, mas é notável a ênfase em *justificações* dos ganhos dos proprietários, fossem elas pretensamente científicas, como a dos salários de superintendência, religiosas, como as exortações à previdência e temperança como caminhos para a fortuna, ou as mais radicais, que testemunhavam no sucesso dos ricos a melhoria da raça humana. Como essencialmente justificadores da situação contemporânea, os economistas norte-americanos conservadores recorriam à filosofia do senso comum, que colocava em altar as instituições prevalentes. Também procuraram

⁵⁸⁶ Existe uma interessante bibliografia que analisa a queda da qualidade de alguns indicadores de saúde da população norte-americana durante a *Gilded Age*. Sobre o assunto é interessante ver COSTA e STECKEL (1995).

⁵⁸⁷ Uma grandiosa greve de trabalhadores de uma companhia ferroviária teve lugar em 1877. O *Pullman Strike*, devido à violência dos dois lados da contenda ficou marcado como um ponto importante da guerra entre trabalho e capital nos Estados Unidos.

metamorfosar a economia política clássica da Grã-Bretanha em caracteres mais otimistas, pois não poderiam sustentar a situação presente apontando para o lúgubre futuro de Malthus ou para a teoria do fundo de salários de Ricardo.

Sobressai nos primeiros professores de economia política dos Estados Unidos o tema da frugalidade, da poupança obstinada como único caminho certo para o enriquecimento, ou mais ainda, para a mera saída da pobreza. O que Veblen apontava como paradoxal, valendo-se da interpretação de que seu sistema estava debatendo com estes justificadores do *status quo*, era esta inclinação protestante de recomendação da frugalidade ao mesmo tempo em que uma classe ociosa, quase sempre não submetida previamente ao regime de poupança obstinada, desfrutava os mais variados desperdícios e prazeres viciosos.⁵⁸⁸ Os manuais de Amasa Walker, Latham Perry e o trabalho do pastor Atwater são símbolos desta marca do apologismo norte-americano. Recomendam moralidade, simplicidade, trabalho duro, temperança, harmonia dos despossuídos com os mais abastados. E isto era o caminho para se chegar a ser endinheirado. A mistificação da situação dos *upper ten*, os dez por cento mais ricos que se distanciavam do resto, passava por imputar a eles uma capacidade de trabalho, perseverança e poupança tremendas. O paradoxal era que estes eram os requisitos para uma vida de desfrutes, e pior, de um “evitar o trabalho”.

Numa sociedade na qual estes valores estão institucionalizados como caminhos para o sucesso, a revolução socialista seria muito difícil. Na realidade os desejos dos mais pobres dirigem-se ao mimetismo do comportamento dos absenteístas, dos ociosos. Francis Walker ficou famoso por defender uma teoria na qual os trabalhadores se enriqueceriam cooperando com seus patrões. Sua revisão da teoria do fundo de salários era uma peça tão ideológica quanto a teoria ricardiana, que servia, segundo Walker, para mostrar a futilidade das greves. A diligência, o cumprimento dos deveres e o aumento da eficiência do trabalho reverteriam, certamente, em melhores salários, não haveria como ser diferente. Em Laughlin, um economista pouquíssimo original, as variações sobre o mesmo

⁵⁸⁸ Bem em consonância com algumas exortações dos reformistas da época, Veblen gostava de condenar o consumo de álcool, por exemplo.

tema são, absolutamente, isso mesmo, repetições de conselhos sobre poupança, harmonia social, e até a defesa do consumo de bens de luxo – os quais seriam geradores de empregos.

O darwinismo social, por outro lado, já não era uma escola de ciência social do senso comum. Spencer vê na evolução da espécie, que estava ocorrendo enquanto os ricos sobreviviam aos pobres, a supressão de inclinações mais prejudiciais, como o predacionismo. Sumner, professor de Veblen, e com qual este último dividia partes de sua teoria das fases da história e a noção de atraso institucional, também via a possibilidade de progresso, mas para tanto era preciso educar as pessoas sobre a dinâmica social, sobre, novamente, o trabalho duro e a poupança como as condições *sine qua non* da felicidade material individual. O tom exortatório dos seus escritos é uma das evidências da intenção de educação das massas para o bem da raça como um todo. Naturalizava-se a economia política ao dizer que os caracteres dos homens de sucesso lhes eram inatos, mas mistificava-os ao ensinar que nunca se devem conter as inclinações destes dotados, com o perigo de se estar atrasando a evolução da espécie. Nixon Carver, um darwinista social menos conhecido, dava uma lição simples e sintetizadora: poupança, poupança, poupança. Mas, o darwinismo social era mais radical do que o apologismo, ele punha a noção de que alguns conseguiriam, outros não, e isto precisava ser encarado como plenamente aceitável.

John Bates Clark, teórico de uma vertente que Veblen respeitava bem mais do que aos apologistas puros e simples, teve duas fases. Na primeira aproximou-se muito dos reformistas, na segunda seguiu firme a economia justificativa, com a tradicional abordagem dos retornos dos fatores de produção. Porém, sua idéia sobre a lassidão moral dos negócios, na fase mais antiga, em alguns trechos pode até se passar por algo de autoria de Veblen, e o pensamento sobre arbitragens revela a demanda que se fazia para uma maior participação de uma instituição imparcial.

Os reformistas, anticonservadores, abandonaram, então, as referências mais estritas ao liberalismo defendido por Jefferson e seus companheiros contra os plutocratas de seu tempo. Como afirmou Richard Hofstadter, os reformistas no *fin de siècle* pediam governo federal. Em Richard Ely, o lema que foi NÃO FAÇA

se transformou em FAÇA e, denota, à perfeição, a transformação do ideário. O afastamento do Estado não bastaria sozinho para abrir as oportunidades a todos. Os economistas e outros cientistas sociais, que estavam do lado de Veblen, começaram a deixar transparecer a transição que na ciência jurídica é bem entendida, o surgimento dos direitos fundamentais de segunda geração, positivos em essência. O Estado deveria ser ativo, não apenas negativo, garantidor da liberdade individual. Isso pode ser observado como uma transição de *ethos*, na mesma direção da qual falava o historiador Barraclough.

Na economia, em passo com isso, percebe-se o aparecimento do argumento do anacronismo das teses clássicas. Smith era um homem de seu tempo, e também em seu lugar - a Europa – no qual as liberdades negativas tinham sido o ponto fulcral da deposição de instituições arcaicas. Contudo, a tese do anacronismo demonstra certo respeito, uma aceitação de que um economista como Smith não poderia ter previsto o futuro. Nos reformistas da época de Veblen, este argumento do anacronismo era bastante difundido, e ele é um sinal de que nem todo o passado foi errado. Mas poderia sê-lo. O *approach* institucional não divide com o romantismo mais aguerrido a idéia de que os diferentes tempos e as expressões da cultura ocorridas neles não são passíveis de julgamento. Veblen põe o animismo como sempre tendente a mitigar o cumprimento da preservação da espécie e, na medida em que a economia smithiana carregava tais traços – a teleologia - ela deveria ser condenada. Foi certo, em seu tempo, exigir liberdades negativas, em relação aos traços nobiliárquicos, que sobreviviam àquela sociedade na qual os burgueses surgiam com cada vez maior poder, mas isso, por si só, nada garantiria para o cumprimento da preservação da espécie *ad infinitum*.

Compare-se, igualmente, este meio termo norte-americano com o socialismo defendido pelos europeus através do marxismo. As reformas dos intelectuais dos Estados Unidos não separavam o mundo entre um antes e um depois em pré-história e história da humanidade, como fez Marx no famoso prefácio de *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Em Veblen não existe uma condenação definitiva das instituições. Elas ao mesmo tempo em que perpetram hábitos extremamente úteis aos fins de perpetuação da espécie,

trazem outras seqüências de ações deveras fúteis - como a moda, só para citar um exemplo. O institucionalismo vebleniano cristaliza a reforma norte-americana, que era bem menos radical do que a negação de tudo do revolucionarismo europeu.

E que lugar mais apropriado para as percepções que se cristalizam no sistema de economia política institucionalista, que os Estados Unidos. A nação tinha sido fundada numa esperança sustentada pelos partidários de maior igualdade sobre a pedra angular da liberdade como caminho seguro para a afluência geral, como antítese da afluência restritiva ou mesmo desigual. E a história que se desenrolou naquele país, desde o início e cada vez com mais força durante o século XIX, foi justamente a afluência cada vez mais iníqua. Notou-se o passo seguro dos Estados Unidos rumo à liderança do capitalismo industrial, lugar de um crescimento sem precedentes da produtividade, mas na medida em que um processo quantitativo de aumento da renda, de modernização e integração do país tinha lugar, mudanças de qualidade ocorreram. Como dizia Henry GEORGE (apud EDWARDS, 2006):

[As novas forças] não agem sobre o tecido social debaixo para cima, como foi a esperança e a crença durante um longo tempo, mas elas atingem a sociedade num ponto intermediário entre o topo e a base. É como se uma imensa cunha estivesse sendo forçada, não por debaixo da sociedade, mas entre ela. Aqueles que estão acima do ponto de separação são elevados, mas os que estão embaixo são esmagados.⁵⁸⁹

Nos Estados Unidos não foi necessário, na fundação do país, um rompimento tão profundo quanto o que ocorreu na França da Revolução. E mais, os europeus - Veblen não se cansava de dizer - estavam muito mais

⁵⁸⁹ ...[the new forces] do not act upon the social fabric from underneath, as was for a long time hoped and believed, but strike it at a point intermediate between top and bottom. It is as though an immense wedge were being forced, not underneath society, but through society. Those who are above the point of separation are elevated, but those who are below are crushed down.

acostumados com hábitos subservientes, de hierarquia, de respeitos nobiliárquicos. Na América do Norte não. Tudo apontava para a possibilidade da fundação de um país que levasse a cabo as liberdades, e com ela a espontânea espiral virtuosa da igualdade. Mesmo que se notem diferenças essenciais entre franceses e ingleses, e Veblen o faz, no geral admitia-se que os Estados Unidos eram um país sem grilhões monárquicos, que nascia pronto a cumprir uma missão divina de libertar o homem individual. É com este modelo que os norte-americanos se desencantam. Somente a liberdade não bastava, embora seja necessária. Thorstein Veblen insistia na insuficiência dos raciocínios de razão suficiente. Os Estados Unidos estavam ameaçados pela subida ao poder de uma classe que não tinha as mesmas origens predatórias que os nobres europeus, mas que seria capaz de engendrar as mesmas injustiças, as mesmas intimidações à preservação da espécie. Era possível notar que a semente do domínio dos interesses de alguns estava plantada desde o início, embora fosse impossível dizer que necessariamente elas evoluiriam nesta direção. O absentismo como instituição aflorou com força nos Estados Unidos, porém os primeiros anticonservadores não teriam se dado conta desse perigo.

Como dizem PAULA, CERQUEIRA e ALBUQUERQUE (2001), apoiados em Karl Marx, há uma diferença entre a França da economia política clássica que se recusava a aceitar os excessos de um capitalismo totalmente liberal, e a Inglaterra que estava disposta a acatá-lo *tout court*. Todavia, o sistema de ciência econômica vebleniano foi além de uma recusa de sabores franceses, ele negou toda a imputação teleológica, o que resultou numa legitimação do clamor pela ação. Não haveria solução fora do agir. O homem consciente deveria tomar as rédeas do desenvolvimento sócio-econômico. A história dos Estados Unidos demonstra factualmente o erro de deixar as forças do jogo econômico aos ventos circunstanciais. Agora, sendo o país norte-americano uma sociedade sobre a qual nunca pairaram as ameaças reacionárias, que foram vistas naquela Europa de Metternich (1773-1859) e da Santa Aliança, a ruptura não precisaria ser tão radical. Nos Estados Unidos não se poderia vislumbrar uma regressão da revolução como ocorreu quando Napoleão se entronizou na França. Os americanos, e Veblen também, costumavam entender seu país como um lugar onde não aconteceu a cristalização dos hábitos que permitiram a concessão de

um trono a algum líder. E, de outro prisma, ainda existia a forte presença da religião o que mitigava as inclinações revolucionárias mais violentas.

O institucionalismo norte-americano nasce como uma ciência social de classe média, do *middle man* contra os aristocratas. A “revolução” de engenheiros era um resultado da conscientização da classe média que Robert Wiebe identificou, uma chance que se abria aos técnicos como Veblen a entendia. A ruptura socialista através das classes trabalhadoras não parecia ser uma alternativa viável. Thorstein Veblen duvidava que indivíduos em posição pauperizada fossem capazes de levar a cabo uma transformação. Eles estariam muito mais propensos a cair na armadilha da emulação, da mimetização de comportamentos das classes superiores. E em adição, o conhecimento acumulado pelos reais responsáveis pela manutenção da produção em níveis nunca antes imaginados seria extremamente necessário para a administração eficiente da nova sociedade. Este pensamento alternativo ao socialismo de Marx – que Veblen apreendia como revolução via o proletariado - está presente na crítica vebleniana. Richard Hofstadter nota o medo da classe média norte-americana em relação às soluções radicais. Ely falava da “*golden mean*”, resposta não violenta e não radical ao estado de coisas nos Estados Unidos.

Thorstein Veblen sempre gostou de falar da honestidade, da qualidade dos produtos e do comércio sob a Era da Manufatura. O mundo da fábrica de alfinetes, do padeiro e do cervejeiro do escocês iniciador da ciência econômica eram os símbolos disso. Assim, é impossível não ler no fundador do institucionalismo norte-americano uma saudade de um passado que talvez tenha existido, no mesmo sentido em que Hofstadter compreende as inclinações dos reformistas da época do autor objeto desta Tese. Veblen encaixa-se nisso, ao afirmar anacrônicos os sistemas dos economistas clássicos ele os coloca como diacrônicos de um tempo que anunciava as virtudes de um liberalismo exacerbado. Mas isto não era mais possível, e a história de seu país natal, sempre tida como exemplar desta hipótese de desenvolvimento, revelava isto também exemplarmente. Para os norte-americanos que sofreram os impactos em suas auto-estimas pelas poeiras levantadas pelos carrões dos proprietários absenteístas estava aí a prova de que outro caminho precisava ser pensado. No

livro de Wiebe eles estariam procurando outra ordem. Veblen parece divisá-la na nova ciência, como vários intelectuais e técnicos de sua época, e ela era uma instituição que sem dúvida postava-se como portadora de esperança, tal eram os resultados em termos produtivos que se alcançavam em finais do XIX e início do XX.

A decepção do *middle man* com o destino dos Estados Unidos é base do institucionalismo norte-americano, enfático na marcação dos fins múltiplos, das possibilidades inesperadas, da negação de esperanças injustificadas. Tentava superar o romantismo porque não defendia o *status quo*, nem tampouco reclamava o resgate de um passado ideal. Pouco mais iluminista na sua confiança na ciência, mas descrente de que era possível fixar um ponto para o qual caso a humanidade caminhasse, a preservação da espécie estaria garantida. O *stress* colocado sobre a curiosidade desinteressada, e a ciência impessoal dela derivada e por ela engendrada pretendem mostrar para os economistas que fins múltiplos podem estar onde menos se espera, num hábito que em algum tempo é visto como inofensivo. Por isso a pesquisa em várias direções. O institucionalismo norte-americano de Thorstein Veblen é um alerta traduzido num sistema coerente de economia política, sobre as incontáveis possibilidades para as quais o sistema social pode caminhar.

CONCLUSÃO

A obra de Thorstein Veblen, sem dúvida, continua presente na discussão econômica contemporânea. As várias vertentes institucionalistas e evolucionárias da economia política, suas associações e periódicos, em especial a *Association for Evolutionary Economics* e os textos do *Journal of Economic Issues*, publicado ininterruptamente desde a década de 1960, são testemunhos disso. Os trabalhos de economistas como Walton Hamilton, Clarence Ayres, John Kenneth Galbraith e, mais recentemente, Geoffrey Hodgson, Malcolm Rutherford e Rick Tilman, trazem as marcas permanentes das idéias daquele excêntrico e genial fundador da corrente institucionalista de ciência econômica. Nesse sentido, o que o ensaio interpretativo desenhado acima pretende, é reforçar o sentido de origem dos estudos institucionalistas em economia.

O herói-problemático do sistema de economia política vebleniano definiu-se, em grande medida, a partir de sua época, e seus efeitos apresentam-se até hoje como relevantes para os economistas descontentes com a abordagem marginalista dominante. Isso porque ele aparece como um desencantamento com aquele outro herói-problemático, individualista, otimista e teleológico, que deu mote às visões mais liberais da realidade econômica. E, ligado necessariamente a isso, nasceu do desenvolvimento da nação que dita, em parte bastante significativa, a dinâmica do capitalismo mundial.

Thorstein Veblen avisa, através de um pensamento econômico coerente, como se quis demonstrar, sobre os perigos de sistemas que prevêm fins determinados, sejam eles rompimentos radicais na direção da solução de todos os problemas sociais da humanidade, sejam inevitabilidades benevolentes, resultados da manutenção de um *status quo* que se mostrava cada vez mais distante do cumprimento do bem-estar da comunidade como um todo. Foi nos Estados Unidos que isso apareceu, porque foi naquele país, fundado sobre a liberdade como fundamento da vida econômica e social, que o longo século XIX decepcionou as mais profundas esperanças neste sentido.

Finalmente, se um ensaio como esse pode ter pretensão maior do que a contribuição para um importante capítulo da história do pensamento econômico, ela deve ser o incentivo ao reconhecimento da procedência dos sistemas de economia a partir das realidades sociais que cercaram seu aparecimento. E, além disso, servir para que caso os economistas queiram superar as alegadas limitações da economia *mainstream*, que o façam cientes das inevitáveis raízes ideológicas insculpidas e refletidas em suas alternativas científicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, W. P. **Los Estados Unidos de America**. 22 ed. Madrid: Siglo XXI, 1996. 493 p.

ATACK, J.; PASSEL, P. **A new economic view of American history: from colonial times to 1940**. 2. ed. New York: W. W. Norton and Company, 1994. 714 p.

ATWATER, L. H. Labor question and its economic and Christian aspects. **The Presbyterian Quarterly and Princeton Review, New York**, v.1, n. 3, p. 468-495, 1872. Disponível em:

<<http://pdf.ptsem.edu/digital/default.aspx?src=BR187213.xml&div=2&print=all>>

BARRACLOUGH, G. **Introdução à história contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964. 243 p.

BASKOY, T. Thorstein Veblen's theory of business competition. **Journal of Economic Issues**, Sacramento, Calif., v. 37, n. 4, p. 1121-1137, Dec. 2003.

BELL, J. F. **História do pensamento econômico**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BELLAMY, E. **Looking backwards: 2000-1887**. Boston: Houghton Mifflin, 2008. Disponível em: < <http://www.gutenberg.org/etext/624> > Acesso em: 12 set 2008.

BLUM, J. M. *et al.* **The national experience: a history of the United States**. New York: Hartcourt, Brace and World, 1963. 858 p.

BUELL, L. The transcendentalists. In: ELLIOTT, E. (Ed.) **Columbia literary history of U.S.** New York: Columbia University, 1988. p. 364-378.

CAVALIERI, M.A.R. Como os economistas discordam: um ensaio metodológico sobre o “contexto da descoberta” em economia. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 373-403, abr./jun. 2007.

CHANG, H.J. **Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica**. São Paulo: Unesp, 2004. 266 p.

CLARK, J.B. Disarming the trusts. **Atlantic Monthly**, Boston v. 85, n. 507, p. 47-55, 1900.

CLARK, J. B. The moral outcomes of labor troubles. **New England and Yale Review**, New Haven, v. 45, n. 145, p. 533-536, 1886.

COSTA, D.; STECKEL, R. **Long-term trends in health, welfare, and economic growth in United States**. Cambridge, Mass.: NBER, 1995. 45 p. (Working paper, n. 76)

CURTI, M. **The growth of American thought**. 3. ed. New York: Harper & Row, 1964.

DICTIONARY.COM. **Verbetes**. Disponível em: <www.dictionary.com> Acesso em:15 jul 2008.

DIGGINS, J.P. **Thorstein Veblen: the theorist of the leisure class**. New Jersey: Princeton, 1999.

DORFMAN, J. **The economic mind in American civilization: 1865-1918**. New York: The Viking, 1949. v. 3.

DORFMAN, J. **Thorstein Veblen and his America**. New York: Viking, 1947.

DOWD, D.F. **Thorstein Veblen**. New Brunswick: Transaction, 2000. 205 p.

DUNBAR, C. Economic science in America: 1776-1876. **North American Review**, Boston, v. 122, n. 250, p. 124-154, 1876.

EDWARDS, R. **New spirits: Americans in the gilded age**. Oxford: Oxford University, 2006. 296 p.

EHRlich, I. **The mistery of human capital as engine of growth, or why the U.S. became the economic superpower in the 20th century**. Cambridge, Mass.: NBER, 2007. 34 p. (Working paper, n. 12868)

ELY, R.T. Political economy in America. **North American Review**, Boston, v. 144, n. 363, p.113- 120, 1887.

ELY, R.T. Socialism in America. **North American Review**. Boston, v. 142, n. 355, p. 519-526, June 1886.

FERRAZ, S.V. **Curso de direito constitucional**: teoria e questões. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 936 p.

GALBRAITH, J. K. **A era da incerteza**. 3. ed. São Paulo: 1982. 379 p.

GALBRAITH, J. K. **O pensamento econômico em perspectiva**: uma história crítica. São Paulo: Pioneira, 1989. 289 p.

GARBER, F. Henry David Thoreau. In: ELLIOTT, E. (Ed.) **Columbia literary history of United States**. New York: Columbia University, 1988. p. 399-412.

GEORGE, H. **Progress and poverty**. New York: Robert Schalkenbach Foundation, 2006. 319 p. Disponível em: <[http://www. Progressandpoverty.org/pp-pages/pchp21.htm](http://www.Progressandpoverty.org/pp-pages/pchp21.htm)>. Acesso em: 12 nov 2008.

GLAESER, E. L. GOLDIN, C. **Corruption and reform**: an introduction. Cambridge, Mass.: NBER, 2004. 27 p. (Working papers, n. 10775)

GOLDIN, C. **A brief history of education in United States**. Cambridge, Mass.: NBER, 1999. 76 p. (Working papers, n. 119)

GOLDIN, C. KATZ, L. **The “virtues” of the past**: education in the first hundred years of the New Republic. Cambridge, Mass.: NBER, 2003. 59 p. (Working papers, n. 9958)

HAMILTON, A. **Report on manufactures**. Disponível em: <<http://history.sandiego.edu/gen/text/civ/1791manufactures.html>.2008>. Acesso em: 11 mar 2008.

HARLEY, C.K. International competitiveness of the antebellum American cotton textile industry. **Journal of Economic History**, New York, v. 52, n. 3, p. 559-584, Sept. 1992.

HARLEY, C.K. The antebellum tariff: different products or competing sources? A comment on Irwin and Temin. **Journal of Economic History**, New York, v. 61, n. 3, p. 799-805, 2001.

HIGH, P.B. **An outline of American literature**. London: Longman, 1986. 254 p.

HOBSEBAWN, E. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. 366 p.

HOBSEBAWN, E. **A era dos impérios**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 546 p.

HODGSON, G. **The evolution of institutional economics**: agency, structure and Darwinism in American institutionalism. London: Routledge, 2004. 534 p.

HODGSON, G. **How economics forgot history**: the problem of historical specificity in social science. London: Routledge, 2001. 422 p.

HODGSON, G. Veblen and darwinism. **International Review of Sociology**. v. 14, n. 3, p. 339-357, Nov. 2004.

HOFSTADTER, R.; MILLER, W.; AARON, D. **The United States**: the history of a republic. 2.ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1967. 909 p.

HOFSTADTER, R. **The age of reform**. Nova York: Knopf, 1955. 328 p.

HOFSTADTER, R. **Social darwinism in American thought**. Boston: Beacon, 1992. 248 p.

IRWIN, D.A.; TEMIN, P. The antebellum tariff on cotton textiles revisited. **Journal of Economic History**, New York, v. 61, n. 3, p. 777-798, Sept. 2001.

JACKSON, A. **First inaugural address**. Disponível em: <<http://www.teachingamericanhistory.org/library/index.asp?document=65>>. Acesso em: 14 mar 2008.

JORGENSEN, E.W.; JORGENSEN, H.I. **Thorstein Veblen: Victorian firebrand**. Armonk, N.Y.: M.E. Sharpe, 1999. 280 p.

KAHN, B.Z. Property rights and patent litigation in early nineteenth-century America. **Journal of Economic History**, New York, v. 55, n. 1, p. 58-97, Mar. 1995.

KAHN, B.Z. **Technological innovations and endogenous changes in U.S. legal institutions, 1790-1920**. Cambridge, Mass.: NBER, 2004. 64 p. (Working papers, n. 10346)

KAHN, B.Z. SOKOLOFF, K. "Schemes of practical utility": entrepreneurship and innovation among "great inventors" in the United States, 1790-1865. **Journal of Economic History**, New York, v. 53, n. 2, p. 289-307, June 1993.

KIM, S. **Immigration, industrial revolution and urban growth in the United States, 1820-1920**: factor endowments, technology and geography. Cambridge, Mass.: NBER, 2007. 47 p. (Working papers, n. 12900)

KNOEDLER, J. MAYHEW, A. thorstein veblen and the engineers: a reinterpretation. **History of Political Economy**, Durham, N.C., v. 31, n. 2, p. 255-272, 1999.

LA PORTA, R. *et al.* Law and finance. **Journal of Political Economy**, Chicago, Ill., v. 106, n. 6, p. 1113-1155, Dec. 1998.

LA PORTA, R. *et al.* The quality of government. **Journal of Law, Economics & Organization**, New Haven, Conn., v. 15, n. 1, p. 222-279, Apr. 1999.

LAMOREAUX, N.R.; ROSENTHAL, J-L. **Legal regime and business's organizational choice**: a comparison of France and United States during the mid-nineteenth century. Cambridge, Mass.: NBER, 2004. 47 p. (Working papers, n. 10288).

LATSIS, S. Situational determinism in economics. **The British Journal for the Philosophy of Science**. v. 23, 1972.

LAUGHLIN, J. L. Workingmen's Grievances. **North American Review**. Boston, v. 138, n. 330, p.510-520, 1884.

LAZONICK, W.H. Production relations, labor productivity, and choice of technique: British and U.S. cotton spinning. **Journal of Economic History**, New York, v. 41, n. 3, p. 491-516, Sept. 1981.

LEVITT, S.; DUBNER, S. **Freakonomics: o lado oculto e inesperado de tudo que nos afeta**. Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2005. 254 p.

LIBECAP, G.D. **The rise of Chicago packers and the origins of meat inspection and antitrust**. Cambridge, Mass.: NBER, 1992. 60 p. (Working papers, n. 29).

LIST, G. F. **Sistema nacional de economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 338 p. (Os economistas)

MCGERR, A. **A fierce discontent: the rise and fall of the progressive movement in America, 1870-1920**. New York: Free Press, 2003. 395 p.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal, Pleno. MS n. 22.164-SP. Relator: Celso de Mello. **Diário da Justiça**, Seção I, Brasília, DF, 17 de jan. 1995, p. 39.206.

MENES, R. Corruption in cities: graft and politics in American cities at the turn of the twentieth century. Cambridge, Mass.: NBER, 2003. 33 p. (Working papers. n. 9990).

MONASTÉRIO, L.M. **Guia para Veblen: um estudo acerca da economia evolucionária**. Pelotas: EDUFPEL, 1998. 128 p.

MONASTÉRIO, L.M. **Veblen e o comportamento humano: uma avaliação após um século de “A teoria da classe ociosa”**. São Leopoldo: Instituto Humanitas UNISINOS, 2005. 20 p. (Cadernos IHU Idéias, n. 3)

MORISON, S.E.; COMMAGER, H.S. **História dos Estados Unidos da America**. São Paulo: Melhoramentos, 1960. 2 v.

MORRIS, C.R. **Os magnatas: como Andrew Carnigie, John D. Rockfeller, Jay Gould e J. P. Morgan inventaram a supereconomia americana**. 2. ed. Porto Alegre: LP&M, 2006. 450 p.

NELSON, R.R. WINTER, S.G. **An evolutionary theory of economic change**. New Haven: Harvard University, 1982. 437 p.

NEWCOMB, S. The labor question. **North American Review**, Boston, v. 111, n. 228. 1870.

NEW SCHOOL FOR SOCIAL RESEARCH. **History of economic thought website**. Disponível em: <<http://cepa.newschool.edu/het/>>. Acesso em: 2007.

NORTH AMERICAN REVIEW. Contemporary literature: Walkers wages question. **North American Review**, Boston, v. 124. n. 255. 1877.

NORTH, D. **Growth and welfare in the American past: a new economic history**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1966. 198 p.

OXFORD advanced learner's dictionary of current english. Oxford: Oxford University, 1995. 1428 p.

PARRINGTON, V. **Main currents in American thought**. Disponível em: <www.projectgutenberg.org>. Acesso em: 25 ago 2008.

PATSOURAS, L. **Thorstein Veblen and the American way of life**. Montreal: Black Rose Books, 2004. 380 p.

REALE, G. ANTISERI, D. **História da filosofia**. São Paulo: Paulus, 2005. v. 4 : De Spinoza a Kant.

REICH, L. Edison, Coolidge, and Langmuir: evolving approaches to American research. **Journal of Economic History**, New York, v. 47, n. 2. p. 341-351, June 1987.

RHODE, P.W. **Gallman's annual output series for the United States, 1834-1909**. Cambridge, Mass.: NBER, 2002. 37 p. (Working paper, n. 8860)

RIESMAN, D. **Thorstein Veblen: a critical interpretation**. New York: Charles Scribner's sons, 1953. 221 p.

ROBERTS, J. M. **O livro de ouro da história do mundo: da pré-história à idade contemporânea**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. 812 p.

ROCKOFF, H. **Until it's over, over there**: the U.S. economy in world war I. Cambridge, Mass.: NBER. 2004. 44 p. (Working papers, n. 10580)

ROSENBERG, N. **Technology and the American growth**. New York: Harper & Row, 1972. 211p.

RUTHERFORD, M. Veblen's evolutionary programme: a promise unfulfilled. **Cambridge Journal of Economics**, London, v. 22, n. 4, p. 463-477, July 1998.

SCHUMPETER, J. A. **História da análise econômica**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964. v. 1.

SELLER, C. **Uma reavaliação da história dos Estados Unidos**: de colônia a potência imperial. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 471p.

SIGLER, J. A. **A tradição conservadora no pensamento norte-americano**: antologia selecionada e organizada. São Paulo: IBRASA, 1972. 386 p.

SOKOLOFF, K. Inventive activity in early industrial America: evidence from patent records, 1790-1846. **Journal of Economic History**, New York, v. 48, n. 4, 1988.

SOKOLOFF, K. ENGERMAN, S. Institutions, Factor Endowments, and Paths of Development in the New World. **Journal of Economic Perspectives**, Nashville, Tenn., v. 14, n. 4, p. 813-850, Dec. 2000.

STRONG, J. Nosso país. In: SIGLER, J.A. **A tradição conservadora no pensamento norte-americano**: antologia selecionada e organizada. São Paulo: IBRASA, 1972. p. 239-254.

SUMNER, W.G. State interference. **North American Review**. Boston, v. 145, n. 369, 1887.

SUMNER, W.G. O que as classes sociais devem umas às outras. In: SIGLER, J. A. **A Tradição conservadora no pensamento norte-americano**: antologia selecionada e organizada. São Paulo: IBRASA, 1972. p. 225-238.

THOREAU, H. **Civil disobedience**. Disponível em:
<<http://eserver.org/thoreau/civil.html>>. Acesso em: 29 jul 2008.

TILMAN, R. The utopian vision of Edward Bellamy and Thorstein Veblen. **Journal of Economic Issues**, Sacramento, Calif., v. 19, n. 4, p. 879-898, Dec. 1985.

TILMAN, R. Ferdinand Tönnies, Thorstein Veblen and Karl Marx: from community to society and back? **European Journal of History of Economic Thought**, London, v. 11, n. 4, p. 579-606, Dec. 2004.

TILMAN, R. Thorstein Veblen's views on American "exceptionalism": an interpretation. **Journal of Economic Issues**, Sacramento, Calif., v. 39 n. 1, p. 177-204, Mar. 2005.

TILMAN, R. **Thorstein Veblen and the enrichment of evolutionary naturalism**. Columbia: University of Missouri, 2007. 344 p.

TUCHMAN, B. **A marcha da insensatez: de Tróia ao Vietnã..** 6.ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. 448 p. Tradução de Carlos de Oliveria Gomes

VEBLEN, T. **The place of science in modern civilisation and other essays**. London: Routledge/Thoemmes Press, 2004. 509 p. (The collected works of Thorstein Veblen, v. 8)

VEBLEN, T. **Essays in our changing order**. London: Routledge, 2004b. 470 p. (The collected works of Thorstein Veblen, v. 10)

VEBLEN, T. **The Instinct of workmanship and the state of industrial arts**. London: Routledge, 2004c. 353 p. (The collected Works of Thorstein Veblen; v.3)

VEBLEN, T. **The theory of the leisure class**. London: Routledge, 2004d. 404 p. (The collected Works of Thorstein Veblen, v. 1)

VEBLEN, T. **Absentee ownership and business enterprise in recent times: the case of America**. London: Routledge, 2004e. 445 p. (The collected Works of Thorstein Veblen, v. 9)

VEBLEN, T. **The theory of business enterprise**. London: Routledge, 2004f. 400 p. (The collected Works of Thorstein Veblen, v. 2)

VEBLEN, T. **The vested interests and the common men. the engineers and the price system.** London: Routledge, 2004g. 169 p. (The collected Works of Thorstein Veblen, v. 7

WALKER, F.A. The wage-fund theory. **North American Review.** Boston, v. 120, n. 246, p. 84-119, Jan.1875.

WALKER, F. A. What shall we tell the working classes. **Scribner's Magazine.** V. 2, n. 5, p. 619-627, Nov. 1887.

WALLIS, J.J. **The concept of systematic corruption in American political and economic history.** Cambridge, Mass.: NBER, 2004. 58 p. (Working papers, n. 10952)

WALTON, G. ROCKOFF, H. **History of American economy.** Mason: Thomsom South-Western, 2005. 622 p.

WEBER, A.F. American economists of today. **New England Magazine.** v. 21, n. 3, p. 259-386, 1899.

WIEBE, R. H. **The search for order: 1877-1920.** New York: Hill & Young, 1991. 333 p.

WHAPLES, R. BETTS, D. **Historical perspectives on the American economy.** New York: Cambridge University, 1995. 636 p.

WHITMAN, W. **Democratic vistas.** 1871. Disponível em: <<http://xroads.virginia.edu/~Hyper/Whitman/vistas/vistas.html>>. Acesso em: 25 nov 2007.

WRIGHT, G. The origins of American industrial success. **The American Economic Review.** Nashville, Tenn., v. 80, v. 4, p. 651-668, Sept.1990.

YONAY, Y. **The struggle over the soul of economics: institutionalist and neoclassical economists in America between the wars.** Princeton: Princeton University, 1998. 290 p.